John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

(Borba de Moraes: II - 139/140)

Descendant in infernum uiuentes Ne descendant morientes S. Bern.

RPJCB

DESENGANO
DOS
PECCADORES,

NECESSARIO A TODO GENERO DE PESSOAS,
UTILISSIMO AOS MISSIONARIOS,
e aos Prégadores desenganados, que só desejaõ a salvaçaõ das Almas.

DEDICADO
AO SERENISSIMO SENHOR
D. MANOEL,
INFANTE DE PORTUGAL.

ESCRITO PELO
R.P. ALEXANDRE PERIER
Da Companhia de Jesus, e Missionario da Provincia do Brasil,

ACCRESCENTADO COM HUMA ADDIÇAM
de hum caso horrivel nesta terceira Impressaõ,
POR LOURENÇO MORGANTI,
Bibliothecario do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Patriarcha I. de Lisboa Occidental.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XXXV.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

DESENGANO
DOS
PECCADORES.

NECESSARIO A TODO GENERO DE PESSOAS,

UTILISSIMO AOS MISSIONARIOS,

e aos Pregadores desenganados, que se desejão a [illegible]

DEDICADO

AO SERENISSIMO SENHOR

D. MANOEL,

INFANTE DE PORTUGAL,

ESCRITO PELO

R. P. ALEXANDRE PERIER

Da Companhia de Jesus, e Missionario da Provincia do Brasil,

ACCRESCENTADO COM HUMA [illegible]

[illegible]

Por LOURENÇO MORGANTI,

Bibliothecario do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor [illegible]

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XXXV.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

RPCB

SENHOR.

SE não fora notoria a todas aquellas Nações, que V. ALTEZA quiz honrar com a ſua Real preſença, a bondade

de que Deos foy ſervido adornar o elevado eſpirito de V. ALTEZA, eu me naõ atrevèra, ſendo Eſtrangeiro em Portugal, a tomar a liberdade, que agora tomo, de conſagrar a V. ALTEZA a preſente obra, a qual aſſim pela importante materia que contèm, como pelo devoto, e religioſo Author que a compoz, ſe faz digna, naõ ſó do ſeu ſoberano patrocinio, mas de toda a ſua Real attençaõ.

Todos os diſcurſos que ſe lem neſta obra ſe dirigem a deſenganar hum peccador das vaidades do mundo, e a convencer os enganos de noſſa miſeria, com a verdade das mais ſolidas doutrinas. E como naõ eſperarey eu de V. ALTEZA a efficacia da ſua Real protecçaõ para huma obra, que ſe encaminha a taõ util e ſanto fim. Nella verà V. ALTEZA louvadas as virtudes que praticaõ os juſtos e arguidos os vicios, que precipitaõ a todos aquelles, que tem à virtude o meſmo odio, que ſó devèraõ ter ao peccado.

V.

V. ALTEZA teve huma educaçaõ muy chriſtãa para deixar de ſaber, que a meſma ſoberania, que o exalta, o expoem a grandes perigos, e que ſaõ mayores as obrigações dos Princepes, que as de todos os outros homens. Os grandes do Mundo ſaõ huns inſtrumentos de que Deos ſe ſerve para executar couzas grandes. Quando Deos quer ſantificar hum Reyno, faz naſcer nelle hum Princepe cheyo de piedade, e de religiaõ. E quem duvida, que V. ALTEZA ſabe deſempenhar todas as obrigações da ſua Real Peſſoa, como Princepe, e como Chriſtaõ? E que naſceo em Portugal para o ſantificar pelo exemplo das virtudes, que pratica; e que quando ſahio da Patria para ver as Cortes de Europa, em todas ſe fez amar, e reſpeitar, naõ ſó pelo ſeu alto naſcimento, ſenaõ tambem pelo ſeu zelo, pela ſua modeſtia, e pela ſua piedade.

Por todas eſtas circunſtancias taõ amaveis mereceo V. ALTEZA em todas as Cortes onde aſſiſtio o affecto, a confiança, e a eſti-

eſtimaçaõ dos Princepes com quem tratou, e a merece tambem do Auguſto Monarca, que nos governa, o qual ama a V. ALTEZA naõ ſó com amor de bom Irmaõ, mas com amor de Princepe prudente, e ſabio, porque ſó elle ſabe dar o valor, e o preço, que juſtamente merecem as virtudes de V. ALTEZA as quaes ſaõ infinitamente mais eſtimaveis, que todas as ventages, que a V. ALTEZA communicou a natureza, e deu o naſcimento.

Que impreſſaõ, Senhor, naõ faz o exemplo da vida de V. ALTEZA taõ regulada pela Ley de Deos neſta illuſtre Corte, onde todo o mundo attento, e devoto eſtà aprendendo de V. ALTEZA a regular os ſeus coſtumes, e a dirigir a ſua vida? Poderà ſubſiſtir a irreligiaõ à viſta do profundo reſpeito, que V. ALTEZA profeſſa a todos os Myſterios da noſſa Santa Fè? Deixarà de ſe confundir a indevoçaõ à viſta da reverencia, do fervor, e da humiliaçaõ, que ſe admira em V. ALTEZA quando chega aos noſſos

Sa-

Sacramentos? Como naõ terà huma cenſura ou condemnaçaõ rigoroſa na affabilidade, e doçura de V. ALTEZA e na ſua caridade incomparavel, a dureza, e inſenſibilidade, que moſtraõ os ricos aos pobres, e a elevaçaõ, ou ſoberba eſcandaloſa, que moſtraõ os Grandes aos pequenos?

O certo he, Senhor, que ſó de V. ALTEZA podemos dizer, que he hum Principe, que geralmente reyna nos coraçõeſ de todos, e que juſtamente merece o nome de Delicias da ſua Patria. Mas ainda, que o terno, e reſpeitoſo amor, que lhe profeſſamos, ſe funde principalmente nas eminentes qualidades que V. ALTEZA poſſue, e nas raras virtudes que pratica; com tudo naõ poſſo deixar de dizer, que eſte amor tambem he effeito daquelle ar de bondade, daquelle acceſſo facil, daquelle modo agradavel com que V. ALTEZA recebe, e obriga a todos, os que tem a ineffavel honra de chegar aos ſeos Reaes pès, e que ſó V. ALTEZA ſabe unir ſem indecencia da ſo-

berania

berania o amor, e a affabilidade a circunſpecçaõ dos Princepes.

Eſtas admiraveis qualidades de que ſe adorna a grande alma de V. ALTEZA me inſpiràraõ o deſignio, e a reſoluçaõ de pedir humildemente a V. ALTEZA me permitta, que eſta obra ſaya a publico debayxo de ſeus Reaes auſpicios, e que eu tenha de hoje por diante o honroſo, e eſtimavel titulo de creado de V. ALTEZA a quem dezejo dar repetidos teſtemunhos publicos da grande veneraçaõ, do grande amor, e do grande reſpeito, que conſervo ao ſeu grande merecimento, ao ſeu grande genio, às ſuas grandes virtudes. Deos guarde a V. ALTEZA muitos annos.

Lourenço Morganti.

AO

AO PIO LEYTOR.

SAnta Catharina de Sena, como taõ amante de N. Senhor Jesu Christo, desejava com o grande excesso do seu zelo, porse na bocca do Inferno, e cõ soffrer ella só todos aquelles tormentos, fechala a todas as Almas remidas com o precioſissimo sangue do seu dilecto Esposo. Eu, que naõ tenho o espirito, nem o fervor desta taõ grande Santa, desejo ao menos fechar para alguns, com este meu Livro aquella bocca infernal, que sem nunca ter termo, sempre está aberta para engulir todos os Peccadores enganados: *Dilatavit infernus animam suam, & aperuit os suum absque ullo termino.* Isai. 5. E porque entre aquelles poucos, que eu intento, e espero, mediante a graça Divina, vòs (oh meu caro, e pio Leitor) tendes o primeiro lugar; a vòs mesmo presento este pequeno volume, intitulado *DESENGANO DOS PECCADORES*, e nelle achareis o engano palpavel, em que atègora tendes vivido, e juntamente o desengano certo, com o re-

medio seguro para a vossa salvaçaõ.

Por isto tenho dividido este Livro em quatorze discursos, que todos alem da materia do Inferno, contẽ varios pontos de doutrina muy solida, e moral. De maneira q̃ difficultosamente se acharà vicio, ou má inclinaçaõ, em que o peccador vivia já de muitos annos habituado, que naõ se possa livrar daquelle pégo, em que està submergido; e ainda que agora, pela rebeldia, e violencia da natureza corrupta lhe pareça como impossivel o resurgir, resolvasse a ler cada dia com attençaõ na hora mais desoccupada algum ponto do discurso da eternidade, ou da pena do dano, ou de algum outro que trate do vicio, que o predomina, e invoque primeiro a Deos, com as palavras do Pro-
2. Reg. 3 feta Samuel: *Loquere Domine, quia audit servus tuus.* Fallai Senhor que este peccador vosso escravo vos està ouvindo. E como a graça de Deos nunca falta a quem o busca, conhecerà o engano em que vivia, e desenganado ficarà mais forte para resistir as tentações, e vencer os maos habitos, e o jugo da ley de nosso Senhor Jesu Christo, que dantes lhe parecia taõ difficultoso, e pesado, o acharà de-
Matth. 11. pois muy facil, e com a experiencia muy leve, e suave: *Jugum meum suave est, & onus meum leve.*

Assim succedeo a S. Agostinho, como elle mesmo refere de si nas suas Confissoẽs. Estava

elle

elle em hũa perpetua batalha da carne, com o eſpirito. Cometia o peccado, e logo depois lẽbrando-lhe o Inferno merecido, o aborrecia. Chamava-o Deos com as ſuas inſpiraçoens a mudar vida, e querendo-lhe obedecer, a violencia do amor profano em que era mal abituado, vencia ao Divino. Deſte modo combatido de dous amores totalmente oppoſtos hum ao outro, foyſe aſſentar debaixo de hũa arvore, e chorando a ſua miſeria brotou neſtas palavras: *Uſque quò Auguſtine uſque quò.* E atè quando hey de continuar, neſta mà vida! Sempre hey de defferir de anno, em anno, de mez, em mez, de hoje à manhã a minha converſaõ? *Quandiù, cras & cras.* Se ha de ſer hũa vez, porque naõ agora, ſe ha de ſer à manhã, porque naõ hoje, porque naõ neſta hora, neſte momento, acabarey de pòr fim para ſempre a eſtas minhas torpezas: *Quare non modò, quare non in hac hora finis turpitudinis meæ.* *Auguſt. conf. l. 8. cap. 11.* Aſſim chorando, e fallando comſigo, ouvio hũa belliſſima voz, que lhe cantava *tolle lege, tolle lege*, e naõ vendo Peſſoa, nem lugar donde podeſſe ſahir taõ linda voz, imaginou ſer Angelica. Foyſe logo para o ſeu apoſento, e pegando nas Epiſtolas de S. Paulo, as quiz abrir acaſo com animo reſoluto de executar quanto Deos lhe inſinuaſſe por ellas. E achou no primeiro periodo o deſengano, e juntamente o remedio: *Non in cubilibus, & impudicitiis.* Eis *Rom. 13* ahi

ahi o deſengano, e vem a ſer, que quem deveras quer ſalvarſe, convem que largue as delicias do corpo, e os deleites da carne: *Sed induimini Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum.* Eis-aqui o remedio. Quem determina veſtir a libre de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, elle o protege como a ſeu ſervo, e o defende com a ſua graça, como fez a S. Agoſtinho, que dahi por diante, de hum grande peccador ſahio hum grandiſſimo Santo.

A maõ de Deos naõ he abreviada: *Manus Domini non eſt abreviata*; e noſſo Senhor Jeſu Chriſto diſſe de ſua propria boca: *Non enim veni vocare juſtos, ſed peccatores.* Que naõ veyo ao Mundo para chamar os juſtos, mas os peccadores. Pelo que *tolle lege, tolle lege.* Bẽ póde ſer, que em lendo algum ponto deſte livro, fiqueis convencido, conhecendo que tudo o que ha neſte Mundo, he vaidade, fingimento, e hum puro engano. E que de peccador, de tantos annos enganado, em hũ inſtante vos acheis hũ verdadeiro penitente arrependido, que he hum grande paſſo, para ſer ſanto. Supponho, que nunca vos paſſará pela imaginaçaõ, que nos diſcurſos deſte livro, cuja principal materia, he a terribilidade dos tormentos do Inferno, poſſa haver exageraçaõ, ou encarecimento. Mas quando por acaſo vieſſe eſte penſamento lembrayvos, que as penas do Inferno ſaõ ſobrenaturaes, e aſſim de

Matth. 9.

todo

todo incomprehenſiveis ao entendimento, e inexplicaveis à noſſa lingoa; porque como diz S. Paulo fallando da Bemaventurança; que naõ viraõ os olhos, nem os ouvidos ouviraõ, nem póde caber nos corações dos homẽs a immenſidade da gloria, que Deos tem preparado para os ſeus eſcolhidos: *Non oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis aſcendit, quæ præparavit Deus iis qui diligunt illum.* 1.Cor.2 Aſſim havemos de diſcorrer do Inferno. Que naõ he perceptivel ao noſſo entendimento, nem entre a eſfera dos noſſos ſentidos, a immenſidade dos tormentos que Deos tem preparado para os reprobos ſeus inimigos. Pois conſórme a miſericordia Divina he immenſa, e infinita para premiar os juſtos; do meſmo modo a ſua juſtiça he tambem immenſa, e infinita para caſtigar com juſto rigor os peccadores.

Os bẽs, e males da vida futura excedem ſem proporçaõ, e medida os bẽs, e males da vida preſente, naõ ſó na extençaõ, mas tambem na intençaõ; e como elles ſaõ, e ſeraõ para ſempre eternos, por muito que ſe encareça, por muito que ſe cuyde, por muito, que ſe diga, ſempre como diz S. Agoſtinho ſerá muito menos, do que he na realidade: *Quid quid vis, dicas de æternitate quia quid quid dixeris, minus dicis.* Auguſt. Pſal.60 Oh Inferno! Oh eternidade; Inferno, que encerra em ſi todo genero de tormẽtos; eternidade, que ſempre começa, e nun-

ca acaba. Sempre, e nunca; e nunca, e sempre. Nunca ter hũ minimo alivio, sempre padecer todas as penas. O cuydar no Inferno, e na eternidade, chama S. Agostinho, aquelle grande pensamento, *magna cogitatio*, que bem dirigido tem feyto resolver a tantos Monarcas, e Principes, a tantos nobres, e ricos, a tantas donzellas virgẽs, a dar as costas ao Mundo, deyxar a sua liberdade, e encerrarse entre quatro paredes, para fugir das occasiões, para fazer penitencia, e chorar os seus peccados; e naõ moverá tambem a vòs, meu amado Leytor, a mudar vida, a deixar hũ gosto momentaneo, para evitar hũa eternidade de penas! Eu creyo, e espero que sim. Mas quando se achasse algum peccador taõ endurecido, que a este trovaõ do Inferno, a este rayo da eternidade, naõ se despertasse do letargo dos seus vicios, já pòde fechar este livro, já para elle, naõ ha esperança do Paraiso, jà he morto anticipadamente para o Inferno: *Qui ad hæc tonitrua non expergiscitur, jam mortuus est.*

Euseb. Emiss. lib. 5. Serm. 8

INTRODUCÇAM ao Livro.

MAndou ElRey Nabucodonoſor fabricar huma eſtatua de ouro, e no meſmo tempo convocou as Relações, e Tribunaes, os Principes, e Magnates com todos os Povos do ſeu Imperio, para que a adoraſſem. A penas tocava o final, com o ſom das trombetas, tambores, e mais inſtrumentos, que logo, todos proſtrados, de joelhos, obedeciaõ adorando a eſtatua. Pois como! Naõ ſabiaõ todos elles, que eſte ſimulacro naõ era o verdadeyro Deos vivente, mas hũ Idolo falſo, hum pouco de ouro fundido pelo qual concorreriaõ tal vez, tambem elles, como os Iſraelitas na fundiçaõ do bezerro. Sim ſabiaõ: *Simulacra gentium, argentum, & aurum, opera manuum hominum.* E juntamente viaõ, que eſte era hũ Idolo, que tinha boca, mas naõ fallava; tinha ouvidos, mas naõ ouvia, tinha mãos, e pés, mas naõ obrava, nem ſe podia mover: *Os habent, & non loquentur, manus habent, & non palpabunt, pedes habent, & non ambulabunt.* E com tudo deixavaõ a Deos todo poderoſo, para idolatrar eſte ſimulacro. Naõ vos eſpanteis,

Pſal. 13

Pſal. 13 23.

teis, diz S. Joaõ Chryſoſtomo: *Nolite mirari.* Porque tinhaõ adiante dos olhos aceſa huma grande fornalha de fogo, com hum Areſto irrevogavel delRey, que, quem naõ ſe ajoelhaſſe logo, e não adoraſſe o ſimulacro, foſſe no meſmo inſtante lançado nella: *Si quis autem non proſtratus adoraverit, eadem hora mittetur in caminum ignis ardentis.* Tanto pode hum Rey, para ſer logo obedecido, com pòr ſómente á viſta huma fornalha de fogo! e que ſeria ſe foſſe experimentada. *Dan.* 3.

Eu tambem neſte meu livro, preſento aos peccadores enganados, não a fornalha de Babilonia, não o incendio de Troya, naõ as lavaredas do Veſuvio, mas a medonha, e horroroſa fornalha do Inferno. Será grande miſeria, que de tantos Subditos delRey Nabuco, ſó os tres Mancebos, deſprezando generoſos o ſeu falſo Idolo, quizeſſem antes ſerem lançados na fornalha, que deixar a adoraçaõ devida ao verdadeiro Deos, todo poderoſo, que no meſmo inſtante, lhes trocou o ardor do fogo, em hum brando zefiro, e em hum rocio celeſte: *Et fecit medium fornacis, quaſi ventum roris flantem.* E que o noſſo Rey, e Redemptor Jeſu Chriſto, de hum numero innumeravel de Chriſtãos, tenha taõ poucos, que lhe obedeçaõ, com lhes prometter o Paraiſo, e que a mayor parte queira antes ſeguir o falſo Idolo das ſuas paixões, e naõ tema a fornalha do Inferno. *Dan.* 3. 28.

Di-

Direis, que o fogo da fornalha de Babilonia, era fogo real, e verdadeiro, e que o fogo q̃ preſento nas eſtampas deſte meu livro, he fogo pintado! Aſſim he? Mas como eſtes meus Diſcurſos ſaõ dirigidos aos Catholicos, que por grandes peccadores que ſejaõ, tem ainda a fé, e eſperaõ com mudar de vida de ſe ſalvarem, ſupponho, que eſta meſma fé, os fará tambem crer, que ha tal differença entre eſte noſſo fogo ſublunar, e o fogo do Inferno, que ſe Deos permittira, que hum condenado paſſaſſe da fornalha do Inferno a fornalha mais terrivel deſte Mundo, eſta lhe pareceria hum jardim de flores, os carvões aceſos, roſas de Jericô, e o ardor do fogo, o meſmo fogo pintado, que vedes nas imagẽs deſte livro.

Bogòre Rey dos Bulgaros, era Pagaõ, e de genio guerreiro. Por muitos annos continuou a guerra contra Teofilo Emperador do Oriente. Feitas finalmente as pazes, mais à força, que de vontade, ſendo de natural fero, occupavaſſe em caçar nos matos, as feras, mais brabas, e monſtruoſas. Soube, que em Roma, havia hum Monge por nome Metodio, Pintor celeberrimo. Mandou logo buſcar, e a penas chegado, ordenou-lhe, que delineaſſe em hum painel os monſtros mais horridos, e as figuras mais medonhas, que lhes vieſſem à imaginaçaõ. Como nos Poetas, e Pintores he licito, de quimerizar todo genero

de

de atrevimentos que na fantasia conduzem a perfeiçaõ da sua arte.

Hor. Poet. *Pictoribus atque Poetis*
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

Assim Metodio, sendo naõ menos perfeyto Religioso, que Pintor affamado, naõ achou a sua fantasia, poder forjar painel, mais medonho, que o da justiça final dos Reprobos para o Inferno. Via Bogòre no alto do painel o vulto resplandecente, e fulminante, de hum Deos irado, e irritado; via debaixo hũa grande fornalha de fogo, donde, sahiaõ innumeraveis demonios em figuras taõ horrorosas, que em as vendo os precitos, corriaõ por medo a sepultarem-se naquelle abismo de fogo. Considerava ElRey o painel, já attento, já cuydadoso, já timido na consciencia, e já mudando de cores. Entaõ Metodio, conhecendolhe o coraçaõ já disposto, explicoulhe o mysterio do painel, e com elle os mais mysterios da nossa Santa fé, e em breve tempo instruido nella, mandou a Emperatriz sua prima hum Bispo, que o bautizou. Eis aqui, como o fogo pintado em hum painel bastou para reduzir hum Pagaõ a fazerse Catholico, e de Leaõ furioso, trocarse em hum Cordeiro manso. E como naõ poderá fazer o mesmo, em hum peccador por grande que seja, pois alem de ser bautizado, tem o lume da fé, e a luz do Evangelho, que o guiaõ, e o refreaõ.

Dict. Hist. in Bugore.

Mas

Mas porque refiro eu exemplos dos ſeculos paſſados, quando a mim meſmo em trinta, e mais annos, que eſtive Miſſionario no Braſil, me ſuccederaõ muitos caſos ſemelhantes. Tinha eu hũa deſtas imagens, illuminada com a meſma cor do fogo. Naõ he crivel a impreſſaõ do Inferno, que fazia nos Indios; tanto aſſim, que algũs vinhaõ, já alta noite a confeſſaremſe, e perguntandolhes eu, porque naõ eſperavaõ pela manhã, reſpondiaõ, ter medo de morrer aquella noite, com ſe lhes repreſentar na imaginação aquelle condenado, que eſtava ardendo com os Demonios no Inferno. Direy mais, que nas Miſſoẽs, que eu fazia nas Villas, e nos engenhos, por muito, que eu eſtudaſſe de repreſentar ao vivo os inſoffriveis tormentos eternos; bem poucos, e raros ſe moviaõ. Porèm em moſtrando do pulpito a imagem de hum condenado, logo todo o auditorio, ſe desfazia em lagrimas, e gemidos. Tanto he verdade, que a viſta faz fé, ainda q̃ ſeja de fogo pintado em hum papel; muyto mais, quando eſta fé he de Deos, com crer, e ter por infallivel o fogo do Inferno.

Eſte foy o principal motivo, que me induzio a unir eſtas eſtampas, com eſte livro do deſengano dos peccadores, para que depois de viſtas, e conſideradas, ſupraõ o pouco eſpirito, e zelo, com que em tantos annos de Miſſionario, trabalhei taõ froxamente na ſalvaçaõ das

Almas. Oh ſe quizera Deos, que algumas ſe converteſſem, e eu pudeſſe *reddere animam pro anima* em deſconto dos meus peccados, e das minhas tibiezas no ſeu ſerviço. Tenho razaõ de crer, e eſperar aſſim; pois diz S. Paulo, que Deos coſtuma eleger para ſemelhantes emprezas da ſua gloria os ſogeitos mais viz, e deſpreſiveis: *Ignobilia Mundi, & contemptibilia elegit Deus.* Que ſe pois, nem a viſta do fogo pintado neſtas imagens, nem a conſideraçaõ do Inferno, ſaõ baſtantes para deſenganar a algum peccador endurecido; ſaiba, que toda a Sagrada Eſcritura, e o meſmo Filho de Deos no ſeu Evangelho, naõ achou remedio mais efficaz para reduzir os peccadores à penitencia, que o tormento do fogo eterno: *Ite maledicti in ignem æternum.* E bem póde aplicar a ſi aquella formidavel ſentença, que pronunciou Deos por boca do Profeta Iſaias: *Hæc dicit Dominus, inſanabilis fractura tua peſſima plaga tua.* A chaga da tua maldade, he jà tam apodrecida, e corrupta, que he incuravel, e ſem remedio, verificando-ſe della aquelle celebre aforiſmo da Medicina: *Quod non ſanat medicamentum ſanat ferrum; quod non ſanat ferrum ſanat ignis; quod non ſanat ignis eſt inſanabile.*

Exod. 21.

1. *Cor.* cap. 1.

Matth. 25.

Jerem. 30.

Fern. de mor. incur.

LICEN-

LICENÇA DO S. OFFICIO.

PODe-se tornar a imprimir o Livro de que se trata, e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental o primeyro de Fevereyro de 1735.

Fr. Rodrigo Lencastre. Teyxeyra. Sylva. Soares. Abreu.

LICENÇA DO ORDINARIO.

PODe-se tornar a imprimir o Livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 7. de Fevereyro de 1735.

Gouvea.

LICENÇA DO PAÇO.

Censura do P. M. Fr Felippe da Conceyçaõ, Qualificador do Santo Officio, &c.

SENHOR.

O Livro mencionado nesta petiçaõ retro, ha muyto tempo que o li com muyto gosto; porque alẽ de conter doutrinas muy importantes para a salvaçaõ das almas, naõ tem cousa algũa, que seja dissonante aos Decretos, e Reaes politicas de V. Magestade pelo que me parece digno, e dignissimo de se reimprimir mui-

muitas vezes. S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental 16. de Fevereyro de 1735.

Fr. Felippe da Conceyçaõ.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, e sem isso naõ correrá. Lisboa Occidental 10. de Março de 1735.

Teyxeyra. *Bonicho.*

LICENÇAS.

PO'de correr. Lisboa Occidental 19. de Agosto de 1735.

Fr. Rodrigo Lencastre. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares. Abreu.

VIsto estar conforme com o original póde correr. Lisboa Occidental 19. de Agosto de 1735.

Gouvea.

TAixaõ este Livro em mil e quatrocentos e quatenta reis em papel. Lisboa Occidental 22. de Agosto 1735.

Pereira. Teixeira.

INDICE
DOS DISCURSOS.

Discurso I. *Tormento I. do Carcere do Inferno.* pag. 1

Discurso II. *Do tormento da vista entre as trevas do Inferno.* 27

Discurso III. *Do tormento dos Ouvidos.* 55

Discurso IV. *Do tormento do insofrivel fedor do Inferno.* 81

Discurso V. *Do tormento do Gostar.* 105

Discurso VI. *Do tormento do Tacto.* 133

Discurso VII. *Do tormento dos Soberbos, e Presumidos.* 165

Discurso VIII. *Do tormento dos Avarentos.* 203

Discurso IX. *Do tormento dos Luxuriosos.* 241

Discurso X. *Do tormento dos Tyrannos, e Vingativos.* 275

Discurso XI. *Do tormento do Sitio immovel.* 309

Discurso XII. *Do tormento da pena do Dano.* 341

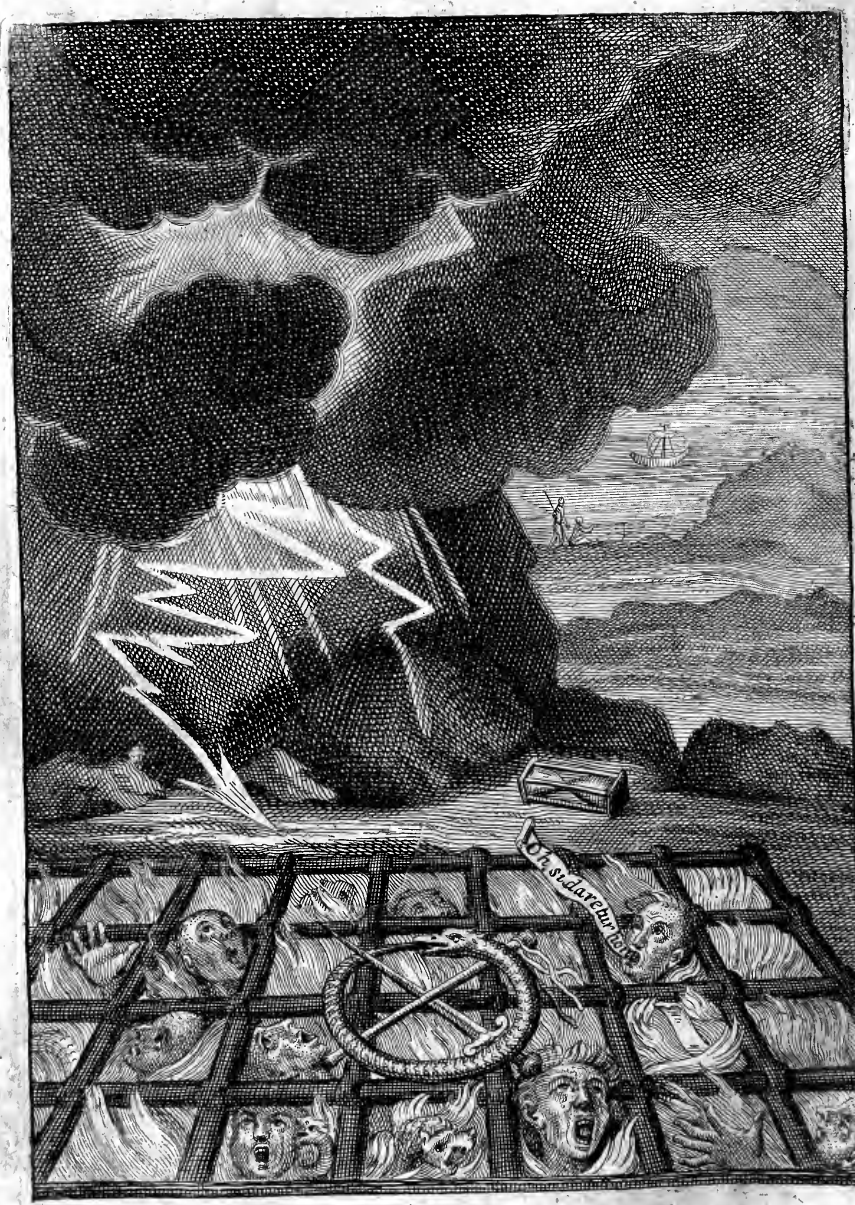
Discurso XIV. *Do tormento da Desesperaçaõ.* 373

Discurso ultimo. *Do tormento da Eternidade.* 405

Adicçaõ. *De hum caso horrendo de hum jogador, que foy sovertido vivo no Inferno.* 441.

DIS-

RPJCB


Oh si darebur hom

DISCURSO I.

TORMENTO PRIMEYRO
Do Carcere do Inferno.

Claudentur ibi in Carcere. Iſai. c. 24.

ENtre as penas, que as leys humanas tem decretado para punir os delinquentes, as mais uſuais ſaõ a priſaõ, e o degredo; e ainda que eſtas, por ſerem mais cõmuas, naõ fazem ao Povo aquelle terror, que comſigo trazem os nomes dos tratos, dos equleos, das rodas, e dos Touros de Fallaris, e outros generos de tormentos, que a juſtiça humana julgou porporcionados para caſtigar os delictos mais atrozes dos Malfeytores, ou a barbaridade dos Tyranos ſoube inventar, para vencer a inſuperavel conſtancia dos Martyres: com tudo ſe a priſaõ for apertada, e por toda a vida, he muyto mais cruel que todos eſtes tormẽtos, e que a meſma morte, poys: *Eſt juge martyrium.*

he hum martyrio continuado. Por isto visitando hum dia o Emperador Tiberio as prisões, hum Fidalgo, que jà de muytos annos vivia naquelle tormento, lhe pedio, naõ, que o soltasse, pois bem sabia, que jà estava como esquecido, mas que ao menos lhe désse a morte. Respondeo-lhe Tiberio: *Nondùm in gratiam mecum rediisti.* Isto he, o que vòs desejaes, e quereis, mas ainda naõ sois tornado na minha graça, julgando que a morte por cruel, que fosse, lhe serviria de alivio, e muyto mais suave, que a pena da prisaõ. E na verdade, se o carcere he com aperto, e o delinquente está em algum calabouço, aonde naõ o deyxem ver, nem fallar com Alma viva, jà a pena do carcere he mays sensivel por lhe estar anexa aquella do degredo, poys vive na sua Patria, ou em hũa Cidade, como se estivesse longe mil legoas em hum deserto. Eis-aqui dibuxada por alto toda a materia, que hey de tratar neste primeyro discurso do Carcere do Inferno. Mostrarey em primeyro lugar, quam terrivel he este carcere infernal, naõ tendo comparaçaõ com os mays medonhos, e crueis do Mundo: em segundo lugar veremos como a Justiça Divina tem encerrado nesta prisaõ todos os generos de tormentos assim na quantidade, como na qualidade ao nosso entendimento imperceptiveis para castigar os Peccadores, que deyxaõ ao seu Creador pelas creaturas.

Suet. in vita.

Mas quanto mais terrivel, e penosa será a prisaõ do Inferno, das que inventáraõ os Tiranos, ou imagináraõ os Poetas, e quanto mais sensivel será o degredo, depois que a Alma despida do corpo, conhecerà claramente que a sua Patria, para a qual foy creada, era o Paraiso! O labirinto de Creta, como refere Celio, foy hũa prisaõ condecorada com este nome, para mostrar, que era muy facil a entrada, mas sem a esperança de achar a saida. Chamava-se *Labyrintus quasi labor*

Celius lib. 7.

labor intus, porque quem lá hũa vez entrava, naõ achava ſenaõ trabalhos, e penas. Dionizio Rey, ou para melhor dizer, Tirano de Siracuſa, mandou fabricar hũa priſaõ, que por fóra parecia hum palacio magnifico de eſtructura Regia, ainda mais viſtoſo, e ſoberbo, que o Paço do meſmo Rey, mas quem por ſua deſgraça entrava dentro, o achava melancolico, eſcuro, tetrico, com as paredes taõ ruſticas, e horroroſas, que em breve tempo de pura melancolia acabava os ſeus dias. No tempo de Verres, os Romanos lhe puzeraõ o nome de *Orbis domicilium* pelos muytos que lá entravaõ, e nunca mays ſahiaõ. Os Meſſenios fabricáraõ hum carcere horrendiſſimo, e taõ mal architectado, que parecia hum monſtro, eſtava debayxo da terra, ſempre em hũa perpetua obſcuridade, naõ tinha portas, nem janellas, por onde entraſſe a luz, nem tranſpiraſſe o ar. Sò tinha hum buraco; por onde entravaõ os Réos, e logo ſe fechava com huma grande pedra a modo de ſepultura: *Monſtrum horrendum informe ingens, cui lumen ademptum.* E a eſte carcere para lhe diminuir a horribilidade com hum belliſſimo nome, lhe chamàraõ o theſouro. Pelo contrario a Republica de Athenas poz nome de baratro a hũa ſua priſaõ fabricada a modo de poço, era por dentro toda de pedra marmore, mas no fundo eſtava hum enxarco de immundicias, nas quaes logo que lançavaõ dentro do dito poço algum delinquente morria affogado. Os Romanos, alêm do carcere Tulliano, tinhaõ por priſaõ a rupe Tarpeya, cavada em hũa penha altiſſima perto do Capitolio, mas muyto peores eraõ os degraos gemonios, calabouço feyto a modo de eſcada no Monte Aventino, e ſe chamava o lugar dos gemidos, e eſtancia das calamidades: *Locus gemitum, cella calamitatum.* Galeacio Viſconti, Duque de Milaõ fez fabricar hũa priſaõ em fórma redonda, e com a abo-

T. Liv. lib. 2. *Celius lib. 17.*

Plutar. in Philopan.

Æneid. lib. 6.

Celius lib. 17.

Plut. ibi

Paisou in vita. a abobeda taõ bayxa, que lhe chamavão o forno; e naõ era possivel estar hum Homem em pè, por pequeno que fosse, nem havia outra luz, que a da bocca do forno, quando se abria. Porèm ninguem superou na crueldade ferina a Ezelino Romano, depoys Regulo, e Tirano de Padua. Este fez fabricar hum carcere, a que elle, e os Povos puzeraõ o nome de prisaõ infernal, na qual quem hũa vez entrava, nunca mais sahia; de nenhũa parte entrava nella luz, ou ar: os mortos matavaõ aos vivos. Cada dia entravaõ nella quantidade de pessoas a borboutaõ como ovelhas. Morriaõ sem numero, e assim innumeraveis eraõ aquelles, que todos os dias entravaõ, pois já ninguem tomava o trabalho pela grande confusaõ de os contar. A prisaõ por si era obscurissima, e naõ se ouvia nella outra cousa, que gemidos, gritos, e alaridos. O tormento naõ sey se me diga increivel, ou inexplicavel. Cada hum padecia fome, sede, calma, com a penuria de todas aquellas cousas, que saõ á humana miseria necessarias; o fedor era intoleravel, e o que mais os molestava, eraõ certas sevandijas, que dentro daquellas fedorentas immundicias se criavaõ, e sem dar hum momento de descanço, hiaõ roendo de dia, e de noyte aquelles corpos dos miseraveis presos. Naõ se choravaõ naquella prisaõ os defuntos, antes os que morriaõ, eraõ estimados felices, e bemafortunados, poys ficavaõ livres de tanta infelicidade, e miseria. Estas em compendio saõ as prisoẽs mais horrendas, e penosas, que souberaõ inventar os Tiranos mais deshumanos, e por muyto que se enfurecesse o seu odio, e se deshumanasse a sua natureza, todas estas prisoẽs saõ jardins de flores, e camas de rosas, à vista do carcere do Inferno, que alèm de ser de fogo, encerra em si, como veremos, todo genero de tormentos.

Pachiuch. de pat.

Cipr. tom. 2. S. Cipriano repara, que Deos na creaçaõ do Mun-

do

do tem posto em o Ceo no alto sobre as nossas cabeças, creando o Homem direyto, a fim de que considerando os resplandores do Sol, e a fermosura das estrellas, nos servissem como de degraos para contemplarmos a sua Divindade, e enamorarmo-nos do Paraiso. O mesmo conhecèraõ os Poetas gentios.

Pronaque cum teneant animalia cætera fronte,
Os Homini sublime dedit cælumque tueri. *Ovid. lib. 1. Metam.*

Pelo contrario, tem escondido a horrorosa prisaõ infernal no lugar mais profundo debayxo dos nossos pès, para dar-nos a entender, que o seu fim principal naõ era, que o amemos, e sirvamos obrigados como escravos, por medo, e rigor dos suplicios, mas por amor, como Filhos ao Pay, e como seus herdeyros. Porèm vendo Deos a ingratidaõ dos Homẽs, que se haviaõ de render sempre mais insensiveis aos seus beneficios, multiplicando culpas, e amontoando delictos sobre delictos, se vio para a sua emenda obrigado a descubrirlhes o grande abismo de tormentos, que está para elles preparado nesta prisaõ do Inferno.

Que haja este carcere do Inferno, he verdade taõ certa, como he certo, que ha Deos, e se Deos he justo e verdadeyro, e naõ pòde mentir, segue se, que a justiça por ser recta, ha de dar o premio aos bons, e o castigo aos màos. O Paraiso aos escolhidos, que obráraõ bem, e o amaraõ, e serviraõ. O Inferno aos Precitos, que obráraõ mal, por fazerem a sua perversa vontade, e naõ lhe obedeceraõ. Publicou pois Deos esta verdade do carcere do Inferno na ley antiga, em todos os livros do testamento velho por bocca de todos os Profetas; e na Ley nova começou a publicalla o Prodromo S. Joaõ Bautista: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum;* ameaçando o fogo do Inferno, que nunca se apaga, e dura sempre; *palleas autem comburet igni inextinguibili.* Depois o mes- *Matth. cap. 3. Luc. c. 3*

mo Christo tantas vezes de sua propria bocca; e por bocca dos seus Apostolos, que como trombetas da ley Evangelica annunciàraõ este carcere do fogo do Inferno a todo o Mundo: *In omnem terram exivit sonus eorum, & in finem orbis terræ verba eorum.*

Psal. 18 5.

De qualquer maneyra, que nòs considerarmos esta prisaõ do Inferno, e os differentes suplicios, que nella se padecem, nada acharèmos, que naõ seja destinado pela divina justiça, para dar mayor pena, e tormento aos Condenados. O sitio he o mays triste, o mays tetrico, e hediondo, que se possa imaginar, o clima o mays pestifero, o lugar o mays infame, o mays bayxo, e profundo, poys he o mesmo centro da terra, o sangradouro de todas as fezes do Mundo. Porque, como bem diz S. Bernardino de Sena, a morada da Casa ha de ter proporçaõ com os moradores, que a abitaõ, e assim como o sitio mais elevado, que he o Ceo Empireo, se deve aos corpos glorioſos, que saõ os Santos, assim o lugar mays bayxo, e inficionado, que he o Inferno, tocca, e se deve aos corpos mais infames, e vis, como saõ os dos peccadores. Outra razaõ dá Santo Antonino Arcebispo de Florença, e argumenta assim. O lugar mays proprio aos corpos mays pesantes he a terra, e da mesma terra o mays profundo, e bayxo he o que mays pesa, pois dos corpos que mays pesaõ, saõ os que contem em si a mayor carga dos peccados, segue-se logo; que o centro da terra, como mays pesado, seja o lugar mays proprio, e proporcionado aos Peccadores Precitos, que saõ os mays pesados, pela grande carga das culpas, que carregaõ comsigo.

D. Bern Sen. opus 1.6

D. Anton. Sũma The-olog. p. 4.

Se pois considerarmos a grandeza, e capacidade do Inferno. O Espirito Santo, pelo Profeta Isaias nos faz saber, que o Inferno tem dilatado o seu ventre de modo, que naõ tem medida: *Dilatavit Infernus animam suam*, e tem aberta a sua bocca, que naõ tem

Isai. c. v.

ter-

termo: *Et aperuit os ſuum abſque ullo termino.* Comenta eſte texto Cornelio Alapide, e diz que o Profeta falla metaforicamente, dando ao Inferno corpo, e alma, e fazendo o ſemelhante a hũa grande beſta inſaciavel, que ſempre tem fome, e tudo devora: *Inferus inſatiabiliter cava gutura pandit.* Do meſmo modo Salomaõ nos ſeus Proverbios, entre as cauſas, que elle chama inſaciaveis, poem em primeyro lugar o Inferno, e no ultimo o meſmo fogo do Inferno, que nunca diz baſta, e nunca deyxará de arder, e atormentar: *Tria ſunt inſaturabilia Infernus, os vulvæ, & ignis qui nunquam dicit, ſufficit.* Quer dizer o Sagrado Texto, que naõ ſe conſolem, nem ſe allucinem os Peccadores, por ſerem muytos, porque ainda que ſejaõ innumeraveis, na priſaõ do Inferno haverà lugar para todos, e quantos forem todos caberáõ, mas fortemente apertados, como agora veremos.

Cor. A-lap in-ſai. ibi.

Prov. cap 30.

Os Matematicos mays peritos, que muytas vezes tem tomado as medidas deſte globo terraqueo, que foa o meſmo, que eſte noſſo Mundo ſublunar, provaõ com nummente; como diz o P. Menochio, que em todo o ſeu circuito, e grandeza, he pouco mays, ou menos de ſeis mil legoas. Confórme eſta dimençaõ fazem o computo, que o Carcere do Inferno, aquella cava medonha, aquella bocca fedorenta, aquelle chaos de confuſaõ naõ chega a ter mays de largura, de profundidade, de extençaõ, e de circuito que eſcaçamente duas legoas, pois a groſſura das paredes ſerà em toda a parte, e circunferencia deſta priſaõ, ou cava infernal de mil e quinhentas legoas. Nem pareça eſte eſpacio do carcere do Inferno increivel ao pio Leytor, por pequeno, e muyto limitado, para caberem tantos milhões de Condenados, que deſde o principio do Mundo ſaõ entrados, e haõ de entrar, atè ſe acabar o Mundo, ſem ſerem entre ſi penetrados: poys he certiſ-

Steph. Menoc. lib. 3.

tissimo, e de fé, que no ultimo dia do juizo haõ de resuscitar todos os corpos, assim dos justos, como dos Peccadores, e todos assim escolhidos, como Precitos, se haõ de arruinar, e caber no Valle de Josafat, para ouvirem a sua sentença, e haõ tambem de serem divididos, e separados. Os Santos á maõ direyta, como ovelhas, que ouviraõ a voz, e seguiraõ o caminho do seu Pastor. Os Reprobos à maõ esquerda, como Cabritos, que sahiraõ do rebanho de Christo, e se alistàraõ de bayxo da bandeyra do Demonio, para depois entrar com elles no chiqueyro do Inferno: se no Valle de Josafat haõ de caber apartados, e divididos os Predestinados dos Precitos, quem poderá logo duvidar, que no Inferno caibaõ só os Reprobos, sendo este muyto mayor que o Valle de Jasafat, ainda que o numero será quasi infinito, como diz Salomaõ: *Stultorum infinitus est numerus*; e por innumeraveis que sejaõ, o grande aperto, em que estaráõ, como veremos, sempre lhes dará lugar.

Eccles. 1.15.

Será pois esta prizaõ do Inferno taõ apertada, que os miseros Condenados ficaráõ nella como Sardinhas em hum barril, ou como huns cachos de uvas espremidos no lagar. Mas deste aperto fallarey mais por extenso no discurso do tormento do sitio immovel. Agora digo só com o Profeta Isaias, que os Reprobos seraõ todos congregados em hum montaõ, e depois atados como feyxes de lenha, & lançados na fornalha do Inferno: *Congregabuntur in congregatione unius fascis, & claudentur ibi in carcere*: Feyxes de lenha se chamaõ varios paos atados, grandes, e pequenos sem mays distinçaõ, ou resguardo. Lenha para o fogo saõ os Peccadores, como diz Christo no Evangelho: *Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum, excidetur, & in ignem mittetur.* Toda a arvore, que não der bom fruto, seja cortada para o fogo, e comparando os bons

Matth. cap. 3.

ao

aõ trigo, e os màos á zizania, ordenou, que a zizania foſſe atada em feyxes, e eſtes lançados no fogo do Inferno: *Alligate in faſciculos ad conburendum.* S. Gregorio he de parecer, que eſtes feyxes ſeraõ de varias caſtas de Peccadores, como as lenhas faõ de varias caſtas de paos. Soberbos com Soberbos, Avarentos com Avarentos, Laſcivos com Laſcivos, Zizanarios com Zizanarios: *Congregabuntur ibi congregatione unius faſciũ, ut qui pares ſunt in culpis, damnentur pariter, & in pœnis; Superbi cum Superbis, Avari cum Avaris, Luxurioſi cum Luxurioſis.* *Matth. cap. 13.* *D Greg. Hom in Evang. Matth.*

Mas como pòde ſer, que os Reprobos fiquem atados a modo de feyxes? *Alligate in faſciculos.* Com primeyro ſer apriſionado cada hum por ſi, e carregado de algemas nas mãos, e de grilhões nos pés, para depoys congregados em feixes ſerem lançados naquelle eſcuro calabouço: *Ligatis manibus, & pedibus mittite in tenebras exteriores.* Quando Chriſto no ultimo dia do Juizo pronunciada a ſentença lhes ordenará, que ſe apartem delle, e corraõ a precipitar-ſe no fogo eterno: *Diſcedite à me Maledicti in ignem æternum.* Declarando, que eſta priſaõ infernal foy preparada deſde o primeyro dia da creaçaõ do Mundo para os Demonios, e naõ para o Homem, que foy creado no ſeptimo, nem para os ſeus ſucceſſores, ſenaõ em caſo, que pelo peccado mortal ſe trasformaſſem elles tambem em Demonios, como ſeus ſequazes: *Diſcedite à me Maledicti in ignem æternum, qui paratus eſt à conſtitutione Mundi, Diabolo, & Angelis ejus.* Diz mais o Evangeliſta Saõ Matheus, que os Precitos, naõ mandados, nem rogados, naõ obrigados, nem arraſtados, mas como de ſua propria vontade, como de ſeu meſmo pè, ſem detença, ſem mais demòra, antes com precipitaçaõ, iráõ buſcar o ſeu ſupplicio, e penar eternamente no Inferno: *Ibunt in ſupplicium æternum.* Mas qual he o *Matth. c. 12. 13.* *Matth. cap. 25.* *Matth. c. 15. 46.*

Rèo,

Rèo, ou Malfeytor, em qualquer parte, que seja do Mundo, que ouvindo o arresto irrevogavel da sua sentença de morte, vá elle mesmo espontaneamente, e de seu pè buscar o patibulo? Muytos Belegins armados, o levaõ com as mãos algemadas, com huma grossa corrente, que vá arrastando nos pès, e com o laço ao pescoço; por mayor segurança, o tem por detraz o Verdugo nas proprias mãos. Nada disto tem mister os Condenados no Inferno: *Ibunt in supplicium æternum. Ibunt*; iráõ acompanhados com o Algoz mais cruel da sua rèa consciencia, que lhes representará sempre á memoria as suas maldades, atados com hũas corrẽtes compridas de tantos fuzis, quantos saõ os seus peccados: e da mesma maneyra, que hũa grande pedra de moinho, atada, e cercada de barras de ferro, e levantada no ar, e posta em equilibrio, ella sem mais morulas se deyxará cahir a precipicio, atè chegar ao seu centro, e o peso do ferro, e das ataduras, naõ só naõ impedirá, nem retardarà o seu curso; mas antes o facilitarà, e dará mayor impulso no seu movimento: Assim do mesmo modo, os infames corpos dos Precitos, ainda que sejaõ atados cada hum por si de pès, e mãos com os terriveis grilhões dos seus delictos, e religados em feyxes com a forte corrente das culpas, entre elles commuas, e da mesma especie, *recta via* pelo caminho mais direyto, e breve sem torcer desta, ou daquella parte, sem divertir de huma, ou da outra banda: *Mole sua ruent in infernum* com a carga sobrada, e peso immenso dos seus peccados se precipitaráõ forçosamente no centro da terra mais pesada, que he o Infetno. *Ibunt.* Iraõ envergonhados das suas torpezas, enganos, embustias, e calumnias, vendo-se entre tanos Justos, que delles mesmos atribulados, soffrendo-os com paciencia souberaõ ganhar o Ceo. *Ibunt.* Iraõ tristes, e con-

fun-

fundidos, por ter offendido, e deſprezado a Deos, por naõ ter recorrido á Virgem Noſſa Senhora, que como Mãy dos Peccadores, podia com o ſeu patrocinio impetrar-lhes do ſeu bendito Filho o perdaõ das ſuas culpas, e fazelos herdeyros do Paraiſo. Agora ſi que *ibunt* iraõ; e naõ ſó iraõ, mas correràõ em precipicio como deſeſperados, a enterrarſe naquelle profundo abiſmo de tormentos; e naõ contentes do aperto da priſaõ, eſtando já tantos milhares, e milhões de condenados, huns ſobre os outros, pediraõ, como diz o Evangelho aos montes, que cayaõ ſobre elles: *Incipient dicere, tunc dicent montibus cadite ſuper nos*, e rogaràõ os meſmos colles, que lhes fechem a bocca daquelle eterno calabouço, ſervindo-lhes de pedra ſepulcral, para nunca mais ſerem viſtos, nem ouvidos, nem lembrados: *Et collibus operite nos.* *Luc. cap. 23.*

Eſcaçamente ſe achou o Ricco Avarento ſepultado neſta priſaõ do Inferno, que logo feyto Miſſionario zeloſo pedio ao Padre Abrahaõ que mandaſſe algum dos já defuntos para converter os ſeus cinco Irmãos, que eſtavaõ regalando-ſe no Mundo com as riquezas, que lhes tinha deyxado: *Sed ſiquis ex mortuis ierit ad eos, pœnitentiam agent.* Era couſa natural, que para fazer eſtas converçõeſ mandaſſe a elle, como Irmaõ mais velho, e porque o aperto do carcere lhe era inſoffrivel, imaginava teria algum alivio, ou mayor largueza com ſair do carcere naquelles breves inſtantes, que fazia a ſua embayxada. Naõ lho cõcedeo Abrahaõ, porque aos condenados, que naõ quizeraõ fazer neſte Mundo a vontade de Deos, alem de nunca mais terem no Inferno o minimo alivio nas ſuas penas, para mayor ſeu tormento ſe lhe fará ſempre o contrario do que apetecer a ſua vontade. Com tudo tem permetido Deos raras vezes para noſſa emenda certos caſos, que a ſeu lugar referiremos: em que algum Precito *Luc. cap. 16.*

por

por breve espacio de tempo tem sahido da prizaõ do Inferno; mas isto foy para declararnos as penas atrozes, que lá padeciaõ, e muito mais para convencer, e confundir aquelles Peccadores inveterados, que immersos nos vicios vivem titubantes na fé, e facilmente enganados se allucinaõ como Atheistas, e dizem, que naõ tem visto até agora, de tantos, que morrem, quem seja tornado, e nos désse distinta noticia do que se passa naquella regiaõ taõ medonha, e decantada do Inferno: *Dixerunt enim cogitantes apud se non rectè, non est qui agnitus sit reversus ab inferis.* *Sapient. cap. 2.*

Nem por isto o miseravel Condenado, para qualquer parte do Mundo, que a Justiça Divina o mande, ou em qualquer lugar lhe ordene, que esteja, deyxará de trazer comsigo o mesmo aperto da prisaõ, e tolerar todos aquelles tormentos, que soffria estando apertado, e amontoado com os outros no Inferno. Bajazetes primeyro Emperador dos Turcos, que pela facilidade, e presteza, que tinha em conquistar Provincias, e Reynos, o chamavaõ por alcunha *Gilderin*, que em lingoa Turquesca soa o mesmo que na nossa Portugueza rayo. Começàraõ as suas conquistas no anno 1392. e subjugou a Bulgaria, Macedonia, Armenia, Tessalia, e durando pelo espacio de dez annos a sua fortuna senhoreou hũa porçaõ da Europa, e hũa grande parte da Asia. Atemorizados os Principes confinantes de tantas victorias; e conhecida a ambiçaõ, e tirania de Bajazetes, se uniraõ, e recorrèraõ ao graõ Tamborlam dos Tartaros Rey potentissimo; este, preparado em breve tempo hum formidavel exercito, veyo, vio, venceo, e o presionou na primeyra batalha. Feyto captivo o soberbo Bajazetes no 1402. mandou o Tamborlam fazer huma forte gayola com varas de ferro, e ahi impresionado, para o humilhar, trazia-o comsigo em toda a parte feyto trofeo da vaidade, *Dict. hist. lit. B.*

dè, baſculho da fortuna, e oprobrio de toda a Aſia. Em tanta deſgraça, e miſeria nunca afrouxou o orgulho de Bajazetes, nem quiz pedir graça, ou favor ao Tamborlam, nem reconhecelo, e reſpeytalo como victorioſo. Finalmente enfadado de hum carcere taõ penoſo, naõ achando quem lhe déſſe veneno, ou algum inſtrumento para ſe matar deſeſperado, deu tantas vezes, e com tanta força com a cabeça naquellas barras de ferro, que derramando os miòlos, trocou com a morte a priſaõ temporal deſta vida com a eterna do Inferno. Eis-aqui, como Bajazetes ſem ſahir do aperto da ſua priſaõ corria todas as Provincias da Aſia com mayor ignominia, e tormento, que ſe foſſe fechado em hum eſcuro calabouço.

Tenho referido eſte ſucceſſo para mayor intelligencia de hum Texto da Sagrada Eſcritura, que confirma quanto atè agora temos dito. O Profeta David ſempre mais zeloſo contra os Peccadores, diz que Deos meterá os Peccadores em hum forno de fogo, e que ahi a ira de Deos os conturbará; e o fogo os devorará: *Pſal.20 v.10.* *Pones eos, ut clibanum ignis in tempore vultus tui, Dominus in ira ſua conturbabit eos, & devorabit eos ignis.* Naõ ha peyor priſaõ, como diſſemos no principio, que aquella de hum forno, ou fornalha, e muyto peyor ſe qualquer deſtes eſtá aceſo por dentro com fogo. S. Matheus fallando dos Peccadores eſcandaloſos diz, que ſeraõ atormentados em huma fornalha de fogo, aſſim chama o Inferno aonde acharàõ lagrimas, gemidos, e eſtridores de dentes: *Mittent eos in caminum ignis, ibi erit fletus, & ſtridor dentium.* *Matth. cap.23. 42.* E que differença vay entre o forno, e a fornalha? naõ ha outra, ſenaõ que o forno he mais pequeno, e ſe coze nelle o paõ; e a fornalha he mayor, e ſe cozem nella os ladrilhos. Os pães ſe metem no forno com attençaõ, e diſtinctos com alguma largueza eſte daquelle, mas

os

os ladrilhos saõ lançados sem resguardo; em confusaõ, ficando apertados, e amontoados huns sobre os outros. Ainda mais pequeno he o forno, de que falla o Profeta David: *Mittes eos in clibanum ignis.* Clibano he huma palavra grecolatina, que significa hum fornosinho maneyro, e portatil, usaõ muyto delles os navegantes, especialmente nas nossas nàos de guerra, e da India. Ha esta differença entre o clibano, e as fornalhas, e os outros fornos, que estes saõ fabricados de pedra, e cal, tem alicerses, e saõ fixos, e immoveis, e o clibano he feyto de cobre, e vulgarmente de ferro, e serve como hum movel da cozinha, ou de casa, que se transporta de hum lugar a outro. Nem por ser mais pequeno, e portatil, serà menos horrivel, e penoso, nem o Precito que estiver recluso nelle, estará menos apertado dos outros, que estaõ como tijolos embarrilados na grande fornalha do Inferno. Porque o ambiente daquelle clibano todo ardendo em fogo se ajustará, e adatarà ao individuo daquelle condenado, apertando o, como se estivesse em hum lagar de fogo. Daqui nasce, que, se apparecesse algum condenado com o seu clibano de ferro rubente, quem o tocasse com só a extremidade de hum dedo ainda levemente, e por hum unico instante sentiria huma dor insoffrivel. Oh miseravel Peccador, que por abuso da tua liberdade corres á redea solta a precipitarte nesta prisaõ do Inferno, considera, que o aperto della, que agora te parece taõ horroroso, he o menor dos innumeraveis tormentos, que soffre, e ha de soffrer para sempre quem morrer em peccado, como o veremos no ponto seguinte, e muyto mais nos discursos, que a poz deste se seguem.

Muyt s vezes tenho considerado, que cousa seja esta prisaõ do inferno, e despois de ter lido muytos Santos Padres, e Expositores sagrados, que a descrevem, a ne-

nenhum tenho achado, que me déſſe a ſua definiçaõ adequada, e aſſim havia de ſer; porque para hum Filoſofo, ou Teologo definir bem hũa couſa, deve conhecer, e penetrar a eſſencia della; e que conhecimento, ou experiencia póde ter, quem nunca a vio, nem a tratou, e menos a experimentou. Seja para ſempre bendito, e louvado Noſſo Senhor JESU Chriſto, que no ſeu Evangelho fez fallar a hum condenado, o qual achando-ſe ſepultado no Inferno, logo que vio, o que era, e o como lá ſe paſſava *cum eſſet in tormentis* provando as dores deſatinadas, que padecia, em duas palavras o definio admiravelmente, chamando ao Inferno lugar de tormentos *locum tormentorum*, teatro de agonias, miſerias, centro de todos os males. Ademittem concordemente as Eſcolas a definiçaõ de Boecio ſobre a bemaventurança do Paraiſo: *Beatitudo eſt ſtatus bonorum omnium aggregatione perfectus.* *Boet. Phil.* Quer dizer, que o Paraiſo he huma eſtancia, aonde os eſcolhidos gozaõ perfeytamente, e para ſempre todos os bens unidos; aſſim o Inferno he huma priſaõ, aonde os Precitos padecem perpetuamente congregados, e juntos todos os males; mais breve, o Paraiſo he hum lugar aonde ſe achaõ todos os bens, e nunca ſe experimenta mal algum. Pelo contrario o Inferno he hum lugar, aonde ſe achaõ todos os males, e nunca ſe goza de algum bem, e aſſim ſe pòde definir *malorum omnium ultimus terminus.* *Deuter. 32. 23.* He de advertir, que o Eſpirito Santo, naõ ſó diz, que no Inferno congregará todos os males, mas tambem, que ſe ſervirá de todas as ſuas armas, para caſtigar os condemnados, atè dar complemento ao rigor da ſua juſtiça: *Congregabo ſuper eos mala, & ſagittas meas complebo in eis.* Por iſto o rico avarento naõ ſó ſe queyxa da priſaõ, mas tambem do fogo inſoffrivel do Inferno, naõ diz ſómente *crucior* eſtou penando néſte total aperto da minha liberdade, mas

cru-

crucior in hac flamma, estou affligido, e atormentado neste tal fogo. E deste tal fogo, que encerra em si todo o genero dos mais tormentos, fallaremos agora no segundo ponto.

Segũdo ponto.

Se consultarmos os Theologos, acharemos, que por duas cousas o Peccador se rende culpavel diante de Deos, e por consequencia digno de todo o castigo. A primeyra he o abuso, que tem feyto da sua liberdade; a segunda o gosto illicito, e vedado, que toma com as Creaturas com desprezo do seu Creador, preferindo hum bem temporal, e caduco ao seu bem soberano, e eterno, que he Deos: *Confregisti jugum meum, dirupisti vincula mea, & dixisti non serviam.* Pelo que Deos justamente castiga no outro Mundo o abuso, que o Peccador faz da sua liberdade, com o aperto da prisaõ; e o gosto, ou deleyte prohibido, com toda a dor, e tormento universal do fogo do Inferno: *Crucior hac flamma.* Mas porque a justiça Divina, para justo, e universal castigo dos Peccadores, escolhe entre os mais elementos o fogo? A primeyra razaõ tirada da Escritura, e dos Santos Padres vem a ser, porque a pena deve ser proporcionada à culpa: *Pro mensura peccati, erit & plagarum modus.* O Peccado mortal, que taõ facilmente se commette, he hum crime de primeyra cabeça, he hum attentado contra a Divina Magestade lesa, he hum alevantamento, hum manifesto desprezo de hum vilissimo escravo contra o seu senhor, e Rey soberano, de huma creatura de nada, contra o Creador seu, e de tudo; assi n para reparar a desordem dos aggravos, e affrontas, que o Peccador rebelde, e atrevido fez ao seu Deos, foy necessario, que a justiça Divina escolhesse o tormento do fogo, como mais proporcionado, para castigar, como merece, a sua rebeldia, e atrevimento. A segunda razaõ, porque a justiça Divina

Hierem 2.

Job cap. 20.

Deuter. 25.

vina se serve do fogo, como instrumento mays proprio para atormentar os condenados no Inferno; he porque assim já o fez neste Mundo, quando os crimes saõ taõ atrozes, e enormes, que bradaõ para o Ceo, pedindo hum castigo exemplar, e hũa prompta satisfaçaõ de Deos: *Clamor Sodomorum multiplicatus est, & peccatum eorum aggravatum est nimis.* O clamor, e o escandalo se vaõ dilatando, e os peccados vaõ crecendo com circunstancias sempre mays agravantes: *Igitur Dominus pluit sulphur & ignem, & subvertit Civitates, & omnes habitatores Urbium.* Mandou logo Deos do Ceo hũa chuva de fogo, misturada com enxofre fedorento, e abrazou as Cidades, e queymando todos os Moradores, os reduzio em cinza. Estando gravemente enfermo ElRey Ochosias, em lugar de recorrer ao Profeta Elias, para que rogando ao verdadeyro Rey de Israel o saraſſe da sua doença, mandou consultar ao Demonio Belsebub. Este peccado irritou de qualidade a Deos, que mandando depoys ElRey por duas vezes hum seu Ministro com a comitiva de cincoenta Pessoas a buscar o Profeta para tratar com elle da sua saude: *Homo Dei, Rex præcepit, ut descenderes.* Porèm a reposta, que lhes deu Elias ambas as vezes, foy mandar ao fogo do Ceo, que os consumisse a todos: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos. Descendit ergo ignis de Cælo, & devoravit illum, & quinquaginta ejus.* A terceyra razaõ, porque a justiça Divina se serve deste fogo, he, como diz Tertulliano, porque todos os condenados saõ as victimas, e os holocaustos das suas vingãças, No antigo testamẽto entre as victimas, que se offercciaõ a Deos, aviaõ hũas, que se chamavaõ as victimas do holocausto; que à justiça Divina se fazia immolar: *Immolavit, & holocausti victimam.* E esta passava toda pelo fogo, atè ficar totalmente destruida. Daqui infere Ter-

Genes. cap. 18.

Genes. cap. 19

4. Reg. c. 1. 19.

4. Reg. c. 1. 13.

Levit. c. 9. 11.

tulliano, que os Condenados, sendo as victimas do holocausto, que à justiça Divina se faz immolar, he necessario, que estejaõ sempre ardendo no fogo do Inferno, sem nunca ficarem destruidas.

Esta verdade vem admiravelmente explicada, e confirmada pela mesma bocca de Nosso Senhor JESU Christo. No capitulo nono do Evangelista S. Marcos nos intíma o rigor das penas do Inferno, daquelle vèrme da consciencia, que sempre roe, e nunca morre, daquelle fogo terrivel, que sempre arde, e nunca se apaga: *Ingehenam ignis, ubi vermis eorum non moritur, & ignis non extinguitur.* E depoys de ter repetido bem tres vezes esta admoestaçaõ, para que a tivessemos sempre viva na memoria, e firme no coraçaõ, accrescenta depoys estas palavras, e acaba com dizer, que todo Peccador será salgado com fogo, e toda a victima será salgada com sal: *Omnis enim ignis salietur, & omnis victima sale salietur.* E que enfatico fallar he este, salgar os corpos humanos depoys de resuscitados, e as mesmas Almas com fogo, a modo de sal! O fogo, e o sal, diz Saõ Hilario, saõ as propriedades necessarias para os Peccadores, que saõ as victimas de holocausto, que haõ de ser eternamente immoladas á justiça de Deos: *Omnis victima sale salietur.* O sal tem duas propriedades, a primeyra he de consumir tudo aquillo, que causa corrupçaõ; a segunda he de produzir hũa especie de incorruptibilidade no individuo, que desèca. Assim o fogo do Inferno tẽ estas duas propriedades, queymará os corpos dos Condenados depoys de resuscitados, os desecará, e conservará para sempre incorruptiveis. Ainda mais; da mesma maneyra, que para preservarmos algũa carne da corrupçaõ, a salgamos de sorte, e com tal advertencia, que a virtude, e acrimonia do sal se insinùe em todas as partes, e a penetre toda, assim o divi-

Marc. 6.9.46.

Marc. 6.9.50.

no

nò Juiz irritado, como Deos das vinganças: *Deus ultionum.* Fará, que o fogo do Inferno ſe inſinùe em todos os membros, e penètre todo o corpo de qualquer Condenado. A alma eſtará toda empapada, e embebida, como em hum tanque de fogo, *in ſtagno ignis.* *Apoc. c. 10.* O corpo achando-ſe, como diſſemos, em hũa fornalha de fogo, todos os ſeus ſentidos exhalaràõ tambem chammas de fogo. Fogo nos olhos, fogo nos ouvidos, fogo nos narizes, fogo na bocca, e garganta, fogo no coraçaõ, fogo nos miòlos, fogo nos tutanos dos oſſos. Naõ averá nem veyas, nem nervos, nem tendões, nem muſculos, nem junturas, nem cartilagens, nem parte minima de hum dedo da maõ, ou do pè, que naõ fique cuberta, e penetrada do fogo. Por iſto o Profeta Iſaias fallando do fogo do Inferno para melhor exprimir a ſua grande actividade, o chama fogo devorante: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante.* *Iſai. c. 32 14.* E o Profeta David ameaçando os Peccadores diz, que o fogo do Inferno os devorará a todos. *Devorabit eos ignis.* Mas naõ baſtava dizer, que eſte fogo infernal os queymará eternamente com huma dor inſoffrivel, os atormentará com hum ardor inexplicavel! Naõ. Naõ baſtava; quer dizer, que como todo o manjar, que ſe come, ou devòra, paſſa na ſubſtancia de quem o recebe, aſſim o corpo, e a Alma de hum condenado, paſſarà como em alimento, e ſubſtancia do meſmo fogo, ficando em hum certo modo todo o compoſto humano tranſubſtanciado nelle. Oh Peccador enganado, como eſtaràs bem ſalgado no Inferno! Victima deſgraçada da juſtiça de Deos, infeliz holocauſto das ſuas vinganças, como eſtaràs bem embalſamado, com hum fogo, que ſempre arderá, e te queymarà, ſem nunca te conſumir: *Omnis Peccator igne ſalietur, & omnis victima ſale ſalietur.* Meu Senhor JESU Chriſto, Salvador, e *Pſal. 20 12.*

Redemptor meu. E que estranha metamorfosis he esta, que em mim vejo, e que mudança para sempre em mim taõ deploravel! Vós me tendes creado neste Mundo para arder em chammas de vosso amor, e me vejo condenado para arder eternamente no fogo da vossa ira. Eu fuy destinado para ser a victima da vossa caridade, para vos amar, para vos bendizer, para vos adorar eternamente, e será possivel, que eu queyra antes ser o holocausto da vossa indignaçaõ, e furor! Oh triste peccado mortal (já começo a cahir no verdadeyro desengano) quam grande deve de ser a tua malicia, pois obrigas a hum Deos taõ misericordioso, e que tanto nos ama a precipitarnos no Inferno, para soffrer eternamente tormentos, que quanto mays os considéro, sempre mays os acho incomprehensiveis, e inexplicaveis.

Digo incomprehensiveis, porque, quem não percebe bem a malicia do peccado mortal, o desprezo, e affronta, que faz a Deos, nunca poderá perceber o rigor, com que o castigarà na prisaõ do Inferno; com penas, e tormentos taõ inexplicaveis, e inperceptiveis, quanto inexplicavel, e imperceptivel he a nòs o mesmo Deos, cujas perfeyções, e attributos, saõ infinitos. Todos os Monarcas da terra unidos, diz S. Joaõ Chrysostomo, naõ tem poder de produzir huma mosca, ou hũa formiga, e Deos com hũa só palavra creou o Mundo todo de nada, e com elle todas as Creaturas: *Ipse dixit, & facta sunt.* Naõ he este hum final evidente da sua Omnipotencia? Mostrou o seu infinito saber, na substancia, e uniaõ das essencias, que sendo compostas de qualidades entre si contrarias: *Frigida pugnabunt calidis, humentia siccis.* Em lugar de se destruirem, se conservaõ, e subsistem. O attributo da sua misericordia se vè manifestamente no altissimo misterio da Incarnaçaõ; e assim discorrendo dos mais.

D. Chry hom. 15. ad Pop.

Psalm. 148.

Metam lib. 1.

Com

Com tudo em dous lugares, todas as ſuas perfeyções, e atributos, obraõ com toda a força, e virtude. No Paraíſo, e no Inferno. No Paraíſo; por ſer a recompenſa dos Bemaventurados, poys os Santos o tem ſervido, e amado com todas as forças, com todo o coraçaõ, e com todas as potencias da Alma; he juſtiſſimo, que todas as perfeyções Divinas ſejaõ occupadas, em lhes procurar todos os bens imaginaveys na ſua bemaventurança. O ſegundo lugar he o Inferno, aonde todos os attributos ſeraõ inceſſantemente applicados no caſtigo dos Precitos; e aſſim os caſtigaráõ com todo rigor da ſua juſtiça, da ſua omnipotencia, da ſua immenſidade, da ſua ſantidade, da ſua infinidade, da ſua eternidade, e para dizer com Tertulliano tudo em duas palavras: *Inplenitudine Divinitatis ſuæ.* E quando Deos caſtiga hum Condenado com todo o ſeu ſer, com todo o ſeu poder, com todo o ſeu ſaber, que penas, que tormentos poderà a mente humana imaginar, que ſejaõ adequados aos que na realidade padecem? Senaõ confeſſar com S. Paulo, que conforme á miſericordia Divina, para premiar os ſeus eſcolhidos, lhes tem preparado no Paraiſo hũa bemaventurança, que os olhos humanos nunca viraõ ſemelhante, *nec oculus vidit.* Os ouvidos nunca ouviraõ diſcurſos, que a igualem, ou a expliquem, *nec auris audivit.* E o noſſo entendimento nunca poderà formar idéa, que correſponda a hũa perfeyta poſſeçaõ de todos os bens ſem a minima miſtura de mal; *Nec in cor Hominis aſcendit, quæ præparavit Deus iis, qui diligunt illum.* Aſſim por hũa juſta, verdadeyra, e infallivel opoſiçaõ podemos dizer o meſmo da priſaõ do Inferno, que he impoſſivel a todo entendimento humano o poder comprehender, e explicar as penas, que Deos tem preparadas aos Precitos ſeus Inimigos: *Nec oculus vidit, nec auris audivit nec in cor Hominis aſcendit, quæ*

Tertul.

2. Cor. cap. 2. 9

præparavit Deus iit, qui oderunt illum.

Quero concluir este primeyro discurso, e provar o que até agora tenho dito, com hum reparo de S. Dionysio Areopagita. Diz este grande Santo, e naõ menos grande Theologo, que querendo Deos representar algũa imagem da sua unidade, encerra muytas cousas na simplicidade de hũa só substancia, assim temos na Escritura sagrada, que no simples maná encerrou Deos todos os gostos, e todos os sabores para o palladar do Povo escolhido: *Omne delectamentum in se habentem, & omnis saporis suavitatem.* Daqui se segue, que como a misericordia Divina emprega toda a sua Omnipotencia, e todos os seus attributos obrando milagres no Ceo, e na Terra a favor dos seus escolhidos, para que no simples lume da gloria achem (como dizem os Theologos) todos os bens: *Omne bonum.* Assim tambem he forçoso, que a sua justiça se sirva da mesma sua Omnipotencia, e mais attributos, para castigar na prisaõ do Inferno os Reprobos, elevando milagrosamente o fogo, e encerrando na simples sua substancia todo o genero de tormentos, toda especie de penas, e como diz o Profeta Job, hum extracto de todas as dores, que podem atormentar a Alma, e o corpo de hum Condenado: *Omnis dolor irruet super eum.* Oh prisaõ, oh Inferno, oh fogo! quem em vòs sempre cuydara, para fugir o peccado, e viver santamente. Oh prisaõ, quanto es medonha! Oh Calabouço, quanto es horrivel! Oh fogo quanto es tormentoso! Com razaõ a tua lembrança fazia tremer a S. Bernardo prorompendo nestas palavras: *Oh Regio dura, & extimescenda, terra afflictionis, & miseriarum, à Carcer fugiendus, locus tormentorum. Totus tremo, atque horreo, ad memoriam istius regionis concussa sunt omnia ossa mea.* A lembrança desta prisaõ, com a simples consideraçaõ do que se passa nella, me faz arrepiar os cabe-

Sap. cap. 16. 10.

Job cap. 20.

D. Bern. Serm. de quinque Regionibus.

belos, tremer as carnes, e gelar o ſangue nas veyas. Oh Peccadores! Se hum Santo, que na flor da ſua mocidade, primeyro de conhecer o Mundo, o tinha deixado para recolherſe, e viver em huma Religiaõ auſtera com tanto exemplo, e innocencia da vida, que fazia a cada paſſo milagres, atè reſuſcitar mortos, teme, tréme, e deſmaya ao nome de Inferno, que ſerà de tantos, que achando-ſe com milhares de peccados mortaes, não tem feyto, nem cuydaõ fazer taõ cedo penitencia, differindo-a enganados para a hora da morte. Diſſe, enganados, porque nenhum Peccador Condenado eſtá no Inferno, ſe não porque neſta vida não quiz cuydar no Inferno. E como bem diz S. Joaõ Chryſoſtomo. Nenhum daquelles, que vivendo neſte Mundo, ou naõ cuida, ou deſpreza, ou não faz caſo, quando ouve fallar das penas do Inferno, eſcaparà o meſmo Inferno: *Nullus ex iis, qui gehenam deſpiciunt, effugient gehenam.* *Chryſ. hom. 2. in ep. 1. ad Theſſ.*

Eis aqui (Peccadores) o juſto ſupplicio da priſaõ eterna do Inferno, que Deos tem preparado para caſtigar o abuſo da noſſa liberdade. Oh maldita, oh execranda liberdade, que como diz o Apoſtolo S. Pedro, he o vèo de todas as culpas, e peccados: *Velamen habentes malitiæ libertatem.* Vòs quereis neſte Mundo cuydar nos objectos mais viſtoſos, e que mais vos deleitaõ. Vòs quereis dizer mal de todos, e fallar nas honras deſtes, ou daquelles como mais vos agrada. Vòs quereis fazer o que vos parece melhor, para contentar o voſſo brutal apetite, e as voſſas payxões deſordenadas. Deſemganay vos, que não ſerá ſempre aſſim. E ſe agora por breviſſimo tempo gozais mal, e individamente da voſſa liberdade, no Inferno naõ ſerà ſó impriſionada a liberdade exterior, ficando immoveis todos os membros do corpo, como diſſemos no primeyro ponto, mas tambem a liberdade interior *D. Petr. ep. 1. c. 2*

das potencias da Alma, memoria, entendimento, e vontade. Agora não tendes hum quarto de hora de tempo, para cuydar em Deos, e meditar as verdades eternas. Agora naõ fazeis caso dos Prègadores quando reprehendem os vossos vicios, e vos admoestaõ, que deyxeis as vaidades no Mundo, para tratares da vossa salvaçaõ. No Inferno não vos lembrará outra cousa, que o tempo perdido, e o desprezo de tantas inspiraçoens Divinas, e de tantas occasiões de vos salvar. Agora naõ podeis ouvir huma Missa, nem rezar hum terço do Rosario, sem hum continuo fluxo, e refluxo de distracções. No Inferno sereis perfeytos Contemplativos, sem nunca ter em toda a eternidade hũa minima distracção. O vosso entendimento será sempre fixo, invariavel, e forçosamente obrigado, em naõ cuydar outra cousa, que o vosso descuydo em deyxar a Deos nosso unico, e verdadeyro bem por amar, e servir as Creaturas, e fazervos escravos do Demonio. E este será o pensamento successivo, e consideração perpetua, em que se occuparà eternamente o Precito: *Detinebitur intellectus ad considerandum, & voluntas ad detestandum.* A vontade será tambem captivada, e constrangida a detestar necessariamente a sua eterna desgraça para sempre: *Detinebitur voluntas ad detestandum.* Amaldiçoaràõ a si, e a hora, em que nasceraõ, aos pays, e as mãys, que os geràraõ, e criàraõ, e a todos aquelles, que foraõ cumplices das culpas, & delictos, que cometeraõ. Estas saõ as lembranças estes saõ os argumentos, e discursos, que já fazem os Condenados, e faraõ para sempre os Peccadores impenitentes no Inferno: *Detinebitur intellectus ad considerandum, & voluntas ad detestandum.*

Caiet. in D. Cho,

Vivia na Cidade de Paris hum Doutor celeberrimo com tam grande fama de saber, que todos o veneravaõ por hum poço de letras, e a elle concorriam

Rosu. l. 1. exẽp. 23.

nas

nas demandas mays embaraçadas. Fez eſte hum concerto com outro Letrado ſeu Amigo, que o primeyro delles, que morreſſe, tornaſſe a dar parte do eſtado, em que ſe achava na outra vida, como là ſe paſſava, e o que là ſe fazia. Em menos de hum anno morreo o celebre Doutor, e por permiſſaõ Divina appareceo logo ao Letrado ſeu Amigo veſtido de hũa beca com huma gorra na cabeça, tudo de cor purpurea, porque tudo era fogo. Diſſe, que o ſeu eſtado era de Precito, a ſua eſtancia, em que havia de morar eternamente, era o Inferno: *Infernus domus mea eſt.* E pergun- *Job cãp.* 17.13.
tandolhe o Letrado ſe no Inferno o ſeu grande ſaber lhe ſervia de algum alivio; reſpondeo, que de mayor tormento, pois toda a rezaõ, ſaber, e diſcurſo ſe lhe era barrido da memoria. *Nec ratio, nec ſcien-* *Eccl c.* 9.10.
cia, nec ſapientia erunt apud inferos. Que no Inferno ſó ſe repreſentava no entendimento dos Condenados, hũa unica, e breve queſtaõ: *Quid non ſit pœna?* Quer dizer, ſe havia alguma couſa naquella priſaõ, que não deſſe tormento, ou naõ foſſe puro penar; e que todos por experiencia reſolvem, que no Inferno, naõ ha, nem haverá por toda a eternidade inſtante de tempo, em que hum Condenado tenha hum pequeno ſocego, ou hum minimo alivio: Porque como diſſemos: a priſaõ do Inferno he hum lugar, aonde o Precito nunca gozará de bem algum, e para ſempre padecerà todos os males. Pois o ſeu eſtado aſſim o pede: *Eſt ſtatus malorum omnium aggregatione perfectus.* Eu confeſſo, que naõ tenho palavras para exprimir o meu paſmo, conſiderando hum Catholico, que vive em peccado mortal, e naõ faz reflexaõ, nem repára ao perigo imminente de cair para ſempre no inferno. Os Navegantes, que eſtaõ no mar alto, eſtaõ pouco diſtantes do naufragio. Aſſim a vida delles, como a morte conſiſte em hũa taboa da groſſura de dous dedos. Os

Pec-

Peccadores, que navegaõ no mar tempestuozo deste Mundo, tem sempre debayxo dos pès hum mar de fogo, e tudo, o que os divide, he muyto menos, que a grossura de hũa taboa; quero dizer hũa vida fragil, e sogeyta a mil accidentes. Naõ he necessaria, a queda de hum Cavallo, ou hũa espinha na garganta, basta hũa respiraçaõ tomada, ou hum ar de apoplexia, para deytarse valente, e amanhecer morto, ou levantarse prospero, e anoytecer para sempre no Inferno. Eu para mim (meu Deos) naõ vos saberey nunca dar as devídas graças, por me ver livre de tantas occasiões, e perigos do Mundo; e de ter hum estado de vida, em que devéria cuydar só nesta prisaõ do Inferno, para assegurar melhor a minha salvaçaõ. Se vòs naõ podeys deyxar o Mundo de todo, deyxay-o ao menos com o affecto, e para o poder deyxar com o affecto, deyxay o peccado, e fazey penitencia; e estejais certos, que nenhũa cousa vos fará experimentar a penitencia mais suave, e mais doce, nem vos fará aborrecer mais o peccado, que ter frequentemente no sentido a intoleravel, e horrorosa prisaõ do Inferno; porque, como diz S. Joaõ Chrysostomo; naõ he possivel, que quem tem medo, e cuyda na eterna duraçaõ das penas do Inferno torne cedo, e com facilidade a peccar: *Fieri non potest, ut anima de gehena, sollicita citò peccet.*

Hom. 2. in ep. 1. ad Thess.

DIS-

RPJCB

TORMENTO DA VISTA

DISCURSO II.

Do tormento da viſta entre as trevas do Inferno.

In æternum non videbit lumen. Pſal. 48. *Exordio*

SEmpre julguey por verdadeyro aquelle apologo, que no meſmo throno naõ cabem dous aſſentos, na meſma Monarquia dous Principes, na meſma Igreja dous Paſtores *Hæc ſedes non capit una duos.* Naõ he aſſim neſte Mundo pequeno do compoſto humano; aonde reynaõ dous Monarcas entre ſi taõ unidos, que iguais nos movimentos, ſemelhantes na repreſentaçaõ dos objectos, ſem pertençaõ, ou inveja, vivem irmãmẽte contentes do ſeu governo. Eſtes dous Monarcas ſaõ os olhos, que collocados em ſitio eminente dominaõ as mais partes do corpo, ſenhoreaõ, ſem ſerem Neptunos, todos os mares, medem em hũ inſtante as Cidades, os campos, e os boſques; e ſendo pequenas eſtrellas da terra, piſquizaõ, e devaçaõ as eſtrellas da primeyra grandeza, e os mayores Planetas do Ceo: ſaõ logo os olhos dous Principes, que, deſcidas as cortinas das peſtanas encerraõ-ſe no

ſeu

seu real gabinete, negando sua presença a todos; e estas levantadas, a todos se mostraõ, prevem os perigos, provem as necessidades, brilhantes alegraõ; tristes desconsolaõ, agastados offendem, piadosos movem, e abrandaõ atè ao mesmo Deos dando-lhe hũa nova casta de pezames pela morte da Alma com os peccados, derramando aos pès do Crucifixo hum poder de perolas. Estas perolas saõ as lagrimas, que nacidas no mar de hum coraçaõ contrito, saem dos olhos, como das suas conchas, e sobem logo na estimaçaõ de Deos a taõ alto preço, que qualquer Mercador Evangelico pòde dar por bem empregada toda a sua fazenda, para com hũa dellas comprar o Reyno do Ceo. Oh lagrimas bem afortunadas, se nos fazem desprezar o Mundo, e nos tiraõ do Inferno para nos meter no Paraiso! Saõ Mattheus no seu Evangelho, bem quatro vezes faz mençaõ, e repete os choros, e lagrimas continuadas dos reprobos naquelle calabouço eterno: *Ibit erit fletus, & stridor dentium.* E S. Bernardo considerando, e meditando esta repitida sentença de nosso Senhor Jesu Christo lhe pedia, que os seus olhos fossem duas fontes perennes nesta vida, para prevenir as lagrimas, e choros eternos na outra: *Quis* (inquit) *dabit oculis meis fontem lacrymarum, ut præveniam fletibus fletum æternum, & stridorem dentium.* E com muyta razaõ; e espirito; porque (como diz elle) as lagrimas saõ pelo intoleravel tormento do fogo, que sempre arde, e queyma, e nunca se apga; o estridor dos dentes pelo verme da consciencia, que sempreròe, e nunca morre: *Fletus quidem* (inquit) *ob ignem, qui non extinguitur, stridor verò dentium ob vermem, qui non moritur.* Sobre o fundamento de hũa doutrina taõ solida de S. Bernardo, e taõ util, e necessaria para a salvaçaõ de nossas Almas, alevanto o assumpto deste segundo discurso, que divido logo em

Matth. cap. 8.

Bern. Ser. 16. in Cant

Bernar. Serm. 8. in Psal. Qui habitat.

em dous pontos. No primeyro veremos o horrivel tormento, que padecerão os olhos no Inferno pela culpa das viltas peccaminosas; e no segundo, que só as lagrimas dos mesmos olhos nascidas da dor, e arrependimento de tantas culpas, nos pòdem livrar desta pena.

He cousa digna de reparo, que a providencia Divina dèsse aos olhos dous officios, e aos mays sentidos do corpo dèsse hum só. Ao olfacto deu-lhe o cheyrar, aos ouvidos o ouvir, o gostar ao gosto, o tocar ao tacto; porèm aos olhos dobrou os officios dando-lhes o ver, e o chorar. E isto porque? Porque, como a mayor parte dos peccados tem ordinariamente o seu principio nos olhos, era conveniente, que da mesma fonte, em que residia a doença, sahisse prompto o remedio: na mesma officina, aonde se formava o veneno, se fabricasse tambem o antidoto. A primeyra culpa, que houve no Mundo, foy a de Adam, e Eva. E que principio teve? O ver. *Vidit.* E parecendo-lhe o pomo formoso aos olhos. *Pulchrum oculis*, logo comeo, e presentou-o a Adam, para que tambem comesse delle: *Comedit, deditque Viro suo.* Genes. c. 3. v. 6. Castigou Deos esta culpa de lesa Magestade; com desterrar logo a ambos os Delinquentes do Paraiso terreal, para com esse degredo livralos juntamente da occasião proxima da reincidencia: *Et omisit eos Deus de Paradiso voluptatis.* Gen c. 3. v. 14. Cousa notavel! no mesmo tempo, que se deu à execução esta sentença, mandou Deos hum Cherubim com hũa espada de fogo na mão, e que estivesse sempre à vista de Adam, e Eva nas portas do Paraiso: *Collocavit ante Paradisum Cherubim, & flameum gladium, atque versatilem.* Genes. v. 27. E não bastava para declarar o castigo da sua Divina justiça hũa espada de aço com hũa tempera finissima, como foy a de Judit. que degolou a Olofernes, ou a de David, que de hum só

só golpe cortou a cabeça a hum Gigante? Naõ. Havia de ser de fogo, que lhe representasse o Inferno, que mereciaõ, e tambem esta havia de ser espada versatil, que quer dizer esgrimidora, lançando chammas horrorosas, e fulminantes para atemorizar a vista de Adam; e Eva; considerando o tormento, que haviaõ de soffrer os seus olhos peccaminosos no baratro Infernal, quando humildes; e mortificados naõ continuassem a fazer penitencia, que, ainda que era de novecentos annos, lhes pareceria suave, e breve, em comparaçaõ da eternidade.

O principal tormento da vista no Inferno será a falta da luz, como diz o Profeta David: *In æternum non videbit lumen.* Huma prizaõ taõ apertada, hum carcere taõ estreito, he forçoso tambem, que seja demasiadamente escuro. Porque a mesma multidaõ de tantos corpos amontoados, huns sobre os outros, e apertados como as uvas no lagar, ainda que o Inferno fosse claro como o dia, naõ havendo lugar por onde possa passar a luz, ou outra materia diafana, e transparente, he necessario, que fique com hũa escuridaõ perpetua, como huma noyte eterna. Porém esta escuridaõ, e esta noyte, quiz Deos para mayor castigo dos Condenados, que fosse hũa qualidade propria do fogo do Inferno, chamada na escritura com nome de trevas. O Glorioso Apostolo Saõ Tadeo, depoys de ter escrito com admiraveis metaforas a atrevida maldade dos Peccadores, acaba dizendo: *Hi sunt quibus procella tenebrarum servata est in æternum.* Estes saõ aquelles, para quem está guardada para sempre hũa tempestade de trevas. *Procella tenebrarum.* E que combinaçaõ tem as trevas com a tempestade? Muyta. Porque assim como nas tormentas do mar se enche o emisferio de hũas nuvens grossas, e medonhas; escurece-se o Sol; levantaõ-se as ondas, enfurecem-se os mares; e naõ se ouve

Psal. 48

Juda 13

ouve mays, que o roncar medonho neste furibundo elemento; o Zenit dos Tuffoẽs impetuosos; o ranger das enxarças; o rasgarse das vèlas; o romperse dos cabos; o abalarse dos mastros; aqui gritos, e alaridos dos marinheyros; acolà lagrimas, e arrependimento dos navegantes; e finalmente, tudo he humà confusaõ de fazer, para evitarem o perigo da morte, e salvarem as vidas. Da mesma maneyra no mar de fogo do Inferno se acharáõ os Condenados entre hũas trevas, e escuridões; huns blasfemando contra a justiça divina, que os lançou naquelle calabouço infernal. Outros amaldiçoando os Pays, e as Mãys, que os gerárаõ, e criàraõ. Estes daráõ bramidos como Leões, e quererãõ poder despedaçar a quem os incitou ao peccado; e aquelles daráõ em furias como desesperados. Ajunte-se a isto os estrondos, e ruidos, que faraõ os Demonios, atormentando os corpos dos Reprobos com mil generos de tormentos, tomando visagens medonhas, dando risadas, fingindo pesquins, e fazendo escarnio das culpas, que neste Mundo cometèraõ; pelo que naquelle carcere infernal tudo será, como disse Job, hum Cháos, huma confusaõ, hũa desordem, e a vista hum perpetuo horror: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* *Job.10*

Entre as grandes pragas, que Deos mandou aos Egypcios para castigar a soberba delRey Faraò, ainda que todas foraõ molestas, medonhas, e asquerosas, com tudo, só a praga, e castigo das trevas, tem na Sagrada Escritura, o epiteto, ou apellido de horriveis: *Factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Ægypti.* E porque sómente as trevas haõ de ter este sobrenome de horriveis, e as outras pragas naõ? A mayor razaõ dará o doutissimo Interprete Nicolao de Lyra, que comentando este texto repara, que era tal a escuridaõ, que nenhum Egypcio via ao outro, nem *Exod. 10. v. 22.*

ouça-

ousava partir, ou mudarse do lugar, em que estava: *Nemo vidit Fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat.* Accrescenta mays, que appareciaõ entre elles huns fantasmas taõ espantosos, hũas figuras taõ medonhas, huns Monstros taõ abominaveis, e lhes causavaõ tal horror, que já desejavaõ antes mil vezes a morte que a vida. Do mesmo modo glosa este passo o Cardeal Hugo; porèm com hum reparo digno do seu eminentissimo engenho, e do seu grande espirito: *Horribiles dicuntur tenebræ, quia apparebant eis quædam imagines valde eos deterrentes. Heu Domine Deus, quid erit in Inferno.* Quer dizer; se as trevas do Egypto, sendo como empreitadas, daõ hum tormento taõ excessivo; se os corpos fantasticos, que viaõ entre ellas, lhes faziaõ tal assombramento, que se durára mays tempo este castigo, a terra do Egypto ficaría inhabitavel. Oh bom JESUS! Que será no Inferno! Aqui as trevas saõ como sombras, que espantaõ. No Inferno saõ realidades, que affligem. Neste Mundo saõ figuras fantasticas, que apparecem para fazer medo. No Inferno saõ verdadeyros Demonios, que com a vista, e com todo genero de penas atormentaõ. A Aguia dos Doutores S. Agostinho com o Eminentissimo Cardeal Caetano Interprete Classico de Santo Thomás seguindo a versaõ dos Setenta, saõ de parecer, que estas pragas do Egypto foraõ antes ameaços a Faraò, que castigo: *Ad similitudinem illudentis, manifestat Deus, se facere hæc signa, quasi non seriò, sed joco afflixerit Deus Pharaonem, & Ægyptos.* A modo de quem faz zombaria, mandou Deos estas trevas ao Egypto, como se naõ de vèras, e seriamente, *sed jocoso contemptu*, mas como se com despreso ridiculo quizesse fazer medo a Faraò, e mortificar aos seus Vassallos.

Nicul. de Lira ibi.

Hugo in Exod cap. 3.

D. Aug & Card. Caiet in hunc locum.

No anno de 1588. estando Felippe Prudente, Monarca de Castella em guerra viva com Inglaterra, e Olan-

Olandezes, mandou huma potente, e numerosa Armada, que com vento prospero, e bom successo entrou em poucos dias no canal de Inglaterra. Avistou logo as fragatas de linha dos Inglezes, que vinhaõ saindo de Londres; e da banda do Sudueste a Armada de Olanda, que dous dias antes levantou ferro em Dunquerque, e velejando buscava encorporarse com a Ingleza. Achou-se de repente a Armada Catholica como cercada das duas Armadas inimigas, e faltando totalmente o vento, todos foraõ constrangidos a botar ferro. Ficou depois aquelle inconstante elemento taõ constante na bonança, que sendo por razaõ do clima naturalmente turbulento, agora que havia de ser temido, e soberbo por carregar no seu curso maritimo as tres mayores Armadas de Europa, compendiadas em 300. Navios de guerra; como humilde, e rendido a tanto peso parecia o mar pacifico. Chegou a noyte, e como era muyto escura, e o mar taõ quieto, determináraõ os Cabos Olandezes de dar hum sobresalto aos Castelhanos, lembrados, que poucos mezes antes, com huns navios de fogo, estando no cerco de Amberes, lhes tinhaõ queymado alguns pataxos, e embarcaçoens meudas, sahiraõ de repente com oyto chalupas carregadas de gente, que mais hiaõ para folguedo, que para a peleja. Levavaõ todos hũs fachos acesos nas mãos, e davaõ taes brados, e vozerias, que bem mostravaõ, hiaõ mais depressa a fazer medo, que a intentar alguma grave entrepresa. Com tudo a Armada Espanhola entre as trevas, e escuridaõ da noyte, vendo aquellas luzes, e ouvindo o estrondo daquellas gritarias, naõ podendo distinguir, nem atinar o que era, pareceram lhes as oyto chalupas oyto navios de fogo, que hiaõ a renovar o triste successo de Amberes. Pelo que sobresaltados de hum temor bem fundado, que de noyte as naos devem

Card. Bent. histor. Belg.

Pachaq. tom. 1b. 75.

vem estar longe do fogo, sem esperar para ver de mais perto, o que era, cortáraõ logo as amarras, e tratáraõ de por-se ao largo. E como por acaso entrou o vento contrario, que se foy despertando, procuráraõ os Cabos de declinar todo o vento nocturno, e esperar a luz do dia, parecendo-lhes, que, pegando o fogo com a força do vento, naõ se poderia apagar. O escuro da noyte foy grande, mayor porèm foy a confusaõ, porque naõ se viaõ os navios amigos, nem se ouviaõ os Comandantes, nem appareciaõ sinaes, e assim topando-se huns com os outros, muytos se perdèraõ, e os mais separados buscàraõ os seus portos. Grande lastima de hũa Armada Catholica taõ florente ficar como vencida, e sem effeyto por hum folguedo, naõ sey, se fingido, ou verdadeyro, ou para melhor dizer, por hum rebate falso de quatro marinheyros. Ora se os fogos de noyte, que representados em muyto mayor quantidade em tempo, que se celebraõ as pazes, ou nasce algum Infante, ou Princepe soberano, saõ materia de tanta alegria, e diversamente representados em tempo de guerra saõ capazes de influir tanta tristeza, e de atemorizar, e destruir tantos Alumnos de Marte; e se as trevas do Egypto acompanhadas de humas figuras fantasticas, que Deos mandou como espantalhos de meninos, para humilhar a soberba de Faraò: *Ut illuderet Ægyptiis.* Parecèraõ aos Egypcios taõ horriveis, e insoportaveis que se durassem mais tempo, haviaõ como desesperados de buscar a morte. Que será pois das trevas do Inferno! Que horror! Que tormento! Que terriveis representaçoens se acharaõ naquella masmorra! Por isto o Profeta Job, considerando a terribilidade destas trevas, pedia a Deos, que sendo a sua vida taõ breve, lha dilata-se por algum espacio de tempo, para chorar, e ter dor das suas culpas, a fin de naõ ser

Gloss. interl. in Exod.

ser condenado para huma terra cheya de miserias, e de trevas (assim chama elle ao Inferno) aonde quem entra huma vez, he para nunca mais sair: *Nunquid paucitas dierum meorum finietur brevi. Dimitte ergo me, ut plangam paululum dolorem meum, antequam vadam, & non revertar ad terram miseriæ, & tenebrarum.*

Tambem Christo no seu Evangelho chama ao Inferno com nome de trevas exteriores; e assim naquelle banquete das vodas, vendo entrar hum Reprobo, que naõ tinha a veste nuptial da graça, mandou, que atado de pès, e mãos, o lançassem nas trevas exteriores: *Ligatis manibus, & pedibus.* Eis-ahi os apertos da prisaõ, e a estreyteza do carcere, de que fallamos no discurso antecedente: *Mittite eum in tenebras exteriores.* Eis-aqui as trevas do Inferno, de que agora vamos discorrendo. He doutrina do Angelico Doutor Santo Thomás, que o fogo do Inferno terá (como veremos em outro discurso) hum ardor de qualidade intensissima, porèm sem luz alguma: *Ibi erit ardor sine claritate.* Arde, e arderá sempre com hum milagre opposto, e totalmente contrario ao fogo de Babilonia. Quando os tres mancebos naõ quizeraõ idolatrar á estatua delRey Nabucodonosor, mandou o soberbo Principe, que se accrescentasse sete vezes mais o fogo nas fornalhas, de modo, que as chammas sobiaõ quarenta e nove covados mais alto que as mesmas fornalhas: *Præcepit. ut succenderetur fornax septulum, quam accendi consueverat, & effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem.* E com tudo nessa occasiaõ, querendo Deos salvar aos tres mancebos, suspendeo ao fogo toda a potencia de arder, e queymar, e deyxou-lhe só a propriedade de luzir. No Inferno não será assim, porque Deos para mayor castigo dos Condenados, não só deyxará

Matth. cap. 22.

D. Tho. in opusc.

Dan. c. 3.

ao fogo o appetite innato de queymar, e consumir, mas lhe elevará á potencia, porque arda, e queyme com mayor actividade, e suspenderá toda a luz, ficando hũa escuridaõ medonha, hũas trevas horrendas. Estas trevas, affirmaõ muytos Santos Padres, que teraõ seus lucidos intervallos, quero dizer, huns como vapores igneos, ou exhalaçoens acesas Da mesma maneyra que em huma tempestade nocturna, entre as nuvẽs mais densas apparecem relampagos. Estes porèm, he tanto pelo contrario, que aliviem, ou recreem a vista dos navegantes, que antes, os atemorizaõ mais, e lhes accrescentaõ nova pena, por serem prenuncios de algum rayo, que caindo os poderá consumir. Assim entre as trevas do Inferno, apparecerà hũa nova casta de luz sobre modo pallida, e medonha, nascida daquelle fogo, cuja materia será de enxofre, pez, e outros betumes hediondos. Esta luz misturada com huma insoffrivel fumaça, que encherà toda aquella grutta infernal, será por permissaõ divina bastante, para se enxergarem as horriveis visagens, os aspectos monstruosos, e as fantasmas medonhas, que em corpos fantasticos, e como quimericos tomaraõ os Demonios para mayor tormento dos Peccadores. Oh vistas horrendas! Oh trevas medonhas! Oh noyte eterna! Considere o Peccador a desesperaçaõ de hum Reprobo, condenado por toda a eternidade em hũa prisaõ taõ escura.

Mar. Histor. Hisp. Mandou ElRey Dom Fernando de Castella, prender a Dom Diogo Osorio, e ordenou, que levado a Sivilha, o assegurassem em huma casa de segredo, que havia nos carceres daquella Cidade. Entrou na prisaõ pelas seis horas da tarde, e foy tal o horror, e *Pach. t.* assombro, que teve, considerando-se fechado na- *2. l. 33.* quelle calabouço taõ escuro, foraõ tantas as imaginaçoens, que lhe perturbavaõ o juizo naquella noyte,

que

que estando na primavera dos annos, amanheceo com o inverno da velhice, tendo a cabeça taõ carregada de brancas, que parecia cuberta de neve. Bem se podia dizer de D. Diogo, o que o Principe das agudezas disse de outro em hum caso semelhante. *O nox quàm longa es, quæ facis una senem.* Melhor differa. *O nox quàm longa est, quæ caret una die.* Que nunca mais verà a luz do dia, nem a aurora, nem quem estiver nella, nunca será velho, mas sempre por toda a eternidade como moço, e fresco aos tormentos eternos. Oh noyte, como es comprida, poys chegas a fazer hum homem de moço velho! Ora, se huma noyte, que durou bem poucas horas sem mais tormento, que ficar o Rèo entre as escuridões de hum carcere, foy bastante para obrar hum excesso taõ extraordinario, de trocar repentinamente a mocidade em velhice. Que effeytos naõ obraráõ as trevas do Inferno! As trevas do Egypto duráraõ só tres dias, e com tudo dalhes a Sagrada Escritura o sobrenome de horriveis: *Factæ sunt tenebræ horribiles tribus diebus.* E que nome darèmos nòs áquellas trevas, que depois de durarem tres milhões de seculos, duraráõ por toda a eternidade! Oh Peccador desgraçado, que vivendo com a cegueyra da culpa, desprezas agora a luz da graça, para ficar sepultado para sempre nas trevas do Inferno! Oh noyte eterna! *Horrida, lurida, squallida, tetrica, terribilis nox.* Oh noyte escura! Triste, de quem cair em ti, porque nunca mais verà a bella luz do dia: *In æternum non videbit lumen.*

Mar. l. 4. epigr.

Drex. de inf.

Exod. c. 10.

Heroin. Hug. eleg. 13.

Obrigou Christo a huma legiaõ de Demonios, a que largassem o corpo de hum Endemoninhado. Obedecèraõ elles logo ao imperio da voz Divina; he porèm de reparar, que sendo os Demonios os Coriscos da soberba, com petiçaõ humilde, o supplicàraõ,

por compayxaõ naõ os desterrasse no tenebroso abismo do Inferno: *Rogabant illum, ut imperaret illis, ut in Abissum irent.* Extravagante naõ menos que implicada petiçaõ! Se o Inferno foy creado da Omnipotencia Divina; *primariò* para os Demonios, conforme se lé no Evangelho: *Qui paratus est Diabolo, & Angelis ejus.* E elles bem sabem, que he, e ha de ser a sua propria morada. Mais, se elles saõ capitaes inimigos dos miseros condenados, e se desvelaõ com toda a ancia, para os atormentar sempre mais; como naõ correm logo para a sua negra officina de tormentos, & com o triste fogo, e com a lugubre fumaça naõ desabafaõ contra os desgraçados Reprobos a sua ferissima tirania? Mais, se esta mesma legiaõ de Demonios, que residia no corpo do endemoninhado, podendo viver em hum campo aberto, assistir no povoado, habitar em palacios; diz o mesmo Evangelho, que buscava as escuridões dos sepulchros, as trevas dos monumentos: *Neque enim manebat in domo, sed in monumentis.* Como logo pedem a Christo com tantas vèras, que naõ os obrigue, a restituirem-se com a sua residencia naquelle tenebroso sepulchro do Inferno? *Ne imperaret illis, ut in abissum irent.* Ah que muyta differença vay dos monumentos da terra ao abismo do Inferno; das escuridões desta vida às trevas eternas. Estas saõ taõ horriveis, e insoportaveis; que o mesmo Demonio, com ser o Antesinhano da soberba, abate a bandeyra, só pela esperança de se ver por algum tempo, ainda que breve, livre dellas: *Est locus tenebrosus.* Saõ palavras de Saõ Cyrillo Alexandrino: *Quem ipse quoque Diabolus pertimescit.* E se o mesmo Demonio com ser o Principe das trevas: *Princeps tenebrarum.* Sendo o Inferno cheyo de infinitos tormentos, só destas trevas se queyxa, e pede algum alivio; que será dos miseraveis Peccadores,

Matth. cap. 8.

Matth. cap. 21.

Matth. cap. 8. v. 25.

S. Cyril. tract. de exitu animæ.

res, quando se verão eternamente condenados naquelle baratro escuro, aonde estarão todos atados, como diz o Espirito Santo, com a mesma corrente de trevas! *Una catena tenebrarum erunt omnes colligati.* Estranho modo de fallar, mas porêm enfatico. Quer dizer, que as trevas lhes servirão de prisão, de correntes, de algemas, e grilhões; e como cegos não se atreverão dar hum passo, nem mudar sitio, nem virarse a outra banda, annellando sempre naquella noyte escura a que amanheça alguma luz; mas nunca apparecerà a estrella da alva, nem amanhecerà outra aurora, que aquella de principiar sempre a sua pena: *In æternum non videbit lumen.* *Sap. cap. 17.*

Este tormento das trevas não será incompassivel com o tormento da vista; porque no Inferno os tormentos se dão de mão, huns aos outros, e com hum modo admiravel fazem liga entre si os contrarios; e assim o fogo não derreterá o gelo, nem a agua apagarà o fogo: e a mayor intençaõ de hum calor summo *ut octo* não poderà diminuir o minimo grao de frio *ut unum*: *Quod enim mirabile erat, in aqua, quæ omnia extinguit, plus ignis valebat. Nix autem, & gelu sustinebant vim ignis.* Da mesma maneyra, os olhos de hum Condenado naquellas trevas do Inferno, entre as horriveis fumaças de tantos corpos, que eternamente se estão assando, serão como cegos para ver a qualquer objecto, que for capaz de lhe dar algum alivio; pelo contrario, para ver aquelles monstros horrendos, informes, e agigantados, não será, como fabulava Virgilio, sem vista: *Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum.* Antes, para sua mayor pena, será hum Lince, que trespassará com hũa vista aguda, e penetrante as montanhas de corpos precitos, que tem amõtoados sobre elle. Será hum Argos de cem olhos, para ver hũa multidaõ *Sap. cap. 16. vers. 17. & vers. 22.* *Æneid. lib. 6.*

innumeravel de Demonios encaretados com espectros diabolicos, representando figuras taõ extravagantes, e espantosas, que o Profeta Job, e toda a Sagrada Escritura naõ as sabe explicar, senaõ, com o nome de horriveis: *Vadent, & venient super eum horribiles.* Diga agora o vulgo, e repita muytas vezes, este seu adagio. O Demonio naõ he taõ feyo, como se pinta. Oh bocca sacrilega, que tal disseste! Oh lingua diabolica, que ditado taõ pernicioso para as Almas proferiste! Eu bem entendo, o que encerra em si semelhante proposição. Quer dizer, que o Peccado naõ he aquelle monstro taõ abominavel, como o descrevem os Prègadores, affirmando trazer comsigo o fel amargoso do arrependimento; e na verdade assim he, ao depois que a deliquente natureza se fartou da doçura, que traz comsigo o mel do deleyte. Oh Peccador, Deos te livre, a ti, e a todo Fiel Christaõ, de ver, nem por hum instante ao Demonio. Vio-o o glorioso Patriarca S. Francisco, e confessou ao veneravel Frey Gil seu Companheyro, que era impossivel, sem auxilio especial de Deos, olhar para tal monstro, sem se morrer de repente. Refere S. Antonino Arcebispo de Florencia, que tendo visto hum Religioso ao Demonio, disse, que antes de tornar a velo, elegeria antes entrar para sempre em hũa fornalha de fogo. Narra S. Bernardo, que aparecendo o Demonio a hum seu Patrizio, deo tal alarido, que acudiraõ todos os vesinhos, e ficando muyto tempo sem falla, tornando depois em si, fazia rigurosas penitencias, mas sempre como frenetico, e furioso. Finalmente S. Caterina de Sena por permissaõ divina por hum só instante vio ao Demonio; e pelo tempo adiante pedia continuamenre a Deos, que antes a fizesse caminhar descalça por hum caminho lastrado de fogo athe o dia do juizo, que tornar a ver hum objecto taõ horroroso.

Job cap. 20.

Cron. p. 4. tit. 1. c. 5.

S. Ant. n Dial tr. 1. c. 28.

D. Bernar. sup. Psal. 9.

Blos. mon Spir. cap. 14.

De-

Destes todos se verificou, o que disse o Profeta Job figurado na Pessoa de hum Peccador: *Hostis meus terribilibus oculis me intuitus est.* Torne a dizer agora o vulgo ignorante, que o Demonio naõ he taõ feyo, como se pinta. Sirva de remate a este primeyro ponto hũa prova do Angelico S. Thomàs, ademitida comumente de todos os Theologos; e vem a ser, que assim como no Paraiso ha o lume da gloria, que conforta, e eleva a potencia; captiva suavemente os Santos, e os une à vista de Deos, obrigando necessariamente a sua vontade a amalo, e o seu entendimento a ver as suas perfeyções, e os olhos a ver a humanidade de Christo com aquelle gosto immenso, que resulta da visaõ beatifica: assim no Inferno o fogo encerra em si hum lume de pena, huma luz de infamia, que ainda, ao entendimento, e vontade dos condenados, os fará conhecer a sua summa miseria, e obrigará os seus olhos a ver necessariamente todos os monstros, e espectros, que temos dito, e souberem inventar os Demonios, com todas as mais figuras medonhas, e mais terriveis, que forem capazes de excitar nos Precitos o assombramento, o furor, e a desesperaçaõ; e vendo tudo isto forçadamente, estaraõ sempre sepultados nas trevas, sem nunca ver hum rayo de luz, que os alivie, ou console: *In æternum non videbit lumen.* *Job cap. 20.* *Psam. 48.*

Resta agora o vermos no segundo ponto, como os olhos saõ a causa principal deste tormento das trevas; e assim a elles toca com as lagrimas continuadas apagar o fogo de tantas culpas, que o acendèraõ. Anda celebre entre os Juristas hum ponto de direyto muytas vezes desc itido, e vem a ser; se basta, para tomar posse de algũa herdade, ou fazendas, velas só com os olhos, ou se seja necessario ir com á presença local tambem tocallas? este tomar posse dos bens do Mundo só com a vista, sem mais nada, tem grandes con-

controversias nas leys; e achaõ-se muytos jurisperitos, que seguem o contrario. Porèm nos bens da Alma, e nas materias de espirito he decisaõ já firme; e juridica de todos os Santos Padres, que no mesmo instante, que os olhos viraõ a algum objecto, logo tomáraõ a posse completa delle. E esta decisaõ he infallivel, por ser fundada em varios arèstos publicados por boca do mesmo Deos, e dos seus Profetas. Santo Ambrosio chama aos olhos redes, e laços, com que prendem, e captivaõ as Almas mais innocentes: *Ratio qu bus speciosas Juvenum animas capiunt.* Saõ Bernardo, e Teofilato os chamaõ correyos, e traydores, que entregaõ á morte as proprias Almas, que lhes daõ a vida? *Nuntii læthales animæ proditores.* O Profeta Hieremias chorava a sua desgraça, em ver, que os seus olhos captivàraõ a sua Alma: *Oculus meus depræ datus est animam meam.* E Christo no seu Evangelho nos adverte, que qualquer, que lançou os olhos, e vio a hũa mulher por mào fim, vem a ser o mesmo, que já ter tomado posse della no seu coraçaõ: *Qui viderit mulierem ad concupiscendum, eam jam mechatus est in corde suo.* Grande liga, ainda que oculta, devem de ter entre si os olhos, e o coraçaõ. Parece-me, que entre elles passa aquella secreta correspondencia, que tem entre si certos montes, que de quando em quando lançaõ fogo. Observáraõ os curiosos, como no mesmo tempo que o Vesuvio em Napoles, e o monte Etna em Sicilia lançavaõ em Italia tantas lavaredas de fogo, que parecia hum incendio; no mesmo tempo por canos subterraneos; e por vias ocultas outros montes do Chile, e do Potosî na America Meridional se enfureciaõ, lançando chammas, como se passasse entre elles huma reciproca intelligencia. E he certissimo, que no anno 1672. quando houveraõ aquelles grandes terremotos, que as-

Ambr. lib. 1 de Abel. c. 4.

Bern. Ser. 10. ad Fr.

Thr. c. 3

Flor. ven in tr. de reb. Ital.

assoláraõ Arimino, e muytas outras Cidades do estado Pontificio, e do Reyno de Napoles, correndo a costa do mar Adriatico, no mesmo tempo houveraõ semelhantes terremotos na Cidade de Lima no Perù, correndo a costa toda do mar do Sul, que chamaõ Pacifico. Esta mutua intelligencia, e este comercio occulto entre os olhos, e o coraçaõ, he taõ infallivel, que para livrarmo-nos no mar tempestuoso desta vida das crueis tormentas das tentaçoens, naõ ha melhor remedio, que ser bom Piloto dos olhos, vedando-lhes todo o rumo, que com vistas incautas vay dar nos abrolhos dos objectos profanos. E bem se confirma com o nosso ditado Portuguez. O que os olhos naõ vem, o coraçaõ naõ deseja. Tanto assim que o Profeta Job naõ achou mayor argumento, com que provar a innocencia da sua vida inculpavel, como alegar a Deos, que nunca o seu coraçaõ tinha seguido os seus olhos, quando na variedade dos objectos tinhaõ sido pouco acautelados: *Si secutum est oculos meos cor meum.* *Job c.31*

Cuyda o vulgo pouco intelligente nas materias de espirito, que os olhos saõ nossos amigos; pelos muytos divertimentos, que nos daõ sempre intentos a nos fornecer de novas especies, recreando-nos com variedade de cores em milhares de objectos, como já disse o Poeta amante do arco Iris: *Mille trahit varios adverso Sole colores.* *Ovid. Met. l.2* Muyto mais, que Christo diz no seu Evangelho, que os olhos saõ como nossas guias, fazendo officio de pagens, que carregaõ as tochas para diante, livrando nos de mil quèdas, e tropeços: *Lucerna corporis tui oculus tuus.* Ainda assim digo, que os olhos saõ os peores inimigos, que temos, assim o ffirma por experiencia o grande Mestre da milicia espiritual, que já não se atrevendo com tantas batalhas a bom livrar, tratou de pactear tregoas *Matth. cap. 5.*

com

Job cap. 31. com elles: *Pepigi fœdus cum oculis meis.* He certissimo, que as tregoas naõ se fazem com os amigos, mas com os inimigos intendos a pelejar. E prouvera a Deos, fossem só inimigos como os mais, capazes ao menos de alcançar huma paz firme; mas nunca se podem vencer na batalha de qualidade, que naõ fiquem no campo, senaõ meyo rendidos, e sempre capazes de nos acometer tantas vezes, quantos saõ os novos, ou antigos objectos, que nos representaõ na Alma: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de Virgine.* Estranho modo de fallar! Os olhos naõ foraõ creados para cuydar, mas para ver. Mais! Na guerra, que move o peccado à Alma, os olhos naõ saõ os Capitães, nem os soldados, mas saõ simples exploradores, e naõ fazem outro officio, que de espias, relatando tudo ao pensamento, com a representaçaõ fiel à Alma do modo, que o objecto na aparencia existe. As tregoas não se tratãõ com as espias, nem se ajustaõ com os exploradores, mas com os Generaes, e Plenipotenciarios, que para isto saõ deputados. Assim he mesmo. Porèm considerava o Santo Profeta, como perîto na arte, o grave dano, e a rota total do exercito, que se avia de seguir, se désse entrada a estes exploradores. Via no olhar, que o pensamento curioso o seguia; no pensamento via o deleyte; no deleyte o consenso; no consenso a obra; na obra o habito; no habito a desesperaçaõ; na desesperaçaõ a impenitencia final, na impenitencia final a condenaçaõ; na condenaçaõ o Inferno. E assim prevendo este total exterminio da sua Alma, queria pactear a tempo com as espias, que saõ os olhos, porque tendo a elles obedientes, e pacificos, escusava de experimentar a força das tentaçoens; a violencia dos assaltos com risco evidente de ficar vencido, e roto na batalha. Sabia, que nas praças fortificadas,

em

em nenhũa parte se usa de mayor prevençaõ,e cautela, que em guardar, e defender bem as portas. Assim na fortaleza da Alma achaõ-se cinco portas, que saõ os cinco sentidos. Porèm, nenhuma he mais facil a ser conquistada que a da vista; por isto todos os Santos Padres, seguindo a doutrina de Christo, tanto encomendaõ a vigilante cautela dos olhos. E esta he a porta contra a qual o Demonio levanta logo a primeyra bataria, assegurando-se com a experiencia, que, esta vencida, fica a nobre praça da Alma conquistada. Assim foy vencido David olhando para Bersabè em hum eyrado: *Vidit mulierem se lavantem in solario.* Assim se perdeo Dina com o Principe de Sichem, por curiosa em querer ver o trajo das mulheres estranhas: *Egressa est Dina, ut videret mulieres.* Assim o confessa de si o Poeta amante, que o mesmo foy o ver, que cair no laço de mil erros, e morrer: *Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error.* Refere Tertulliano de hum certo Filosofo, que desesperado de poder olhar para as mulheres, sem as cubiçar, arrancou de si generosamente ambos os olhos: *Quod muliere sine concupiscentia aspicere non posset, & doleret si non esset potitus, excævit se.* Este Filosofo, com ser Pagaõ, sem ter luz algũa do Evangelho, interpretou ao pè da letra, e com todo rigor o conselho de Christo: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum, & projice abs te.* A ley Divina naõ requer tanto nos seus preceytos. Basta que tenhamos tregoas com elles, e naõ lhes larguemos o campo na batalha, e se por acaso nos vencerem, os obriguemos com as lagrimas a restaurar o dano, que nos tem feyto. Assim o ensinou S. Ambrosio a huma Donzela, que pouco acautelada tinha caido como fragil em huma miseria humana. Saya o remedio (diz elle) das mesmas fontes, por onde se distillou a culpa: *Oculi lacrymis defluant,*

2. Reg. cap. 11.

Genes. cap. 33.

Ovid. de art. am.

Tertul. in apol. cap. 46.

Matth. cap. 18.

fluant, qui masculum simpliciter non aspexerunt. E já que os olhos perdendo a simplicidade innocente, com faiscas amorosas acenderaõ o incendio da culpa, he bem justo, que com continuados rios de lagrimas o apaguem.

Succede muytas vezes neste Mundo, que as lagrimas, ainda que nascidas da tristeza, ou de algum estranho accidente, que nos afflige, e molesta, socegue, ou aliviem a dor da nossa pena: *Sedatur lacrymis, egeriturque dolor.* No Inferno, naõ será assim, antes tudo ao contrario. O chorar será sempre continuado, e eterno; porque o ardor do fogo, e a atrocidade dos mais tormentos obrigaràõ à força os miseros condenados a deplorar a sua miseria: *Ibi erit fletus.* Mas quando virem, que este choro naõ modera, nem move a compayxaõ, antes irrita os Demonios, a serem mais crueis, e provoca os companheyros, e os cumplices na culpa, a insultar, e proferir mayores blasfemias, entaõ o choro passa em furor, em rayva, e em desesperaçaõ, que os incita, e obriga ao estridor dos dentes: *Stridor dentium.* Como bem o explica S. Bernardo: *Planè verò fletus ex dolore, stridor dentium ex furore.* Verificando-se a sentença do Profeta Rey contra os Peccadores Precitos: *Peccator videbit, & irascetur, dentibus suis fremet, & tabescet.* Oh se os Peccadores considerassem os gemidos desesperados, e os choros inuteis dos Precitos no inferno, quanto aborreceriaõ as apparencias enganosas deste Mundo, cujos deleytes, e delicias passaõ em hum momento: *Momentaneum quod delectat, æternum quod cruciat.* Oh se experimentassem, quam doces, e quam suaves saõ as lagrimas derramadas por hum coraçaõ contrito, e pesaroso de ter offendido a Deos, toda a pena lhe pareceria delicia, e todo o trabalho leve? Vesitava Saõ Joaõ Climaco os Mosteyros

Ovid. de arte.

Matth. 31.

Bernar. Ser. 8. in Psalm. Qui habitat.

Psal. 3.

ros da sua Ordem, e achou entre os mais Religiosos a hum Leygo cosinheyro, que sempre chorava, e fazia a cosinha com humildade, e paciencia, a mais de duzentos Monges. Quiz saber delle, como Superior, o principio, e fundamento de tantas lagrimas. Respondeo o Leygo, que elle se imaginava de servir a nosso Senhor Jesu Christo, e aos seus Discipulos, e como para cosinhar com attençaõ, lhe era necessario estar sempre ao fogo, considerava a graça, que Deos lhe tinha feyto, de o livrar do fogo do Inferno, que elle muytas vezes tinha merecido, por tantos peccados cometidos no seculo.

Nos desertos da Sitia estava o Abbade Macario em conceyto de grande virtude, e santidade pelos muytos milagres, que obrava. Determinàraõ os outros Monges em hum Capitulo geral, que fizeraõ, mandalo chamar, para que os dirigisse na vida Monastica, e lhes désse algũas regras, ou breve instruiçaõ, para a reforma dos seus Mosteyros. A penas que chegou Saõ Macario, logo todo aquelle sagrado congresso se lançou de geolhos; e admirados da sua humildade, e modestia, quizeraõ á força beyjarlhe os pès, pedindo-lhe, que quizesse consolar a todos com alguma pratica espiritual, com que renovassem o fervor, e espirito da antiga observancia. Entaõ Saõ Macario depois de hum breve espacio de oraçaõ feyta a Deos, deu principio à sua pratica com estas palavras mal pronunciadas, pelo interrompimento das lagrimas, e soluços, com que as dizia: *Ploremus (inquit) ò Fratres, & lacrymas nostri oculi producant, antequam hinc eò migremus, ubi lacrymæ comburunt corpora.* Choremos, Irmãos carissimos, e os nossos olhos se derretaõ em lagrimas de dor, e arrependimento, para evitarmos de ir áquelle lugar, aonde as lagrimas ficaráõ inuteis, e queymaráõ para sempre os nossos corpos. *Rosu. lib 3. n. 9.*

pos. Este foy o exórdio, estes forão os discursos, estas forão as provas, esta foy a peroraçaõ, e epilogo de todo o Sermaõ; e al naõ disse; deyxando a todos os Monges pensativos, e chorosos, e com proposito firme de lavar dahi por diante com lagrimas os seus deffeytos, e de seguir a mais regida observancia.

Passava Christo com a Cruz às costas pelas ruas de Jerusalem, quando ouvio os gemidos, e lagrimas de humas devotas mulheres, que lastimando a sua cruel morte, se rendiaõ inconsolaveis. Cuydava eu, *Matth.* que Christo as consolaria com a sua doutrina: *Beati* c.5. *qui lugent, quia ipsi consolabuntur.* Porêm acho, que as exhorta a continuar com as lagrimas, e que derramando-as, não tenhaõ lastima delle, mas lastimem a si, *Luc.*23 e aos seus filhos: *Filiæ Hierusalem, nolite flere super* v. 29. *me, sed super vos, & super Filios vestros.* Pois, continùa a sua exhortaçaõ deste modo. Porque virà tempo, em que diraõ. Bemaventuradas as mulheres, que naõ pariraõ, e as paridas, que naõ vingaraõ os Filhos, e pediráõ aos montes, e aos valles, que os sepultem. Porque se assim se accende o fogo dos tormentos no lenho verde, como sou eu; que fará na lenha seca, e *Luc.*23 disposta dos Peccadores? *Quoniam ecce venient dies, in* v. 1. *quibus dicent: Beatæ steriles, quæ non genuerunt, & ubera quæ non lactaverunt. Quia si in viridi ligno hoc faciunt, in arido quid fiet?* Muito cuidado dava a Christo o fogo, que se havia de accender na lenha seca, e disposta dos Peccadores, quando naquelle extremo desfalecimento causado da grande carga da Cruz, ainda se lembrava delle. Diz Tertulliano, que o fazer Christo mençaõ do uso matrimonial na fraze de parir, e criar os filhos, foy declarar com honestas palavras as torpezas, e deleytes illicitos, que saõ como a lenha jà alcatroada, para arder no fogo do Inferno. E ainda que Teofilato he de parecer, que Christo neste

ſte paſſo fallaſſe metaforicamente, dando a entender, que na deſtruiçaõ de Jeruſalem, muytas mãys com horror inaudito haviaõ de aſſar ao fogo os ſeus filhos, e comelos: *Erant fœminæ crudeliter ſuos filios aſſaturæ, & comeſturæ.* Iſſo ſerá huma interpretaçaõ accomodaticia ao pè da letra; mas em ſentido tropologico da Igreja Militante naõ ha duvida, que muyto mayor cuydado davaõ a Chriſto as fornalhas aceſas do Inferno, a cujo fogo lento haõ de ſer aſſados vivos os Peccadores para ſempre. Confirma eſta myſtica, e importante doutrina o Veneravel Beda, explicando as citadas palavras de Chriſto: *Quia ſi in viridi ligno hoc faciunt, in arido quid fiet?* Se eu Cordeyro innocente, ſendo por natureza impeccavel, parto deſte Mundo cercado do fogo de tantos tormentos; ſe eu, ſendo a verdadeyra arvore da vida, florente, e verdejante, pelas maldades do meu Povo ſou deſtinado ao ſacrificio, como a mais cruel victima da morte: *Propter ſcelera Populi mei percuſſi eum.* Que penas, que tormentos eſtaõ preparados, para as arvores ſecas dos homens, para as figueyras eſtereis dos Peccadores! Conſideremos attentos eſtas palavras de Chriſto já agonizante, para que excitem em nòs hum verdadeyro arrependimento das noſſas culpas. Profundemo-nos com a imaginaçaõ neſte incendio, que á viſta da luz medonha deſte fogo infernal (diz Tertulliano) ſe deſtillará pelos alambiques dos noſſos olhos a mais ſubida quinta eſſencia de lagrimas, ſacadas per antiperiſtaſis de hum verdadeyro arrependimento das meſmas roſas de Venus, e das mais flores de Cupido: *Oculi lacrymis defluant, qui cupidine inflammati in venereum amorem arſerunt.*

Teof. in hunc loc

Beda ibi.

Iſai cap. 53.

Teof. ibi

He opiniaõ dos Santos Padres, que entre eſtas devotas filhas de Jeruſalem, a quem Chriſto deu por conſelho, choraſſem a ſi, e naõ a elle: *Nolite*

flere super me, sed super vos ipsas flete. Estava tambem a Magdalena, que, penetrando o sentido das palavras do Redemptor, aplicou-as a si, e considerando a sua escandalosa vida, parecia-lhe ser ella o pao seco, que
Luc. 13 só servia para queymar no Inferno: *Mulier in Civitate Peccatrix.* E, como diz S. Joaõ Chrysostomo, naõ só se julgava peccadora, mas o mesmo peccado de toda a Cidade: *Non peccatrix solùm, sed totius Civitatis facta ipsa peccatum.* Conheceo ella, que na pouca cautella dos seus olhos, se rematava o compendio de
Chrys. in hom. fol. 5. todas as suas maldades: e que a fonte dos seus vicios manava dos mesmos olhos igualmente culpados, (como diz S. Ambrosio) tanto por curiosos em ver, quanto que por libidinosos em serem vistos: *Invicem, se eadem oculorum grætia desiderant, ejusdem libidinis est videri, & videre.* Resolveo-se logo a Magdalena a separarse de seus Irmãos Lazaro, e Maria; e porque já lhe aborrecia o nome de Cidade, que lhe deu o ti-
Ambr. in Esam tulo de Peceadora: *In Civitate peccatrix.* Largou logo a Marcella, e foy buscar a gruta mais escondida dos Alpes, para não ver mais, e nunca mais ser vista. Mas que importa, que ella cerrasse os olhos a todo objecto humano affastando-se de tudo, o que chamamos Mundo visivel, se o Demonio na imaginação, e fantasia com a lembrança do passado, lhe armava hũa guerra invisivel. Naõ Magdalena, (dizia o Demonio) naõ he possivel passar em taõ breve tempo de hum estremo a outro: *Nemo repente fit summus.* Passar da Cidade ao deserto, da conversaçaõ á solidaõ, será conversaõ de pouca dura. Quem se acostumou a ter por sua morada hum palacio, pouco poderà durar em huma cova Alpestre. Nunca peccou de ingrato, quem teve sangue fidalgo nas veas; muyto mais quando a pessoa he amorosa de genio, e branda por natureza; entaõ virar as costas, a quem idolatrava aos vossos olhos

olhos, he hũa especie de tyrannia, que nunca teve jazigo na Corte. Quantos choraõ agora em Betania, porque naõ vos vem chorar nessa gruta, e se agora podessem enxugar as vossas lagrimas, logo parariaõ as suas. Quantos suspiraõ, por naõ poder ouvir hum dos vossos suspiros: que, se os ecos desta espelunca là retumbassem, como cá retumbaõ os vossos ays, já Betania, já a Palestina, já a Judea toda formaria a sua Corte neste deserto. Bem sey que o vosso Divino Mestre vos inculcou a penitencia; e que ensina no seu Evangelho, que naõ ha de ser no inverno da velhice: *Orate ne fuga vestra fiat in hyeme.* Mas tambem vòs naõ deveis tazela na primavera dos annos; pois com a flor da mocidade, corre risco evidente de naõ se vingarem os frutos della. Seja logo no veraõ da vida, quando a idade já vay para madura; e assim vingando os desejados frutos da penitencia, se lograráõ sasonados: *Facite vobis fructus dignos pœnitentiæ.* Atè aqui o Demonio, para enganar a Magdalena, a fim de que cessando com as lagrimas, differisse a penitencia. Mas ella como quem se desperta de hum leve sono, abrio os olhos da Alma, e conhecendo o engano, começou a flagellarse. Dobrava os suspiros, e redobrava os açoutes, e entre as lagrimas, e saluços, dizia. Chora Peccadora, chora. Chorou Ezechias, e chegando ás portas do Inferno, com as lagrimas apagou aquelle incendio. Peccou David huma só vez, e com tudo as lagrimas foraõ taõ abundantes, que de dia lhe serviaõ de bebida, e de noyte lhe alagavão o leyto, em que se recostava: *Potum cum fletu miscebam, & lacrymis stratum meum rigabam.* Poucos instantes durāraõ as negações de Pedro, quando por medo se mostrou vacillante no amor de seu Mestre; e com tudo despenhava-se de dia, e de noyte em huma tor-

Matth. c. 14.

Luc. 6. 5.

Psal. 6. *Psalm.* 101.

rente de lagrimas, que sulcando as faces, deyxáraõ formados dous regos, por onde continuamente corriaõ: *Petrus autem amarè flebat.* Chora Peccadora; chora Magdalena, naõ por temor do eterno tormento das trevas, merecendo os teus olhos de ver nunca mais a luz Divina: *In æternum non videbit lumen.* Chora Magdaleua, e refina as tuas lagrimas, chorando as ausencias do teu Amante JESUS, que para ser teu esposo, te perdoou tantas culpas, para depois dotar para sempre a tua Alma com o lume da gloria. Atè aqui Magdalena ensinando-nos com o seu fervor o modo, com que havemos de rebater as tentações do Demonio, e da carne. Diz Saõ Cypriano, que todas as vezes que a Magdalena se lembrava dos seus peccados, logo chorando se rebaptizava nas suas lagrimas: *Cum se sordidam agnosceret, fletibus se abluit, & lacrymis se baptizat.* Muytos se alegraõ, e consolaõ em ler, ou ouvir a conversaõ da Magdalena, e argumentão assim. A Magdalena foy publica Peccadora, e naõ só se salvou, mas foy huma grande Santa: logo me salvarey tambem eu. Esta consequencia (diz Santo Ambrosio) he falsa, e juntamente enganosa. Porque a Magdalena naõ se salvou porque foy Peccadora; mas porque foy penitente, e derramou muytas lagrimas. O mesmo haveis de fazer vòs; se quereis salvarvos: *Si secutus es Magdalenam errantem, sequere pœnitentem.* Larguem daqui por diante os vossos olhos o officio, de ver a qualquer objecto incentivo da culpa, e tomem por officio, como diz o Profeta Hieremias, de derreterse de dia, e de noyte em lagrimas de arrependimento: *Deducant oculi mei lacrymas per diem, & noctem.* Oh doces, e mil vezes felices lagrimas, pois dellas emana a redempçaõ dos nossos peccados: *Felices lacrymæ, quibus est redemptio peccato-*

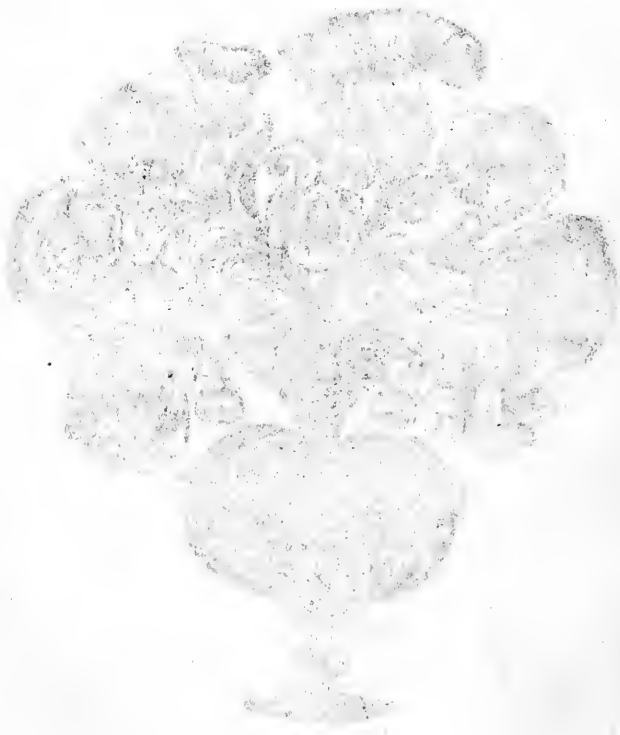
Matth cap. 26.

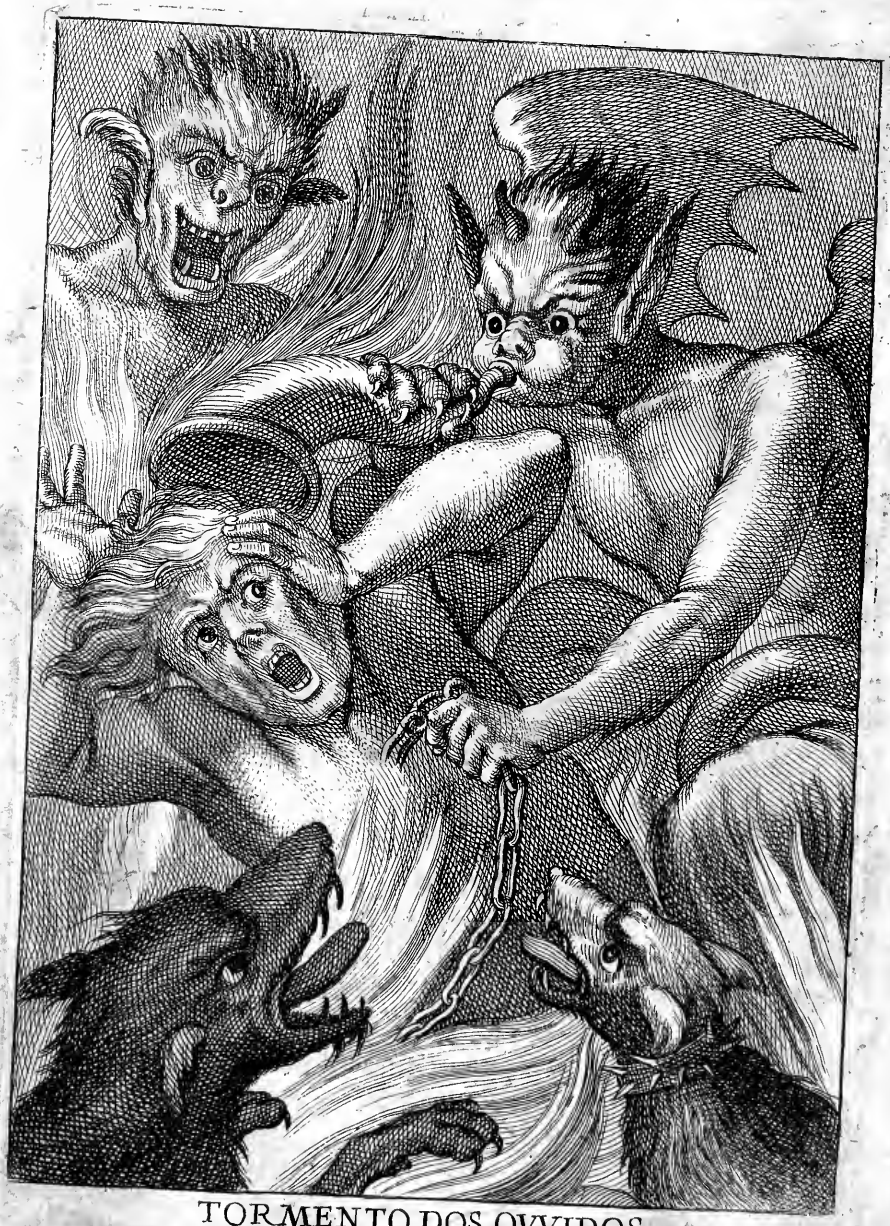
D. Cipr. orat. 22. super M. Magd.

D. Amb ad Cæs.

Hyerem cap. 14. Ambr. in Esam.

catorum. Estas lagrimas, diz Saõ Gregorio Papa, saõ como hum novo bautismo, que apura a vista do nosso entendimento: *Mens lacrymis baptizata vidi limpidius.* Produzem na Alma hũa nova regeneraçaõ da graça, para fugirmos das trevas do Inferno, e alcançarmos o lume da gloria, que he a eterna bemaventurança. *D.Greg. Mor.*





TORMENTO DOS OVVIDOS

DISCURSO III.

Do Tormento dos Ouvidos.

Vox Citharedorum, & Muſicorum non audietur amplius. Apoc. 18.

A Muſica, arte admiravel, pedra Iman dos coraçoens humanos, ainda que a façaõ naſcida na obſcura officina de Tubalcain, quando com os armoniosos golpes dos tres martellos, com uniſona diſſonancia retumbando, fez obedecer, e ſervir o ferro, ao bom, ou mao uſo deſta triſte vida; com tudo, naõ faltaõ Authores, que digaõ, ſer divina a ſua origem, trazendo os ſeus principios da ſciencia infuſa em Adaõ. Ariſtoteles chama à Muſica, alivio, e refrigerio das noſſas penas. Platão hũa doce, ainda que effimera, ſepultura dos noſſos cuydados. Os Gregos contavaõ a Muſica no numero das ſciencias, e faziaõ as meſmas honras aos Muſicos, que aos Poetas, coroando-os com coroas de louro. S. Agoſtinho, que cõ a agudeza da ſua penna, eſcreveo ſeis livros em louvor da Muſica, proclama a Solfa por arte Divina, e quey-

Joſ. Ebr l. 6. de antiq.

Lib. 8. pol.

Lib. 4. de Rep.

xando-se, que a sua nobreza naõ seja conhecida, antes despresada na terra: *Quoniam vilescit in terris.* Amea-
Aug lib 1. de Mus. ça ao Mundo, com dizer, que tornarà a recolher-se no Ceo. E julga, que o ser alguem amante da Musica, he hum final, ou huma tal qual congruencia de ser predestinado. Canonizou pois Deos a Musica como santa, quando ordenou, que no seu Templo houvessem quatro mil Musicos, com largos estipendios
Paral. 1. c. 15. cada anno, para cantarem de dia, e de noyte os seus louvores: *Universi ad cantandum in Templo Domini, distributi erant, in cymbalis, psalteriis, & citharis.*
Pau. Idiac. in vita. Por isto S. Gregorio Papa naõ deyxou de ser grande, por ensinar elle mesmo aos moços do coro o canto chaõ, que do seu nome se chama o Gregoriano, nem S. Luis Rey de França abateo da sua Magestade, nem Carlos Magno poz em menos preço a coroa imperial, porque ambos honráraõ as solemnidades da Igreja, com cantarem publicamente nella. Pois se a Musica he hũa arte, que os mesmos Anjos exercitaõ, co-
Luc. cap. 1. mo se ouvio em Belem no nascimento de Christo: *Gloria in excelsis Deo.* Se he hũ ensayo da Bemaventurança; se he hum rasgo da gloria do Paraiso; como logo tanta gente por causa della se perde? E quanto mais suave, e delicioza parece aos ouvintes, com tanto mayores penas lhes atormentará os ouvidos no inferno. E esta será a total materia deste discurso, em que mostraremos os grandes males, e danos, que causaõ as cantigas deshoneztas, e os bayles, e dançaz indecentes, atè fazerem estrago total nos Povos, e Republicas; e no fim veremos a terribilidade dos tormentos, que soffreraõ estes musicos, e tangedores, que povoaráõ o inferno de tantas Almas, que com a sua innocencia, e cantigas devotas estariaõ no Paraiso. O uso bom, ou mao da musica: o ouvir, ou cantar cantigas licitas; ou illicitas, he o que merece o pre-

premio, ou a pena; he o que dá a vida, ou a morte.

Doutamente advertio Platão a todos os Magistrados, que por nenhum caso consintaõ na sua Republica mudanças de Musicas; porque estas nunca se fazem sem mortaes parocismos no governo, e sem notavel prejuizo das Leys: *Nunquam enim Musici modi mutantur, absque maxima legum civilium mutatione.* *Plat. Dial. 8. de Resp. apud Stob.* E tenho reparado, ser isto assim, porque neste Brasil depois que se inventaraõ certos generos de bayles, e cantigas, no espaço de quinze, ou vinte annos, vaõ serpando os vicios, e depravando-se os costumes, com mayor licença, e publicidade; e ainda que o Prelado, como Ercules Ecclesiastico, com a clava do seu baculo pastoral, faz o possivel para extinguir esta Hydra cortandolhe com a espada da Igreja a cabeça; o espirito infernal do Asmodeos faz nascer logo outras mais peiores, que os sete demonios, de que Christo falla no seu Evangelho: *Cum immundus spiritus exierit; tunc vadet, & assumet septem alios spiritus nequiores se, & fiunt novissima pejora prioribus.* *Luc. 11* E que a Musica com hũa doce violencia prenda os corações, troque os affectos, e mude os costumes; he cousa taõ certa, como a experiencia em tantos casos o tem mostrado, e nòs o mostraremos, com o que se segue mais adiante.

Alexandre Magno foy desde Infante inclinado a ouvir, e tocar instrumentos; atè que o seu rigido Pedagogo lhe disse, que a sua maõ real fora talhada para o scetro, e naõ para o plectro: *Non ad plectrum, sed ad sceptrum.* *Ælian. l. 3. bis. Sabel. lib 10. c. 8.* Guardou porèm sempre especial amor o Timoteo, celebre Citaredo, e juntamente Musico taõ insigne, que se assimilhava a Orfeo, naõ o fabuloso daquelles tempos. Este como fido Achates, o acompanhava ainda no exercito, aonde reparando hũ dia, que elle estava com os seus Aulicos sobre o triste, e como sonolento, armou de repente na viola huma batalha,

co-

começou a correr as cordas, primeyro as solas, depois todas juntas, como quem vay buscando, e assegurando, a consonancia, apertando depois a prima, a modo de quem toca hum clarim; carrega logo como de salto no bordaõ, e contraprima, parecendo hum tambor batente com pifaros, e saindo no mesmo tempo com a sua voz angelica começou a cantar, Guerra, Guerra, Alexandre; Alexandre, Guerra. Mudou semblante o valeroso Principe, com subirlhe o fogo de Marte ao coraçaõ, e já com os olhos em chammas, ao modo, que Turno, instigado por Juno contra os Troyanos, gritou: *Ferte citi ferrum, date tela scandite muros.* Assim Alexandre, desembainhando a espada, e já vestido do furor bellico, levantou a voz, e dice. Armas; armas; toquem depressa as cayxas; em fileyra todos; cadahum ao seu posto. Então Timotheo, tocando com som mais leve a retirada, e mudando com a viola totalmente a sena, com voz entre amorosa, e languente cantava. Paz, Alexandre, paz. Ao teu valor já todo o Mundo cede. Parou o invicto Heroe, e já com o vulto sereno, já despindo as armas, mostrava nos olhos o fogo marcial apagado. Continuando pois Timotheo os seus Vilansicos, e descantes, com a fineza da arte, e com o languido do som, fazia acabar a voz em deliquios; e Alexandre passando com suave metamorfosis de Leaõ a Cordeyro, experimentou em si a volubilidade dos seus affectos; que quando os imaginava mais terriveis, como soldado valente, ao som de hũa viola se deyxou cair desmayado, como hũ amante.

Plut. in vita.

Virg. l. 9.

Esta he a suave violencia, com que o objecto presente da Musica atrahe a si a potencia sensitiva dos ouvidos; e ainda que nunca poderá predeterminala fisicamente, com tudo com suavidade, e doçura a obrigarà a privaricar, e seguir, o que por via do som, e

do

do canto, se representa na Alma, como se verà claramente neste succesſo. Foy cercada a Cidade de Groninga em Olanda por Alexandre Farnesio, no anno 1568. Tem o torriaõ da Cidadela seis columbrinas de bronze, fabricadas pelo Artifice com tal industria, que pelas vozes suaves, que lhes sahiaõ da bocca, quando o fogo as animava na polvora, lhes deraõ os nomes das seis celebres syllabas: *Do Re Mi Fa Sol Là*, que saõ os elementos, com que se compoem toda a Solfa, e a escada, por onde se sobe ao mais sublime da arte do canto, ou doce encanto da Musica. Eu me persuado, a que seria hũa delicia, quando aplicando escaçamente, a modo de relampago, o fogo no ouvido do bellico instrumento, como se désse a Alma ao ferreo parto, que encerrava nas entranhas, o vomitava pela bocca com tal impeto, que aballando com o sonoro estrondo a terra, emulava os mais medonhos trovões do Ceo. Começava com a syllaba *Do*, seguia-se o *Rè*, depois o *Mi*; este afinando a tiple, aquelle imitando o contralto. Continuava o *Fá*, *Sol*, *Là*. Hum fazendo o papel de tenor, o outro de oytava bayxa, e todos de falsetes, conforme a mayor, ou menor medida da polvora, que lhes dava o espirito, e alento, para sairem as vozes, entre si enlaçadas, e ajustadas ao metro, que a simetria do perito Artifice inventára. Cousa prodigiosa! que seis canudos de bronze, que em latim se chamaõ tormentos da guerra. *Tormenta bellica:* Mais aptos a saciar o furor de Marte, que a mover a mansidaõ, ou piedade compunhaõ huma nova casta de orgaõ, cujas vozes taõ compassadas sem compasso; agora tristes, e querulas; depois alegres, festivas, e pausadas, sem paufas se desfazem em gargantejos tremulos, em cadencias sostenidas, em passagẽs volantes, e em fugas aceleradas; e assim discordemente concordes, retumbando os

Famistr. l.7.an. 1568.

qua-

quatro elementos com o èco, como se lhes dessem os euges, recreavaõ os ouvidos humanos com hum som tão suave, e magestoso, que parecia a armonia do Mundo, ou a melodia Pitagorica das esferas. Porèm os effeytos foraõ taõ differentes das vozes, que saindo impetuosos, a modo de coriscos, os globos de ferro, aonde cahiraõ, ou batèraõ, fizeraõ tal estrago no exercito, que incendiando, e destruindo, naõ respeytando, nem aos quartos dos Generaes, que mandaõ, nem aos quarteis dos soldados, que obedecem, tudo arruináraõ, e a todos derrotàraõ, atè o mesmo campo ficar todo assolado. Assim acabou a suave, e juntamente horrorosa melodia das vozes destes canudos de bronze, que, como se fossem sinos, ao mesmo tom, e tempo, em que alegres os cercados festejavão com repiques a vitoria; officiosos, e tristes se dobravaõ para os funerais dos sitiadores.

Nunca lí, nem ouvi instrumentos da Musica, nem taõ pesados, e graves, nem taõ curiosos, e terriveis. Sey eu, andarem celebres entre os Poetas Orfeo, e Anfion; este inventor da Solfa, e filho de Mercurio; aquelle Filho de Apolo, Deos da Musica; porèm ambos na pericia de tocar instrumentos eraõ Mestres taõ eminentes, que senhoreavaõ os sentidos, não só dos racionaes, mas tambem dos brutos, e de todo o Creado. O Racional elevado ficava attonito. O sensitivo dos Brutos na fantasia, e aprensaõ parava suspenso. Os passaros, em ouvindo tocar os instrumentos, como se fossem capazes de Solfa, largavaõ os pomares, e ao som da Cithara cantando, e dobrando, se desfaziaõ em cantos, e gargantejos. Cousa maravilhosa, senão fosse fabula inventada pelos Poetas; pois ainda as mesmas pedras insensiveis, como puxadas dá hũa força magnetica, do mesmo modo,

do, que a pedra Iman atrahe o ferro, ſeguiaõ a doce melodia do canto, e da Cithara, e em tanta quantidade, que fazendo como corte a Anfion, e Orfeo, amontoando-ſe em toda huma ſobre a outra, deu materia a fingirem, que com ellas aſſim arrumadas ſe fabricáraõ os muros da famoſa Cidade de Thebas:

Fertur, & Aufion Thebanæ conditor arcis.
Saxa movere ſono teſtudinis; & prece blanda
Ducere, quo vellet.

Hor. de art. poet.
Ouid. Metam. lib 10.

Reparemos nas palavras: *Ducere, quo vellet.* Quer dizer, que o objecto dos ouvidos nos levarà, por onde quizer. Bem ſabiaõ Ovidio, e Horacio, Varoens taõ doutos, e entendidos, que nem as arvores ſe arrancáraõ do lugar, em que eſtavaõ plantadas, para ouvirem a Orfeo, nem as pedras ſaíraõ das ſuas torrentes, movidas da cithara de Anfion. Porque, ſe eraõ inſenſiveis por natureza, como podiaõ ouvir, que he hum dos cinco ſentidos? Fallavão logo metaforicamente, dando-nos a entender, que huma voz cantadora paſſa logo a encantadora, e feyta huma Circes, transforma o racional em bruto, e o ſenſivel no inſenſivel, como Heſiodo, e Natal Comite explicão as ſuas notas.

Vide dict. hiſt. v. Circes.

Temos a prova evidente, na ſagrada Eſcritura no mais ſabio, e entendido homem do Mundo. Eſcaſamente ouvio Salomaõ as cantatrices eſtrangeyras, as Moabitas, e Sidonias, que de racional o mais perfeyto, ſe transformou em bruto, o mais eſtólido: *Depravatum eſt cor ejus, ut ſequeretur Deos alienos.* Comenta Cornelio Alapide: *Depravatum eſt cor ejus per mulieres, hæ enim Sidoniæ* (que ſaõ as Cantatrices) *quæ dementaverunt eum.* Fizeraõ-no louco, privaraõ no do juizo, *dementaverunt*. Pois quem he louco, e já naõ tem o uſo da razão, que he o racional, fica-lhe ſó o ſenſitivo, que hé o conſtitutivo dos brutos. Ora fatal maga, e terrivel Circes, he a Muſica,

2. Reg. cap. 11.
Cornel. a Lap. ibi.

sica, que sem ser fabula, mas com toda a verdade dẽ racionais nos transforma em brutos. Mas, oh grande miseria dos nossos ouvidos! Ainda as Cantaratrices fizeraõ a Salomaõ peyor que bruto. Obrigàrão-o a adorar a Astarther, Deosa dos Sidonios, que era entre os Hebreos a Deosa Venus de Grecia, obrigáraõ-o a dar incenso a Moloch Idolo dos Moabitas, chamado o Deos da luxuria: *Sed colebat Salomon Astarthen Deam Sidoniorum, & Moloch idolum Ammonitarum.* E ainda o obrigáraõ a mayor excesso, que naõ fora crivel em hum homem, que por antonomasia se chama a mesma sabedoria, se naõ fora de fé, e foy, que levantou hum sumptuoso Templo a Chamos Idolo dos Moabitas, que era entre elles o Deos das Bebedices, como Bacco entre os Gregos: *Tunc ædificavit Salomon fanum Chamos, erat autem Chamos Deus temulentiæ, sicut, & Baccus.* Exposiçaõ do grande Interprete Cornelio Alapide. A tanto naõ se atreveraõ com as suas poesias, nem os inventos de Homero, nem as fantasias de Horacio, nem as transformaçoens de Ovidio; pois estes, quando muyto differaõ, que a cithara de Orfeo, e de Anfion faziaõ com a sua melodia as arvores, e as pedras de insensiveis sensiveis. Porèm as Circes Moabiticas, e as Sereas sidonias com o seu doce canto, encantavaõ de maneyra os ouvidos de Salomaõ, que chegou a dar ás arvores, e às pedras, naõ só o sensitivo, mas tambem o racional, e o Divino; pois bem sabia Salomaõ, que nem o Idolo de Moloch, nem o de Chamos podiaõ ser Deos, pois eraõ por essencia huma arvore talhada, e entalhada em hum simulacro de cedro; ou hũa pedra dibuxada, e esculpida em hũa estatua de marmore.

Reg.3. cap.11.

Corn. a Lap. ibi.

Tornemos agora ao orgaõ das bombardas de Groninga, jà que ellas, a modo das trombetas de Jericò, no mesmo tempo, que as tocavaõ, destruhiaõ, e lançavaõ por

por terra os muros: *Et clangentibus tubis, muri illico corruerunt.* E vejamos, se as podemos moralizar com hum texto do S. Job, cuja explicaçaõ naõ he taõ facil. Descreve Job a hum peccador, em figura de Behemot, palavra Hebraica, que na nossa lingua significa jumento; e diz, que os seus ossos tem a fórma de frautas, ou canudos de bronze: *Ossa ejus velut fistulæ æris.* Aristoteles diz na sua Metafisica, que o composto humano he como hum orgaõ, e a Alma he a forma, que o informa, e o espirito, que o anima, e lhe dá a vida: *Anima est actus corporis organis, potentia vitam habentis.* E se o corpo humano he hum orgaõ, quem duvida, que falla admiravelmente o Santo Job, chamando aos ossos, canudos, ou frautas: *Ossa ejus fistulæ.* Reparo, porque causa estas frautas haviaõ de ser de bronze? *Fistulæ æris.* Se saõ frautas os ossos, diga antes, que saõ de marfim, ou de ouro, ou de prata, ou de cobre, ou de ferro. Mas naõ; porque todas estas cousas cada hũa por si saõ de hũa só especie. Haõ bem sim de ser de bronze: *Fistulæ æris*, que he metal composto de diversos metais. Mais. E porque o peccador havia de ser figurado em Behemot, e naõ em Asmodeos, ou Belsebub? Porque Behemot melhor representa a hum Peccador, pois significa hum jumento, que he o animal mais vil, e estolido de todos, sem brios, sempre pigro, e por isto maltratado, e obrigado a toda a carga, e a todo genero de trabalho: sem estimaçaõ, ou cuydado delle, antes desprezado como hum jumento.

Ios. 6.

Job 40.

Arist. 5. met.

E que este seja o sentido, assim mystico, como tropologico deste texto. O Profeta Rey, que na materia da Musica, entre os mais Profetas, he o melhor contrapontista, já que Job leu na cadeyra do seu muladar a sua liçaõ de ponto, David, não já com a sua arpa, mas com o orgaõ do seu corpo, explicará o contra-

traponto. Queyxa-se pois o Real Prófeta, que naõ póde firmar as pazes com os seus ossos: *Non est pax*
*Psal.*35 *ossibus meis.* E que guerra será esta, que tem David nos seus ossos, que naõ admitte, nem tregoa, nem quietaçaõ, nem pazes? *Non est pax ossibus meis.* Saõ as frautas de bronze dos seus ossos: *Ossa ejus fistulæ æris.* Que, assopradas pelo Demonio, fazem tinir o som de todos os metaes, agora juntos, já divididos; conforme a disposiçaõ da nossa natureza corrupta. Huma vez com o som do ouro, e da prata, que, como gerados do Sol, e da Lua, saõ os dous Planetas mais rutilantes, e nos instigaõ á soberba, e vaidade, para luzirmos melhor que os outros. O ouro, e a prata se falsificaõ com o cobre, e como este metal tem o influxo de Mercurio, nos insinua o roubo, o engano, a trapassa, e todo genero de falsidades. O Planeta de Marte favorece muyto o ferro, e, como este metal he o ordinario instrumento para as guerras, assopra o fogo da ira, suscita os espiritos bellicozos, representa à imaginaçaõ injurias, e afrontas, e alterando o coraçaõ com hum vesuvio de colera, o faz arrojar em vinganças, precipicios, e mortes. O Planeta de Venus, tem effeytos totalmente contrarios a Marte. Chama-se este Planeta do vulgo a estrella da Alva, e dos Mathematicos o Planeta de Venus. He beneficio ao corpo humano, e tem suas influencias benignas, e domina nos naturaes brandos, amigos de ouvirem instrumentos, e Musicas, que se forem profanas, e amorosas, affeminando se o coraçaõ, acha-se depois com huma suave violencia engolfado em deleytes, que do nome deste Planeta chamaõ venereos.

Confessa agora David, como Mestre da Capella taõ exercitado no som destas frautas, o que experimentou em si. Chegou David do cajado ao sceptro, e

de

de Paſtor, a ſer Rey. Conſiderava-ſe como o Sol da Judea, coroado de tantas luzes, quantas eraõ as pedras preciosas, e peças de ouro guardadas no ſeu theſouro; cortejado de tantos Planetas, quantos eraõ os Principes, e Grandes da ſua Corte. A' viſta de tanto poder, e grandeza tocou o eſpirito maligno a frauta da vangloria, e rendido logo ao ſom della, mandou aliſtar por Joab, no eſpaço de nove mezes, hum milhaõ, e trezentos mil homens de armas; oſtentaçaõ, de que Deos ficou muy irritado. Fez a penitencia, que Deos pelo Profeta Gad lhe mandou eſcolher. Mas que importa, ſe elle da galaria do ſeu paço, ouvindo outro ſom mais ſuave de outra frauta, que neſta occaſiaõ lhe ſervio tambem de canudo de oculo, de ver ao longe, para alcançar a Berſabè, que ſe eſtava lavando: *Vidit mulierem ſe lavantem.* Foy-lhe recado, veyo ao paço, e do meſmo modo, que Dina com o Principe de Sichem, aſſim Berſabè tornou indigna para ſua caſa: *Et reverſa eſt in domum ſuam concepto fœtu.* Entrou depois outra frauta de ferro, que tocando em tom de guerra a batalha, na qual ficou vencedor Behemot, deſtruindo, e aniquilando ao pobre Urîas, marido de Berſabè, que teve, com lhe tirarem a ſua conſorte, taõ pouca ſorte; porque perdeo a honra, o credito, e a vida.

2. *Reg.* *cap.* 24.

2. *Reg.* *cap.* 11.

Geu. 34.

Com a deſconcertada melodia deſte orgaõ gaſtou David mais de hum anno, atè que alumeado pelo Profeta Natan, conheceo, que as faltas deſta ſolfa não erão minimas, nem feminimas; mas graves, e agudas, e todas corridas, procedendo naõ tanto da roim materia das frautas, quando do eſpirito, que com malicioſo aſſopro as animava. Oh luz Divina, quanto es poderoſa, quando entras em huma Alma! Conheceo David, que o concerto das frautas deſte

nosso orgaõ corporeo consiste na armonia das payxões ajustadas á razaõ, e que os descantes verdadeyros saõ as frequentes jaculatorias em Deos; e assim trocando as delicias da solfa, que recrea os sentidos, com a penitencia, que conforta a Alma, confessou, que todo o som, e canto profano era hum encanto vicioso: *Ossa mea velut fistulæ æris.* Que com este nunca teriaõ pazes os seus ossos: *Non est pax ossibus meis.* E que finalmente, elle era o verdadeyro Peccador figurado em Behemot, que se tinha transformado, e feyto jumento: *Ut jumentum factus sum apud te.*

Para ficar a musica desta doutrina mais concorde, e perfeyta; atraz dos instrumentos do Pay, seguem-se os cantares do Filho. Diz pois Salomaõ no capitulo
Cant. 7. setimo: *Quid videbit in Sunamite nisi choros castrorum.* Que se pòde já ver na Sunamite, senaõ arraays, tendas, e esquadrões armados! Difficultoso texto, o naõ menos duro, que o de Job, com os ossos de bronze. Se a Sunamitis he figura de huma Alma, elevada a Deos com hum extasis gozando as musicas do Paraizo, como diz, que se naõ acha nella, se naõ clarins, e tambores da terra? Se ella està solitaria, e pacifica na contemplaçaõ, como a faz entre os exercitos, e tumultos de guerra? e se finalmente Sunamitis no original Hebreo significa, *Dormiens.* Està repousando no seyo do seu Dilecto: *Dilectus meus mihi, & ego illi.* Como quer, que seja sentinella, com continuadas vigias contra os seus inimigos? Reparou Salomaõ, que seu Pay David, bem sete vezes no dia,
Psalm. 118. pegando na sua arpa, cantava louvores a Deos: *Septies in die, laudem dixi tibi.* Reparou tambem, que de dia, e de noyte estava meditando o modo
Psalm. 123. mais seguro, para guardar perfeytamente a Ley do seu Senhor: *Tota die lex tua meditatio mea est.* Reparou final-

finalmente, que deſtes canticos repetidos, e deſta meditaçaõ continuada tirava David por conſequencia: *Perſequar inimicos meos, & comprehendam illos.* Farey guerra aos meus inimigos, e os reduzirey á minha obediencia, atè eu ficar Senhor abſoluto delles. Entendeo entaõ, que eſtes inimigos eraõ as frautas do orgaõ do ſeu corpo deſordenadas, que ſaõ as payxões da ira, do amor, e do odio; e eſcreveo entaõ nos Cantares: *Quid videbis in Sunamite.* Eis-aqui a Alma elevada em hum extaſis com a ſuave Muſica da contemplaçaõ: *Niſi choros Caſtrorum.* Eis-ahi o perſeguir os inimigos, que ſaõ o Demonio, o Mundo, e a Carne. Admiravelmente a eſte propoſito Theodoreto, ſobre eſte meſmo texto, approva, e confirma quanto temos dito: *Dum apud Altiſſimum preces fundit, & Muſici officium facit, & militis; Muſici quidem dum placat iram Dei; Militis dum vincit ſeipſum.* Eſtas ſaõ as Muſicas, ás quaes neſta vida havemos de aplicar os noſſos ſentidos, com cantar, e ouvir os louvores de Deos, e no meſmo tempo pelejar com os noſſos vicios, o vencer as noſſas payxões: *Muſici officium facit, & Militis.*

Theod. in hunc locum.

Cic. l. 3. de leg.

Foy reparo de Marco Tullio, que nas Cidades da Grecia, com as mudanças das Muſicas, ſe mudaraõ tambem os coſtumes dos Povos, tornando-ſe de guerreyros em effeminados, atè ficar a Grecia, que era o theatro de todas as Sciencias, como huma cloaca de immundicias. Sò os Lacedemonios, como ainda eſtavaõ freſcas na ſua Metropoli de Eſparta as leys do ſeu Legislador Licurgo, viviaõ mais comedidos, porque com a infallivel execuçaõ das penas, naõ conſentia o Senado, que paſſeaſſem deſcaradas as culpas. Naõ foraõ aſſim os Povos Sibaritas, que eſquecidos da deſtruiçaõ, e incendio de Troya ſua Patria, entregando-ſe a todo genero de delicias, ſoltàraõ as redeas

Plut. de Lic.

aos vicios; e, como se festejassem a sua Elena, naõ contentes das suas Musicas, e danças, ensinàraõ tambem ao som sostenido, e grave de humas frautas, a baylar com arte os seus mesmos cavallos. Oh quanto melhor fora, que os cavallos, em lugar de se adestrarem com o som madioso das frautas para o bayle, se ensayassem com o tinnir afinado das trombetas, e com o marcial estrondo dos tambores, que lhes suscitassem os brios para a peleja. Succedeo depois entrar o pomo da discordia, entre os Lacedemonios, e Sibaritas, ainda que os Authores Gregos, naõ especifiquem qual foy o Paris, que o lançou. Sò convem todos, que os Sibaritas prepararaõ hum exercito numerosissimo, cuja noticia certa deu taõ grande abalo á Republica de Esparta, que, chamados a concelho os Senadores, todos votaraõ concordemente, que o numero de trezentos mil combatentes, posto em paralelo com a limitaçaõ da gente de Esparta, que com grande trabalho poderia ajuntar trinta mil, era querer hũa formiga, pelejar com hum Elefante. Porèm que, se se medisse a desigualdade do numero dos soldados com o differente valor das duas nações; no calor do combate se acharião trinta mil Elefantes contra trezentas mil formigas. Acordaraõ mais, que o genio dos Sibaritas, mais era inclinado a ouvir concentos Musicos, que instrumentos bellicos; e que mais depressa armavaõ com os pès hũa dança, que nas mãos hũa lança. Mas porque o valor só naõ basta, quando as forças saõ demasiadamente inferiores, determinàraõ valerse de hum estratagema, com que assegurassem a vitoria. Escolhèraõ a huns poucos de soldados, dos mais fieis da Republica, e mandàraõ-os, como fugidos, e queyxosos, passar para o exercito inimigo com instruiçaõ secreta, de comprarem as frautas de metal, e aprenderem as peças, a cujo som custumavaõ dan-

dançar os Cavallos. Chegáraõ ao exercito; e, fingindo-ſe traydores, pediraõ, que os aliſtaſſem debayxo das bandeyras inimigas. Naõ foraõ admittidos a ſervir no exercito; porque eraõ fugitivos, conforme enſina o Meſtre da Arte Militar Vegecio: *Transfugæ nullo modo in exercitu admittendi.* Buſcàraõ logo aos Tangedores, e tratando amigavelmente com elles, porfiavaõ, que naõ era poſſivel, que huns brutos, como ſaõ os Cavallos, aprendeſſem bayles, e dançar a ponto. Da porfia paſſàraõ à apoſta; da apoſta á execuçaõ do bayle, e do bayle ao enſino; e aſſim enſinados, compraraõ-lhes os Cavallos, e juntamente as frautas; depois induzidos os meſmos Tangedores com hum desfarce notavel paſſáraõ outra vez para Eſparta, aonde os eſtavão eſperando já preparados para a guerra. Viraõ, e ouviraõ aſſim as frautas, como os bayles, e Cavallos; e certificados, como o eſtratagema havia de ſortir o ſeu effeyto, aſſentáraõ de acometer ao inimigo. Chegáraõ à viſta os dous exercitos, e acometendo os Lacedemonios com impeto, fizeraõ forte reſiſtencia os Sibaritas com a Cavallaria, mas durou pouco; porque tocando as frautas a coſtumada melodia, e applicando os Cavallos os ouvidos, paráraõ logo de repente; e o inimigo, entrando dentro das fileyras com ſocego, fazia grande eſtrago. Feridos os Sibaritas, feriaõ com as eſporas os Cavallos, porêm eſtes obedecendo ao ſom das frautas, ſem dar paſſo adiante, baylavaõ com mayor força; e o inimigo, já entrado no exercito, degolando, proſeguia no eſtrago. Conhecendo os Sibaritas, que perdiaõ a batalha, por terem Cavallos dançantes, tocàraõ a retirada, por não ficarem de todo derrotados. Porêm os Tangedores affinavaõ as frautas, e os Cavallos, tomando mayores brios, levantavaõ as mãos, e com ſaltos compaſſados piſavaõ o meſmo

Virg. l. 3 de Art. Milit.

terreno no ſeu poſto. Galharda viſta, e na verdade alegre, ſe com huma peripecia ſimultanea não obraſſe effeytos encontrados; pois no meſmo tempo, que os Cavallos eraõ a recreaçaõ dos olhos, os Cavalleyros foraõ o objecto da mais laſtimoſa magoa. Porque os Lacedemonios, vendo a invençaõ da eſtratagema correr com toda a felicidade, foraõ ferindo, e degolando, atè ter completa a vitoria.

Eſte eſtratagema, que a muytos parecerá novo, ſe os que lerem eſte livro, tiverem com o lume da fé abertos os olhos da Alma, acharáõ ſer muy antigo; e que, primeyro que os Lacedemonios, ſe ſerviraõ ſempre delle os Demonios. Suponhamos, que hum moço, inclinado deſde a primavera dos ſeus annos a ouvir Muſicas laſcivas, aprende a tocar huma viola; as primeyras peças haõ de ſer de danças, e bayles; os primeyros deſcantes haõ de acompanhar cantigas amoroſas. E que importa, que a voz ſahindo do laringe, como por hum cano de prata, ſeja angelica, ſe no repercutir do ar, fórma taes palavras, que ſe faz diabolica. Eſta voz, que parece taõ doce unida com o ſom taõ agradavel, entrando pela porta dos ouvidos, infunde inſenſivelmente no coraçaõ hũa caſta de veneno, que quanto mais ſuave, e amigo do corpo, tanto mais mortifero, e inimigo da Alma. Aſſim inficionado paſſa o Moço, mezes, e annos, neſte exercicio, ſempre em muſicas, ſempre em cantigas, e bayles. Chega depois huma doença, creſcem os ſimptomas, o corpo enfraquece, e a pobre Alma, ſe naõ eſtà immerſa, como a Alma dos brutos, na materia: *Lutea vaſa portans.* Vive ſomergida no viſcoſo lodo dos vicios. Chega finalmente a morte; e quero, que a miſericordia Divina permitta, naõ ſer apreſſada, nem repentina; mas que, depois de alguns dias de perigoſa doença, de cer-

Aug. hom. 10

to

to final ao Medico, que he tempo de tocar o rebate, para tomar as armas dos Sacramentos, e preparar-se para a agonia (palavra, que significa: *Certamen ultimum.*) A ultima batalha campal; ou para vencer para sempre, ou para sempre ficar vencido. A Confissaõ geral já naõ he a tempo, porque os dias antecedentes, em que havia de cuydar, e dispor-se para ella, se gastáraõ, em tocar instrumentos para aliviar ao doento. A penas se confessa, do que se lembra naquelle instante, que logo vem o Paroco com o Santissimo Viatico, e pouco depois o Coadjutor com os Santos Oleos, para consolar, e confortar o enfermo neste ultimo transe, para a outra vida. Isto assim admiravelmente disposto, vejamos agora a traça occulta, com que este miseravel peccador, com hum successo taõ prospero fica enganado. Entra já na agonia; já o sirro lhe aperta a garganta; já perde a falla, e a vista; e já não ouve. Poem-se de geolhos o Sacerdote, com os mais circunstantes, e chorosos rezaõ as Ladainhas, com as mais orações da Igreja, para que com a sua intercessaõ acudaõ propicios, com a Virgem Nossa Senhora, o Santo do seu nome, e Saõ Joseph, com os mais seus Advogados, e Protores. No mesmo tempo ajuda-se invisivelmente huma legiaõ de Demonios, que com as violas, e mais instrumentos na maõ, despertaõ, e avivaõ na fantasia do moribundo os bayles, e saraos, com as mais musicas deshonestas. Repitem com som imaginario, e com vozes fantasticas, as mesmas palavras das cantigas, com os mesmos descantes, que as acompanhavaõ. E o pobre do enfermo, ainda que prostrado de forças, acustumado como Sibarita a viver entre as sonoras delicias, firma-se voluntariamente na lembrança dos gostos passados; e o coraçaõ, que ainda vive como bruto, torna a desejar, e recrear-se no

que em vida sempre amou; e a vontade, que pelo espaço de tantos annos, nunca soube, nem quiz resistir, ou vencerse, em violencia se rende, e inclinada pelo mao habito se dà por vencida.

Finalmente, vendo já o Sacerdate os sinaes certos da morte, e que por instantes, se sepàra a Alma do corpo, começa a rezar em voz alta: *Profiscere Anima Christiana de hoc mundo; in nomine Dei Patris omnipotentis, qui te creavit.* No mesmo tempo o Demonio Asmodeos levanta o compasso, e os seus companheyros tocaõ os mesmos descantes; cantaõ as mesmas cantigas, a que foy sempre inclinado, e com o engano de hũa falsa esperança lhe dizem: *Dum spiro, spero.* Em quanto dura a respiraçaõ no corpo, ha vida; em quanto ha vida, se pòde esperar a saude: *Dum spiro, spero.* E assim em quanto a Alma respirando espera, desesperada espira. Adverte o Sacerdote, que jà a Alma se separou do corpo; e, como cuyda dos antecedentes, que terà lugar na Bemaventurança, reza logo: *Subvenite Sancti Dei, occurrite Angeli Domini, suscipientes animam ejus, offerentes eam in conspectu Altissimi.* Chama aos Santos da Corte do Ceo, que a acompanhem, e aos Anjos, que a levem á presença do seu Creador, e lha offereçaõ como sua. Porèm como a Alma no mesmo lugar, aonde se apartou do corpo, ahi ficou julgada, em quanto os parentes preparaõ o enterro ao seu corpo, arrastada da cometiva dos Demonios, que a tentavaõ, já vitoriosos, e triunfantes a levàraõ como sua para a sua sepultura, que he o Inferno: *Sepelierunt eam in sepulcro suo.*

In Brev. Rom.

Paral. 26.

Finalmente este he o estratagema, de que se serve o Demonio, para enganar os peccadores, que nesta vida recreaõ os seus ouvidos, com Musicas, e cantos lascivos. Oh triste, e desgraçada alma, como fica-

ficaria deſenganada, naquella ultima hora, quando ſe vio entregue a Lucifer; aquelle infernal monſtro, olhando para ella com vulto medonho. Vòs ſois (lhe diſſe) aquelle, que no Mundo gaſtaſtes a melhor parte da voſſa vida, com ſom madioſo em cantigas deshoneſtas? Olá meus Collegas, fazeylhe ouvir para ſempre as muſicas do Inferno. E que diverſos inſtrumentos ouviria, e ouvirà eternamente! Que gritos importunos! que alaridos inſoffriveis! que eſtrondos medonhos! e que ays deſeſperados!

Dionyſio Rey, e juntamente Tyranno de Sicilia mandou em Siracuſa fabricar hum ouvido de pedra marmore do meſmo modo, e architectura dos ouvidos humanos; e o fez collocar no meyo da abobeda da priſaõ, que eſtava debayxo de ſeu palacio, com o beneficio de hum canudo de bronze, que começava da ſummidade do ouvido artificioſo, e hia acabar no gabinete do cruel Principe, aonde eſtava ouvindo todas as queyxas, e ſuſpiros dos miſeraveis preſos; como ſe na meſma priſaõ moraſſe com elles. Porèm, ou as queyxas, que faziaõ, eraõ juſtas pela tyrannia, que ſem culpa experimentavaõ, ou as palavras foſſem encomios, ou vituperios, que delle diziaõ, ſempre lhe davão goſto; porque Dionyſio, como tyranno, ſatisfazia a huma curioſidade propria, e voluntaria, de os ouvir queyxoſos, e deſeſperados. Na priſaõ porèm do inferno naõ he aſſim: *Vox citharedorum, & Muſicorum non audietur amplius.* Nunca mais ouvirà aquella viola tocada por pontos, que tanto lhe agradava; nem aquella bella voz, a que chamava o ſeu feytiço, nem aquellas comedias, que eraõ o ſeu encanto; antes ouvirà tudo ao contrario. Naõ ſe ouvirà gemido, que não dè pena; nem voz, que não moleſte; nem blasfemia, que não irrite. As meſmas cantigas, que

Apoc. 18.

que neste Mundo foraõ o nosso feytiço, cantadas no Inferno, com vozes desentodas, e fantasticas, tocadas com bozinas de corno, e outros instrumentos medonhos, e horrorosos, accrescentaràõ particular tormento; verificando-se o que diz o Espirito Santo, que pelos mesmos sentidos, com que peccamos, se-
Sap.22 remos punidos: *Per quæ quis peccat, per hæc, & punietur.*

Nem será là necessaria a industria do ouvido de pedra, nem do canudo de bronze; porque, se Guglierme, Duque de Mantua, no palacio da sua quinta, que se chama a Virgiliana, tem huma sala de notavel grandeza, fabricada pela grossura das paredes com tal artificio, que qualquer palavrinha dita em voz secreta, ou tenue respiraçaõ em hum canto, houve-se distintamente no outro; que será pois da prisaõ do Inferno! Que, estando necessariamente no centro da terra, tem fórma concava, porque he como hum globo redondo, cujas paredes saõ da largura de mil, e quinhentas legoas. Aquella horrenda gritaria dos Demonios, aquella confusaõ de vozes desentoadas dos condenados, aquellas blasfemias horendas, nascidas de coraçoens desesperados, aquelles ays lançados da bocca, naõ para mover os circunstantes a compaixaõ da sua miseria, mas por hum odio entranhavel, de se comerem, se pudessem, huns aos outros; em qualquer parte, que esteja botado o miseravel Precito, amigo de bayles, e cantigas, tudo ouvirá taõ clara, e distintamente, como se qualquer voz desunida das outras estivesse tinindo nos seus ouvidos: *Omnis qui audiet, tinnient aures*
Jerem. 19. *ejus.* E que será, ouvir todas estas vozes juntas, como se fossem separadas? Será, como escreve o Santo Monge Dionysio Cartusiano, accrescentar as dores, multiplicar as magoas, comerem-se eterna-

men-

mente em deſeſperações, e rayvas: *Suis quoque clamoribus augebunt miſeriam mutuam.* Oh tormento inſoportavel! Oh pena inſoffrivel! Que, bem conſiderada, baſtará para a emenda, e para tomar horror a todo genero de muſicas deshoneſtas.

Quero tratar do fim deſte diſcurſo, começando por huma ſentença de S. Bernardo, a qual, cifrando em duas palavras quanto atègora temos dito, e ſe poderá dizer do penoſo tormento dos ouvidos, bem ponderada, e com vagar, ao lume da fé Catholica, ſervirá de deſengano a todo o Peccador, que nas delicias do canto acha o ſeu encanto: *Damnatus in inferno ſemper audiet, quod nollet; nunquam audiet, quod velit.* Terrivel ſentença para huma alma condenada! Sempre ha de ouvir, o que não quer; nunca ha de ouvir, o que quer: *Semper audiet, quod nollet, nunquam audiet, quod velit.* Sempre ha de ouvir vozes, que o atormentem; nunca ha de ouvir huma voz, que o conſole. Sempre ha de ouvir gritos dos Demonios, que o atemorizem; nunca ha de ouvir hum ſuſpiro, que delle ſe compadeça. Sempre ha de ouvir rumores, e bulhas, que o perturbem; nunca ha de experimentar hum ſilencio, que o ſocegue. Sempre ha de ouvir alaridos, que o deſpertem; nunca ha de ouvir hum deſcante, em que deſcance. Sempre ha de ouvir toàdas ſem tom, que o entriſteçaõ; nunca ha de ouvir hum tom entoado, que o recree. Sempre ha de ouvir huns ays medonhos, que o deſeſperem; nunca ha de ouvir hum ay compaſſivo, que o alivie: *Semper audiet, quod nollet; nunquam audiet, quod velit.* Oh Alma deſgraçada! Oh Peccador infeliz! Quanto melhor, te fora applicar os teus ouvidos, em ouvir a palavra de Deos; que conſola, e promette a vida eterna: *Domine verba vitæ æternæ habes.* A differença, que ha entre os

Bern. ad Fr. de Mon.

Job c. 6.

Pre-

Predestinados, e Precitos, vem a ser, que os Predestinados se anticipaõ, para ouvirem as musicas do Paraizo, com ouvirem a palavra de Deos, e cantarem louvores Divinos: *Qui ex Deo est, verba Dei audit.* E os Precitos ouvem, e cantaõ as cantigas deshonestas, que saõ os preludios das musicas do Demonio: *Propterea vos non auditis, quia ex Patre Diabolo estis.* Como veremos no exemplo seguinte, referido, e citado por varios Authores fidedignos; e este espantoso caso servirà de desengano, e fim deste terceyro discurso.

Joh c.8.

Morreo improvisamente hum destes Sardanapolos, cuja vida foy empregada em bayles, e cantigas; e, com estas provocando a outros, dava mayor fartura á sua deshonestidade. Para nosso ensino, quiz Deos, que hum Santo seu servo, que estava em contemplaçaõ, visse a entrada, e recebimento, que lhe fizeraõ os Demonios no Inferno. Sairaõ em grande numero a encontralo; e, acompanhando-o em ala, diziaõ em voz alta: *Date locum.* Lugar, lugar, que aqui vem hum grande nosso Amigo; e o levaraõ com grande festa em presença de Lucifer, que o recebeo com os braços abertos; e depois apertando-o com hum abraço, ficou o miseravel todo trespassado de fogo, como hum ferro ardente, que say da fornalha; e lhe disse. Seja V. M. muyto bem vindo a este seu palacio, aonde provará as delicias, que lhe tenho preparadas O' lá, disse Lucifer aos Demonios, todos abracem a este nosso fiel amigo, como nosso bemfeitor, que nos tem aqui mandados muytos, e deyxa a muytos outros inficionados com o seu mao exemplo, que cedo viraõ cá acabar, e fazer-lhe companhia. Vejaõ, que virá cançado do caminho; levay-o ao meu banho, para que se regale. No mesmo tempo, o lançàraõ em hum tanque de fogo de enxofre, em

Spec. Exemp. 5. inf. Poli. Do 1. post. Epif. Dessp. Christ. Ser. 29.

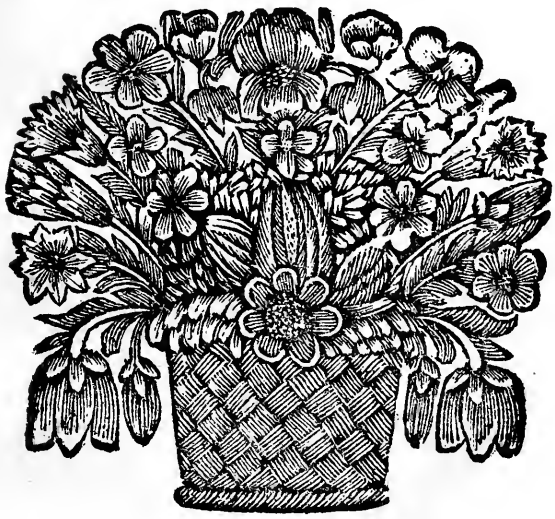
em que andavaõ nadando muytos Diabos em forma de ſerpentes, e baſiliſcos, que lhe accreſcentavaõ o tormento. Depois replicou Lucifer. Levem-o depreſſa ao ſeu leyto, para que deſcance na cama. Era eſta cama hũa grade de ferro, jà afogueada, com brazas ardentes debayxo. Então Lucifer. Tragaõ-lhe agora para ſeus deleytes, de que tanto goſtava, hũa moça muyto fermoſa. Appareceo-lhe logo hum Dragaõ muyto eſpantoſo, que lançava rayos pelos olhos, e chammas pela bocca; e abraçando-ſe com o miſeravel, lhe diſſe. Eſtes ſaõ os goſtos, e deleytes, que tu deves gozar aqui por toda a eternidade; mas agora começaõ, eſpere pelos outros. Entaõ Lucifer diſſe. Dem-lhe agora hum pucaro de agoa para o refreſcar. Trouxeraõ-lhe logo huma caldeyra de chumbo derretido à bocca, e o infeliz, que atè entaõ tinha calado, paſmado da novidade do lugar, e de ſe ver de repente em tantos tormentos, exclamou, bradando em voz alta. Ay miſeravel, e deſgraçado de mim! Entaõ diſſe Lucifer. Eya, meu amigo, já V. M. eſtará deſcançado. Venha agora cantarnos alguma letrinha. Ouçaõ todos, que cantava muyto bem, e com grande garbo lá no Mundo. Cante V. M. meu amigo, que recreará a todos. Porèm elle callava, enfadado, e triſte, pelos tormentos, que padecia. Ora cante, replica Lucifer, que todos deſejamos, e o queremos ouvir. O miſeravel deu hum ſuſpiro, e gritou em voz alta. *Quid cantabo?* Que tenho eu que cantar? Senaõ que ſeja maldito o dia, e a hora, em que eu naſci. Muyto bem; proſiga para diante. *Quid cantabo?* Que cantarey eu? Malditos ſejaõ os pays, que me geráraõ; malditos ſejaõ os goſtos; malditos ſejaõ os amigos, e amigas, que aqui me arraſtàraõ no inferno. Oh como canta bem. Và outra

Deſpert Chriſt. Ser. 39

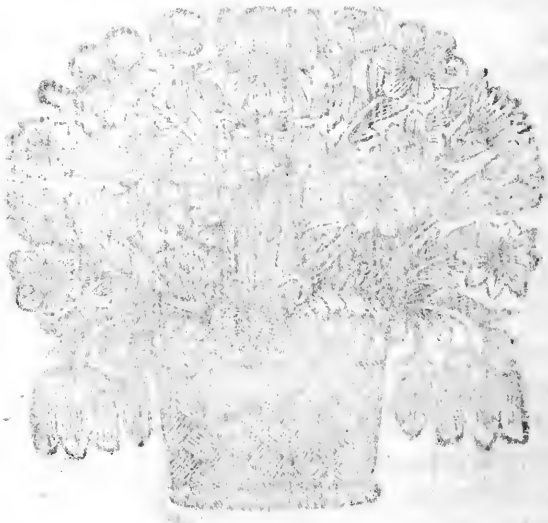
tra letrinha. *Quid cantabo?* Que quereis, que eu cante? Cantarey; malditos sejaõ os Santos do Ceo, malditos sejaõ os Anjos do Paraizo; maldito seja tambem eu, que podendo, com mortificarme, e fazer penitencia, estar na gloria com elles; agora me acho, e me acharey por toda a eternidade com vôs outros Demonios no inferno. Oh que bella cantiga foy esta. Vá ainda outra. Eya, que não basta. *Quid cantabo?* Ainda querem mais? Maldita seja (pio, e devoto Leytor, me treme a maõ em escrever blasfemias taõ execrandas, mas melhor he fabelas para o nosso remedio, para naõ dizelas de vèras, quando jà desesperados no inferno.) Maldita seja a Santissima Trindade. Maldito seja o Creador, que me creou. Maldito seja o Redemptor, que me remio. Aqui o interrompèraõ os Demonios, fazendo huma grande algazarrà, e o levàraõ ao seu lugar destinando-lhe no inferno; aonde està, e estará eternamente, em quanto Deos for Deos. Nem pareça a quem ler este exemplo, que a visaõ do Santo Anacoreta fosse hum sonho, ou alguma invençaõ, para terror dos Peccadores. Este he o manifesto engano do Demonio, que, quando naõ pòde barrernos do sentido os tormentos do Inferno, os diminue, ou procura, que duvidemos delles. Este exemplo he hum tosco rascunho ao nosso modo de perceber, he como hum mappa em ponto pequeno; que lá no Inferno he muyto peyor; como vimos no primeyro discurso, e veremos nos outros que se seguem. O ponto he, que nòs nos desenganemos, com evitarmos todas as occasioens de bayles, comedias, e cantigas deshonestas; e em lugar dellas, cantarmos as Ladainhas de Nossa Senhora; rezarmos cada dia o seu Rosario, que he hum grande meyo, e final mais certo, para assegurarmos a sal-

va-

vaçaõ ; pois ella como Mãy dos Peccadores, rogará por nòs agora, e na hora da noſſa morte, ao ſeu bendito Filho, que nos livre do Inferno, e nos leve comſigo, a louvalo para ſempre na ſua companhia no Paraiſo.



DIS-



RPICB

TORMENTO DO OLFACTO

DISCURSO IV.

Do Tormento do insoffrivel fedor do Inferno.

Erit pro suavi odore fœtor. Isai. c. 3.

NUnca cuidey, que o fedor do Inferno fosse tormento taõ insoffrivel, que bem considerado, se naõ vence a qualquer das penas, que haõ de sofrer os mais sentidos, pelo menos naõ cede, nem he menor daquellas, que mais se podem excogitar. E se hum só fedor, que he intenso, naõ ha, quem o possa soportar por muyto tempo. Quem duvida, que, se os fedores forem muytos, e todos unidos no mesmo lugar, e com a mesma intençaõ, naõ sejaõ capazes de tirar milhares de vidas no primeyro instante! Será logo o fedor do Inferno intensissimo, e totalmente intolleravel por tres razões. A primeyra em razaõ do lugar, e do sitio; a segunda em razaõ da quantidade innumeravel dos corpos dos condenados; a terceyra em razaõ da continuada assistencia dos Demonios. No tocante ao lugar, diz o Doutor Angeli-

D. Tho. in 4. dist 47. q. 2. gelico Santo Thomás, que, depois de estar a terra bem purgada pela violencia, e actividade do fogo do ultimo dia do Juizo; depois de reduzida em cinza esta universal maquina do Orbe, depois de estar purificado o Mundo de todas as immundicias dos peccados; todas as fezes, que restarem, ajuntadas entre si iraõ por canos subterraneos a sepultarem-se na intolleravel sentina do Inferno. Mais o alcatraõ, o enxofre, o breu, e outras materias betuminosas, que servem de alimento àquelle fogo, accrescentaráõ, e levantaraõ em grao mais subido este mao cheyro. E, se o ar, por puro que seja, fechado por muytos annos em qualquer morada, se corrompe de qualidade, que fica insoportavel, e pestilente, julguemos agora, que taes ficaràõ os ares do Inferno fechados, ha tantos seculos, em hum hediondo reducto de tantas immundicias, sem nunca ter por onde exhalar, ou purgarse. Que peste refinada naõ causará! E quem averà, que imagine, o poderà sofrer! quando aqui neste Mundo o fumo de hũa candea mal apagada, que lá no Inferno pareceria hũ cheyro muy suave, se rende ao nosso olfato taõ molesto, como se fosse hum fedor insoportavel: *Erit pro suavi odore fætor.* Esta he a sustancia resumida, de quanto hey de tratar neste discurso; no qual veremos em primeyro lugar, quam penoso seja este tormento do fedor do Inferno, e no segundo o desengano, de que se valèraõ muytos Santos para se livrar delle.

Isai. c. 3 24.

Menos hedionda, e fedorenta seria a cloaca do Inferno, com encerrar em si todas as fezes do Mundo, se os corpos dos Condenados naõ exhalassem de si hum fedor muyto mais abominavel, e asqueroso. Terrivel, e deshumano foy o tormento, que inventou a tyrannia de Mezencio Rey dos Tirenos. Este tyranno, confórme escreve, e o descreve Virgilio,

lio, com huma inaudita barbaridade mandava atar hum corpo vivo a hum cadaver já corrupto, e fedorento; ajuntando, e unindo mãos com mãos, pès com pès, e bocca com bocca.

Mortua quin etiam jungebat corpora vivis,
Componens manibusque manus, atque oribus ora
(Tormenti genus), & sanie, taboque fluentes
Complexu in misero longâ sic morte necabat.

Virgil. Æneid. lib. 8.

Naõ li atègora nas Hiſtorias, nem Divinas, nem profanas, genero de tormento mais terrivel; e juntamente aſqueroſo. Acho porèm nos livros dos Macabeos, que por caſtigo manifeſto de Deos ſahia do corpo delRey Antioco hũa eſpecie de bichos taõ abominaveis, e hum fedor taõ intoleravel, que inficionava ao exercito: *Itaut illius fætore exercitus gravaretur.* E nenhum dos ſeus criados ſe atrevia chegar a elle, para o mudar de hum lugar a outro, e ſervillo: *Eum nemo poterat propter intolerantiam fætoris portare.* O meſmo ſuccedeo a ElRey Herodes, e a varios Emperadores do Oriente, todos comidos vivos dos proprios guzanos, que ſe geráraõ nos ſeus meſmos corpos, exhalando hum fedor taõ inſoportavel, que os meſmos ſervos, como deſeſperados, largavaõ por hũa vez o fazerlhes aſſiſtencia nas ſuas neceſſidades. Mayor pena, ſem comparaçaõ, he, o eſtar pegada a bocca de hum vivo á bocca de hum defunto; e o vivo naõ ter outra reſpiraçaõ, que as exhalações peſtilentes, que vaõ emanando da podridaõ do Cadaver já corrupto; nem outro ſuſtento, que os guzanos, os quaes ſahindo da bocca, e narizes do Defunto, entaõ na bocca, nos olhos, e nas ventas do vivo. Oh tormento deshumano! Oh fedor peſtilente! Que ſó conſiderado faz aſco, e horror à natureza humana. Tambem eſte tormento naõ faltarà no Inferno; pois, como diz o Profeta Iſaias, fallando dos

Mach. lib. 2. *c.* 9. 9.

Ibid. 10

condenados, delles sahirà hum fedor inexplicavel: *De Cadaveribus ascendet fætor.* Chama o Profeta aos Reprobos, Cadaveres, e corpos mortos, ainda que sejaõ vivos; porque serao só vivos para os tormentos, que haõ de sofrer, e mortos pelo fedor insoportavel, que agudo, e penetrante sahirá de tantos milhões de corpos amontoados naquelle calabouço.

Isai. 34 3

He notavel o reparo, que faz o Doutor Serafico S. Boaventura nesta materia, affirmando, que, se Deos permittira, que hum só condenado sahisse daquella gruta infernal para esta vida, largaria de si hum fedor taõ horrendo, que seria bastante para apestar o Mundo, e matar logo a todas as creaturas: e deste parecer saõ todos os Santos Padres, que tratàraõ esta materia do Inferno: *Si vel unius Damnati Cadaver in Orbe hoc nostro sit, Orbem totum ab eo inficiendum.* No anno de 1686. chegou da costa de Africa, que chamamos de Guinè, ou Mina, hum Navio a Pernambuco, que, encontrando-se no mar com hum pataxo Olandez, recebeo delle huns barris de carnes de Olanda, que deviaõ de ser já de alguns annos; porque abrindo-se depois hum destes barris no Porto do Reciffe, foy tal o fedor pestilencial, que exhalou, que no mesmo instante, quem o abria, cahio morto logo, e os circunstantes dahi a algũas horas; depois estes fetidos vapores foraõ dilatando-se aos poucos, e inficionàraõ os ares; e deste modo se formou a peste em Pernambuco com tanta força, que já não havia quem enterrasse os infectos do contagio. Nem parou aqui a exhorbitancia deste fedor; porque, continuando a corrupçaõ dos ares, passou à Bahia, aonde fez hum total estrago da melhor gente assim naturaes, como Europeos: e correndo as mais Cidades, e lugares, inficionou toda a costa do Brasil, naõ perdoando nem a sexo, nem a condiçaõ de pessoas, e assolou a to-

Drex. Eus. Huerem. D. Bon. cit. a P. Pin.

todos com igual exterminio. Iſto ſuppoſto como certo, e evidente, argumentemos agora aſſim. Se o fedor de hum barril de carnes, que, para naõ apodrecerem, foy em hũ certo modo embalſamado com ſal, corrompendo-ſe depois de algum tempo, foy ſufficiente, para apeſtar, e deſtruir hum Reyno taõ dilatado, que tem por coſta mais de ſeiscentas legoas, como he o eſtado do Braſil. Qual ſerá logo o fedor do corpo de hum condenado, que ha tantos ſeculos vive, e vivirá morrendo naquelle hediondo calabouço! Tanta differença vay do fedor deſta terra ao fedor do Inferno; que o corpo de hum ſó condenado federá em grao taõ ſublimado, e ſuperior, que vencerá todos os fedores das lagoas, Eſtigias, das paludes Lerneas, e de todos os Cadaveres juntos do Univerſo. E que ſerà com tantos milhões de condenados, apertados em huma gruta ſubterranea taõ eſtreyta, e taõ fechada, que naõ terá deſabaffo nenhum por toda a eternidade! Por certo que ſe qualquer condenado tornaſſe ao Mundo, lhe pareceria eſte noſſo fedor da terra, hum jardim de flores, com hum cheyro muyto ſuave: *Erit pro ſuavi odore fœtor.* *Iſai. c. 3*

Segue-ſe agora em terceyro lugar o fallarmos do fedor inenarravel, que de ſi lançaráõ os Demonios. Parece couſa impoſſivel, que os Demonios, ſendo Eſpiritos, poſſaõ eſpirar roins cheyros. Naõ tem duvida, que em quanto ſaõ puros, e ſimplices eſpiritos por natureza; nem podem feder, nem cheyrar. Com tudo he ſentença commua, e opiniaõ mais ſeguida dos Theologos, que Deos com a ſua Omnipotencia faz, que os Demonios em pena da ſua deſobediencia ſejaõ forçadamente atados a huns corpos igneos, ſulfureos, alcatroados, e betuminoſos; e vendo-ſe eſtes eſpiritos malignos eternamente obrigados a eſta pena, pelo odio entranhavel, que tem aos Reprobos, *S. Thom. P. Hier. Drexel. P. Euſ. Nie & alii Doct.*

bos, se moverão com tal furia, e atormentarão as Almas com tal vehemencia, que, desfazendo-se em suores pestiferos, exhalarão fedores de todo o genero, e todos muito peyores, que os dos condemnados; pois desejão com elles dar-lhes sempre novos, e mais horriveis tormentos. Appareceo huma vez o Demonio ao glorioso S. Martinho, em hum traje muy galante, vestido de ouro, e de purpura, com huma coroa engastada de pedras preciosas na cabeça; e falou-lhe nesta maneyra. Eu sou Christo, teu Senhor, adora-me, como mereço, pois sou o Filho de Deos. Porèm o Santo illustrado com a luz Divina, e conhecendo o engano do Pay das mentiras, respondeo-lhe deste modo. Meu Senhor Jesu Christo tem na sua cabeça hũa coroa de espinhos, e a purpura, de que o vejo vestido, he estar o seu corpo pelos meus peccados todo flagelado, e ensanguentadõ: *Dominus meus JESUS gerit in capite coronam spineam, & corpus pro peccatis meis diris flagellis cruentatum.* E nesse habito das vaidades do mundo, que tu trajas, naõ o conheço. O Demonio vendo se descuberto desapareceo. Deyxou porèm hũ tal fedor no aposento do Santo, que bem deu a entender a toda a vizinhança, quem era; pois parecia-lhes a todos, que estavaõ no Inferno; e taõ inficionado ficou aquelle lugar que por muytos annos naõ foy habitavel. A' vista deste succesſo argumento agora assim; se o baratro infernal, conforme a doutrina de Santo Thomás, he a sentina, aonde haõ de ir a parar todos os conductos das mais hediondas fezes da terra; e, se o corpo de hum só Precito federá mais, que a mesma sentina de todas as immundicias do Mundo; e, se havendo milhões, e milhoens de condenados, hum só Demonio será sem comparaçaõ mais fedorento, que todos elles; e sendo os Demonios em taõ grande numero, como cada hum

Laur. Sur. in vita D. Mart. Epi.

pòde

póde excogitar; que penna poderá deſcrever, ou que lingua ſe atreverà a explicar a eſſencia, a qualidade, a quantidade, e a intenſaõ de hũ fedor taõ inexplicavel, e imperceptivel. Sò o Eminentiſſimo Cardeal Baronio, que, parece, eſtava na profunda conſideraçaõ dos fedores do Inferno bem radicado, era na primavera dos ſeus annos naturalmente inclinado á toda a ſorte de cheyros. Entrando depois no caminho mais apertado da ſalvaçaõ, procurou de ſer alumno, e imitar a S. Filippe Neri, para ſer a ſegunda columna da ſua Congregação do Oratorio. Naquelle eſtado já mais perfeyto, ainda prevalecia nelle o antigo aborrecimento, que tinha a tudo, o que era aſqueroſo, ou naõ lhe cheyrava bem, e para vencer os melindres da natureza corrupta, obrigou a ſua imaginaçaõ á profundarſe nos fedores do Inferno, que tantas vezes (dizia elle) tinha merecido. E, como diz o Profeta David, que *In meditatione mea exardeſcit ignis.* Aſſim elle neſta meditaçaõ acendeo-ſe com tal fogo de penitencia, e de amor Divino o ſeu eſpirito, que buſcando hũa maõ chea de percevelhos, cujo fedor era o que mais aborrecia, generoſamente os poz na bocca, comeo-os, e os engulio. Acçaõ foy eſta muyto mais heroyca de tantas, que a trombeta da fama tem divulgado do Emperador Auguſto Ceſar; porque ſe Ceſar Auguſto venceo com o valor das ſuas armas Provincias, e Reynos dilatados no Mundo; Ceſar Baronio venceo a ſi meſmo; que, como diz Platão, he o homem hum microcoſmo, que quer dizer hum Mundo pequeno, pois no entendimento, e na vontade he capaz de milhares de mundos. E que bem remunerou Deos a Baronio por eſta acção heroica, ainda neſta vida; porque além do dom da ſciencia, que teve, foy honrado com a purpura Cardinalicia; e, ſe o ſeu nome naõ entra ainda como Heroe nos ſeus annais

Pſalm. 38. 4.

In vita Car. Bar.

Rainad. an. Eccl.

nais Ecclesiasticos, está porèm para sempre registrado pelos seus successores no glorioso Catalogo dos Varões Illustres, e bem se pòde dizer delle; que neste Mundo: *Illi erat pro suavi odore fœtor.*

Aver. in com. Arist. l. perqier.

He axioma filolosofico, que: *Contrariorum eadem est disciplina.* Quer dizer, que da essencia de hum contrato facilmente se infere a essencia do outro. Isto supposto. Creou Deos neste Mundo huma grande quantidade de flores. Creou a Rosa de Alexandria, o Cravo da Rochela, as Boninas de Portugal, os Junquilhos de Castella, o Jasmim de Italia, a Violeta, a Angelica, o Narciso, a Açucena; com outras tantas variedades de flores, entre si taõ discrepantes na figura, como diversas no cheyro. Todas estas flores distilladas em hum lambique, e largando com a força do fogo, cada huma por si, o seu cheyro; conforme da rosa sahirá agua rosada, assim de todas as flores, e de todos os cheyros unidos em hum só lambique, sahirá hũa agua taõ delicioſa, e agradavel ao sentido, de que tratamos, e taõ confortativa do cerebro, que naõ tendo os Distilladores nome proprio na terra, para explicar a sua fragrancia, foraõ-o buscar no Ceo, chamando-lhe agua d'Angeles. Creou o Author da natureza varios animaes, cujos escrementos, quem os perfue, vive na sua casa, como se fosse morador na Arabia feliz, poys naõ saõ menos, que o ambar, que a algalia, e que o almiscar: Creou os aromas da Asia, os bejuins da Africa, os balsamos do Brasil, com as mais drogas cheyrosas da India, e da Sabèa. Se hum perito na Quimica, ou Espargirica, quizesse agora apurar estes mistos; sublimando-os, subtilizando-os, e fazendo-os volatizar: Depois de subtilizados, sublimados, e volatizados, sahiria huma quinta essencia taõ admiravel, e hum extracto taõ suave, que havia de ser o alivio da cabeça, o conforto

do

do coraçaõ, e a maravilha dos cheyros, e para o não chamar Paraiſo do olfacto, lhe daremos o ſeu nome proprio dos Quimicos, que chamaõ a eſta quinta eſſencia de tantas eſſencias o *Elixir vitæ.*

Do meſmo modo, que temos diſcorrido do cheyro, havemos agora de diſcorrer do fedor. Naõ chegáraõ as fantaſias dos Poetas, para explicar os hodiondos, e inenarraveis fedores do Inferno, nem a voar mais alto, que a referir os maos cheyros dos Rios Letes, e Acheronte, da palude Eſtigia, dos Tanques de Cocito, e finalmente da lagoa do Averno, tantas vezes de Virgilio repetida. *Æneid. lib. 6.*

Grave olentis Averni.

Cocyti ſtagna alta vides, ſtygiamque paludem.

Eſta palavra *Avernus* he Grega, compoſta de *A* privativo, e de *Vernus*, que ſignifica primavera, donde o meſmo he dizer *Avernus*, como já diſſe em outro diſcurſo, que ſem primavera. E como na primavera naſcem, e brotaõ todas as flores, bem ſe deyxa entender o Poeta, dizendo, que nunca haverá odor, que conſole, ou recree; mas fedor, que ſempre moleſte, e mate: *Grave olentis Averni.* Tanto aſſim que Santo Iſidoro refere, que o fedor, que ſay deſte lago do Averno, he taõ agudo, e peſtilente, que todas as Aves, que voando por alto paſſavaõ por elle, logo na meſma lagoa cahiaõ mortas: *Ita ut* (ſaõ ſuas palavras) *exhalans inde fætor graviſſimus ſuper volantes Aves halitu ſubnecaret.* Continuemos agora o noſſo diſcurſo, argumentando do meſmo modo, que do cheyro. Ora ſe diſtillaſſemos todas as aguas deſta lagoa do Averno, e dos mais Rios fingidos ou imaginados Letes, Cocitis, Eſtigios, e de todas as ſentinas, Paludes, e Tanques fedorentos, e depois de diſtilladas, e reſtilladas, ſe tornaſſem a diſtillar atè ſair, naõ digo a quinta eſſencia; mas a *S. Iſidor. lib. 13. cap. 3.*

ul-

ultima essencia. Que agoa seria esta? Por certo que sahiria huma agoa com hum fedor taõ sublimado, e operativo, que não só seria agoa forte, mas agoa de morte. E se ajuntarmos aos fedores da agoa os fedores da terra, como saõ sentinas, monturos, cloacas, canos, reductos, com todos os mais mistos fedorentos, e assim congregados, e unidos, fossem por virtude da arte quimica apurados, elevados, sublimados, e subtilizados atè sair o sal volatil, por certo que subiria este fedor a taes quilates, que só os vapores delle bastariaõ, para apestar a todo o genero humano, e causar a mil mundos milhoens de mortes. Oh fedor eterno! Oh fedor imperceptivel, que quanto menos considerado nesta vida, tanto mais intoleravel ficarà para sempre na outra, aonde: *Erit prò suavi odore fætor.*

Quando o inferno naõ fosse hum calabouço escuro, mas hum Paiz ameno, huma regiaõ clara, e naõ houvesse o tormento do fogo, nem outra pena, que soffrer, mais que esta quinta essencia de todos os fedores, será hum suplicio taõ violento, e insoportavel, que nesta vida (como já dissemos) daria no primeyro instante a morte. Porèm, se a esta quinta essencia de fedores, se ajuntassem todas as outras quintas essencias de cada genero de tormentos, entaõ os condenados naõ padeceriaõ hum inferno, mas mil infernos. Parece, que o Espirito Santo faz mençaõ deste pensamento, no Texto Sagrado, que diz assim: *Eccl. c. 39. 33.* *Sunt spiritus, qui ad vindictam creati sunt; in tempore consummationis effundent virtutem.* Perguntaõ os Expositores, com os Santos Padres. Quem saõ estes Espiritos, que Deos creou, para castigar, e vingarse dos Peccadores? Muitos saõ de parecer, que sejaõ os Demonios; porém esta opiniaõ envolve suas difficuldades, pois os Demonios naõ foraõ creados *primariò*

rio para ſerem Demonios, inimigos de Deos; mas para Anjos, e Miniſtros, que haviaõ de aſſiſtir ao ſeu throno, e gozar da ſua gloria. Nem eſta opiniaõ eſtá ao pè da terra, porque o ſacro Codice naõ nomea por Miniſtros deſta vingança os Demonios, mas o fogo, a ſarayva, a fome, e outras couſas capazes de atormentar: *Ignis, grando, fames, romphea, &c. omnia hæc ad vindictam creata ſunt.* Pois ſe o fogo, a fome, e a ſaraiva, ſaõ couſas materiaes, como as chamaõ *Spiritus.* Reſpondem os Interpretes, e dizem: Que da meſma maneyra, que os Quimicos, e Eſpargiricos, occupados em apurar no fogo os miſtos, cavaõ os extractos, e quintas eſſencias, que ſaõ como a flor das ſubſtancias, e a tudo iſto chamaõ com o nome de *Spiritus.* Aſſim tambem de todas as febres agudas, e malignas ardentes, ſahirá hum Eſpirito de febre; de todas as fomes caninas, e rayvoſas, hum eſpirito de fome; de todas as dores de gotta, de ſciatica, de reumatiſmo, como tambem de pedra, renela, calculos, e de todos os mais generos de males, ou tormentos, que podem vir, ou ſe podem dar no corpo humano, eſtes todos, reſumida a ſua força, e virtude em huma quinta eſſencia, ou eſpirito mais apurado, *in tempore conſummationis* (como diz o meſmo texto) *effundet virtutem.* No inferno por toda a eternidade atormentaráõ os miſeraveis condenados. Oh grande rigor da Juſtiça Divina! e com tudo, o Peccador ſabendo iſto, nem treme, nem teme, ou naõ cre; mas naõ paſſará muyto tempo, que a ſeu grande pezar, e ſem remedio conhecerá, e experimentará a força deſtas verdades: *Væ quibus hæc prius lugenda ſunt, quàm credenda.*

Eccleſ. cap 33. 34.

Eccleſ. cap 39. 33.

Euſeb. Emiſ. Hom. ad Mon.

Nem pareça difficultoſo, que no inferno ſe congreguem em hum condenado todos os extractos, e eſpiritos, de quantos generos de males ha, e póde haver

no

no Mundo; porque estes estarão todos encerrados, e unidos na quinta essencia do fogo. Quando Deos quiz consolar o Povo escolhido, que se queyxava da fome, fez logo chover do Ceo o Maná, e no Maná encerrou todos os gostos dos guizados, e comeres, e todos os sabores de todos os frutos da terra: *Omne delectamentum in se habentem, & omnis saporis suavitatem.* Do mesmo modo (ensinaõ os Theologos) que Deos no Paraiso encerra no lume da gloria todos os bens: *Omnia bona.* Que agora (como diz S. Paulo) naõ podemos comprehender, nem imaginar: *Nec in cor hominis ascenderunt.* E, se a misericordia Divina emprega a sua Omnipotencia, em fazer milagres no Ceo, e na terra a favor dos seus escolhidos, quer tambem a razaõ, que a sua justiça, por ser recta, empregue a sua Omnipotencia com tormentos milagrosos, que encerrem: *Omnia mala*, todos os males, para castigar os seus inimigos, e reprovados.

Sar. cap. 16. 24.

Sirva de prova concludente o Rico Avarento com as mesmas suas palavras; pois falla como experimentado. Apenas se achou este sepultado no inferno, que logo se vio cercado de todo o genero de tormentos: *Cum esset in tormentis.* Que logo pedio misericordia ao Pay Abraham, para que o livrasse daquelle fogo: *Pater Abraham miserere mei, quia crucior in hac flamma.* Mas se o Rico Avarento define, e chama ao inferno lugar de todos os tormentos: *In locum tormentorum.* Como se queyxa só do fogo? A razaõ he; porque aquelle fogo encerrava em si todos os mais tormentos; pelo que naõ disse absolutamente: *Crucior in flamma*, nem *Crucior in igne.* Mas *Crucior in hac flamma.* Nesta tal chama, neste tal fogo, muy diverso dos outros, que encerra, e contém em si eminentemente todos os mais tormentos. E se isto he assim; porque causa o Rico Avarento naõ pede alivio dos ou-

Luc. 16. 24.

outros ſupplicios, que padece, mas ſó pede algum refrigerio para a ſua lingua ? *Ut refrigerer linguam meam.* Reſpondem os Santos Padres, que Deos communicou a eſte tal fogo, como a Miniſtro das ſuas vinganças, huma virtude diſcernitiva, para caſtigar os Reprobos. E bem ſe prova iſto (diz S. Joaõ Chryſoſtomo) na fornalha de Babilonia, que eſtando dentro os tres Mancebos innocentes, o fogo naõ lhes tocou hum cabello, e ſaindo a chãma fóra da fornalha queymou vivos aos verdugos, que a todos os tinhaõ lançados dentro : *Porrò illos, qui miſerant, interfecit flamma ignis.* Caſſiano chama a eſte fogo Inquiſidor dos crimes : *Ignem delictorum Inquiſitorem.* E S. Agoſtinho o chama fogo ſapiente, que caſtiga conforme os delictos de cada hum : *Quantum ſtulta iniquitas ſugeſſit, tantum ſapiens ignis deſæviret.* Vamos agora ao Rico Avarento, cujo crime principal era a golodice; porque vivia como epulaõ ſempre em banquetes, ſem nunca dar huma eſmola ao pobre Lazaro, que morria de fome : *Epulabatur quotidie ſplendide.* E por iſto o fogo como ſavio, e intelligente, carregava mais o tormento na lingoa, que era o inſtrumento, com que ſatisfazia ao goſto, no comer bons bocados. Do meſmo modo ſe adatarà por caſtigo o fedor do Inferno. Aquelles que uſaõ dos cheyros por vaidade, para parecer galantes, ou por delicia laſciva, ou por mao fim, ſe lhes apurará o fedor do inferno de qualidade, que todos os fedores mais hediondos do Mundo unido na quinta eſſencia lhes pareceriaõ ſuaves: *Erit pro ſuavi odore fœtor.* *Dan. c. 3 23.* *Caſſiod. coll 4.*

Tomàra eu agora perguntar a certas moças de pouco cizo, criadas com tanto melindre, que a tudo tem aſco, de tudo tem horror. A certas Matronas, e Fidalgas da Corte taõ mimoſas, que paſſando nos ſeus coches, ou liteyras por algũa rua, aon-

de

de da corrupçaõ de algum animal morto exhala algum mao cheyro; no meſmo inſtante poem o lenço borriffado de agoa de Cordova na boca, e torcendo o roſto, gritaõ em voz alta; tange Cocheyro, anda depreſſa, parece, que os teus narizes ſaõ de bronze, pois naõ te fede eſta peſte. Tomára, digo, perguntarlhes, ſe eſtaõ deſenganadas, que todos os fedores da terra, reduzidos em eſtracto, naõ ſaõ mais, que huma garraffa de agoa de flor, em comparaçaõ dos fedores do Inferno. E que direy eu de hũa immenſidade de outras mulheres, que pertendendo de ſerem as Helenas dos noſſos tempos, feytas Diſcipulas de Venus, ſervem-ſe dos cheyros por mao fim; uſando delles, naõ por recreaçaõ do olfacto, mas para mayor incitamento ao peccado, e para laço, e deſtruiçaõ das Almas. Oh que triſte ſorte! Com que impeto, e com qual vehemencia de fedores atormentaráõ os Demonios a taõ pernicioſa caſta de mulheres, em recompenſa de taõ depravados cheyros, ſe naõ ſe deſenganarem neſta vida com tempo: procurem de imitar a Magdalena. Foy eſta Santa Matrona muyto illuſtre de ſangue, e ſenhora de Villas, e Caſtellos, mas foy tambem mulher Peccadora: *Mulier in Civitate peccatrix* Porèm logo, que conheceo a Chriſto, deſenganou-ſe das vaidades do Mundo. A primeyra prova do ſeu deſengano foy deſpirſe das galas, e de todo o ornato, e quebrados os alabaſtros, em que guardava os aromas, e cheyros prèciоſos, lançados aos pès do meſmo Chriſto: *Maria habens alabaſtrum unguenti nardi piſtici pretioſi unxit pedes Jeſu.* Naõ uſou, em todo o tempo da ſua vida, de outras agoas odoriferas, que as das ſuas proprias lagrimas, com que lavava as maculas da ſua Alma, cometidas na primavera dos ſeus annos: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus.* Como temos dito em outro diſcurſo.

Luc. 7. 37.

Job cap. 12.

Tam-

Tambem devem procurar eſte deſengano, huns certos Paraninfos, que aſpiraõ a todas as vodas, e pertendem os melhores caſamentos: huns certos Narciſos, que contemplam a cada paſſo no eſpelho a ſua fermoſura, e ficaõ Idolatras de ſi meſmos. Huns Ganimedes aereos, que andaõ ſempre com polvilhos nos cabellos, e cabelleyras, e nunca ſe lembraõ da morte; conſiderem, que o Principe das agudezas, com ſer Poeta gentio, eſtranhava no ſeu tempo, aquelles Fidalgotes de Roma, que, como effeminados, hiaõ ſempre, com luvas ambreadas nas mãos, carregados de cheyros, dizendo com ſutileza, que naõ deyxa de cheyrar muyto mal, quem cheyra ſempre bem: *Non bene ſemper olet, qui bene ſemper olet.* Nem o fedor dos peccados ſe tira com as delicias dos cheyros, mas com a penitencia, e com a mortificaçaõ do olfacto, e dos mais ſentidos. Imitem a S. Arſenio, aquelle grande exemplar dos Anacoretas, que, ſendo Valído do Emperador Theodoſio, trocou a Corte com hum deſerto, e o paludamento na Cuculla, largando as grandezas do paço, com a pobreza de hum tugurio. Acoſtomou-ſe com os mais Monges em certas horas do dia, dedicadas ao exercicio exterior, a tecer eſteyras, e ceſtos; e porque era neceſſario a fim, de que os juncos, e eſpartos, com que ſe teciaõ, eſtiveſſem ſempre na agoa, para ſe manterem verdes, e brandos, nunca mudava a agoa, que tinha no vaſo; mas aſſim fedorenta, como era, lhe accreſcentava outra, para que ſe conſervaſſe ſempre com o meſmo fedor. Hiaõ das outras Ermidas a viſitalo os Monges mais anciãos, e não podendo tolerar aquelle mao cheyro, perguntavaõ-lhe, como naõ lançava fóra aquella agoa taõ corrupta, e taõ nociva? que era baſtante para apeſtar a ſua cella. Reſpondia Arſenio. Conſervo-a por amor do regalo

Mart. lib. 5. Epigr.

Eriber. Roſw. in vita Arſen.

do

do ambar, e almiscar, que sempre trouxe comigo, quando eu vivia no seculo no paço de Cesar, e me he necessario, que agora sofra este fedor a fim, de que no dia do juizo me livre Deos dos fedores do Inferno: *Ut in die judicii de illo gehenæ innenarrabili fætore liberet me Dominus.* Oh lembrança do Inferno, quanto es efficaz para aliviar os Catholicos das molestias, e afflicções desta vida! Pelo contrario, quam penoso castigo está preparado, para aquelles, que vivem descuydados desta lembrança; porque, como diz a Eterna Sapiencia por bocca de Salomaõ; enganando-se a si mesmos, discursaõ muyto mal: *Cogitantes apud se non rectè exiguum, & cum tædio est tempus vitæ nostræ. Venite coronemus nos rosis antequam marcescant.* A nossa vida alèm de ser breve, se naõ buscarmos algum modo de alegria, naturalmente he triste. Depressa coroemo-nos com capellas de rosas, primeyro que murchem: *Nullum sit pratum, quod non pertranseat luxuria nostra.* Naõ haja nos prados, e jardins deste Mundo flor algũa de fermosura, que a nossa luxuria naõ apeteça, e naõ alcance. Estes saõ os axiomas Epicureos, que reynaõ nos corações molles, e effeminados, sem reparar que todas as flores de delicias, ou cheyros, sempre nesta vida saõ effimeras: *Ipsa dies aperit, conficit ipsa dies.* E durando taõ pouco, vay depois parar para sempre nos eternos fedores do Inferno.

Theat. vitæ sum.

Sap. c. 2. 1. & 6. & 8.

Entre os Emperadores Romanos, nenhum houve, nem mais dado aos regalos, nem mais amante dos cheyros, que se igualasse a Elliogabalo. Convidou pois este a flor da Fidalguia de Roma a hum galhardo banquete, que com profuso dispendio tinha preparado na mayor sala do seu real palacio. Naõ fallo na extravagancia das viandas, na preciosidade dos comeres; porque, como se a Europa toda naõ fosse

ca-

capaz, de satisfazer ao apetite, para fartar a intemperança, de Africa, e de Asia mandava conduzir a Roma o mais seleto. No melhor do banquete, quando já as Malvasias, e as Candias com os seus espiritos alegres avivavaõ a fantasia, de repente começou a cair do tecto da Aula hum chuveyro taõ copioso de flores sobre os convidados, que parecia, que Hibla, e Flora para lisongear a Cesar, concorriaõ a solemnizar o banquete. De grande festejo foy esta novidade: ver em hum instante a mesa marchetada de cravos, e alcatifada de rosas. Mudavaõ-se as iguarias, e assim as que entravaõ, como as que sahiaõ, logo ficavão cubertas de flores. Brindavaõ-se huns aos outros, e estando com os falernos mais subidos nas mãos, entre a alvura dos alabastros, e porcellanas, por onde bebiaõ, misturava-se no mesmo tempo o purpureo das rosas, que do forro estavaõ cahindo. Emfim tudo rosas, tudo flores, tudo cheyros, tudo delicias. Porèm, como diz o Espirito Santo, do mayor da alegria passáraõ ao mayor extremo da tristeza: *Extrema gaudii luctus occupat.* E quanto melhor fora para elles, entrarem tristes, para dar os pesames na casa do luto, que irem alegres ao paço, para receber os parabens de serem convidados ao banquete: *Melùs est ire ad Domum luctus, quàm ad Domum Convivii.* Porque continuando com igual copia a chover flores, o que primeyro era delicia, já passava a tedio dos convidados, Sahindo depois da sala Elliogabalo, mandou fechar as portas; e, subindo elle mesmo ao tecto, fez lançar em mayor abundancia flores, e mais flores, atè que os infelices convidados batidos, e combatidos de hũa tempestade odorifera, estando á mesa de flores, e entre a fragrancia dos cheyros pisando purpuras, ficàraõ todos miseravelmente afogados, encontrando em cama de rosas a sepultura.

Prov. 13 14.

Eccles. c 73.

Defenganem-se todos aquelles, que por muyto mimo, e melindre saõ mais amantes da seyta de Epicuro, que da ley de Christo. Porque he traça antiquissima do Demonio procurar, que neste Mundo vivamos entre as delicias mimosas dos cheyros, para que assim descuydados, vindo de improviso a morte, vamos aparar com elle entre os tormentos, e fedores do Inferno.

Foy opiniaõ antiga dos Pitagoricos, que o cheyro bastava para a nutriçaõ, e sustento, assim da vida humana, como de qualquer outro individuo. Alegaõ por si, que Aristoteles, estando em huma grave doença com fastio mortal, e sem poder levar cousa alguma pela bocca, com cheyros confortativos, e sustanciaes, lhe foraõ prolongando a vida, atè ter alguma melhora da sua saude; e, que Plutarco escreve, como na Asia vive hum Passaro, cujo alimento naõ he outra cousa, que puramente o cheyro: do mesmo modo, que o Camaleaõ sustenta a vida com fartarse de ár, e do vento. Esta mesma sentença segue o secretario da natureza, Plinio; o qual affirma, como nas nascentes do Ganges, estaõ situados certos Povos, cujo vestido saõ folhas de arvores, que, tendo hum nariz de grandes ventas, e assaz comprido, naõ tem bocca para comer, chamaõ-se Astòmos, que he palavra Grega, que significa o mesmo, que sem bocca. Estes, quando he tempo de alimentar o corpo com o sustento, vaõ com toda a sua familia a buscar as arvores fructiferas, e assentando-se debayxo dellas, colhem as frutas, e tomando-as na maõ, as estaõ cheyrando, atè, matar a fome com o simples cheyro. Esta opiniaõ dos Pitagoricos, ainda que tem varios Authores, he muy duvidosa, e de muy poucos admitida. Mais depressa provarey eu com a experiencia, e com successos evidentes, que o

Plut. lib. 7.

Plin. de reb. nat. lib. 8.

Petrus Bertius.

Vide Joan. Bapt. Man. cen. 23.

chey-

cheyro, quanto he mais precioſo para o corpo, tanto he mais pernicioſo para a Alma, e continuando o uſo delle, em lugar de acreſcentar a vida, precipita as mais das vezes para a morte.

Refere Saõ Pedro Damiaõ, como o Emperador Otho Terceyro, preſo dos naturaes encantos da fermoſura, e graça de D. Joanna, Nobiliſſima Matrona Romana, mandou matar ao Marquez Creſcencio, ſeu marido, dandolhe eſperanças, que pelo tempo adiante havia de caſarſe com ella, e coroala Emperatriz. Eſtando depois Otho, com grave eſcrupulo, e remorſo da conſciencia, foy para Ravena a confeſſarſe com Saõ Romualdo, que naquelle ſeculo eſtava no mayor auge da veneraçaõ, e ſantidade. Fez propoſito de mudar vida, e com fazerſe Religioſo, trocar a purpura com a cogulla. Mandou com grande magnificencia fabricar o Moſteyro à ſua cuſta, e no em tanto foy para a Cidade de Pavia, a dar ordem para a renuncia do Imperio. Tornou depois para Ravena, e logo Saõ Romualdo foylhe lembrar a promeſſa de ſer Religioſo. Porque lhe tinha revelado o Eſpirito Santo, que antes de hum anno havia de dar conta a Deos, naõ ſó dos ſeus peccados, mas tambem do mao exemplo, que no diſcurſo da ſua vida deu a tantos ſeus vaſſallos. Reſpondeo Ceſar, que eſtava de acordo, mas que naõ podia ſer logo: porque lhe era forçoſo dar primeyro hũa chegada a Roma, para deyxar concluſos certos negocios, e que na volta guardaria ſem falta o ſeu propoſito. Porèm o Santo, enternecido pela perdiçaõ daquella Alma, lhe profetizou claramente, que, ſe hia a Roma, naõ tornaria nunca mais a Ravena: *Si Romam ibis, Ravennam amplius non redibis.* E aſſim foy: porque renovando como por deſpedida a antiga amizade com D. Joanna, ella, conſiderando ſe como burlada, e prevendo, que naõ

D. Petr. Dam. in vita S. Rom.

Surius in vita D. Rom.

naõ havia de ser Emperatriz, armou a vingança, tanto mais atrevida, quanto nas mulheres o fogo da ira he mais aceso. Sabia a Marqueza, que o Emperador era naturalmente inclinado a todo genero de cheyros, e por isto com huma traça atreiçoada, mandou-lhe de presente hum par de luvas, para que cheyrando-as, se lembrasse, que era a ultima prenda do seu affecto. Como a fragrancia era suave, e peregrina, assim tambem a composiçaõ dos cheyros era medicada com hum veneno taõ agudo, e penetrante, que, subindo logo ao cerebro, e do cerebro ao coração, como se fosse ferido de huma apoplexia, sem confissaõ, e sem poder dizer JESUS, cahio subitamente morto. Oh caso terrivel! Oh succesſo lastimoso! Cujas consequencias saõ dignas de hum serio reparo, para total desengano dos peccadores. E quam diversos cheyros acharia o Emperador Otho naquelle mesmo instante, que das delicias do Paço, passou para o fedorento calabouço do Inferno! Ahi fim, que experimentaria à sua custa ser verdade, que: *Erit pro suavi odore fætor.*

Card. Bar. ann. Oth Cs.

He consideraçaõ minha, que fallando tantas vezes a Escritura sobre as penas reservadas aos Peccadores no Inferno, sempre que nomea o fogo, acrescenta tambem o enxofre. O Profeta David no Psalmo decimo diz, que naquella gruta infernal chovera sobre os condenados fogo, e enxofre: *Pluet super peccatores ignis, & sulphur.* O Profeta Isaias diz, que o alimento, e nutriçaõ dos Reprobos será o fogo, e a bebida huma torrente de enxofre: *Nutrimenta ejus ignis, & torrens sulfuris.* S. Joaõ no seu Apocalypse muytas vezes falla delle: *Cruciabuntur igne & sulfure.* Que os Prescitos seraõ atormentados com fogo, e enxofre: *Missi sunt in stagnum ignis ardentis sulfure. Missus est in stagnum ignis, & sulfuris.*

Psalm. 10. 7.

Isai. c. 30. 33.

Apoc. c. 14. 10. c. 29. 20. c. 20. 9. c. 21. 8.

Erit

Erit in ſtagno ardenti igne, & ſulfure. Que ſeraõ ſentenciados, a ſofrer para ſempre o tormento exceſſivo de hum fogo ſulfureo. E que combinaçaõ tem o enxofre com o fogo do Inferno? Para reſponder com acerto a eſte queſito, he-me neceſſario explicar primeyro as qualidades, e os effeytos do enxofre. O celebre Andrè de Laguna, Protomedico do Summo Pontifice Julio Terceyro, e depois delRey Filippe o Prudente de Caſtella, diz, que o enxofre tem huma liga inſeparavel com o elemento do fogo, e prova-ſe com a experiencia, porque aproximando-ſe o enxofre ao fogo, no meſmo inſtante inflamma-ſe, acende-ſe, e arde: e por iſto os Quimicos o chamaõ fogo virtual, ou virtualmente fogo. Refere Dioſcorides, que ſe achaõ agoas ſulfureas, que paſſando por minas de enxofre, brotaõ, e ſahem fervendo; o que denota, ſer o ſeu calor exceſſivo. Os meſmos rayos, que ſe formaõ, e compoem de varios vapores, a mayor parte delles ſaõ ſulfureos, pois por onde paſſaõ, deyxaõ hum fedor manifeſto de enxofre. Lembra-me, que na Cidade de Mantua, em tempo dos canicula-res, armou-ſe huma trovoada taõ eſcura, e medonha, que fazia horror. Desfechando depois às tres da tarde, deſarmou-ſe com varios rayos. Cahio hum delles em huma caſa, e de dezaſete peſſoas, que moravaõ nella, matou logo a quinze, ſem achar nos cadaveres lezaõ alguma; e as duas mais, que ficáraõ como ſemivivas, reſpiravaõ com difficuldade; porque o fedor do enxofre, que deyxou o rayo, era taõ agudo, e maligno, que penetrava o cerebro, e afogava o coraçaõ. Para ſer outra vez habitavel eſta caſa foy neceſſario lavala com vinagres fortes, e defumala com fogo de alecrins, e outros aromas confortativos. Prova-ſe tudo iſto com a experiencia dos meſmos, que tem por officio de cavar enxofre das mi-

And. Lag. in Dioſc.

Dioſc. lib. 5. ver ſulf

minas. Estes mineyros, como já destros na arte, além de terem perto de si alguns cheyros contrarios, procuraõ sempre de cavar o enxofre em lugares muy claros, e descubertos; porque se trabalhassem sem este resguardo, e em lugar fechado, infallivelmente cahiriaõ mortos. Estes saõ os effeytos, e as qualidades do enxofre. Agora respondo ao quesito; que combinaçaõ tem o enxofre, com o fogo do Inferno? E digo, que tem a mesma, que tem o fogo com o enxofre na terra. E porque Deos para castigar aos peccadores no Inferno, entre os tormentos do tacto, escolheo ao fogo com o mais operativo, e violento, assim para punir os melindrosos, e effeminados nos cheyros, entre os tormentos do olfacto escolheo ao enxofre; porque tem o seu fedor mais activo, e penetrante: *Missi sunt in stagnum ignis ardentis sulfure.* E conforme a creatura do fogo, elevada pela Omnipotencia Divina, obra com muyto mayor actividade, e violencia, de tal sorte, que este nosso fogo natural pareceria aos condenados, sem esta elevaçaõ, hum fogo pintado; assim tambem o enxofre, elevado da mesma virtude Divina, largarà de si hum fedor muyto mais vehemente, efficaz, e penetrativo; tanto assim, que todos os fedores do Mundo congregados, pareceràõ aos Reprobos huma suave fragrancia: *Erit illis pro suavi odore fœtor.*

In Comment. Diosc.

Apoc. c. 19. 20.

Foy costume da antiguidade, purgar em-se as casas, habitadas dos Demonios, com o fogo do enxofre. Este uso foy tambem admettido na Grecia entre os Sacerdotes Gentios, que expelliaõ com o seu fumo os malignos espiritos dos corpos dos Invasados; e assim Homero refere, que Ulysses defumou a sua casa com o fedor do enxofre, para expellir as Almas infectas, que a assombravaõ. Será tudo isto fabula, ou invençaõ poetica, ainda que naõ faltem Authores, que o digaõ.

Hom. in Odiss.

Diosc. in annor. ver. sul. fur.

gaõ. He porèm verdade de fé, o que narra o Evangelista S. Lucas, que eſtando Chriſto lançando huma legiaõ de Demonios, pediraõ-lhe eſtes, que naõ os obrigaſſe a tornar para o Inferno, que antes entrariaõ em hum lote de animaes immundos, que eſtavaõ paſtando no monte. Deſpachou-lhes Chriſto a petiçaõ: *Permiſit illis.* Eſcaçamente entrou a legiaõ dos Demonios no lote immundo, que eſte precipitando-ſe do monte abaixo foy buſcar hũ lago de agoa onde ſe afogou: *Abiit grex per præceps in ſtagnum, & ſuffocatus eſt.* Reparaõ os Santos Padres ſobre eſte Texto, que, ſendo eſtes animaes naõ ſó por nome, mas tambem por natureza immundos, criados em monturos, e quanto mais ſe deytaõ em lamarões, e fedores, mais creſcem, e engordaõ, agora eſtranhaſſem de qualidade o fedor dos Demonios, que para o naõ ſofrer hum ſó inſtante, elegeraõ todos juntos morrerem afogados. Aſſim he, reſponde Saõ Pedro Cryſologo. E iſto prova a differença que vay do fedor do Inferno aos noſſos fedores: *Sic eſt odor ejus tartareus, & crudelis, ut eum nec porcorum natura ſufficeret ſuſtinere. Denique demergi in mari, & fluctibus maluit deperire, quàm ejus immunditiam & putredinem tollerare.* Oh fedor Tartareo! Oh fedor do Inferno! que, como diz Saõ Bernardo, he taõ inſoportavel, que naõ ha lingoa, que o ſayba explicar, nem ha penna, que o poſſa deſcrever: *Fætor intollerabilis, Fætor innenarrabilis.* Deſenganem-ſe os peccadores, que a ſuavidade dos cheyros, que havemos de procurar neſta vida, he a virtude, e ſantidade; e ſobre tudo o bom exemplo da noſſa vida, com que havemos de edificar os noſſos proximos, para podermos dizer com o Apoſtolo: *Chriſti bonus odor ſumus.* Pelo contrario, regalar o palato com cheyros, e affectar fragrancias nos veſtidos, diz S. Joaõ Chryſoſtomo, que denota hum animo effemi-

Luc. c. 8 32.

Ibid. 33

S. Petr. Chryſ. Ser. 17.

D. Bern. Ser. ad Fr.

2. Cor. 2. 15.

nado, e lascivo, que procura com estes cheyros encobrir o fedor dos seus vicios: *Corporis enim, ac vestium fragantia, arguit intus latere animum graveolentem, & immundum.* Mas nunca poderà por toda a eternidade encobrir os fedores do Inferno, aonde estes, de que tanto agora foge, là lhe haveraõ de parecer suaves: *Erit illis pro suavi odore fœtor.*

Chrysost hom. 4. de Laz. tom. 2.

RPJCB

TORMENTO DO GOSTAR

DISCURSO V.

Do Tormento do Goſtar.

Epulabatur quotidiè ſplendidè, & ſepultus eſt in Inferno. Luc. 16.

ENvejando o infernal inimigo a dignidade humana, pouco inferior à ſua: *Minuiſti eum paulo minus ab Angelis.* E vendo-a collocada no Paraiſo terreal, para depois ir gozar da bemaventurança, valeo-ſe de todas ás traças; para que rebellando-ſe como elle ao ſeu Creador, fartaſſe deſte modo a ſua inveja, ficando o genero humano como ſeu ſubdito no inferno. He de reparar, como, o Eſpirito Santo, que dirigio a penna de Moyſés, primeyro hiſtoriador da Sagrada Eſcritura, antes de relatar a ſerie da ruina dos noſſos primeyros pays, deu principio ao terceyro Capitulo, ſervindo-ſe como de prologo da aſtucia malicioſa do Demonio: *At ſerpens erat callidior omnibus animantibus terræ.* Procede depois a narraçaõ do infauſto ſucceſſo com o total ex-

Pſalm. 8.6.

*Gen.c.*3.

exterminio de Adam, e Eva, e de toda a sua posteridade. He Lucifer o Proteo infernal, que para enlaçar as Almas, veste todos os trajes, toma todas as figuras, busca todas as formas, inventa todos os artificios, e estratagemas; porèm com tudo isto, conhecia claramente, que Adam, e Eva estavaõ guardados da justiça original, como em hum forte rochedo, com abundante presidio de auxilios, e fortalecidos de todas as bandas com a graça santificante, e por isto capazes, naõ só de resistir a todos os assaltos, mas de envergonhalo, vencelo, e consumilo em hũa batalha muy arriscada. Que sorte de armas escolheria Lucifer, para alcançar a vitoria? Por certo, que a malicia de Lucifer naõ achou maquina mais terrivel, para derrubar as duas columnas fundamentaes de todo o genero humano, que o sentido do gostar. Oh triste peccado da gula, que com a doçura momentanea do teu mel, tiveste poder de enlaçar aos nossos Protoparentes com toda a sua posteridade! E por isto bem mereces o nome, com que te chama S. Joaõ Climaco, de cruel tyranna de todo o genero humano: *Totius generis humani crudelis Dominatrix.* Este quarto sentido do gostar tem muyto mayor cadencia, para quebrantar a Ley de Deos, que os outros tres; porque além de ser natural, he forçosamente necessario valerse delle cada dia, para viver. Naõ he assim dos outros sentidos. Porque sendo a vista hum grande adjutorio para a vida, muytos cegos, com naõ ver, vivem com saude, e livraõ se das occasiões dos objectos atractivos, e a cegueyra do corpo lhes abre os olhos da Alma. Huma Musica de ricas vozes, huns instrumentos bem tocados, recreaõ os ouvidos; mas quantos surdos vivem melhor, porque naõ ouvem cantigas deshonestas, nem murmurações de si, ou dos outros! A suavidade dos cheyros

Joan. Clim. gr. 14.

ros conſola, e conforta os eſpiritos, mas quantos fogem delles como nocivos! E quem naõ tem olfacto, quando naõ ſe recree das delicias dos cheyros, naõ padecerà a pena dos fedores. Pelo contrario, como naõ ha viver, ſem comer, aſſim naõ ha paladar ſem goſtar. E ſendo iſto aſſim, Deos naõ prohibe o comer neceſſario, para o ſuſtento, mas o ſuperfluo, e demaſiado da golodice. Naõ veda o uſo das bebidas; mas o abuſo da bebedice. E eſta ſerá toda a materia deſte diſcurſo, que dividirey em dous pontos. No primeyro veremos, quam gravemente Deos caſtiga os comilões, e bebedores, ainda neſta vida com mortes improviſas. No ſegundo moſtraremos, que aquelles, que á viſta deſtes caſtigos perſeveraõ no letargo deſte vicio da gula, ſem duvida morreráõ impenitentes, e ſeraõ ſepultados por toda a eternidade com o Epulaõ no inferno: *Sepultus eſt in inferno.*

Grande vicio deve de ſer o da gula, pois aborrecendo Deos a todo genero de peccados, ſofre os peccadores, e compadece-ſe delles, uſando mais da miſericordia, que da juſtiça; porèm na intemperança da gula, e na crapula, abomina Deos a qualquer exceſſo. Muyto mais, ſe chegar a fartarſe ſobre poſſe, ou a perturbarſe do juizo; entaõ irritaſe Deos, e a modo de enfurecido, ſem mais eſpera, deſcarrega o furor ſobre os intemperantes, caſtigando-os em todo o tempo; neſta vida apreſſando lhes a morte, e na outra ſepultando-os no inferno. Tudo conſta do Sagrado Texto. Fallando tantas vezes o Eſpirito Santo por bocca dos Profetas, acharemos, que todos uniformes ameaçaõ os peccadores com o terror do inferno. Porèm naõ ſe apontarà texto nenhum do Teſtamento velho, em que ſe lea, que Deos nomeadamente mandaſſe alguem vivo ao inferno, exceptuando a Corè, Natan, e Abiron. Ajuntaraõ-ſe eſtes tres

Pre-

Precitos; e constituindo-se cabeça de motim, levantàraõ ao Povo contra Moysés, e Araõ; este Summo Sacerdote; aquelle Lugartenente de Deos na terra. Naõ tardou Deos com o castigo. De repente se lhes abrio a terra debayxo dos pès, e foraõ buscar o seu centro, e assim vivos ficàraõ sepultados no inferno: *Confestim igitur disrupta est terra sub pedibus eorum, & aperiens os suum devoravit illos, descenderuntque vivi in infernum.* E qual foy o crime taõ execrando, e escandaloso, que mereceo taõ terrivel castigo? Se buscarmos o principio, donde emanou a desobediencia, e pouco respeyto, que tiveraõ a Moysés, acharemos, que foy o desordenado appetite da gula, que os precipitou na sua ultima perdiçaõ, queyxando-se, que os tinha tirado de huma terra abundante de todo genero de lacticinios, para os ir matar á fome no deserto: *Non venimus.* Naõ queremos vir, nem obedecerte: *Nunquid parum est tibi, quod duceres nos de terra, quæ lacte, & melle manabat, ut occideres in deserto.*

Num c. 26. *v.* 33.

Num c. 16. *v.* 13.

Do mesmo modo fallou Christo muytas vezes do inferno, declarando por bocca dos seus Apostolos, e Evangelistas, a diversidade, e terribilidade daquelles tormentos, que devem sofrer os condenados. Com tudo, não se achará em todo o novo Testamento, texto algum, que falle clara, e destintamente, de outro sogeyto, que seja sepultado vivo em corpo, e Alma no inferno, como deste infeliz Epulaõ, que esquecido de Deos, banqueteava-se todos os dias, com o esplendor, e magnificencia de todas as delicias, e regalos: *Epulabatur quotidie splendidè*, e por isto, *sepultus est in inferno.* Este he o parecer de S. Pedro Crisologo, que considerando a fatal mudança do estado do pobre Lazaro, e do rico Epulaõ, acha, que Lazaro depois de sofrer tantos males nesta vida: *Lazarus*

rus autem mala. Os Anjos o levárão, como em triunfo para o Seyo de Abraham, e os Demonios abrirão a terra, para que enguliſſe ao Epulão, para ficar para ſempre ſepultado no inferno: *En Fratres, quam rerum lamentanda mutatio, pauperem portant Angeli in ſinum Abrahæ, divitem deglutit infernus.* Oh quanto he melhor naſcer neſta vida pobre, que rico; viver faminto, que farto. O pobre com pouco ſe contenta; ao faminto qualquer legume lhe ſabe, todo o comer lhe ſatisfaz; e por iſto dà graças a Deos, quando acha o neceſſario, para o ſuſtento. Pelo contrario, o rico, e goloſo, quanto mais nada na fartura, tanto mayor naufragio padece na indigeſtaõ; a multidaõ das iguarias, a variedade dos comeres, lhe deprava o ſentido do goſto; com o meſmo cuydado, que tem de liſongear o palato, com tantas caſtas de viandas, concertadas com drogas de hum, e outro pòlo; eſtas lhe corrompem o eſtamago, e lhe cauſaõ nauſea a todo o comer ſimples, e ordinario; depois naſce hum faſtio mortal, que o obriga a viver na ſua muyta fartura faminto, e infeliz na ſua meſma felicidade. E com naõ conhecer neſta vida outro Deos, que o ſeu ventre, (como diz Saõ Paulo) *Quorum Deus venter eſt:* acha a morte, e o inferno, aonde poz a ſua bemaventurança.

S Criſ. lib. Ser. 121.

Philip. 3.

Reparou o Profeta Iſaías, que eſtando a bocca do Inferno ſempre aberta, para engulir as Almas, ſe hia ſempre mais alargando, dilatando-ſe de modo, que já naõ tinha nem medida, nem termo: *Propterea dilatavit infernus animam ſuam, aperuit os ſuum abſque ullo termino.* E qual ſeria a razaõ deſta voracidade interminavel do inferno? Eſte adverbio *propterea*, que o Profeta antepoem ao ſeu periodo; denòta correlaçaõ, e certa a cauſa, porque aquelle baratro infernal alargue com tanta ancia as ſuas garras, para de-

Iſai. c. 5.

devorar o genero humano. Ouçamos ao mesmo Isaias, para que melhor fique solta esta duvida: *Væ, qui surgitis manè ad potandum in convivijs vestris.* Esta particula *Væ* assim no novo, como no velho Testamento, sempre foy cominativa das penas do inferno. Por isto o Profeta, depois de ameaçar a todos estes Sardanapalos, embebidos nas delicias da gula, e que vaõ ajuntando companheyros á sua crapula nos banquetes, sem terem o minimo cuydado da outra vida: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur.* Os adverte seriamente, que nem por serem muytos, por isto haõ de evitar o eterno castigo, que merecem, antes por esta mesma causa, infere esta consequencia; que irritado sempre mais o furor Divino, dilatarà as boccas do inferno, para que todos juntos siquem eternamente sepultados naquelle calabouço de fogo. E esta interpretaçaõ do Profeta Isaias he taõ genuina, que naõ duvidaõ os Expositores, glozando este mesmo texto, de affirmar por consequencia certa, que todos aquelles, que vivem immersos neste vicio da gula, servem de lenha, que o Demonio vay guardando para cevar o fogo do inferno: *Propterea inferre licet, quod qui gulæ, & crapulæ dediti sunt, ligna sint quibus ignis infernalis nutritur.*

Isai. c. 5.

Isaias c. 22.

Mauss. trat. 21. de gula.

Terrivel sentença foy aquella (como refere Saõ Lucas), que pronunciou Christo contra os Peccadores, privando-os do Reyno do Ceo, desnaturalizando-os de seus filhos adoptivos, e degradando os para o inferno; e com tal circunstancia de aborrecimento, que mostrava, que naõ os conhecia, nem a patria, aonde nasceraõ: *Nescio vos unde sitis. Discedite à me omnes operarii iniquitatis, ibi erit fletus, & stridor dentium.* E qual serà a causa, que moveo a Christo a taõ grande rigor, e sentimento? O mesmo S. Lucas insinua no mesmo Capitulo. Prègando Christo

às

ás Turbas ſobre o Reyno do Ceo, foraõ huns curioſos, que lhe perguntáraõ, ſe eraõ poucos, os que ſe haviaõ de ſalvar: *Domine, ſi pauci ſunt, qui ſalvantur.* A eſte nome de ſalvaçaõ requintou Chriſto a ſua doutrina, exhortando os à mortificaçaõ das ſuas payxões, fazendo violencia a ſi, para entrar na porta do Ceo, que era muy eſtreyta: *Contendite intrare per anguſtam portam.* Porque muytos buſcaráõ outros caminhos, para entrar, e naõ entraráõ: *Quia multi, quærent intrare, & non poterunt.* E quaes ſeraõ eſtes caminhos diverſos, que tanto deſagradaõ, irritaõ a JESU Chriſto? Elle meſmo no ſeu Evangelho os aponta. Entre as Turbas, que ſeguiraõ a Chriſto no deſerto, aonde com cinco páes, e cinco peyxes fartou a mais de cinco mil homens; havia muytos, que lhes parecia ter merecimento baſtante para entrar no Ceo, com ter ouvido a ſua doutrina, e ter comido, e bebido na ſua preſença: *Tunc incipietis dicere, manducavimus coram te, & bibimus, & in plateis noſtris docuiſti.* Ha mayor atrevimento, que eſte! alegar por grande ſerviço a eſmola, e caridade, que Chriſto lhes fez, matando-lhes a fome em hum deſerto! Vio-ſe algum dia entre gentes brutalidade mais diſforme! Prèga-lhes Chriſto o deſprezo do Mundo, o jejum, e a penitencia, que ſaõ o unico meyo para entrar no Paraiſo, e eſperando nelles o arrependimento, a compunçaõ, e o aborrecimento às delicias do corpo; o fruyto, que tira delles, he reſponderem-lhe com comeres, e bebidas *Manducavimus, & bibimus.* Ora claro eſtá, que os golofos embebidos na crapula, naõ conhecem a outro Deos, que ao ſeu ventre, e, como a ſua bemaventurança na terra he fartarſe, ſatisfazem a ſua golodice, como, ſe o Reyno do Ceo foſſe *Eſca & potus.* Por iſto o Evangeliſta conhecendo, que eſte vicio taõ abominavel naõ tinha nelles

Luc. 13

Luc. 13

Luc. 13 24.

emen-

emenda, lhes intimou immediatamente em nome de Christo, que jà naõ os conhecia por seus Discipulos, e como obreyros da maldade, e Precitos, se fossem sepultar no Inferno: *Tunc dicet, nescio vos, unde sitis. Discedite à me omnes Operarii iniquitatis, ibi erit fletus, & stridor dentium.*

Supposto o aborrecimento, que Deos tem aos golosos, he provada, como infallivel a sua condenação; falta-nos saber, que tormentos padeceràõ no inferno, e se tem alguma pena distinta, proporcionada, e devida a este vicio. Perguntaõ os Santos Padres, como o inferno, sendo huma congerie de penas, hum aggregado de todos os tormentos, fallando Christo delle, faz sómente mençaõ do pranto, e do ranger dos dentes: *Ibi erit fletus, & stridor dentium.* Lea-se o Evangelho todo de Saõ Mattheus, e acharemos, que ameaçando Christo com o fogo eterno aos peccadores, naõ huma só vez, mas sim oyto vezes, reduz, e recopila a infinidade das penas, que padecem, e padeceràõ para sempre os condenados, ao choro, e ao estridor dos dentes: *Ibi erit flectus, & stridor dentium.* Respondem, que a mayor razaõ he, porque entre a multidaõ de peccados, que ha no Mundo, achaõse dous generos, que sempre triunfaõ, e subministraõ continuadamente a lenha, com que se accende sempre mais aquelle infernal incendio. Hum destes generos tem a sua raiz na desenfreada licença dos olhos, que depois brota em muytas especies de torpezas, como dissemos no segundo discurso. A estas corresponde a pena do choro inconsolavel, e dos gemidos sem remedio: *Ibi erit fletus.* O outro genero he o vicio da gula, que foy, e será sempre origem de tantos males no Mundo, e porque a gula tem huma natural correlaçaõ com os dentes, tem tambem por pena especial o ranger dos mesmos dentes: *Stridor dentium.* Verifi-

can-

cando-ſe, o que diz o Eſpirito Santo por bocca de Salamaõ: *Per quæ quis peccat, per hæc & torquetur.* Confirma claramente a ſerie, de quanto temos dito, o douſ. *Sap. cap.* 11. tiſſimo Hugo: *Flebunt oculi, quia in vagis fuerunt vagi, ſtridebunt dentes, quia fuerunt edaces. Per hæc duo notantur duo genera culparum, pro quibus puniuntur; ſcilicet concupiſcentia oculorum, quæ per fletum; & guloſitas, quæ per ſtridorem dentium deſignatur.* Chorarãõ os olhos pela ſua pouca cautela, em ver objectos, que provocaõ á deshoneſtidade. Rangeràõ os dentes, porque foraõ comilões, e vorazes. E eſtes ſaõ os dous generos de culpas merecedoras dos dous tormentos: *Ibi erit fletus, & ſtridor dentium.*

Quero moſtrar mais claramente as grandes penas, que padeceràõ os goloſos no inferno, com o meſmo texto do Epulaõ; e advirto, que o Evangeliſta S. Lucas, que relata eſta hiſtoria taõ ſuccintamente, naõ tem palavra, que não encerre em ſi muytos myſterios. Primeyramente S. Joaõ Chryſoſtomo repara com agudeza, ſobre aquella palavra: *Cum eſſet in tormentis.* E diz, que eſte fallar taõ myſterioſo do Evangeliſta inſinùa hum cumulo innumeravel de ſuplicios, e todos exceſſivos; pelo que parece ao dito Santo, que eſte rico avarento encerrava em ſi, e tinha ao redor de ſi innumeraveis tormentos, e por iſſo naõ diſſe: *Cum eſſet in tormento. Sed in tormentis.* Porque todo aquelle individuo era hũa infinidade de penas: *Iſtum infinita tormenta poſſidebunt. Undè non dicit, cum eſſet in tormento, ſed cum eſſet in tormentis. Totus enim in tormentis erat.* Agora cae bem, e ſe conhecerá a força daquella palavra enfatica do Evangeliſta *& ſepultus eſt in inferno.* Foy ſepultado no inferno, com que explica o *non plùs ultrà* dos tormentos deſtinados para os ſequazes da gula, e para os imitadores do Epulaõ. Todas as vezes, que vemos

Chryſol. in cat. aur. cit. a S. Thoma in Luc.

a hum malvado, jogar de dia, e de noyte, perdendo o tempo, o dinheyro, a fazenda, a honra, a consciencia, a Alma, e a tudo quanto tem, e naõ tem de si. Logo dizemos; este homem está sepultado no jogo atè a garganta. O mesmo praticamos de hum luxurioso, que tudo gasta em mais occasiões; este homem está perdido na sua deshonestidade; sepultando-se cada vez mais no lodo da sua lascivia: *Sepultus est in eo vitio usque ad fauces.* E com esta fraze se arremata, quanto se podia dizer, e inventar, para encarecer a maldade deste jogador, ou deshonesto. Desta mesma figura se serve nesta occasiaõ Saõ Lucas, porque quiz compendiar o immenso Catalogo das innumeraveis penas do nosso Epulaõ, e naõ contente de dizer muyto em pouco, disse tudo, e quanto se podia, e poderá dizer com estas duas palavras: *Sepultus est in inferno.* Admirado Santo Agostinho do tremendo enfasis deste semiperiodo, lhe fez huma glosa, que bem mostra o seu grande engenho, e diz assim: *Sepultura inferni, pœnarum profunditas est.* Que a sepultura do inferno he como hum poço profundissimo de penas. Como se disesse. Quanto mais fundo he hum poço, tanto mais perto está da mãy da agoa, que he como huma fonte indeficiente, que sempre brota, e nunca séca. A sepultura do inferno he hum poço cheyo de hũa infinidade de tormentos, que tem a vea indeficiente do furor Divino, que dura, e durará eternamente. Confidere agora o goloso com vagar a profundidade deste poço, que ha de ser a sua sepultura; cançará o seu entendimento em excogitar, em que chaos, e precipicio o leva a sua golodice; e, se for com os olhos em Deos, e com verdadeyro arrependimento, poderà livrarse delle, e com o jejum e penitencia, passar ao banquete da gloria; e por isto torno a dizer; considere, e medite com pausa, e re-

August. lib. 2. de Civ. q. 38.

e reflexaõ, e achará, que nunca poderá eſgotar eſte poço do abyſmo, nem na qualidade das penas, nem na quantidade dos tormentos: *Sepultura inferni pœnarum profunditas eſt.*

O Beato Alberto Magno, e Fr. Diogo Stella, ambos Varões eſclarecidos, aſſim na ſantidade, como nas letras, eſte da Religiaõ Serafica, aquelle de S. Domingos, eſcrevem ſobre eſte Texto, que he coſtume uſual de todo o Mundo, que cada freguez ſe enterre na ſua Parroquia, aonde eſtá de reſidencia, e que na morte lhe aſſiſta o ſeu Paroco, e depois o acompanhe com os ſeus Coadjutores, e Clerigos rezando-lhe pela Alma, atè o lançarem na ſua ſepultura. Como Lucifer he o Supremo Paſtor de todos os goloſos, repartio o Mundo em varias Freguezias, e as provè de Parocos vigilantes, de Vigayros diligentes, fieis, e tão zeloſos, que tomaõ por ſeus Miniſtros, e Coadjutores, aos meſmos comiloens, e bebedores, para que vaõ fazendo gente, e convidando a outros companheyros, para as ſuas crapulas, e aſſim multiplicar-lhe os freguezes. Peſſimo officio he fazerſe hum homem Miſſionario do Diabo, e ſer ſeu advogado, como diz S. Ambroſio: *Homo Diaboli Advocatus*; e iſto para grangear-lhe Almas para o inferno. Quero, que hum terribiliſſimo ſucceſſo ſirva como de principio, e fundamento das provas, do que vamos dizendo. O Padre Martinho del Rio, da noſſa Companhia, e outros Authores claſſicos o referem, e na verdade, bem conſiderado, he capaz de atemorizar os meſmos Anacoretas no deſerto, quanto mais aos goloſos entemperantes na Corte. No Condado de Flandes ha hum certo Priorado, farto, e de boas rendas, aonde aſſiſtiaõ tres Sacerdotes, que todos intentos a impinguar o corpo, fartavaõ-ſe de bebidas, e bons boccados, e nada tratavaõ da ſua Al-

Amb. in Exam.

Del Rio lib 3. de Mag.

Alma. Huma noyte, depois de se ter lautamente banqueteado, disse hum delles; assaz temos hoje
Bibl. P Man. servido a Bacco, e a Venus (e o peyor he, que assim era) demos graças a Deos: *Sat Baccho, libidinique datum: Deo gratias agamus.* Respondeo hum delles. Eu antes darey graças ao Diabo, e parece, que todos as aviamos de dar; pois elle a nòs, e nòs a elle lhe fazemos tanto a vontade: *Ego Domini gratias ago, & agendum censeo, cujus opus agimus.* Isto assim dito, levantáraõ-se da meza, e cada hum se foy para o seu apozento, para ir à cama. Estavaõ-se despindo, quando ouvem hum grande estrondo na porta, a qual aberta logo por si, entrou, e appareceo hum Espectro agigantado com hum semblante horroroso (era este o Demonio) e trazia a poz de si dous criados de menor estatura, negros, e feyos, que pareciaõ ser cosinheyros; pois hum levava hum grande espeto na maõ, e o outro nas costas hum feyxe de lenha, e botando os olhos, que lançavaõ chammas, sobre os tres delinquentes, disse em voz alta, e medonha: *Ubi est, qui mihi gratias egit?* Aonde está aquelle, que me deo as graças? Respondeo o desgraçado, mais por lisonja, e medo, que por vontade, já remordendo-lhe a consciencia, e já adevinhando-lhe o coraçaõ a sua ultima ruina: *Adsum, ac iterum referam.* Aqui estou, e as tornarey outra vez a dar, se assim quizer. Entaõ o Demonio, pegando nelle, rasgou-lhe com violencia os vestidos, e assim nù, o entregou aos dous Ministros, dizendo. Este homem foy sempre nosso freguez, chegou-lhe a hora peremptoria da sua morte, he força assistir-lhe, e fazer-lhe as exequias costumadas. Saltáraõ nelle os dous Ministros, e trespassando-o com o espeto, já reduzida a lenha em hum brazeyro ardente, o foraõ assando vivo, e ao fogo lento. A vehemencia das dores por

estar

eſtar aquelle corpo aſſim treſpaſſado daquelle cruel ferro, como tambem o ardor, e actividade extraordinaria do fogo, anticiparaõ-lhe a morte. A penas eſpirou; diſſe o Demonio aos outros dous. A Alma deſte voſſo companheyro jà eſtá ſepultada no inferno, no lugar deſtinado aos Epulões, e lhes eſtaõ fazendo as exequias merecidas. Naõ levo comigo agora eſte cadaver, para lhe fazer o meſmo, porque me mandaõ o deyxe por exemplo, e emenda voſſa, e de muytos outros. Todos tres eſtaveis condenados ao meſmo ſuplicio, nem a mim falta o deſejo, nem a vontade, mas huma força ſuperior mo impede; voume conſtrangido, e obrigado; e advirto-vos, que là ficaõ eternos tormentos, que ſaõ muyto peores, e mais atrozes dos que ſofreo o voſſo companheyro, e naõ tem comparaçaõ alguma, porque eſtes ſaõ como pintados, duraõ pouco, e logo acabaõ: *Digni vos etiam eſtis pari ſupplicio, nec deeſt voluntas mihi. Vetor vi maiori, invictus abeo, & moneo. Reſcipiſcite aut manent terribiliora.* Ficou aquelle cadaver medonho, como de hum condenado, e denegrido como hum carvaõ: os pingos da gordura, que cahiaõ nas braſas, levantàraõ tal eſcuridaõ, e fumaça, que ſó pela falla ſe diſtinguiaõ, hum do outro, e deyxàraõ hum fedor taõ inſoportavel, que foy neceſſario mudarem caſas, e ſitio, ficando aquellas por muyto tempo inhabitaveis. *Bibl Manſi. v. Gul.*

Tornemos agora ao Beato Alberto Magno, e com as ſuas meſmas palavras fechemos o noſſo diſcurſo, e demos tambem fim a eſte primeyro ponto: *Ecce exequiarum officium à Demonibus, Presbyteris impenſum; in hoc enim præcipue verum eſt. Dimitte, mortuos ſepellire mortuos ſuos.* Eſte he o officio, eſtas ſaõ as exequias, com que os Demonios honraõ aos ſeus Freguezes, quando os levaõ para a ſepultura do in-

ferno. E que bella interpretaçaõ apontou este Santo Doutor, sobre hum Texto taõ difficultoso, como este do Evangelho. Desejou hum Mancebo deyxar o Mundo, seguir os conselhos de Christo com toda a perfeyçaõ, e para o executar logo, pedio lhe só licença de ir assistir às exequias, e enterro de seu pay, que de pouco era morto: *Domine, permitte, me primum ire, & sepelire Patrem meum.* Parece, que naõ podia pedir este Mancebo cousa mais justa, que querer honrar a seu pay, e fazerlhe aquelle ultimo obsequio, que era devido depois de morto. Com tudo negou-lhe Christo a licença, e respondeo-lhe asperamente; que o seguisse; e que deyxasse, que os mortos enterrassem aos seus mortos: *Ait illit, sequere me, & dimitte mortuos sepellire mortuos suos.* E quem vio nunca defuntos enterrar a outros defuntos! Sabia Christo, que o pay deste Mancebo morrera em peccado, e que já os Demonios tinhaõ sepultada a sua Alma no inferno. Como os Demonios pelo peccado saõ verdadeyramente mortos á graça para sempre, e esta he a morte, que Christo encommenda tanto, que só havemos de temer. Pois bem; já que estes tem sepultada a Alma de vosso pay no inferno, deyxay-os tambem sepultar o corpo: *Dimitte mortuos sepellire mortuos suos.* Vejamos agora a prova tirada do nosso thema. O Epulaõ (diz o Evangelista) que depois de morto, foy sepultado no Inferno: *Sepultus est in inferno.* E quem o acompanhou á sepultura, e o lançou dentro della! Por ventura os Parentes? Claro está que naõ. Quem foy logo? Era elle Epulaõ dado às crapulas: *Epulabatur quotidiè splendidè.* Logo era freguez do Demonio. Logo o mesmo Demonio, que era o seu Paroco, o mandou lançar em corpo, e Alma na sepultura do Inferno, que tem preparada para os Comilões, e Bebedores, seus

Matth. cap. 8.

Luc. 16

ſeus Freguezes: *Sepultus eſt in inferno.*

He obſervaçaõ dos Santos Padres, que entre os peccadores de qualquer genero de vicios; os golosos saõ, os que mais difficultosamente ſe diſpoem a bem morrer. E por iſto ſoccede, que morrem de improviſo, e ſem confiſſaõ; e ſe tem tempo, para confeſſarſe, o vaõ prolongando atè morrerem impenitentes, ſem dar ſinal algum de arrependimento, ou da ſua ſalvaçaõ, que he o ſegundo ponto deſte diſcurſo. Vendo Moyſés, que Deos eſtava irritado, contra o ſeu Povo, pela reincidencia na idolatria, adorando o bezerro, começou logo a pedirlhe efficazmente, que lhe perdoaſſe; mas quando vio, que os ſeus rogos eraõ baldados, reforçou com reſoluçaõ as inſtancias, atè pactear com Deos: *Aut dimitte illis hanc noxam, aut dele me de libro tuo.* Pelo contrario apetecendo eſte meſmo Povo as carnes, e cebolas do Egypto, deſcubrio a Moyſés a ſua golodice: *Quis dabit nobis carnes ad veſcendum, in mentem noſtram veniunt cepe, & allia.* Vendo Moyſés a extravagancia deſte Povo, quiz renunciar o governo delle, e quando naõ, pedia a Deos, que lhe tiraſſe a vida: *Non poſſum ſolus ſuſtinere hunc Populum, quia gravis eſt mihi, ſin aliter obſecro, ut interficias me.* Naõ lemos porèm, que Moyſés pediſſe a Deos por elle, e mais ſabendo, que eſtava altamente irritado, e que o havia de caſtigar, como fez com todo o rigor. Qual ſerá a cauſa, porque Moyſés intercedeo pelo Povo, quando eſtava idolatrando, e naõ agora, que o via goloſo, e intemperante? Por ventura a idolatria ſerá peccado inferior ao da gula? *Abſit.* Por nenhum caſo. O peccado da idolatria em todo rigor Theologico excede a todos os mais generos de peccados. E naõ he menos, que tirar a Deos a Divindade, pondo-a em hum marmore, em hum metal, ou em hum madeyro.

Segundo Ponto.

Sendo logo isto assim; porque Moysés se empenhou tanto para impetrar o perdaõ de idolatrar ao bezerro, e para o peccado da gula naõ disse hũa só palavra, antes pedio eximirse daquelle Povo, deyxando-o exposto ao furor Divino? E que bem obrou Moysès, como illuminado de Deos! Sabia, que o peccado da idolatria tinha emenda; porque dando-lhes a beber os pòs do mesmo bezerro, vendo que se reduziaõ em nada; era notorio, e palpavel o desengano, que o bezerro naõ era Deos. Porèm o vicio da gula, sendo taõ conatural aos homens, os faz como incorrigiveis. Assim explica este texto o Caetano, Comentador de Santo Thomàs: *Peccatum gulæ quasi est incorrigibile.* Conhecia tambem Moysès, que os seus rogos naõ haviaõ de ter valia para com Deos, porque no peccado da gula Deos ordinariamente he, ou se faz inexoravel: *Cognovit insuper Moyses, preces suas in hoc casu minime exaudiendas fore, quia sciebat, Deum contra hoc peccatum omnino inexorabilem esse.*

Passemos agora de Moysés a Noè, tambem Varaõ querido de Deos, e de virtude conhecida, e experimentada pelo espacio de seis centos annos; que tantos tinha, quando Deos lhe confiou a superintendencia da Arca. Revelou-lhe Deos, que o genero humano havia de ficar destruido, pois o via perseverar na maldade, sem esperança algũa de emenda: *Dixit ad Noè: Finis universæ carnis venit coram me; repleta est terra iniquitate.* Começou logo Noè a trabalhar na Arca, e foy gastando hum seculo inteyro na construcçaõ della. Espalhou-se a fama desta nova fabrica, ordenada por Deos a Noè; e como já se hia encorporando, e fazendo vulto, do que havia de ser, concorriaõ não só os naturaes da terra, mas tambem de outras Provincias, e Reynos, para ver a estructura, e fórma de taõ grandiosa obra. Noè feyto

Prè-

Prègador incanſavel, a todos admoeſtava, que largaſſem os vicios, choraſſem as ſuas culpas, e emendaſſem a vida; porque Deos lhe tinha revelado, que eſtáva imminente o diluvio, em que, ſem remedio, haviaõ de morrer todos afogados. Porèm elles tam longe eſtiveraõ da emenda, que ſe ſumergiaõ cada dia mais nas ſuas crapulas, carregando a Noè de affrontas, chamando-lhe homem inſenſato, e Velho tonto, que prodigamente gaſtava o dinheyro, e o tempo na fabrica de hum Caſtello nadante por huma louca abuſaõ, que lhe deu na cabeça; e que elle ſó com a ſua familia ſe haviaõ de ſalvar nelle, em hũ diluvio imaginario. Couſa incrivel, ſe não foſſe de ſé. De tantos milhões de peſſoas, que no eſpaço de cem annos ouviraõ prègar a Noè o diluvio, ou lhes chegou á noticia a Arca, que elle por cauſa do dito diluvio eſtava fabricando, naõ houve hum, que ſe converteſſe. E o que mais me faz paſmar, he, que ainda nos ultimos periodos, em que elle, e os ſeus filhos, ſe foraõ deſpedir dos Amigos, que o acompanháraõ atè entrar na Arca, alèm de huma infinidade de gente, que por curioſidade foy aſſiſtir a eſte embarque, por ver a comitiva de toda a eſpecie de animaes, que obedientes o ſeguiaõ; naõ houve hum ſó, que creſſe, ou ao menos duvidaſſe da verdade deſte diluvio; e, para aſſegurar a ſua vida, lhe pediſſe, ou como parente, ou como Amigo de ficar com elle na Arca! Naõ ſe eſpante o pio leytor; que o Evangeliſta S. Lucas dá a repoſta, que explica com clareza, admiravelmente, quanto temos provado: *Edebant, & bibebant uſque in diem, qua intravit Noè in arcam, & venit diluvium, & perdidit omnes.* Comiaõ, e bebiaõ atè no dia, que Noè entrou na Arca, veyo o diluvio, todos morrèraõ afogados. De que ſerviraõ as prègações de Noè! Que importava *Luc.* 17. v. 18.

o ſeu

o seu bom exemplo! Eraõ elles comilões, e bebedores: *Edebant, & bibebant.* Pois naõ tem que se cançarem em esperar emenda; porque naõ admittem, nem adoraõ a outro Deos, que o seu ventre: *Quorum Deus venter est*, nem tem outro fim, que com a morte eterna ficarem sepultados no Inferno: *Et quorum finis interitus.*

Psalm. 3.19.

Conheceo a verdade desta doutrina, ainda que tarde, e á sua custa, o Epulaõ do Evangelho. Nunca quiz crer, em quanto viveo, que na outra vida se lhe haviaõ de trocar os regalos em tormentos. Por muitos avisos, que lhe deraõ, para que se emendasse da sua crapula; por muytas razões, que lhe alegassem, sempre foy surdo, e incorrigivel; antes (como diz S. Joaõ Chrysostomo) era taõ cego, que aos exemplos da sagrada Escritura chamava fabulas, e exibilando aos Profetas, fazia escarneo do zelo, que mostravaõ com as suas admoestações, e documentos. Finalmente a fumaça do inferno, aonde de repente se vio sepultado, lhe apurou a vista do entendimento, e a actividade do fogo com a força dos tormentos lhe fez confessar as verdades, que nesta vida impugnava, como fabulosas; e invocou logo ao grande Pay Abraham, para que mandasse a Lazaro prègar a cinco irmãos, que tinha, e os desenganasse, e naõ fossem parar com elle no inferno: *Habeo enim quinque fratres, ut testatur illis, ut & ipsi venirent in hunc locum tormentorum.*

Luc. 16

Porèm Abraham respondeo-lhe, que tinhaõ a Moysés, que era seu Legislador, e aos Profetas, que eraõ os Interpretes da Ley, e Prègadores, que os ouvissem, e se emendassem. Naõ basta, replicou o Epulaõ; porque elles tem os mesmos vicios, que eu; desprezaõ o Decalogo, e reputaõ as sagradas Escrituras por fabulas. Porèm, se vissem a Lazaro resuscitado e lhes désse as novas dos tormentos, que padecia; no in-

inferno, entaõ poderiaõ reduzirſe á penitencia, e emendarem ſe. Porèm Abraham conhecendo, que os Irmãos eraõ dados aos meſmos vicios da gula, e por iſto incorrigiveis, reſpondeo: *Si Moyſen, & Profetas non audiunt, neque, ſi quis ex mortuis reſurexerit, credent.* Como ſe diſſeſſe. He tal a obſtinaçaõ dos goloſos, e tal a cegueyra, em que vivem embebidos nas ſuas crapulas, que naõ dando fé nem a Prégadores, nem ás Eſcrituras, ſe eu lhes mandar o meſmo Lazaro, que elles conhecèraõ, e viraõ mendigo, e cheyo de chagas, já reſuſcitado, haõ de cuydar, e dizer, que he huma fantaſma, hum eſpectro, e huma apparencia enganoſa, com fórma, e ſembrante humano, para lhes fazer medo, e os enganar. Eſte he o ſentido de S. Joaõ Chryſoſtomo, ſobre eſte Texto do Epulaõ: *Quia audiendo ſcripturas contemnebat, & fabulas eſſe, putabat.* Pelo que fica claro, que o vicio da gula he irremediavel; e como diz Saõ Bernardo, que os comilões, e goloſos ſó depois de mortos mudaráõ coſtumes: *Qui gulóſus effectus eſt, vix aliter, quam morte mores mutabit.* *Luc. ibi. D. Chryſoſt ibi.* *D. Bern. tom. 4. epiſt. 6.*

Suppoſta a impenitencia final dos goloſos, ſegue-ſe o abreviar-lhe Deos a vida, com mortes eſpantoſas, e precipitadas; e o peyor he que ſubitas, e improviſas. E como a tempo, e com bello modo, o noſſo ſupremo Juiz JESU Chriſto admoeſtou aos ſeus Diſcipulos, e a nòs todos! Guardayvos (ſaõ ſuas palavras) com grande cuydado, e attençaõ, que naõ ſejais colhidos na crapula, e bebedice; que vos virà de repente a morte a modo de laço: *Attendite vobis, ne forte graventur corda veſtra, in crapula & ebrietate; & ſuperveniat in vos repentina dies illa, tanquam laqueus enim ſuperveniet.* Deyxo a verſaõ deſta ſentença; pois ao pé da letra confirma, quanto vamos dizendo. E ſó reparo com Saõ Boaventura na ſeme- *Luc. 21*

lhança do laço, com que cahem os passaros, quando famintos buscam a comida; que naõ podia ser mais accommodada, para explicar a morte improvisa dos golosos. Compara Christo os comilões aos passaros, ou aves; porque como estes no pasto, por comer, saõ presos no laço pela garganta, e pescoço, assim tambem os golosos, pelo vicio da gula, morrem pela garganta: *Comparatur avi, nam sicut avis per collum laqueo tenetur, sic gulosus per collum, & gutur capitur vitio gulæ.* Deste modo succedeo aos Israelitas, (e reparem neste successo) quando enfastiados do maná no deserto queyxando-se de Moysés, com choros, e alaridos lhe pediaõ carnes, para comer: *Da nobis carnes, ut comedamus.* Conhecida a ingratidaõ, e rebeldia deste Povo, que queria naõ só o necessario, para o sustento, mas o regalo para a gula; mandou-lhes Deos huns bandos de coturnizes taõ copiosos, que pareciaõ chuveyros, para que fartassem a vontade do seu appetite. Acudiraõ logo a ellas, comendo, como lobos vorazes; mas estando ainda com a presa nos dentes, cahiraõ no laço da morte, que os afogou a todos: *Adhuc carnes erant in dentibus, & ecce furor Domini, concitatus in Populum, & percussit eum plaga magna nimis, vocatusque est locus ille sepulcra concupiscentiæ.* A fim de que aonde commettêraõ o delicto da gula, ahi achassem a sepultura da golodice.

D. Bon. l. 1. c. 8. apud Manf.

Num. c. 11.

Num. 11. 33.

Destas mortes repentinas, e destes castigos immediatos depois da culpa, está cheyo o sagrado codice; e lendo-o, acharemos, que o furor Divino cay quasi sempre sobre os golosos. Morreo de repente o nosso Epulaõ. A razaõ a dá S. Lucas: *Epulabatur quotidiè splendidè.* Era comilaõ, e cada dia em banquetes. Tinha convidado ElRey Baltazar os Magnates do Reyno a huma grandiosa cea, e na mesma noyte

te foy morto : *Eadem nocte interfectus eſt.* Eſtava-ſe gloriando aquelle rico do Evangelho , porque tinha os celeyros , e as adegas cheas ; porèm a penas conſolou-ſe , dizendo : *Comede , bibe , epulare.* Come, bebe , regalate , que logo Deos fulminou a fatal ſentença da morte , que ſe executou na meſma noyte: *Stulte , hac nocte animam tuam repetent à te.* Tanto he verdade , que os embebidos na crapula fazem , com que Deos para com elles ſe naõ mova á piedade. E, para que os exemplos naõ ſejaõ todos antigos referirey hum moderno , que Thomàs Cantipratenſe , Author celebre , e fidedigno , affirma ſer acontecido no ſeu tempo. Viviaõ em hum Moſteyro dous Monges, mais inclinados a comer bons boccados no Refeytorio , que a rezar devotamente no coro. Cuſtumavaõ cear ambos juntos , em hũa meſa á parte , e regalarſe com guizados , que lhes vinhaõ de fóra , com pouca edificaçaõ dos mais Religioſos , que ſe contentavaõ com a raçaõ da Communidade. Hum delles , ao ſégundo , ou terceyro boccado , parece , que ſe lhe atraveſſou taõ fortemente na garganta , que virando os olhos , no meſmo inſtante eſpirou. Levantàraõ-ſe da meſa o Abbade , com os mais Religioſos , eſpantados do funebre ſucceſſo. E mandando vir o eſquife , acompanhàraõ o cadaver para a Igreja. E que tal ficaria o companheyro Reo , e cumplice do meſmo delicto ! (Couſa incrivel , ſe naõ foſſe em materia do vicio da gula , que he irremediavel) tornouſe a aſſentar ſó na meſa , dizendo. Quem bem cea , melhor dorme. E fartando-ſe , atè naõ poder mais , aſſim repleto perdeo os ſentidos ; a morte foy , arrebentar logo como hum bruto : *Et enormi crapula repletus , quaſi brutum animal expiravit.* Verificando-ſe deſtes dous comiloens , o que diſſe o Profeta David , que eſtando ainda com a vianda na bocca , a ju-

Dan. cap. 5.

Thomè Cant. lib. 2. c. 12.

Psal. 77 ajusta vingança de Deos cahio sobre elles: *Adhuc escæ eorum erant in ore ipsorum, & ira Dei ascendit super illos.* Tanto he verdade, que em todo tempo, sempre Deos foy, e será sempre para os golosos, e comilões, Juiz riguroso, e sem piedade.

Admiravel documento he aquelle, que dà Salo-
Eccles. 37. maõ, quando diz; que por muyto comer muytos morrèraõ: *Propter crapulum multi obierunt.* Esta sentença he quasi como aquella de S. Paulo: *Statutum est omnibus Hominibus semel mori.* Está lançado por Deos o aresto irrevogavel, que todos havemos de morrer. Ainda que naõ fosse de fé, a experieneia quotidiana nos mostra, que ninguem fica cá; mas todos vaõ, e morrem. Assim temos por evidente experiencia, que a crapula matou a muytos de repente. O Emperador Alexandre Severo comeo tanto em hum jantar, que dahi a duas horas arrebentou. Se fora severo comsigo, como o era com os outros, naõ arrebentàra. Peyor he a crapula, quando vay junta com a bebedice; porque entaõ com só o achaque do vinho se abrevia a vida. Miguel Paleologo, o terceyro Emperador do Oriente embebedou-se, como costumava em hum banquete. Deytou-se em hum leyto dourado, como Olofernes; porèm Basilio, que governava o Imperio, vendo, que estava em hum profundo let argo, com hum alfange lhe cortou a cabeça. O Emperador Zeno Isaurico, tendo o mesmo vicio da bebedice, contrahio o achaque de gota coral. E, como este, quando estava bebado, descompunha muytas vezes a Emperatriz Ariadna sua mulher, estando hum dia á mesa, lhe dobrou o achaque da gota coral com o do vinho. No mesmo tempo a Emperatriz, sua mulher fez publicar, que o Emperador era morto, e o mandou logo enterrar; e tambem guardar por sentinelas a sepultura. Despertou-se Zeno já aliviado

de

de ambos os achaques, e por muyto que clamaſſe, e bradaſſe, para que lhe levantaſſem a pedra da ſepultura, com dizer, que era o Emperador Zeno, e que faria muytas merces; lhe reſpondéraõ, que já outra peſſoa governava por elle. Naõ importa (replicou o miſeravel Zeno) levem-me ao menos a hum Convento, para me poder confeſſar, e là me ficarey fazendo penitencia dos meus grandes peccados. Mas ſem fruyto, e ſem compayxaõ foy o miſeravel ouvido; e aſſim morreo rayvoſo, comendo-ſe pela fome os dedos, e as mãos. He tambem de reparar, o que vay proſeguindo Salomaõ: *In multis eſcis infirmitas.* Que na variedade dos comeres, e no ſuperfluo dos guizados, ſempre ſe geraõ doenças. Falla generico ſem individuar as eſpecies; porque, parece, que inclue a todas. Pelo que he certo aquelle adagio; quem come muyto, come pouco. E, quem come pouco, come muyto; porque tem muytos mais annos de vida, para comer. He tambem ditado muy antigo; que na meſa, ninguem envelhece: *In menſa nemo conſeneſcit.* Será aſſim pelo ſobrio, e moderado comer, e beber; mas muyto mais ſe verifica, dos que comem, ou bebem mais do neceſſario; porque eſtes, ou morrem moços, ou antes do tempo; e aſſim nunca chegaõ a envelhecer. A razaõ he de Ariſtoteles; porque: *Omne agens, agendo repatitur.* Aſſim vemos que a lima, limando o ferro, ſe conſome; a faca, cortando, perde o fio. Do meſmo modo, o calor vital cozendo o alimento no eſtomago, ſe he muyto, e de diverſas iguarias, enfraquece, e ſe diminue; e, aſſim diminuido, jà naõ tem força, para ajudar a digeſtaõ; e, ſuffocando-ſe ſempre mais pela copia exorbitante dos comeres, abandona o officio vital, e faltando eſte, de todo falta tambem a vida: *In multis eſcis infirmitas, propter crapulam multi obierunt.*

Ariſtot. Eth.

Eccleſ. 37.

Já

Já he tempo de darmos algum remedio, para aquelles golosos, que naõ saõ totalmente incorregiveis, e precitos. Depois que o Espirito Santo nos advertio, que muytos pelo peccado da gula se precipitáraõ na morte: *Propter crapulam multi obierunt.* Proferio immediatamente a sentença de larga, e dilatada vida, a quem fosse parco, e abstinente: *Et qui abstinens est, adjiciet vitam.* Esta verdade he taõ patente, que reparaõ os Santos Padres, que desde o principio do Mundo atè o diluvio, que foy na idade de Noè de seis centos, e tres annos, viviaõ os homens oytocentos, e novecentos annos, sem nunca adoecerem; e Saõ Pedro Damiaõ dà a razão com outros muytos; porque, dizem, não bebiaõ vinho, nem comiaõ carnes, contentando-se das ervas, e fruytas, que produzia a terra: *A' sæculi origine mundus, usque ad sexcentesimum tertium Noè annum, prorsus vinum ignorasse cognoscitur, obiisse quidem, sed nullus ægrotasse.* E isto confirma o Proteta David, quando disse fallando do Povo escolhido, que naõ havia em todas as tribus hum só enfermo: *Non erat in tribubus eorum infirmus.* Mas naõ he só, antes do diluvio, que a parsimonia livrava das doenças, e prolongava os dias da vida. De Galeno, Principe da Medicina, escreve S. Antonino Arcebispo de Florença, que viveo cento e vinte annos, e que nunca tivera doenças; porque sempre abominou a variedade dos comeres, e sempre se levantou da mesa com fome. E o Bellovacense cita hũa reposta dos Bramanes a Alexandre Magno, desejoso de saber, como chegavaõ todos à idade decrepita, e passavaõ de nonagenarios, e centenarios, e com forças, e sem achaques. Reescreveraõ lhe, que a sua mesa era muyto parca, e elles comiaõ muyto pouco, e por isso viviaõ muyto, e sempre com saude, e nunca necessitavaõ de purgas, ou san-

Eccles. ibi.

Petr. Dam. l. 3. ep. 23

Psalm. 104.

S. Ant. 2. tit. 6.

Bell. sp. mor. l. 3 dist. 1.

ſangrias, ou outros remedios da Medicina; porque nenhum delles gravava o eſtamago com ſuperfluidades: *Apud nos illicita eſt ventris extenſio, proindè ſumus ſine ægritudine. Diu vivimus, & quandiù vivimus, ſani ſumus; medicinas nullas facimus, quia naturam noſtram nullis ſuperfluitatibus gravamus.* E ſe a parſimonia tanto obra nos Gentios, para eſtender a vida temporal; que naõ obrarà o jejum entre os Catholicos, para ſervir a Deos, e ganhar a vida eterna! Santiago o Menor, quando Herodes Agripa o mandou martyrizar, tinha noventa e ſeis annos de idade; e quem ſabe, quantos viviria mais, no ſeu perpetuo jejum, e penitencia! Era taõ Santo, que ſó elle entre os Apoſtolos entrava no *Sancta Sanctorum.* S. Hilariaõ foy bem moço para o deſerto, aonde viveo oytenta annos, com aquella auſteridade, que ſe lê na ſua vida. Santo Antonio Abbade viveo cento e vinte; e deſtes, como eſcreve Santo Athanaſio, cento e tres, em hum perpetuo jejum, comendo ſó ao pòr do Sol humas ervas ſem ſal. Saõ Paulo primeyro Ermitaõ viveo cento e treze annos, ſubminiſtrando-lhe o veſtido, e o ſuſtento huma palmeyra, com hũa fonte de agoa, que eſtava perto. Tambem Saõ Romualdo viveo cento e vinte annos, e foy Fundador dos Camaldulenſes, com hũa vida auſteriſſima. E Saõ Franciſco de Paula deyxou por preceyto indiſpenſavel aos ſeus Religioſos, de nunca comer carne, nem ovos nem laticinios; e guardando com todo rigor elle, e os ſeus Religioſos eſte preceyto, conforme viveo noventa e hum annos; tambem os ſeus Alumnos, ſe muytos naõ paſſaõ, ou chegaõ a eſta idade, naõ vivem porèm menos de muytos, que por qualquer achaque, ou verdadeyro, ou imaginado, tomaõ pè na Quareſma, para ſerem diſpenſados, naõ ſó de comer ovos, e laticinios, mas tambem carne; por-

Bellov. lib. 3. diſt. 1.

que deste modo na sua sentença podem almoçar, e cear á noyte, pois já naõ saõ obrigados ao jejum. Nem com todas estas cautelas, e prevenções se vive mais. O jejum moderado, e o ser abstinente, he certissimo, e infallivel, que prolonga a vida: *Qui abstinens est, adjiciet vitam.*

Arrematamos o primeyro ponto com provar, que os golosos saõ subditos, e freguezes do Demonio, que exercita nelles o officio de Paroco, e de Senhor. Agora arrematarey este segundo, com mostrar, que os abstinentes predominaõ, e se fazem senhores dos Demonios, que tremem delles; e os seus jejuns saõ o antidoto irrefragavel, que cura, e destroe toda a peste do vicio da gula. Diz Santo Ambrosio, ser propriedade natural, que, se a serpente gostar da saliva de qualquer pessoa, que está em jejum, logo immediatamente morre. E com isto quiz Deos manifestar, quam maravilhosa seja a virtude, e força do jejum; e que se sayba, que, se o homem estando em jejum, mata com a sua saliva os Dragões, e serpentes da terra; muyto mais, jejuando por amor seu, postrará, e vencerá os Dragões, e serpentes do Inferno: *Jejuni hominis sputus, si serpens gustaverit, moritur. Vide, quanta vis jejunii sit, ut & sputo suo homo terrenum serpentem interficiat, quanto magis spiritualem.* Escreve S. Pedro Damiaõ, que a serpente, envelhecendo, está quarenta dias sem comer, nem beber cousa algũa; e assim debelitando-se atè emmagrecer de qualidade, que a pelle fica como desapegada sobre a carne, busca entaõ a abertura de duas pedras contiguas, ou algum buraco apertado na terra dura; e entrando com violencia, larga, despindo-se da antiga pelle, a velhice; e suprindo a natureza com outra nova, retorna ao pristino vigor da sua mocidade. Oh quantos Epulões, envelhecidos na crapula se es-

D. Ambros. lib. 6 Exam cap. 4.

eſfriáraõ totalmente, perdendo calor do eſpirito! O remedio contra eſte grande mal he imitar, como nos enſina noſſo Senhor Jeſu Chriſto no ſeu Evangelho, a prudencia das ſerpentes: *Eſtote prudentes ſicut ſerpens.* Paſſar pela porta eſtreyta do jejum: *Intrate per anguſtam portam.* Largando todo o regalo, e deſpindo ſe da pelle de lobo voraz; de homem velho, veſtirſe de homem novo: *Induite novum hominem.* Porèm iſto ſó ſe alcança (como bem adverte Saõ Pedro Damiaõ) com o jejum. Repare o pio leytor nas ſuas palavras: *Vis ad ſerpentis exemplum novus fieri; & languentem animæ ſenectutem, impubeſcentis adoleſcentiæ reflorere decorem; jejuna cum ſerpente.*

Matth. cap. 10.
Matth. cap 7.
Eph. c. 4
S. Petr. Dam. l. 1. ep. 18

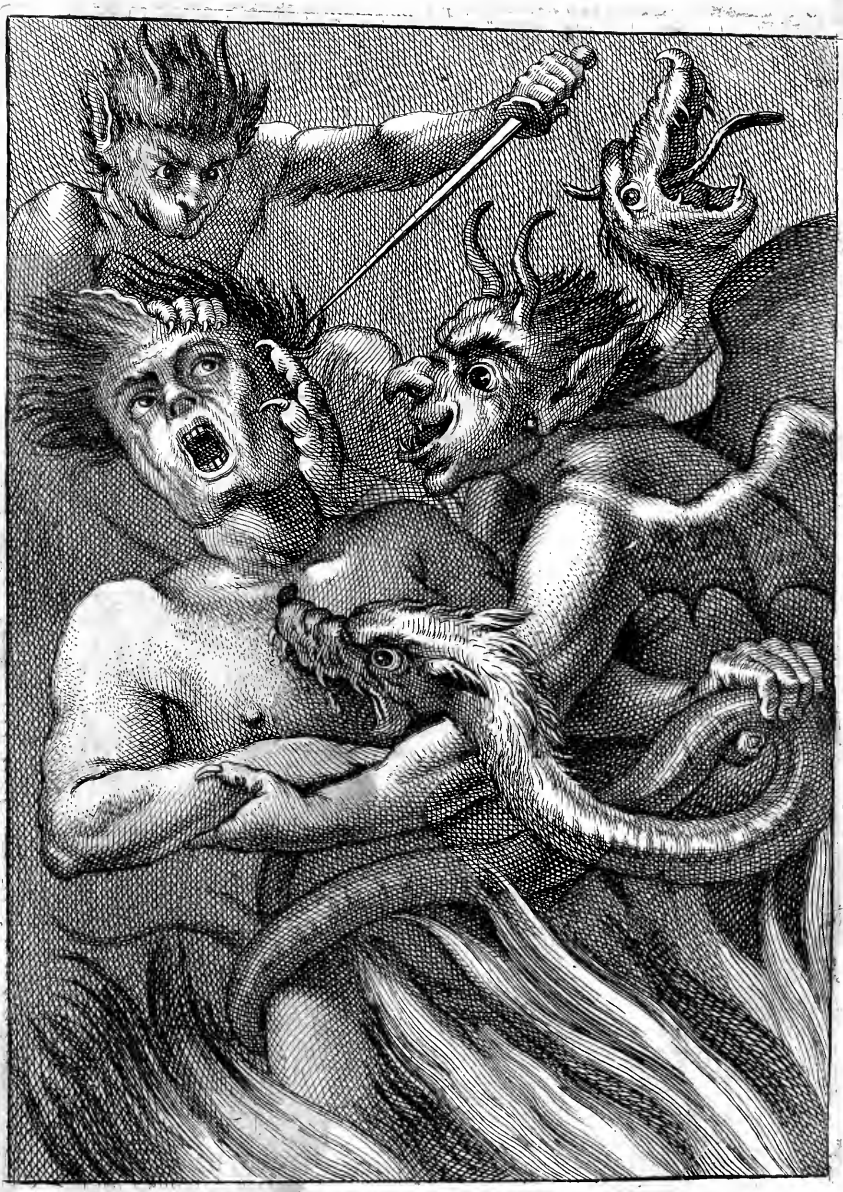
Deſenganem-ſe os peccadores goſoſos, que ſe naõ imitarem o jejum da ſerpente neſta vida, experimentaráõ huma fome canina, e rayvoſa na outra; e em lugar das delicias dos bons comeres, e iguarias, a ſerpente infernal lhes dará a tragar fel de Dragões, e venenos de viboras, e baſiliſcos: *Fel Draconum, vinum eorum venenum aſpidum.* E porque a ſede ſerá ſemelhante àquella do rico avarento; naõ pedindo já licor ſelecto, mas huma gota de agoa, para alivio da ſua garganta abrazada com tanto fogo; o ſeu refrigerio ſerá, tomarem os Demonios chumbo desfeyto, e metal derretido, e abrindo-lhes á força com ganchos de ferro afogueado a bocca, lho lançaráõ dentro das goelas, e lho faraõ tragar, para encher, e fartar aquelle ventre, que neſte Mundo foy o ſeu Deos. *Quorum Deus venter eſt.* Oh gula! Oh inferno! Oh eternidade! Hum enfermo, para ſe livrar de huma febre, que tem algum perigo, faz dietas continuadas, e naõ ſe queyxa, que o enfraquecem; tem ſedes inſofriveis, e naõ ſó lhe prohibem o vinho, mas tambem lhe negaõ a agoa; e tem paciencia; daõ-lhe bebidas amargoſiſſimas, que a natureza meſma abor-

Deut. cap. 32.

rece; naõ repugna; se faz violencia, obedece; nada diz, tudo toma, tudo sofre. E porque tanta resignaçaõ, e obediencia a hum Medico taõ riguroso, que tal vez, enganando-se, ordenará o contrario á saude? Naõ he por outro fim, que por se ver livre da febre, que lhe ameaça a morte. Oh cegueyra dos homens! Oh engano! E naõ faráõ os comilões, e bebedores outro tanto; para se verem livres da febre do vicio da gula, que os conduz a huma morte improvisa, preludio da morte eterna? Oh vicio da gula! Oh inferno! Oh eternidade! Se estas verdades naõ movem os Epulões, e golosos a huma resoluçaõ firme de huma total emenda; será verdadeyro o nosso assumpto, que o vicio da gula naõ tem remedio; e que os comilões, e bebedores, saõ freguezes dos Demonios, que já lhes tem preparado com o Epulaõ a sepultura no Inferno: *Sepultus est in inferno.*

DIS-

RPJCB



TORMENTO DO TACTO

DISCURSO VI.

Do Tormento do Tacto.

Præcepit nobis Deus, ne taugeremus illud.
Gen. c. 3. 3.

COncordaõ todos os Santos Padres, que entre todos os sentidos, o do tacto he o mais pernicioso, e em consequẽcia o de mayor perigo; pois mais facilmente faz prevaricar hũa Alma, e com qualquer pequena detença a precipita no Inferno. Saõ os outros sentidos, como as janellas de algũa fortaleza, que se naõ forem bem vigiadas, e com as sentinellas àlerta, entra o inimigo, saqueando, e depredando todas as virtudes, atè dar a morte à Alma: *Mors intrat per feneſtras noſtras.* Porèm o tacto, he como hũ Capitaõ General, que dà logo o ultimo assalto à porta mayor da fortaleza, fazendo-se com imperio senhor della. He bellissimo o reparo de Saõ Basilio, discorrendo sobre o vicio do tacto, e diz, que os outros sentidos lhe servem como os cães da caça, para lhes entregarem a presa. Os olhos a vem, e a descobrem; os ouvidos a sentem; o olfacto a cheyra; a imaginaçaõ a dà a gostar, e faz appetecer; e final-

Jerem. c. 9. 21.

mente, parece, que todos elles no exercitar o seu officio vaõ em busca della. Porèm o mesmo tacto he o proprio caçador, que a penas vista, ou descuberta a caça, com só tocala, a agarra, e quanto mais brandamente a vay apalpando, com tanto mayor crueldade a despedaça, e a mata. Por isto o mesmo Santo Doutor exhorta a todos, a estar com grande cautela, por guardarse deste sentido, e fugir delle, como da occasiaõ proxima, chamando-o sorrateyro traydor, que traz todos a poz de si, e obriga com a sua brandura tirana os mais sentidos à sua obediencia:

S. Basil. lib de virgin. *Tactum* (inquit) *ut omnium sensuum perniciosissimum, & sævissimè blandientem, quàm maximâ curâ servabis.* Este he o rascunho da materia, que avemos de tratar neste sexto discurso do tormento do tacto; e como esta materia he muyto ampla, e importantissima, para a nossa salvaçaõ, procurarey de a reduzir em compendio, dividindo-a por mayor clareza em tres unicos pontos. No primeyro veremos, como este vicio do tacto he aquelle, que no genero humano faz mayor estrago nas Almas. No segundo, mostraremos o unico, e mais seguro remedio, para emendarse, provado com as sagradas letras, e aprovados dos Santos Padres. No terceyro finalmente; com as razões, e com os exemplos se fará patente o desengano, para quem espera emendarse na hora da morte, que o seu arrependimento será falso, e a sua penitencia fingida; e naõ lhe serviraõ de outra cousa, que de lhe accrescentar mayor pena, e tormento no Inferno.

S. Agostinho faz huma engenhosa comparaçaõ do tacto, que he o infimo de todos os sentidos, com a terra, que, entre os quatro elementos, he tambem o ultimo, e menos nobre; porque conforme o ar, o fogo, e a agoa, saõ elementos mais puros, e de mayor perfeyçaõ, com tudo obedecem, e servem á terra.

ra, O ar com a fazer habitavel; o fogo com a purificar; e a agoa com a render fecunda. Aſſim os outros ſentidos, ainda que mais apurados, por ſerem de condiçaõ mais excellente, ſervem, e obedecem aos goſtos, e delicias do tacto. Porèm eſte he hum ſenhor iniquo, e naturalmente tyranno, que quando ſe moſtra mais brando, entaõ he mais cruel; porque o peccado, que começa a ter a ſua primeyra entrada pelas janellas dos outros ſentidos, em chegando ao tacto, eſte lhe poem logo de par em par as portas, e depois de entrado, elle he o Algoz, que quanto mais ſe detem apalpando, mais depreſſa lhe dá o ultimo complemento, e conſequentemente a morte eterna. Bem ſe eſpecifica iſto de hum Poeta ſacro: *Poſt viſum riſum, poſt tactum venit ad actum.* As mais das vezes o ver, e o ouvir paſſa por hum ſimples comprimento com hum ſorriſo agradavel; moſtra a peſſoa hum genio obrigante, hum natural docil, e capaz de toda a converſaçaõ: *Poſt viſum, riſum.* Porèm, ſe o ver, e o rir, paſſa ao tocar, infallivelmente pela grande atractiva deſte ſentido, e pela occaſiaõ proxima, e proximiſſima, paſſará o tacto ao acto peccaminoſo; e ſe naõ com a obra, por falta de tempo, ou do lugar, ſerá com o conſenſo: *Poſt tactum venit ad actum.* E deſta verdade taõ certa, como por noſſa miſeria tantas vezes experimentada, ſe ſegue logo a prova evidente tirada das palavras do noſſo thema: *Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud.* Gen. c. 3

Envejoſo o Demonio da felicidade dos noſſos primeyros pays, ſe reſolveo tentar a Eva; para que comeſſe do pomo prohibido, com dizerlhe: *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis ex omni ligno Paradiſi?* Porque vos tem Deos prohibido, que naõ comais de toda a fruta, que produz o Paraiſo? Reſ-

pondeo Eva. Nós comemos, e nos sustentamos de todas: *De fructu lignorum, quæ sunt in Paradiso vescimur.* Porèm só do pomo de huma arvore, que Deos reservou, naõ quer, que comamos delle, nem que o toquemos: *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, & ne tangeremus illud.* Mas, como podia Eva inventar, e dizer hũa falsidade tam crassa, e patente; como he o dizer, que Deos lhe prohibira de tocar o pomo? *Ne tangeremus illud.* Ella não ouvio o preceyto; porque quando Deos o fez a Adaõ, Eva ainda naõ estava creada no Mundo. Nem Adaõ lho podia ter dito; porque quando Deos lhe intimou o preceyto, prohibiolhe sómente o comer do pomo, sobpena de morte, e naõ o tocalo: *De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas, in quacumque die comederis, morte morieris.* Sendo isto assim, como logo fallou Eva falso ao Demonio? inventando de sua cabeça, que o preceyto divino era de naõ comer, e de naõ tocar o pomo: *Ne tangeremus illud.* Ah que naõ foy invençaõ, nem falsidade, nem menos engano; foy bem sim cautela necessaria, para fugir o perigo proximo; e foy huma prevençaõ consecutiva, conhecendo muy bem, como tinha sciencia infusa, que o mesmo era tocar o pomo, que comelo: *Post tactum venit ad actum.* E quando Deos prohibe o peccar, prohibe tambem todo o perigo evidente, e toda a disposiçaõ proxima, da qual procede infalivelmente o peccado. E por isto fallou Eva, como prudente, e acautelada, quando disse: *Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud.* Prouvera a Deos, que tal cautela durára; que naõ padeceriamos agora tantas miserias, e tentaçoens, nem tantos cahiriam nellas. Mas prosigamos o mesmo Texto, e tocaremos com a maõ a differença, que vay entre o sentido do tacto, e os outros sentidos. Depois que o Demonio respondeo a Eva, que, co-

Gen. c. 2. 17.

Gen. c. 3. 3.

men-

mendo do pomo, naõ morreriaõ, mas seriaõ como Deoses: *Nequaquam moriemini, sed eritis sicut Dii.* Considerou Eva, que o pomo havia de ser mais saboroso, e agradavel ao palladar: *Vidit igitur mulier,* Genes. cap. 3. 6 *quod bonum esset lignum ad vescendum.* Eis-aqui o sentido do gostar, e com tudo mortificou-se, e naõ o comeo. Depois vio, que era fermosissimo: *Pulchrum oculis.* Eis-aqui o sentido da vista. Venceo-se e teve paciencia; mas logo que das janellas dos olhos appareceo a deleytaçaõ: *Aspectuque delectabile.* O tacto, como mais atrevido, e violento, arrombou as portas todas, e pegou no pomo, e o tirou da arvore, e no mesmo instante o comeo, e engulio, tragando tambem o peccado, que he a morte da Alma: *Tulitque de fructu illius, & comedit.* Oh vicio de tacto, quanto es atractivo, e poderoso! Como es feyticeyro entre os mais sentidos! Naõ contente Eva de ter quebrado o preceyto, foy logo presentar o pomo ao marido: *Tulitque viro suo.* Desgraçado successo! A penas Adam pegou nelle, que inficionado daquelle contacto, e esquecendo-se de Deos, do preceyto, de si, e de toda a sua posteridade; o mesmo foy receber o pomo, e tocalo, que comelo: *Deditque viro suo, & comedit.* Perdendo a si, e deyxando em total ruina, e perdiçaõ o genero humano: *Post tactum venit ad actum.* E se o tacto de hũa fruyta eterogenea, que naõ teve outra vida, que a vegetavel, e sem alguma correspondencia teve tal atractiva, em suscitar o appetite do gosto em Adam, e Eva, qne bastou, para os fazer prevaricar no preceyto; ainda que vivessem no estado da innocencia, e livres do *fomes peccati.* Que será logo do tacto perigoso do corpo humano, que alèm de ter o sensitivo, que allucina, tem o ser homogeneo, que logo se faz congeneo reciproco, e correspondente com tal viveza de affecto,

que

que parece hum feytiço? Oh triste, e maldito vicio do tacto, como es atrevido, e como es cego! Atrevido, porque te atreves a todo o genero de pessoas, e em todas as partes do corpo; cego, porque naõ fazes distinçaõ, nem de lugar, nem de idade, nem de grao, nem de sexo, nem de estado; e do teu atrevimento, e cegueyra nam vés, nem reparas as consequencias, que nascem de mil enormidades, e absurdos. Do teu mao habito, e inclinaçaõ de tocar, e apalpar, segue-se, que, se o tacto for com pessoa desobrigada, serà fornicaçaõ; se o tacto for com virgem, passará logo a estupro; se com parenta, passarà ao Inceſto; se com cazada, nascerá o Adulterio; se com Pessoa de voto, hum sacrilegio. Nem se contentará este torpe vicio do tacto, de se ter feyto como hum infame Proteo, tomando todas as fórmas, e répresentando todas as figuras. Que, senaõ for detido com o temor de Deos, ou refreado com o lume da razaõ, chegarà com a sua cegueyra, a ter a maldiçaõ, com que o ameaça Deos na Sagrada Escritura: *Palpet in meridie, sicut palpare solet cæcus in tenebris.* Quer dizer, que, estando hum Christaõ com a luz do meyo dia da fé Catholica, este enorme vicio de tocar, e apalpar, o farà esquecer do seu racional, e humano, obrando peyor, que bruto contra a mesma natureza, atè se transformar com nefandas metamorfoses em outras especias, que depois acabaõ em brutalidades, e cataſtrofes, mais dignas de serem queymadas com o fogo, que merecem, anticipado nesta vida, que descritas com a pena. Tanto pòde a torpe, e cega inclinaçaõ ao vicio do tacto: *Post tactum venit ad actum.* Por isto disse bem Eva: *Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud.*

Deut. c. 28. 29

Querendo Deos castigar ElRey Joachim, e aos seus Povos de Judà; diz o Sagrado Texto, que lhes man-

mandou varias caſtas de ladroenſinhos de patria, e coſtumes diverſos; huns Caldeos; outros da Siria; eſtes Moabitas; aquelles deſcendentes de Amon: *Miſit Dominus in terra Juda latrunculos Caldæorum, & latrunculos Siriæ, latrunculos Moab, & latrunculos filiorum Amon.* Mas vendo, que eſtes naõ baſtavaõ, para os reduzir à ſua obediencia, mandou a Nabucodonoſor, Rey de Babylonia, que roubou, e ſaqueou toda a Judea, e levou comſigo captivos a ElRey Joachim, e a todos os Principes de Judà: *Ad extremum miſit Nabucodonoſor Regem Babiloniæ, qui deprædatus eſt terram illam, qui & Joachim, & Principes captivitati ſubjecit.* Deſte meſmo modo faz o Demonio, para vencer, e conquiſtar a fermoſa Cidade de Jeruſalem, que he a noſſa Alma. Serve-ſe em primeyro lugar dos quatro ladroenſinhos, que eſtaõ em diverſas moradas, e ſervem a differentes officios, e uſos; eſtes ſaõ os quatro primeyros ſentidos; mas ſe eſtes, ou com a pouca cautela no ver, ou com a demaſiada curioſidade no ouvir, ou com o depravado apetite do goſtar, naõ abrem logo a brecha, por onde poſſa entrar o peccado mortal, e roubar, e ſaquear a Alma, manda logo ao ſentido do tacto, que como tyranno, e atrevido, ſaquea logo todas as virtudes, entra predominante no forte do coraçaõ, e ſe faz ſenhor delle; cega o entendimento, que he como Rey, defenſor das leys da razaõ; apriſiona, e faz eſcrava a vontade, que lhe obedece em tudo, o que apetece, e captiva os mais ſentidos, que lhes ſervem como de vis ſenſais para os torpes tocamentos do ſeu infame goſto. O peyor he, que ainda ſem a guia dos outros ſentidos, o tacto ſó por ſi, com o unico goſto de tocar, e apalpar, vive, reyna, e triunfa ſempre mais eſcandaloſo em todo o genero de torpezas. Tenho conhecido neſte Bra-

Lib. 4. Reg. c. 24.

ſil

sil hum cego de naſcimento, taõ immerſo no infame lodo da luxuria, que era o eſcandalo dos moradores daquella paragem, aonde elle habitava. Como era cego, naõ podia uſar daquellas advertencias, e cautelas, de que uſaõ, os que tem viſta; mas era-lhe forçoſo ſervirſe das noticias, de quem lhe referia de bocca as qualidades das peſſoas, que deſejava; e como era rico, valia-ſe com o dinheyro, de quem as foſſe buſcar a horas, que elle, fiando-ſe, cuydava foſſem nocturnas, ou eſcuras; e podiaõ ſer patentes, e de meyo dia. Eſtava eu fazendo Miſſaõ naquelle deſtricto, e achey, que o eſcandalo era publico; e que ſe naõ fallava em outra couſa, ſenaõ do engano, e miſeria deſte pobre cego. Naõ faltàraõ zeloſos, que me introduziraõ a fallar com elle, para o diſpor a ganhar o jubileo da Miſſaõ, e porſe bem com Deos. O diſcurſo começou com razões humanas, para depois acabar com as verdades eternas. Perguntey-lhe eu, ſendo verdadeyro aquelle noſſo adagio Portuguez: o que os olhos naõ vem, o coraçaõ naõ deſeja; como podia elle deſejar, e cubiçar com tantas veras, objectos, que nunca vira? Mais; porque he commum o ditado, que a viſta faz fé; e que fé podia elle dar de hũa peſſoa, que nunca vio, nem a pode ver? Reſpondeo logo o cego. Oh quanto ſe engana, Padre, oh quanto ſe engana! A mim ſupre o tacto para os mais ſentidos. Eſte com o apalpar me faz conhecer as idades, e ſendo correlativo, e reciproco, conheço o genio, e affeyçaõ das peſſoas, mais que das meſmas palavras. Deſte m o do diſſe eu tereis vòs mais conhecimento de qualq u er objecto ;do que teve o cego Iſaac dos ſeus filhos, que, com naõ ſer cego *à nativitate*, conheceo a voz ſer de Jacob; porque Jacob naõ a ſoube contrafazer? *Vox quidem Jacob eſt.* Mas ſe enganou no tacto, porque tocando,

Geneſ. 22.27.

do, e apalpando as mãos, pareceraõ-lhe as mãos de Esaù: *Sed manus, manus sunt Esaù.* Eu naõ sey, se teve emenda; sey, que achey nelle bem pouca disposiçaõ, e que em menos de hum anno morreo improvisamente, e sem confissaõ, e Sacramentos. Oh meu Deos! Que importa, que hum tenha a voz de Jacob, voz do Ceo, que te falla ao coraçaõ, para que deyxes estes toques; voz da consciencia, que te remorde; voz do Prègador, que te chama à penitencia; voz finalmente deste livro, que estàs lendo, que te ensina a fugir o perigo, para salvar a tua Alma! Mas que importa, que a voz seja de hum Predestinado como Jacob, se tu queres ter, e conservar as mãos de Esaù; mãos costumadas a tocamentos torpes; mãos precitas, que em tocando peccaõ, em apalpando fazem a outros peccar; mãos de Inferno, e peyores, que o Inferno! *Vox quidem, vox Jacob, sed manus, manus sunt Esaù.*

Segundo Ponto.

Jà he tempo que demos algum remedio, para livrarmonos de hum vicio tam pernicioso, como he o do tacto. Eu naõ acho outro mais proficuo, nem mais seguro, que aquelle, que nos dà o Espirito Santo; quando nos exhorta a fugir dos peccados como da presença de hũa cobra, ou serpente: *Fili, quasi à facie colubri fuge peccata.* Mas porque naõ diz o Espirito Santo, que fujamos dos peccados, como da presença de hum Leaõ *à facie Leonis.* Ou de qualquer outra fera cruel, que acomete, morde, e devora? Porque as outras féras por viciosas, e crueis, que sejaõ, naõ tem peçonha; e assim, quando mordem em hum braço, ou tragam huma maõ, pòde ainda o homem viver sem algum destes membros, ficando todo o restante do corpo saõ, e livre, como vemos cada dia; porèm a cobra, como he de si peçonhenta, mordendo a maõ, ou hum pè, ou ainda picada só a ex-

Eccles. cap. 21. 2.

extremidade de hum dedo, basta para causar a morte; porque diffundindo-se o seu veneno nas veas, e correndo com a circulaçaõ do sangue todos os membros, em chegando ao coraçaõ, sem mais remedio, he necessario morrer. Toda esta doutrina segue, e confirma o grande S. Basilio, comparando o perigoso sentido do tacto no corpo humano á venenosa mordedura de huma cobra, dizendo assim: *Non aliter nobis hunc sensum minimè cohibentibus evenire, quàm si caudam serpentis tangeremus.* Da mesma maneyra succederá a nòs, se formos pouco acautelados, em refrear o sentido do tacto, que succede àquelles, que com pouca advertencia tocaõ, ou manejaõ algũa cobra, ou serpente. Esta, logo que sente tocarse no seu corpo, se revira, e morde com tal malignidade, a quem a tocou, que na mesma mordedura deyxa o veneno, e lhe dá a morte. Assim no tacto naõ necessario no corpo humano he taõ pestilente, que logo move o sangue, altèra os espiritos, e diffunde este seu contagio em todos os outros membros; atè que, cegando-se o entendimento, do senso passa ao consenso, e dà à Alma a morte eterna: *Ita tactus minus circunspectus totum tangentis corpus in se convertit, & ad pravum consensum trahit.*

D Basil. lib. 2 de virg.

Nem faltaõ exemplos na Sagrada Escritura, que provaõ, e confirmaõ esta doutrina taõ recomendada dos Santos Padres. Quando aquella senhora do Egypto, mulher de Putifar, convidou ao casto Mancebo Joseph, que era seu escravo, para violar o leyto conjugal do seu marido; se escusou este com mostrar horror a hum crime, que era de alta trayçaõ contra seu Amo, e Senhor. Mas quando vio, que às palavras brandas, aos mimos, e carinhos, ajuntou o tacto, deu-se entaõ logo por perdido, e assim buscou o ultimo, e unico remedio, que era o fugir; pelo

que

que logo deu hum arranco, e fugio-lhe, deyxando-lhe a capa nas mãos. Naõ ha duvida, que Joseph obrou bem; mas se poz em manifesto perigo de perder a sua reputaçaõ, e tambem a vida, com deyxar a capa, que, posta em juizo, fazia papel de corpo do delicto, e servia de prova quasi concludente do negro attentado, contra sua Senhora, e succedeo assim; porque a mulher vendo-se como afrontada, e desprezada, temendo, que Joseph fallasse, o accusou com grandes queyxas ao marido, o qual demasiadamente credulo, vendo a capa do servo sobre o seu leyto, sem mais interrogaçaõ, ou processo, naõ lhe dando a ira mais lugar, o mandou meter no fundo de hum carcere, sem nunca mais lembrarse delle, como se naõ fosse no Mundo: *Ostendit pallium marito, & ait: Ingressus est ad me servus hebræus, ut illuderet mihi. Cumque audisset me clamore, reliquit pallium, quod tenebam, & fugit foras. His auditis, Dominus, & nimium credulus verbis conjugis, iratus est valde, traditque Joseph in carcerem.* Mas como he possivel, que Joseph, sendo tam prudente, naõ previsse a sua total ruina com deyxar a capa na maõ da sua Senhora, podendo-lha arrancar por força, sendo elle moço valente, e na flor da idade, e depois fugir com ella? Bem previo Joseph o perigo, e o mal, que havia de vir ao seu corpo com deyxar a sua capa nas mãos de hũa mulher lasciva; mas fez reflexaõ, que muyto mayor perigo, e muyto peyor ruina para a sua Alma seria o ficarse elle com a capa, jà inficionada com o tacto daquella mulher. Quiz, como comentaõ os Santos Padres sobre este Texto, fugir naõ só da occasiõ proxima, mas tambem da remota, e de toda a lembrança della. Sabia, que, quando nos lembramos de algum commodo, que tivemos, para satisfazer ao doce encanto do nosso sensual appetite, esta lem-

Genes. cap. 39. 20.

lembrança lisonjeyra entra com doçura innocente no pensamento, e depois se insinùa na imaginaçaõ, representando-lhe vivamente o succesſo passado, e no mesmo tempo desperta a sensualidade com o fogo já acceso da concupiscencia. Deyxou logo prudentemente a capa; porque se a trouxesse comsigo, todas as vezes, que pegasse nella, lhe poderia infundir o veneno da culpa, com a lembrança daquelle tacto, e contacto, e da occasiaõ de offender a Deos. E como bem remunerou Deos esta acçaõ generosa de Joseph! Como bem lhe desfez à calumnia, e acudio ao seu credito! De feytor, que era da casa de Putifar, subio a Mordomo mòr do Paço de ElRey Faraò, o qual tanto o amava, e se fiava delle, que além de o constituir seu primeyro Ministro, o fez publicar a som de trombetas por Visorey de todo o Egypto, e que todos tivessem entendido, que elle era o supremo, e unico Commandante, a quem todos os seus Officaes, e Povos deviaõ obedecer, ageolhando-se em qualquer parte, que elle passasse; e que soubessem, que entre ElRey, e elle naõ havia outra differença, que Joseph ter o mando, e Faraò o assento no throno: *Tu eris super domum meam, & ad tui oris imperium cunctus populus obediet; uno tantùm regni solio te præcedam.* Parece, que a casta, e valerosa Judith, tomou a liçaõ de Joseph, e o quiz imitar em tudo; pois os Santos se aproveytaõ huns dos outros dos bons exemplos. Depois de ter Judith cortada a cabeça ao grande General Olofernes, e ter dado a vitoria aos seus Compatriotas, contra os Assirios, tratáraõ os Governantes de repartir os despojos dos vencidos, para dar a cada hum dos vencedores o quinhaõ, que lhes cabia proporcionalmente, conforme os seus merecimentos. Julgáraõ, que tudo, o que era do peculiar serviço da pessoa de Olofernes, ouro, prata, ve-

Genes. c. 40 41.

veſtidos, roupas, e camas, com as mais alfayas, tudo com univerſal conſentimento ſe entregaſſe a Judith: *Porrò autem univerſa, quæ Olofernis peculiaria fuiſſe probata ſunt, dederunt Judith, in auro, & argento, & veſtibus, & gemmis, & omni ſupellèctili, tradita ſunt omnia illi à Populo.* Porèm Judith fez taõ pouco caſo do precioſo quinhaõ, que lhe tocou, e dos ricos deſpojos, que lhe trouxeraõ, que não ſó, não os quiz receber, mas os mandou afaſtar de ſi, e da ſua caſa, por nam ter occaſiaõ de velos, ou tocalos, nem ter a minima lembrança dellas: *Porrò Judith univerſa vaſa bellica Olofernis, quæ dedit illi populus, & conopæum, quod ipſa ſuſtulerat de cubili ipſius, obtulit in anathema oblivionis.* Mas porque Judith recuſa, e deſpreza os deſpojos de huma vitoria tam aſſinalada? Porque não os toma, e não os tem muy bem guardados, para fazer illuſtres os ſeus deſcendentes? Como naõ os mete entre os trofeos dos ſeus Avòs; para dar a conhecer o ſeu valor à poſteridade, e eternizar a ſua memoria? E ſe ella não quiz guardar a eſpada, o punhal, e outros generos de armas proprias de hum General do exercito, pois não lhe eraõ uſuais, nem convinhaõ a huma mulher; porque não guarda as outras alfayas, as roupas, e alcatifas, eſpecialmente o leyto, e o pavilhaõ, que era hum movel proprio do ſeu ſexo? Muyto mais, que era de Damaſco cremeſim bordado de ouro, e guarnecido de eſmeraldas, e outras gemmas precioſas: *Conopæum, quod erat ex purpura, & auro, & ſmaragdo, & lapidibus prætioſis contextum.* E lhe podia ſervir de ornamento na ſua alcova, no tempo, que as outras Matronas de Betulia a hiaõ viſitar, e dârlhe os parabens. E quando naõ pareceſſe bem à ſua modeſtia, e eſtado viuval, ter hum leyto taõ precioſo à viſta, o podia recolher, e deyxalo a algum dos ſeus parentes

Judic. cap. 14. 15.

Judic. cap. 16. 15.

Judic. cap. 10. 29.

mais chegados, que o guardaria, como illuſtre monumento da ſua familia. Nada diſto quiz Judith. Previo prudentemente, e conſiderou, que todas as vezes, que viſſe o leyto, lhe tornaria em lembrança a occaſiaõ, que ella teve de offender a Deos com Olofernes, ſe quando eſtava no leyto naõ ficaſſe logo preſo do ſono. E que eſta lembrança podia fixarſe na ſua imaginação, e fazer algum movimento na ſua ſenſualidade; por iſto lançou longe de ſi, e da ſua caſa alfayas, leytos, pavilhões, e tudo aquillo, que podia ter tocado Olofernes, como ſe tiveſſe excommunhaõ o tocalas; e aſſim poz tudo em hum perpetuo eſquecimento: *Obtulit in anathema oblivionis.*

Dos exemplos do Teſtamento velho, que he a ley eſcrita, paſſemos aos do Teſtamento novo, que he a ley da graça, veremos, quanto Deos concorre com ella, para todos aquelles, que naõ ſó fogem da occaſiaõ proxima deſte vicio do tacto, mas tambem da remota, com afaſtarſe delle. Saõ Martiniano, para fugir de toda a occaſiaõ deſte vicio. deyxou a Cidade, e a patria, e foy recolherſe hum longe em hum deſerto, aonde gozando hũa ſumma paz da Alma, fazia penitencia. Mas nem ahi ſe achou ſeguro, porque huma mulher do Mundo, com pretexto, ou verdadeyro, ou falſo de largar a mà vida, e tratar ſó da ſua ſalvação, teve modo de penetrar todos aquelles boſques, atè achar a pobre choupana de Martiniano. Ahi entrou dentro, e naõ vendo outra couſa mais que cilicios com pontas de ferro; e diſciplinas enſanguentadas, ſe poz logo de geolhos a gemer, e chorar. No entanto tornou da fonte Martiniano, e ouvio gemidos, e ſoluços na ſua choupana. Ficou paſmado de tal novidade naõ eſperada, e chegando à porta della, vio dentro a nova hoſpeda. Diſſe logo comſigo. Já eſta habitaçaõ naõ me ſerve mais.

mais. Deyxou o pote da agoa na porta, com todos os inſtrumentos da penitencia, que là eſtavão, e ſem perguntar á nova hoſpeda, a que veyo, nem como veyo; tomando outro caminho, e por rumo diverſo, caminhou toda a noyte, e todo o dia ſeguinte, atè que foy dar na praya do mar. Ahi ſoube, que havia huma Ilhota, que apparecia ao longe, e em ſi tinha hũa pequena alagoa, que naõ produzia ſe não juncos, e vimes. Ajuſtou-ſe com hum Marinheyro; para que lá o levaſſe na ſua barca, e que cada mez lhe foſſe levar hum pouco de biſcouto, que em pagamento lhe daria os ceſtos, e ceſtinhos de junco, que elle hia trabalhando. Foy fideliſſimo o Marinheyro, em lhe levar o ſuſtento; e Martiniano vivia na ſua Ilhota deſerta como em hum Paraiſo terreal, fóra de todas as occaſiões, e perigos, ſem outro cuydado, que de fazer oraçaõ, e os ſeus ceſtos. Mas quem o cuydàra! Porque nem ahi ficou de todo livre o noſſo Santo ſolitario; pois os perigos do mar lhe puzeraõ as occaſioens em terra. Naufragou caſualmente huma caravela em hum cachopo junto á Ilhota deſerta. E em quanto os Marinheyros tratavaõ de fazer huma prancha, para ſalvarem as vidas, pois naõ cabiaõ todos no batelinho, hũa moça, que hia de paſſagem na meſma embarcaçaõ, com o beneficio de huma taboa alcançou a Ilhota, Quando ſe vio com o pè em terra, naõ quiz mais nada do mar; e os Marinheyros no ſeu batel fizeraõ dalli ſua viagem. Foy logo a moça a buſcar S. Martiniano, o qual, em vendo-a, lhe fallou aſſim. Minha filha, o fogo, e a eſtopa naõ eſtaõ bem, eſtando juntos; quero antes deixar-me nas mãos da providencia Divina, e fiarme della, que da fragilidade da minha natureza; aqui tendes hum pequeno de biſcouto, que vos baſtará, para matar a fome por algum tempo. Naõ paſſaráõ muytos dias,

P. le Je: vre tom. 1. miſſ.

que chegará a este lugar hum Marinheyro, que era o meu provedor de biscouto; a elle entregareis estes cestos, e juncos, e dizeylhe, que vos dè a passagem na sua barca, atè a terra, que eu rogarey a Deos, que vos leve a ambos de dous em paz, e salvamento. Naõ he crivel as lagrimas, que derramava a moça, vendo, que a deyxava só, e desemparada em huma Ilhota, que melhor se chamàra hum penhasco. Mas o Santo olhando para o mar disse, quero antes fiar-me da inconstancia dos ventos, e da instabilidade das ondas, que porme em risco, ou em occasiaõ de cometter hum peccado mortal. Assim dito, levantou os olhos ao Ceo, depois fez o final da Cruz, e generoso se lançou ao mar. Escaçamente começou nadando a lidar com as ondas, que a providencia Divina lhe mandou hum Delfim, que pondo se debayxo delle, lhe foy levantado os peytos, atè que deu geyto, para assentarse nelle, e lhe servio de batel, que em breve espaço de tempo o levou àquella mesma praya, aonde alguns annos antes se tinha embarcado. Diraõ os peccadores, que este exemplo de Martiniano, para fugir todo o perigo, e occasiaõ do peccado, he mais, para se admirar, que para se imitar. Assim he, mas eu digo, que daqui se infere, quanto estima, e gosta Deos, que nas occasioens, e perigos recorramos logo a elle com toda a confiança seguros; que se nòs resistirmos ao nosso appetite rebelde com valor, Deos não nos faltará com a sua graça: *Facienti quod in se est, Deus non denegat gratiam.* E muyto mais se vencermos o ardor da nossa concupiscencia, com a prompta fuga do objecto, que nos allucina ao peccado, então se obrigará Deos, até a fazer milagres, como a S. Martiniano, para que fiquemos triunfantes de toda a occasiaõ, e perigo.

Vasq. de gratia lib. 2.

Quero corroborar estas provas da obrigaçaõ, que tc-

temos de fugir a occaſiaõ proxima, com a doutrina, que enſinou Chriſto no ſeu Evangelho; e veremos claramente, que Saõ Martiniano, que a ſeguio, naõ devia, nem podia obrar diverſamente, para ſe livrar do peccado, e aſſegurar a ſua ſalvaçaõ. He neceſſario, que huma ordem, ou Mandamento, ſeja de grande conſequencia, para a vida eterna, e aſſim digno de ſer com diligencia guardado, quando o meſmo Filho de Deos o inculca com ameaças, e o repete bem tres vezes; duas em Saõ Mattheus, e outra em Saõ Marcos. Contra nenhum vicio ſe valeo Chriſto nas ſuas prègações de mayores invectivas, e ameaças mais terriveis, como quando prégava contra o eſcandalo: *Væ Mundo à ſcandalis. Væ Homini illi, per quem ſcandalum venit.* Eſta particula *Væ* na Eſcritura ſempre ſignifica perdiçaõ, reprovaçaõ eterna, condenaçaõ infallivel do Inferno. O eſcandalo pois, como dizem os Theologos, naõ he outra couſa, que *Dictum, vel factum præbens proximo occaſionem peccandi.* E que acçaõ ſahirà dos noſſos ſentidos, que tenha mais prompta a occaſiaõ do peccado, e que lhe abra mais depreſſa as portas, e que enfeytice com mais ſuave violencia o coraçaõ do proximo, para cometelo, como o vicio do tacto, que he, o que temos mais acima dito, e provado no primeyro ponto! Sendo pois iſto aſſim, proſigamos a doutrina, que Chriſto nos dá no ſeu Evangelho, e acharemos huma prova, que convence, conclue, e ſerá o remate deſte ſegundo ponto. Apenas os Evangeliſtas Saõ Mattheus, e Saõ Marcos acabaõ de dizer da occaſiaõ de peccar, que dà o eſcandalo, que logo immediatamente dizem: *Et ſi manus tua ſcandalizaverit te, abſcinde illam.* Que ſe a noſſa maõ nos eſcandaliza, com ſer occaſiaõ de peccar, manda, que a cortemos. O meſmo diz do pè, e dos olhos: *Si pes tuus ſcan-*

D. Tho. Ther. & alii.

Matth. cap. 18. Marc. cap. 9. 43.

dalizaverit te, amputa illum, & si oculus tuus scandalizat te, erue eum. Com mandar, que cortemos o pè, arranquemos os olhos; todas as vezes, que nos forem occasiõ de offendermos a Deos. Mas porque causa os Evangelistas, quando se trata de remedios, e cautelas, para evitar as occasioens de perder a Alma, poem em primeyro lugar as mãos, e naõ os outros membros? Que as mãos sejaõ mais nobres, que os pès; naõ tem duvida. Mas, que as mãos naõ precedam aos olhos, que saõ os dous Monarchas Irmãos, que governaõ este nosso Mundo pequeno, e sem elles nem as mãos saberiaõ, no que pegaõ, nem os pès, por onde andaõ; tambem naõ ha duvida. Com tudo poem o Sagrado Texto em primeyro lugar as mãos; porque o sentido do tacto he o mais atrayçoado, e tyranno, que atrahe os outros sentidos; e com hũa doce violencia os obriga a obedecerlhe. Os olhos lhe servem de espias, para lhe descubrir os objectos, que elle depois escolhe mais proporcionados à sua deleytaçaõ sensivel; os pès o acompanhaõ como famulos para o mesmo fim. Porèm, o que me faz mais temer este vicio do tacto, he reparar, que S. Mattheus no repetir este Texto, accrescenta esta palavra *dextera. Si dextera manus tua scandalizat te,* *Matth.* *abscinde eam, & proiice abs te.* E porque naõ diz o *c.5.30.* mesmo dos pès? *Et si pes tuus dexter scandalizat te, &c.* A razaõ he; porque, quando a necessidade obriga, a que se corte hum pè; pouco importa, que seja o direyto, ou o esquerdo; porque sempre com fazer outro de pao, igualmente se remedea a hum, e ao outro. Naõ he porèm assim das mãos; porque muyto vay, que se còrte a direyta, ou a esquerda. Sem esta, pòde ainda o homem servirse, porque lhe suppre a diréyta nas cousas de mayor importancia; como de manejar hũa espada, ou outra arma para sua defensaõ;

pò-

pòde pegar na penna, para eſcrever; ou em hũ pincel, para pintar; e finalmente ella he, a que faz tudo, e a eſquerda lhe ſerve de coadjutora, que a ajuda. Paſſemos agora do fiſico, ao moral, e veremos mais claramente a genuína intelligencia deſte Texto. Succede a cada paſſo confeſſar-ſe algum peccador, que tem tropeçado em huma occaſiaõ; logo o emenda o Confeſſor, com obrigalo a deyxala; e como eſta occaſiaõ he caſual, paſſageyra, e de pouco tempo, o penitente obedece, e ſe affaſta della. Eis-aqui cortada a maõ eſquerda. Vem outro peccador, e confeſſa tambem a ſua fragilidade, e miſeria, com o tropeço de outra occaſiaõ de mais tempo, e o peyor he, que de portas a dentro. A' viſta do que, eſtá forte o Confeſſor em negarlhe a abſolviçaõ; por naõ perderſe a ſi, e ao penitente. Eſte allega em razão, de naõ poder lançar fóra a amiga, ſem primeyro accomodala em hum Convento, ou acharlhe caſamento; e que de outro modo, deſemparando-a, ſerá taõ ſómente evitar, que peque com hum ſó; mas que peccarà, a cada hora, com todos. Outros difficultaõ, e impoſſibilitaõ o apartarſe daquella criada, daquella ſerva; daquella eſcrava (e he o commum neſte noſſo Braſil) com dizer, ou que naõ convem ao ſeu credito; porque ſervindo à mulher, ou ao irmaõ, ſe deſcubreria o peccado, o qual cuydaõ ſer oculto, quando os de caſa, e os veſinhos murmuraõ, e ſe eſcandalizaõ; e com dizelo a todos em ſegredo, o fazem publico. E finalmente quando ſe trata de lançar fóra de veras a occaſiaõ daquella moça, ou daquella eſcrava; logo naſce a neceſſidade preciſa, de que ella he, a que faz o comer a ſeu goſto, e paladar; que lhe lava a roupa; que tem todo o governo da caſa; e finalmente, ella he a ſua maõ direyta; e que ſem ella não pòde viver. Ora de-

Matth. ut supr. desta maõ direyta falla o Evangelho: *Si dextra manus tua scandalizat.* E naõ sómente ordena Christo, que se corte: *Abscinde eam.* Mas que se lance longe de si; para nunca mais a ver, *& projice abs te.* Assim o fez Joseph; fugio logo este da occasiaõ, largoulhe a capa; para naõ se lembrar mais della; naõ se lhe deu do seu credito, nem da calumnia, nem da injusta prisaõ, e risco da vida. Assim fez Judith, que lançou dos olhos, e da sua casa as preciosas alfayas de Olofernes; para que lhe ficasse em hum perpetuo esquecimento a occasiaõ, que teve de tratar com elle: *In anathema oblivionis.* Assim o fez Martiniano, que para estar longe da occasiaõ fugio do Mundo; fugio do deserto; fugio de si mesmo; e naõ duvidou de querer antes encontrar a morte do corpo, que de pòr em perigo a vida da Alma. Mas naõ cuydem os amancebados ser rigoroso este preceyto de Christo; pois muyto mais terrivel, he o que se segue no Evangelho; com dizer, que melhor he entrar no Ceo com menos a maõ direyta; que com ambas de duas ser lançado no Inferno, para arder eternamente: *Matth. ut supr.* *Quàm duas manus habentem ire in gæhenam, in ignem inextinguibilem.* Que he a materia do terceyro ponto.

Como o sentido do tacto he geral para todas as creaturas, e para todas as partes do corpo; assim tambem os tormentos, que devem reparar a desordem de innumeraveis tactos libidinosos, seraõ universais em todos os membros do mesmo corpo: *Per quæ peccat quis, per hæc, & torquetur.* E quanto mayores delicias, e gostos terá o peccador procurados com os toques deshonestos, e apalpamentos illicitos, tanto mayor pena, e castigo experimentará elle no Inferno: *Quantum glorificavit se, & deliciis fuit, tantum date illi tormentum, & luctum.* Mas quem poderá dizer o estrago, que faz das Almas este vicio do

Terceiro Ponto.

Sap. 11. 17.

Apocal. cap. 18.

ta-

tacto! E quantas creaturas, que eraõ, e viviaõ innocentes, apeſtadas com o ſeu contagio, provocadas com o ſeu mao exemplo, eſtaõ agora, e eſtaráõ para ſempre ſofrendo as penas eternas! Eſte era o mayor ſentimento, que tinha ElRey penitente David, o naõ poder conhecer todas aquellas culpas, de que a juſtiça Divina lhe havia de fazer cargo na hora da morte: *Delicta quis intelligit.* E aqui alagando-ſe em hum mar de lagrimas; todo confuſo, e contrito, recorre á miſericordia de Deos, e diz aſſim: *Ab occultis meis munda me.* Senhor alimpayme de todos os peccados occultos, que tenho feyto, e daquelles, que naõ conheço: *Et ab alienis parce ſervo tuo.* E perdoayme tambem (meu Senhor) os peccados alheyos. Que dizeis David! Cada hum he obrigado a dar conta de ſi, e levar ſó a carga dos ſeus peccados, como diz o Apoſtolo Saõ Paulo: *Unuſquiſque onus ſuum portabit.* Logo para que pedis a Deos perdaõ dos peccados alheyos? Ah, reſponde David, que conheço a ſeveridade do juizo, que me eſpera, e ſey, que naõ ſó, hey de dar conta dos peccados manifeſtos, e occultos, que tenho feyto; mas tambem dos que outros tem cometido, por cauſa, ou occaſiaõ minha, ou com o meu mao exemplo. Miſericordia, meu Deos, pelos peccados alheyos: *Ab alienis parce ſervo tuo. Scilicet.* Como diz o doutiſſimo Interprete Lorino: *Quæ alii meo exemplo commiſerunt.* E tanto temor fazia a David eſta conſideraçaõ dos peccados alheyos, que por ſua culpa; ou mao exemplo podiaõ naſcer, que chegou a laſtimarſe, dizendo: *Circumdederunt me mala, quorum non eſt numerus: Comprehenderunt me iniquitates mea, & non potui ut viderem.* Me tem cercado tantos males, que naõ os poſſo numerar; achome comprehendido em tantas maldades, que nem as poſſo diſtinguir, e conhe-

Pſal. 18 13.

Pſal. 18

Gal. 6.

Lorin. in *Pſal.*

Pſal. 39 13.

nhecer; e o peyor he, que se vam multiplicando em tam grande numero, que já saõ mais, que os meus cabellos da cabeça: *Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei.* Mas se consta do Sagrado Texto, que os peccados de David foraõ só dous; hum adulterio, e huma morte; e estes pela grande contriçaõ, que teve, lhes foraõ logo perdoados; como o assegurou por parte de Deos o Profeta Nathan: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Como pòde ser, que os seus peccados sejaõ innumeraveis; e as suas maldades mais, que os seus cabellos? *Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei.* Ah, que sabia muy bem este Santo Rey Penitente, que os seus peccados, em quanto estiveraõ secretos, eraõ só dous; mas depois, que sahiraõ ao publico, e começou a dilatarse o escandalo, e o mao exemplo, que deu aos seus Povos; entaõ foy, que começou a entristecerse, e pedir perdaõ dos peccados alheyos, dos quaes naõ sabia o numero: *Quorum non est numerus*, nem podia velos, ou sabelos: *Non potui, ut viderem.* Porque cada dia mais multiplicando-se, como os cabellos, que quanto mais se cortam, mais crescem: *Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei.* A mesma consideraçaõ, o mesmo temor, e o mesmo arrependimento, que teve David, devem ter todos aquelles, que tem dado occasiaõ de peccar ao seu proximo, com o vicio do tacto, e com mais razaõ; porque o mao exemplo dado a Bersabè, como cumplice do adulterio, naõ passou adiante, remediando David o perigo, com a declarar Rainha, e sua mulher. Naõ he porèm assim do tacto; este passa adiante, e sendo naturalmente contagioso, por onde toca, deyxa inficionada a pessoa, que tocou. A pedra de Cevar tem tal simpatia com o ferro, que sem o tocar, posto em distancia competente, o atrahe a si, para abraçarse com

Psal. 39

2. *Reg.* cap. 12.

Psal 39 13.

com elle. Muyto mais, ſe chega a tocalo; entaõ uneſe logo a pedra com o ferro, naõ obſtante, que ſejaõ de diverſa eſpecia: e eu tenho viſto, que huma argolinha de ferro tocada de pedra de Cevar, tinha virtude de unirſe com outra argolinha; eſta com outra, atè formar huma cadea; tanta he a força ſimpatica, que tem a pedra de Cevar com o ferro. Sendo iſto aſſim; que eſtrago naõ fará o vicio apegadiço do tacto, com a ſua meſma eſpecie! A quantas peſſoas toca, ou apalpa, logo as inficiona, infundindo-lhes o doce veneno do deleyte, com privalas da veſte nupcial da innocencia. Eſtas, já inficionadas, tocaõ, e apegaõ a outras o meſmo veneno; e que duvida faz, que a força ſimpatica da concupiſcencia em homens, e mulheres, que naõ ſaõ de pedra, nem de ferro; mas de carne fragil, os atrahe, os une, como tantas argolas, atè formar humas correntes compridas, com que todos atados de pès, e mãos, vaõ para ſempre a penar no inferno: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite in tenebras exteriores, ibi erit fletus, & ſtridor dentium.* *Matth. cap. 22. 23.*

E que grandes tormentos padeceraõ no inferno todos aquelles; que inclinados a eſte vicio peccaminoſo do tacto, induziraõ, com o ſeu mao exemplo a outros, a deleytarem-ſe na meſma torpeza, e eſtes já crecidos, e feytos meſtres enſinaõ a outros mais pequenos, multiplicando-ſe as culpas ao galarim! Tambem ao galarim ſe multiplicaráõ no inferno os tormentos; e o mayor tormento ſerà o acharem-ſe todos naquelle eterno calabouço, amaldiçoando-ſe huns aos outros, e deſpeçando-ſe, ſe naõ com a obra, por ſerem apertados, e immoveis, ao menos com a rayva, rancor, e deſeſperaçaõ: *Peccator videbit, & iraſcetur, dentibus ſuis fremet, & tabeſcet.* *Pſalm. 111.* De hũa terrivel invetiva ſe ſerve o Profeta Jeremias, con-

contra estes peccadores, que naõ contentes de se perderem a si, buscaõ traças, e usaõ de modos lascivos; para terem companheyros na sua maldade, com a perdiçaõ de infinitas Almas: *Tu Domine, ne propitieris iniquitate eorum, & peccatum eorum à facie tua non deleatur.* Vòs (meu Deos) não perdoeis huma taõ grande maldade, e huns peccados taõ enormes, como estes, nunca se riscquem do vosso livro, e sempre estejaõ á vista na vossa presença. Naõ acho na Sagrada Escritura imprecaçaõ mais horrenda que esta; mas o que me rende mais attonito, saõ as palavras, que immediatamente se seguem: *Et in tempore furoris tui abutere eis.* E no tempo do furor da vossa mais rigurosa justiça abusay delles. Estranho modo de fallar! *Abutere eis* Quando já estaraõ penando no calabouço do Inferno. Oh, tremendo castigo! Oh, terrivel, mas porèm justa vingança do furor Divino! *Abutere eis Hoc est* (diz outra versaõ) *creaturæ, quibus peccatores abusi sunt ad peccandum, nunc ab utantur eis ad maius supplicium in inferno.* Os peccadores se abusaõ das creaturas, divertindo-as do fim, para que foraõ creadas, que he honrar, e amar a Deos, e depois gozalo eternamente no Paraiso; e elles, por satisfazerem ao seu torpe appetite, com os seus toques, e apalpamentos lascivos, as precipitão no Inferno. Ora todo o abuso peccaminoso, sabe muy bem o Profeta, que deve ser reparado da Divina Justiça; e por isto pede a Deos, que as mesmas creaturas, que, por serem induzidas á culpa, saõ incapazes da gloria eterna, sejaõ ellas mesmas ministros do seu furor, para vingar este abuso: *Et in tempore furoris tui abutere eis.* Os peccadores se abusaraõ das creaturas, para os seus gostos: Deos se servirá dellas para os seus tormentos. Oh, que blasfemias horrendas! Oh, que imprecações execrandas, proferiraõ

Hierem cap. 13. 18.

Hierem ut supr.

Job tom. 2. in hũc loco.

raõ os complices, huns aos outros, os tentadores, e os tentados! Teraõ dous Infernos; hum de fogo pelas ſuas culpas; outro de odio, de vingança, e de deſeſperaçaõ, de naõ ſe poderem aniquilar entre ſi. Oh, maldito peccado, que obrigas a hum Deos taõ piedoſo, a darte penas taõ riguroſas, e eternas! Oh, peccador enganado, ſe por deſgraça te achas immerſo no viſco pegadiço deſtas torpezas, peçote, que logo mortifiques a tua carne, fazendo violencia á fragilidade da natureza, para arrancarte delle. E deſenganate em naõ deferir a emenda, eſperando na hora da morte deſapegarte deſte brutal vicio do tacto; porque ainda, que Deos te conceda tempo, para te confeſſares, chorando as tuas culpas; ſerá tal a força do abito continuado, que eſtando para eſpirar a tua alma, te repreſentará o Demonio aquelles toques, e apalpamentos deshoneſtos, e conſentindo nelles conſórme o teu roim coſtume, deyxarás de entrar no Ceo, eſtando já as portas abertas, e com aquelle ultimo, e momentaneo deleyte te precipitarás no Inferno, como moſtra a prova do caſo ſeguinte.

Paulo Aringo, Author moderno, porèm celebre pelo livro, que tem dado à luz, intitulado: *Mors Peccatorum peſſima.* Em que moſtra com hum longo catalogo de mortes deſgraçadas, e repentinas, o grande rigor, com que a Juſtiça Divina caſtiga os luxurioſos. Eu tenho eſcolhido de tantos exemplos hum ſó, por ſer muyto a propoſito da materia, que tratamos. Em hũa Cidade de Italia havia hum moço Nobre, (diz o Autor, que não referia o nome, por ſer a familia muy conhecida) filho de hũa Matrona viuva, com grande cuſtodia nos bons coſtumes; e com frequentar as noſſas claſſes, fazia não menos progreſſo na piedade, que nas letras. O Demonio inimigo de tanta innocencia, fez que huma moça donzela, que eſta-

Paul. Aring. tom. 1. lib. 2. cap. 8.

estava retirada, e como em depósito na mesma sua casa, lhe tomasse affeyçaõ, e de quando em quando lhe tocava a mão, lhe apertava os dedos, ou lhe dava algum beliscaõ; mas sempre a titulo de pura amizade, e de hum affecto sincero; bem depressa estes toques de pudicos passáraõ a impudicos. Haõ no Brasil certos paos, que os Indios nas viagens sempre trazem comsigo, que roçando-se hum com o outro, logo ardem, fazem fogo, e se accendem em chammas. Do mesmo modo succedeo a elles com os toques, e tanto assim, que o moço, em quem ainda reynava o temor de Deos, picado da synderisi, e combatido dos escrupulos, não podia dormir, nem socegar, atè que foy ao Collegio buscar o seu Confessor, e postrado aos seus pès lhe fez patente o mao estado da sua Alma, pedindo-lhe, que o tornasse a pòr outra vez na graça de Deos. Conhece-o logo o Confessor, e lhe disse, que hum taõ pessimo principio o havia de guiar a algum desgraçado fim. Deu-lhe a absolviçaõ, advertindo-o, que cortasse logo tal occasiaõ, se naõ que iria de mal em peyor. Prometteo elle; mas naõ guardou a promessa; porque tornou logo a cahir, naõ huma, mas muytas vezes; e quanto mais crescia o amor á creatura, tanto diminuhia o temor do seu Creador. Com tudo não podendo mais sofrer o remorço da consciencia, determinou de tornar ao seu Confessor, que com mayor energia lhe expoz o perigo proximo, em que estava de morrer em peccado, e lhe fez fazer hum acto de contriçaõ, com proposito firme de apartarse totalmente, e da occasiaõ, e do vicio, e com isto o absolveo. Tornou a casa o moço todo contrito, e por algum tempo, esteve forte, em não cahir, resistindo com penitencias, e mortificações aos carinhos da moça, que quando naõ podia tocalo com a maõ, porque fugia della, lhe pi-

piſcava os olhos, que ſaõ as guias do tacto: *Si neſcis, oculi ſunt in amore duces.* Mas, oh força encantadora da laſcivia! Parece, que eſte jejum da culpa lhe accendeu mais o fogo da concupiſcencia, que eſtava com a cautela, e mortificaçaõ, ſenaõ apagado, ao menos adormecido, e lhe accreſcentou a ſede de beber no pucaro da maldade com mais ancia; pois a modo de huma torrente repreſada, derrubando o antemural do pejo dos homens, e os muros da ley, e temor de Deos, tornou á meſma pratica; naõ já com medo, e ás eſcondidas, como antes; mas deſaforadamente, ás abertas, e publicadas; fazendo paſſar a moça, que eſtava no quarto da Mãy retirada, para huma camera contigua áquella, aonde elle dormia, com grande ſentimento da Mãy, que já naõ podia, porlhe o remedio. Com eſta viſinhança das cameras, todas as vezes, que queria ſatisfazer ao ſeu ſenſual apetite, dava tres palmadas na parede, e apparecendo a Amiga, ſe deleytavão em todo o genero de toques, e actos peccaminoſos, excepto aquelles (que ainda he peyor), os quaes a podiaõ render pejada. Com tudo a Mãy deplorando a perdição do filho recorreo ao Confeſſor, e lhe contou tudo; para que vieſſe a amoeſtalo. Veyo o Confeſſor, e achando o pouco bem diſpoſto, para a emenda, lhe diſſe, deſpedindo-ſe delle. Ora acabe V. M. por huma vez eſta mà vida, que o coraçaõ me diz, que a ira de Deos lhe eſtá já preparando algũ grave caſtigo. E foy aſſim; porque naõ paſſárão dous mezes, que eſtando elle deſcuydado, no meyo dos ſeus deleytes, lhe deu improviſamente hum deſmayo, que lhe deyxou huma pequena febre. Acudirão logo os Medicos, e achando-o na flor da idade, tam proſtrado de forças, julgàraõ a febre por furrateyra, e naõ fizeraõ bom pronoſtico da doença. Então o moço mandou com preſ- *Ovid. de art.*

preſſa chamar o Confeſſor, e diſſe-lhe. Padre, as voſſas ameaças tem ſido profecias; temo da minha vida, e da minha ſalvaçaõ. Agora ſim, que me quero converter de veras a Deos, e largar toda a occaſiaõ de mais offendello. Confeſſou-ſe com ſinais de verdadeyro arrependimento. Chorava o Confeſſor de conſolação; chorava o confeſſado de contrito. Porèm o mal não abrandou, antes de carreyra o levava, para a morte. Foy o Padre a deſcançar, e vieraõ outros dous Religioſos a aſſiſtirlhe na recomendação da Alma, e elle reſpondia com muyta piedade, beijando muytas vezes o Crucifixo, que tinha nas mãos: Creſcendo pois a agonia, o moribundo, perdida já a falla, com a outra mão hia apalpando, e pegando no cubertor, como quem o queria apertar; quando de repente fez hum grande esforço, e levantando-ſe da cama, cahio-lhe o Crucifixo, e deu tres punhadas na parede; mas como eſtava jà exhauſto de eſpiritos, não ſe pode reger em pè, e deyxando ſe cahir eſpirou. Forão os Religioſos a conſolar a Mãy, com dizerlhe, que o filho, tivera huma morte de ſanto; e que deyxara as miſerias deſta vida, para ir gozar a bemaventurança. Mas que ſó huma couſa reparáraõ, que antes de morrer ſempre hia apalpando o cubertor, e que levantando-ſe da cama dera tres punhadas na parede; e ahi, caindo, morrèra. Então a Mãy exclamou: Ah deſgraçada de mim! Meu filho morreo precito; meu filho jà he condenado; já eſtá no inferno! Como, ſenhora, pòde ſer iſto (differaõ os Religioſos aſſiſtentes)? Deos nos mande a nòs a morte, que elle teve. Naõ digaõ tal, meus Padres! Deos nos livre de tal morte; meu filho eſtá no inferno! Aquelle pegar no cubertor era o mao habito, de pegar ſempre nas mãos, e no roſto de huma moça impudica; e o bater tres vezes na parede foy o ſinal, que dava, eſtando

do ella na camera contigua, para que foſſe ter com elle. Entaõ os dous Religioſos ſe deſpediraõ muyto triſtes, dizendo: Oh altos, incomprehenſiveis juizos de Deos! *Judicia tua abyſſus multa.* E muyto mais, quando ſouberaõ, que preparando-ſe o Confeſſor, para dizer a Miſſa de Requiem pela ſua Alma, lhe appareceo o Moço envolto em hum manto de fogo; pedindo-lhe, que naõ lhe accreſcentaſſe os tormentos com celebrar o Santo Sacrificio; porque já eſtava no inferno. Paſmado o Confeſſor diſſe; e as lagrimas, que derramaſtes na Confiſſaõ, naõ vos valéraõ? Sim valéraõ (replicou elle) e ainda que naõ era bem contrito; a attriçaõ com a ſincera confiſſaõ foy baſtante, para eu tornar em graça; mas áquelle mao abito, com huma forte repreſentaçaõ do Demonio dos deleytes paſſados, me commoveo os eſpiritos, e me fez conſentir no peccado; e levantando-me para eſte fim, cahi morto, e ahi meſmo foy logo em hum inſtante a minha Alma julgada, convencida, ſentenciada, e juſtamente condenada, e arraſtada por toda a eternidade a penar no inferno. E aſſim dito deſappareceo. Eis-aqui aonde vay acabar a penitencia differida na hora da morte, em que poem tanta confiança os peccadores, para continuar nas ſuas culpas. *Pſal. 5.*

Deſenganem-ſe os peccadores, que a morte he da cor da vida; e qual ſerá a vida, tal ſerá a morte; aſſim o affirma S. Bernardo, e o confirma a experiencia: *Qualis vita finis ita.* E Santo Agoſtinho não póde levar em paciencia, que o peccador queyra viver nas ſuas torpezas, com a eſperança de fazer penitencia na hora da morte, ſendo caſo muy contado, que ſe converta hum peccador abituado; e na Sagrada Eſcritura naõ ſe acha outro ſenaõ o bom Ladraõ: *Pœnitentia ſera rarò vera.* Pois he muyto mayor milagre reſuſcitar hũa Alma morta pelo peccado abitual, *D. Bernard. ſerm. 18* *D. Aug. ſerm. v. in quadr.*

à vida da graça; que hum defunto de muyto tempo à vida do corpo. E que mais podia fazer Deos, para salvar aquelle moço? Entre os innumeraveis tormentos, que padecerá no Inferno, parece, que será o mayor, o abuso, que teve das creaturas, preferindo-as por hum breve deleyte ao seu Creador; mas muyto mayor tormento será o ter abusado da misericordia Divina, servindo-se della como medianeyra, e fiadora, para continuar nos seus infames gostos. Os precitos no inferno se conheceraõ huns aos outros; os peccados, que fizeraõ na vida; e a morte, que tiveraõ. Blasfemará hum, dizendo; oh justiça de Deos, quanto es contraria agora á sua misericordia! Eu tinha determinado de confessarme pela Paschoa com fazer penitencia, e mudar vida; mas hum golpe de apoplexia, que me deu improvisamente a morte, me tirou o tempo. E, eu, dirá outro, que estando em hum sertão longe da Igreja, indo a confessarme, no passar de hum Rio afogueyme; e todo estudioso a salvar a vida do corpo, não me lembrey do nome de JESUS, nem de Maria, para salvar a da Alma. Sahirá outro enfurecido, bradando, e eu, que tinha já no meu coração perdoado ao meu inimigo as affrontas, que me fez, e esperando-me elle em hum caminho, com hum tiro de espingarda me tirou a vida; e no mesmo tempo, odiando-o, o meu corpo cahio no chaõ, e a minha alma foy sepultada neste eterno calabouço. Ora todos estes, e outros sem numero, que cometeraõ muyto menos peccados, que nós; que blasfemias execrandas naõ lançaõ contra Deos, por naõ lhes ter concedido hum quarto de hora de tempo, para arrependerse! Desesperados amaldiçoaraõ, para sempre ao seu Anjo da guarda; aos seus Santos Protectores; a mesma Virgem Mãy de Deos; porque naõ lhes alcançou do seu Filho ametade

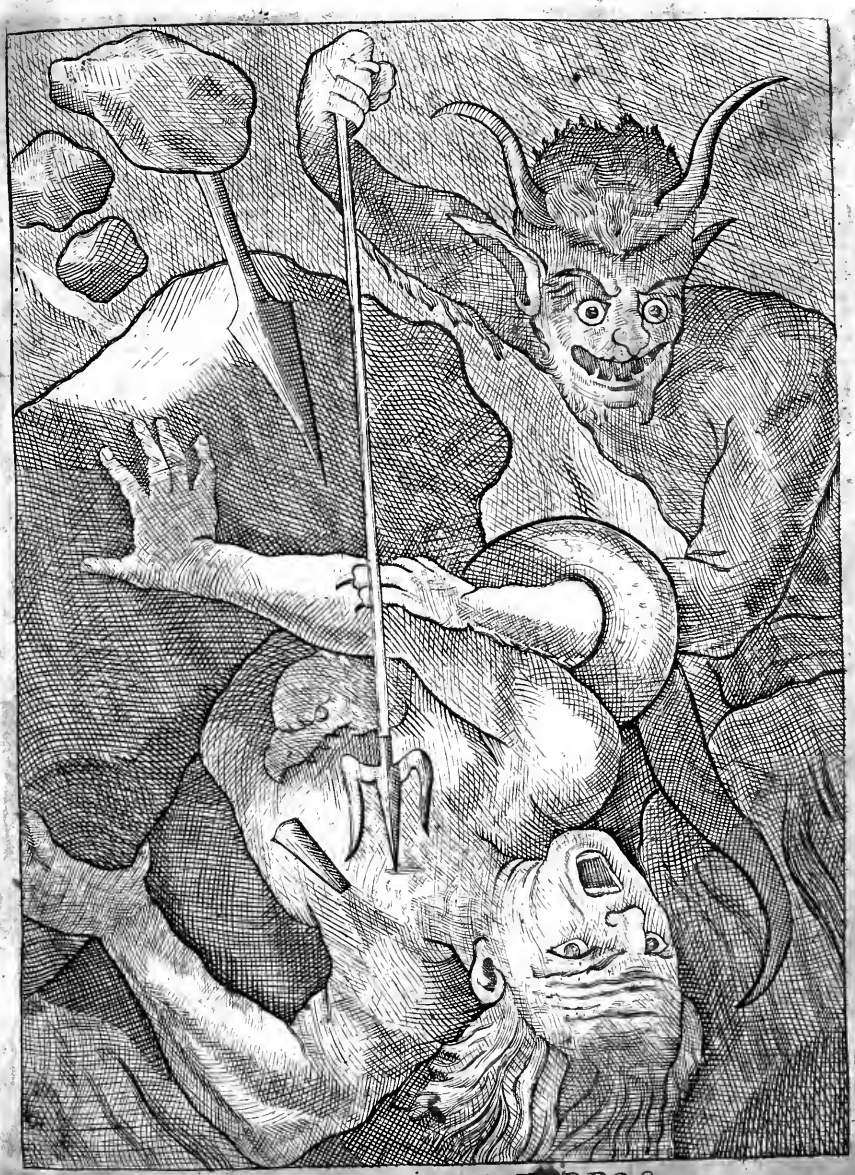
de, ou parte dos auxilios, que deu áquelle moço, para se salvar. Depois cheyos de rayva, descarregarão sobre o mesmo moço mil ignominias, pragas, e improperios, com dizerlhe. Tu, precito infame, si, que mereces mil infernos; pois tiveste tempo de te confessares, e receber todos os Sacramentos, atè a recomendaçaõ da Alma; e tendo já hum pè nas portas do Paraiso, com hum momentaneo consenso aos teus deleytes te precipitaste no inferno. Sahirà no mesmo tempo hũa tropa de Demonios; com varas de ferro afogueadas nas mãos, dizendo. Ah, moço malvado, e traydor, cuydavas tu depois de nos ter servido tanto tempo, com as tuas torpezas, escaparnos das unhas por hũ instante de penitencia, nascida mais por medo dos nossos tormentos, que por amor, que tiveses a Deos nosso inimigo? Agora hè tempo de gozar o fruito dos teus toques, e apalpamentos deshonestos; toca, apalpa; e abraçate com estes ferros rubentes; e, já que eras amigo de dar osculos com a bocca, affoguea esses teus beyços, e dalhes a beber os nossos sorvetes de bronze derretido, para refresco daquellas entranhas, que sempre estavaõ accesas com o fogo da luxuria. Oh, meu bom JESUS, meu Senhor, e Redemptor meu! E que caro vos custàraõ estas nossas torpezas; pois quiz o vosso amor satisfazer a ellas, com o preço infinito de tantos milhares de açoutes. Hum só daquelles açoutes, offerecido por vòs ao vosso Eterno Pay, com hum verdadeyro arrependimento, e hum firme proposito nosso de fugir toda a occasiaõ, basta, para de escravos do Demonio, fazernos filhos de Deos, e herdeyros do Ceo. Assim serà, se procurarmos imitar ao glorioso penitente Saõ Pedro de Alcantara, que nem na hora da morte permittio ao Frade infermeyro, que lhe tocasse hum pè; e foy taõ grande inimigo do seu corpo, que alèm

de o maltratar continuamente com penitencias, tinha feyto pacto com elle, que em quanto estiveſſe neſta vida, naõ lhe havia de dar goſto algum, ainda que licito; e por iſto logo depois de morto appareceo a Santa Tereſa, veſtido de gloria, com dizerlhe: *O felix penitentia, quæ mihi tantam, gloriam promeruit.* O' bemaventurada penitencia, que me mereceo tanta gloria. Meu pio, e devoto Leytor, ſe naõ te atreves a tanto, lembrate deſte dito dos Santos Padres: *Momentaneum quod delectat, æternum quod cruciat.* Os goſtos neſta vida ſaõ momentaneos; os tormentos na outra ſaõ eternos. Conſidera bem eſta verdade; a morte, que pòde vir repentina; e as penas do inferno, que duraráõ para ſempre; e ficaràs deſenganado, para nunca mais peccar: *Memorare novissima tua, & in æternum non peccabis.*

In 2. lect. D. Petri Alcant.

Eccleſ. 7.

DIS.



TORMENTO DOS SOBERBOS

RPJCB

DISCURSO VII.

Do Tormento dos Soberbos, e Presumidos.

O præsumptio nequissima unde creata es?
Eccles. 37.

CHamou Salomaõ à soberba, a verdadeyra origem de todas as maldades: *Initium omnis peccati est superbia.* E com razaõ (diz S. Fulgencio) pois desta, como de hũa raiz generalissima, vaõ pulando, e prosilhando todas as mais especias de peccados: *Ideo superbia dicitur initium omnis peccati, ut omne peccatum de ipsa, tanquam de radice pullulare monstretur.* Filha primogenita da soberba he a presumpçaõ. E tanto mais he pestilente, e nociva, quanto mais he occulta, e desfarçada. A soberba de não reconhecer a Deos por soberano, e seu Creador; ou de querer mostrarse independente delle, todos a

Eccles. 12.

D. Fulg. ep. 3 ad Pr.

fogem, e abominão; ainda nem considerando-se hum homem, por grande que seja, sogeyto ás miserias desta vida, lhe passa pelo pensamento. Porèm presumir de salvarse, vivendo mal, fiado na bondade, e misericordia de Deos; e querer continuar no peccado, com hũa falsa confiança, de que Deos naõ lhe faltarà com o tempo, de se confessar, e poder fazer penitencia, he huma presumpção diabolica, e huma soberba luciferina, que merece ser punida com os mesmos tormentos, que o mesmo Lucifer padece, e padecerá eternamente no inferno. Por isto Salomão, como estatico exclama: *O' præsumptio nequissima, unde creata es?* Oh presunçaõ maligna, e iniquissima, aonde nasceste, e quem te creou? Eis-aqui (pio Leitor) toda a materia resumida, e juntamente todo o assumpto deste discurso, já dividido em dous pontos. No primeiro veremos o engano, dos que peccaõ confiados na bondade, e misericordia Divina. No segundo, o engano manifesto, dos que cometem a culpa persuadindo-se por certo o poder fazer verdadeyra Confissaõ, e penitencia. O desengano destes dous enganos, que eu irey delineando, he muy util, e necessario, para quem deseja salvar a sua Alma, e assim requer toda a consideraçaõ, e reparo; pois he certo, o que diz S. Bernardo, que por falta deste desengano, está o inferno cheyo de enganados.

He sentença, quanto mais debatida entre os Theologos, tanto mais difficultosa de resolver, aquella, que S. Thomàs trata na primeyra parte da sua Theologia, sobre a qualidade, e circunstancias do primeyro peccado dos Anjos. He certissimo; e (conforme falla o Texto Sagrado) tambem de fé, que Lucifer, como Primaz, e todos os Anjos rebeldes, peccàraõ de soberba: *Ascendam super astra Dei, exaltabo solium meum, similis ero Altissimo.* Subirey sobre as

D. Tho. 1. 2.

Isai. 14

Estrel-

Eſtrellas do Empireo, e ahi levantarey o meu throno, e ſerey no governo, e ſoberania ſemelhante a Deos Altiſſimo. A difficuldade conſiſte, em explicar, como foy poſſivel, que hum eſpirito Angelico, taõ ſublime, dotado de tantos dons, e de todas as ſciencias naturaes, e ſobrenaturaes; hum entendimento taõ claro, tão agudo, e perfeyto enriquecido de tantas luzes, que por antonomaſia ſe chamava Lucifer, ſe enſoberbeceſſe, e maquinaſſe hũa trayção taõ atroz, e mal fundada; com ſe perſuadir, que podia chegar a ſer Deos? *Elevatum eſt cor tuum in decore. Perdidiſti ſapientiam.* Não ſabia Lucifer, que Deos he hum ſó, e que no ſeu throno, ainda que immenſo, não podem caber dous aſſentos? *Numinis hæc ſedes non capit una duos.* Naõ ſabia, que a ſua Omnipotencia o faz independente de todas as creaturas, e que eſtas todas neceſſariamente em tudo dependem delle, ſendo eſte o floraõ, mais zeloſo da ſua coroa? *Omniſque poteſtas impatiens conſortis erit.* Naõ ſabia finalmente, que Deos he infinitamente juſto, e que a ſua juſtiça o havia de obrigar, a punir hum attentado, o mais horrendo; hum ſacrilegio, o mais execrando; hum crime de leſa, e Divina Mageſtade, o mais atrayçoado; e que Deos tudo vè, tudo ſabe, e que atè o minimo deſejo do coração lhe eſtà claro, e patente? *Ego Dominus ſcrutans cor.* *Hier.* 17.
Sim ſabia. Por iſto, os meſmos Profetas, que eſcrevêraõ eſte ſucceſſo a modo de quem não percebe, como iſto podia ſer, o perguntão aõ meſmo Lucifer: *Quomodo cecidiſti de cælo Lucifer? Qui dicebas in corde* *Iſai.* 14 *tuo, aſcendam ſuper altitudinem nubium. Veruntamem ad infernum detraheris in profundum laci.* E ſe os meſmos Profetas pedem a ſoluçaõ deſta duvida; como a podem dar os Theologos, cuja ſciencia he toda fundada nas Profecias, e na Sagrada Eſcritura?

Já que a Theologia escolastica nada decide de certo sobre este ponto, me valerey da Theologia mystica de Saõ Bernardo, naõ aprendida nas classes, mas ditada-lhe pelo Espirito Santo, naquelles ermos, aonde se recolhia a contemplar os mysterios Divinos. Resolve pois o Santo. Que Lucifer sabia perfeytamente, quanto temos dito acima, e naõ duvidava da Omnipotencia de Deos, e da sua sabedoria infinita; mas que considerando-se, como a creatura mais fermosa, mais nobre, e mais perfeyta de todas, se desvaecèra, formando hũa idea taõ quimerica da bondade, e misericordia Divina, que presumio, ser Deos taõ bom, e misericordioso, que antes consentiria de telo, como igual no throno; que odialo, para sempre, e velo padecer eternos tormentos. Esta presumpçaõ quimerica foy o crime enormissimo de Lucifer, e indignissimo de todo o perdaõ: *Inventa est iniquitas ejus, non ad iram momentaneam, sed ad odium, & odium sempiternum.* O peccado de Adaõ, e os peccados dos mais homens, merecèraõ, e merecem a ira de Deos. Porèm, o attentado da presumpçaõ de Lucifer, mereceo o odio naõ passageyro, mas eterno; pois foy direyta, e diametralmente, *non ad tempus, sed pro semper*, contra a bondade Divina. Ouvi como o mesmo S. Bernardo doutamente argumenta contra Lucifer. Naõ he huma maldade monstruosa, e hum attentado Diabolico, o valerse da bondade de Deos, para offender aquella mesma bondade? Naõ he hũa ingratidaõ luciferina o saber, que Deos te pòde aniquilar? Pois he teu Creador, que te pòde punir com huma eternidade de penas, he teu Senhor, e teu Deos; que de nada te creou espirito, o mais perfeyto, intelligencia, a mais sublime; e formaste hũa presumpçaõ temeraria, rendendo o mal por bem, hum odio entranhavel, pela mais fina carida-

D. Bern de gr. hum. gr. 1.

ridade: *Posuerunt adversum me mala pro bonis, & odium pro dilectione.* E que bem perguntou Salomão, quando disse: *Oh præsumptio nequissima unde creata es?* Pois bẽ sabia, que não teve os seus principios na terra; mas nasceo da soberba de Lucifer, e foy creada no inferno. *Psalm.* 108 *Eccles.* 37.

Esta presumpçaõ da bondade, e misericordia Divina, foy logo o engano, que fez precipitar Lucifer, com os mais espiritos rebeldes seus sequazes, do Paraiso no inferno, tornando-se de Anjos em Demonios. E se esta presumpçaõ foy capaz de enganar, e perverter as creaturas Angelicas, dotadas de entendimentos, tão claros, e penetrantes; que cousa não fará com as creaturas humanas! Como não enganará entendimentos rudes, e pelos vicios, e peccados obscurecidos! Muyto mais; que os Demonios poem todo o seu mayor desvelo, em enganar os peccadores com esta presumpçaõ temeraria da bondade, e misericordia de Deos; porque, assim pelo odio, que tem a Deos, como pela enveja, que tem aos homens, não podem levar em paciencia, que a mesma bondade, e misericordia salve a estes, e não salvasse a elles. He logo necessario, que o peccador, quando confiado na bondade, e misericordia Divina, se arroja a peccar, considere com attençaõ, que commette hum peccado, que tem muyto de luciferino; hum crime como diabolico, e da mesma especie daquelle dos Demonios; e, que não se fie, nem se arrisque a tal absurdo; porque infallivelmente na hora da morte se achará enganado, como se achárão, e se achão cada dia tantos outros. Mas porque este ponto he de grande importancia, darey logo algumas provas, que servirão de hum total desengano; e argumento assim.

Ou vós peccador, que dizeis, que Deos he bom, e tão misericordioso, esperaes, que elle perdoará o vosso peccado, depois de o ter offendido? Ou não?

Se

Se vòs não esperaes o perdaõ; não he isto ter perdido o juizo! Querer o gosto de hum momento, e saber de certo, que depois haveis de penar eternamente no inferno! E neste caso, como podeis dizer, que Deos he bom, pois para vòs se mostra taõ justo, e riguroso? Se pelo contrario, esperaes ser perdoado; e que mayor monstro de ingratidão, e que inimigo mais perfido podeis ser (como diz S. Pedro Chrysologo), que, por ser Deos bom, e misericordioso, fazervos mais cruel tyranno! *Fieri de Domini misératione crudeles.* Vòs dizeis, que Deos he bom, e misericordioso. Assim he. E a sua misericordia he muyto mayor, que a nossa maldade: *Maior est misericordia tua, quam iniquitas mea.* E com tudo vòs desmentis esta verdade, com querer em hum certo modo, igualar a sua misericordia infinita com a vossa malicia infinita; em quanto de hum bem infinito, qual he a bondade de Deos, tomais ouzadia de cometer hum mal como infinito, qual he o peccado totalmente opposto a Deos; e isto não he, em huma certa maneyra, querer igualar a vossa infinita malicia por relaçaõ á sua infinita bondade?

Crisol. Ser. 5.

Aug. lib 1. Conf.

Deos he bom; Deos he misericordioso. Vòs dizeis a verdade; mas não dizeis tudo. Deveis tambem dizer, que he juntamente justo; e com quem usa da sua misericordia; e com quem exercita a sua justiça. Quereis saber, com quem Deos he bom? Ouçamos os Profetas: *Quam bonus es Israel Deus iis, qui recto sunt corde.* Oh como Deos he bom para todos aquelles, que tem o coraçaõ recto! *Benefac Domine bonis.* Senhor usay da vossa misericordia com aquelles, que vivem bem: *Bonus est Dominus animæ quærenti illum.* Deos he bom àquellas Almas, que o buscão, e o amaõ; mas nunca disseraõ, nem dizem, que he bom para aquelles, que o offendem, e buscaõ o Demonio com o pec-

Psal. 72

Psalm. 124.

Thr. 3.

o peccado. Quereis ſaber, para quem he juſto? Ouvi o oraculo do Eſpirito, que não póde mentir, nem enganar, em Iſaias: *Væ impium in malum, retributio enim fiet ei.* Deſgraçado do peccador; pois receberá a ſeu tempo o caſtigo do ſeu peccado. Em Job, que ſempre tremia, ſabendo, que nenhum peccado ficaria neſta vida impunido: *Sciens, quod non parceres delinquenti.* Em Ezechiel. Que Deos deſcarregará o ſeu furor contra os peccadores obſtinados, e que naõ terá compayxão delles; nem lhes perdoarà, e conheceràõ todos, que he hum Deos juſto, que caſtiga, e ſabe caſtigar a ſeu tempo os ſeus inimigos: *Immittam furorem meum, non miſerebor, & non parcet oculus meus, & ſcietis, quia ego Dominus percutiens.* E o Profeta Naum não falla ſe naõ em hum Deos zeloſo da ſua honra, que ſe vinga dos peccadores, e armado do ſeu furor, naõ ceſſa de perſeguir os ſeus inimigos: *Deus æmulator, & ulciſcens Dominus, & habens furorem ulciſcens Dominus contra hoſtes ſuos.* E Saõ Paulo diz, que a ira, e indignação de Deos, as tribulações, e anguſtias, eſtejaõ ſempre atormentando aquellas Almas, que obraõ mal: *Ira, & indignatio, tribulatio, & anguſtia in omnem animam operantis malum.*

Iſai 3.

Job 9.

Ezech. 7.

Nahum lib. 1.

Rom. 2.

Deos he bom; Deos he miſericordioſo; e eu accreſcento, que o he infinitamente mais, do que vòs dizeis, ou cuydais, e do que vòs podeis dizer, e imaginar. Porèm nunca achareis, que tenha promettido a ſua miſericordia a nenhum peccador em particular. A concede ſó aos ſeus eſcolhidos, e a quem melhor lhe parece, e tende bem no ſentido eſta verdade taõ importante, e vos ſirva de deſengano, e vem a ſer, que por grande, e infinita que ſeja a bondade, e miſericordia Divina, Deos a exercita, para com os peccadores muyto menos, do que

a ſua

a sua justiça; não porque Deos não seja mais inclinado a perdoar; mas porque à obstinaçaõ, e maldade dos Reprobos, assim o pedem, como veremos. Lea qualquer, que seja, toda a Escritura Sagrada, o velho, e novo Testamento; e eu vos asseguro, que não acharà hum só Texto, que prometta a misericordia, aos que offendem a Deos obstinadamente; acharà bem sim, que a promette, e dà, a alguns poucos, que arrependidos desejão, e pedem muy de veras, serem restituidos na sua graça; mas estes (diz o Profeta Isaias) que saõ taõ poucos, como saõ raros os cachos de uvas depois da vinha vindimada: *Quomodo pauci racemi, cum fuerit finita vindemia.* E o primeyro Vigario de Christo, Saõ Pedro, faz o numero dos escolhidos, taõ limitado, que o compara às oyto Almas, que se salvàraõ na Arca, em comparação das muytas, que perecèraõ no diluvio: *Arca in qua, paucæ, ideſt octo animæ, salvæ factæ sunt per aquam.* E o mesmo nosso Senhor JESU Christo, perguntado, se era verdade, que muy poucos se haviaõ de salvar? Respondeo: *Contendit intrare per angustam portam, quæ ducit ad vitam* Mortificayvos, e fazey o possivel, para entrar pela porta estreyta, que vos leva ao Paraiso; porèm saõ muy poucos, os que a achaõ aberta, e entraõ nella: *Et pauci sunt, qui inveniunt eam.* Argumentay agora, se vòs sois do numero dos poucos escolhidos, *pauci verò electi.* Ou daquelles, que com a temeraria presumpçaõ, de que Deos he bom, buscaõ o caminho largo, que conduz á porta da perdiçaõ, por onde muytos entraõ: *Quæ ducit in perditionem, & multi sunt, qui intrant per eam.*

Isai. 24.

1 *Petr.* 3.

Luc. 13

Matth. 7.

Matth. 7. 13.

Deos naõ he sómente bom, e justo; mas he todo poderoso, immenso, infinitamente grande, sabio, e Santo, dotado de hum numero infinito de per-

perfeyções; e assim quando cometeis algum peccado, naõ ha duvida que a todas offendeis, e todas ficão vossas inimigas: *Manus tua contra omnes, & manus omniũ contra te.* Pois todas estas perfeyções saõ huma mesma cousa entre si, como tambem saõ huma mesma cousa com a essencia divina. Isto supposto. Que presumpçaõ! Que temeridade execranda seria de hum Vassallo, que se atrevesse afrontar a pessoa Real do seu Principe, fiado na protecçaõ de hum seu Patrono, que tem por seu Amigo; porque sabe, que he Valido, e póde muyto com o seu Rey; sem considerar, que na mesma Corte haviaõ milhares de Cortezãos com a mesma graça, favor, e valimento, e estes como offendidos, e zelosos da honra do seu Rey, logo se faziaõ vossos inimigos declarados, e lhe pediaõ se esqueceste da sua misericordia, e triunfasse a sua justiça com punir exemplarmente semelhante presumpçaõ, e atrevimento. Todas as perfeyções de Deos saõ delle igualmente amadas, se faz a mesma estimação de humas, como das outras; pois todas saõ do mesmo modo amaveis, Divinas, e infinitas. Vede logo, quam mal fundada he a vossa presumpçaõ, na bondade, e misericordia Divina, com querer huma perpetua batalha das perfeyções, contra as perfeyções; levantar huns atributos, contra outros atributos; e finalmente armar Deos contra Deos. Não he isto procurar a sua ira, o seu odio, e a sua eterna vingança (como diz Saõ Paulo)! *Ira, & indignatio & anguſtia in omnem animam operantis malum.* Genes. 1 Rom. 8.

Deos he bom, e misericordioso. E se eu agora vos provasse, que a mesma bondade, e misericordia de Deos, que vós cuydais ser vossa Protectora, he a vossa mayor inimiga; e que aquella, que vós tomasses por vossa Advogada, se unio com as partes aggravadas, e he vossa contraria; e que as armas, que es-

escolhestes, para assegurar a vossa defesa, servissem, para pelejar contra vòs, pondovos em total ruina, atè vos dar no mesmo tempo a morte temporal, e eterna. Que direis então? Que Deos he bom, e misericordioso? *Bonus, & misericors Dominus.* Ou que he justo, e vingativo? *Deus ultionum Dominus, justus, ac rectus.* Eu bem poderia trazer aqui hũa quantidade grande de exemplos, e todos de Authores graves, e de fama, com que provasse esta verdade; mas, porque, com serem estes fidedignos, naõ saõ por isto de fé, me valerey nesta occasiaõ por prova evidente de hum exemplo da Sagrada Escritura, que quanto mais he sabido de muytos, tanto menos, he bem considerado, ainda de poucos.

Exod. 33.

Querendo o Texto Sagrado resumir em compendio a funesta historia do desgraçado Aman, começa com esta sentença, que foy o fundamento da sua ruina: *Multi bonitate Principum abusi sunt in superbiam.* Que muytos abusando-se da graça, e favor do seu Rey, presumem de poder tudo, e usaõ tyrannias com os povos. Esta foy a culpa, e a desgraça de Aman, que chegou a tal altura de valimento com ElRey Assuero, que ordenou, que o seu assento fosse sobre todos os Grandes, e Magnates do seu Imperio; e que todos os seus subditos, em o vendo, se lhe ajoelhassem, lhe obedecessem, e o adorassem: *Rex Assuerus exaltavit Aman, & posuit solium ejus super omnes Principes, cunctique servi Regis flectebant genua, & adorabant Aman. Sic enim præceperat eis Imperator.* Este taõ alto valimento fez cahir em tal presumpçaõ a Aman, que para se vingar de Mardoqueo, que naõ se queria ajoelhar, quando entrava, ou sahia do paço, determinou de dar a morte, naõ só a elle, mas tambem a toda a sua naçaõ Hebrea, passando edito a todas as cento e vinte sete Provincias do Imperio;

Esther. 16.

Esther. 3.

pa-

para que em tal dia determinado, foſſem todos crucificados. Parece, que a fortuna queria exaltar ainda mais a Aman, pois a Rainha Eſther, convidando a ElRey Aſſuero, ſeu Conforte, a hum grandioſo banquete, que lhe tinha preparado, pedio-lhe, que Aman recebeſſe eſta honra, de comer com as duas peſſoas Reays na meſa, e logo lho concedeo, e o meſmo Rey o trouxe comſigo: *Venerunt itaque Rex, & Aman ad convivium, quod eis Regina paraverat.* Naõ ha mais, que ſubir no valimento, nem ha mais, que eſperar de hum ſimples ſubdito, que não naſceo Principe; ou naõ tinha ſangue de teſta coroada; tanto aſſim, que tornando elle ao ſeu palacio *lætus, & alacer*, alegre, e contente, narrou as honras, e glorias, que tinha recebido, eſpecialmente da Rainha Eſther, que de tantos Princepes, e Grandes, ſó a ElRey, e a elle convidou ao ſeu banquete, convidando-o tambem para o dia ſeguinte: *Regina quoque Eſther, nullum alium vocavit ad convivium, præter me apud quem etiam cras pranſurus ſum.* Aqui chegou o cume da preſumpçaõ, e ſoberba de Aman; porque mandou levantar no ſeu jardim hũa grande cruz: *Juſſit excelſam præparari crucem.* Para que, no tempo, que elle eſtava jantando com a Rainha, Mardoqueo foſſe nella crucificado. E que pouco durou eſta felicidade! *Oh fortuna potens, quam variabilis!* Naõ ſabia Aman, que a Rainha Eſther era de naçaõ do povo eſcolhido, que elle perſeguia a fogo, e ſangue; e que Mardoqueo alèm de ſer ſeu Tio, por morte dos parentes lhe foy ſeu pay nutricio, e a tinha adoptada por ſua filha herdeyra, e ficou paſmado, quando tornando ao banquete, ouvio a Eſther, que pedia vingança ao Rey da ſua preſumpçaõ, e crueldade: *Hoſtis, & inimicus noſter peſſimus, eſt iſte Aman.* E para aplacar a ira de ElRey foy neceſſario, que

Eſther, 5.

Eſther, 9.

Eſther, 13.

Ode 19

do banquete passasse ao mesmo patibulo, que tinha
Esth. 8. preparado, para Mardoqueo: *Suspensus est itaque Aman in patibulo, quod paraverat Mardocheo. Et ira Regis quievit.*

Esta he ao pè da letra a sustancia resumida da fatal tragedia do desgraçado Aman; que se do sentido literal desta Sagrada Historia, passarmos, conforme a doutrina dos Santos Padres, e sacros Expositores, ao sentido mystico, e tropologico, acharemos, que ella he hum verdadeyro retrato de todos aquelles peccadores, que confiados na bondade, e misericordia de Deos, o offendem, e presumem temerariamente salvarem-se. E no inopinado, e horroroso castigo de Aman, está perfeytamente delineado, que quando elles cuydaõ viverem mais descançados, e seguros na culpa; entaõ a justiça Divina mais irritada descarrega sobre elles hũa morte improvisa, que do banquete dos seus gostos, os faz passar de repente ao penoso patibulo do inferno: *Cum dixerunt, pax & se-*
Thess. 5. *curitas, tunc repentinus eis superveniet interitus.*

Sey muy bem o arrezoado de muytos, que discorrem assim. Eu naõ sou taõ descuydado da minha salvaçaõ, que queyra arriscar a minha Alma, vivendo no mar tempestuoso de tantas culpas, entre os abrolhos de tantas payxoens, em hum batel, que tem a unica ancora da bondade de Deos, em que se assegure. Temos de mais a mais, hum ancorote, em que nos fiamos, e nos damos por seguros. Este he a devaçaõ à Beatissima Virgem. Huns dizem, que saõ da Confraria de nossa Senhora do Carmo, e que trazem comsigo o seu Bentinho, e nunca comem carne nas quartas feyras. Outros, que saõ Confrades do Rosario, que o levaõ sempre comsigo, e o rezaõ sem falta todos os dias. Ha tambem alguns, que tomaõ o titulo oneroso de Escravos da Senhora, trazendo no braço

ção hũa cadeînha por final do seu cativeyro, com pagar-lhe todos os Sabbados o tributo de hum jejum rigoroso. Estes todos, muy confiados, presumem, e dizem assim. Este ancorote da devaçaõ a Nossa Senhora he, o que tem maõ na ancora da bondade, e misericordia Divina; pois sendo ella, como canta a Igreja, Mãy de misericordia, e refugio dos peccadores? *Mater misericordiæ, Refugium Peccatorum.* Nunca permittirà, que tantos seus devotos padeçaõ para sempre no inferno hum naufragio eterno.

Oh engano dos enganos, que quanto mais encuberto, tanto mais pernicioso! Naõ ha peyor tentaçaõ do Demonio, que quando elle, sendo o Principe das trevas, se transfigura em Anjo de luz, e mostrando-se zeloso de salvar certas Almas, as move, e as incita, a algumas devações, e tambem penitencias exteriores, que na aparencia cobraõ boa opiniaõ no Povo, e lhes promette com ellas infallivelmente o Paraiso; e na realidade, continuando com mayor confiança a peccar, as leva á redea solta ao inferno. E quem havia de cuydar, que de dous ingredientes taõ perfeytos, de dous antidotos taõ santos, como saõ a misericordia, e bondade de Deos, e a devaçaõ a Nossa Senhora, pudesse sahir hũa composiçaõ taõ diabolica, hum veneno taõ refinado, como he huma presumpçaõ temeraria de salvarse com multiplicar peccados. Isto supposto; que dirieis vòs, se eu agora vos fizesse ver, e tocar com a mão, que este vosso ancorote da devaçaõ da Senhora, em que pondes toda a vossa confiança, será o primeyro, que mais depressa vos puxarà a vòs; e ao vosso batel, a pique no profundo do inferno? Dayme attençaõ, e sirva, o que se segue, de hum verdadeyro desengano à vossa temeraria presumpçaõ; e tornemos à Raynha Esther, pois a sua historia he cheya de grandes mysterios, e admiraveis documentos.

Todos sabem, que a Rainha Esther era do Povo escolhido, e tambem a figura da Rainha dos Anjos, a Virgem nossa Senhora; tanto assim, que os Expositores Sagrados entre tantas Profecias, e Textos do Testamento Velho, que provaõ a Conceyçaõ da Senhora, ser immaculada; admiraõ as palavras, que ElRey Assuero disse à Rainha Esther: pois clara, e distintamente publicaõ o privilegio, que refuta, e annulla toda a duvida: *Esther ... non morieris, non enim pro te, sed pro omnibus hæc lex constituta est.* Pelo que aquella ley universal, em que os descendentes de Adaõ *omnes peccaverunt*, ainda que foy feyta para todos *pro omnibus*, naõ foy feyta para a Virgem Nossa Senhora *non pro te*, pois no primeyro instante da sua Conceyçaõ foy preservada. Argumentay agora assim. Se a Rainha Esther, por ser do Povo escolhido, foy a primeyra, que pedio vingança a ElRey Assuero, para que logo mandasse executar a sentença de morte contra Aman; porque perseguia ao seu Povo. A Rainha do Ceo, que alèm de ser do Povo escolhido, he Filha do Padre Eterno, Espoza do Espirito Santo, e Mãy do Verbo Encarnado; que justiça, e que vingança naõ pedirà ella à justiça de Deos, vendo, que com capa de seres seu devoto, crucificais de novo com novos peccados ao seu bemdito Filho! *Iterum crucifigentes vobis metipsis Filium Dei.* Offendeis a Santissima Trindade, e a todas as perfeyções divinas, com as quaes a Senhora tem hũa correlaçaõ taõ estreyta.

Esther. 15.

Rom. 3.

Hebr. 6

Finalmente quero acabar este primeyro ponto com hum dilema, que tal vez vos poderà convencer. Ou vòs conheceis a bondade, e misericordia de Deos? Ou naõ? Se vòs a naõ conheceis; porque pondes todas as vossas esperanças em hum objecto, que naõ sabeis, qual he! Se vòs a conheceis, e,

fia-

fiados nella, cometeis novos peccados; presumis temerariamente, que a bondade, e misericordia de Deos, por ser infinita, vos perdoará. Mas nisto mesmo consiste o vosso engano, porque (como diz S. Joaõ) vòs sois hum mentiroso, pois dizeis, que conheceis a Deos, e no mesmo tempo o offendeis; isto he naõ fallar verdade; he hũa crassa, e pura mentira: *Qui dicit, se nosse Deum, & mandata ejus non custodit, mendax est, & veritas in eo non est.* Esta presumpçaõ de poder enganar a Deos, com desprezar a sua bondade, e abusar da sua paciencia (diz S. Paulo) que he hum querer viver sempre mais enganado: *An divitias bonitatis ejus, & patientiæ contemnis.* Esta vossa dureza, e obstinaçaõ, e este vosso coraçaõ impenitente, vaõ cumulando, e entheseurando a ira de Deos contra vòs; declarando-vos, e constituindo-vos anticipadamente por precitos no seu recto juizo: *Secundum autem duritiam tuam, & impœnitens cor thesaurizas tibi iram in diem iræ justi judici Dei.* Bem sey, que huma grande parte dos peccadores costumaõ dizer: eu nunca experimentey na minha Alma esta dureza, e obstinação, e muyto menos o meu coraçaõ he inclinado a viver, e morrer impenitente. Confesso, que pecco como homem, e sou tambem recidivo; porèm quando me resolvo a peccar, já sinto em mim hum principio de arrependimento; e depois de cometido o peccado huma resoluçaõ firme de confessarme, e porme bem outra vez com Deos. Esta he a materia, que devemos tratar no segundo ponto. E, se o peccar, presumindo temerariamente o perdaõ da bondade, e misericordia divina, he o engano dos enganos; o peccar com a presumpçaõ de confessarse logo, e fazer penitencia, he o engano dos enganados sem remedio; dos quaes, (como veremos) lá está, e estará sempre mais cheyo o inferno.

Joan. 1. 2.

Rom. 4. 4.

Rom. 2. 6.

Segundo Pôto.

Aquelle grande Doutor da Igreja Saõ Joaõ Chrysostomo, considerando a diversidade dos artificios, de que se serve o Demonio, para impedir a salvaçaõ de nossas Almas, avança huma proposiçaõ, que á primeyra vista parece hum paradoxo; e, bem ponderada, naõ he, se naõ muy importante, e verdadeyra. E diz, que o Demonio leva a muytos ao inferno pela estrada larga do peccado; e a muytos outros pelo caminho estreyto da penitencia: *Alios per peccatum, alios per pœnitentiam damnat.* Levar ao inferno pelo caminho estreyto da penitencia! Este he hum estratagema nunca ouvido, huma contramina nunca vista, e huma contrabataria de nova invençaõ; he baternos, e combaternos com as nossas proprias armas; he levantarem os trofeos com os instrumentos das nossas vitorias; e finalmente (como diz Santo Ambrosio) he levarnos para o inferno pelo caminho do Paraiso, ficando o nosso unico remedio sendo o seu mayor triunfo: *Remedium nostrum sit Diaboli triumphus.* E assim he, pois hum grande numero de Christãos, dos Catholicos a mayor parte, por naõ dizer quasi todos aquelles, que vaõ ao inferno, elles mesmos se condenaõ pela penitencia, ou presumida; ou illegitima, ou não executada. He cousa certa, o que deyxou escrito o grande Missionario, que falla por experiencia, que de cem Catholicos, que se atrevem a commetter o peccado, mais de oytenta tomaõ esta ousadia, pela presumpçaõ, que tem de fazer penitencia, dizendo comsigo, depois, que nòs tivermos satisfeyto à nossa payxaõ, e contentado o nosso appetite, nos confessaremos, e faremos penitencia; e destes oytenta, que presumem fazer penitencia, haverá ao menos sessenta, que continuando nos peccados nunca a faraõ; porque lhes faltará o tempo, como veremos adiante. E dos vinte,

Chrys. hom. 4. ep. ad Cor.

D. Amb Serm 9. de pec.

P. le Jeune tom. 2.

te, que a fazem, a fazem illegitima, diminuta, ou ſem o verdadeyro arrependimento.

Vòs dizeis, que quereis fazer o voſſo goſto, e contentar o voſſo appetite, fiados na eſperança de vos arrepender. Muy boa propoſição he eſta, para hum homem, que tem o uſo da razaõ! O motivo he muy lindo, e o fim he muy acertado, por hum Catholico, que deſeja ſalvarſe! Foy convidado hum Filoſofo antigo, a entrar em certa caſa pouco honeſta, que pela Helena, que morava dentro, era a perdiçaõ da mocidade de Athenas. Reſpondeo logo reſoluto: *Ego non emo tanti pœnitere.* Eu naõ compro por preço tão caro o arrependerme. A reſpoſta foy verdadeyramente de hum Filoſofo, que diſcorre, e ainda que gentio combinava o principio da obra, que pedia hum ſemelhante invite, com o fim, que era depois arrependerſe: *Ego tanti non emo pœnitere.* E vòs com o lume da fé, e com a luz do Evangelho diſcorreis todo o contrario, pois o arrependimento, que ao Filoſofo ſervia de freyo, para não peccar, fazeis, que vos ſirva de eſpora, que incite a voſſa preſumpção temeraria a commetter mais depreſſa o peccado. Quando vòs vedes, que algum voſſo parente, ou amigo, quer entrar em alguma ſociedade, ou contrato, ſabeis, que provavelmente vay perdido, depois de lhe ter dadas muytas razoens, e elle reſoluto não ſe rende, coſtumais dizer-lhe por fim. Entray embora no contrato, que não paſſará muyto tempo, que ficareis arrependido. Para diſſuadir a hum voſſo irmaõ, ou a outra qualquer peſſoa de voſſa obrigação, de alguma obra, que além de ſer de deſcredito, traz comſigo roins conſequencias, depois de o ter convencido com os mais fortes argumentos, e elle perſiſte ſempre mais duro, e conſtante na ſua reſolução, acabais todo o voſſo

Laer. in Diog.

discurso, e o fechais com estas palavras, que vos servem como de conclusaõ. Já que o quereis assim, fazey a vossa vontade; mas vos asseguro, que logo vos arrependereis. Sendo isto assim; como he possivel, que do arrependimento, de que vos servis, para dissuadir aos outros das culpas, vos sirvais tambem, para commetter aos mais enormes delictos, com dizer, me arrependerey, me confessarey, farey penitencia!

Digo mais, que esta propoſiçaõ: quero satisfazer ao meu appetite: quero commetter este peccado; porque depois me arrependerey, e confessarey; nasce de hum entendimento erroneo, e de hum juizo enganado, pois nem ha fórma de discurso recto, nem tem connexaõ entre as partes, porque a natureza corrupta he inclinada ao peccado, e por isto lhe quereis dar aquelle gosto; e porque sabeis, que o peccado he essencialmente contrario a Deos, que não o pode deyxar impunido, e vòs o pagareis com ser castigado eternamente no inferno; por isto sempre vos enganais, dizendo, que vos arrependereis. E porque naõ dizeis antes assim, discorrendo com a razaõ, e com o temor de Deos, como discorreraõ, e discorrem todos aquelles, que de veras querem salvarse. Se eu faço o meu gosto, e commetto este peccado, este me servirá de entroduçaõ, para com mais facilidade commetter outro, e depois outro, e outros sem fim, como me tem succedido já tantas vezes, dizendo sempre; me arrependerey, me confessarey. Quantos forem os meus peccados, tantos seraõ os fusis, que formaõ a corrente mais comprida, e pezante, com que o Demonio me tem preso, e atado: *Aggravavit compedem meum.* E pela força do mao abito, e appetite brutal predominante, já me considera, e trata como escravo seu, a elle vendido

Thr.7.

dido pelo preço de tantas reincidencias peccaminosas, sem nunca ter delle esperança do resgate, ou de me livrar das suas mãos: *Dedit me in manum, de qua non potero surgere.* Este fim, que he discurso formal, reflo, e de quem vive já desenganado, e com desejo solido da sua salvaçaõ. *Thr. 7. 21.*

Irritado Deos contra Achab Rey de Israel, por ter morto a Naboth, e haverlhe usurpado a sua vinha, ordena ao Profeta Elias, que fosse intimarlhe a sentença de morte. Chega Elias á audiencia do Rey, o qual lhe disse: *Num, invenisti me inimicum tibi?* Por ventura achastes, que eu sou vosso inimigo? Reparemos na reposta de Elias: *Inveni, eo quod venundatus sis, ut faceres malum coram Domino.* Tenho achado, que vós mesmo vos tendes vendido, e feyto escravo, para peccar, e offender a Deos na sua presença. Estranho modo de fallar he este do Profeta! Se Naboth já era morto, e a sua vinha já estava usurpada, parece, que devia dizer, que se tinha vendido por escravo dos crimes, que já tinha feyto, *eo quod feceris malum;* e naõ pelos peccados futuros, que havia de fazer! *ut faceres malum.* Prova-se isto com a sentença, que Christo disse por boca de Saõ Joaõ Evangelista: *Amen, amen dico vobis, omnis qui facit peccatum, servus est peccati.* Diz bem o Evangelista, admoestando a todos, que naõ se arrisquem a peccar, pois o peccado he por sua natureza hum veneno taõ maligno, que no mesmo instante, que se commette, causa a morte da Alma: *Peccatum, cum consumatum fuerit, generat mortem.* E constitue o peccador, escravo do seu peccado, e do Demonio. Mais, o Profeta, que vay a converter a Achab, lhe representa o infelice estado do seu cativeyro; que he amontoar peccados sobre peccados, pois tendo-se vendido aos Demonios, e feyto *Lib. 3. Reg. c. 21.* *Joan. 8.* *Jac. epist. cap. 3.*

to escravo dos seus appetites, senaõ recorrer a Deos, e não fizer violencia a si; lhe será necessario obedecer a elles, como a seus Senhores, pelo que disse bem: *Eo quod venundatus sis, ut faceres malum.*

Quem fosse visitar as galès de Napoles, ou de Sardenha, acharia entre aquella chusma de gente tres classes de escravos, huns malfeytores insignes, que a justiça, por aderencias, ou algum outro motivo, lhes trocou o patibulo em ficar condenados a hum remo perpetuo. Outros tem a sentença por dez annos; que pela má estancia, e peyor mantimento, vem reputado o mesmo, que em toda a vida; e se os crimes saõ menores, a pena tambem he só de quatro, ou cinco annos. A terceyra sorte de escravos saõ, os que chamaõ voluntarios. Achaõ-se moços vadios, que por naõ trabalharem, nunca quizeraõ aprender officio. Para servir, ninguem os quer; porque saõ conhecidos, e inclinados, huns a Bacco, outros a Venus, e como lhes falta o dinheyro, para comprazer aos seus vicios, buscaõ o Capitão de huma galè, pedem-lhe cinco, ou seis moedas de ouro, e fazem-lhe obrigaçaõ por escrito de servirem de escravos na dita galè, por hum, ou dous annos, confórme o contrato entre elles estipulado. Parte a galè, e depois de alguns mezes de corso, torna ao seu porto. Quem havia de cuydar, que estes forçados voluntarios, tendo experimentado o sustento de biscouto negro, e duro, com huma medida de agoa com bichos, e hum fedor intoleravel da sentina, pedissem de novo dinheyro, para satisfazer a sua payxaõ, que, devendo estar, se não morta, ao menos mortificada, resuscita taõ faminta, que obriga os miseraveis voluntarios a perpetuarse no cativeyro! Se mais o Confessor desse pòr penitencia a qualquer destes moços vadios em de-

deſconto dos ſeus enormes peccados, que foſſe ſervir por dous mezes, com os mais forçados na galè, reſponderia logo, que era impoſſivel, poder elle fazer tal penitencia; pois a galè he o inferno deſta vida; e poſto que Deos, o tinha creado liberto, não era ſeu credito, que appareceſſe cativo; nem por duas horas. Conſideray agora com eſta repoſta a tyrannia de hum habito vicioſo, e a força, que tem de envolver em tal cegueyra o entendimento dos homens, que todas as vezes, que peccaõ mortalmente, vendem, e revendem a ſua Alma ao Capitão infernal, e feytos eſcravos do ſeu apetite quanto mais os fartaõ, tanto mais ſe rendem inſaciaveis, e com o engano de ſe arrepender, e confeſſar, peccaràõ e mais peccaràõ, e tornaràõ a peccar, atè que do cativeyro, e inferno deſta vida, paſſaràõ com huma morte improviſa ao inferno eterno da outra: *Venundatus ſis, ut faceres malum.*

Não ha homem no Mundo por malvado, que ſeja, que, ſendo Catholico, e naõ tenha perdido totalmente a fé, não tema a morte, e muyto mais o Inferno. Pelo que todo o ſeu deſvelo he querer viver mal, e morrer bem. Conhecem todos os peccadores, que, continuando no peccado, o Demonio os engana em vida; mas preſumem, que Deos lhes darà tempo de ſe confeſſarem, e arrependerem, e aſſim na hora da morte o Demonio ficarà enganado. A tal engano, e a tal atrevimento exclama o Profeta Iſaias: *Audite verbum Domini. Viri illuſores. Dixiſtis enim, percuſſimus fœdus cum morte, & cum inferno fecimus pactum.* Chama a eſtes tais homens, *Illuſores*, enganadores por ironia, pois elles, ſaõ os enganados. E quem ha neſte Mundo, que poſſa fazer tregoas com a morte; pois falla taõ claro o *Iſai.* 28.

Evan-

Evangelho, e a experiencia, que quanto ella he mais certa, tanto he mais incerto o lugar, e o tempo. Virá como o ladraõ, e quando menos o cuidarmos: *Sicut fur in nocte ita veniet .... Qua hora non putatis.* E que pacto ſerà eſte, que tem feyto com o inferno? *Et cum inferno fecimus pactum.* O pacto conſiſte, em que o Demonio lhes promette, que antes de morrerem, teraõ tempo de ſe confeſſarem, e arrependerem, e quando falte o Confeſſor, faraõ, como Catholicos, hum Acto de Contriçaõ, que ſendo perfeyto, voarà immediatamente a Alma para o Ceo. Pois, ſe eſtas condiçoens ſaõ de taõ grande ventagem aos homens, e de tanto prejuizo ao Demonio, que fica com ellas enganado, como naõ ſó as conſente o Demonio, que he taõ ſagaz, e aſſuto, mas as quer, e incita, e tenta os homens, para que lhas façaõ? Porque na execuçaõ dellas, elle fica o enganador, e os homens, que pertendiaõ ſer illuſores, ficaõ illuſos. Coſtuma o Demonio nos ſeus contratos, negocear ſobre o ſeguro. Pedenos o preſente, com promeſſa larga de nos dar ao depois o futuro. Agora o peccado, e depois o arrependimento. E como o preſente he facil, e certo; e o futuro he contingente, e difficultoſo, ſegueſe, que agora, que ha tempo de ſe arrepender, e fazer penitencia, peccaõ confiadamente, e quando chegar a hora da morte, em pena deſta confiança, e preſumpçaõ, muy poucos, ou nenhum farà verdadeyra penitencia; e aſſim com o meſmo pacto, com que cuydavão enganar ao Demonio, ficaraõ elles enganados: *Et cum inferno fecimus pactum.*

Thef. 3.

Luc. 12

Iſai 28.

Vay taõ ſeguro o Demonio neſte pacto, que, como negociante rico, tem banco publico no Mundo, offerecendo riquezas, dinheyros, e todo o genero de delicias, e goſtos, com promeſſa de muytos

tos annos de vida, eſtipula contratos, faz, e recebe eſcritos, e o que mais importa, com obrigaçaõ de lhes dar tempo de ſe arrependerem, e tornarem a Deos; contentando-ſe o Demonio dos peccados, que fizerem, por ſeu emolumento. Bem poderia eu alegar muytos, e muytos caſos, ſuccedidos em varias partes por confirmaçaõ deſta verdade; porèm direy hum ſó, referido pelo Cardeal Saõ Pedro Damiaõ. Em hũa grande Cidade de Italia havia hum moço (diz o Santo) igualmente nobre por naſcimento, que bem herdado por ſeus pays; porém como eſtes eraõ já falecidos, em breve tempo gaſtou com mulheres, e jogos toda a herança. Vendo-ſe já chegado á extrema miſeria, e pelos ſeus vicios tambem de todos aborrecido, em lugar de recorrer a Deos, buſcou ao Demonio. Eſte appareceo-lhe logo muy galante, e affavel, com ſe lhe offerecer a tiralo de todas as ſuas afflicções, e tornarlhe a reſtituir dobrados os goſtos, que deſejava, e que para tudo iſto naõ lhe pedia outra couſa, ſenaõ a ſua Alma. O moço, que, tendo perdido a graça de Deos, naõ tinha ainda perdido totalmente a fé; diſſe logo. Eu naõ quero vender a minha Alma. E porque (diz o Demonio) Porque (reſponde o moço) depois de vendida, quem ma ha de reſgatar? Vòs meſmo (replica o Demonio) como a tendes já reſgatada tantas vezes, confeſſando-vos. E quantos me tem vendido a ſua Alma por toda a vida, e depois na hora da morte fiquey eu burlado, reſgatando-a com hum Acto de Contriçaõ, dizendo arrependidos, como David, *Peccavi.* Pequey: e baſtou iſto para reſgatarem a ſua Alma, e gozarem logo de Deos: Vay bem, diſſe o moço; porèm eu quero aſſegurarme, e naõ quero paſſar eſcrito de venda, ſenaõ com a condiçaõ, que vòs me aviſareis tres dias antes de eu morrer.

Petr. Dam. in opuſc.

rer. Pareceme muyto bem (disse o Demonio) e assim faz, quem tem juizo, e eu vos prometto de guardar a condiçaõ, e sem ella, que o nosso contrato em todo o tempo, seja nullo. Firmàraõ o pacto, e assináraõ o escrito, que lhe fez, com reciproca satisfação de ambas as partes. Ficou muy contente o moço, e se de primeyro vivia mal, começou a viver peyor. Achava-se com dinheyro, nem lhe faltavão occasioens de esfogar com liberdade os seus appetites em todo o genero de vicios. Durou porèm pouco esta falsa felicidade, bastava vir do Demonio, para ser effimera. Estando elle em hum festim bem descuydado, entrou hum Cavalheyro de muy bom garbo, que acostando-se a elle, perguntou-lhe, se o conhecia? Respondeo, que naõ. Eu sou o Demonio (disse elle) e ainda que eu me chamo, e sou o pay da mentira, com tudo quero guardar a condiçaõ do nosso contracto, e assim vos advirto, que desta hora a tres dias, vòs sereis já morto; e eu livre da minha promessa. E àl naõ disse; pois logo desapareceo. Com este aviso ficou o moço taõ perturbado, que naõ podia fallar. Cuydando os circunstantes, que fosse algum ar de apoplexia, chamàraõ os Medicos, que o achàraõ com febre, e hum letargo mortal. Procuràraõ varios remedios, para o despertar; que nada aproveytavaõ, e só dormindo se lhe ouviraõ estas palavras. Eu fuy enganado no tempo; pois ainda naõ tem acabado hum anno, depois que assiney o contrato no escrito; que depois de morto se lhe achou. Cuydáraõ os Religiosos, e Medicos, que lhe assistiaõ, que naõ estava em si, e por isto faleceo sem Sacramentos. Já amortalhado, e preparando-se o enterro, entráraõ dous Negros agigantados com o seu tridente na maõ; e hum delles disse com voz medonha.

Quem

Quem compra a eſpada, compra tambem a bainha. Eſte nos vendeo a ſua Alma, que jà eſtá no inferno; agora vimos buſcar o corpo, porque, como foraõ companheyros nos goſtos, o ſejaõ tambem nos tormentos; e fincando o tridente nas ilhargas do defunto, o carregàraõ nos hombros, e ſahindo por huma janella, deyxàraõ aos circunſtantes aſſim pelo medo, como pelo fedor intoleravel, mais mortos, que vivos. Aſſim vay a acabar a preſumpçaõ de ſe confeſſar, ou de fazer hum Acto de Contriçaõ antes da morte. Eſte teve tres dias de tempo, e com tudo, naõ ſe achou capaz de dizer arrependido, pequey : *Peccavi.*

Eſte caſtigo, que faz horror; e parece rigoroſo; naõ he (diz S. Gregorio Magno) ſe não juſtiſſimo, e intimado pelo Eſpirito Santo naquellas formidaveis palavras : *Vocavi, & renuiſti, deſpexiſtis omne conſilium meum; ego quoque in interitu veſtro ridebo, & ſubſanabo.* Vos chamey com as minhas inſpiraçoens, e naõ me quizeſtes ouvir; nunca fizeſtes caſo dos meus conſelhos, nem dos meus aviſos; eu tambem na hora da voſſa morte me rirey; *ridebo*, e farey eſcarnio, (de que notay eſta palavra *Subſanabo*) de ver, que cuydaveis com hum falſo *peccavi* enganar a Deos neſtes breves dias de vida, e ficaſtes enganados por toda a eternidade no inferno. Aſſim ſuccedeo a ElRey Abimelec, que viveo ſempre mal, e eſquecido de Deos em todo o tempo da ſua vida; e Deos permittio, que na ſua morte naõ ſe lembraſſe, nem de Deos, nem de ſi. Foy eſte ſitiar a Cidade de Tebas, e eſtando já vitorioſo, para entrar nas portas, huma mulher, que eſtava em alto, pegou em huma grande pedra, e deyxandolha cahir ſobre a cabeça, lha partio pelo meyo. Conhecendo ElRey, que morria; que Acto de Contri-

Prov. cap. 1.

D. Greg. Mag. l. 6. v. mor.

tri-

triçiõ fez ? De que *peccavi* se lembrou ? Chamou logo hum seu pagem , e lhe disse , acaba de pressa de matarme com a tua espada , para que naõ se diga , que huma mulher matou a Abimelec com hũa
Jud 9. pedra : *Vocavit citò armigerum suum , & ait , evagina gladium tuum , & interfice me , ne forte dicatur , quòd à fœmina interfectus sim , & interfecit eum.* Assim o executou o pagem , e ficou morto Abimelec. Nem ElRey Saul teve melhor fim ; vendo-se este mortalmente ferido , em lugar de pronunciar hum *peccavi* , e pedir a Deos misericordia , pedio tambem elle a hum dos seus soldados , que o acabasse de matar ; teve horror o fiel Vassallo de commetter hum tal crime , por muytos rogos , que lhe fizesse. Entaõ Saul , por fugir o oprobrio de ficar prisioneyro dos seus inimigos , poz os punhos da sua mesma espada no chaõ , e já desesperado poz os peytos sobre a ponta , e cahindo com força sobre ella ficou enfiado , e morto : *Arripuit itaque Saul*
Reg. 1. 31. *gladium suum , & irruit super eum.* Peyor succedeo ao Emperador Juliano ; este de bom Catholico , prevaricou em pessimo Apostata , e inimigo declarado de nosso Senhor JESU Christo , perseguindo os Christãos com tyrannias em todo o seu Imperio. Estando hum dia passando mostra ao seu exercito , viraõ todos partir do Ceo huma setta , que em direytura foy ferir os peytos do Emperador. Todos cuydavaõ , que à vista deste grave castigo tornaria em si ; mas elle mais obstinado , e endurecido , vendo-se esgotar de sangue , tomou huma maõ cheya delle , e lançando-a em alto , como contra o Ceo , gritou blasfemando : *Vicisti , Galilæe , vicisti.* Me ten-
Bar.an. des vencido , ò Galileo (assim chamava elle a nosso Senhor JESU Christo) me tendes vencido. E se Juliano o conhece , e confessa por seu Deos vitorioso ,

so, e triunfante; porque naõ se lhe lança aos pès, pedindo-lhe perdaõ de o ter perseguido, e com hum *peccavi* ganhar na hora da morte o Paraiso? Porque (como diz Saõ Gregorio Magno) este castigo, e esta vingança de Deos he rectissima; pois permitte, que os peccadores, que na vida se esquecerаõ sempre de Deos, na morte se esqueçaõ de Deos, e de si mesmos: *Hac animadversione punitur peccator, ut moriendo obliviscatur sui, qui vivendo oblitus est Dei.* *Greg. l. v. mor.*

Sendo isto a mesma verdade; como he possivel, que a falsa presumpçaõ de hum peccador o persuada, a que a mayor graça, que Deos pòde fazer a hum Justo seu Amigo, a deva conferir ao mayor dos seus inimigos? O mayor inimigo, que Deos tenha tido, quem cuydais, que seja? Por ventura será Judas? Será Mafoma? Ou Neraõ? Ou Domiciano? Nenhum destes he; mas outro muyto peyor! He este maldito, chamado *peccavi*. Naõ ha feyticeyro (diz o grande Missionario) naõ ha Turco, naõ ha tyranno, naõ ha Antichristo, ou Demonio encarnado, que tenha feyto tanto damno à Igreja; ou mayor estrago nas Almas; e que tenha induzido os Christãos a commetter descaradamente tantos peccados, como este falso, maligno, e detestavel *peccavi*. Elle he o Complice, o Zeloso, o Sollicitador, o Procurador, o Advogado, o Patrono, e o Guarante de todos os peccadores. Elle he o que os estimula, o que os incita, e o que os anima, a offender a Deos. Elle he, o que lhes tira o pejo natural, que defende as Almas innocentes de se entregar aos vicios; e o que lhes suffoca o remorso da consciencia; pois se naõ houvesse este traydor enganoso do *peccavi*, que lhes serve de asilo, para toda a maldade, ninguem se acharia taõ falto de juizo, que quizesse arriscar-

P. Lesseu ne Serm. 54. de pœnit.

se,

se, de trocar hum breve gosto desta vida com a eternidade das penas no inferno. O mayor mimo, o dom mais precioso, que Deos possa fazer a hũa Alma escolhida, hè o conceder-lhe hum perfeyto arrependimento das suas culpas, hum verdadeyro *peccavi* na hora da morte. Este *peccavi* com a perseverança final saõ as arras mais certas; saõ os penhores mais seguros da gloria celeste; e saõ a disposiçaõ mais proxima para a bemaventurança. Já he ter subido ao ultimo degrao, e já he ter hum pé no Paraiso. E que razaõ tendes vòs de presumir, que Deos dará este dom gratuito, esta graça preveniente, e santificante, ao mayor dos seus inimigos, qual he este falso, e desgraçado *peccavi*? quando as Sagradas letras, os Concilios, e os Santos Padres, com a mesma experiencia de quantos morrem mal cada dia, nos provaõ todo o contrario.

ElRey Faraò não podendo já mais sofrer as repetidas pragas do Egypto, arrependido recorreo a Moysés, confessando, que o Rey de Israel era o Rey, e Deos verdadeyro: *Peccavi in Dominum Deum vestrum.* ElRey Saul, vendo, que o Profeta Samuel o advertio, que Deos estava irritado, e lhe tinha dividido o Reyno em varias partes, logo mostrou o seu arrependimento: *Peccavi, quia prævaricatus sum.* ElRey Antioco, depois que desesperado dos Medicos vio impossibilitada a sua cura, *humiliatus ad terram* humilde, e contrito fez grandes promessas, e votos de restaurar o templo, de prover com grandes emolumentos o Clero, e de restituir em tresdobro as riquezas, que tinha tomado do thesouro: porèm Deos naõ quiz aceytar os seus offerecimentos, nem ouvir as suas orações, nem admittir o seu falso *peccavi*, para usar com elle da sua bondade, e misericordia: *Orabat autem hic sceleſtus Dominum, à quo*

Exod. cap. 10.

1. *Reg.* 15.

2. *Mach.* 9.

à quo non esset misericordiam consecuturus. Tambem o traydor Judas, arrependido de ter vendido a Christo, fez primeyro a restituiçaõ do preço da venda: *Pœnitentia ductus retulit triginta argenteos.* Confessou o seu crime de lesa Divina, e humana Magestade publicamente, e em presença dos mesmos Principes, e Ministros da Sinagoga com dizer, que peccou vendendo hum Deos justo: *Peccavi tradens sanguinem justum.* Parece, que naõ podia este fazer mais! E com todo este *peccavi*, buscou desesperado hum laço para se precipitar mais de pressa com os mais peccadores obstinados no Inferno: *Abiens laqueo se suspendit.* Ide agora a fiarvos das confissoẽs, e do *peccavi* na hora da morte, com a vossa falsa presumpçaõ, de que haveis de morrer como hum Santo Hilariaõ arrependidos.

Bem sey, que muytos malviventes, que ainda naõ se sentem com a deliberação de largar os seus vicios, admittem estes casos por verdadeyros; porèm dizem, que tambem tem ouvido, e visto exemplos em contrario de alguns, que viveraõ mal, e morrèraõ bem. Fullano, e Sicrano (dizem elles) parecciaõ mais Sardanapalos, em buscar todo o genero de gostos, para o seu corpo, que Catholicos, em cuydar na salvaçaõ da sua Alma; e com tudo leváraõ boa vida, e fizeraõ huma bellissima morte. Creyo tambem eu, que esses fariaõ huma bella morte; mas naõ se segue, que fosse boa. A mesma differença, que vay entre huma bella morte, e huma boa morte, he a mesma, que vay entre o bello tempo, e o bom tempo. Quando o Ceo està sereno, o dia claro, e sem nuvens, o tempo he bellissimo; porèm se a terra està arida, as hortas murchas, e as plantas se vaõ desecando; entaõ as nuvens bem escuras, e prenhes, saõ desejadas, para que se descarreguem em chuvas; e as mesmas

trovoadas, que daõ muyta agoa, saõ o bom tempo. O Demonio he muyto mais astuto, e sagaz de nòs, e do que nòs cuydamos, porque quando tem hum moribundo seguro, ou porque este fez a confissaõ dimidiada, com callar as circunstancias aggravantes, ou as consequencias de alguns peccados, que pedem publica restituiçaõ da fama, da honra, e de juramentos falsos, em dano do proximo; ou porque no testamento não declarou todas as dividas, os lucros cessantes, e danos emergentes com reter a fazenda alhea, ou alguma demanda injusta, para deyxar mais ricos os filhos: então o Demonio o ajuda a repetir todos aquelles actos, que lhe vay suggerindo o Sacerdote; elle mesmo lhe mete em bocca o *peccavi*, e lhe faz beyjar muytas vezes o Crucifixo, que tem na mão. E que cousa pretende com isto o Demonio? Pretende, que os Religiosos, que lhe assistiraõ, digão, que tomàrão ter elles hũa morte semelhante. E que se divulgue em toda a Cidade a grandeza da misericordia Divina: pois fullano, que era a *petra scandali* do Povo, morreo como hum S. Paulo. Oh astucia diabolica! Oh espirito arcimaligno! Eu bem conheço o teu engano. Naõ deyxaste morrer aquelle homem com sinais de Precito, como era; porque conheceste, que muytos, que viviaõ mal, como elle, se ouvissem dizer, que morrèra como Precito, que era, logo se disporiaõ a fazer huma verdadeyra confissaõ, e mudariam vida; e agora com esta enganosa apparencia os incitas a continuar no peccado, com a presumpçaõ, de que na ultima doença se confessaráõ, e morreràõ predestinados: e então lhes metes tantas vezes em bocca este *peccavi*, e o nome de JESUS; porque sabes, que Deos não gosta, nem agradece, que louvem, e honrem o seu nome com a lingoa, quando o coraçaõ está

eſtá muy longe delle: *Populus hic labiis me honorat, cor autem illorum longè eſt à me.* Matth. 15.

Naõ he crivel, quanto noſſo Senhor JESU Chriſto eſtimaſſe a confiſſaõ de S. Pedro, quando perguntando aos Apoſtolos, quem dizião, que elle foſſe? Reſpondêrão; huns, que o Bautiſta; outros, que Elias, ou Jeremias. Porèm quando perguntou a elles meſmos, quem era: *Vos autem quem me eſſe dicitis?* E vòs na verdade quem dizeis, que eu ſou? Reſpondeo logo Pedro: *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi.* Vòs ſois noſſo Senhor JESU Chriſto, Filho do verdadeyro Deos. E tanto lhe agradou eſta confiſſaõ, que o declarou jà Bemaventurado em vida, e o fez ſeu Vigayro na terra, conſignando-lhe as chaves do Paraiſo, e do Inferno: *Beatus es Simon Barjona... tibi dabo claves Regni Cælorum.* Pelo contrario lemos em S. Marcos, e em S. Lucas, que eſtando o Demonio no corpo de hum invaſado fez a meſma confiſſaõ: *Jeſu Nazarene, ſcio te quis ſis, Sanctus Dei.* Lhe chama JESUS, e o conhece, e ſabe muito bem quem he, e lhe chama Santo; e ainda que os attributos Divinos ſaõ todos infinitamente perfeitos, todavia o da Santidade excede a todos, e com tudo, Chriſto o reprehende: *Et increpavit illum JESUS.* E Saõ Marcos accreſcenta, que Chriſto o ameaçou, obrigando-o a callarſe, que naõ queria ouvir na ſua bocca os ſeus louvores, nem que pronunciaſſe o ſeu nome: *Et comminatus eſt ei Jeſus, dicens: Obmuteſce.* Entra aqui a agudeza do juizo de S. Agoſtinho, e examinadas ambas de duas eſtas confiſſões, argumenta aſſim. Se as palavras ſaõ as meſmas, e tem o meſmo ſentido, e ſignificação, de conhecer, e dar louvores a Deos; como as obras, e os effeytos ſaõ tão diverſos? Pedro premiado, e o Demonio reprehendido! *Unde ſeparantur iſtæ duæ* con-

Matth. 16.

Luc. 4.

Marc. 1.

Augusti. Serm 3. de ver. Apoc. cap. 9.

confessiones. Una vox, & facta diversa: Petrus laudatur, & Dæmon compescitur. Sabeis porque (diz o mesmo Santo Agostinho) porque os louvores, que Pedro dava a Christo com a bocca, sahiaõ-lhe do coraçaõ, que estava abrazado do fogo do amor, que tinha ao seu Mestre; e o Demonio o louvava superficialmente, e bem contra a sua vontade, por temor, que o fizesse sahir à força, como fez, daquelle corpo, que elle mesmo tinha invasado: *In Petro laudatur amor; in Dæmone damnatur timor.* A mesma differença succede às vezes na hora da morte entre as Almas escolhidas, e precitas. Todas dizem belliſſimas palavras, e repitem muytas vezes o *peccavi.* E bem póde succeder, que algũas Almas reprovadas beyjem mais vezes o Crucifixo, e chorem mais lagrimas, que as escolhidas; mas nem por isto Deos olharà muyto para ellas; porque conhece, que as não derrama pela contriçaõ, e dor dos seus peccados; mas porque tem pena de deyxar este Mundo, aonde vivia à sua vontade; beyja o Crucifixo, não porque o ame; mas porque, tendo-o desprezado tantas vezes, tem medo delle, que como Juiz lhe dè a sentença, que merece, com condenallo ao Inferno. Se recomenda ás oraçoens de todos, naõ para a sua Alma, pois elle não quereria morrer; mas porque espera com ellas sarar da doença, e se lhe prolonguem os dias da vida.

Luis Undecimo Rey de França, desejoso de viver muyto tempo, assim na mesa, como em outras partes, onde se achava, tinha sempre o Medico presente, para que em caso de doença acertasse logo na cura. O estipendio pois do Medico quanto mais grandioso, tanto mais era extravagante, e differente dos outros; porque lhe dava cincoenta cruzados cada dia, em que ElRey se achava de pè, e com

com ſaude; porèm em todos aquelles dias, que eſtiveſſe doente, ou com algum achaque na cama, ceſſava o eſtipendio, e nada lhe dava. E com tudo, que foſſe de compleyçaõ forte, e robuſta, a ſua vida eſtragada o reduzio a huma doença perigoſa, que depois de uſar todos os remedios, ſe deſcubrio incuravel. Não ſe achando remedio na terra, foy neceſſario buſcalo do Ceo; e aſſim aviſaraõ a ElRey, que em Napoles eſtava Saõ Franciſco de Paula, que era o Taumaturgo daquelle ſeculo, e que delle ſó podia eſperar a ſaude. Mandou logo ElRey em buſca do Santo, que com toda a diligencia chegou á ſua preſença; e lhe perguntou, ſe o queria ſarar daquella doença. O Santo, para encubrir a ſua virtude, reſpondeo. Eu irey fazer oraçaõ; porèm he neceſſario, que ſe façaõ oraçoens publicas, porque a oraçaõ de muytos he mais poderoſa para com Deos. Ordenou ElRey, que ſe expozeſſe o Veneravel Sacramento da Eucariſtia em todas as Igrejas; porèm vendo elle, que a ordem do Santo dizia, que todos rogaſſem a Deos pela Alma, e ſaude de ElRey, diſſe logo aſſim. Não convem pedir tantas couſas juntas a Deos; baſta, que o Povo rogue a Deos ſómente pela ſaude do ſeu Rey. Foy repreſentado por Deos tudo iſto ao Santo na Oraçaõ; o qual foy logo ao Paço, e diſſe, que bem podiaõ aviſar a ElRey, que trataſſe da ſua Alma; pois Deos naõ queria darlhe a ſaude do corpo. Naõ lhe deraõ credito, e aſſim morreo, como viveo (como diz S. Bernardo): *Qualis vita, mors, & ita.* Aſſim ordinariamente ſaõ os propoſitos, e o *peccavi* dos moribundos, que viveraõ mal; porque todo o ſentido do coraçaõ deſtes he a ſaude do corpo, para ficarem com as creaturas no Mundo; e para ir com o Creador para o Ceo, pronunciaõ o *peccavi* ſómente com o exterior da boeca.

Matth. in Vita.

D. Bern. Serm. ad Fr.

Succedê a estes, que presumem, e se fazem fortes, com o *peccavi* da bocca, e naõ de coraçaõ, o que succedeo ao exercito de Ephraim, gente confiada, e presumida, que injustamente intimou a guerra a Jephte, ameaçando-o de queymallo vivo, e a toda sua familia: *Incendemus te, & domum tuam.* Ouvindo Jephte esta temeraria presumpçaõ, respondeo prudente: *Quid commerui, ut adversum me consurgatis in prælium?* E que mal vos tenho feyto, para me obrigares a pelejar com vosco? Mas vendo, que isto hia de veras, esquadronou a sua gente de Galaad, entrou em campo, presentou a batalha, e Epraim ficou derrotado em numero de quarenta e dous mil, entre mortos, e fugidos. Mandou logo Jephte huns Regimentos ao estreyto do Rio Jordaõ, por onde forçosamente haviaõ de passar, para tornarem à sua terra. Encontraram-se neste passo huns com os outros; os de Ephraim cheyos de temor, porque fugitivos da batalha, que tinhaõ perdido; e os de Galaad animosos, como vencedores; e porque estes intentavaõ tirar a vida aos de Ephraim, lhe perguntavão. Vòs sois da Tribu de Ephraim? Naõ (responderaõ elles) mas somos de Galaad. E para melhor os reconhecer, lhes repreguntavaõ os de Galaad: *Dic ergo, Schibbolet?* Mas como os de Ephraim naõ eraõ custumados a pronunciar esta palavra, *Schibbolet*, que he toda gutural, e faz força, como se sahisse do fundo do estamago, diziaõ *Sibolet*, com a ponta da lingoa, que jà naõ tem a mesma significaçaõ, e sentido; e assim conhecidos logo os degolavaõ, e lançavaõ no Jordaõ. Naõ he acaso, o permittir Deos, que nas sagradas letras se registrasse este Texto: *Quæcumque enim scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt.* (Nos ensina Saõ Paulo) E Christo exhorta a todos,

Judit. 3 12.

Judit. 6 12.

Rom. 15.

naõ

naõ só a ler as Escrituras, mas a perscrutalas, e penetrar os sentidos, que nos persuadem, e conduzem á salvaçaõ: *Scrutamini scripturas.* Isto supposto; a passagem do Rio Jordaõ he o estreyto da morte, já que o curso deste rio vay acabar no mar morto; como tambem o curso da nossa vida acaba com a morte. A palavra Jordaõ, na lingoa santa significa *Fluvius Judicii*, e por isto esta passagem he taõ perigosa, e faz tanto medo, porque depois da morte segue-se logo o juizo. Os nossos inimigos, que saõ os Demonios, nos esperaõ neste estreyto, e nesta passagem. Todos, assim bons, como maos confessaõ, que saõ peccadores, implorando a Divina misericordia pedem perdaõ a Deos, e dizem *peccavi, peccavi.* Porêm vay entre elles hũa grande differença. Os justos estaõ custumados a pronunciar o *peccavi*, como palavra que sahe do fundo do seu coraçaõ arrependido, e que deseja verse livre deste Mundo por medo de tornar a peccar. Os Reprobos pronunciaõ o *peccavi* naõ sahido do coraçaõ, occupado com os desejos das delicias do Mundo; mas exteriormente, com a ponta da lingoa por medo da morte, que já lhes está na garganta. Por isto lhes succederá o mesmo, que succedeo aos que pronunciavaõ só com a bocca *Sibolet*, com serem lançados para sempre no Jordaõ do inferno. *Joan. 5.*

Hum Marisçal de França Governador de Linguadoca era o Tyranno daquella Provincia, pelas muytas injustiças, e oppressoẽs, com que destruhia pobres, e ricos. Veyo a morte apressada, que a penas lhe deo tempo, de lhe pòr na bocca o *peccavi*, que nunca teve no coraçaõ; e de ordenar, para encubrir o escandalo, com que tinha vivido, que amortalhassem o seu corpo em hum habito de Saõ Francisco, sem cuydar de restituir a fama, a honra, e a fa-

a fazenda. Hum Villaõ, que tinha sido arruinado pela sua ambiçaõ, vendo-o naquelle sacco de penitencia disse: Marisçal, Marisçal, desfarça aqui quanto quizeres; que tu vás para hum paiz, aonde te tiraráõ logo essa mascara, e o teu desfarce nada te ha de valer. E que risadas daraõ os Demonios a huma Alma, quando entra no inferno, que em quanto viveo neste Mundo tratou o seu corpo com todos os mimos, e delicias da sensualidade, e, depois de morto, ordena, que seja vestido com o cilicio de hum burel Santo! Daqui tome cada hum o verdadeyro desengano, confirmado por Santo Agostinho, o qual diz, que quem reserva o dizer *peccavi*, e fazer penitencia na hora da morte, só por milagre se poderá salvar: *Pœnitentia sera, raro vera.*

Aug. de Civ. Dei.

Quero acabar este discurso, por onde o comecey. Queyxa-se o Santo Job, que o peccador, dando-lhe Deos lugar, e tempo, para fazer penitencia, abusa delle por soberba: *Dedit ei Deus locum pœnitentiæ, & ille eo abutitur in superbiam.* E que casta de soberba he esta, que abusa do tempo, que Deos lhe deu para se arrepender, senaõ a presumpçaõ daquelle traydor, e falso *peccavi* na hora da morte. Oh engano diabolico! E se eu vos provar, que naquella hora vòs mesmos naõ haveis de querer dizer o *peccavi*, nem arrependervos; ficareis então desenganados? Ouvi a Saõ Joaõ: *Dedi ei tempus, ut pœnitentiam ageret, & non vult pœnitere.* Reparay naquelle *non vult*, naõ quer. Naõ falta Deos com lhe dar tempo! *Dedi ei tempus.* Naõ falta o Confessor, que o exhorte á penitencia: *Ut pœnitentiam ageret.* E com tudo diz, que naõ quer: *Non vult.* E porque naõ quer? Porque nunca quiz, quando estava saõ; muyto mais agora, que está moribundo. Quantas vezes me tem succedido no Brasil, e succe-

Job 24.

Apoc. 2

de

de muytas vezes em toda a aparte; que chamado a confeſſar hum doente de perigo, reſponde elle, que torne em outro tempo, que ainda naõ eſtá taõ mal, ou, que ainda não eſtà preparado, e depois tornando, eſtá o doente como deſeſperado da ſaude, em que ſó cuyda, aſſim como deſeſperado da ſalvaçaõ, na qual nunca cuydou. E deſtes taes eſtá o inferno cheyo. Mas porque atè agora vos tenho moſtrado o engano, e deſengano deſte *peccavi*, acabo com vos dar o remedio, para que eſte *peccavi* aſſim em vida, como na hora da morte vos aſſegure infallivelmente o Paraiſo.

Meu Senhor JESU Chriſto, eis-aqui proſtrada aos voſſos ſacratiſſimos pès a mais indigna, e vil creatura do Univerſo. Naõ me atrevo, como o Publicano, levantar os olhos para o Ceo; porque a grande multidaõ dos meus peccados me deſanima, me perturba, e me confunde. Sey, que tenho merecido milhões de vezes o inferno, e jà não mereço o perdaõ; mas ſey tambem, que ſe não me quizeſſes perdoar, e não deſejaſſes ſalvarme, já a eſta hora, a minha Alma eſtaria ardendo naquelle calabouço de fogo: *Niſi quia Dominus adjuvaſſet me, paulò minus in inferno habitaſſet anima mea.* Por tanto, meu Deos, meu Senhor, meu Salvador, e Redemptor meu, *peccavi*, pequey, e pezame de todo o meu coraçaõ de vos ter offendido, não por algum intereſſe meu, nem por medo da morte, ou terror do inferno, que tenho merecido; mas por ſeres aquelle, que ſois, digno de ſer infinitamente amado. Tomàra eu agora ter o fervor da penitencia dos Ninivitas; o arrependimento de David; a dor da Magdalena, e as lagrimas de Saõ Pedro, para com elles deteſtar, aborrecer, e chorar os meus peccados, e amarvos com a mais fina compunçaõ da Alma. Pro- *Pſ.93.*

po-

ponho firmemente de nunca mais peccar, e actualmente deyxar toda a occasiaõ, que me possa induzir a perder a vossa santa graça. Estou resolutissimo de perder tudo, antes que perder a vòs; porque tudo he nada sem vòs, e vòs sois todo o bem infinitamente bom. Senhor salvayme; porque sou todo vosso: *Tuus sum ego, salvum me fac.* Fazey este Acto de Contriçaõ todos os dias pela manhã logo depois de levantado da cama; e á noyte antes de vos deytar; e eu vos prometto, que o vosso *peccavi* na hora da morte será o mesmo, que tantas vezes tendes repetido em vida, e passareis a gozar de Deos com os mais Bemaventurados na Gloria: *Qualis vita, mors, & ita.*

Psalm. 128.

DIS-

RPJCB

TORMENTO DOS AVARENTOS

DISCURSO VIII.

Do Tormento dos Avarentos.

Nolite errare, neque fures, neque Avari Regnum Dei possidebunt.
Corinth. 1. c. 6.

HE verdade, que Deos no setimo Mandamento do seu Decalogo prohibe immediatamente o furto: *Non furaberis.* Naõ furtaràs. Mas he tambem certo, e por consequencia infallivel, que prohibe, e condena tambem a Avareza, como disposiçaõ, e occasiaõ proxima, para furtar, e reter o alheyo. Apenas entrou Christo nosso bem no Templo, que armado de zelo lançou fóra com o açoute na mão todos, os que compravaõ, e vendiaõ, e desbaratou as mesas, fazendas, e dinheyros: *Et cum introisset in Templum, cæpit ejicere vendentes, & ementes, & mensas nummulariorum, & cathedras vendentium evertit.* Perguntaõ os Santos Padres, qual podia ser a causa de tanta ira, e zelo do Salvador? Tendo elle hum natural taõ benigno, e suave; porque *Marc.* 11. 16.

final-

finalmente, que mal faziaõ aquelles Mercadores, que vendiaõ, e compravaõ no atrio do Templo ovelhas, e pombas, que tambem servião para o Sacrificio? Saõ Joaõ Chrysostomo he de parecer, que a avareza, e o insaciavel desejo, que tinhaõ aquelles negociantes de enriquecer, foy o fogo, que acendeo a justa ira de Christo; pelo que os lançou fóra do templo; para nos ensinar, que os Avarentos, e os que furtaõ, ou retem a fazenda alhea, seraõ para sempre excluidos do celestial Templo do Paraiso: *Nolite errare, neque fures, neque Avari, Regnum Dei possidebunt.* E este será o argumento deste discurso, em que mostraremos com as Escrituras, com os Santos Padres, e com a experiencia, que he moralmente impossivel, que hum Avarento se salve, e este será o primeyro ponto: e no segundo veremos, que o deter, ou o naõ querer restituir a fazenda alhea, he hum dos sinaes mais certo, e infallivel, de viver, e morrer, nesta vida anticipadamente reprovado.

Cor. 1. cap. 16.

He moralmente impossivel, que se salve o Avarento, por dous principios; hum da parte de si mesmo, o outro da parte da graça de Nosso Senhor Jesu Christo. Da parte do Avarento; porque tendo todo o seu coraçaõ nas riquezas, quanto mais lucra, ou furta, tanto mais deseja; e assim naõ cessará mais; porque naõ mudará mais a vontade de lucrar, e o desejo de possuir. Da parte de JESU Christo he moralmente impossivel, que a sua graça mude a vontade do Avarento, em quanto a mesma graça depende da sua cooperaçaõ; porque sendo o ouro, o dinheyro, e as riquezas o seu Idolo, e o seu Deos, para que entre a graça de Jesu Christo na sua Alma, deve primeyro quebrantar este Idolo; com despirse da desordenada affeyçaõ às riquezas, restituir logo o alheyo, e amar a pobreza do espirito, para gozar

da

da Bemaventurança dos Filhos de Deos : *Beati pauperes ſpiritu , quoniam Filii Dei vocabuntur.* A experiencia moſtra cada dia o contrario, verificando-ſe o que diz o Eſpirito Santo, que os olhos do Avarento ſaõ inſaciaveis: *Inſatiabilis oculus cupidi.* Pergunta S. Baſilio; qual ſeja aquelle, que com verdade ſe póde chamar Avarento? *Quis, quæſo, eſt Avarus?* E reſponde com elle tambem S. Ambroſio, que no Texto Sagrado todos aquelles ſe chamaõ Avarentos, que tendo bens baſtantes, para paſſar a vida, confórme ao ſeu eſtado, não eſtaõ contentes; mas deſejaõ, e cobiçaõ ſempre mais fazenda: *Ille eſt Avarus, qui eo, quod ſatis eſſe debet, non eſt contentus.* E Santo Agoſtinho diz, que não ſó ſe deve chamar Avarento, quem furta, ou retem o alheyo ; mas tambem aquelle, que com demaſiada affeyçaõ, e cubiça guarda o ſeu: *Non ſolùm Avarus eſt, qui rapit aliena , ſed qui cupidè ſervat ſua.* E prova eſta verdade com dous caſos referidos por bocca do meſmo noſſo Senhor JESU Chriſto no ſeu Evangelho.

Matth. 5.

Eccleſ. 9.14.

Baſil.ho. 2. de Divite Avaro.

Ambr. Ser.82.

Aug. Hom.de Divin. Amor.

O Rico Avarento não era Ladraõ, naõ tinha comercios injuſtos, era pontual em pagar os ſalarios aos ſervos, e as obras, que mandava fazer aos officiaes: e he certo, que não tinha vicios ; pois o ter boa meſa, e veſtir bem, convinha ao eſtado de grande Fidalgo, como elle era; e ſe tiveſſe feyto alguma injuſtiça, ou crime, Chriſto (como diz S.Agoſtinho) o haveria publicado no ſeu Evangelho: *Si vis ſcire crimen divitis, noli aliud quærere, quàm quod audis à veritate.* E qual foy logo a cauſa da ſua perdiçaõ? Foy o ſer Avarento. Tudo para ſi, e nada para os pobres : *Epulabatur quotidiè ſplendidè, induebatur purpura, & byſſo.* E por iſto foy ſepultado no Inferno: *Et ſepultus eſt in Inferno.* Mais me admiro

Auguſt. Serm. 19. de verbis Apoſt.

Luc.17

da

daquelle moço, que, sendo nascido muy rico, preguntou a Christo, o que havia de fazer para alcançar o Paraiso? *Magister bone, quid boni faciam, ut habeam vitam æternam?* Respondendo-lhe Christo, que guardasse os Mandamentos: *Serva mandata.* Estes (replicou o Mancebo) tenho eu sempre guardado, desde a minha mocidade. Muyto bem, disse o Senhor. Pois se quereis ser perfeyto, vendey quanto tendes, e day aos pobres; vinde comigo, e seguime, por onde vou: *Si vis perfectus esse, vende quæ habes, & da Pauperibus, & sequere me.* Quando o moço ouvio fallar em despropriarse de quanto tinha, calousse, deyxou a Christo, e foyse malencolico: *Et abiit tristis.* Eis-aqui dous ricos, que nada furtárão, nem retiverão o alheyo, e ambos de dous se perdêrão, sem terem mais outro vicio, que amarem desordenadamente as suas riquezas, e terem muyta fazenda: *Habebant enim multas possessiones.* E fiarem-se mais no seu ouro, e dinheyro, que no mesmo Deos; e por isto pronunciou Christo aquella sentença, que mostra como impossivel o salvarem-se os ricos, dizendo, que era mais facil, passar hum Camelo pelo fundo de huma agulha, que entrar hum rico no Reyno do Ceo. E o repetio duas vezes: *Et iterum dico vobis, facilius est Camelum per foramen acûs transire, quàm divitem intrare in Regnum Cœlorum.* E em S. Marcos: *Quàm difficile, qui pecunias habent; in Regnum Dei introibunt.*

Matth. 19.17

Matth. 19.23.

Luc. 18

Marc. 10.

Ja muytos annos antes da vinda de Christo se liaõ no testamento velho invectivas contra os Avarentos: *Avaro nihil est sceleſtius.* Que naõ havia cousa no Mundo mais perigosa para o mal, e muyto abominavel, que o Avarento. E accrescenta tambem, que naõ havia maldade mais iniqua, que amar o dinheyro: *Nihil est iniquius, quàm amare pecuniam.* Reparo, que

Eccles. 10.

Eccles. 10.20.

que naõ diz, *quàm furari*, que o furtar; mas diz, *amare pecuniam*, amar o dinheyro; e dá o Sagrado Texto a razaõ; porque quem ama com demaſiada affeyçaõ o dinheyro, venderá com muyta facilidade a ſua Alma: *Hic enim & animam ſuam venalem habet.* E o Profeta Jeremias chora a maldade, e ruina do genero humano; pois em todos os eſtados raro he, o que vive izento deſte vicio da Avareza: *A minore uſque ad maiorem omnes avaritiæ ſtudent, & à Propheta uſque ad Sacerdotem.* Acham-ſe homens, que vivem na opiniaõ de bons Catholicos, ſe confeſſam, e commungaõ todos os mezes; não ouvireis delles hũa palavra, que offenda; frequentaõ as Confrarias; ſaõ Juizes, e Mordomos dellas; acompanhaõ o Veneravel aos enfermos, e ſaõ de edificação a todos. Porèm, ſe os tocais no intereſſe, os achareis taõ pegados na ſua fazenda, que açoutaràõ os eſcravos como tyrannos, ſó porque quebràraõ hum vidro, ou hum pucaro de barro, ou porque não acabàrão a ſua tarefa: *Omnes avaritiæ ſtudent à minore uſque ad maiorem.*

Eccleſ. 10.10.

Jerem. cap 6.

E que diremos das mulheres? Não fazem ellas peyor, eſpecialmente neſta noſſa terra do Braſil? Todo o ſeu cuydado, e ſentido, como he ſexo mais devoto, he irás Igrejas fazer as ſuas devações, aſſiſtir ás Novenas, confeſſarem-ſe, e commungarem muytas vezes. Tudo iſto me parece muyto bem; mas tambem dellas ſe pòde dizer com o Profeta: *Omnes avaritiæ ſtudent.* E que eſtranha, e ſordida avareza tem algũas dellas, e permitta Deos, que não ſejaõ muytas! Toda a ſua grandeza conſiſte em ter hũa quantidade de eſcravas ao redor do ſeu eſtrado, humas cuſtureyras, outras rendeyras; eſtas ao ganho, aquellas a vender as meſmas rendas, que fazem; o ſuſtento dellas, jà ſe ſabe, he huma pouca

de

de farinha de páo, com algumas bananas, ou algũs ervas cozidas, ou legumes; quando os ha, ou lhos dão. Aquellas, que fazem rendas, ou custuras, ainda que sejaõ occupadas entre dia em algum serviço da casa, sempre hão de acabar a sua conta, se naõ poder ser de dia, seja de noyte, com lhe tirar o descanço necessario do sono. As que vão ao ganho, ou vendem, se não achão a vender a renda pelo preço, que quer a Senhora, para não serem açoutadas vendem o seu corpo; e aquellas do ganho não achando, que ganhar de dia com o seu serviço, fazem servir o seu corpo de noyte para ganhar com menos trabalho. Oh que avareza suja, e enorme he esta! Oh que peccado hediondo! Oh que delicto execrando, ainda peyor do que o abomina o Espirito Santo! Pois tal mulher por amor do dinheyro vende a sua Alma ao Demonio: *Animam suam venalem habet.* Mas pelo interesse de poucos vintens, obriga as suas escravas, a pòr em leylaõ o seu corpo, e vender as suas Almas, que não custárão menos, que a morte, e Payxão de N. Senhor JESU Christo; e depois de resgatadas com o seu preciosissimo sangue obrigalas a padecer eternamente no Inferno.

Este vicio da Avareza nesta nossa era reynará tambem em alguns Ecclesiasticos, como nos tem-
Jerem 6 pos de Jeremias: *A' Propheta usque ad Sacerdotem.* Oxalà, que assim não fora: porque pelo modo com que vemos viverem agora alguns Sacerdotes da Ley da graça, saõ ainda mais Avarentos, do que forão os da Ley escrita. Comecemos pelos Vigayros, e Parocos. Vaga huma Freguesia, ou Paroquia, que rende quinhentos, ou seiscentos mil reis. Oh quantos Clerigos ao concurso! Sabem muy bem todos, que o Bispo não deve, nem a pòde dar de justiça, senão ao mais douto, e mais digno: e se naõ tendes estudado, em

ou ſe ſabeis ſómente quatro caſos lidos em algum livro vulgar, como aveis de reſponder em latim no exame, e ſoltar os argumentos? Reſponderáõ, que tem Amigos ricos, que fallaráõ, e peytaráõ aos Examinadores, e que para ajuſtar a conſciencia baſta ter hum bom Coadjutor, que faça tudo. Má doutrina, e peyor conſciencia, por naõ dizer peſſima ſimonia. E para que ſerve huma Igreja tão opulenta, encarregando todo o trabalho a outrem, com guardar ſó para ſi o rendimento com as funções, que lucraõ, ou daõ honra? Bem ſey, que diz Saõ Paulo: *Qui altari deſerviunt, cum altari participant.* Aquelles, que ſervem ao altar, devem participar das rendas do altar; e por iſto os Sagrados Canones explicaõ eſta participação com dizer: *Qui altari ſerviunt, de altari vivant.* Naõ dizem *diteſcant*, que enriqueção; mas que das rendas do altar ſe lhe dê hũa congrua ſufficiente ao ſeu eſtado, para viverem; ſendo claro, que os bens Eccleſiaſticos, por ſerem patrimonio de Chriſto, tirando aquelle tanto, quanto for preciſo para o puro ſuſtento, não ſe podem gaſtar em outro uſo, nem com os meſmos parentes, ſe naõ forem neceſſitados, quando de boa razão (como dizem os Santos Padres) ſe deve aos pobres. Muytos Sacerdotes pois, naõ he crivel, quanto commummente ſejaõ dominados da Avareza comprando, e vendendo, ſem pejo, nem eſcrupulo como negociantes, que ſó trataõ do bem das Almas, quando eſperaõ algũa conveniencia. Apenas cae doente algum mercador rico, ou algum Miniſtro, ou peſſoa capaz de dependencia, logo os Parocos, os Coadjutores, e Capellães correm para a ſua caſa, para lhe aſſiſtir com os Sacramentos, e ſe a doença creſce, não ſe afaſtaõ do arredor do leyto. Sabe-ſe que ha de tomar o Viatico; oh que concurſo de Capellães, e

1. *Cor.* 1 9.

Clerigos intervem! Nunca o Veneravel he tão venerado! No mesmo tempo entraõ os Regulares, este com o manto de N. Senhora da Saude; outro com o Menino JESUS; este com alguma reliquia de algum Santo da sua ordem; aquelle com fazerlhe fazer voto de alguma Novena, ou romaria; e desta maneyra fica a casa chea de Sacerdotes, e Regulares. Admiro, e louvo o grande zelo de salvar esta Alma; porèm reparo, que no mesmo dia estão na Cidade muytos doentes de perigo tão pobres, que apenas achaõ algum vesinho, que por caridade và avisar o Vigayro, ou o Coadjutor para os Sacramentos; e lhe respondem, que no dia seguinte. Estaõ muytos Negros, e Negras, huns forros, e outros captivos deytados sobre hũa esteyra em calebres desemparados de todo, e conhecendo, que se lhe chega a hora da morte, não cuydão em remedios, ou alivios do corpo, mas só pedem confissaõ para salvarem as suas Almas. Vay algum Caritativo à Freguesia, acha, que o Paroco està mal disposto, e que o Coadjutor està fóra; espera por elle, e lhe responde, que vá buscar Confessor a algum Convento, que elle não pòde ir, por ter hũa occupação precisa. Vay ao Convento, e se he de noyte, acha a corda da campainha amarrada, e naõ pòde tocar, porque os Religiosos repousaõ; se vay de dia, lhe responde o Porteyro, que os Religiosos tem suas occupações da Ordem, que torne ao seu Paroco, a quem toca por razão do officio, e de justiça, pois he estipendiado. Entretanto o pobre jà perdida a falla, e o escravo jà espirando, ambos morrem sem confissaõ. Mas como pòde ser isto? Se fosse em outras terras, me calaria; porèm nas nossas Conquistas, e Monarquia Portugueza, aonde a Fé Catholica, e o Zelo de salvar as Almas sobrepuja as mais Nações! Naõ parece crivel. E com tudo

assim

assim succede. Pois com tanto zelo, e fervor, para salvar a Alma de hum Rico, correm Ecclesiasticos, e Regulares à sua casa sem serem chamados, e para o miseravel escravo, ou para algum pobre ninguem se move; todos saõ occupados? sim! Porque, como diz Jeremias: *Omnes avaritiæ student à Propheta usque ad Sacerdotem.* O Rico tem que deyxar, ha de fazer testamento, disporá ao menos da sua terça em obras pias, lhe farão hum enterro sumptuoso; cada hum procura, que se enterre na sua Igreja; outro algũa Capella de Missas: outro algum dote para algũa Parenta Orfaã, ou Pobre: *Omnes avaritiæ student.* Jerem. 6.

Quero dar fim a este paragrafo com hum caso, que succedeo, ha mais de trinta annos, em hum engenho do mato do reconcavo da Cidade da Bahia. Confesso, que quando mo contárão, e mostràraõ o lugar, na primeyra Missaõ, que fiz naquella paragem, me ficou de tal sorte impresso na memoria, que me obrigou a escrevelo, para que se conheça, quanto pòde este vicio da Avareza, ainda em hum Ecclesiastico, quando de pobre, e faminto quer entheſourar dinheyros. Chegou na frota dos Navios do Porto hum Sacerdote mal vestido, e peyor trajado, e logo buscou de ser Capellão em hum engenho. Foy provido; e o Senhor do engenho vendo-o tão pobre, e humilde lhe deu hum Negro, para o servir, e hum cavallo, para acudir às Confissoẽs dos applicados à sua Capella, alèm do estipendio de quarenta mil reis, e outros tantos dos seus applicados, e a Missa quotidiana de dous tostoens cada dia; que nunca lhe faltava, pois supria o Senhor do engenho, para que a dicesse pelas Almas dos seus Defuntos. Ganhou em dous, ou tres annos, para comprar quatro, ou cinco escravos, e o Senhor do engenho lhe deu hum pe-

pedaço da terra, para plantar canas; rendia o Canaveal felizmente, e fazendo bom açucar comprou mais escravos com bois, e carro. Vendo-se elle com fazenda, não tratava jà das Confissoẽs, nem do bem das Almas; naõ fallava se naõ de interesse, e de rendimentos. Toda a sua occupação era assistir no Canaveal; elle fazia de Feytor, e juntamente de escravo, trabalhando com a enxada na maõ entre elles; porèm o sustento era taõ limitado, que naõ podiaõ aturar o serviço; nem elle passava melhor; porque vendo os seus Freguezes, que já tinha fazenda, naõ lhe mandavaõ mimos, e elle como Avarento passava miseravelmente por não gastar dinheyro. Chegou finalmente o tempo de gozar do seu trabalho; e foy o caso, que carregando o seu açucar nos carros, para o conduzir ao porto do mar, como o caminho era cheyo de lamas, succedeo ficar o carro metido em hum atoleyro, sem que os bois podessem arrancalo; e com a diligencia hum dos bois ficou tambem atolado. Quem disse, que os Avarentos saõ cegos, disse bem. Oh cegueyra inaudita! O Sacerdote por naõ perder o boy, resolveo-se a entrar no lameyro; e pondo os hombros debayxo do jugo, dizia com voz alta ao escravo, que tinha a aguilhada na mão: deyxa estar o boy; pica-me a mim; e pica-me bem. O escravo pasmado da cegueyra de seu Senhor, e pela veneração, que tinha ao caracter Sacerdotal, picou o boy com tal violencia, que fazendo hum esforço para se levantar, deu com huma ponta nas costelas do Sacerdote; que lhe estava à ilharga puxando debayxo do jugo, que não pode dizer outra palavra senão esta. Ah, que o meu boy me matou! E este foy o nome de JESUS, que invocou, e foy o Acto de Contriçaõ, que fez; e arrancando-se o boy vivo, ficou o Sacerdote no atoleyro morto.

Om-

Omnes avaritiæ ſtudent à Propheta uſque ad Sacerdotem. Aſſim vaõ a acabar os Avarentos.

Viſto, que a mayor parte dos homens ſaõ dominados por eſte vicio da avareza, continuemos agora a dizer as razões, e provas, porque he moralmente impoſſivel, que os Avarentos ſe ſalvem. Para poderem ſalvarſe, devem (como diſſemos no principio) mudar de vontade, e diſpirſe do amor demaſiado, que tem às ſuas riquezas; mas de tal ſorte eſtaõ arreygados em accreſcentar a fazenda, que deſejaõ ter ſempre mais; e por muyto mais, que tenhaõ, ſempre como hidropicos do ouro, e da prata nunca eſtá farto o ſeu deſejo, cubiçando as riquezas com mayor ſede: *Creſcit indulgens ſibi dirus hydrops. Quo plus ſunt potæ, plus ſitiuntur aquæ.* Conſiderando S. Agoſtinho as palavras do Profeta Iſaias: *Repleta eſt terra argento, & auro*, que a terra eſtava chea de ouro, e prata, repara, que não diſſe o Profeta, que ficaſſe tambem cheyo, e farto o coração do homem! *Terra impleri poteſt, cor non poteſt.* Poderàõ as minas do Braſil dar mais ouro em pò, que não daõ areas meudas as prayas do mar; poderà o Perù, e o Potoſi dar tanta prata, que não a poſſaõ carregar todos os navios mercantes, e do regiſtro, com tudo para a cubiça do coraçaõ do homem ſerá pouca couſa, e deſejará ſempre mais. As cargas das naos tem ſua medida, eſta chea, não tomaõ mais carga. O coração dos homens avarentos não tem medida; quanta mais carga tem, tanta mais deſejaõ, atè ſe afundarem na morte, irem improviſamente a pique ao Inferno: *Terra impleri poteſt, cor non poteſt.*

Iſai. c. 8.

Auguſt. ibi.

Todos os vicios, e payxões humanas ordinariamente ſe vencem com hum deſtes tres remedios geraes. Ou por hum feliz ſucceſſo, ou por hum caſo deſaſtrado, ou por fraqueza, e impotencia da natureza.

reza. Appareça hum vingativo, com o coraçaõ todo fogo, traz a honra na ponta da espada, não cuyda se não em vingança, e todo o seu sentido de vingarse, com matar ao inimigo: succede huma occasiaõ de sair com mayor brio, e lustre do empenho, ou por huma inspiração Divina de fazer hum acto heroico, e ganhar o Paraiso de hum golpe, com desprezar a honra fantastica, que consiste naquelle pensamento. Que dirà o Mundo! No mesmo instante de Leaõ se faz Cordeyro, torna a embainhar a espada, abraça o inimigo, e em lugar da morte, lhe dá a vida. Assim fez Saõ Joaõ Gualberto, que de peccador foy hum grande Santo, e Fundador da Ordem dos Vallombrasianos. Hum ambicioso de honras não descança, atè alcançar aquelle posto, tão desejado. Depois que o possue, não se contenta, mas faz o possivel para chegar a torto, ou direyto àquella dignidade; e estando já no cume das suas grandezas, entra a emulação dos competidores, e a enveja dos pretendentes; vira a roda da fortuna; cahe na desgraça do Principe; todos o deyxão, e todos fogem delle. Este mao succesſo lhe faz conhecer a vaidade do Mundo, que jà lhe aborrece, como inconstante, e como traydor, e virando-lhe as costas, entra em hũa Religião observante, para servir a hum Rey, que nunca falta, nem lhe póde faltar, com darlhe a paz, e quietação nesta vida, e na outra a bemaventurança. Assim succedeo a Saõ Pedro Gonçalves. Passeava este vestido de bellissima gala sobre hum Cavallo ginete, com os arreyos bordados de ouro, e prata, que parecia hum Sol brilhante, fazendo pompa das suas luzes. Hum improviso salto do Cavallo com hum contratempo não esperado bastou para hum total ecclipse deste luzido Planeta; porque cahindo vergonhosamente estendido no lodo,

de

de eſpelho da vaidade, ficou eſpectaculo de riſo. Levantou-ſe, e vendo-ſe tão deforme; e eſcarnecido não quiz mais Cavallo; mas aſſim envergonhado, com os olhos bayxos foy á portaria de S. Domingos, e deſpindo-ſe das galas, deſpedio os criados, dizendo; daqui não ſahirey mais ſenão Religioſo. Eis-aqui como hum mao ſucceſſo ſerve de deſengano, abre os olhos da Alma, e troca hum moço, de vaõ, e ſoberbo em hum Santo humilde. A fraqueza, a doença, e a impotencia naõ tem menos força, para ſarar hum luxurioſo, ainda, que ſeja habituado de muytos annos nas ſuas torpezas. Deſenganem-ſe todos aquelles, que dizem não lhes ſer poſſivel paſſar neſta vida ſem os deleytes da carne, que ſe naõ deyxarem eſte vicio, virà hum dia, em que o vicio deyxarà a elles. Lembrem-ſe, que a velhice, a natureza cançada, os morbos gallicos, e outros achaques, os fará incapazes de uſar mal do ſeu corpo, que foy creado, para ſer Templo de Deos. Sey, que muytos debayxo das cinzas da impotencia do corpo tem na imaginação, e penſamento, conſervando ſempre aceſo eſte fogo deshoneſto, levando-o comſigo atè á ſepultura. Mas, que digo, atè á ſepultura! O levarà comſigo atè o Inferno; e lhe durará por toda a eternidade; porque morrendo em peccado mortal com affecto deſordenado aos deleytes da carne, aquella ſua fantaſia, e imaginação depravada lhe ficarà como hũa eſpecie impreſſa ſempre fixa, ſem nunca poder dar hum momento de goſto ao ſeu deſejo; mas pouco importaria o ſer para ſempre privado deſte goſto, commum atè aos brutos, ſe não tiveſſe outra eſpecie impreſſa, que ha de tolerar tormentos inſoffriveis eternamente. Oh que deſeſperaçaõ! Oh que batalha cruel da propria vontade, contra a propria vontade. Nunca ter, o que

quer, e sempre ter, o que naõ quer; sempre desejar, e querer deleytes momentaneos, e nunca telos, nem por hum instante; não querer, e aborrecer tormentos, e penas, e sempre telas eternamente! Esta consideração bem digerida no entendimento, e conservada cada dia na memoria, sey, que imprimio especies de tal modo differentes em varios meus confessados, que não quizerão mais cuydar, nem ver, nem ouvir fallar em torpezas. Fizeraõ da necessidade virtude, e quanto mais hediondos eraõ os achaques, tanto mais debilitada era a natureza, e serviam-lhes de remedios mais efficazes, para a salvaçaõ da Alma. Seguiaõ a doutrina de Saõ Paulo: *Humanum dico propter infirmitatem carnis vestræ sicuti enim exhibuistis membra vestra, servire immunditiæ, & iniquitati, ad iniquitatem, ita nunc exhibete membra vestra servire justitiæ in sanctificationem.* Do sobredito se infere ser verdade, que todos os vicios, e payxões, tem seu remedio, ou em hum feliz successo, ou em hum caso desestrado, ou na impotencia, ou enfermidade do corpo. Porèm na Avareza não he assim; antes estes tres remedios, que destroem todos os mais vicios, lhe servem de oleo, e enxofre, que mais lhe acende o fogo insaciavel da sua cubiça.

Rom. c. 6. 19.

Quanto mais feliz he hum Avarento, tanto mais se augmenta a sua payxaõ. Santo Agostinho diz, que a Avareza he semelhante ao inferno, que nunca diz basta: *Avaritia est abyssus insatiabilis, quæ nunquam dicit sufficit.* Os elementos tem seus limites, e todas as cousas tem seu termo, e fim. Sò a Avareza não tem limite, não tem termo, nem tem fim: *Omnia suis terminis clauduntur, sola avaritia nullo clauditur fine.* Os bons, ou maos successos, de nada servem para a emenda de hum Avarento; se tem perdas no mar,

Augustin. Serm. ad fr. de Erem.

Aug. ibi

mar; ou desgraças na terra, entra em tristezas, e para reparar os danos, e recuperar o perdido, naõ ha violencias, que naõ faça, não ha injustiças, a que não se atreva; porque não paga as dividas, opprime as viuvas, e engana os orfaõs, e deste modo diz Saõ Jeronymo, que a Avareza he hum mal sem remedio, que nunca se fara, nem com a indigencia, nem com a abundancia: *Semper Avarus eget, cujus avaritia neque inopiâ, neque copiâ minuitur.* Por ventura a infermidade, a fraqueza, ou outro achaque incuravel curará este vicio, e será o unico antidoto desta peste da Avareza? De nenhũa sorte. Poderá por ventura ser, que a neve da velhice esfrie o ardor, e cubiça de sempre ter mais fazenda? Menos o farà; pois a Avareza he hum fogo taõ industrioso; que para se conservar: *Scit* (como diz o Poeta) *nivibus servare fidem.* Ao menos na idade já decrepita, quando a morte lhe estarà diante dos olhos, então o Avarento se resolverà a deyxar tudo? E senão tudo, ao menos o que lhe não for precisamente necessario? Tudo ao contrario será; porque então a Avareza augmenta mais as forças, quando adverte, que a natureza já prostrada vay diminuindo as suas. E (como diz Santo Antonino) quando o Homem vay envelhecendo, sempre vay descaindo, porque perde as forças, e se rende mais fraco; porèm a Avareza, quanto mais velha se faz, tanto mais se remonta, e se rende mais forte, e potente: *Cætera vitia homine inveterascente senescunt, sola avaritia juvenescit.* Fica logo certo *de lege ordinaria* ser moralmente impossivel, que hum Avarento mude a sua vontade de pessuir, e accrescentar fazenda; pois nenhum dos remedios a diminuem, antes todos a augmentaõ.

Hier. in Eccles. cap. 9.

Claud.

S. Ant. part. 2. cap. 1.

E se todos os remedios humanos não tem efficacia

cacia para mudar a vontade de hum Avarento, de modo que desapegue a sua affeyção desordenada, que tem ao dinheyro, que he o seu idolo; a graça de nosso Senhor JESU Christo, que tudo pòde, naõ poderá mover a vontade de hum Avarento, e trocarlhe o coração de modo que queyra antes ser hum Lazaro pobre, e entrar no Paraiso, que ficar hum Rico Avarento, e ser sepultado no inferno? Naõ: attendendo à cooperação, que da sua parte deve pòr o mesmo Avarento, e sem a qual nunca o farà nosso Senhor JESU Christo, sem fazer hum milagre prodigioso, que não se deve presumir, nem esperar sem hũa grande temeridade. He bellissimo o reparo, que a este proposito faz Saõ Joaõ Chrysostomo. Quando Deos quer sarar os peccadores dos outros vicios, acha só a difficuldade no mao habito daquelle vicio. Mais claro. Quer Deos introduzir a virtude da humildade em huma Alma, acha só a difficuldade da parte do vicio contrario, que he a soberba. Quer estabelecer a castidade, e a pureza; e só lhe faz resistencia a luxuria. Quer introduzir a paz, a quietação, e o amor do inimigo, e só experimenta contrarias, a ira, a colera, e a vingança; mas quando se trata de estabelecer o desprezo das riquezas, não só acha resistencia da parte da Avareza; mas de todas as mais payxões, e vicios, que todos unidos se oppoem como ramos dependentes da sua arvore; porque (como diz Saõ Paulo) sendo a Avareza a raiz de todos os males, e de todos os peccados: *Radix omnium malorum est cupiditas.*, arrancando-se esta, ficaõ secos, e arrancados todos os mais vicios. Quem tem dinheyro, e possue muyta fazenda, tem honras, tem dignidades, tem boa mesa, tem os deleytes, que quer, tem dependencias, tem Amigos, e tem criados; todos o buscaõ, todos o ser-

2. Timoth. 6.

o ſervem, todos lhe obedecem, atè os meſmos vicios: *Pecuniæ obediunt omnia*, e finalmente quem dinheyro tiver, farà o que quizer. Ora vejaõ que reſiſtencia acharà a graça de noſſo Senhor JESU Chriſto, para mudar o coraçaõ de hum Avarento, quando para arrancarlhe a Avareza, ha de pelejar, e vencer no meſmo tempo, unidos entre ſi, e conjurados, todos os vicios. *Eccleſ. 10.*

Acho no Texto Sagrado hũa prova concludente de quanto temos dito. Joſuè tendo vencido em huma batalha os inimigos do Povo eſcolhido, e querendo deſtruilos todos, e aprifionar os cinco Reys, que tinhão cercada a Cidade de Gabaon, mandou ao Sol, que na velocidade do ſeu curſo paraſſe: *Sol contra Gabaon ne movearis.* E eſtando aquelle Principe dos Planetas no meyo da ſua carreyra parou logo, e pelo eſpacio de vinte e quatro horas naõ continuou o ſeu curſo: *Stetit itaque Sol in medio Cæli, & non feſtinavit occumbere ſpatio unius diei.* E o que mais faz admirar he, que o meſmo Deos obedeceo logo à voz de Joſuè: *Obediente Deo voci hominis.* Pelo contrario manda Joſuè ſobpena de morte ao exercito, que nenhum ſe atreva tomar couſa alguma dos deſpojos, vencidos que foſſem os inimigos; e que eſta era a vontade, e preceyto de Deos: *Vos autem cavete ne de his, quæ præcepta ſunt, quidpiam contingatis. Quidquid autem auri, & argenti fuerit, Domino conſecretur.* E com tudo achou-ſe hum ſoldado por nome Acham, que vendo humas moedinhas de prata, e hum pequeno de ouro, cego da avareza quebrou logo o mandamento. Exclama aqui atonito Santo Ambroſio, e faz eſte reparo. Ordena Joſuè ao Sol, que pare no meyo do ſeu curſo, e ficou immovel; manda a hum homem avarento, que não ſe aproveyte dos deſpojos, e naõ quiz obedecer. *Joſuè cap. 10.* *Joſue cap. 6. 12. 14.*

decer: *Qui solem fecit sistere, avaritiam sistere non potuit.* O mesmo Deos obedece a Josuè, e hum miseravel soldado lhe resiste! Daqui claramente se infere ser moralmente impossivel, que a graça de nosso Senhor JESU Christo mude o coraçaõ de hũ Avarento, quando já está empedernido, e constante.

D. Ambros.

Esta verdade fica autenticada por infallivel no Evangelho na pessoa de Judas. Christo o tinha eleyto, e admittido entre os seus Discipulos, e instruido no desprezo das riquezas com a sua doutrina, e com o seu exemplo. Os Apostolos à sua vista tinhaõ deyxado, quanto possuhiaõ para seguir a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.* E com tudo a Avareza o fez resolver a ser traydor ao seu Mestre, e vendelo por vilissimo preço. Nosso Senhor JESU Christo se valeo de todos os modos imaginaveis para o converter; em todas as occasioens lhe mostrava hum amor excessivo; selo Thesoureyro do Collegio Apostolico, polo á sua mesa, e lhe deu atè o seu mesmo corpo a comer. Ah, Judas, Judas! Ah desgraçado! Por avarento que fosse o teu coraçaõ, naõ devia estar já satisfeyto, e farto, tendo encerrado em teu peyto Jesu Christo, que val mais, que todos os thesouros do Mundo? No Horto todos os Soldados, que buscavaõ a Jesu, para o prenderem, dizendo Christo *Ego sum*: Eu sou; todos cahiraõ por terra, e com tudo Judas com o seu coraçaõ empedernido naõ se abalou; antes levantando que foy em pè, vendo, que Christo, como manço Cordeyro, delle recebèra o abraço, e osculo de paz, como Amigo, a nada se moveo, e nada disto fez impressaõ alguma no coraçaõ insaciavel deste avarento; antes a sua avareza fez, que preferisse trinta dinheyros ao seu Divino Mestre; à sua salvaçaõ, e ao seu Deos. S. Pedro em poucas horas

Matth. 19.

Joan. 18

ras negou tres vezes a Chriſto; mas logo, que vio os olhos amoroſos do ſeu Meſtre, lhe arrebentou o coraçaõ de dor, e ſe desfez em lagrimas de penitencia: *Flevit amarè.* Saõ Thomè foy infiel, foy incredulo; mas logo que tocou o coſtado de Chriſto; ſe confirmou na fé, amando-o com mais ternura. A Magdalena era peſſuida de ſete Demonios; porèm logo que chegou aos pès de Chriſto, trocou tão de vèras o amor profano no amor a JESU, que *dilexit multum*, e por iſto de grande Peccadora ficou hũa grande Santa. Saõ Paulo embebido na Ley de Moyſés, ſe fez perſeguidor da Ley de Chriſto; mas com dizer-lhe ſó: *Saule Saule quid me perſequeris?* Porque me perſegues Paulo? Baſtou, para de perſeguidor, ſer hum grande Apoſtolo. Sò ao deſgraçado Judas naõ valèraõ, nem a ſua viſta amoroſa, nem as ſuas palavras de vida, nem a ſua doutrina do Ceo, nem os ſeus milagres, e prodigios, nem a ſua humanidade ſacroſanta, nem a ſua divindade; porque o Avarento (como diz Saõ Boaventura) quer antes a ſua fazenda, que o Paraiſo; mais ama o dinheyro, que he o ſeu Idolo, que o meſmo Deos: *Avarus Deus contemnit, quia plus diligit, pecuniam, quàm Deum.* Quero concluir eſte primeyro ponto com dizer, que ſe a graça, e miſericordia Divina naõ obrou couſa alguma em Judas, obrou muyto a ſua recta juſtiça, e vingança; porque primeyro que morreſſe Chriſto na Cruz, morreu elle deſeſperado, precipitando a ſua Alma no inferno. Todos os Avarentos (diz S. Joaõ Chryſoſtomo) tem o meſmo achaque; e ſaõ ſemelhantes a Judas, e aſſim podem temer juſtamente, que ſendo dominados da meſma payxaõ, faraõ o meſmo fim; ſazendo-lhe companhia por toda a eternidade no Inferno; e ſe he moralmente impoſſivel, que os Avarentos ſe ſalvem;

Matth. 16.

Acto Apoſt. 12.

S. Bonav. lib. 1. c. 6.

que

que será daquelles, que furtaõ, e retem o alheyo sem o restituir? Esta he a materia, que propuzemos tratar no segundo ponto, que agora se segue.

Segundo Ponto.

Quando S. Bernardo estava na Cidade de Milaõ naquelle grande conceito de Santo, que atè mortos resuscitava, lhe trouxeraõ hum Endemoninhado; para que o esconjurasse atè expelir os Demonios daquelle corpo. Perguntou-lhe logo o Santo. Quantos sois vòs? E como vos chamais? Respondeo-lhe logo o Endemoninhado: Nòs naõ somos tantos, como aquelles dos Gerasenos no Evangelho, que se chamava *legio*, que quer dizer huma legiaõ inteira de mais de quinhentos. Somos sómente tres, que valemos, e podemos por mais de mil; e nos chamamos, hum *fecha corações*, o outro *fecha bocas*; e o terceiro *fecha bolsas*: O primeyro impede, que os homens abraõ o seu coraçaõ a Deos, que naõ consintaõ às suas inspirações, que naõ ouçaõ a sua palavra, e sobre tudo, que naõ creaõ a terribilidade das penas do Inferno. O segundo fecha as bocas aos penitentes, quando se resolvem de se confessarem, engrandecendo-lhes a culpa, para que tenhaõ vergonha de dizer as suas torpezas; que o Confessor perderá o conceyto, e boa opiniaõ, que tinha delles; que lhe negará a absolviçaõ; ou gritará, e lhe dará grande penitencia. O terceyro Demonio he o fecha bolsas. Este he o mais atractivo, e poderoso de todos, pois effeytua as mais das vezes, o que os outros dous não pudèraõ alcançar; pois não lhe prohibe o confessarem-se antes o estimula, procurando, que a Confissaõ não seja valida, e os peccados não sejaõ perdoados, e fique de mais a mais com hum sacrilegio, por naõ fazer a restituiçaõ, ou por não fazela a seu tempo.

E que seja absolutamente necessario restituir o alheyo,

alheyo, fobpena de ſer eternamente condenado ao Inferno, ſeria hum perder tempo em ajuntar Textos da Sagrada Eſcritura, citar Concilios, alegar Santos Padres, trazer Doutrinas Theologicas, pois nunca ſe achou, nem Doutor, nem Caſoiſta, nem Theologo, ou Canoniſta, que falle o contrario, ou o ponha em duvida. O meſmo furto prèga em voz alta eſta verdade: *Res clamat Domino ſuo.* Grita continuamente no coraçaõ, que reſtituaõ a ſeu dono. A conſciencia não pàra; nunca ſe aquieta; dà picadas ferozes com remorſos inevitaveis. S. Medardo, Abbade, tinha huma junta de bois, que ſerviaõ para trazer agua, e lenha, ao ſeu Moſteyro. Hum deſtes bois tinha huma campainha dependurada ao peſcoço, para o acharem mais facilmente, quando ſe afaſtava do paſto. Paſſou hum ladraõ, e, deſatada a campainha, a meteu na algibeyra, e levou comſigo o boy para ſua caſa; porèm a campainha ſempre por ſi eſtava tinnindo. Fechou-a logo o ladraõ em huma cayxa, cubrindo-a bem de roupa; mas ainda aſſim não ceſſava de tinnir. Fez então hũa cova bem funda no chaõ, e enterrou-a, dizendo; ora tinne quanto quizeres: e ſe foy deytar. Apenas quiz pegar no ſono, quando a campainha afinou mais o ſom, tinnindo, e mais tinnindo. Paſmado deſte ſucceſſo o ladraõ, entrou em ſi, diſcorrendo deſte modo. Eſte ſom da campainha tão agudo, que me não deyxa dormir, naõ he natural; mas he a voz de Deos, que me deſperta, já que naõ quero ouvir a voz da conſciencia, que com tantas picadas me remorde pelo furto do boy. Pobres Monges, que alèm da perda do boy, tem tambem o dano de pagar a quem lhes acarretar agua, e lenha. Com eſte penſamento ſe levantou da cama, e, poſto de geolhos, pedio perdaõ a Deos do furto,

to, com propoſito de ir em peſſoa, ao amanhecer, reſtituir o boy ao Moſteyro. Couſa prodigioſa! Logo a campainha não tinnio mais. E elle, tornando-ſe a deytar, dormio ſocegadamente atè alto dia. Deſpertado do ſono, foy logo a ver o boy, que lhe pareceo bello, e bem gordo; e reparou tambem, que a campainha não tinnia como de principio. Eſquecido pois do propoſito, que na noyte antecedente tinha feyto, mudou de parecer, dizendo comſigo. Oh como he forte a imaginaçaõ do homem! Parecia-me hontem, que a campainha eſtava tinnindo; mas foy ſonho, e ſe não foy ſonho, eraõ por certo os ouvidos; que me zuniaõ a modo de campainha? Aonde levarey eu agora eſte boy, para o ſazer logo em dinheyro? Apenas conſentio neſta determinaçaõ, quando logo a campainha tornou a tinnir de novo, e taõ forte, como ſe aquelle caſebre foſſe hũa Capella, na qual tangendo chamaſſe a gente á Miſſa. Deſenterrou logo o ladraõ a campainha, e a levou com o boy a Saõ Medardo, que jà o eſtava eſperando á portaria; e lhe diſſe: Sejais bem vindo com trazer o noſſo boy, que já fazia grande falta ao Moſteyro. Oh, ſe todas as vezes, que ſe faz algum furto, permittira Deos ſemelhantes campainhas; em quantas caſas ſe ouviria eſte tinnido de dia, e de noyte! E que confuſaõ averia nas Cidades com tantos, que andaõ pelas ruas, não ſe podendo já deſtinguir, qual foſſe a campainha da Miſericordia; qual do Hoſpital; qual da irmandade dos Terceyros; qual das de mais confrarias! Tudo ſeria tinnir ſem atinar no tinnido. Mas deſengane-ſe, quem não reſtitue a fazenda alhea, que ſe agora não ouve a campainha de fóra, ouvirà em quanto viver a campainha por dentro muyto mais moleſta, que he a conſciencia, que ſem-

sempre bradará com este som: *Res clamat Domino suo.* E com tais remorsos, e picadas na Alma, que o mais doce mel das delicias lhe parecerà hũ fel amargozo. Naõ fallo por agora no tormento, que dará no Inferno este remorso, que he o verme da consciencia, que sempre ròe, e nunca morre: *Vermis enim non moritur.* Tormento taõ desesperado, que me obrigou a hũ discurso á parte, que he o penultimo. Tornemos agora ao Demonio *fecha bolsas*, e vejamos a sua astucia, e maldade. Elle naõ custuma persuadir a hum Catholico, que naõ restitua, porque bem conhece, que perderia o tempo, e o seu trabalho; pois todo o Catholico crè, e teme o inferno, e sabe, que se não restitue, ha de penar eternamente. Mas sim representa-lhe razoens aparentes, porque não restitua logo, assegurando-lhe, que basta fazer restituiçaõ; em tempo, que tiver mayor comodo, ou achar melhor conveniencia. Que se adoecer, farà testamento, e deyxará esta comissaõ com clareza aos seus herdeyros. Oh astucia diabolica! Oh infernal engano! Primeyramente prevè o Demonio; que vòs podereis morrer repentinamente, ou ter hũa tal enfermidade (como succede a muytos) que naõ possais fazer testamento, e ainda que tenhais o juizo livre, e vontade de o fazer; os que vos herdaõ *ab intestato*, por medo dos legados pios, que podeis testar, vos diraõ, que a morte está bem longe, e dado caso, que por resoluçaõ firme façais o testamento, poderá ser, que o Escrivão induzido pelos Parentes, com mudar hũa só palavra, ou accrescentar huma pequena formalidade, farà, que a vossa boa intençaõ naõ tenha effeyto depois de morto, ou pelo menos seja hum seminario de contendas, e demandas, que, sabe Deos, quando se lhe verá o fim. O que mais faz tremer

hum Catholico na materia da restituiçaõ, he, que differindo-a, se commette hum numero quasi innumeravel de peccados; pois este preceyto de naõ furtar he negativo, que obriga em todo o tempo, e, como dizem os Santos Padres, e Doutores da Igreja, *semper*, *& pro semper*; para sempre. Começarey as provas desta verdade pelo grande lume da Igreja, o Doutor Santo Agostinho, o qual escrevendo a Macedonio diz assim: *Si res aliqua propter quam peccatum est, & non redditur, pœnitentia non agitur, sed simulatur.* Quando alguem pòde restituir a cousa alhea, e naõ a restitue logo, este naõ quer fazer penitencia; mas finge de a fazer, para naõ restituir. O Doutor Angelico Santo Thomàs diz, que confórme o furtar he hum peccado contra justiça, assim tambem he o mesmo peccado o reter o furto contra a vontade de seu dono; porque he privalo do uso; e dos fruytos, e rendimentos dos seus bens, e naõ he licito perseverar neste peccado, nem por breve tempo: *Sicut accipere rem alienam est peccatum contra justitiam, ita etiam detinere eam, invito Domino; quia sic eum impedit ab usu rei suæ: manifestum est autem, quod nec per modicum tempus licet in peccato morari.* O Piissimo Religioso Frey Luis de Granada, que toda a Igreja Catholica pela sua grande virtude, e letras, venera como Oraculo da verdade, exhorta a todo o fiel Christaõ, que possue fazenda alhea, a restituila logo, e sem detença; e naõ basta, que tenha intençaõ resoluta, de o fazer em outro tempo mais proprio para elle, ou mais proporcionado aos seus interesses. E o P. Gregorio de Valencia da Companhia de JESUS taõ esclarecido, pelas suas doutrinas Theologicas, prova, que a prompta restituiçaõ he necessaria por preceyto negativo, e que naõ o fazendo logo, se commette o mesmo

Suar. tom. de rest

Aug. ep. 54 ad Maced.

D. Th. 2 2. q. 62. art. 8.

mo peccado, como se de novo tivesse furtado a mesma cousa: *Restitutio est necessaria ex præcepto negativo, & omissio illius æquivalet injustæ acceptioni.* Fundaõ-se todos estes Santos Padres, e Doutores Sagrados, na justiça, na razaõ, e no preceyto divino, que manda, que o salario devido aos criados, e obreyros, naõ se guarde para o dia seguinte: *Non remanebit merces usque manè*, e que naõ sejamos devedores de cousa alguma ao nosso proximo: *Nemini quidquam debeatis.* E por isto no Concilio geral Lateranense está definido, que o furtar cousa alhea, ou retela injustamente, e contra a vontade de seu Dono he o mesmo peccado: *Non multum interest, quoad periculum animæ, injustè detinere, ac invadere alienum.*

Greg. à Val. tom 2. disp. 5

Deut.

Rom. 13.

Concil. Lat cap de rest. tit.

E a fim de que naõ pareça este preceyto de naõ reter o alheyo riguroso, vejamos o que Deos ordenava na ley velha ao seu Povo. Se alguem (diz o Texto) tiver furtado hũa ovelha ao seu Proximo, ou a tiver comido, ou vendido, será obrigado por huma, restituir quatro: *Si quis furatus fuerit ovem, & occiderit, vel vendiderit, quatuor oves pro una ove restituet.* Comentando Santo Thomás estas palavras pergunta; se a ovelha furtada he huma só, como a Ley ordena, que se restituaõ quatro? E responde, que para impedir o furto, e reparar o reter o alheyo, com o lucro cessante, e dano emergente. A ovelha furtada dava a seu Dono quatro emolumentos; o leyte, para queyjos; a laã, para se vestir; o cordeyro, que nasce; e a carne da mesma ovelha; deve restituir ao Dono os danos, que lhe faz, e os interesses, que podia lucrar. Oh quantos, e quantos vivem enganados em todo o Mundo, especialmente neste Brasil; e depois vão ao inferno com lhes parecer de ter pagas as dividas, dizendo muy sosla-

solados; que nada devem! Tenho conhecido muytos Senhores de engenho, e outros lavradores, que fazendo huma boa safra de açucar, ou de tabacos, correm logo os acredores muy contentes, pela promessa, que na frota ficariaõ sem falta todos satisfeytos. E que fazem os tais devedores? Entra nelles o Demonio *fecha bolsas*, com acenderlhes o desejo de ser mais ricos; e discorrem assim. Se eu pago aos meus acredores nesta frota, fico sem hum vintem: pelo contrario, se eu lhes pagar para a frota, que vem, posso com este dinheyro comprar mais dez Negros, e estes metidos a trabalhar no tal canaveal, que está devoluto por falta delles, darà canas prodigiosas, e fará açucres como diamantes, e com o rendimento satisfaço aos meus acredores, e fico sem diminuição, antes com augmento do meu cabedal, cobrando nome de bom pagador, e fama de homem verdadeyro, e rico. Os Mercadores, e outros cubiçosos, fazem o mesmo negocio com reter o alheyo discorrendo do mesmo modo. Naõ convem a hum homem de negocio ficar com a cayxa sem dinheyro; pois o dinheyro he a alma do negocio. Se eu pago agora estas dividas, fica a cayxa vasia, e se detenho por este anno o pagamento, com o dinheyro, que me ficar, posso em hum leylaõ comprar hum lote de Negros, ou huma partida de fazendas secas, e vendendo depois parte dellas, com o ganho de trinta, ou quarenta por cento, torno a prover a cayxa; e com as que ficaõ mais fomenos accomodarey os meus acredores, dizendo-lhes, que naõ ha ver dinheyro, que ouro he, o que ouro vale; e por tanto não deyxe de remedear cada hum a sua necessidade, com as fazendas, que elle pessue, que todas estaõ á sua ordem. O pobre acredor, que tem os filhos rotos, e despidos; os escravos como nùs,

nùs, e neceſſita de outro par de eſcravos, para o ajudarem no ſeu trabalho, e para lhe carregarem hum pote de agua; eſtima por favor receber o que lhe dá o Mercador ao preço, que quer; e por naõ entrar em huma demanda, perder o tempo, e gaſtar quanto tem, torna a ſua caſa amaldiçoando tal homem, e diz á mulher, e filhos. Paciencia! De mao pagador em palhas, melhor he alguma couſa, que nada: (aſſim diz o ditado) mas eu naõ lhe perdo-o o meu ſuor, e o engano, e roubo, que me faz. Eis-aqui, como aſſim aquelles, que pagaõ, como aquelles, que retem os pagamentos, *à maiori uſque ad minorem, omnes avaritiæ ſtudent.* Todos eſtudão como Avarentos de enriquecer com enganar o ſeu proximo, e atè dos Eccleſiaſticos ſe achaõ alguns, que naõ ſaõ menos intereſſados, que os Seculares, e prouvera a Deos, que aſſim não fora. *Et à Propheta uſque ad Sacerdotem.* *Jerem. cap. 6.* *Jerem. 6.*

Eſtes ſaõ os diſcurſos, que o Demonio *Fecha bolſas* inſinua aos que com anxiedade procuràraõ as riquezas; eſtas ſaõ as induſtrias, que lhes aponta; eſtes ſaõ os enganos liſongeyros, com que os atrahe à perdiçaõ; e finalmente eſtes ſaõ os laços encubertos, com que os aſſegura no inferno: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum Diaboli.* E que laço he eſte, diz Saõ Paulo, que o Demonio tem armado aos que deſejaõ ajuntar, para ſerem ricos? Quem arma hum laço, o arma ao largo, e de qualidade, que a caça entre facilmente, e ſem ſoſpeyta de engano. Entrada a caça, aperta-ſe o laço, e quanta mayor violencia faz, para ſe deſembaraçar do laço, tanto mais o laço ſe aperta, atè morrer afogada. Do meſmo modo, o Demonio arma o ſeu laço ao largo; não diz, que furteis; que não pagueis as dividas; mas que naõ reſtituais logo, e *1. Tim. 1. cap 6.*

que naõ faltarà tempo para fatisfazer a todos com comodo voſſo, e com agrado das partes. Eis-aqui armado ao largo o laço do Demonio. Vòs por deſejar mais fazenda entrais no laço com a mira no voſſo lucro, e ſem cuydar no dano alheyo, nem nas conſequencias de retardar os pagamentos: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laquum Diaboli.* As conſequencias ſaõ, que quem detiver o alheyo, e naõ o reſtituir a ſeus donos, he obrigado (como já diſſemos) a reſtituir todos os frutos, emolumentos, e proveytos grangeados, e ſatisfazer todos os danos padecidos por culpa da voſſa injuſta retençaõ; e creſcendo conforme a medida do tempo, que ſe vay differindo a reſtituiçaõ, começa o Demonio *Fecha bolſas* a apertar o laço, e a faz parecer como impoſſivel. Peyor ainda, quando o Devedor ſe declara, que não quer pagar, ſenão for citado, e iſto, naõ porque folgue, que o citem, ſendo iſto hum deſcredito, ou deſdouro ſeu; mas porque o acredor he hum pobre, que não pòde deyxar a ſua lavoura, perdendo o ſerviço dos que o ajudaõ no trabalho, nem abandonar a ſua pobre familia, para acudir á demanda na Cidade, nem tem dinheyro, para pagar a Letrados, e Procuradores; e o Devedor vay prolongando a demanda com trapaſſas, pedindo viſtas, e reviſtas, ſó para o moleſtar, e vingarſe de o ter citado. Terrivel laço he eſte, e como agora ſe vay ſempre mais apertando, tendo-o ao principio armado o Demonio tanto ao largo! E quem ha de pagar eſtas perdas, e danos? Imagina-ſe o Devedor de ficar livre, e conſola-ſe com dizer: E que mal lhe tenho eu feyto com recorrer á juſtiça? Os Letrados, e Procuradores, que aceytáraõ a demanda, ſabendo, que era injuſta, e hũa pura trapaſſa, para dilatar o pagamento, dizem: lhe

ſa-

satisfação elles, e delles se queyxe. Ainda mal, que os Letrados, e Procuradores, saõ os primeyros, que pela cubiça de ganhar mais dinheyro, cahem neste laço armado ao largo, com dizer, eu alego razões, ou boas, ou màs, cito Textos, ou verdadeyros, ou apparentes; là se avenhaõ os Juizes, a quem toca discutir, e ler o meu arrezoado, decidir a causa, e dar a sentença, e assim todos enlaçados, para serem mais ricos, vão enganados ao Inferno; *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum Diaboli.* *Tom. 1. cap. 6.*

Vista a cegueyra, e mostrado o engano dos Avarentos, que lhes rende impossivel o restituir o alheyo, já he tempo, que se lhes abraõ os olhos; e se lhes aponte o desengano. Nenhum peccador por inveterado que seja nos vicios, por arreygado que tenha o coração no seu Idolo das riquezas deve desesperarse. Em quanto vive, tem ainda tempo de ganhar o Ceo, se quizer: Hipocrate, e Galeno dizem, que nas doenças do corpo, a cura mais usual, e mais certa, he acudirlhe logo com os remedios contrarios: *Contraria contrariis curantur.* *Gal. af. 26.* A mesma cura se ha de usar (como dizem os Santos Padres) com os vicios, e payxoens da Alma. Com resolverse de vèras, e fazer logo hum acto generoso, e heroico, restituindo não com novas promessas; mas com effeyto, como o fez Zacheo, que, apenas Christo olhou para elle, e o chamou: *Zachæe festinans descende:* logo o seguio, e disse: eisaqui, meu Senhor, a metade dos meus bens para repartir aos pobres; e de quanto tenho roubado, restituo em quatro dobros: *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus, & si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* *Luc 1. 9* Esta restituiçaõ taõ prompta grangeou tanto o coração de Christo, que

além de lhe perdoar os peccados, lhe asségurou tambem a salvaçaõ: *Hodie salus huic domui facta est.* Fazey tambem huma resoluçaõ semelhante, e vereis, que quanto tendes roubado ao vosso Proximo em tantos annos, podeis em hum instante roubar a Deos o Paraiso; e para esta resolução ser firme, basta considerar, que as vossas riquezas, fazendas, e ouro, as haveis de deyxar na hora da morte, e naõ haveis de levalas com vosco á cova, nem vos haõ de acompanhar para serem queymadas eternamente com vosco no Inferno; e que os vossos herdeyros as consumiràõ em jogos, e pompas, sem ter a minima lembrança da vossa Alma.

Luc. 19 10.

Para prova deste desengano referirey hum exemplo, que o P. Joaõ le Jeune Varaõ Apostolico, que por antonomasia se chama o grande Missionario, traz muy a proposito em hum Sermaõ contra os Avarentos. Em França na Cidade de Bordeos, Metropoli da Provincia de Aquitania, havia hum Velho jà quasi decrepito, que tinha gastado o melhor da sua idade em usuras publicas, e em enganos manifestos; e por isto aborrecido, e desprezado de todos, ainda dos mesmos filhos, que eraõ sete, quatro machos, e tres femeas, que quanto mais ricos os deyxava, tanto mais lhe desejavão o fim da vida, para ficar cada hum absoluto com o seu quinhaõ da muyta fazenda. Chegou finalmente a hora da morte, e logo foy chamado o Confessor, o qual logo lhe intimou que naõ o queria confessar, e menos absolvelo, se primeyro naõ fazia restituição inteyra de todo o alheyo; que possuhia. Restituir, meu Padre, (respondeo o Velho) em todas as minhas Confissoẽs sempre o tenho promettido, e nunca o tenho feyto, e como o poderey fazer agora! Poucos saõ os bens, que sejaõ meus; e se eu os restituir, là

P. le Jeune Serm. 28. de restit.

vay

vay tudo, e os meus filhos ao Hoſpital. Por iſſo meſmo, (diſſe o Confeſſor) ſe eu vos abſolvo, e a reſtituição naõ ſe faz, ambos vamos para o Inferno; e aſſim buſque outro Confeſſor, que eu naõ quero la ir. Entretanto, como a doença era unida com a Velhice, os Medicos a deraõ por deſeſperada, e nada cuydavaõ da Alma. Naõ aſſim o bom Sacerdote, que a deſejava ſalvar. Tornou ao Moribundo com huma belliſſima traça, fallando-lhe aſſim: Senhor, ſe Deos por ſua grande miſericordia vos quizeſſe ainda dar como a ElRey Ezechias quinze ou vinte annos de vida: *Ecce ſanavi te, addam diebus tuis quindecim annis.* Então vos reſolvereis a reſtituir com effeyto a cada hum o ſeu? Com muyto boa vontade (reſpondeo elle) diſporia totalmente os meus negocios, ſatisfaria á todos, e não ficaria devendo hum vintem. Pois os Medicos (replicou o Confeſſor) dizem; que a raiz deſta voſſa mortal doença conſiſte na falta do humido radical, e que para refazer eſte, he neceſſario tomalo de alguem, a quem vòs o tenhais communicado, por ter mais virtude pela ſimpatia, que tem com o voſſo. Pelo que ſaõ neceſſarias tres, ou quatro gottas da grayxa de hum dos voſſos filhos. Induzido deſte remedio o Velho chamou logo o Primogenito; e lhe diſſe. Meu Filho; quereis reſuſcitar voſſo Pay, que, como vedes, eſtá morrendo? De muyto boa vontade (diſſe o filho) ainda que me cuſtàra a metade do ſangue das veas. Pois bem, replicou o pay; ſaõ neceſſarias duas gotinhas da voſſa ſubſtancia, que, como homogenea, dará mayor vigor á extrema fraqueza de voſſo pay. Accendeu-ſe logo huma vela, e poz o filho hum dedo ſobre a chama, e logo retirou a mão, e proteſtou, que nem por dous, ou tres inſtantes queria ſoportar aquelle tormento, para

4. *Reg.* *cap.* 20.

ra elle insoffrivel. Chamou-se o segundo filho, e lhe disse; quereis dar a vida a vosso Pay, que tanto vos quer? De muyto boa vontade (respondeo elle) se estiver na minha maõ. Aqui estou para tudo o que puder. Apenas poz o dedo sobre a vèla, que, sentido o ardor do fogo, começou a dar tais alaridos, que movia à compayxaõ. Acudiraõ os mais irmãos, e irmãs; e ouvindo, que para dar a vida ao pay algum delles, havia de sofrer pelo breve espaço de poucos instantes aquelle tormento, todos se escuzàraõ, com dizer, que sendo jà o pay velho, para que queria viver mais, dando tanta molestia, e trabalho a todos. Entaõ o prudente Confessor, voltando-se para o moribundo, lhe disse; que vos parece o amor, e agradecimento dos vossos filhos? Nenhum delles quer, para prolongar a vossa vida, sofrer por poucos momentos o fogo na ponta de hum dedo. E vòs para deyxalos ricos com a fazenda alhea quereis meter no inferno os dedos, as mãos, a cabeça, os braços, e todo o corpo, e Alma, para arder eternamente? Isto he ser doudo, ou Atheo, que naõ teme a Deos, ou naõ cre, que haja Inferno. O mesmo digo eu, para desengano de quem ler este discurso. Nem cuyde algum, que por servir as Confrarias, e Congregações, buscar indulgencias, jubileos, Confissoẽs, e communhoens, lhe valerà cousa alguma, quando não restituir o alheyo; antes a mesma absolviçaõ do Confessor lhe servirà de condenaçaõ, e de padecer mayores tormentos; pelos muytos sacrilegios cometidos; pois cego da Avareza, nunca teve proposito de restituir, podendo, a fazenda, e perdas, e danos do seu Proximo.

Temo, e tremo, todas as vezes, que me lembra hum caso succedido em huma Cidade de Italia, que

que os Authores fidedignos naõ nomeárão, por dignos reſpeytos. Havia hum homem nobre em conceyto de virtuoſo, porque ſe confeſſava muytas vezes com hum Confeſſor douto, e de grande reputaçaõ. Mas vendo eſte, que depois de tantos propoſitos, e promeſſas, naõ ſe reſolvia a reſtituir o alheyo, reſoluto lhe negou a abſolviçaõ; e que buſcaſſe outro Confeſſor; que ſe elle queria ir ao inferno, naõ queria ſer ſeu Companheyro. Buſcou elle varios Confeſſores, queyxando-ſe com elles do rigor do primeyro; porèm os achou todos correntes, e coherentes em naõ o quererem abſolver. Finalmente a ſua deſgraça o fez encontrar com hum Confeſſor de ſeu genio, e do modo, que elle deſejava. Eſte Religioſo condenou logo os outros de eſcrupoloſos, e tambem de pouco ſaber, com doutrinas apertadas, que enlação as Almas; e franco, como ſe foſſe o Meſtre das ſentenças lhe deu a abſolviçaõ. Ficou taõ ſatisfeyto, e pago o Penitente, que naõ ſó o elegeo por ſeu Confeſſor eſtavel, mas tambem por Amigo fiel, que muytas vezes lhe mandava preſentes da ſua meſa, fazendo-lhe outros mimos, e favores, convidando-o tambem a comer nas ſuas feſtas, e banquetes. Hum dia, depois de ter ambos comido, o Religioſo ſe foy para o ſeu Convento, e o Cavalheyro apenas começando a repouſar ſobre o ſeu leyto lhe deu hum furioſo golpe de apoplexia, que improviſamente lhe tirou a vida. No meſmo inſtante dous Demonios tomàraõ a figura com corpo fantaſtico dos dous ſeus criados, e foraõ logo ao Convento a buſcar o Religioſo, que jà eſtava recoſtado. Depreſſa, diſſeraõ ao Porteyro, chamay o Padre Confeſſor, que noſſo Amo eſtá morrendo. Levantou-ſe logo o Religioſo a eſte aviſo, e com diligencia foy ſeguindo os dous criados

dos fingidos, e chegou à casa do Amo. No subir das escadas, o vio no topo della vestido de hum quimaõ preto, que o vinha receber. Cuydou o Religioso, que era zombaria, e queyxou-se com elle, porque lhe fazia estas peças? Quando o Penitente respondeo. Que zombarias! que peças! Os dous Demonios, que tomàraõ a figura dos meus criados, e ahi estaõ, fallaráõ a verdade; como tambem he verdade, que eu naõ serey só no padecer o castigo, e a pena, assim como não fuy só em cometer a culpa. Vòs, que tantas vezes me tendes absolvido injustamente com ser causa de novos sacrilegios (vos digo agora) sois condenado tambem da Divina Justiça comigo, com a mesma sentença, por teres sido fautor, e cumplice, de eu naõ ter restituido o alheyo. Apenas dito isto, os dous criados, tomando a figura, que melhor representava os dous Demonios, que eraõ; hum pegou no Confessor, e o outro no confessado, e carregando-os sobre os hombros, com hum estrondo medonho, a modo de hum terrivel terremoto, levàraõ a ambos de dous, para o Inferno, deyxando no palacio hum fedor taõ horrendo, que por alguns annos naõ foy habitavel. Este caso entre outras testemunhas tras o R. P. M. Joaõ de Lorino, varaõ taõ esclarecido nos celebres comentarios sobre a Escritura Sagrada, que affirma ter conhecido a ambos de dous estes desgraçados, e precitos.

Lor. & Segn. p. 3. Serm. 15.

Desenganem-se todos aquelles, que naõ restituiraõ com tempo a fazenda alhea, que o mayor tormento, que teraõ no Inferno, será o tela deyxada aos filhos, ou herdeyros, e melhor fora, que a tivessem dissipada, ou queymada. O Rico Avarento pedia no inferno ao Padre Abraham, que mandasse algum condenado ao Mundo, para advertir aos seus cinco Irmãos, que naõ fossem tambem elles

lés parar naquelle lugar de tormentos: *Ne, & ipſi veniant in hunc locum tormentorum.* Como pòde ſer iſto! Os precitos podem ter caridade, e deſejar, que os outros ſe ſalvem? Certo, que naõ! Antes pelo contrario os condenados ſaõ como os demonios, e deſejão, que todos vaõ para o inferno. Pedia iſto por amor proprio, e por medo; porque tendo deyxada a ſua fazenda aos Irmãos, com o ſeu máo exemplo, que lhes tinha dado, a gaſtavão em luxos, e banquetes, ſem ſe lembrarem dos pobres. E aſſim indo tambem elles ao Inferno, lhe accreſcentariaõ as penas, amaldiçoando-o, e carregando-o de blasfemias; e com tudo as riquezas naõ eraõ alheas. E que ſerá daquelles, que deyxaõ a fazenda aos filhos, e duvidaõ, e ſabem, que não he ſua? Que ſerá daquelles Juizes, que por intereſſe deraõ ſentenças injuſtas? Daquelles letrados, que por peytas enganàraõ as partes? Dos Teſtamenteyros, que roubáraõ os pupillos? Dos que com trapaſſas arruinàraõ familias em hum tribunal tambem inſtituido, como o dos defuntos, e auzentes? Oh que penas! Oh que tormentos! Oh que inferno dos infernos! Ver hum pay já condenado; os filhos condenados; os Netos condenados; os Biſnetos, e Teteranetos, todos eſtes amaldiçoaram o Pay, o Avo, o Viſavo, Teteravo! porque todos eſtes conhecendo, que a fazenda era alhea, ſe fiavaõ, com dizer; tenho-a herdado de meus Pays, e pouco me importa, que elles eſtejaõ no inferno, ſe aſſim o quizeraõ. E quantas viuvas, e quantas Orfaãs, e quantos pobres, que por verem roubado o ſeu, ſe deraõ ao Mundo, como deſeſperados, cumulando peccados e peccados! Outros blasfemando atè da Divina Providencia, porque permitte, que hum Avarento pela ſua cubiça; lhe tome o ſuſtento! E quantas pragas

Luc. c. 16.

naõ

não lhe rogaõ ! E quantos odios mortais naõ lhe conservaõ nas entranhas! E isto pela cubiça de huma pequena fazenda, que, deyxando-a na hora da morte, causa todas estas maldades. Ora qual he aquelle, que ainda que restitua, se confesse destas consequencias? ElRey David cometteo dous peccados, hum homicidio, e hum adulterio; e sabia de certo por bocca do Profeta Natan, que Deos lhos tinha perdoado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum, non morieris.* E com tudo dizia: *Delicta quis intelligit* ? Quem he que possa perceber as terriveis consequencias dos peccados contra os seus proximos; especialmente dos furtos, e do reter o alheyo? *Ab occultis meis munda me, & ab alienis parce Servo tuo.* Os peccados occultos saõ, os que temos dito acima; murmuraçoens, rayvas, odios, blasfemias, atè desesperaçoens, por se verem por causa dos seus devedores em extrema miseria. Estes peccados saõ occultos a nòs, porque os fazem em suas casas, sem nòs ouvirmos, ou vermos cousa alguma. Saõ alheyos, porque saõ dos nossos acredores, que escandalizados, e irritados, por se verem faltos do necessario, prorrompem em furias, amaldiçoando o dia, em que nascèraõ, e pedindo ao Ceo; que consuma com seus rayos a quem taõ injustamente lhe tira o sustento da vida. Acabemos este discurso, com as mesmas palavras do thema, com que o começamos: *Nolite errare, neque Fures, neque Avari Regnum Dei possidebunt.* Desenganem-se todos (diz o grande Apostolo S. Paulo) nem os Avarentos, nem quem furta, e naõ restitue o alheyo, nunca, nunca dos nuncas poderá entrar no Reyno do Ceo. Esta verdade he taõ certa, que he de fé; he taõ clara, que naõ admitte commentos, nem interpretaçoens; nem ha sentença;

Lib. 2. Reg. c. 12. 13.

Psal. 18

1. Cor. 1. 6.

ou

ou Doutor, que diga o contrario, fallando por bocca de todos S. Agoſtinho: *Non remittitur peccatum, niſi reſtituatur ablatum.* Por iſto naõ diz S. Paulo; naõ vos enganeis, ou naõ vos deyxeis enganar; mas: *Nolite errare.* Naõ queyrais vós meſmos enganarvos, pois he tal eſte vicio da cubiça, e da avareza, que muytos buſcaõ traças, pretextos, e razões falſas, e apparentes para naõ reſtituirem o alheyo. Refere Saõ Gregorio Papa, que na Cidade de Roma havia hum çapateyro por nome *Deus dedit* Deos o deu. Pobre dos bens deſte Mundo, mas muyto rico de virtudes. Hum Santo Anacoreta vio muytas vezes em extaſis; que ſe lhe eſtava fabricando no Ceo hum Palacio, e que no dia de Sabbado, ſe multiplicavaõ os obreyros, accreſcentando novas caſas. Cuydava o Santo Anacoreta, que iſto era por contrapoſição aos Judeos, que eſtaõ em Roma, que guardaõ o Sabbado com tanto rigor, que nem o comer fazem; porèm ſoube depois, que *S. Deus dedit*, tirando o ſeu limitado ſoſtento, dava aos Pobres, quanto naquella ſemana com o ſeu trabalho tinha ganhado. Eſte Santo, ſim, que vivia deſenganado; e ſoube fabricar para ſi com a ſua pobreza hum grandioſo Palacio no Paraiſo. E que Palacio fabricão os que furtaõ, ou não reſtituem?

D. Aug. Serm. 6.

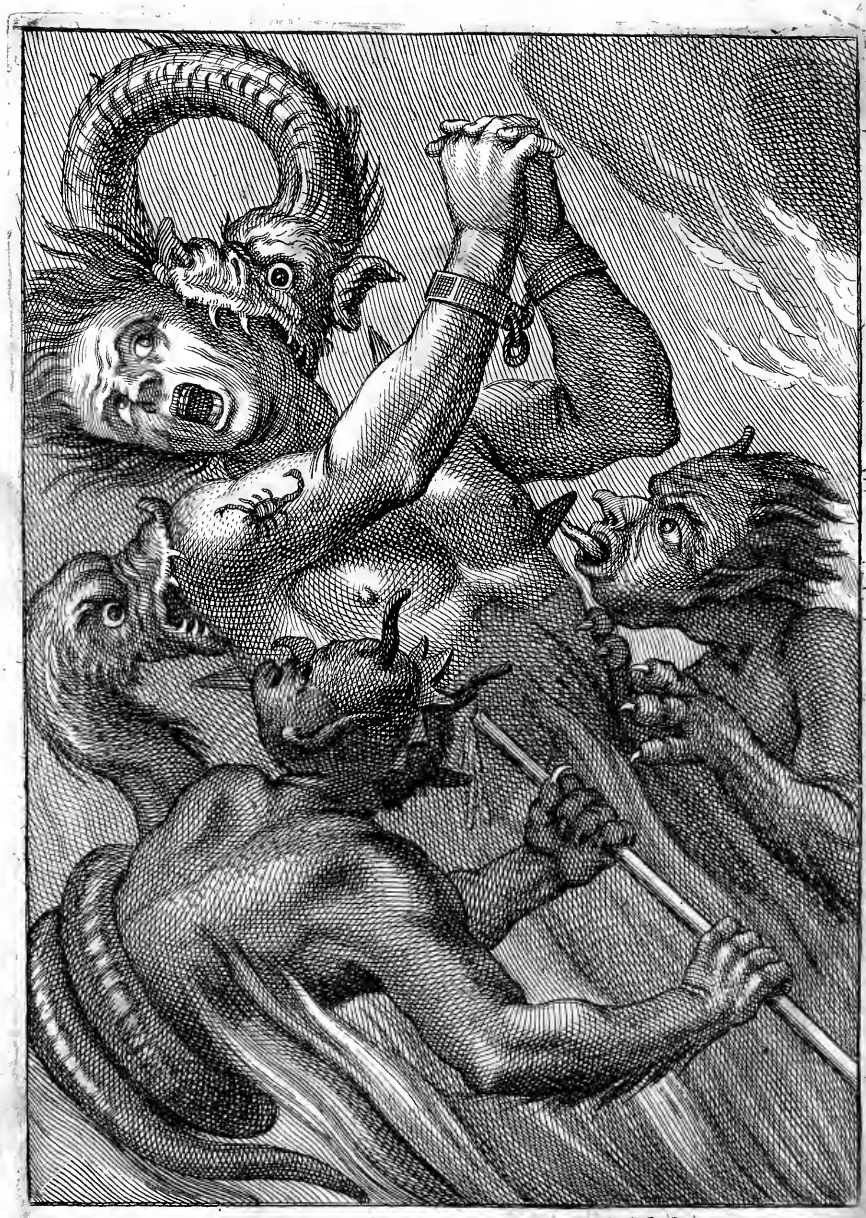
D. Greg. in SS. PP.

Oh infelices Ricos! Oh deſgraçados Avarentos, que com as ſuas uſuras, e furtos deyxando por força na hora da morte as ſuas riquezas, e fazendas, acharáõ, que tem fabricado para ſi huma priſaõ apertadiſſima no eterno calabouço do Inferno. Deſenganem-ſe, que ſe naõ reſtituirem com tempo, e todos, quantos danos fizerão aos ſeus Proximos, aquella priſaõ eterna ſerá o ſeu palacio, ſerá a ſua quinta, ſerá o ſeu jardim, ſerá

ra a casa de conversação, será a sua morada para toda a eternidade: *Nolite errare, neque Fures, neque Avari Regnum Dei possidebunt.*

DIS-

RPICB



TORMENTO DOS LVXVRIOSOS

DISCURSO IX.

Do Tormento dos Luxurioſos.

Dilatavit Infernus animam ſuam, aperuit os ſuum abſque ullo termino.
Iſai. cap. 5.

E o Inferno he hũa prizaõ taõ apertada, como diſſemos no primeyro diſcurſo, aonde os condenados naõ teraõ largueza algũa, antes eſtaraõ atados como a lenha em feyxes, para arder eternamente: *Congregabuntur in congregatione unius faſcis in lacum, & claudentur ibi in carcere* Como agora diz o Profeta, que elle he taõ dilatado; e que abre hũa bocca, que não tem termo? *Dilatavit Infernus animam ſuam, aperuit os ſuum abſque ullo termino.* Falla aqui metaforicamente o Profeta, e deſcreve o vicio da luxuria, fazendo-o ſemelhante a huma beſta inſaciavel, que quanto mais come, tan-

Iſai. cap. 22. 24.

tanto mais se mostra faminta. Imagem verdadeyra daquelle Tricerbero, que fingiraõ os Poetas estar em custodia das portas do Inferno; naõ para que não entrassem os malfeytores, mas para que nunca mais sahisse, quem huma vez là entrava: *Inferus insatiabiliter cava guttura pandit.* He certissimo, que o retrato mais vivo, e natural de hum luxurioso he aquelle de hum condenado no Inferno. O Texto Sagrado exprime o miseravel estado dos reprobos no Inferno com quatro differentes penas. A primeyra he huma escuridaõ, como huma tempestade nocturna, em que todos gritaõ, e blasfemaõ, sem verem, ou saberem outra cousa, se não, que para sempre seraõ atormentados: *Hi sunt, quibus procella tenebrarum servata est in æternum.* A segunda he hũa desordem perpetua, e huma confusaõ horrorosa: *Nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* A terceyra he hum cativeyro crueliſſimo, não só do corpo, mas da Alma, atè perderem o seu livre alvedrio: *Pluet super peccatores laqueos, ignis: Ligatis manibus, & pedibus.* A quarta he o remorço da consciencia mais terrivel que o mesmo Inferno, pois he hum bicho intrinseco, que nunca dorme, e sempre ròe: *Vermis eorum non moritur; qui me comedunt, non dormunt.* Estes seraõ os quatro pontos do meu discurso, em que mostrarey, como os luxuriosos padecem anticipadamente nesta vida estes quatro tormentos, para passar depois de mortos de hum Inferno a outro.

Judic. cap. 13.

Job cap. 10.

Psal 10 Marc. cap. 9.

Job cap. 30.

Todos os peccados saõ cegueyra; porèm naõ ha peccado, que mais conduza á total cegueyra do entendimento, como a luxuria. Dá a razão Saõ Joaõ Chrysostomo: porque este peccado sogeyta o racional ao sensitivo, obriga o espirito a obedecer á carne, e reduz finalmente a Alma a ser escrava perpe-

tua

tua do seu corpo. Por isso S. Paulo fallando de hum deshonesto naõ o chama sómente homem; mas com o addito de homem carnal. *Animalis homo non percipit ea, quæ sunt spiritus Dei.* Pelo que quem pertendesse que hum homem carnalmente obrando se governasse como com o lume da razaõ, seria querer, que a carne fosse, por modo de dizer, espirito. Prova-se isto com hum belissimo reparo de S. Bernardo, que diz assim. Quando o homem se deyxa predominar da soberba, pecca, mas pecca como Anjo, pois a soberba foy o peccado dos Anjos. Quando se deyxa vencer da ambiçaõ, & avareza, pecca, mas como homem, pois a avareza he hum peccado, que só convem ao homem. Mas quando he vencido da luxuria, e se entrega aos appetites da carne, pecca, como se já fosse hum Bruto, porque obedece, e segue sem reparo os movimentos de huma payxaõ, que he predominante nos Brutos. Logo se este pecca como bruto, naõ parece gozar daquelle claro lume da razaõ, e daquellas luzes de espirito, que o constituem differente dos Brutos, e o fazem obrar como homem. Está logo reduzido hum deshonesto ao opprobrio, e ignominia de hum Nabuco, e quasi da mesma condiçaõ dos Brutos, com esta só differença, que os Brutos naõ peccaõ na sua sensualidade, por lhes faltar o lume da razaõ, e o homem luxurioso pecca, quasi perdendo o lume da razaõ, para se fazer como Bruto. *D. Paul. ep. c.*

Confirmou esta verdade o Profeta David, quando disse: *Comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* O homem esquecido da honra, que lhe fez Deos em o crear conforme à sua imagem, se aviltou com os Brutos, tomando os seus custumes, e se fez semelhante a elles. Fallava com *Psal.* 48 13

a experiencia, e conhecco esta verdade depois de cahir no peccado de adulterio com Bersabè; e por isso cahido no erro, e detestando a sua culpa, naõ se chamava mais homem, quando orava na presença de Deos, mas hum Bruto: *Ut jumentum factus sum apud te.* Este he o discurso de S. Bernardo, e a experiencia assim o declara. Vemos estes homens escravos da sua sensualidade, que no tempo, em que a sua payxaõ os tenta, se perturbaõ de modo, que fechaõ os olhos a qualquer consideraçaõ divina, e humana, naõ approvando o bem da virtude, naõ temendo o que dantes temiaõ, obrando como sem juizo, esquecidos da honra, da saude, do mesmo Deos, e do Inferno. Tanta he a força deste vicio da luxuria, cegar de tal sorte o entendimento de hum luxurioso, que como enfeytiçado do deleyte perde o conhecimento de Deos, do seu peccado, e de si mesmo.

Psal. 72. 13.

Accrescenta mais Santo Agostinho, que os luxuriosos perdem tambem o conhecimento do que saõ; porque na escravidaõ daquelle vicio deyxaõ de ser o que eraõ; e dà por prova o successo de Daniel: Por onde (diz elle) começou o atrevimento escandaloso dos dous Velhos, que a commetèraõ a casta Susanna? E responde por estas palavras: *Exarserunt in concupiscentiam ejus, everterunt sensum suum & declinaverunt oculos suos, ne viderent Cælum.* Já ardendo no fogo da concupiscencia, já cègos da payxaõ perdèraõ o entendimento, e abayxàraõ os olhos para naõ ver o Ceo, e com razaõ; porque se tivessem os olhos alçados ao Ceo, como fez Susanna, *quæ flens suspexit ad Cælum.* Se se lembrassem de Deos, naõ teriaõ animo, para tentar hum crime tam execrando. Quem naõ quer olhar para o Ceo, menos quererà olhar para si, como fizeraõ

Dan. 13. 8. & 9

Dan. 13. 35.

este s

estes dous velhos, que nem attendèraõ à sua idade taõ adulta, nem ao cargo de Juizes, que exercitavão na Republica, em razão do qual eraõ obrigados a punir hum semelhante excesso.

Mas o que mais faz pasmar neste caso he, que homens julgadores, que em razão do cargo devem ser mais ajustados, e rectos, em tam breve tempo, quanto os olhos correm em avistar hum objecto, prevaricassem, esquecidos totalmente do respeyto devido a Deos, e a si mesmos. Responde a este reparo S. Joaõ Chrysostomo: que assim como em hum instante se estende a luz pela immensidade do ar, dissipando todas as trevas nocturnas, assim tambem em hum momento o vicio da luxuria parece, que escurece a alma, offuscando o lume da fè, e da razaõ. Observa Clemente Alexandrino, como os Poetas; que no gentilismo faziaõ o papel, e figura de Doutores, quando descreviaõ os adulterios, e infames comercios dos seus Deoses, nunca os representavão nas suas proprias figuras, como de Jupiter, Mercurio, ou Juno; mas os disfarçavão, e exprimiaõ com o nome de Animais. Nòs os vituperamos (diz este Padre) por terem assim infamado a sua Religiaõ, e falsas Divindades; mas se bem o considerarmos, muyto melhor obravão, do que nòs, neste modo de dizer, que não era imprudente. Queriaõ com isto significar, que nunca os seus falsos Deoses cometeriaõ semelhantes excessos, sem deyxarem o ser, que tinhaõ, e tomarem o ser, e condição de brutos. Tanto he certo, que os mesmos Gentios, sem a luz do Evangelho, conheciaõ claramente, que a sensualidade, e luxuria era hum appetite tanto proprio de brutos, que se podia chamar bruto aquelle homem, no qual predominasse este appetite. *Clem. Alex in opusc.*

O nosso bemaventurado S. Antonio Portuguez fal-

fallando da cegueyra, à qual este vicio da sensualidade reduz hum homem luxurioso, para melhor a explicar, busca a etymologia da mesma palavra *fornicaçaõ: Fornicatio dicitur quasi formæ necatio, id est, animæ ad similitudinem Dei formatæ necatio.* Quer dizer, que a fornicaçaõ exprime, e significa a morte da Alma, que he a fórma do Corpo humano: que vem a ser o mesmo, que dizer, que a luxuria faz hum grande estrago na Alma, quasi privando-a do bom uso das suas potencias, Memoria, Entendimento, e Vontade. Offusca a Memoria, porque o deshonesto immerso nos deleytes da carne vive em hum perpetuo esquecimento dos beneficios, e ameaças de Deos, que saõ os dous motivos mais efficazes para se converter: *Non dabunt cogitationes suas, ut revertantur ad Deum, quia spiritus fornicationis in medio eorum.* Diz o Profera Oseas. Quer dizer: nunca levantaráõ o pensamento a Deos, porque o espirito da fornicaçaõ reyna no intimo dos seus coraçoens. E sem a lembrança dos beneficios, como poderà hum peccador ter pezar de ter offendido ao seu Bemfeytor, quando a Sagrada Escritura, os Concilios, Santos Padres, e Doutores poem por hum dos motivos do arrependimento a lembrança dos grandes beneficios, que temos recebido de Deos? Digo mais. Com hum total esquecimento das ameaças, e castigos de Deos, como poderá hum coraçaõ lascivo compungirse com resoluçaõ de deyxar as suas torpezas, e fazer ao menos hum Acto de Attriçaõ, quando se resolvesse a confessar, se totalmente se esquece das penas do Inferno, que lhe deviaõ picar a consciencia para o arrependimento? *Qui sine timore est*, diz o Espirito Santo, *non potest justificari.* Quem perder o temor de Deos, e dos seus castigos se ren-

D. Ant. Ser. 26.

Oseæ 5. 4. 5.

Eccles. 1. 28.

rende quasi insensivel a quererse justificar.

Depois de offuscar a Memoria, passa este vicio da luxuria quasi a cegar o entendimento de modo, que, parece, perde de vista as verdades eternas; porque os deleytes sensuaes á semelhança daquelles vapores grossos, que exhalaõ de algumas lagoas, e lugares paludosos, que encobrem o ar, assim encobrem, e escurecem o lume da razaõ. Os outros peccados, como diz Santo Thomàs, perturbaõ o entendimento: *perturbant rationem mentis:* mas a luxuria perturba, e apaga totalmente o juizo: *Luxuria totaliter extinguit rationem mentis*; e assim naõ se contenta de lhe chamar, como Aristoteles, huma especie de bebedice, mas diz, que he hum ramo de loucura: *Stultitia maximè nascitur ex luxuria.* A razaõ he, porque os motivos da virtude já naõ penetraõ o coraçaõ de hum impudico; e as inspiraçoens divinas alumeaõ o seu entendimento, assim como os rayos do Sol alumeaõ a hum cègo. *D. Tho. 2. 2. q. 53. art. 6.*

A prova se vè no infeliz successo de Sansaõ, o qual, sendo dotado de huma rara prudencia, e invicta fortaleza, depois de entregue aos amores de Dalida, de tal sorte perdeo o juizo, que experimentando-a por tres vezes traydora, ainda assim entregue de novo aos seus enganosos amores, lhe descobrio finalmente o segredo, que, se lhe cortassem os cabellos, perderia a fortaleza, de que era dotado: *Si rasum fuerit caput meum, recedet à me fortitudo mea.* O mesmo succedeo a Salomaõ, sendo hum dos entendimentos mais illustrado com o lume das sciencias: a cega payxaõ, em que ardia a respeyto das suas concubinas: *his copulatus est Salomon ardentissimo amore*, de tal sorte o privou do juizo, que, o fez cair nos excessos, que temos relatado em outro discurso. Naõ baltáraõ os repetidos avi- *Judic. c. 6.* *3. Reg. c. 11.*

zos de Deos, naõ bastàraõ todos aquelles principios, e habitos de taõ alta sciencia, de que era dotado, para impedirem as nuvens grossas, com que o vicio da luxuria o cegava, obrigando-o nos annos da velhice, onde o desengano deveria ser mayor, a fazer-se Idolatra, e a fabricar Templos, e sacrificar aos Demonios nos seus falsos Deoses, só a fim de naõ descontentar as Concubinas, com que tratava: *Cumque esset senex depravatum est cor ejus per mulieres, ut sequeretur Deos alienos.*

Da cegueyra do Entendimento nasce o desconcerto da Vontade, que, como naõ he guiada da razaõ, se immerge, e profunda toda nos deleytes da carne, como faz hum animal immundo: *Sus lota in volutabro luti.* Oh Vontade do homem, que sendo a mais nobre potencia da sua alma, comtudo pelo vicio da luxuria se faz vil, e abatida mais que todas! He a vontade a mais nobre das potencias, porque he entre ellas como Rainha, e Senhora, que tudo dispoem; mais viciada, e aviltada com o vicio da Luxuria, naõ sabe escolher, senaõ aquillo, a que inclina o appetite brutal dos deleytes immundos. Se a Memoria em alguma occasiaõ lhe propoem a repentina, e terrivel morte de tantos Luxuriosos, a Vontade viciada procura logo, que prevaleça contra esta lembrança aviva lembrança dos deleytes, que ama. Se o Entendimento quer discorrer sobre o rigor dos tormentos preparados para os luxuriosos no Inferno, considerando como saõ eternos, e sem fim, por serem para huma eternidade; a este pensamento da Eternidade, a que S. Agostinho chama grande: *Magna cogitatio æternitas*, que he hum firme alicerse, e fundamento para a segurança da nossa salvaçaõ, resiste logo a Vontade luxuriosa contrapondo-lhe outros pensamen-

Petr. 2. c. 2.

D. Aug. lib. 3. Soli.

mentos de novos gostos, de novos deleytes, de novos objectos, com os quaes possa satisfazer ao seu brutal appetite, fazendo por se esquecer totalmente daquella maxima infalivel, que he momentaneo o que deleyta, e eterno o que ha de atormentar no Inferno: *Momentaneum, quod delectat; æternum, quod cruciat.* Ninguem se admire de obrar assim hũa vontade toda immersa nos deleytes da carne; porque he castigo, que Deos permitte venha aos Luxuriosos, que por muyto tempo perseverem nas suas torpezas.

Para prova mais clara referirey o caso soccedido a hũa celebre Concubina da Cidade de Espoleto em Italia, a qual tinha vivido muytos annos em peccado, e sido causa da perdiçaõ de muytos. Finalmente mandoulhe Deos huma terrivel doença, que logo os Medicos julgáraõ ser mortal; e depois de applicados varios remedios, vendo que o mal precipitava para a morte, se despediraõ da cura, dizendo-lhe, que tratasse da sua Alma, porque só por milagre poderia escapar. Tomou a bem o avizo esta mulher, e com edificação de todos mandou logo expor o Veneravel em varias Igrejas, e dizer muytas Missas pelos Conventos, rogando a Deos pela saude do corpo, e promettendo, se vivia, de ser outra Magdalena penitente. No dia seguinte entrou o Paroco com outros Ministros para a dispor, e ajudar naquellas ultimas horas da vida. Perguntoulhe a mulher, porque razão lhe não concedia Deos a vida, e saude, que com tantas veras lhe tinha pedido? Respondeo-lhe o Paroco, que Deos queria salvar a sua Alma, e que não era servido darlhe mais tempo nesta vida chea de miserias, e peccados; mas darlhe huma vida muyto melhor, que era a Eterna. Entaõ ella enfurecida, e chea de

rayva disse. Ora bem! Já que Deos naõ me quer dar gosto em prolongarme a vida do corpo, que lhe tenho pedido, eu tambem naõ lhe quero dar o gosto de darlhe a minha Alma; e protesto em presença de todos, que a dou ao Diabo seu inimigo, e assim dito, espirou logo. Ficáraõ os circunstantes pasmados a tal caso, e a tal blasfemea nunca mais ouvida! E muyto mais atonitos, e amedrentados ficáraõ, quando viraõ naquelle aposento dous Demonios em figura de Dragoens com azas, que pegando naquelle corpo sahiraõ com elle para fóra por huma janella, e o leváraõ, como se crê, a unirse com a Alma já julgada, e sentenciada a arder eternamente no inferno. Este he o fim, onde vay parar a nossa vontade cega, quando o entendimento, que havia de ser a luz, que a guia, está tambem elle envolto nas trevas da luxuria: ambos correm como desesperados ao precipicio, e a sepultarse no Calabouço eterno do Inferno: *Cæcus autem si cæco ducatum præstat, ambo in foveam cadunt.* *Matth. 15.*

Finalmente estas trevas do vicio da luxuria saõ tam grandes, e dilatadas, que o homem impudico chega a naõ conhecerse a si mesmo, nem a enormidade dos seus crimes; e entaõ se estima mais livre, quando está mais sepultado no abismo das suas torpezas. No vicio da luxuria naõ socede como nas outras cousas. A experieneia de ordinario he a que causa o conhecimento das cousas. Assim o vemos nas artes liberais, e mecanicas. Aquelle he melhor musico, que tem gasto mais annos na solfa. Aquelle melhor official, que tem mais tempo do officio. Assim he tambem nas sciencias: aquelle he mais adiantado no saber, que he mais versado nas letras. Finalmente nas Republicas Militares, Politicas, e Ecclesiasticas, os Postos, os Governos, e as Dignidades

se

se daõ àquelles; que se conhecem de mayor experiencia. A razaõ he, porque nòs naõ conhecemos bem as cousas, se naõ quando as temos experimentadas.

Na materia porèm do vicio da luxuria he tudo em contrario. Quanta mayor experiencia tem hum lascivo deste infame vicio, tanto menos o conhece. Hum mancebo innocente em quanto na sua mocidade com a boa educaçaõ naõ experimentou os deleytes da carne, e se retirava das occasioens, aborrecia notavelmente este vicio: qualquer tocamento impuro lhe fazia escrupulo, e perturbava a consciencia: a fornicaçaõ lhe parecia hum monstro; o nome de adulterio lhe causava horror; mas depois que começou a gostar dos deleytes, se engolfa de maneyra no vicio, que perde totalmente aquelle horror, e medo, que dantes tinha, fazendo gala, e presando-se de andar amancebado, gastando rios de ouro em vestidos, e ornatos da concubina, para que seja de todos respeytada, e conhecida como sua, cuydando, que nisto adquire a estimaçaõ do povo. Esta he a cegueyra de todas as potencias de hum homem lascivo. Estas saõ as trevas, que lhe escurecem a alma, muyto mais medonhas, que aquellas dos Egypcios, a que a Escritura Sagrada chama horriveis: *Facta sunt tenebræ horribiles*: muyto mais peiores, que aquellas do mesmo Inferno, porque aquellas saõ exteriores: *in tenebras exteriores*, mas estas da luxuria saõ internas, e penetraõ toda a alma athe reduzir o miseravel impudico à experimentar anticipadamente o Inferno, vivendo em huma continua desordem, e em hũa perpetua confusaõ, que he a materia do segundo ponto. *Exod.* 10. 22. *Math.* 16.

Naõ ha menor desordem na vida, que faz hum deshonesto neste Mundo, que aquella, que faz hum con- 2. *Ponto.*

condenado no Inferno; onde igualmente se pòde dizer assim de hum, como de outro: *Vbi nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* Porisso afirma S. Joaõ Chrysostimo, que naõ acha differença entre hum endemoninhado furioso, e hum homem feyto escravo da luxuria. *Luxuria corruptus, & obsessus à Demoniaco non differt.* He cousa digna de reparo o nome, que na Sagrada Escritura se dá ao Demonio, que preside, e dilata o vicio da luxuria, chamando-se *Asmodeus*, que na lingoa Hebraica significa *abundantia peccatorum*, abundancia de peccados. E na verdade quem poderá explicar a abundancia, e multidaõ de peccados, que comette hum peccador habituado nas torpezas? parece, que naõ cuyda em outra cousa: os pensamentos, os desejos, e as palavras todas saõ dirigidas à sensualidade, maquinando sempre em novos deleytes da carne. Atè os sonhos saõ solicitados dos fantasmas impuros, impressos na imaginaçaõ pelo mào habito, e asoprados pelo espirito de fornicaçaõ, a fim de que comece logo, quando se esperta, a consentir nas tentaçoens. O menor numero de peccados saõ muytas vezes as obras, e com tudo saõ tam continuadas, que poucos dias passaõ, que naõ venhaõ a peccar por obra. Saõ os luxuriosos como certas lebres fecundas, das quaes conta Aristoteles, que no mesmo dia, em que parem, ficaõ prenhes. *Postquam aliquos pepererint, rursus alios in utero gerunt.* E com serem tantos os peccados de obra, parecem pouco à vista dos que contem com os pensamentos, com as palavras equivocas, deshonestas, e provocativas dirigidas todas a peccar. Athe os olhos, diz S. Pedro Apostolo, lhe servem de instrumentos para peccar: *Habentes oculos plenos adulteriis, & incessabilis delicti.* Todo o objecto vistoso os recrea, e em todos acha,õ

D. Chrisost. hom. 29. in Mat.

Arist. lib. 3. Hist. c. 33.

achaõ, que appetecer, não reſpeytando eſtado, nem condiçaõ, nem a ſexo, ſem reparar ſe he honrada, ou, como dizem, do Mundo, ſe ſolteyra, ſe caſada: antes aquelles peccados, dos quaes ſe pòde ſeguir mayor ruina, e deſordens, como he do adulterio, e outros; á eſtes ſe aplicaõ com mayor eſtudo, como ſe foſſem proezas de mayor luſtre: *Habentes oculos plenos adulteriis, & inceſſabilis delicti.* *Petr. ep. c.*

Grande he a perturbaçaõ, e deſordem, que ſe origina de hum eſtupro. Perturbaõ-ſe os delinquentes; ella, porque ſe conſidera com a honra perdida, que era a parte mais precioſa do ſeu dote: elle, porque eſfriado o ardor da payxão, que o cegava, conhece, ainda que tarde, as triſtes conſequencias do ſeu brutal attentado, o fogo da vingança, que tem acceſo entre os parentes, que conſiderando ſe afrontados uſaõ de todas as traças, para lhe tirarem a vida; e finalmente toda a parentella de ambas as familias alterada, e talvez com as armas nas mãos, tudo he hũa deſordem, confuzão, e horror: *Ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror inhabitat:* Temos a prova evidente no Texto Sagrado. Era Dina filha de Jacob, e namorando-ſe della pela ſua fermoſura o filho do Principe de Sichem, teve traça para a furtar, e ſatisfazer o ſeu appetite. Cahido no erro cuydou de o remediar tomando-a por mulher. Foy o delinquente juntamente com ſeu pay buſcar a Jacob, para tratarem do caſamento offerecendo mil partidos, de naõ aceytar dote, de lhe darem terras para viverem todos unidos, obrigando-ſe aſſim elles, como todos os mais homens do ſeu Eſtado a ſe circuncidarem, e aſſim o cumpriraõ: *Circunciſis omnibus maribus.* Parece, ſe naõ podia dar mayor ſatisfaçaõ, e que o deſcredito tinha já paſſado a credito, e a deshonra á honra, e com tudo não foy aſſim, *Geneſ. cap. 34.*

por-

porque Jacob, e seus filhos dissimulando a afronta, lhe deraõ boas palavras, para serem mais seguros na vingança, que intentavaõ: *Responderunt filii Jacob, & Pater ejus in dolo sævientes ob stuprum sororis.* No terceyro dia, quando a ferida da circuncisaõ custuma ser mais molesta, entràraõ os dous irmãos de Dina Simeaõ, e Levi na Cidade fazendo o papel de amigos; e com as armas escondidas, subiraõ ao Paço, e degoláraõ o Principe, e o filho, e conduziraõ outra vez comsigo a Dina sua irmã. No mesmo tempo entràraõ armados os outros irmãos na Cidade com tropas de gente armada, e matáraõ quantos homens acháraõ, deraõ saque, queymàraõ as casas, fizerão presa de todo o gado, e cavallos, levando tambem comsigo captivas todas as mulheres, e meninos: *Parvulos quoque eorum, & uxores duxerunt captivas.* Eis-aqui a desordem, e confusaõ de familias, a desolação de huma Cidade, o horror de tantas mortes, que se seguiraõ pelo estupro de hũa só virgem: *Sævientes ob stuprum Sororis. Nullus ordo sed sempiternus horror inhabitat.*

Genes. ut supra 43.

Genes. supr.

Mas se o estupro de huma virgem, que as mais das vezes se póde remediar com o matrimonio subsequente, traz comsigo tantas desordens, e ruinas, que fará o adulterio! He o adulterio hum peccado tam grande, que por si, e pelas consequencias, que o seguem, faz tal horror, e he hum monstro tam cruel, que em qualquer casa, onde elle entra, traz comsigo a confusaõ, a guerra, o odio, e desesperaçaõ, e finalmente fica sendo a tal casa hum Inferno anticipado nesta vida, não só para os complices, mas para todos os parentes, ardendo no fogo da vingança, e em huma desordem, que naõ tem remedio: *Ubi nullus Ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* Todas as Naçoens do Mundo,

do, ainda as Barbaras, aborrecèraõ em todos os Seculos o adulterio; e as que tinhaõ algum modo de Republica fizeraõ leys, em que davaõ pena de morte aos Adulteros.

Os Judeos costumavaõ queymar vivos ambos os Adulteros; mas depois mandou Deos no Leviticò, que morressem apedrejados. A mesma pena de fogo davaõ os Egipcios. Os Romanos davaõ a escolha de dar a morte, que quizesse, ou o marido, ou a mulher do complice, que cahisse em adulterio. Os Mèdos, e os os Parthos na Asia a nenhum crime castigavaõ com morte mais penosa: *Nulla delicta adulterio gravius vendicabant.* Godos, Visogodos, e toda a Germania punìa com tal rigor este crime, que escreve Tacito estas palavras: *Pauciſſima in tam numeroſa gente adulteria;* Que era cousa rarissima acharse hum culpado nesta materia. E o que mais admira, he, que entre os Espartanos nem ainda o nome de adulterio se sabia, como cousa totalmente inaudita; e assim perguntado hum dos Juizes daquella Republica por hum Embayxador estrangeyro, que pena se dava pelas suas Leys aos Adulteros? Respondeo, que nenhuma; porque hum crime tam execrando ainda naõ tinha succedido, nem passava pela imaginaçaõ. Athe qui chegàraõ os Gentios sem o conhecimento do verdadeyro Deos, sem outra luz mais, que a do lume da razaõ, que dita, *quod tibi non vis, alteri ne facias;* O que naõ quereis vos façaõ a vòs, naõ o façais a outro. Considére cada hum em si, se tivesse o estadò de casado, vendo-se vil, e affrontado, assignalado com o dedo por todos, e diga, e confesse, que desordem, e confusaõ se seguiria na sua vida, e se não seria hum verdadeyro Inferno nesta vida. *Ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror inhabitat.*

*Gen.*38. *Levit.c.* 20. *Celius lib.*21. *Tac. de more Germanor.* *Plutar. in Licur.*

E se todas as Naçoens do Mundo tanto aborrecem o adulterio: se todas as leys humanas o castigão com pena de morte tam rigorosa; que fará Deos? Como aborrecerá este monstro tam abominavel ao Ceo, e tam pernicioso à natureza humana? Primeyramente a Sagrada Escritura chama ao
Gen.20.9. Adulterio peccado grande: *Induxisti super me, & super Regnum meum peccatum grande.* Job não só o chama peccado nefando, mas huma maldade em grao
Job.31.11. superlativo grandissima: *Nefas est, & iniquitas maxima.* O Profeta Oseas não só o chama peccado maximo, mas profundo: *profundè peccaverunt.* De
Osea.c9 donde se infére, que o Adulterio he hum peccado desmarcado, e que não tem medida na sua malicia, que chega athe o mais profundo do Inferno. Assim falla Deos por bocca dos seus Profetas do Adulterio no tempo da ley antiga, quando o matrimonio não era mais, que hum simples contracto de fidelidade entre o homem, e a mulher. Agora porèm na ley da graça, em que está elevado a Sacramento; de quanta mayor malicia será o adulterio contra a fidelidade deste Sacramento? Assim como he mais injuriosa huma affronta, que se faz a hum Sacerdote dedicado a Deos, que a hum escravo, ou pessoa vil do povo, assim tambem he mayor a injuria, que se faz pelo adulterio ao Matrimonio, que he Sacra-
Ad Eph. c.5.32. mento, do que a injuria, que se fazia, quando era sómente contrato: *Sacramentum hoc magnum est* (diz S. Paulo) *in Christi, & in Ecclesia,*

Oh se eu soubesse explicar bem a todos, os que lerem este discurso de modo, que precebessem, quam grande he o Sacramento do Matrimonio, parece-me, que nunca mais se commeterião adulterios: *Sacramentum hoc magnum est.* Chamase grande huma obra, ou pelo Author, que a fez, ou pela materia, de

de que feyta, ou pelo fim, porque se fez. O Author deste Sacramento he Christo Senhor Nosso, que o instituhio. Vede, se se pòde achar, ou no Ceo, ou na terra pessoa mais authorizada, que a segunda pessoa da Trindade encarnada! Por isso Saõ Paulo, quando lhe chama grande, accrescenta logo *in Christo*. A materia deste Sacramento he das mais nobres, que Deos creou. A materia de alguns outros Sacramentos ordinariamente he cousa sem vida; como a agua no Bautismo, o Oleo na Chrisma, e Extrema-Unção: porèm a materia do Sacramento do Matrimonio saõ os corpos vivos dos conjugados, que saõ, e se dizem membros de Christo, santificados pela bençaõ Sacerdotal tantas vezes.

Tambem he grande pelo fim, que representa, que he a uniaõ do Verbo Eterno com a sua santissima humanidade: e quanto a esta representação significa huma santidade substancial daquelle desposorio entre a humanidade, e o Filho de Deos nas purissimas entranhas da Virgem Santissima, quando com admiraçaõ de todas as Hierarquias desceo do seyo do Eterno Padre a fazerse Homem: *Descendit de Cælis, & homo factus est.* Representa mais este Sacramento os desposorios de Christo com a sua Igreja, e por isso Saõ Paulo lhe chama grande em Christo, e na sua Igreja: *Sacramentum hoc magnum est in Christo, & in Ecclesia.* Daqui se infere, que se vos perguntarem, que cousa he hum homem casado? Com verdade se pòde dizer, que he hum homem consagrado com hum Sacramento; e o mesmo hé da mulher casada. E se de ambos perguntarem, que cousa saõ? Com verdade podeis responder, que saõ dous sinais sagrados, que representaõ a Encarnação do Verbo Divino, e o Desposorio de Christo com a sua Igreja. De donde se infere, quam

grave peccado seja o adulterio, que se na Ley de Moysés com ser o matrimonio hum simples contracto, se chamava o adulterio peccado grande, grandissimo, e profundo, como dissemos atraz; na Ley de Christo, em que he Sacramento, cresce muyto mais a sua malicia, e por isso nas Leys Civeis, e Canonicas se chamão os Adulteros com o nome de Sacrilegos do Matrimonio, *Sacrilegos Nuptiarum*, que vem a ser em realidade, profanadores das vodas, e por isso tão severamente castigados.

Sendo isto assim, he cousa, que faz pasmar, o pouco caso, que fazem alguns do peccado do Adulterio! Chegaõ alguns casados à Confissaõ usando desta fraze. Tenho commettido alguns furtosinhos a minha mulher com huma serva de casa, a quem tenho afeyção, porque me serve em tudo. Outro diz. Tenho commettido alguns peccados com hũa mulher casada, mas sem escandalo, e sem descredito do marido, que o não pòde sospeytar pelas razoens de parentesco, que tenho com a dita mulher, e ser elle meu Compadre. Ha tal modo de confessarse! De maneyra, que as razoens do parentesco, e compadrado, que aggravão o seu peccado, e fazem, que naõ só seja adulterio, mas tambem incesto, quer este malvado homem, que fação diminuir o seu peccado nas orelhas do Confessor! Oh se soubessem os homens casados o grande mal, que fazem, e o risco, em que se metem, quando deyxaõ o leyto conjugal por outra occasiaõ, e tal vez de portas a dentro! Explicarey isto com hum caso das Chronicas de S. Domingos. Hũa mulher maltratada de seu marido por causa de hũa concubina, não podendo sofrer mais esta injuria, achando se na cama, começou a cuydar na vingança. Não faltou o Demonio de representarlhe hum moço bem parecido, para ser-

servirse delle, como fazia o marido da Concubina, e consentindo na tentação esperava, que fosse dia, para lhe mandar hum recado, e com esta tenção adormeceo. Em sonho se lhe representou ser levada ao Inferno, para ver as diversidades de penas dos condenados. Vio huma quantidade de fornos accesos, e em cada hum delles hum adultero abraçado com hum dragaõ tão apertadamente, que se não podia mover, e da bocca lhe sahia fogo de enxofre, e quando blasfemavão bradando, lhes botavão por refrigerio chumbo derretido nos olhos, e ouvidos, que penetrando atè os tutanos, davaõ alaridos, que causavaõ horror ao mesmo Inferno. Attonita a mulher com esta vista, advertio, que entre aquelles fornos accesos, estava hum devasio, e perguntando, para quem era, lhe responderaõ, que era para seu marido em pena dos desprezos, que lhe fazia, e ao Sacramento do Matrimonio. Moveo-se á compayxaõ, e começou a chorar, e a soluçar com tanta vehemencia, que se despertou do sono; e arrependida logo da sua depravada tenção, na manhã seguinte foy buscar a S. Domingos, e lançada a seus pès, confessou o seu peccado, e lhe contou tudo, quanto passara. O Santo depois de a absolver, a consolou, e dando-lhe o seu mesmo Rosario, lhe disse o metesse debayxo da cabeceyra do marido, quando dormisse. Assim o fez a mulher; e o marido na noyte seguinte teve a mesma visaõ, em que vio os tormentos, que lhe estavão aparelhados no Inferno em castigo dos adulterios, e injurias, que fazia ao Sacramento do Matrimonio, e atemorisado, se foy na manhã seguinte lançar aos pès de Saõ Domingos, chorando, e confessando as suas culpas; e foy tal a emenda da vida, que lançada fóra a occasião do peccado, viveo ao diante com tanta

paz, e uniaõ com a mulher, que merecèraõ de Deos o morrerem no meſmo dia, na meſma hora, e ſerem enterrados na meſma cova. Oh ſe os Confeſſores tiveſſem hum Roſario ſemelhante, quanto fruyto fariaõ, não ſó no Braſil, mas em todo o Mundo! Mas para que he neceſſario ver em ſonhos as penas dos Adulteros no Inferno. Naõ he melhor (ſe temos fè) conſideralas aos pès de hum Crucifixo, e com verdadeyro arrependimento pedirlhe perdaõ, com propoſito firme de emenda!

Muytas vezes conſidero na diſſimulação da juſtiça humana, para com os Adulterios, dando por livre o marido, que matou a mulher, provando, que era adultera, e moſtrando tam pouca attenção em caſtigar os homens adulteros, ſendo que o crime para com Deos he o meſmo, ou ſeja o adulterio commettido pela mulher, ou pelo marido; ſendo que a mulher por mais fragil, he mais deſculpavel, e por iſſo em algumas leys a mulher adultera he punida ſómente com a pena de infamia, e degredo. Mas que importa, que os Juizes humanos julguem aſſim quando ſabemos, que Deos julgará igualmente aſſim a mulher adultera, como o homem adultero: *Adulteros judicabit Deus*, diz Saõ Paulo; e o caſtigo ſerá
Prov.6. a perdição da Alma: *Qui autem adulter eſt, perdet animam ſuam.* E como (direis vòs) os outros peccados naõ perdem tambem a Alma? Perdem, he verdade; mas o adulterio com alguma mayor força pela ſua grande malicia. E por iſſo chegou a dizer Tertuliano, que era quaſi irremeſſivel; não porque Deos naõ queyra, nem o poſſa perdoar; mas porque tanto o aborrece, que permittirá, que os Adulteros (como ſuccede muytas vezes) ſejaõ acometidos de hũa morte violenta, e improviſa: *Adulteri non dimediabunt dies ſuos.*

O Ter-

O Terceyro tormento dos condenados no Inferno he o cativeyro cruelissimo naõ só da Alma, mas tambem do corpo, depois do dia do juizo: *Pluet super peccatores laqueos.* Se os Profetas nos advertem, que o fogo do Inferno serve de cadeas aos condenados, quem negará, que o fogo da luxuria não faça o mesmo aos deshonestos! Brava miseria he a de hum amancebado, sem liberdade mais, que de cuydar na occasiaõ do seu peccado, passando más noytes, e gastando quanto tem, para contentar a manceba. O seu fallar saõ despropositos, com os quaes confessa a sua prisaõ, e cativeyro. Póde dizer hum destes com aquelle precito, que bradava no Inferno: *Crucior in hac flamma.* Estou padecendo, e ardendo neste fogo da luxuria, que me consome, e atormenta sem ter hum só momento de descanço. Assim o explicou Santo Ambrosio: *Libido nunquam manere quietum patitur affectum, nocte fervet, die anhelat, de somno excitat, à negotio abducit, à ratione revocat; aufert consilium, mentem inquietat, nullus peccandi modus, & inexplebilis scelerum sitis.* Quer dizer: a sensualidade nunca deyxa quieto o coração do homem: de noyte, e de dia o perturba, diverte-o dos negocios, priva-o da razaõ, e do conselho, inquieta o entendimento, não tem termo em peccar; porque arde em huma sede insaciavel dos deleytes. Neste estado se achava S. Agostinho antes da sua Conversaõ, como affirma nas suas Confissoẽs, dizendo: Eu estava penando, sem o conhecer, preso nas correntes de hum amor torpe cativo de hũa mulher, e tão cego, que as mesmas prisoens me pareciaõ suaves, e doce o meu cativeyro, e finalmente *mancipium concupiscentiæ* feyto escravo da minha mesma luxuria.

Tercei ro Ponto.

Ambr. lib. 1. c. 5. de 5. de Caim

Aug. l. 3 Conf.

Na Cidade de Pavîa em Italia estava hum man-

Draeul. lib. 3. exempl. cebo tam perdido do amor de huma mulher, que não socegava senão, quando se via junto a ella. Foy-lhe necessario assistir fóra da Cidade por alguns dias. Quando tornava a cavallo se encontrou com ella sobre a ponte celebre de Pavîa fabricada pelos Reys Longobardos. Apeou-se, e começou a significarlhe as grandes saudades, que padeceo naquella ausencia. Respondeo ella contradizendo a este seu affecto. Replicou elle encarecendo-lho tanto, e affirmando, que se ella o mandasse lançar da ponte ao Rio, o faria logo. Respondeo ella, que desejava ver aquella fineza: e o mancebo sem mais detença monta a cavallo, e o picava para saltar ao Rio. O cavallo com as picadas se detinha, e recuava, que, parece, mostrava ter mais juizo, que o Cavalleyro. Replicou a mulher dizendo, picais a medo. Respondeo elle: como a medo Senhora, que por vos dar gosto vereis com esta picada o cavallo afogado no Rio, e a minha Alma sepultada no Inferno. Precipitou-se no Rio, e salvando-se o cavallo a nado, o desgraçado mancebo appareceo no dia seguinte em huma margem do Rio tam desfigurado, e medonho, que fazia horror a quem o via como hum cadaver do inferno. Peço ao pio Leytor faça comigo esta reflecção entre o amor de Christo, e o amor profano. O amor de Christo pede, que para se livrar do cativeyro da luxuria, façais huma disciplina, hum jejum, ou outra mortificação, e logo respondeis ao Confessor, que não podeis. Manda o amor profano por meyo de huma mulher sem juizo, que para nunca mais apparecer na sua presença se precipite em hum Rio, se afogue, e sepulte no Inferno, e hum desgraçado homem obedece com presteza, e vay ao Inferno padecendo huma morte tam violenta, qual he a dos afogados. Estas saõ as prisoens, e cadeas do

vicio

vicio da luxuria, que chegaõ a atar fortemente ainda o livre alvedrio, e entendimento de hum homem. E que confusaõ será a deste miseravel no dia do juizo, quando na presença de Deos, e do Mundo todo, se verá condenado por causa do arrojo da sua torpe afeyçaõ.

Confirma esta verdade o Espirito Santo, quando diz: *Funibus peccatorum suorum constringitur peccator.* O peccador está ligado estreytamente com as correntes dos seus peccados. Quereis saber, quaes saõ os fusis destas correntes? Eu o declararey com as palavras de Santo Agostinho, que fallava como experimentado: *Suspirabam ligatus, non ferro alieno, sed mea ferrea voluntate: quippe ex voluntate perversa facta est libido; & dum servitur libidini, facta est consuetudo, & dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas, quibus quasi anulis sibi innexis tenebat me obstrictum dura servitus.* Estava suspirando (diz elle) por me ver preso não em correntes de ferro, mas da minha propria vontade, que era mais dura, que o ferro. Desta minha perversa vontade se originou a concupiscencia, em que ardia: por satisfazer á concupiscencia adquiri o mao habito de peccar: do mao habito de peccar me nasceo huma necessidade, que me violentava ao peccado; e tudo isto me ligava tanto, que me via em hum estreyto cativeyro do Inferno. Devemos ponderar bem aquellas palavras: *Facta est consuetudo, facta est necessitas:* porque o mao habito, e custume no peccar, faz tanta força ao coração humano, que o faz como peccar por natureza, segundo aquelle axioma: *Consuetudo est altera natura:* que o habito vem a fazerse como natureza. *Prov. 5. 22.* *Aug. l. 3. Conf. cap. 5.*

Encarece mais esta verdade Jeremias, comparando este mao habito do peccado ás qualidades

por natureza inalteraveis: *Si potest Æthiops mutare pellem, aut Pardus varietates suas: & vos poteritis benefacere, cùm didiceritis malum?* Assim como não pòde hum negro mudar a cor da sua pelle, nem hum Leopardo a variedade das suas cores, assim não deyxarà o peccado hum peccador habituado. Toda a agua dos rios, e sabaõ de Europa, lavando hum Ethiope, não o faraõ branco: donde nasceo, o proverbio *Æthiopem lavat.* Todos os avisos, reprehensoens, ameaças, e castigos, não acabráõ com hum peccador habituado na sensualidade a largar o seu peccado. Mas porque se serve o Profeta das duas comparaçoens, do Ethiope, e do Leopardo? Naõ bastava a primeyra para explicar o intento? Naõ: porque na segunda se contem huma boa doutrina. As manchas do Leopardo se podem tirar, cortando, e rapando-lhe todos os cabellos da pelle: mas crescendo outra vez os cabellos, tornaõ outra vez as manchas. O mesmo succede em hum sensual habituado. Vem o tempo da Quaresma, procura cortar, e tirar estas manchas por meyo de huma confissaõ (em caso, que seja bem feyta); mas como lhe ficão as raizes, a saber o mao habito, que tinha de peccar, tomão força as raizes dos maos habitos, e brotaõ em novos peccados, e pòde ser, que em tantos, ou mais, que dantes. E pòde chegar a tal excesso a dureza, e obstinação de hum Luxurioso por causa da sua habituaçaõ no peccado, que não seja bastante meyo algum daquelles, de que usa hum sabio Prègador, ou hum destro Confessor, para o desatar destas tam fortes cadeas: como succedeo àquelle, de quem refere Drexelio Author celeberrimo, que dizia: deyxay já, e acabay de me fazer medo com tam terriveis ameaças, porque vos protesto, que se me fizesseis aqui apa-

Jerem. 13.23.

aparecer à mão direyta a morte com a fouçe, para me cortar a vida, e à maõ eſquerda os Demonios, para me levarem ao inferno, ainda que eu quizera, não poderia largar eſte fadario de tornar aos meus goſtos; porque com elles, e por elles hey de morrer.

Não duvido da louca reſolução, com que fallava eſte malvado; pois ſendo elle jà feyto eſcravo da ſua ſenſualidade, achava-ſe com ſaude, e ainda forte, e rebuſto, para continuar nos ſeus deleytes. Via a morte muyto ao longe, e conſiderava o Inferno como em perſpectiva, onde aquelle fogo não lhe fazia mais impreſſaõ, que como pintado. Naõ porém aſſim, ſe eſtiveſſe na cama com huma doença mortal deſeſperado dos Medicos, abatido de forças, abandonado de todos, e já com o ſirro na garganta, que então ſe pudeſſe fallar, diria por experiencia com o Profeta David; jà me cercàrão as dores da morte: *Circumdederunt me dolores mortis:* E que jà preſentia as dores do Inferno, que tão horroroſas, e medonhas o eſtavão cercando: *Dolores inferni circumdederunt me.*

O que mais me admira, e eſpanta, he hum caſo, que direy, muyto a propoſito, e ſerviá tambem de prova concludente para remate deſte terceyro ponto. Vivia em Napoles hum Mancebo nobre, que morrendo-lhe os Pays, ſendo menino, ficou debayxo da tutela de huns parentes, que mais tratárão de lhe conſervar a fazenda, que de dar-lhe boa educação dos cuſtumes. Criou-ſe bem mal, para viver peyor; e para com mais liberdade ſatisfazer aos ſeus apetites, contava os dias, e as horas, que lhe faltavão, para ficar emancipado. Jà livre dos Tutores, e Senhor da ſua fazenda, em breve tempo como outro filho prodigo: *Diſſipavit ſubſtantiam ſuam.* *Luc.* 15. 13. & 30.

suam, vivendo luxuriosè. E não só a gostou, e dissipou, mas (como explica mais claro o Evangelista S. Lucas) a devorou: *Devoravit cum meretricibus.* Reduzido a huma extrema miseria, lhe era necessario ir a casa de algum parente, ou conhecido, a pedir-lhe o necessario para o sustento daquelle dia, que movidos da sua miseria, lhe não faltavão com a caridade que pedia. O agradecimento, com que pagava este beneficio, era furtar-lhes alguma peça de prata, e logo levala a casa de huma mulher, que assim como o obrigava impudica a deshonestos tratos, o impellia tambem a semelhantes furtos, sendo só estes a causa dos carinhos fingidos daquella enganadora, que se o recolhia risonho, quando lhe trazia dadivas, não o admitia, se sem ellas a procurava. Fiay-vos agora no amor de semelhantes mulheres, e perdey-vos por ellas! Bem perdido andou este miseravel moço; pois para continuar na sua torpe amizade, vendo, que já nem parentes, nem amigos, o admitiam nas suas casas, de domestico passou a ladrão de estrada; e sendo grandes os indicios, foy enterrogada a Amiga, que, como se fosse mortal inimiga, confessou de plano os furtos, com promessa (por não ser julgada complice) de entregar á justiça o desgraçado amante. Não tardou este com outro furto a ir visitar, e presentàlo ao seu Idolo, de quem nunca foy tambem recebido, e agasalhado, nem com mayores caricias, nem com melhor cea. Acabada esta, mandou logo a fingida Amiga aviso à justiça; que vindo com diligencia cercàrão toda a casa, entràrão dentro, e presionàrão o miseravel moço, o qual à vista do furto, que juntamente cahio nas mãos da justiça por industria da fingida Amiga, como da outra Dalila traydora, foy levado logo á cadea, onde confessou

feſſou ſem difficuldade huns, e outros roubos, que tanto mais fizerão prova concludente, para ſer ſentenciado à morte. Vendo pois, que eſtà pelos crimes lhe era irremiſſivel, tratou de reconciliar-ſe com Deos por meyo da Penitencia, para poder ir gozar de melhor vida na Celeſtial Patria. Jà deſenganado chorava, e obominava as miſerias deſta vida, arrependido não ſó dos roubos, e dannos, que tinha feyto ao ſeu proximo; mas tambem de ter prodigamente diſſipado toda a propria fazenda *vivendo luxurioſé.* Conhecendo quanto melhor fora, ſe a tiveſſe gaſtada com os pobres, o que alèm de ſer hum acto heroico, ſeria tambem caridade meritoria para com Deos. Com eſta boa diſpoſiçaõ ſahio da cadea, e caminhava para o patibulo no meyo de dous Religioſos, levando o Crucifixo diante dos olhos, para poder contemplar; com quanta paciencia, e humildade, o meſmo Senhor ſofreo ignominioſa morte, ſendo innocente, por nos ſalvar, e ſuccedendo paſſar pela meſma rua, onde eſtavaõ as caſas da Amiga, levantou os olhos para a janella, e a vio toda alegre, e carinhoſa (caſo incrivel, ſe naõ ſuccedèra em preſença de tanta gente, que o acompanhava); e baſtou eſta viſta, que teve o tal moço, para lhe perturbar o juizo, e fazer-lhe tal commoçaõ dos eſpiritos, que caminhando elle naquelle ultimo tranſe mais morto, que vivo, tomou tal brio, e alento para pertender com hum impetuoſo arranco eſcapar das mãos do Algoz, e meter-ſe em caſa da Amiga; mas como elle hia algemado, a falta da liberdade o fez cahir no chaõ junto da porta da ſua perdiçaõ. Acudiraõ logo os Miniſtros de juſtiça todos attonitos do ſucceſſo, e levantando-o em pè, o impelliraõ a caminhar com mais preſſa para a forca. Oh cegeyra

total

total do entendimento! Oh força predominante da natureza corrupta! Eys-aqui a prova de S. Agostinho; *Dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas.* Quer dizer, que em razaõ do mào habito chega hum perverso luxurioso a ser quasi necessitado a peccar, e perder-se; verificando-se neste caso, o que jà deyxou escrito hum Gentio de grande saber: *Naturam expellas furca, tamen ipsa recurret.*

Hor. Poe

4. Ponto. Naõ he de menor consideraçaõ nos Condenados o tormento do bicho da consciencia, do qual faz mençaõ Christo bem nosso por Saõ Marcos, affirmando, que he hum tormento, que nunca acaba: *Et vermis eorum non moritur.* Ora se considerarmos o que padece hum luxurioso nesta vida, acharemos, que ainda neste mundo padece anticipadamente este tormento. Tem o luxurioso no seu coraçaõ huma casta de verme, que o despedaça, hoje por sospeytas inuteis, à manhaõ por desejos violentos, jà por ciumes, e zelos endiabrados, e algumas vezes por vinganças impossiveis; e ajuntando-se algumas vezes todas as payxoens no entendimento, e na vontade; padece hum tormento inexplicavel. E não he menos o remorso, ou latidos, que sempre lhe dà o coraçaõ, de que o caminho, que leva, he o da perdiçaõ, porque Deos como recto deve castigar a sua depravada vida. Este remorso da consciencia era a que atormentava ao infeliz Cain. He digno de reparo o que disse Cain depois de matar a Abel: *Omnis, qui invenerit me, occidet me.* Que toda a pessoa que o encontrasse, o havia de matar. E quem o havia de matar, se elle ficou unico filho de Adaõ, e Eva, e naõ havia outra pessoa no Mundo, mais que elle, e seus Pays? Ah que este medo era causado do remorso da consciencia; e quando as

Marc. c. 9. 44.

Gen. 4. 25.

folhas

folhas das arvores movidas do vento faziaõ rumor, lhe parecião exercitos, que o vinhaõ prender, para o matar. Quintiliano clamando em Roma disse: *Oh tormentis omnibus gravior conscientia!* Suetonio fallando de Tiberio affirmou: *Nihil est miserius, quam mala conscientia;* e Seneca convem com todos, que a consciencia he o Algoz, que atormenta continuamente a quem obra: *Verè consentiamus mala facinora conscientiæ flagellari.* Finalmente concordão os SS. Padres, ser huma das mayores penas de hum peccador: *Inter multiplices tribulationes, & innumerabiles animi molestias, nulla est maior conscientia dilictorum.* Assim Saõ. Gregorio concordando com S. Agostinho.

Guisi.

Suet. in Tib. vit.

Greg. in Psal. 43

Mas como (direis vòs) naõ despertaõ com este remorso da consciencia os Luxuriosos, para a emenda? Respondo, que esta he a propriedade do vicio da carne, que quanto mais se radica com a continuação dos actos tanto mais se apaga o lume da razaõ, atè se extinguir totalmente o remorso. Fazia viagem de noyte Luthero com hũa Freyra, que tinha tirado do seu Convento, para se casar com ella. O luar era clarissimo sem nuvem alguma, que impedisse a vista das Estrellas. Aconteceo dizer a Freyra estas palavras: Oh que bello Ceo alcatifado de Estrellas, e que será o Paraiso! He bellissimo (respondeo Luthero) mas naõ he para nòs. E porque (replicou a Freyra)? Entaõ Luthero: Deos me bateo à porta do coraçaõ por dezasete annos com hum remorso de consciencia, que me naõ permittia descanço; atè que resistindo eu sempre, e fazendo peyor, fiquey livre deste açoute, e já naõ cuydo no Paraiso, e menos no Inferno. Oh que desgraça! Oh desemparo da graça de Deos, quando deyxa huma alma entregue ao appetite da carne, para viver brutal-

talmente continuando nos maos habitos, sem remorso algum da consciencia, atè morrer no peccado! He o que disse Christo aos Judeos: *Ego vado, & in peccato vestro moriemini.* Desenganay-vos, que naõ ha vicio, com que o Demonio conduza mais almas para o Inferno, que o peccado da luxuria: *Magis per carnis luxuriam humanum genus subdit Diabolo, quam per cætera vitia:*) diz S. Izidoro) e dà a razaõ; porque o Demonio obra com os libidinosos, como o Corvo com os Cadaveres, que a primeyra cousa, que lhes devòra, saõ os olhos; assim elle lhes cega primeyro o lume da razaõ, que he como os olhos da alma, a fim que naõ conheçaõ o seu pessimo estado. O mesmo affirma S. Agostinho, dizendo, que o Demonio com os mais vicios pesca as almas como com o anzol; mas com o vicio da luxuria pesca como com rede, que apanha grande quantidade, segundo o dito de Habacùc, *& totum congregat in rete suum:* e por isso Saõ Remigio chegou a dizer, que se exceptuarmos os meninos, que morrem innocentes, dos adultos por causa do vicio da carne poucos se salvaõ: *Exceptis parvulis, ex adultis propter carnis vitium pauci salvantur.*

Ibid. lib. 20. 34.

Hab. c. 1.

S. Rem. Apolog. 2. resp. 24.

Corre entre os luxuriosos alguma opiniaõ, que o peccado da carne he o mais facil de perdoado por Deos, e com isto se facilitaõ a peccar, e induzem tambem a muytos innocentes a cahirem no peccado. Eu naõ nego, que Deos pòde, e quer perdoar este peccado a quem verdadeyramente se arrepende de o haver commettido: mas se lançarmos os olhos aos castigos, com que Deos punio este peccado, acharemos, que naõ ha esta facilidade em Deos, para o perdoar, qual nòs imaginamos: *Luxuriæ facinus præ aliis atrociori vindicta punitum legimus,* (diz Santo Thomàs de Villanova) Quer dizer, que ne-

S. Thom fer. 4.

nenhum peccado castigou Deos com mayor severidade, que o peccado da luxuria. Os exemplos claramente o provaõ. Lembray-vos do rigor, com que castigou os moradores infames das quatro Cidades de Pentapolis, abrasando tudo com hum fogo tam voraz, que atè as casas, e pedras reduzio a cinzas, como se fossem Reos de lesa Magestade: e se perguntares a causa de tam horrendo castigo; achareys, que foy a sensualidade, em que viviaõ. Lembray-vos do Diluvio immenso de agoas, com que Deos soçobrou o Mundo todo, no qual perecèraõ todos os viventes da terra, salvos sómente os que escapáraõ dentro da Arca: e se examinares a causa, vos responderá a Escritura: *Dixit Deus, non permanebit Spiritus meus in homine, quia caro est.* A sensualidade depravada, com que vivião os homens sobre a terra, foy a causa de castigo tanto universal, no qual perecèraõ culpados, e innocentes. Ora deste rigor de Deos, em castigar este vicio, podereys inferir legitimamente a facilidade em o perdoar, para com esta confiança continuares a peccar carnalmente? Certo he, que não.

Não quizera porèm, que das verdades deste discurso, tomasse algum dos meus ouvintes habituado no vicio da sensualidade motivo, para desesperar. Day-me attençaõ. He verdade, que o vicio da sensualidade he difficilissimo a largar-se, principalmente de quem vive habituado nelle. He verdade, que o mao habito neste vicio passa como a natureza, fazendo como huma necessidade a continuar no peccado: mas tambem he verdade, que ajudado hum homem com a graça de Deos, que da parte sua não falta, pòde tomar huma resolução de o largar totalmente, e livrar-se de tam estreyta prizão. Não vos quero allegar outro exemplo, se naõ o de

S. Ago-

Santo Agostinho taõ celebre em a Igreja Catholica. Agostinho, sendo Manicheo, viveo tantos annos perdido neste vicio com tantas raizes, que lhe parecia quasi impossivel o largalo; com tudo feyto Catholico achou por experiencia, que se podia vencer; e dà o remedio com huma semelhança, que quando a propunha aos seus ouvintes, lhe pedia toda a attençaõ.

Aug. serm. 4. de ver. Ap. *Equus*, (diz elle) *non se domat, Elephas non se domat, Leo non se domat, sic & Homo non se domat: Ut dominetur Equus, Elephas, Leo, quæritur Homo, ergo quæratur Deus, ut dominetur Homo. Domuisti Equum, quem non fecisti, & non domabit te, qui fecit te?* Quer dizer: Hum Cavallo, hum Elefante, e hum Leão não se doma a si mesmo; assim da mesma maneyra hum homem não se doma a si mesmo. Para domar o Cavallo, o Elefante, e o Leão, he necessario o homem, que he superior a todos, *omnia subjecisti sub pedibus.* E para domar o homem, he necessario recorrer a Deos, que he Superior ao homem. De maneyra, que assim como o homem amansa huma féra, que naõ creou, assim Deos póde amansar o homem, que creou. Mas com esta differença, que como Deos creou ao homem em livre alvidrio, a saber, com vontade livre, o quer conservar esta liberdade ao homem; por isso ainda que Deos possa *de potentia absoluta* amansar o homem, isto he, fazer-lhe mudar a vontade, com tudo *de modo ordinario* não lhe muda a vontade, sem o homem consentir nesta mudança. E para haver esta mudança, que deve fazer o homem? O mesmo Santo o declara em humas palavras seguintes: *In illo spes est, & nos subdamur, & misericordiam precamur.* Quer dizer: em Deos está toda a nossa esperança, humilhemo-nos diante delle, pessamos instante-

mente

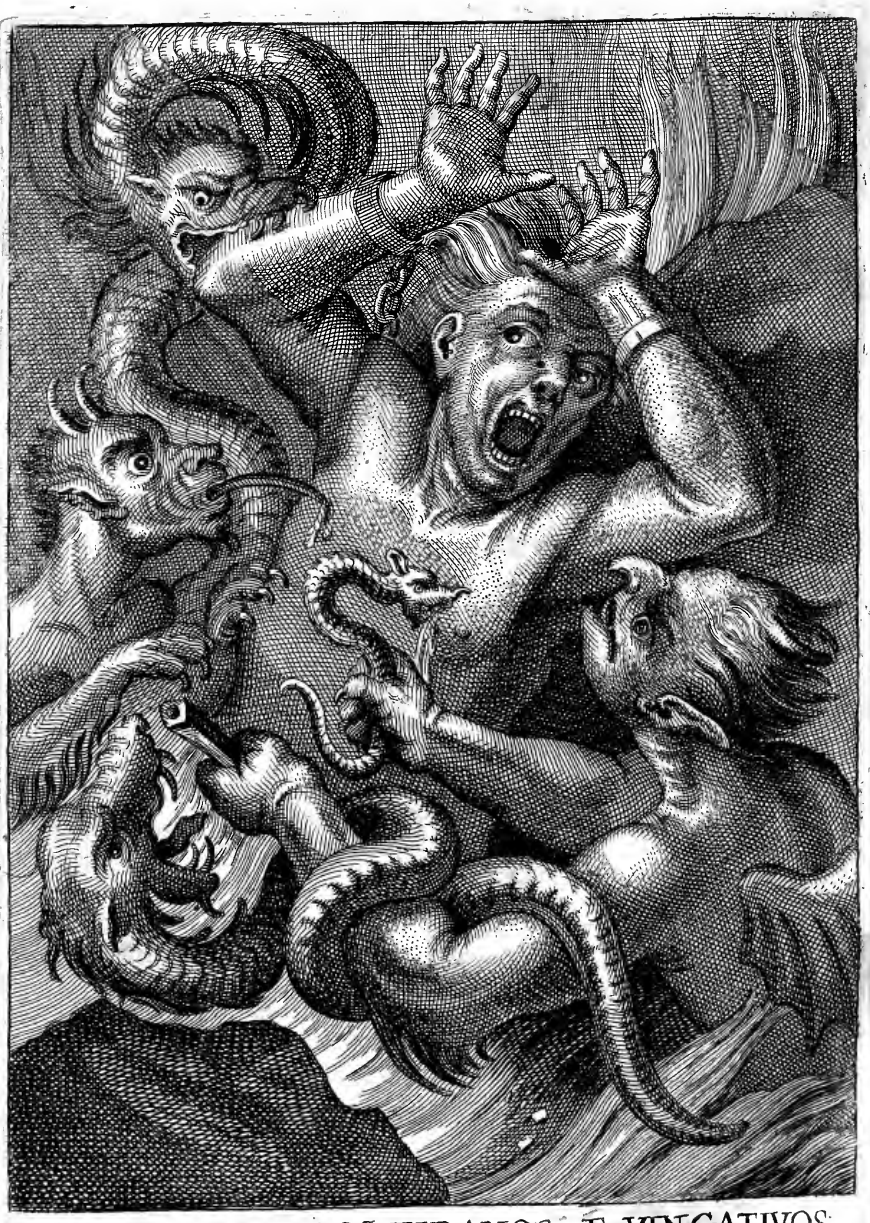
mente a ſua graça, e o ſeu favor, e a ſua miſericordia; e deſte modo poderemos alcançar eſta mudança, poderemos ſahir deſte atoleyro, em que nos tiver metido o noſſo mao habito da ſenſualidade.

Aſſim fazia David, quando dizia: *Salvum me fac Deus, quoniam intraverunt aquæ uſque ad animam meam.* Senhor, ajudayme a ſalvar, porque eu me vejo ſubmergido nas correntes dos meus peccados. Chamava com inſtancia a Deos; no qual punha toda a ſua eſperança, e por iſſo replicava: *Laboravi clamans, dum ſpero in Deum meum.* Devemos porèm advertir, que o Santo Profeta no meſmo tempo, em que eſperava de Deos o favor, de ſe ver livre das ſuas culpas, trabalhava, e cooperava tambem da ſua parte, para ſe livrar. Eſſa força tem aquella palavra *Laboravi.* Recorria, e pedia a Deos, que o livraſſe, mas no meſmo tempo fazia diligencia para ſe livrar: *Laboravi clamans.* Deos da ſua parte eſtá prompto a livrar o luxurioſo habituado no peccado do habito vicioſo, que o tem ligado, e preſo; mas he neceſſario, que elle da ſua parte faça diligencia, para romper eſtas priſoens, e vencer o ſeu mao coſtume. Para fazer eſta diligencia, ſe deve ajudar do temor de Deos, temendo o ſeu juizo, a ſua ſentença, e os ſeus caſtigos, que ſeraõ por toda a Eternidade; porque eſte temor ſerá baſtante não ſó a fazerlhe romper as priſoens do ſeu deplorado eſtado, mas tambem a extinguirlhe todas as raizes do ſeu mao coſtume; fazendo, que em lugar do mao ſucceda o bom habito, e coſtume. O meſmo Santo Agoſtinho: *Veternoſiſſima conſuetudo timore frænatur, frænata reſtringitur, reſtricta langueſcit, langueſcens emoritur, & malæ conſuetudini bona ſuccedit.* Quer dizer; hum mao coſtume de muyto tempo com o temor ſe refrea, re- Pſal. 68

freado se vay apertando, apertado esmorece, e esmorecido vem a acabar, e em seu lugar succede hum costume bom. Assim succedeo ao mesmo Santo Agostinho, e a outros tantos Santos, e peccadores, dos quaes se podia julgar difficilissimo o livrarse das prisoens dos seus depravados affectos. O mesmo vos succederá a vòs, e principalmente se vos valeres, e prevaleres da intercessaõ daquella Santissima Mãy, e amorosissima Advogada dos peccadores, a qual assim como mereceo ouvir da bocca do Anjo Saõ Gabriel aquella sentença de não ser impossivel a Deos o fazer, que fosse juntamente Mãy, e Virgem: *Non erit impossibile apud Deum omne Verbum*; assim tambem merecerá alcançar de Deos a conversaõ de hum Luxurioso, que pela muyta habituaçaõ no seu peccado, pareceria talvez impossivel a sua conversaõ.

DIS-

RPJCB



TORMENTO DOS TIRANOS E VINGATIVOS

DISCURSO X.

Do tormento dos Tyrannos, e Vingativos.

Potentes potenter tormenta patientur.
Sap. cap. 6.

NAõ ha duvida, que a natureza humana tem huma terrivel inclinação á vingança. Corre, e ſe precipita a ella com tanta furia, que as mais das vezes naõ lhe dá tempo de conſultar, e ſeguir a razaõ. Daqui naſce que em ſemelhantes caſos hum homem afrontado ſe eſquece de Deos, e de ſi meſmo, conſente, e corre à vingança ſem reparo, ſem cautela, ſem armas, e ſem temor; deſpreza os mayores perigos, ou para dizer melhor, não cuyda nelles, nem os prevè, nem os vè. Não he facil explicar todos os movimentos, e perturbaçoens, que a natureza humana offendida excita no coraçaõ, e na Alma de hum homem injuſtamente aggravado,

vado. Não ha tormenta no mar tam desfeyta, não ha na terra innundação de Rios tam precipitada, não ha no ar vento, ou tuffaõ tam impetuoſo, não ha no Ceo Rayos, ou Coriſcos tam penetrantes: *Nulla vis flammæ, tumidique venti*, que cheguem a hum animo enfurecido, a hum coraçaõ ardente, quando correndo a vingança, quer ferro, fogo, e ſangue, para o total exterminio de hum ſeu inimigo: *Ardet, & odit.*

Sen. trag. in med.

Iſto ſuppoſto, receyo muyto, que ſucceda agora a mim, o que já aconteceo a Chriſto Senhor noſſo, quando prègava às Turbas naquella occaſiaõ, em que alguns dos ouvintes eſtranhando a ſua doutrina como difficultoſa, e impraticavel, o deyxàraõ, dizendo: *Durus eſt hic ſermo, & quis poterit eum audire?* Funda ſe eſte meu receyo ſobre huns falſos dogmas, que enſinaõ os Politicos do Mundo. Primeyramente pertendem, que perdoar as injurias, e naõ ſe vingar dellas, ſeja hum preceyto novo eſtabelecido contra os principios da natureza. Segundariamente, ſuppoſta a fraqueza humana, ſeja impoſſivel o poderſe guardar eſte preceyto. E em terceyro lugar ſer de deſcredito a huma familia, e indigno de hum homem briofo, e honrado. Por tanto determino neſte diſcurſo moſtrar todo o contrario, provando, que o preceyto de ſe não vingar dos inimigos he natural, e tam antigo como a creação do Mundo. Que he faciliſſimo, ainda que pareça impoſſivel. Que he generoſo, e louvavel, ainda que muytos maldizentes, e mal intencionados, lhe chamem vil, bayxo, e de covardes. E eſte ſerá o primeyro ponto. No ſegundo veremos os grandes tormentos, que padeceráõ no Inferno eſtes Vingativos, e Tyrannos, que não ſouberaõ uſar miſericordia com os ſeus proximos, caſtigando-os

Joan. c. 6.

Deos

Deos com o mayor rigor, e furor da ſua juſtiça, verificando-ſe delles, que: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Seria hum erro muyto craſſo, e huma abuſaõ de grandes conſequencias o cuydar, ou imaginar, que foy em algum tempo permittido a alguem odiar o ſeu inimigo, e tomar vingança delle. Quando Chriſto bem noſſo diſſe de ſua propria bocca aquellas palavras: *Audiſtis, quia dictum eſt antiquis. Dilliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum;* fallava reprovando certos dogmas falſos, que andavaõ em tradição, para obrar a vingança; e eſtas ſaõ as tradiçoens, que Saõ Paulo chama mentiras, e fabulas: *Inanem fallaciam ſecundum traditionem hominum.* E Santo Agoſtinho as cenſura como delirios dos Judeos: *Deliramenta Judæorum.* O preceyto de naõ tomar vingança dos inimigos, e de amalos, e fazerlhes bem, he tam antigo como o meſmo Mundo; pois he fundado na ley natural, que nos prohibe de fazer aos outros, o que nòs naõ queremos foſſe feyto a nòs: *Quod tibi non vis, alteri ne feceris.* Ora he couſa certa, e evidente, que quando nòs temos, ou por deſgraça, ou por malicia, offendido algum noſſo proximo, queremos, e procuramos, que não ſe vingue, nem nos perſiga, que nos perdoe, e naõ tenha mais odio, que nos queyra bem, e continùe com os ſeus favores. Logo conforme a ley da natureza, e do lume da razão, ſomos obrigados a fazer o meſmo com os noſſos Proximos, quando nos tem offendido, e aggravado: *Quod tibi non vis, alteri ne feceris.* Coloſſ. cap. 1.

Podemos conſiderar a Deos, ou como noſſo Creador, ou como Redemptor noſſo. Se o conſideramos como Creador, e Author da Natureza, o mandamento, que nos obriga a não tomar vin-

gança dos nossos inimigos, e de mais a mais amallos, e fazerlhes bem, foy feyto desde a creação dos nossos primeyros Pays Adam, e Eva. E se o considerámos como Redemptor, he tam antigo como a mesma Ley Evangelica publicada pelo mesmo filho de Deos feyto homem. Deos como Author da Natureza, e Senhor Soberano de todas as Creaturas se declarou, que nunca permittiria a vingança a pessoa alguma, segundo a intelligencia daquellas palavras por bocca de Moysés no Deuteronomio: *Mea est ultio, & ego retribuam eis in tempore.* Eu reservo para mim a vingança, e quero ser só em fazer justiça, e vingarme a seu tempo. E no Levitico deyxou escrito: *Non quæras ultionem, nec memor eris injuriæ civium tuorum.* Não busqueis a vingança, e não vos lembreis mais das injurias, que vos fizeraõ. E Saõ Paulo fallando em lugar de Deos, diz: *Mihi vindictam, ego retribuam.* A mim só toca a vingança, e dar o castigo, que merecem os que vos maltratão. De tudo isto se infere claramente, que só Deos tem justo poder para vingar, e castigar os seus, e os nossos inimigos: e tambem se infere por legitima consequencia, que se houvesse algum homem offendido, ou aggravado de outro homem, que se persuadisse, ou julgasse serlhe licita, ou permittida a vingança contra o seu inimigo, violaria o titulo de Creador, usurparia o direyto supremo de Deos, e cometeria hum crime de lesa Magestade Divina, com querer apoderarse da soberania, que Deos tem sobre todas as Creaturas, sendo esta o brazão mais precioso da sua Omnipotencia.

Deut. cap 31.

Levit. cap.16.

Ad Rom cap.12.

Naõ se contentou Deos de gravar nos coraçoens humanos este dictame de naõ fazer mal aos nossos inimigos, mas tambem por huma Ley positiva nos man-

manda, que os amemos, e soccorramos nas suas necessidades: *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum.* Prov. cap. 25
Naõ he logo bastante o naõ lhes ter odio, mas quer, que os amemos, e soccorramos, como se fossem parentes, ou amigos. Temos raros exemplos naquelles grandes Varoens do Testamento Velho. Moysés Legislador tam amoroso foy murmurado, e maltratado de palavras do mesmo Povo de Israel, que tinha recebido delle tam grandes beneficios; e com tudo não só perdoa de coraçaõ áquelles ingratos, e rebeldes, mas roga a Deos por elles com tal fervor, que pede antes a morte, que ver o seu Povo castigado: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis, dele me de libro tuo.* Naõ he menos para se admirar a paciencia, e mansidão de ElRey David, quando fugindo de Absalam, hum soldado por nome Semey começou a insultalo, e infamalo com improperios, atirando-lhe com pedras, e chamando-o homem indiabrado, amigo de fazer sangue, e complice de muytas mortes: *Ita autem loquebatur Semei, cum malediceret Regi, egredere, egredere Vir sanguinum, Vir Belial; mittebatque lapides contra David.* A' vista deste atrevimento, e desprezo contra a pessoa Real, Abisay Capitão da Guarda pedio a David permissaõ de fazer em pedaços aquelle mal dizente. Porèm David o não permittio, dizendo que o deyxassem continuar com aquellas afrontas, e maldiçoens, pois executava nisto a vontade de Deos: *Dimitte eum, ut maledicat. Dominus enim præcepit ei, ut malediceret David.* Da mesma maneyra fez Jozeph, porque naõ só perdoou a seus Irmãos a injustiça de o quererem matar, e de o venderem por escravo aos Israelitas; mas que os abraçou com finaes de amor sincero, remedeando a sua fome com abundancia de mantimentos, e Exod. cap. 32 Reg. 2. c. 7. 26.

dando-lhes terras, e gados, para viverem com largueza: *Ego sum Joseph frater vester, quem vendidistis in Ægyptum, nolite pavere, pro salute enim vestra misit me Deus, ut escas ad vivendum habere possitis.* Quem poderá agora dizer à vista destes exemplos, que o preceyto de perdoar, e fazer bem aos inimigos seja novo, quando era tanto em uso desde as primeyras idades do Mundo.

Genes. 45.

Vejamos agora como perdoar as injurias he cousa facil, ainda que a muytos pareça difficultosa; e a alguns impossivel. Primeyramente quem considerasse com attençaõ as penas, os trabalhos, e as difficuldades, que encontra quando arma, e tenta huma vingança contra o seu inimigo, acharia, que era mil vezes mais conveniente perdoarlhe, que tirarlhe a vida. Em quanto não se vinga, vive sempre perturbado sem paz, e sem quietação. Naõ cuyda em outra cousa, que no modo mais seguro de se vingar. Sospeytas, medos, pesquizas, e receyos, saõ as occupaçoens continuadas do seu entendimento. Naõ fallo nos gastos das Espias, Conselheyros, e Executores, que o inquietaõ, e lhe faõ causa de grandes despezas. Oh quanto mais facil he o perdoar, para viver socegado, e contente! Era o Emperador Augusto de huma memoria felicissima, tanto assim que chamava por seu nome a quantos Soldados se numeravaõ no seu Exercito; e lembrando-se de quanto via, e lhe diziaõ, diz o Historico, que só se esquecia logo das injurias, que lhe faziaõ: *Nihil obliviscebatur præter injurias.* Que maravilha, que reynasse tanto tempo, e governasse, com ter todo o Mundo em paz! Julio Cesar nas guerras civeis de Roma teve por seu competidor, e inimigo a Pompeo, que munido, e fiado em huma facçaõ numerosa, e valente, que o seguia, lhe fazia

Suet. in vit.

hũa

huma perpetua guerra. Finalmente Cesar em huma batalha campal ficou victorioso, e nos despojos do campo se achou hum pequeno Escritório, aonde Pompeo guardava todas as cartas, que lhe escrevião de Roma todos os conjurados, e amigos. Não quiz Cesar, nem ver hũa só carta, e na sua presença as mandou lançar todas no fogo, dizendo, que seria mais agradavel o perdaõ aos Traydores, e Inimigos com ficarem encubertos, que depois de serem conhecidos: *Gratissimum putavit genus veniæ nescire quid quisque contra illum peccasset.* Se estes dous Principes tivessem genio para a vingança, lembrando-se hum das injurias, que lhe faziaõ, e querendo o outro ler as cartas, e descobrir os traydores; que perturbaçoens, e rumores não haveria em Roma? Que odios, e temores nos que temião de serem culpados? Que murmuraçoens nos seus Amigos, e Parentes? Corria risco de renovar huma nova guerra no Imperio, se logo no principio do seu governo procurasse a vingança com o rigor da justiça contra os delinquentes: porèm usando da clemencia, perdão, atè com os Inimigos ficou gozando de paz, socego com ganhar os coraçoens de todos. Logo claramente se vè, que he muyto mais facil, e de mayor utilidade o perdoar as injurias, que o vingarse dellas.

Sen. l. 2. de ira c. 23.

Esta prova porèm ainda que satisfaz à razão, e he muy conforme à experiencia, com tudo bem considerada, se pòde achar nella muyto do politico, ou do humano. Mais nobre motivo he sem duvida amar o inimigo, e fazer-lhe bem, não por conveniencia propria, mas unicamente por dar gosto a Deos, e fazer-lhe a sua vontade, pois assim o quer, e assim o manda: *Deligite inimicos vestros, benefacite iis, qui oderunt vos;* e acharèmos, que os seus

Math. 5. 5.

mandamentos naõ saõ difficultosos, e pesados, como os pintão os malevolos: *Mandata ejus gravia non sunt:* Acharèmos, que a sua Ley he muy facil, e o seu jugo muy ligeyro, e suave: *Jugum meum suave est, & onus meum leve.* Todas as creaturas sensitivas não tem difficuldade alguma de obedecer a Deos, e atè as insensiveis, sem mostrar repugnancia, se esmerão em fazer-lhe a vontade: *Ignis, grando, nix, glacies, spiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus.* Só a creatura racional, que he o homem, aonde com obedecer devia sentir alivio, resiste, e sente pena. Quando hum grande Principe, ou Monarca da terra manda alguma cousa difficil, os Subditos, para serem benemeritos fazem faceis as mesmas difficuldades, para allegar mayores serviços, e merecimentos. Pois Deos, que he o Supremo Monarca do Ceo, e da terra, não terá o mesmo poder, declarandose, que esta he a sua vontade, que assim o quer, e assim o manda? *Ego autem dico vobis, diligite inimicos vestros, benefacite iis, qui oderunt vos.*

Joan. Ep. 1.

Já houve certo Principe antigamente na Grecia, o qual justamente irritado, e não podendo mais sofrer as injurias, e despresos, que recebia dos Athenienses, poz cerco à Cidade, e já como rendida, mandou se lhe puzesse o fogo em todos os cantos, para a reduzir em cinzas. Foy-lhe dito, que na Cidade havia hum paynel do famoso Apelles venerado naquelle tempo como o deos da pintura. A consideraçaõ desta imagem, que representava a Jupiter falso deos com os Rayos na maõ, esfriou de tal sorte o coraçaõ do Principe, que perdoou ao Magistrado, e povo daquella insigne Republica. Bem sey, que no nosso inimigo naõ ha cousa alguma, que naõ peça vingança, que naõ accenda o fogo da nossa

noſſa ira. A ſua lingoa vos tira a reputaçaõ, e a fama; as ſuas mãos tal vez manejaõ, e guardaõ indevidamente a voſſa fazenda; o ſeu coraçaõ he de hum tigre, que vos deſpedaçaria, ſe pudeſſe; o ſeu entendimento cuyda, e fomenta penſamentos, para vos fazer mal; e finalmente a ſua vontade intenta de vos deſtruir, e aniquilar. Comtudo ſe nas payxoens de voſſo inimigo conſiderares gravada a imagem de Deos, em quanto elle he feyto à ſua ſemelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem ſuam.* Eſta imagem, que he como hum raſgo da ſua bondade, e fermoſura, faz eſquecer logo as affrontas, e inſultos, que ſaõ como ſombras, que verdadeyramente deſluſtraõ a imagem do ſupremo Pintor digno de toda a veneraçaõ, e reſpeyto, pois he o meſmo Deos ſummamente bom, e infinitamente agradavel.

Daqui naſce, que ſe movidos deſta conſideração, e deſte motivo, perdoamos, e fazemos bem aos noſſos inimigos, amamos, e honramos a Deos com o mais eminente modo, com o que póde amar a creatura racional. A razaõ he; porque como nos myſterios da Fé (dizem os Theologos) a Authoridade, e Veracidade de Deos, que lhe ſerve de motivo, ſe moſtra tanto mais potente, quanto o objecto, ou myſterio, tem menos razoens evidentes, que o façaõ crivel; aſſim tambem quanto mayor difficuldade temos no perdoar ao inimigo, tanto mais reluz a Authoridade de Deos ſobre a noſſa liberdade, e ſobre a noſſa payxão, que propende naturalmente a fazer mal a hum inimigo indigno tal vez do perdaõ. Reconhecer a Deos em hum Rey, em hum Principe, naõ he couſa muy difficil; porque ainda que a Authoridade Divina aſſim mo ordena, com tudo he munida da meſma Mageſtade temporal

de

de Principe; do seu poder, e authoridade, em quanto Ministro do mesmo Deos: *Gladium portat, &* Rom. c. 13. *Minister Dei est.* Considerar a Deos em hum pobre, que cuberto de chagas morre de fome, tambem não he difficultoso; porque a compayxaõ natural nos move a ter piedade da sua miseria, e a sua pobreza naõ faz obstaculo para crermos, que Deos está nelle. Porèm reconhecer a Deos em hum inimigo, honrar, e amar huma sua imagem em hum homem, que em o vendo diante me perturba naturalmente a razão, me accende o sangue, me irrita a colera, e com tudo para obedecer a Deos, reconheço nelle a sua immagem, venço toda a minha repugnancia, o abraço, e me declaro por seu fiel Amigo; este si, que he o amor mais puro, he o acto mais heroico da mais perfeyta caridade de Deos, da qual faz mençaõ S. João: *Si dilexerimus invicem,* 1. Joan *charitas Dei in nobis perfecta est.*

2. He cousa digna de reparo, que querendo Deos fazerse visivel aos homens appareceesse a Moysés no meyo de huma çarça: *Apparuitque ei Dominus in* Exod. c. 3. *flamma ignis de medio Rubi.* E naõ era melhor que para mayor ostentação da sua grandeza appareceesse na summidade de hum cedro bem copado, ou de hum loureyro como Deos victorioso, e triunfante, já que se intitula Senhor dos Exercitos: *Dominus* Reg. 2. c. 7. *Exercituum?* Não: escolhe huma çarça, que he hũa arvore de espinhos a mais desprezivel, e esteril de todas, e que nada tem de attractivo, ou de benefica aos homens, para deste modo realçar melhor a Magestade, e fermosura de Deos, e attrahir mais heroicamente os coraçoens dos homens, os quaes, parece affastava de si o horror dos mesmos espinhos da çarça. Do mesmo modo Deos nunca se manifesta mais soberano, e glorioso nas suas creaturas, que

que quando os homens o reconhecem, venèraõ, e adoraõ em hum ſeu inimigo, que como huma çarça eſpinhoſa, naõ ſerve para outra couſa mais, que para o offender. Eſta he a doutrina, que enſinou Chriſto Redemptor noſſo, que prègaraõ, e praticàraõ os Apoſtolos, aos quaes imitando os Chriſtãos da primitiva Igreja, com notavel facilidade perdoavaõ, e ſe reconciliavaõ com os ſeus inimigos; ſabendo, que era o ſacrificio mais grato, e de mayor honra, que ſe pudeſſe fazer a Deos. Couſa admiravel (diz Tertuliano) era uſo corrente naquelle tempo o naõ reynar entre elles inimizades, que diziaõ: *Chriſtianus nullius eſt hoſtis*, e corria como em proverbio, que era virtude propria dos Chriſtãos amar o inimigo: *Chriſtiani inimicum deligere eſt*; tanto aſſim que os Idolatras veneravão por argumento da noſſa Fè eſte perdão das injurias, diſcorrendo ſer verdadeyro Deos o Deos dos Chriſtãos, pois tinha tanto poder ſobre os ſeus coraçoens, que os obrigava não ſó a perdoar, mas tambem a amar os ſeus inimigos, e ſoccorrelos nas ſuas neceſſidades. *Tertul. P. de Jeunt.*

Reſta agora provar para concluſaõ deſte primeyro ponto, que não he vileza, mas antes generoſidade de hum coraçaõ nobre, o perdoar aos inimigos. Deyxo por agora os argumentos forçoſos dos Sabios antigos, que guiados com o lume da razaõ enſinàrão eſta doutrina, e a praticáraõ com o exemplo. Mayor credito, e força tem o Texto Sagrado, que diz, que todos aquelles, que ſaõ amigos de Deos, vivendo na ſua graça, nunca fazem acçaõ vil, nem bayxa. A honra, e a gloria ſeguem as ſuas obras: *Nimis honorificati ſunt amici Deus.* Deos naõ quer ao ſeu ſerviço ſenaõ animos generoſos, e que tem brio. Por iſto diz, que o Reyno *Pſal. 138.*

do

do Ceo naõ se conquistar senaõ com valor, e força: *Regnum Cœlorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.* Logo quando Deos manda, que perdoemos as injurias, se deve entender sem duvida alguma, que he acçaõ muyto honrada, e glorioſa, e se naõ fora tal, o mesmo Deos feyto homem a naõ faria, como sabemos a fez na Cruz, perdoando aos mesmos, que o crucificavaõ: *Pater dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt.* E Salamaõ com a sua Sapiencia infusa naõ deyxou de nos advertir, que a Omnipotencia Divina especialmente consiste em ter compayxaõ, e perdoar as injurias dos que a offendem: *Misereris omnium Deus, quia omnia potes* E a Santa Igreja alumiada, e animada com o mesmo Espirito, diz nas suas Oraçoens, que nunca reluz melhor a gloria de Deos, nem mais se dilata a sua Omnipotencia, que quando perdoa aos peccadores, que a offendem: *Deus, qui Omnipotentiam tuam parcendo maximè, & miserando manifestas.*

Matth. c. 11.

Matth. In Miss.

Dom. Epiphan

Mas porque razaõ Deos se mostra mais soberano, e se augmenta a sua gloria, e triunfa a sua Omnipotencia, não se vingando das injurias, e offensas, que os homens lhe fazem? A razaõ he; porque este he o mais potente, e glorioso modo, que a sua Sapiencia Infinita toma, para ficar perfeytamente desafrontado, satisfeyto, e triunfante do atrevimento, e rebeldia dos seus inimigos. Vingarse nobremente, e perfeytamente do seu inimigo, he destruir o odio, que elle tem arraygado no seu coraçaõ contra vòs; he trocar este seu odio em amor, e fazer, que vos ame com todas as vèras. Quem mata o seu inimigo, naõ mata o odio, que vos tem; antes succede as mais das vezes, que quando morre o tal inimigo, o seu ultimo suspiro, he de ordinario hum final de mayor furor, e rayva con-

contra vós. Logo o matar o inimigo em rigor naõ he vingança; porque não deſtroe a inimizade; antes ſe elle vay ao Inferno, a augmenta em dobro por toda a Eternidade. Neſta ſuppoſiçaõ de poderes vòs extinguir o odio que vos tem o voſſo Inimigo, neſta tal ſuppoſiçaõ direy, que fazeis bem em perſeguir, e procurar aniquilar o ſeu odio: mais iſto ſó ſe pòde fazer perdoando-lhe, e procurando juntamente de o reconciliar com beneficios.

Quem he eſte voſſo inimigo? Succede tal vez, que he hum voſſo parente, e certamente he hum voſſo proximo. Bem eſtá. He axioma dos Filoſofos, que huma ſubſtancia nunca pòde ſer contraria à outra ſubſtancia: *Subſtantiæ nihil eſt contratium.* *Ariſt. Fiz.* Que couſa vos he contraria neſte voſſo inimigo? Naõ o ſeu corpo, naõ a ſua alma, naõ a ſua nobreza, naõ as ſuas riquezas, e talentos; porque ſuccede muytas vezes, que eſte voſſo inimigo he amado, eſtimado, e correſpondido de muytos outros. Logo he o ſeu vicio, ou a ſua payxaõ, o ſeu odio, e a ſua inveja, com a qual, e pela qual vos perſegue. Pois contra eſta he que vos deveis armar, e pelejar: eſta he a que deveis deſtruir, e aniquilar, e nunca o conſiguireis, deſejando-lhe, ou fazendo-lhe mal. Hum contrario nunca ſe vence ſenaõ com outro contrario. O fogo naõ ſe apaga com outro fogo, antes creſce, e ſe augmenta o ſeu calor; com o ſeu contrario porèm, que he a agoa, ſe extingue. Huma doença procedida do calor ſe lança fóra com os remedios frios: *Contraria contrariis curantur.* *Gal. de morb.* Do meſmo modo deſenganeſe quem tem contrarios, emulos, e inimigos, que as inimizades não ſe compoem com outras inimizades, mas com uſar de cortezias, vencendo huma malquerença com hum beneficio, hum rigor com

hũa

huma brandura, huma furia com hum acto de paciencia, hum odio com hum amor, e finalmente o mal com o bem. He a verdadeyra doutrina de Christo, como ensina S. Agostinho: *Noli vinci à malo, sede vince in bono malum: Non ores, ut moriantur inimici tui, sed ut corrigantur, & mortui erunt inimici, jam enim correcti non erunt inimici.* *Aug. l. 4 de Civ.*

Para conclusaõ deste primeyro ponto referirey duas celebres historias, com que Deos triunfou de dous grandes seus inimigos. Huma do Testamento Velho, e outra do Novo. Vendo Deos a obstinaçaõ de ElRey Faraò, e o seu coraçaõ sempre mais duro em perseguir o povo escolhido; ordenou a Moysés, que batendo com a sua vara o mar vermelho, o dividisse; e logo se fez hum caminho de terra, servindo as agoas como de muros de crystal para franquear a passagem aos Israelitas: *Et ingressi sunt Israelitæ per medium sicci maris, erat enim aqua quasi murus à dextra eorum, & læva.* Mandou Faraò ao Exercito, que fosse em seguimento, para os degolar a todos. Porèm levantando Moysés a vara, tornàrão logo as agoas ao seu lugar, e assim coches, carros, cavalleyros, e cavallos, ficàrão todos afogados sem escapar hum só: *Nec unus quidem super fuit ex eis.* Foy tam completa esta victoria, e tam glorioso este triunfo aos Israelitas, que em acçaõ de graças cantàrão aquelle famoso cantico: *Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est equum, & accensorem dejecit in mare.* Saulo naõ era menos furioso contra os Christãos, que Faraò contra os Hebreos, desejando, e pedindo poder para prender, e extinguir os Apostolos, e seguazes de Christo: *Saulus adhuc spirans minarum, & cædis in Discipulos Domini.* Foy necessario, que Christo o derrubasse do Cavallo, e prostado em terra esti-

Exod. c. 13.

Exod. c. 14.

estiveſſe tres dias eſpantado, cego, e ſem comer: depois tornando em ſi, e conhecendo quam poderoſa era a palavra de Chriſto, e bravo Leaõ ſe fez manſo cordeyro; de perſeguidor da Igreja, propagador da meſma; e de vaſo de ira, vaſo de eleyçaõ: *Vas Electionis eſt mihi iſte.* Eſta he a vingança, que Deos Redemptor noſſo quer tomemos dos noſſos inimigos: naõ como Faraò, que querendo perſeguir, e matar, ficou com todo o ſeu exercito afogado, e morto no profundo abiſmo do mar vermelho: *In profundum Abyſſi.* E vòs tambem, com o coraçaõ duro em naõ querer perdoar; ficareis ſepultado no abiſmo do Inferno. Pelo contrario enchendo de graças, de cortezias, e de beneficios o voſſo inimigo, de vaſo de ira, de odio, e de rancor contra vòs, o trocareis em hum vaſo de eleyçaõ, de amor, e de agradecimento.

Nem me digais, que ſó Deos pòde fazer iſto, e naõ hum peccador fragil, e ſenſitivo, porque vos apreſento o exemplo de hum gentio, o qual narra Seneca Varaõ tao authorizado no Mundo. A Auguſto Ceſar, quando já em paz, e triunfante, em França teve noticia por cartas, que Cinna Fidalgo turbulento lhe armava huma conjuraçaõ, para o depòr do Throno, e para mayor certeza hum das conjurados, tomada a impunidade, lhe declarou o lugar, e o como, e o quando ſe havia de executar eſta trayçaõ. Perturba-ſe Ceſar, chama os grandes a conſelho, onde foraõ decretados os caſtigos devidos a tal crime. Depois entrando Ceſar em conſideraçaõ de que jà Marco Antonio tinha ſido degradado, e outros punidos com pena de morte, e que eſte novo inimigo Cinna era ſobrinho de Pompeo, e tinha grande facçaõ em Roma, diſcorria comſigo humas vezes fallando, e outras ſuſpirando;

e dizia: He possivel, que depois de tantas batalhas por mar, e por terra, tenha eu conseguido a paz, e que Cinna agora, a quem tenho feyto tantos favores, me persigua com huma guerra intestina, de que nunca me poderey ver livre! Para que he mais viver, se para conservar a vida, devo fazer morrer tantos! Será necessario encher Roma de patibulos, e fazer correr pelas ruas rios de sangue. Ouvia estes gemidos a Emperatriz Livia sua mulher, matrona sabia, e prudente; e entrando no Gabinete lhe fallou deste modo. Senhor, tome V. Magestade Cesarea o conselho de huma mulher, e faça, como fazem os Medicos peritos, que quando curaõ huma doença, e vem, que os remedios da arte naõ servem, e o doente vay à peyor, aplicaõ logo os contrarios: *Fac, quod Medici solent, qui ubi usitata remedia non procedunt, tentant contraria.* Com o rigor da justiça atè agora nada tendes feyto, mas antes crescem os odios, e inimizidades. Valey-vos agora da clemencia, e brandura, á qual sois inclinado. Perdoay a Cinna, e vereis, que de inimigo se fará amigo tal, que será o vosso mayor Elogiador, e Panegerista.

Sen. lib. de clem. cap. 9.

Pareceo bem este conselho ao Emperador, e no dia seguinte mandando chamar a Cinna ao seu gabinete, fazendo-o sentar, e pedindo-lhe, que o naõ interrompesse, em quanto fallava, lhe fallou deste modo. Vòs sabeis, ò Cinna, que fostes rendido, e preso na primeyra batalha. Eu vos concedia vida, e a liberdade, e todos os vossos bens, e fazendas já confiscadas, tanto assim, que diziaõ os Emulos, que, sendo Cinna vencido, ficára depois mais rico, e aproveytado, que os mesmos vencedores. O vosso agradecimento depois de tantos beneficios he o maquinar de novo contra a minha vida.

da. Sey os companheyros da conjuraçaõ ; ſey o lugar, ſey o dia determinado para a trayçaõ, e a quem entregaſtes o punhal, para executar a minha ultima ruina. Naõ ſey, qual ſeja o intento, e o fim deſte voſſo arrojado animo. Se pertendeis o Imperio, quando naõ foſſe outro impedimento, que o da minha parte, eu volo cederia eſpontaneamente, ſem cometeres a grande violencia, e o execrando crime da minha morte. Mas naõ ſeraõ talvez deſte acordo os Fabios Maximos com toda a ſua parentela, os Atilios, e muytos outros Cavalheyros Romanos, que pelas ſuas generoſas façanhas lograõ a honra, e a gloria de verem as ſuas Eſtatuas collocadas no Capitolio. Ora, Cinna, eu de novo vos perdo-o a vida; a primeyra vez vola perdoey como a inimigo, e agora como a Traydor, e Parricida. Comecemos deſde agora huma nova, e reciproca amizade, e toda a noſſa emulaçaõ deve ſer de procurarmos cada hum de nòs de aventajarſe em amar. Eu quero ſer o primeyro em dar eſta moſtra; e porque ſey, que dezejais ſummamente o Conſulado, eu vos faço, e conſtituo Conſul. E tomando-o pela maõ, ſahio juntamente com elle do gabinete, e diſſe aos Cortezaons, que eſperavaõ o ſucceſſo de tam larga audiencia: Day os parabens a Cinna meu grande amigo, que o tenho creado Conſul, e me ajudarà a governar fielmente o Imperio.

Ficàraõ attonitos os circunſtantes, e paſmou toda Roma, quando ſe ſoube, que Cinna era Conſul, e elle narrou a todos, quanto tinha paſſado com o Emperador Auguſto. Foy tal o amor do Senado, e o aplauſo do Povo, que não contentes de o chamarem pay da Patria, o collocàraõ no numero dos Deoſes com o titulo de Clementiſſimo, que

depois tomáraõ os mais Emperadores. Depois Cinna lhe foy tanto fiel, e primoroso, que o deyxou por seu unico herdeyro: *Nullis amplius insidiis ab illo petitus amicissimum, fidelissimumque habuit, hæres solus illi fuit.* Digaõ agora os Sabios do Mundo, que este preceyto de perdoar as injurias he novo, estabelecido contra os principios da natureza. Digaõ, que, vista a fraqueza humana, he impossivel poderse guardar. Digaõ finalmente, que he de descredito a huma familia, e indigno de hum homem brioso, e valente. Augusto era da familia dos Cesares, tam brioso, e valente, que no concurso de tantos emulos, que naõ eraõ inferiores na nobreza, e valor, chegou a força de batalhas vencidas a ser Emperador. E o que mais se deve advertir, he, que era Gentio adorador dos Idolos, sem o lume da Fé, e sem a nova obrigação do tal preceyto, em quanto intimado por Christo, que naquelle tempo ainda naõ era nascido; e quando nasceo, como nota o Cardeal Baronio no Martyrologio Romano, era Augusto triunfante, governando com a sua clemencia todo o Mundo em paz.

Senec. lib. 1. de clem. c. 10.

Martyrol. Rom 25. Dezemb.

Resta agora ver os horriveis tormentos, que padeceraõ no Inferno estes Vingativos, e Tyrannos, que com o coraçaõ endurecido naõ querem perdoar aos seus proximos. Quando Deos creou o Inferno, naõ o creou propriamente para os homens, porque estes todos deseja Deos salvar: *Deus vult omnes homines salvos fieri:* mas o creou propriamente para os Demonios, como se colhe da sentença de condenaçaõ, que dará aos reprobos: *Discedite à me maledicti in ignem æternum, qui paratus est Diabolo, & Angelis ejus.* Perguntaõ agora os Doutores, porque Deos para castigar os Demonios se serve particularmente do fogo, e o nomea como prin-

2. *Ponto.*

Tim. 1. cap. 2.

Matth. cap. 25.

principal instrumento, para os atormentar? Porque o peccado de Lucifer, e dos seus sequazes, era hum crime de primeyra cabeça, que acommettia direytamente á Divindade, e pertendia levantar o seu Throno sobre as Estrellas, e fazerse semelhante a Deos: *In Cælum conscendam, super astra exaltabo solium meum, similis ero Altissimo*; e assim era justo houvesse proporçaõ entre a culpa, e a pena; e porque entre todos os elementos o fogo he o mais activo, e o mais violento, era necessario, se servisse delle, para castigar os Demonios. Ora todos os peccados mortaes saõ peccados de rebeldia contra Deos Senhor nosso, e justamente merecem pena eterna; porèm o peccado da Tyrannia, e vingança, he peccado diabolico, he de huma malicia luciferina, he hum crime, que se oppoem immediatamente a Deos, e pertende despojalo da soberania, que tem sobre todas as creaturas, da qual he tam zeloso, que só para si como Senhor Supremo reserva a vingança: *Mihi vindicta, & ego retribuam:* e he de advertir, que Saõ Paulo immediatamente accrescenta: *Horrendum est incidere in manus Dei viventis:* como se dissesse: he cousa horrenda cahir nas mãos de hum Deos, que sendo morto, para salvar os peccadores, será sempre vivo, para atormentar com todo o vigor da sua Omnipotencia a potencia injustamente usurpada dos Tyrannos, e Vingativos: *Potentes potenter tormenta patientur.* Isai. cap. 14. Hebr. cap. 19. Sap. c. 6

Para explicar a actividade, e terribilidade deste fogo, que ha de atormentar os Vingativos, me valerey de outro Texto de S. Paulo, quanto mais profundo, para se entender, tanto mais expressivo, para o nosso intento: *Terribilis quædam expectatio judicii, & ignis æmulatio, quæ consumptura est adversarios.* E como pòde ser, que o fogo tenha emu- Hebr. c. 10. 27.

laçaõ, ou competencia, *Ignis æmulatio?* O fogo naõ tem Alma, nem ainda vegetativa, como as arvores, nem sensitiva como os brutos, nem racional como os homens; como logo pòde ter emulaçoens, e competencias? Logo materialmente atormentará os vingativos como os mais peccadores inimigos de Deos. Assim he, diz Alberto Magno, se fallarmos deste nosso fogo, que he muyto differente do fogo do Inferno, que os Santos Padres chamaõ: *Ignis sapiens*; porque he obediente em executar a vontade de Deos; e como os Emperadores Romanos para mayor divertimento do Povo incitavaõ as féras bravas, para que no Amphiteatro sahissem com mayor impeto a despedaçar, e devorar aquelles miseros Christãos condenados á morte, assim a Justiça Divina irritará em hum certo modo o fogo do Inferno, elevando-o instrumentalmente, para abrazar com mayor violencia os vingativos, e ficar a soberania de Deos gloriosa, e triunfante: *Ignis æmulatio.*

S. Ciril. Alex.

Eu cuydo de mais, que esta emulação do fogo seja conjurada naõ só com os mais elementos, mas com todas as creaturas, que se offerecem para vingar os vingativos, como se offerecèraõ os servos do Evangelho a extirpar a cizania, e lançala no fogo: *Servi autem dixerunt, vis, imus.* Quereis, que vamos. O ar para os afogar; a terra para os sobverter; o mar para os submergir como aos Egypcios; e finalmente as Féras, as Pedras, o Gelo, a Neve, as Tempestades, os Rayos, e tudo o mais, estaõ á competencia, para executar a vontade de Deos contra os vingativos: *Ignis, grando, nix, glacies, & spiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus.* He porèm de advertir, que o Profeta nomea em primeyro lugar o fogo como mais a proposi-

Matth. cap. 13.

Psalm. 148.

posito para ser Ministro da Justiça Divina; e com razão, diz Saõ Gregorio, tem o fogo esta emulaçaõ; porque como os peccadores em toda a sua vida não honráraõ ao seu Deos verdadeyro por satisfazer ao fogo das suas payxoens, e vinganças, o fogo do Inferno deputado por Deos a reparar a sua honra, se veste como de hum zelo, que quer mostrar, que he hum fogo de tal natural, que tem mais ardor, mais força, e mais poder, que o fogo da tua colera, e da tua ira, a quem obedecestes para executar a vingança contra o teu proximo: *Ignem tuum igne validiori superabit te, & cruciabit te.* Quizeste mostrarte mais poderoso, que o teu inimigo, quizeste tomar vingança delle: ora o fogo do Inferno será mais poderoso, e por toda a Eternidade te abrazará, e te consumirá, sem nunca mais ficar consumido: *Potentes potenter tormenta patientur.* *D. Greg. l. mer.* *Sap. 6.*

Sendo o fogo preferido aos outros elementos, e a todas as creaturas, para atormentar os reprobos, he quasi certo, que das penas exteriores, que soffreráõ os vingativos, a mais sensivel, e violenta será a do fogo. Eu bem sey, que a violencia, e actividade deste fogo he inexplicavel; e assim nunca poderey explicar bem a dolorosa impressaõ, que fará aos condenados; e por isso Santo Agostinho diz, que saõ atormentados com modos admiraveis, mas porèm verdadeyros: *Torquentur miris, sed veris modis.* Primeyramente este fogo, diz Tertuliano, representa a indignaçaõ, e furor de Deos, e he como principal Ministro da sua Divina Justiça, para executar com o mayor rigor as suas ordens: *Habet ignis ille divinam subministrationem;* e lhes fará sentir em summo grao todo o genero de tormentos. E que differença será deste fogo do Inferno ao nosso *Aug. l. 2 de Civ. Dei.* *Tertul. in Apol.*

sublunar? O nosso fogo antes de entrar nas partes interiores, se pega ás exteriores. O fogo do Inferno entra no mesmo instante na pelle, na carne, nas veas, nos nervos, e tutanos dos ossos: todo o corpo ficará fogo, como hum ferro ardente, e candente; ou como o vidro, quando sahe liquido, e transparente da fornalha. Este nosso fogo queymando o corpo, o vay enfraquecendo, e diminuindo, e a demasiada violencia lhe tira os sentidos, ficando aquella primeyra vivacidade quasi amortecida. O fogo do Inferno conserva os sentidos sempre igualmente vivos, e delicados. Depois de cem mil annos hum vingativo condenado sentirá as dores taõ vivas, e agudas, como na primeyra hora, que entrou no Inferno; porque Deos, como dizem os Santos Padres, dará tal virtude, e propriedade a este fogo, que sempre queymará, e nunca consumirá, reparando sempre quanto queyma: *Non absumit quod exurit, sed quod erodit reparat.*

Tert. in Apoll.

Oh peccador vingativo, quando considerares este fogo do Inferno, peçote, que não cuydes ser exageraçaõ minha. Te asseguro, que he muyto mais terrivel, e tormentoso, do que referem os mesmos Doutores, e Santos Padres, pois confessaõ, que o Entendimento humano o não póde penetrar, e explicar; e assim quando ouvires, que o nosso fogo a respeyto do fogo do Inferno he como pintado, dalhe fé, e naõ duvides; porque se Deos permittira, que hum Reprobo sahisse do seu calabouço do Inferno, e passasse logo a huma fornalha das nossas a mais activa, e alli o deyxassem por algum tempo, e depois tirado fóra o deytassem sobre hum grande paynel pintado, que representasse hum incendio, he certo, que o fogo pintado deste paynel naõ lhe pareceria taõ suave a respeyto do fo-

go

go da fornalha, quanto o fogo da fornalha lhe parecerá doçe, e ſuave a reſpeyto do fogo do Inferno; e com razaõ, porque o fogo do Inferno, ainda que he material como o noſſo, naõ obra naturalmente com o ſeu calor, mas he armado com o braço omnipotente de Deos, que com o zelo da ſua hora quer caſtigar os vingativos, e vingarſe delles, como de ſeus inimigos: *Armabit creaturam ad ultionem inimicorum.* Pelo qual, diz Saõ Joaõ Chriſoſtomo, que Deos mais exceſſivamente queyma, e atormenta os condenados, que eſtaõ naquelle fogo, do que o meſmo fogo: *Magis urit, & cruciat Deus in illo igne, quam ipſe ignis.* Pois elle he o que o anima, lhe dà força, irrita, accende, e o aſopra, como diz o Profeta: *Flatus Domini ſicut torrens ſulfuris ſuccendens.* E ſe o aſopro de Deos he como huma torrente de enxofre, que horrivel miſtura ſerá com o tal fogo poderoſo, e devorante para atormentar eternamente a tyrannia dos Vingativos! *Potentes potenter tormenta patientur.*

Sap. c. 5.

Iſai. c. 30.

Eu aqui movido de compayxão, e zelo, me ſinto inſpirado a advertir algumas couſas ſobre a tyrannia, e mào tratamento, que no Braſil, e em outras Conquiſtas do Reyno de Portugal ſe uſa com os Eſcravos. Oh quantos Senhores de Engenho, Feytores Mòres, e Lavradores de fazendas eſtaõ no Inferno pela crueldade, e mào trato, que tem dado aos ſeus Eſcravos! Primeyramente naõ lhes dão outro veſtido, mais que aquelle, que tem Chriſto crucificado na Cruz, nem modo, nem tempo para o ganhar. Querem cada dia delle o ſerviço completo, e ás vezes ſobre as forças, e em faltando, aſſoutes ſobre aſſoutes, e naõ lhes daõ o ſuſtento, para terem forças, para trabalharem. Dizem que lhes daõ o Domingo livre, para plantarem

o seu milho, para se sustentarem; e em quanto o milho se planta, nasce, e cresce, que haõ elles de comer? E se Deos ordena, que o Domingo se guarde, e naõ se trabalhe, com que consciencia sois causa de que elles trabalhem. Mais o Domingo he dado para Deos para o descanço, e elle mesmo descançou em o tal dia, o abençoou, e santificou, e por isso se chama o dia Santo, ou o dia do Senhor: *Gen.c.2. Benedixit diei septimo, & santificavit illum.* Os Escravos, que trabalhaõ toda a semana com tanto rigor, quando haõ de descançar? Os Escravos trabalhando, para se sustentar, no Domingo, naõ peccaõ; porque naõ podem de outro modo remedear a sua necessidade: mas os Senhores, que pelo interesse de mais açucar, e tabaco, os metem nesta necessidade, darão estreyta conta a Deos, e seraõ rigurosamente castigados, como diz S. Paulo: *Pœnas dabunt in interitu æternas.* Muyto mais he castigarem os Escravos, e as Escravas; estas, porque não querem consentir no peccado; e aquelles, porque naõ querem levar taes recados, ou porque naõ querem, ou naõ podem induzir ao peccado. Meu Deos, quam grande he a vossa paciencia! Basta, que a pobrezinha de huma Escrava, porque vos teme, ha de padecer, e chorar a sua miseria; e o Senhor, que injustamente a castiga, ha de rir, e folgar, porque naõ vos teme, nem os vossos castigos! Ah que Deos naõ dorme, nem permitte, que semelhantes tyrannias durem por muyto tempo. Considera, ò peccador vingativo, e cruel, o que *Sap.c.6.* diz o Espirito Santo: *Horrendè, & citò apparebit. quoniam judicium durissimum in his, qui præsunt, fiet.* Logo serás chamado a dar estreyta conta a Deos, e o Juiz será tirrivel, e horrendo, e com todo o rigor da sua justiça, e muyto mais os tormen-

mentos, que padecerás eternamente: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Bem fey, que os que aſſim maltrataõ os Eſcravos, daõ por eſcuſa o ſeu natural colerico, que por qualquer couſa ſe accende em fogo, porèm dizem, que he fogo de palha, que tudo he chama, que naõ dura nada, e logo ſe apaga. Frivola eſcuſa na verdade. Todas as vinganças, e as mais payxoens aſſim ſaõ. Depois de ſatisfeytas parão logo, e ſocegaõ; porèm no dia ſeguinte tornão a fazer peyor. Quereis ſaber onde ha de ir a parar eſte voſſo fogo de palha, pois aſſim chamais à voſſa ira, e vingança. Ouvi, o que dizem Saõ Matheus, e S. Lucas no ſeu Evangelho, fallando dos Eſcolhidos, e Precitos: *Congregabit triticum in horreum ſuum, paleas autem comburet igni inextinguibili,* que o Supremo Juiz ſeparará o trigo das palhas. Aos predeſtinados chama com o nome de trigo, e eſtes congregados, os porá no Celeyro do Paraiſo. Chama aos reprobos palhas, naõ ſó porque ſeraõ atados em feyxes, para arder eternamente no Inferno. *Alligate in faſciculos ad comburendum:* mas tambem porque aquelle fogo emulador: *ignis æmulatio*, enveſtirà com tal ardor as almas, e corpos dos Vingativos, que em hum inſtante, ſem achar reſiſtencia alguma, arderáõ em chamas como palhas. Conſideray agora a differença, que vay do fogo da voſſa ira, e rayva, que chamays de palha, com a voracidade, e rigor, com que ſerá caſtigado no Inferno. O fogo do Inferno ſempre arderá, queymará a palha do voſſo corpo com o meſmo vigor por toda a Eternidade, como ſe foſſe o primeyro dia, a primeyra hora, e o primeyro inſtante, ſem nunca parar, nem deſcançar; e a voſſa alma, e o voſſo corpo diſpoſtos como palha ſempre ar-

Math. c. 3. Luc. c. 3.

Math. cap. 12.

de-

derão: *Paleas autem comburet igne inextinguibili.*

O Profeta Rey diz, que os peccadores saõ postos no Inferno como as Ovelhas, e que a morte lhes subministrará sempre o sustento: *Sicut Oves in Inferno positi sunt, mors depascet eos.* Grande, e mysterioso texto he este. Se as Ovelhas saõ nomeadas no Evangelho, como Simbolo dos Escolhidos, como agora saõ exemplos dos Condenados? Ora concorda muyta bem o Texto com a sua intelligencia. As Ovelhas, que saõ do rebanho de Christo ouvem a sua voz: *Oves meæ vocem meam audiunt*, e seguem o seu pastor, *& sequuntur me*, imitando a sua paz, e mansidaõ; e a estas taes ovelhas mansas, e pacificas, he prometido o Reyno do Ceo, e possuem a Bemaventurança, ainda nesta vida na paz, de que gozaõ: *Beati pacifici, Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram.* Porèm Ovelhas, que não tem mais que a apparencia, e por dentro no coração saõ lobos carniceyros: *Intrinsecus autem sunt lupi rapaces*, que devorão os seus contrarios, tiranizaõ os seus Escravos, estas taes ovelhas apparentes tem no Inferno o seu lugar: *Sicut oves in Inferno positi sunt*, aonde arderá enternamente.

Psal. 38.

Joan. c. 10.

Math. c. 5.

Math. c. 7.

Não saõ menos mysteriosas as palavras, que se seguem, e citey a cima, *& mors depascet eos;* que a morte lhes dará sustento, que vem a ser o mesmo, que dizer; a morte lhes conservarà a vida. E como pòde a morte conservar a vida, se a vida nunca pòde acabar, se naõ quando chega a morte, não sendo outra cousa a morte, que a privação da vida, e a vida a excluſaõ da morte? Ainda mal; quer dizer o Profeta, que estes dous contrarios, morte, e vida se uniráõ no Inferno, e cada hum terá o seu effeyto, pois os Reprobos sempre morreráõ vivendo, e sempre viviráõ morrendo: *Homo*

in

in Inferno (diz Saõ Boaventura) *semper moritur, & ut semper mori possit, ad vitam continuò reparatur.* D. Bonav. Posto hum rebanho de Ovelhas em hum valle, quanta herve comem de dia, tanta torna a brotar a terra, e cresce de noyte, e no dia seguinte se achão as Ovelhas com o mesmo sustento. Do mesmo modo naquelle valle de miserias, naquella terra tenebrosa: *Terram miseriæ, & tenebrarum, opertam mortis caligine:* produzirá sempre hum fogo infernal, que atormentará eternamente os condenados, reduzindo-os a dores de morte, e no mesmo tempo será o seu pasto, e alimento, que os conservará com vida para que vivaõ, e morraõ, e padeçaõ por toda a Eternidade, em quanto Deos for Deos: *Ignis infernalis sic absumit, ut servet, sic servat, ut cruciet.* Pio Leytor, considèra com attenção, que se Deos naõ tivesse usado com nosco da sua Misericordia, já estariamos ardendo no Inferno. Usemos agora de piedade com os nossos Captivos, e Servos. Tratemolos com compayxaõ, já que elles saõ tambem nossos Irmãos, para evitarmos na hora da morte de sermos arguidos, e condenados com a ira, e furor da sua justiça: *Domine ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.*

Serm. 1. de S. Laur. Job. c. 10. S. Cipr. Psal. 6.

Não basta, não usar de tyrannias, e crueldades com os Servos, e Escravos, mas he tambem necessario não maltratalos de palavra, com injurias, e nomes execrandos. He já inveterado o desprezo destes pobres captivos; e não só o Senhor mas, qualquer vil Feytor quando chama hum escravo, e este naõ acode logo, prorompe em huma torrente de nomes, e vocabulos afrontosos, e injuriosos; e ainda que os pobres Escravos não respondem palavra para evitarem talvez huma tempestade de assou-

toures, sentem com tudo, e deploraõ a sua infeliz sorte de se verem mais aperreados entre a nação Portugueza, que he a flor da Christandade, do que seria entre os Mouros de Berberia. E he certo, que na Berberia se usa talvez de mayor caridade assim no sustento, como nas enfermidades dos Escravos, ao menos pelo interesse do resgate, quando falta a compayxão natural, ou outro motivo divino. E o peyor he, que raro será o Senhor, que se confesse destas injurias ditas aos seus Escravos? e se algum o fará como por escrupulo, he sem animo de se emendar, lançando sempre a culpa aos mesmos Escravos, a cuja malignidade attribuem as suas iras, e rayvas. E se Deos permittisse, que vòs fosseys os Escravos, e elles os Senhores, e vos castigassem, e injuriassem com o mesmo rigor, com que vòs o fazeis, podereis entaõ dizer, que se requeria da vossa parte a paciencia de hum Job, para sofrer? Mas ainda mal, que esta troca se pòde fazer, se não nesta vida temporal, ao menos na Eterna, onde talvez o vosso Escravo será glorificado, e vòs atormentado, e injuriado pela mão dos Demonios com mayor potencia, porque *potentes potenter tormenta patientur.*

O exemplo do Rico Avarento he tam abundante de boas doutrinas, que alèm de confirmar quanto temos dito, he hum desengano, para os peccadores emendarem as suas tyrannias, e crueldades, ou a pouca compayxaõ, que tem dos miseraveis. Sentio o Rico Avarento no Inferno a vehemencia do fogo, e começou a gritar desta sorte: *Crucior in hac flamma.* Eu padeço neste fogo. Reparem, que não diz no fogo, mas neste tal fogo, *in hac flamma*, para mostrar a grande differença daquelle fogo do Inferno, e do nosso fogo, que como já dissemos aci-

Luc. c. 16.

ma,

ma, he como pintado. No meyo deſte fogo levantou os olhos em alto, e vio de longe a Lazaro no Seyo de Abrahaõ. Exclamou logo com huma voz maviosa: Miſericordia, Padre Abrahaõ, miſericordia, a reſpeyto deſte miſeravel condenado, e mandayme a Lazaro: *Pater Abraham miſerere mei, mitte Lazarum.* E porque, ou para que pedia, ou queria a Lazaro no Inferno, quando ſabia, que o naõ podia livrar, ou aliviar daquellas penas? Direy: Lembrava-ſe, que no Mundo veſtia galas, e a ſua meſa era hum continuo banquete: *Induebatur purpura, & byſſo, & epulabatur quotidie ſplendide.* E que Lazaro pelo contrario eſtava deſpido, cuberto mais de chagas, que de panno, á porta do ſeu Palacio, eſperando algumas migalhas que cahiaõ da ſua meſa, para ſe ſuſtentar; e vendo, que eſte tal miſeravel Lazaro no outro Mundo era em delicias eternas, e elle pelo contrario em eternos tormentos, eſta conſideraçaõ lhe cauſava tal furor, e ira, que, moſtrando de humilhar-ſe, pedio, lhe trouxeſſe na ponta dos dedos huma pouca de agoa, naõ porque eſperaſſe o minimo refrigerio, mas porque o queria agarrar com os dentes, e obrigalo a padecer as meſmas penas, que elle padecia. Tanto póde em hum condenado, que foy tyranno, o furor, e emulação, quando vê o ſeu contrario, que deſprezou, e maltratou, ſalvo, e predeſtinado em gloria, e elle pelo contrario reprobo em penas; e eſta conſideraçaõ lhe cauſa tal furor, que nella, como diz S. Joaõ Chryſoſtomo, padece hum inferno peyor que o meſmo Inferno: *Plus zelo cruciatur, quàm gehena.* *D. Cryſoſt. hom. in hiſt. Evan.*

Eſte exemplo do Rico Avarento referido pela boca do meſmo Chriſto, he hum efficaz, e ſolido deſengano contra os homens crueis, e deshumanos, pa-

para aprenderem a compadecer-se dos seus proximos miseraveis, e necessitados. Quando consideró na Providencia Divina, em permittir, e querer neste Mundo ricos, e pobres, poderosos, e miseraveis, captivos, e livres, ponderando juntamente, que na hora da morte, e do juizo, saõ
Rom. 2. iguaes, quanto à natureza; porque, *apud Deum non est acceptio personarum*; mais me inclino á infeliz sorte dos pobres, e miseraveis, que dos Ricos, e Senhores, sabendo, que *potentes potenter tormenta patientur.* Oh que tormento, e confusaõ de hum Senhor, e de hum Official, em ver o seu escravo, ou escrava, que ultrajou, e perseguio, no dia do juizo à maõ direyta de Deos entre os Bemaventurados, gozando de huma alegria inexplicavel,
Petr. 1. *lætitia inenarrabili;* vendose a si colocado á maõ
c. 1. esquerda, feyo, e aborrecido de todos como vaso de abominaçaõ, esperando a sua final sentença de
Math. condenação: *Ite maledicti in ingnem æternum.* Então sabereis, qual seja mais potente, se o fogo das vossas payxoens, e da vossa crueldade, a que vòs chamaveis fogo de palha, ou o fogo emulador do Inferno assoprado pelo furor de Deos, que nunca se apagarà, e tanto mais intenso serà, quanta foy mayor a crueldade usada com os vossos Escravos,
*Sap.c.*6. e a ira, e vingança com os vossos Inimigos: *Fortioribus fortior erit cruciatio, Petentes potenter tormenta patientur.*

A concluſaõ deste discurso será o persuadirmonos, que Deos de nenhuma cousa he tam zeloso, como de naõ perdoar aos nossos Inimigos, e naõ amar o nosso proximo. Todas as Escrituras do novo, e velho Testamento, tratão este ponto repetidamente; Christo bem nosso no seu Evangelho, e S. João nas suas Epistolas nenhuma cousa encomendaõ com mais em-

empenho ſenaõ a caridade, e amor do proximo, porque ſem elle naõ póde haver amor de Deos, nem ſalvaçaõ; e para que iſto nos lembraſſe cada dia, quiz Chriſto, que na Oraçaõ do Padre noſſo lhe pediſſemos, que nos perdoe as noſſas dividas, aſſim como nos perdoamos aos noſſos devedores. O engano grande he, que muytos differem o perdoar ao ſeu inimigo, dizendo, que lhe naõ querem mal, e que naõ morreráõ ſem ſe reconciliarem com elle. Neſte caſo me occorre aquelle funeſto ſucceſſo de Sapricio, taõ celebre, e ſabido nas Hiſtorias Eccleſiaſticas. Tinha Sapricio ſofrido atrociſſimos tormentos com grande valor pela Fé de Chriſto. Finalmente ſentenciado à morte, foy levado ao lugar do ſuplicio, para ſer degolado. Corre Niceforo, que o tinha offendido, e venerando-o jà como a Santo Martyr, ſe lhe lança aos pès, lhos beija, e lhe pede perdaõ. Caſo horrivel! Naõ teve o brioſo coraçaõ de Sapricio taõ admirado pela generoſidade, e conſtancia ſobrenatural de reſiſtir a tantos tormentos, naõ teve, digo, animo, e força, para perdoar a Niceforo. Oh deſemparo da graça de Deos! Eſta dureza de coraçaõ fez, que Deos lhe ſubtrahiſſe o auxilio efficaz da ſua graça, e aſſim timido da morte, perdeo a coroa do Martyrio, e renegando depois a fé, de glorioſo Martyr ſe tornou em hum vil Apoſtata. E que bem remunerou Deos o perdaõ, que pedio Niceforo, porque acuſado depois de alguns annos de ſer Catholico, mereceo ſer degolado pela Fé de Chriſto. A' viſta deſte ſucceſſo temo, e tremo, conſiderando, que nem o Martyrio, que he o mayor ſacrificio de amor, que ſe poſſa offerecer a Deos: *Maiorem dilectionem nemo habet; niſi quis ponat animam ſuam pro amicis ſuis;* he agradavel a Deos, ſe primeyro naõ *Joan. cap. 5.*

se sacrifica a payxaõ da vingança com perdoar ao seu proximo: *Vade priùs reconciliari fratri tuo, & tunc veniens offeres munus tuum ante altare.* Assim o fez, e nos deu o exemplo o mesmo Christo na Cruz, pedindo ao Eterno Padre perdoasse aos que o crucificavaõ: *Pater dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt.* Assim o devemos fazer nòs, devemos perdoar as injurias, que nos fazem, rogando a Deos por aquelles, que nos calumniaõ, e perseguem, e seremos deste modo verdadeyros filhos de Deos, com a segurança infallivel de gozar eternamente da sua gloria no Paraiso: *Orate pro persequentibus, & calumniantibus vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in Cælis est.* Pelo contrario se nòs formos de coraçaõ duro, e inflexivel, em não querer perdoar aos nossos inimigos; nos succederá o mesmo, que succedeo á estatua de ElRey Nabucodonosor. Tinha esta a cabeça de ouro, os peytos, e os braços de prata, ventre de bronze, as entranhas, e mais partes do corpo de ferro. Sò os dedos dos pès eraõ misturados, parte com ferro, parte com barro: *Et digitos pedum ex parte ferreos, & ex parte fictiles.* Desceo huma pedrinha do monte, sem movimento da terra, ou obra alguma de mãos: *Abscissus est lapis de monte sine manibus.* Que dando precipitosamente nos pès da Estatua, a lançou por terra, e reduzio em pò, e cinza, que em hum instante foraõ levadas do vento, sem mais apparecerem, nem se saber o lugar, aonde foraõ parar: *Quæ rapta sunt à vento, nullusque locus inventus est eis.* E que cousa significa, e representa esta Estatua, se naõ a figura de hum Tyranno, ou Vingativo, que, sendo Catholico, tem a cabeça de ouro, pois tem o seu entendimento illuminado com a luz do Evangelho, e com o lume da fé: tem os braços de prata,

Matth. cap. 5.

Luc. 23

Matth. 5.

Dan. 2. 24.

Dan. 2. 34.

Dan. ibi.

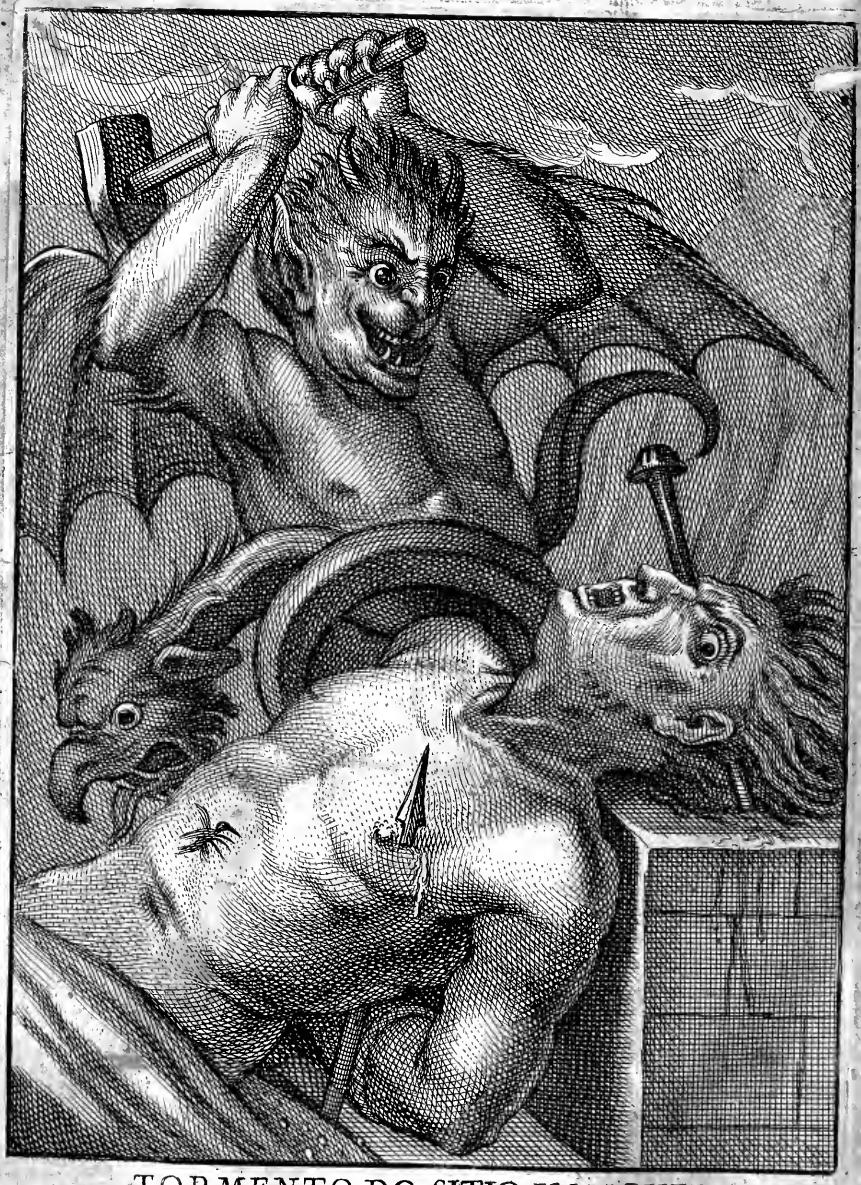
ta, pois peſſue as riquezas, que Deos lhe deu, com que ſe faz mais temido, e poderoſo. E, ſe hum Chriſtaõ, havendo recebido de Deos os dous talentos de ouro, e prata, que ſam os mais precioſos, para negocear com elles a ſua ſalvaçaõ, tem, e conſerva hum coraçaõ de bronze, com humas entranhas de ferro, para ſe vingar de ſeus inimigos, e com a ſua potencia arruinar os ſeus proximos; que eſpera? Senaõ que precipitoſamente do monte altiſſimo da Divina Juſtiça venha aquella pedrinha de huma morte improviſa: *Abſciſſus eſt lapis de monte:* ſem ſe ſaber como cahio, ou donde veyo ſem prèvio achaque, e ſem principio de doença; *ſine manibus*: pois ſe achava com perfeyta diſpoſiçaõ, e ſaude, que podia na firmeza, e duraçaõ competir com o meſmo ferro, e bronze; e com tudo apenas lhe toca a pedrinha nos pès de barro, logo ſe derroca aquella torre de carne, e logo ſe proſterna aquelle Coloſſo animado, e a modo de rayo tudo ſe conſumirà, naõ apparecendo mais, nem ouro, nem prata, nem ferro, nem bronze, nem compleyçaõ, nem ſaude; tudo ſe reduzirá em pò, e cinza; ou, para melhor dizer, em hum vivo carvaõ de fogo, que como victima do furor Divino ha de arder para ſempre no eſcuro calabouço do Inferno. Oh victima deſgraçada, para que naſceſte forte, rica, robuſta, e potente, ſe eſte teu poder, e robuſteza, eſta tua riqueza, e fortaleza, te haviaõ de fazer cruel, e Tyranno para com os teus proximos? Quanto mais cruel foſte com elles; agora tanto mais cruel, e inſofrivel he o teu tormento: *Fortioribus fortior erit cruciatio.* Deſengane-ſe o peccador, que todas as valentias, e pondenores, em naõ querer perdoar aos inimigos, que o offendèraõ, toda a prepotencia, e dureza do co- *Sap. 6.*

raçaõ, em naõ compadecer a miseria, e fraqueza dos seus proximos; saõ de pouca dura nesta vida, e logo com huma morte improvisa vaõ a parar para sempre em hũa eternidade de penas no Inferno: *Potentes potenter tormenta patientur.*

DIS-

New York

PRICE



TORMENTO DO SITIO IMMOVEL

DISCURSO XI.

Do tormento do Sitio immovel.

Fiant immobiles quaſi lapis.
Exod. c. 15. 16.

A Providencia Divina tem poſto hum tal temperamento ás dores deſta vida, que ſe ſaõ leves, ainda que ſejaõ continuadas por muyto tempo, ſe podem tolerar; e ſe ſaõ inſoportaveis, ordinariamente duraõ pouco, pois com a morte logo acabaõ: *Dolor levis eſt, ſi ferre poſſumus; ſi ferre non poſſumus, brevis.* Aſſim o deſcreve Seneca. Naõ he iſto aſſim das dores do Inferno: ellas ſaõ agudiſſimas, intenſas, e inſoffriveis, e tantas, que qualquer dellas experimentada neſta vida, cauſaria a morte no primeyro inſtante a qualquer homem. Naõ quero fallar neſte diſcurſo da multidaõ innumeravel das dores, que padece qualquer condenado no Inferno, porque já tratey deſte ponto em *Sen. ep. 23.*

outros discursos. Fallarey sómente do tormento do Sitio immovel, que á primeyra vista naõ parecendo tam grave, com tudo considerado bem, e muyto mais experimentado, ainda nesta vida por hum só dia, dá a conhecer claramente, que será hum tormento insoffrivel, cruel, e inexplicavel para os tristes, e desgraçados condenados. Esta he a sustancia resumida, e toda a materia deste discurso, que dividirey em dous pontos. No primeyro veremos, quam penoso seja este tormento do Sitio immovel no Inferno, fazendo argumento do quanto he molesto, e do quanto atormenta ainda nesta vida o tal sitio immovel. No segundo considéraremos, quanto mais insoffrivel seja no Inferno esta immobilidade em todas as potencias da Alma, obrigada, e forçada a naõ poder imaginar, nem cuydar outra cousa, que a duraçaõ eterna deste tormento, com huma consideraçaõ taõ firme, e fixa, que o pobre condenado padecerá em cada instante, do que deve padecer por toda a Eternidade. A immobilidade do corpo para sempre, a immobilidade da Alma eternamente. Estes saõ os dous polos, em que se estribará toda a maquina deste nosso discurso do cruel tormento do Sitio immovel: *Fiant immobiles, quasi lapis.*

Que o sitio seja immovel para o condenado no Inferno, he cousa tam certa, que he de Fé. Christo bem nosso, que tantas vezes fallou do Inferno, fallou tambem expressamente da immobilidade, que haviaõ de soffrer estes desgraçados. Na parabola do convite fallando da condenaçaõ daquelle miseravel, que se arrojou a entrar no banquete sem a veste nupcial, que significa a graça, profere a sentença nesta fórma: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores.* Quer

Matth. 22.

di-

dizer; que ligado de pès, e mãos, o lançaſſem nas trevas. Pelas trevas ſe entende o Inferno: e pela ligadura de pès, e mãos ſe entende o Sitio immovel: *Ligatis manibus, & pedibus*; porque hum homem ligado de pès, e mãos, he certo, que ſe naõ pòde mover, para mudar lugar. Com mais expreſſaõ o declarou o Eſpirito Santo, quando diſſe: *Si ceciderit lignum ad Auſtrum, vel ad Aquilonem, in quocunque loco ceciderit, ibi erit.* Explica a propriedade deſte ſitio immovel dos condenados pela ſemelhança da Arvore cortada, e talhada pelo pè, a qual para qualquer parte, e em qualquer lugar, que caya, ahi fica parada ſem ſe poder mover. Por eſtas arvores ſe entendem os homens, como pareceo ao cego do Evangelho: *Video homines tanquam arbores ambulantes*, os quaes eſtaõ em pè, em quanto vivem: mas cortandolhes Deos o fio da vida, cahem, e cahindo, ſe cahem para a maõ direita, iſto he, para a parte dos eſcolhidos, cahiráõ para ſe levantarem glorioſos, para ſempre, com voar logo as ſuas Almas para o Ceo; e depois do juizo univerſal tambem os ſeus corpos: porèm ſe cahem com a morte para a maõ eſquerda, que he dos Precitos, de qualquer modo, e em qualquer ſitio, que cahiaõ, ahi eſtaráõ immoveis, ſem ſe poderem mover: *In quocunque loco ceciderit, ibi erit.* E por toda a eternidade: *Fient immobiles, quaſi lapis.*

Eccleſ. 11.

Luc.

Mas ainda que hum precito naõ foſſe atado de pès, e mãos, como ouvimos do Evangelho, baſtava, e baſta o cahir, e eſtar naquella priſaõ eterna, para ſer, e ficar immovel, ſem ſe poder bolir. Conſideray comigo attenta, e miudamente o caſo do deſgraçado Rico Avarento, do qual diz o Evangelho: *Mortuus eſt dives, & ſepultus eſt in Inferno.* Ha mais de mil e ſetecentos annos, que

Luc. 16

o Rico Avarento morreo, e foy sepultado no Inferno. Donde podemos inferir, que o Inferno he o sepulchro dos condenados, e que este sepulchro tem huma só porta, ou hũa abertura, por onde se entra, e que por esta abertura haõ de entrar os reprobos todos no dia do juizo universal, depois de ouvida aquella terrivel sentença: *Ite maledicti in ignem æternum:* e taõ envergonhados de serem descubertas as suas maldades, que correráõ em tropas a precipitarem-se naquelle escuro calabouço pedindo aos montes, que cayaõ sobre elles, e os sepultem: *Tunc dicent montibus, cadite super nos, & colles operite nos.* Sendo isto assim, como verdade do Evangelho, tiray comigo esta illaçaõ, naõ menos certa, e infallivel, que facil para se perceber. Tanta multidaõ de reprobos entrando por hũa só abertura, amontoados huns sobre os outros, e todos elles naõ só pesados, mas pesadissimos pelo peso quasi immenso das culpas, carregados, e opprimidos de hũa innumeravel multidaõ de corpos, e todos estes precipitados naquella prisaõ estreyta; e alli cahidos huns sobre os outros, naõ he por ventura bastante razaõ, para os considerarmos immoveis assim nas pessoas, como no sitio? Certo he que sim. Corrobóra esta verdade da immobilidade dos condenados, o que diz Santo Ambrosio com outros Santos Padres, a saber, que assim como hum Bemaventurado em razaõ dos dotes gloriosos terá tanta força, que com hum só dedo poderia mover todo o Globo da terra; assim tambem hum condenado será tam debil, fraco, e destituido de forças, que, ainda quando fosse solto, e livre, naõ poderia nem ainda levantar hũa maõ, nem hum só dedo, para afastar de si o minimo bichinho da terra, que o molestasse. E sobre toda esta fraqueza,

Matth.

Matth.

za, e debilidade extrema, que baſtava, para o fazer extremamente immovel, eſtando de mais a mais carregado de ferros, correntes, e algemas, que o ataõ, e prendem de pès, e de mãos: *Ligatis manibus, & pedibus*; que immobilidade neceſſariamente não ſerá, e das mayores, que ſe pòdem immaginar?

Tornando agora ao Rico Avarento, que no Inferno eſtava ligado, e immovel nos ſeus tormentos, *cum eſſet intormentis*, abraſado, e conſumido daquelle fogo voraz, e intenſo, *crucior in hac flamma*; entenderemos a razão, pela qual gritou, e pedio a Abrahaõ lhe acodiſſe, mandando a Lazaro, que com hum dedo banhado em agoa lhe tocaſſe a lingoa: *Pater Abraham mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti ſui in aquam, ut refrigeret linguam meam.* Eſtranho deſejo na verdade, e pequena conſolação para hum condenado, ſe foſſe capaz de a ter! E que fazia huma gotta de agoa em hum incendio de chammas, que o cercavão de fóra, que o conſumião pordentro com tanta actividade, que lhe abraſavão as medullas, as entranhas, e coração, quando nem todas as agoas do Tejo, nem ainda as do Gram Pará ſeriaõ baſtantes a refrigerarlhe parte de tam grande incendio? Ora ſabia muyto bem eſte condenado, que naõ receberia refrigerio algum deſta gotta de agoa, que pedia; mas pedio, ou fez eſta petição neſte modo, para moſtrar, que era tal, e tanta a immobilidade, que padecia nos ſeus tormentos, que nem ainda tocar a ſua propria lingoa podia de algum modo: por iſſo pedia, que Lazaro lha tocaſſe, não para o refrigerar no incendio, que não era poſſivel com huma gotta de agoa; mas para ao menos ter eſte pequeno moto, ainda que foſſe *ab extrinſeco*, em huma tam minima parte

Luc. 16

do

do corpo, qual he a lingoa. Oh se os peccadores, que tanto amão a variedade nas suas delicias, e gostos, provassem a estar huma hora sómente sem movimento algum, diriaõ logo, que he impossivel! Pois saybão, que tanto he penoso, e insoffrivel este tormento do sitio immovel, que ainda experimentado nesta vida he bastante, para converter qualquer peccador obstinado, e reduzilo a ser hum santo penitente, como veremos no exemplo seguinte.

Vivia no anno mil e quinhentos e trinta, em Olanda huma Santa Virgem por nome Liduina, celebre na Historia Ecclesiastica pela sua grande virtude, mas muyto mais celebrada pelos grandes milagres, que fazia ainda em vida. Corriaõ de todas as partes muytas pessoas ricas, e pobres, para alcançarem por sua intercessaõ o remedio assim das infermidades do corpo, como da alma, concedendo Deos a seus rogos muytas graças, e obrando innumeraveis prodigios. Havia naquelle tempo hum Mancebo, que, sendo estimado pela nobreza do seu Sangue, era juntamente aborrecido pela soltura da vida, e publicas torpezas, em que vivia. Os parentes, e amigos compadecidos da sua desgraça, e vendo havia muytos annos, que se naõ tinha confessado, lhe rogáraõ encarecidamente, que ao menos se fosse aconselhar com Santa Liduina, e lhe narrasse as suas miserias, principalmente a repugnancia invencivel de se confessar, porque sem duvida lhe alcançaria de Deos algum remedio. Resistia fortemente o Moço a semelhante conselho, com dizer, que as Mulheres naõ eraõ, nem podião ser Confessores; e replicando-lhe, que pedisse á Santa só remedio para tantos peccados, que tinha: elle finalmente vencido da importunaçaõ dos

dos Parentes, e Amigos, foy buſcar a Santa Liduina, e ſe animou a contarlhe os ſeus innumeraveis pececados, e talvez com a meſma vangloria, com que os dizia aos ſeus ruins companheyros. A Santa não podendo tapar os ouvidos por ter as mãos, e braços aleyjados, lhe rogava pela morte, e Payxaõ de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, ſe calaſſe, porque naõ podia mais ouvir tam horriveis culpas: mas o Mancebo continuava ſem vergonha, dizendo, queria confeſſar tudo, para ver, que remedio lhe dava, ſegundo lhe tinhão aſſegurado os ſeus Amigos, e Parentes. Conformou-ſe a Santa a ouvir tudo com paciencia, e depois inſpirada por Deos lhe diſſe: já que tendes tanta repugnancia à vos confeſſar, ſereis contente, que eu diga todos eſtes peccados a hum Confeſſor douto, e prudente da voſſa parte, e que vos ſirva de interprete? Reſpondendo elle, que ſim, replicou a Santa, que lhe tornaſſe a fallar dalli a tres dias. Neſte eſpacio de tempo a Santa rogava a Deos, chorando os peccados daquelle diſſoluto Mancebo como proprios, pedindo inſtantemente quizeſſe como bom paſtor chamar aquella ovelha perdida ao ſeu rebanho, offerecendoſe a fazer penitencia daquelles tam enormes peccados. Depois dos tres dias tornou o Mancebo todo alegre, e diſſe à Santa. Tenho, Senhora, guardado a minha palavra, e torno pontual, por ſaber, ſe tendes feyto a minha confiſſaõ? E que penitencia me tem impoſto? Por ventura (replicou a Santa) fareis vòs a penitencia, que vos direy? Sim, farey (diſſe o Mancebo) quando ſeja couſa ligeyra; porque ſe forem jejuns, cilicios, diſciplinas, ou couſas ſemelhantes, naõ as quero fazer, e me vou embora. Nada diſſo he (replicou a Santa) he ſim huma penitencia leviſſia, que po-

deis

deis fazer em vossa casa, e na vossa cama, em presença de todos, sem ninguem o saber, ou advertir. Se assim he (replicou o Mancebo) dou palavra de Cavalheyro, que a farey com pontualidade. A penitencia (respondeo a Santa) he esta: que vos deyteis na vossa cama assim mole, e branda, como he, e depois de deytado muyto à vossa vontade, e commodo, naõ vos volteis, nem vireis mais, nem de huma, nem de outra parte, atè amanhecer. Fazey sómente isto, e deyxayme o resto com toda a grande carga dos vossos peccados. Esta he toda a penitencia, que devo fazer (replicou o Mancebo) dos meus peccados, e nada mais! Pois eu a vou logo fazer esta noyte, e daqui por diante vos mandarey quantos peccadores conheço, para serem convertidos; e serey daqui por diante de Peccador o Pescador das Almas desta Cidade. Chegou a hora de se deytar, e entrando na cama, foy buscando o sitio do corpo, que lhe parecia melhor, e achou que deytando-se de costas lhe era mais commodo, e suave. Porèm, a penas passada meya hora, como impaciente queria virarse de hum lado, e naõ se resolvia a fazelo, porque queria comprir a penitencia, e guardar a palavra dada. Nunca lhe pareceo a cama dura, se não naquella occasiaõ, e o não poder-se virar de hum lado lhe parecia hum tormento insoffrivel. Começou a discorrer comsigo neste modo. Que he isto! Que cousa me falta! Eu estou saõ, e valente: tenho ceado muyto bem: estou em hum leyto muyto bem preparado, e para desempenhar a minha palavra comprindo a penitencia, não tenho mais, que passar huma noyte nesta postura, e isto se me representa impossivel! Que seria de mim se devesse ficar assim por hum mez, ou por hum anno! Ah que necio, que sou eu! E se em

lugar

lugar do colchão brando, em que eſtou deytado, eſtiveſſe em humas taboas duras, como fazem tantos Religioſos de vida auſtera, ou eſtiveſſe deytado no chão com huma dura pedra por cabeceyra, como fazem, e tem feyto tantos penitentes! E quanto peyor fora, ſe eſta cama fora de carvoens aceſos, não ſó por huma noyte, mas por annos, e não ſó por annos, mas por ſeculos, e não ſó por ſeculos, mas por milhoens de ſeculos, e não ſó por milhoens de ſeculos, mas por toda a Eternidade, como eſtão, e eſtarão tantos milhoens de condenados no Inferno, e eſtaria eu tambem ſem duvida, ſe Deos não tiveſſe uſado comigo da ſua miſericordia! *Niſi quia Dominus adjuvit me, paulo minus in inferno habitaſſet anima mea!* Eſta conſideração originada da immobilidade daquelle ſitio ſuave, porque era em huma cama branda, e por pouco tempo, cauſou tanta impreſſaõ no entendimento daquelle nobre Mancebo, que ſe reſolveo a entrar logo em huma Religião das mais auſteras, vivendo nella com grande exemplo; e todas as vezes, que ſe via tentado, o remedio era deytarſe, e porſe immovel no lugar, em que ſe achava, como ſe eſtiveſſe ligado de pès, e mãos no Inferno, e deſte modo ficava vitorioſo da tentação. Tanto he de temer eſte tormento ainda neſta vida! *Pſal.93*

Sempre reparey na quantidade de inſtrumentos, que os Tyrannos inventàrão, para atormentar os Santos Martyres, nos quaes ſe continha tambem o tormento do Sitio immovel. Para vermos iſto ſem recorrer aos tempos tanto atrazados, lancemos os olhos da conſideração a alguns tormentos, que ſe uſaõ ainda entre os Catholicos, quando a juſtiça, ſuppoſtos os indicios vehemente, os quer fazer confeſſar o crime; porque hão ſoſpeytas vehemen-

tes

tes, de que o cometerão. Consideray a hum pobre Rèo deytado sobre huma catasta, a que no Portuguez chamaõ vulgarmente potro, com as máos, e pès, não sómente algemados, mas tam ligados ao potro, e tam carregados de ferros, que naõ he possivel fazer delles o minimo movimento: o corpo tambem tam fortemente ligado, e unido ao mesmo porto, que de nenhuma sorte se póde voltar, nem mover. Ora se preguntares a hum destes miseraveis depois de passado o tormento, do qual muytos ficaõ estropeados para toda a vida, qual foy o mayor tormento, que padeceo naquelles tratos, vos responderà, que o tormento do Sitio immovel, quero dizer, o não se poder mover, e estar firme no padecimento daquellas dores de braços, pès, e costas, he o que lhe accrescentava a pena. E a razaõ assim o persuade, dayme attenção, Huma dor em hum braço, em huma mão, ou em qualquer parte do corpo, se deyxa liberdade ao mesmo corpo para se poder mover, voltar, e tomar diversos sitios, naõ he tanto insoportavel; porque no mesmo movimento sente a natureza qualquer alivio. E se naõ consideray vòs o que faz hum destes Juizes, que condena os Rèos a estes tratos, (o que eu não pretendo condenar, por ser cousa permitida pelas Leys para se descobrirem, e castigarem os malfeytores) que cousa faz, digo, hum destes, quando se ve acometido da tyranna dor de huma pedra, que as mais das vezes naõ chega á grandeza de huma avelam? He certo, que padece muyto, e que naõ bastaõ, para o aliviar nem a rica cama, em que está deytado, nem a cadeyra de veludo, ou de brocado, em que muytas vezes se faz sentar, nem as exquisitas viandas, e delicados fruytos, que se faz apresentar, nem finalmente qualquer das outras delicias,

licias, que se lhe podem offerecer, ou á vista, ou aos ouvidos, e só vereis, que todo inquieto, e desafocegado naõ faz outra cousa, que mover-se; se na cama, de huma parte para a outra? se na cadeyra, de hum braço para o outro; e se póde estar em pè, de hum lugar para o outro. Ora se perguntares a este homem dolorido, porque razaõ faz estes movimentos? Dirà, porque com elles delabafa a sua natureza, e que seria mayor a sua dor, se naõ tivesse este desafogo de se mover, voltar-se; e andar de hum lugar para outro. Donde se collige, que a impotencia de se poder mover hum homem atormentado de qualquer dor he o que mais lhe augmenta o seu tormento, he o que mais o afflige, e angustia.

Quereis saber a razaõ, porque he tam terrivel, e insoffrivel neste Mundo aquella doença, que vulgarmente se chama de gotta? Eu vola direy. Padecem muytos homens neste Mundo a doença de gotta, doença verdadeyramente, para a qual atè agora se naõ tem achado remedio algum certo, que totalmente a cure, que por isso se diz com muyta razaõ: *Solvere nodosam nescit medicina podagram.* Naõ havendo nem ingrediente nas Boticas, nem agua, ou quinta Essencia entre os mayores Quimicos, que a possa perfeytamente curar. Ora se perguntares a hum, que padece de gotta, que cousa he o que mais o afflige nesta doença? Responderá com verdade, que he o Sitio immovel da parte, ou membro affecto com a gotta; e que o naõ poder mover ou seja o pè, ou o braço, ou a maõ, onde sente esta dor, isto he para elle o mayor tormento, e a mayor affliçaõ, que padece. Assim he, e assim succede. Ora fazey aqui comigo hũa digressaõ moral, e doutrinal. E que cousa he este mal de gotta irremediavel.

Fern. l. 3. de pod

vel neſte Mundo ? Fìſicamente eu naõ volo poſſo deſcrever, porque naõ faço profiſſaõ de Medico: mas moralmente eu vos direy o que he, ſeguindo o juizo de hum grande Prègador, e zelante Miſſionario. A doença de gotta he huma gotta das doenças eternas, he hum enſayo do modo, com que ſe padecem as dores eternas no Inferno. Notay. A dor da gotta ſe padece neſta vida com a circunſtancia da immobilidade, porque a parte affecta com a gotta naõ permitte, nem conſente, que ſe mova; e iſto he o que ſe padece no Inferno, dores, e tormentos immoveis; immoveis, porque nunca diminuem; e immoveis, porque naõ deyxaõ mover de nenhum modo a quem as padece. Tiray agora a illaçaõ. E ſe huma dor de gotta neſte Mundo ſe faz mais inſoffrivel pela circunſtancia da immobilidade; como naõ ſerá mais que inſoffrivel a dor de hum condenado deytado, e metido em hum tanque de fogo de enxofre abrazador, ſem nelle poder ter o minimo movimento ? *Pars illorum in ſtagno ardentis ignis, & ſulphuris in ſæcula ſæculorum*, como ſe diz no Apocalipſe. Se eſte tormento da gotta experimentado neſta vida, em razaõ da circunſtancia ponderada; he tanto para temer, e deu tanto, que padecer, juntamente, que merecer a alguns eſcolhidos de Deos, como a Saõ Leandro, e outros Santos, os quaes, permettio Deos, ſoportaſſem neſta vida eſte, que diſſemos enſayo do Inferno, porque o naõ haviaõ de ſoportar na outra vida; que couſa ſerá realmente no Inferno as dores de hum precito acompanhadas com a immobilidade total do Sitio em razaõ daquelle infinito furor, com que Deos os caſtiga; e do qual temia tanto o Santo Rey David, quando dizia: *Domine ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.*

P. le Jeune tom. 7. Ser. 37

Apoc. 21.

Pſal. 37

Fon-

Pondera Saõ Gregorio a differença entre as delicias eſpirituaes, e ſenſuaes, e affirma, que as eſpirituaes, quanto mais ſe gozaõ, tanto mais ſe dezejaõ, ſem nunca enfaſtiarem: as ſenſuaes pelo contrario, quando naõ ſe gozaõ, ſe deſejaõ, porèm depois de conſeguidas, e alcançadas, ordinariamente naõ ſaõ eſtimadas: antes, ſegundo a experiencia nos enſina, ſe ſaõ continuadas ſem variedade, coſtumaõ enfaſtiar, e vem a ſer aborrecidas. Em hum banquete grandioſo, e dilatado, ſe todos os pratos, que ſe apreſentaſſem na meſa, foſſem da meſma viànda, e do meſmo modo guizados, he certo, que cauſariaõ hum notavel faſtio aos convidados. Aſſim (ſe lè no ſagrado Texto) ſuccedeo aos Hebreos, quando Deos para os livrar da fome, que padeciaõ, lhes acodio com o Mannà, que lhes cahia do Ceo: *Et pluit illis Manna ad manducandum.* *Pſal 77 v. 24.* Como o viaõ, e colhiaõ ſempre da meſma fórma, com a meſma cor, e da meſma grandeza, ainda que tiveſſe em ſi o goſto, e ſabor de todos os manjares, o aborreciaõ, e naõ podiaõ comer: *Anima noſtra nauſeat ſuper cibo iſto leviſſimo.* *Num. 21.* E dezejavaõ mais comer os comeres groſſos do Egypto, quaes eraõ os alhos, e cebolas, que o delicado Manná.

O meſmo ſuccede nos outros regalos, e delicias deſte Mundo. A conſonancia de huma armonia, ainda que ſeja compoſta de boas vozes, e ſonoros inſtrumentos cauſaria ſem duvida faſtio, ſe ſempre ſoaſſe no meſmo tom, e com o meſmo deſcante. Hũa Comedia, que he o divertimento dos mais apetecidos entre os mundanos, cauſaria enfado, e afugentaria os ouvintes, ſe nella repreſentaſſe huma ſó figura, e ſempre o meſmo papel. Hum jardim, por grande que foſſe, naõ incitaria á curioſidade, mas antes pouco deſejo de ſer viſto, ſe nelle naõ

houvesse mais, que huma casta de flores. Finalmente hũa cama, por mais rica, branda, e suave, que fosse, seria de tormento, se por obrigaçaõ se houvesse de estar deitado nella, sem a liberdade de se levantar. E a razaõ disto he; porque a continuaçaõ das cousas nesta vida mortal as faz fastidiosas, e a mesma cousa continuada se faz aborrecida, e penosa, mostrando nisto mesmo a natureza, que nas cousas, e das cousas deste Mundo naõ póde o homem ter satisfaçaõ, e o seu ultimo descanço. E pelo contrario o que nesta vida faz os males mais toleraveis, e mitiga de algum modo as amarguras, he a interrupçaõ. Logo, que ha alguma pausa, algum descanço, alguma tregoa, ou alguma mudança, ou variedade no nosso mal, sentimos algum alivio, ou algũa esperança de remedio. Quando as desgraças, e os desgostos nos molestaõ alternativamente huns depois dos outros, entaõ se sentem menos. A mudança, e alternativa diverte o nosso entendimento, e vontade, que naturalmente ama, e deseja a variedade, e por isso quando naõ descobre esta variedade nas cousas deste Mundo, ainda que em si as taes cousas sejaõ deliciosas, como era o Manná, com tudo aborrecem, e enfadaõ. Ainda que o Mannà encerrasse em si todos os sabores dos mais comeres: *Omnis saporis suavitatem*; com tudo pela continuaçaõ causava fastio ao Povo: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri, nisi Manna.* Que he isto, naõ ham de ver outra cousa os nossos olhos, senaõ Manná! Vede que esse Mannà he huma comida regalada. Naõ importa, porque tanto agrada por ser regalada, quanto desagrada por continuada. Finalmente concluamos, que se nas cousas, que saõ do nosso genio, e de regalo para a nossa vontade, e talvez para a nossa sensualidade, a continuaçaõ

Num. 11.

çaõ às faz faſtidioſas ; que ſerá nas penas, e tormentos do Inferno, onde a continuaçaõ naõ ſómente ſerá dos tormentos, penas, dores, e anguſtias intenſiſſimas, e inexplicaveis, mas em hum ſitio continuado, e immovel, para toda a eternidade, aſſim como o ſitio de huma peſada pedra, que aonde a fazem cahir, naõ ſe póde mais mover! *Fiant immobiles quaſi lapis.* *Exod. cap 15.*

O mayor horror, que me cauſa o conſiderar pauſadamente, e com ſeria reflexaõ eſte terrivel tormento do Sitio immovel, he a duraçaõ eterna do meſmo Sitio. Nunca ter variedade, nunca diminuiçaõ, nunca hum intervallo, nunca mudança; mas antes ſempre do meſmo modo, ſem hum ſó momento de quietaçaõ, ou de alivio, e eternamente na meſma poſtura violenta, e violentiſſima! Oh tormento dos tormentos, oh deſeſperaçaõ dos tormentos! Neſte Mundo naõ ſuccede aſſim em nenhum tormento, ou moleſtia, ou trabalho, por grande, que ſeja; porque ou acaba, e ſe conclue com a vida, ou ſe remitte, e tem mudança. Se o frio he exceſſivo, tem o homem, por deſemparado que ſeja, qualquer modo de ſe reparar, ou ao menos a intençaõ do frio abranda, e remitte o ſeu rigor; por aguda, e ardente, que ſeja huma febre, lá tem ſuas horas de remiſſaõ, em que naõ dura na meſma intençaõ, para conceder algum alivio ao Inferno. Por grande, e intenſa, que ſeja huma dor, qual he a de colica legitima; ao menos no voltar-ſe o paciente de hũa parte para a outra lá experimenta qualquer alivio. Mas, oh Deos! Eſtar hum condenado immovel de pès, e mãos, e todos os membros do corpo, ſem ſe poder voltar, nem fazer o minimo movimento, finalmente como huma pedra entre os tormentos inexplicaveis do Inferno. *Fiant* Segundo Ponto.

Fiant immobiles quasi lapis. Oh que desesperaçaõ!

O grande Aristoteles querendo definir o tempo disse: *Numerus motus secundum prius, & posterius.* Quer dizer, que o tempo se deve medir pelo que foy antes, e será depois. Esta definiçaõ abraçada de todos os Filosofos naõ compete à Eternidade, nem conseguintemente ao tormento do Sitió immovel, de que fallamos. Se o numero do movimento he o que faz o tempo, hum condenado no Inferno naõ tem movimento, porque está immovel nos seus tormentos, e conseguintemente se pòde dizer, que naõ tem tempo neste tormento, porque sem tempo, eternamente, o padecerá. Nem o tempo pòde ser medida do seu tormento, porque a Eternidade, pela qual padecerá aquelle tormento, naõ tem tempo. Hum seculo contém cem annos. Hum anno doze mezes. Hum mez trinta, ou trinta e hum dia. Hum dia vinte quatro horas. Hũa hora quatro quartos. Hum quarto quinze minutos. Hum minuto finalmente consta de instantes, ou momentos, ou pontos indiviziveis. A Eternidade porèm naõ he assim; naõ tem annos, nem mezes, nem dias, nem quartos, nem instantes; porque naõ consta de partes, mas he hum todo immenso sem fim, sem medida, e sem termo, e tudo se cifra nesta palavra, Eternidade, Eternidade. Por isso o Principe dos Apostolos como melhor Filosofo definio a Eternidade por estas palavras: *Unus dies apud Dominum sicut mille anni, & mille anni sicut dies unus.* Quer dizer, que mil annos em presença de Deos, que he Eterno, he como hum dia, e hum dia he como mil annos. Que vem a ser o mesmo, que na Eternidade tanto val hum dia como mil annos, e mil annos como hum dia; porque na Eternidade naõ ha tempo de annos, nem

Aristot. Phis.

de

de dias, porque he ſem tempo. O que explica maravilhoſamente neſtas palavras ſeguintes S. Agoſtinho.

Anni tui ſicut dies unus, & dies unus non quotidie, ſed hodie, quia hodiernus tuus neque cedit cras-tino, neque ſuccedit heſterno. Os voſſos annos, meu Deos, ſaõ como hum ſó dia, e eſte ſó dia naõ he cada dia, mas hoje; e eſte hoje voſſo naõ ſuccede ao dia de hontem, nem eſpera o dia de amanhaã; pois toda a Eternidade em Deos he hum perpetuo dia de hoje ſem tempo, que haja de paſſar, porque naõ tem fim; aſſim como ſerá tambem hum perpetuo dia para os Bemaventurados no Paraiſo, e huma perpetua, e eterna noyte para os condenados no Inferno. Oh quem percebèra bem eſtes termos das palavras de S. Agoſtinho, porque ſó entaõ fizera algum pequeno conceito da Eternidade! De maneyra que a Eternidade, que a reſpeyto de Deos he hũa couſa ſem tempo, porque o ſer de Deos nem teve principio, nem terá fim; a meſma Eternidade a reſpeyto dos Bemaventurados, ainda que tenha principio, porque começa a ſua Eternidade de gloria do inſtante da ſua morte, ſe primeyro naõ for ao Purgatorio, quanto para as ſuas Almas, e começará para os ſeus corpos do ponto da ſua reſurreyçaõ; e em quanto á duraçaõ ſerá ſem fim, como he ſem fim a Eternidade de Deos; e iſto ſerá com tal jubilo, e contentamento, que mil annos paſſados na Eternidade da Gloria lhes parecerà hũ ſó dia, como affirmou o Profeta Rey: *Mille anni in conſpectu tuo, tanquam dies heſterna, quæ præteriit.* Pelo contrario os Reprobos, como affirmaõ os Santos Padres, e ſe ſegue por boa conſequencia, nos ſeus tormentos o dia de hontem lhes parecerá mil annos de padecimento; e ſe lhes pare-

D. Auguſt. Soliloq.

Pſalm. 89. 4.

cerá assim em razaõ das crueis penas, que padecem, que cousa será padecer estas penas em hum Sitio immovel, que de si só bastava para os atormentar! *Fiant immobiles quasi lapis.*

Expliquem os mais a terribilidade deste excessivo tormento do Sitio immovel pela circunstancia da Eternidade, quero dizer de ser Eterno. A Eternidade *à parte posteà*, como explicaõ os Theologos, começa, ou para os Bemaventurados na gloria, ou para os Reprobos no Inferno, em hum instante, que senaõ póde medir nem por annos, nem por seculos; nem por milhoens de seculos, porque naõ tem fim. Donde nasce, que se se goza algum bem, ou gosto para toda a Eternidade, por pequeno, que fosse, seria hum bem infinito, quanto a duraçaõ. O mesmo he do mal, que por pequeno, que fosse, suppostoque seja para a Eternidade, se faz infinito quanto á duraçaõ. E isto por duas razoens. A primeyra, porque a duraçaõ eterna confere ao bem, ou ao mal, de sua natureza pequeno, hum peso inexplicavel, que he o naõ ter fim, e conseguintemente hũa existencia interminavel, e infinita. Assim como o gosto de hum dia he hum bem, o de dous dias hum bem duas vezes mayor, e o de dez dias dez vezes mayor, assim o gosto, que durar eternamente sem fim por annos infinitos, será infinitamente mayor. A segunda razaõ, porque a Eternidade, da qual fallamos, a saber *à parte posteà*, contem em si todos os dias, e seculos futuros; porque ajunta em si toda a duraçaõ, porque se naõ póde distinguir, nem dividir por seculos, ou tempos alguns; e conseguintemente une, e ajunta em si toda aquella commodidade, que hum pequeno bem podia ter, sendo logrado por dias, ou seculos, reduzindo-o como a hum compendio de todos aquelles bens,

que

que podia ter, se fosse dividido por dias, ou por seculos; e deste modo vem a ser em hum momento, em razaõ de ser eterno hum bem como infinito quanto à duraçaõ, que he hũa cousa, que naõ se póde explicar bem com palavras humanas. Isto, que he em hum pequeno bem, ou gosto, que será eterno, como seria em hum grao de gloria, que comparativamente se póde chamar pequeno, se deve entender tambem de hũ pequeno mal experimentado no Inferno de hum condenado; que, ainda que padecesse poucos tormentos quanto á pena do sentido, bastaria, que este pouco fosse eterno, para ser hum tormento excessivo, e infinito quanto á duraçaõ. Ora vede agora, se a immobilidade, ou o Sitio immovel de hum condenado nas suas penas para toda a Eternidade, he pequeno tormento!

Oh Deos Eterno, e amoroso Redemptor das almas! E que tyrannia grande commette aquelle depravado homem, que he causa, que huma creatura vossa venha a experimentar a crueldade deste tormento do Sitio immovel no Inferno! Solicitais a pobre, e innocente donzella, persuadindo-lhe naõ ser nada o consentir com o vosso apetite: desenquietais a honrada casada, ou a recolhida viuva, pondo em risco naõ só o seu credito, e a sua vida temporal, mas tambem a sua Alma; obrigais, talvez com ameaços, e castigos, a vossa Escrava, que, succede muytas vezes depois de commettido o peccado, naõ ter animo, para se arrepender, e confessar; e talvez continuando na culpa com os vossos incitamentos, e maos exemplos, virá a morrer impenitente, para estar padecendo immovelmente no Inferno, por toda a Eternidade, sendo vós occasiaõ de tanto dano. Oh barbaridade inhumana, verdadeyramente Luciferina! Sabey, que

fazeis nisto o Procurador, ou, como diz Saõ Joaõ Chrysostomo, fazeis o Advogado do Diabo: *Homo Diaboli advocatus:* procurando tirar as Almas do Paraiso, para as entregar ao Demonio a padecer tormentos eternos immovelmente.

Chrysost Homil. 16. in Evang.

He cousa sabida aquelle grande dano, e maleficio, que fazem no Mundo quasi em todas as naçoens aquellas depravadas mulheres, a que vòs chamais vulgarmente feyticeyras, ou bruxas. Estas desgraçadas, como tem arrenegado da Fé pelo contracto feyto com o Demonio, a quem tem vendido a sua Alma, ficaõ conseguintemente inimigas do genero humano, principalmente Catholico, e por isso procuraõ fazerlhe o mal, que podem, humas vezes às crianças depois de bautizadas, naõ fazendo, que percaõ a vida, porque naõ querem, que se salvem, mas que fiquem estropeadas, e com outros defeytos por toda a vida. Outras vezes ainda ás pessoas mayores com feytiços, os quaes lentamente causaõ a morte, tomando para fazerem estes maleficios por arte do Diabo varias fórmas aparentes, transportando-as o mesmo Diabo a varios Reynos, e lugares summamente distantes, introduzindo-as em lugares reconditos, e fechados sem se saber o como entràraõ, porque o Diabo como espirito, que he forçoso, lhes facilita todos os meyos, para estas crueldades. Destas crueldades pois, e maleficios, que causaõ estas bruxas (que nem todos, quantos ellas desejaõ fazer, fazem porque Deos por sua Misericordia o naõ permitte) supponhamos, que hũa vez em hũa Cidade fizessem morrer mil pessoas. Oh que horror, oh que confusaõ, oh que lamentaçoens seriaõ naquella Cidade! Como procurariaõ todos, e fariaõ diligencia, para descobrir aquellas malfeytoras, para que morressem

todas

todas a fogo lento! Ora pois ſabey, que naõ ſeria tam deteſtavel o crime deſtas depravadas mulheres, como he deteſtavel o crime daquelle, que he cauſa, ou occaſiaõ de ſe perder huma Alma, que antes vivia innocente, para ſe condenar eterna, e immovelmente no Inferno. Dizeyme, qual he mayor tyrannia; fazer padecer mil peſſoas temporalmente neſta vida, ainda que foſſe por cem annos, ou fazer penar com tormentos mais atrozes mil vezes huma ſó peſſoa, naõ ſó por cem mil milhoens de annos, mas por toda a Eternidade? Ora ſabey, que ha mais milhoens de annos na Eternidade, do que houve atè agora no Mundo de milhoens de inſtantes, e haverà atè o fim do meſmo Mundo, e vòs ſereis a occaſiaõ, que hũa tal Alma eſteja para toda a Eternidade blaſfemando, e arrenegando de Deos, e padecendo tormentos inexplicaveis no Inferno ligada, e atada ſem ſe mover.

Oh ſe ſoubeſſemos bem comprehender, que couſa ſeja a Eternidade, nada deyxariamos de obrar, para cooperar a ſalvaçaõ de huma Alma! Oh meu Redemptor, e Salvador amoroſo, quando conſidero, quanto ha de padecer huma Alma condenada por hum goſto de poucos momentos, concebo grande eſpanto! Mas mayor he o meu eſpanto, quando conſidero, que quizeſtes padecer a morte, e derramar o voſſo precioſo Sangue a fim de ſalvar as Almas, e que o derramarieis de boa vontade, ſó por livrar do Inferno, quando naõ foſſe mais, que a Alma do Bom Ladraõ, dando por bem empregados todos voſſos tormentos! E, que ſendo iſto aſſim, haja homens no Mundo, que procurem perder as Almas induzindo-as a peccar! Oh cegueyra, oh tyrannia grande! Chriſto como bom Paſtor procurando reduzir todas as Almas ao ſeu rebanho,

que

que he a gloria, e vòs como lobo carniceyro revestido do espirito de Satanás procurando defencaminhar hũa Alma para a conduzires ao precipicio do Inferno! Christo para a reduzir, a toma aos seus hombros: *Et cum invenerit, imponit in humeros* *Luc. 15. 7.* *suos*, e vòs, para a perder, a procurais dilacerar, e corromper! Christo com tanto gosto, quando a tem lucrado: *Imponit in humeros suos gaudens.* E vòs talvez vangloriando-vos, quando a tendes perdida! He singular o reparo do Doutor Angelico de naõ fazer Christo mençaõ, quando achou a ovelha perdida, do muyto, que lhe custàra em a *D. Tho.* crear, e remir com o seu proprio sangue: *Cur non dixit, inveni ovem meam, quam emi caro pretio, & sanguine meo redemi?* Mas só se lembra de se alegrar, e de que lhe dem os parabens de a ter achado: *Congratulamini mihi, quia inveni ovem meam, quæ perierat.* Ora a razaõ he; porque era tal, e tanto o gosto, e alegria do bom Pastor Christo em descobrir, e recuperar esta ovelha perdida, que á vista deste gosto, e contentamento, parece, se naõ lembrava, mas antes se esquecia de todos os trabalhos passados, e que lhe tinha custado a tal ovelha em a remir com o seu proprio sangue. Ora consideray agora, que se he tam grande o gosto do nosso verdadeyro Pastor em ganhar huma Alma perdida, qual será o furor contra aquelle Lobo carniceyro, que procura desgarrar do seu rebanho huma das suas ovelhas! E vòs talvez imaginais, que naõ fazeis nada, ou que causais pouco dano, quando sois causa, de que hũa innocente Alma caya no peccado com vosco? Ora attendey áquella admiravel sentença *D. Bern.* de S. Bernardo: *Si non essent hæc ad mortem sempiternam, nunquam pro eis filius Dei fuisset mortuus.*

Finalmente este tormento do Sitio immovel he taõ

tão horrendo, e penoso, que não faltárão alguns, que se persuadirão, que o fogo do Inferno atormentava mais aos Demonios com os ter atados, e ligados, do que com o seu ardor, antes que todo o tormento estava nesta retenção, para se não poderem mover: *Præter hanc alligationem, quidam Doctores non videntur agnoscere aliud supplicium ab igne.* *Cal v. l. 1. Doc.* Esta sentença porêm nestes termos com razão he refutada de S. Gregorio, Santo Agostinho, e mais Padres. He verdade, que o fogo do Inferno servirá aos condenados de correntes, de algemas, e laços apertadissimos, para os ter immoveis: *Pluet super peccatores laqueos, ignis*, como diz o Profeta Rey: da mesma sorte, com que Deos encarcerou aos Egypcios com as trevas, ficando como immoveis no meyo dellas: *Vinculis tenebrarum, & longæ noctis compediti;* mas nem por isso deyxará o tal fogo tambem de queymar, e abrazar os mesmos condenados: *Ex dictis Evangelicis colligere possumus, quia incendium animæ non solum videndo, sed etiam experiendo patiatur:* diz Saõ Gregorio. E Santo Agostinho explicando isto mesmo disse aquella maravilhosa sentença, e digna do seu engenho: *Miris, & ineffabilibus, sed veris modis, pœnam seu dolorem ab igne accipiet.* Quer dizer, que o fogo do Inferno terá actividade, para queymar, e abrazar as Almas com hum modo verdadeyro, mas admiravel, e inexplicavel. Que vem a ser, como explicaõ os Theologos, elevado pela Divina Omnipotencia, para poder causar este ardor excessivo nas Almas dos condenados. E por isso o Rico Avarento, quando pedia a Abrahaõ refrigerio nas suas penas, fez expressa menção do fogo, e incendio, em que ardia: *Crucior in hac flamma;* para mostrar, que juntamente com o tormento de estar ligado, e *Psa. 10* *Gregor. lib 9. Mor. c. 10.* *Augusti. lib. 21. de Civitat. Dei cap. 10.*

im-

immovel dentro do fogo, padecia o tormento de ser abrazado do meſmo fogo: *Crucior in hac flamma: mitte Lazarum, ut refrigeret linguam meam.* Donde venhamos a concluir, que hum, e outro tormento cauſará nos condenados aquelle fogo abrazador do Inferno, a ſaber, o queymar, e abrazar, e ter ligados, e immoveis os meſmos condenados. *Matth.*

Eſte tormento pois do Sitio immovel, tam terrivel para os condenados, he huma pena, e hum caſtigo juſtamente devido a todos os precitos, para caſtigar o abuſo da ſua liberdade, da qual ſe ſerviraõ para offender a Deos em todo genero de vicios. Eſta liberdade, que por outra parte he o melhor predicado do homem, e pelo qual ſe diſtingue dos brutos, he humas vezes o vèo, com o qual pertendem os homens deſculpar as ſuas maldades, como diz o Apoſtolo Sãõ Pedro: *Quaſi velamen habentes malitiæ libertatem.* Quereis obrar o que vos dita a voſſa paixaõ, e o que vos incita o voſſo appetite deſenfreado, e depois vos quereis eſcuſar com a liberdade, que Deos vos deu, dizendo, que de outra maneyra naõ ſereis livre, mas antes vivireis em hum continuo aperto, e eſtreiteza, fazendo naõ de Senhor, que ſois, e livre, mas de ſervo, e ligado; que he o que diſſe Jeremias fallando de ſemelhantes homens depravados em nome de Deos: *Confregiſti jugum meum, dirupiſti vincula mea, & dixiſti, non ſerviam.* Ora ſabey, que eſte he hum delirio, que naõ póde entrar, ſenaõ no entendimento, ou de hum mentecapto, ou de hum totalmente depravado. O jugo, que Deos vos poz, he ſuave. A ſua Ley como tam juſta, e conforme à razaõ, naõ he deſtructiva da voſſa liberdade; porque a podeis exercitar em evitar livremente o mal, e em eſcolher entre as couſas licitas aquella, que me- *Petr. epiſt. 2. 2.* *Jerem. 2.*

melhor vos parecer, e assim a vossa liberdade naõ vos pòde servir de vèo, ou de capa, para escusares os vossos vicios. Por outra parte sabey, que Deos Senhor nosso he zelosissimo do seu dominio, que tem sobre todas as creaturas; porque este dominio he como a melhor joya da sua Coroa, e como o timbre do imperio universal, que tem sobre todas as cousas creadas; e assim naõ consentirà mais, que as creaturas racionaes por abuso do livre alvedrio, com que as creou para sua mayor perfeyçaõ, e merecimento, queyraõ com este pretexo zombar, abuzar, e desprezar às suas Leys, e os seus preceytos; e por isso castigará com todo o furor da sua justiça esta arrogancia dos peccadores, com o tormento do Sitio immovel: *Fiant immobiles quasi lapis.*

A liberdade do homem se explica de dous modos. Huma he exterior, que se diz liberdade de movimento, com a qual nos podemos mover, e discorrer, por onde quizermos. A liberdade interior consiste em huma disposiçaõ livre da nossa vontade, dos nossos pensamentos, e sentidos, dos quaes Deos deixa o governo ao nosso livre alvedrio. Estas duas liberdades, assim exterior, como interior, quando saõ peccaminosas, castiga Deos com o supplicio da immobilidade: *Fiant immobiles quasi lapis.* Da immobilidade exterior, temos já fallado, e mostrado, qual seja, da maneyra, que se pòde explicar por sentimentos humanos. Da interior, que he, a das potencias da Alma, devemos saber, que he ainda mais penosa. He possivel (dirá hum condenado) que além da immobilidade deste infame corpo, que naõ fez outra cousa ao Mundo, que caminhar pela estrada larga dos seus appetites, e torpezas, haja tambem esta minha Alma, que

Exod. cap. 15.

he

he espirito creado á semelhança de Deos: *Ad imaginem, & similitudinem suam*: de padecer o tormento do Sitio immovel em si, e em todas as suas potencias, quaes saõ a Memoria, Entendimento, e Vontade? Oh desgraça grande! Oh tormento acerbo, e inexplicavel! Que o corpo de hum condenado fique immovel para sempre no Inferno, tormento he excessivo, como temos visto: mas que a Memoria fique immovel, o Entendimento immovel, e a Vontade immovel, parece agora ao nosso mesmo entendimento cousa imperceptivel! Neste Mundo naõ succede assim, succede tal vez por causa de hum reumatismo, ou de huma gotta artetica, ficar hum homem privado do uso de pés, e mãos, e de todos os membros do corpo, e só ter a lingoa expedita para prorromper em ais sentidos, e desesperados; mas sem se poder mover em parte alguma do corpo por causa das duplicadas dores, que sente nestes movimentos. Porèm com isto ser assim (como eu notey alguma vez) lhe fica a memoria livre, para se poder lembrar, ao menos em algumas horas, de algumas cousas, que o alegraõ; e o entendimento, tambem expedito, para de algum modo discorrer; e muyto mais a vontade, para se poder confirmar com a vontade de Deos, mostrar paciencia no seu padecimento, e escolher, ou aceytar aquelles remedios, que lhe parecerem mais convenientes; e finalmente persuadido o entendimento, que o mal, ou bem deste Mundo, pòde durar pouco, se anima o doente com esta consideraçaõ a sofrer com paciencia as suas dores, e a offerecelas a nosso Senhor JESU Christo.

Genes. cap. 2.

Assim o fez hum S. Lourenço abrazado, e assado sobre humas grelhas de ferro com fogo lento por bayxo. Assim o fizeraõ hum Saõ Clemente, hum

S. Ve-

S. Venancio, e outros innumeraveis Martyres, que padecendo pela Fé rigoroſiſſimos tormentos louvavaõ a Deos, conhecendo, que todas as moleſtias do ſeu martyrio haviaõ de acabar brevemente com huma Coroa de gloria. E para que naõ alegueis, que ſó os mayores Santos com o lume da fé podiaõ moſtrar eſta generoſidade de animo, lembrayvos do valor, com que alguns ainda gentios, guiados ſómente com o lume da razaõ ſofrêraõ intrepidamente os tormentos; porque ſe perſuadiaõ, que todos os tormentos, e moleſtias deſta vida duravaõ pouco. Aquelle inſigne Varaõ Anaxarco, muyto favorecido de Alexandre Magno, foy ſempre contrario aos peſſimos coſtumes de Anacreonte tyranno de Chipre. Morto Alexandre Magno, tratou o tyranno de vingarſe delle com huma morte barbara, e deshumana. Fez meter em hum morteyro grande de bronze a Anaxarco bem ligado, e depois pilalo em ſua preſença com dous piloens de ferro. Anaxarco porém ſem dar hum ſó gemido, nem lançar huma ſó lagrima, lhe fallou deſte modo: *Tunde, tunde, Tyranne, hoc meum vas fictile, Anaxarcum non tundes.* Pila, pila, ò Tyranno, eſte vazo fragil do meu corpo, porèm deſenganate, que naõ poderás pilar o animo, e alma de Anaxarco. Tanto he verdade, que a Alma com as ſuas potencias he livre, para mandar, e ſer ſuperior nos mayores apertos do corpo. *Plutarc. in vita Alex.*

No Inferno porèm naõ ſerá aſſim. Se o condenado tiveſſe a vontade, e o entendimento livre, para diſcorrer, eſquecendo ſe algũas vezes dos ſeus peccados, para conſiderar em algumas couſas alegres, e goſtoſas, ainda que quimericas, naõ ſeria talvez o ſeu inferno tam penoſo. Mas naõ he aſſim; porque no condenado tanto a liberdade do ſeu li-

vre

vre alvedrio, como o discurso do entendimento, tudo será fixo, ligado, e immovel; principalmente para tudo aquillo, que for de gosto, e recreação: *Detinebitur intellectus ad considerandum, & voluntas ad detestandum.* (dizem os Santos Padres) O entendimento estará sempre ligado, para poder considerar cousa alguma fóra daquelle objecto contrario ao seu genio, de pena, e aborrecimento à sua inclinação, e a vontade tambem ligada, ainda para detestar, e arrependerse, em modo, que lhe seja de alivio, *& voluntas ad detestandum.* De maneyra que assim como no Paraiso he o lume da gloria, o que corrobora o entendimento dos Bemaventurados para verem a Deos, e desta vista lhes procede, que necessariamente o amaõ com a vontade; assim tambem no Inferno ha hum certo lume de pena, e de infamia, que liga o entendimento dos condenados, e obriga a vontade, e todos os seus sentidos, e potencias, para naõ cuydar, nem attender a outra cousa, que áquelles objectos, que lhes podem causar pena, affliçaõ, e desesperaçaõ: *Peccator videbit, & irascetur, dentibus suis fremet, & tabescet.* Quer dizer: o peccador verá, e conhecerá; mas conhecerá, e verá sómente, para se infurecer, para se morder, e para ranger com os dentes; e para pasmar de confusaõ, e vergonha; bradando, e amaldiçoando o dia, e a hora, em que nasceo.

Caiet. tom. 3. art. 1.

Psalm. 111.

Oh Eternidade do Sitio immovel, que todas as vezes, que te considero, me faz tremer de medo, e pasmar de espanto! He possivel que assim o corpo, como a Alma de hum condenado, com todas as suas potencias ha de estar sempre, e eternamente fixa, para considerar sómente o que for de horror, e espanto! Oh desgraçado de mim, se vivendo

vendo em huma Religiaõ tam ſanta, occupo o meu entendimento, e vontade, em cuydar outra couſa fóra da minha ſalvaçaõ, e dos meus proximos! Oh deſgraçados todos aquelles peccadores, que occupados em cuydar fómente nas vaidades, e torpezas do Mundo, reſpondem, quando ſaõ admoeſtados, e reprehendidos, para cuydar em Deos, ou na Eternidade, reſpondem, digo, que naõ tem tempo, para o fazer! Ora ſabey, que no calabouço do Inferno, de que Deos vos livre; tereis menos tempo, antes nenhum inſtante, e nenhum lugar, para cuydares em couſa alguma, que vos poſſa dar alivio. Sendo o tempo tanto, e taõ largo, quanto ſerá huma Eternidade, naõ tereis tempo, para conſiderar em couſa, que vos poſſa conſolar, ou dar o minimo goſto: *Detinebitur intellectus ad conſiderandum.* Sòmente tereis na memoria, para vos lembrares, e no entendimento para conſiderares, a fealdade das voſſas culpas, e a enormidade das voſſas torpezas; mas naõ, para vos arrependeres, nem para as deteſtares em modo, que vos aproveyte: *Et voluntas ad deteſtandum.* Neſta vida naõ achaſtes hum quarto de tempo, para vos afaſtar dos homens, e cuydar em Deos, e na voſſa ſalvaçaõ: là no Inferno já compungidos ſereis perfeytos contemplativos ſem a menor diſtracçaõ; mas contemplativos meramente da voſſa deſgraça, e da voſſa eterna miſeria. Neſta vida não pudeſtes ouvir hũa Miſſa, nem rezar hũ Rozario ſem infinitas diſtracções; là no Inferno ſem diſtracçaõ alguma, que vos poſſa aliviar, conſiderareis ſempre na voſſa grande deſgraça de ſer condenado a ſoffrer eternamente o tormento do Sitio immovel: *Fiant immobiles quaſi lapis.*

Compáraõ alguns a Eternidade á Roda de hum Relogio, a qual, girando ſempre, eſtá com tudo fi-

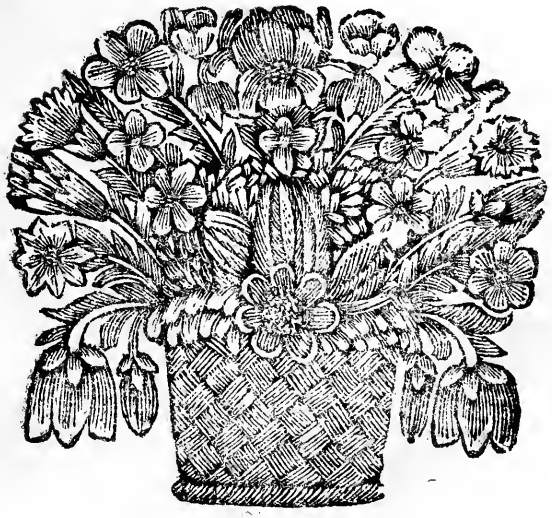
xa quanto ao eyxo, ou ponto do meyo. Mas eu a comparo com o Profeta Ezechiel a duas rodas hũa no meyo da outra: *Rota in medio Rotæ.* A roda de fóra he aquella Eternidade de penas, que gira sobre o corpo condenado, tendo-o sempre fixo, e immovel no mesmo Sitio. A roda de dentro he aquella Eternidade de penas, e confusaõ, que lhe gira dentro da Alma, tendoa ligada com todas as suas potencias, para naõ cuydar, nem se lembrar de outra cousa, senão da sua miseria, confusaõ, e desgraça. He como hum moinho de duas pedras molares: *Inferiorem, & superiorem molam*, que estando a pedra molar, que fica debayxo, sempre immovel no mesmo Sitio, a de sima a vay moendo sempre, e calcando sem nunca parar. O condenado pois com o corpo, e Alma, sempre immovel no mesmo sitio, e no mesmo ponto; e a Eternidade de penas, e de tormentos, sempre girando sobre elle, sem mais cessar. Este he pois do modo, que se póde explicar por alguma maneyra, o tormento do Sitio immovel, que padeceràõ os condenados no Inferno; e por muyto que gemaõ, gritem, e chorem debayxo daquella pezadissima pedra molar da Eternidade, naõ seraõ ouvidos: *Vox molæ non audietur amplius.* Aqui se segue agora o desengano deste discurso, que consiste na resoluçaõ, que devemos tomar; considerando, que naõ he ainda dada a sentença da nossa condenaçaõ, e que ainda temos tempo de fugir o Inferno, e ganhar o Paraiso. Oh infeliz de quem lendo, e ouvindo estas verdades, naõ se resolve a deyxar para sempre o peccado! Oh desgraçado daquelle, que para satisfazer a huma payxaõ desenfreada, a hum gosto momentaneo, deyxa a Deos pela creatura, renunciando a Bemaventurança (como diz S. Bernardo) para se sepultar para sempre em huma con-

Ezec. cap. 10.

Deuter. cap. 14.

Apocal. cap. 18.

continua miseria: *Post tantillam voluptatem æterna miseria.* A qual consiste em grande parte, como até agora temos visto, no rigoroso tormento da immobilidade, assim do corpo, como da Alma: *Fiant immobiles quasi lapis, &c.* D. Bern. Serm.



RPJCB

TORMENTO DA PENA DO DANNO

DISCURSO XII.

Do tormento da pena do Dano.

Vos non populus meus, & ego non ero veſter. Oſeæ 1.

REndeo Henrique Conde de Bergh a importante praça de Bolduc em Flandres aos Olandezes, ſem ter feyto no cerco a devida reſiſtencia, que requerem as leys da guerra. Foy depois o Conde á Corte de Bruſſellas, para dar ſatisfaçaõ á Archiduqueza de Auſtria D. Iſabel, que em nome de ElRey Filippe Segundo governava aquelles eſtados; porèm eſcaçamente appareceo, na audiencia, que logo a Archiduqneza, deſcendo parte do vèo, que tinha na cabeça, cobrio o roſto, e diſſe. Nem vòs, Conde, ſereis nunca mais noſſo ſoldado, nem nòs a voſſa Princeza. E aſſim dito, foyſe vi-

Hiſtor. Belg. lib. 2.

rando-lhe as costas. Quem o cuydàra! Perturbou este successo de tal sorte ao Conde, que nem via a porta da antecamara, nem atinava a sahir, por ônde tantas vezes entrou, e levado depois no coche para sua casa, antes de fechar tres dias morreo. Julguem agora os peccadores, que perturbaçaõ será aquella de hũ condenado, a quem Deos esconderá para sempre o seu Divino rosto, face taõ fermosa, que quanto mais os Espiritos Angelicos, e os Bemaventurados a estaõ vendo, sempre mais a desejaõ ver: *In quem desiderant Angeli prospicere.* E ouviraõ aquellas formidaveis palavras: *Vos non populus meus, & ego non ero vester.* Vòs naõ sereis mais meu povo, e eu nunca mais serey vosso Deos, para vos fazer algum bem. Estas palavras bem consideradas saõ o ultimo rayo do furor Divino, que reduz a hum condenado no abismo mais fundo da desesperaçaõ. Que Deos esteja sem mim, pouco importa. Elle basta a si mesmo; nem eu, nem as creaturas todas, fazemos falta alguma ao ser Divino, á sua gloria intrinseca, e á sua bemaventurança; mas que eu para sempre haja de ser privado da vista de Deos, ter por titulo, por nome, e na realidade o naõ ser nunca mais sua creatura: *Non Populus meus.* Esta he a mais horrivel de todas as penas, he o tormento dos tormentos, he o inferno (direy assim, e digo bem) he o Inferno do mesmo Inferno. E esta he, a que os Theologos chamaõ pena do dano; que (como diz S. Dionysio Areopagita) consiste em dous termos. Em huma apetencia violenta, e fatua de possuir a Deos: *Cupiditas amens;* e em hum odio implacavel, que lhe tem, de que brota hum furor inutil, que o transporta no mesmo instante em o querer destruir, e aniquilar: *Furor inutilis.* Como a alma de hum condenado tem no Inferno, além de huma relaçaõ reciproca, huma total

Petr. 1. 12.

de-

dependencia de Deos; e entaõ melhor o conhece por seu Summo Bem, deseja em extremo unirse a elle; e como por outra parte pelo peccado está necessariamente separado delle, e o tem por seu inimigo mortal, quizera loucamente destruilo, e aniquilalo. A pena imperceptivel, e a dor inexplicavel, que nasce da reuniaõ quimerica destes dous extremos incompativeis. Desejar com anxiedade, o que nunca ha de ter, e odiar necessariamente, o que sempre ha de desejar: *Cupiditas amens*; *furor inutilis*: estes dous pontos saõ as duas columnas de Hercules, que neste taõ difficultoso discurso denotaõ o *non plus ultra* do inexplicavel tormento da pena do dano. Desejar com anxiedade, o que nunca possuirà, e odiar necessariamente, o que sempre desejarà. Quem perceber bem atè onde chegaõ estes dous movimentos contrarios da Alma de hum condenado só entaõ fará conceyto cabal, e adequado, do que he a pena do dano. E em quanto eu com huns longes a vou delineando, peço ao pio Leytor, que de quando, em quando pare, e feche os olhos do corpo, e abrindo os da Alma a considere devagar, e com attençaõ.

He cousa horrivel o perder a Deos, ainda que agora naõ sabem os peccadores, o que perdem. Neste Mundo só conhecemos a Deos como por enigma, como diz Saõ Paulo: *Videmus nunc per speculum in enigmate*. Quer dizer, com hum conhecimento escuro, e abstractivo, em tudo dependente dos sentidos, e assim a modo de meninos, mais nos move qualquer objecto material. Elle mesmo assim o experimentou, e em nome de todos assim o confessa: *Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus.* Daqui nasce, que o ouvirmos fallar de gozar, ou perder a Deos naõ faz na nossa Alma, e ao nosso coraçaõ, mais que

1. *Cor.* cap. 13.

1. *Cor.*

hũa leve impressaõ de doçura, e suavidade de hum bem infinito, ou do immenso pelago do Inferno, em que se afunda, quem o perde. Melhor me explicarey dizendo assim. Se huma mãy tendo filhos de menor idade, lhes fallasse deste modo, vosso pay era Fidalgo muy illustre, grande titular, e abundante de riquezas; porèm por hum crime de lesa Magestade, e de primeyra cabeça confiscàraõ-lhe todos os bens para a coroa, deraõ o titulo a outrem, e depois de lhe tirarem a vida, declararaõ o por infame, tirando-lhe, e a toda nossa geraçaõ a nobreza; e por isto vivemos pobres, e desprezados nesta extrema miseria. Que impressaõ (pergunto) faria este discurso naquelles meninos? Taõ pouca faria, que mais sentiriaõ tirarem-lhes hum fruto, que tivessem na maõ, declarando logo a sua pena com choros, e alaridos, que naõ toda a desgraça de seu pay, e tambem propria. Que a Igreja Catholica chore a morte de nosso Senhor JESU Christo, seu amado Esposo, vendo, que os seus filhos, o tornaõ a crucificar com os seus peccados: *Rursus Crucifigentes Filium Dei:* e que mande intimar pelos Prègadores nos pulpitos o muyto, que perderaõ, perdendo a graça de Deos, e o fogo do Inferno, que mereceraõ, e para sempre haõ de soffrer, se naõ se emendarem, he costume justo, util, e necessario; mas com tudo vemos, que toda esta perda, e dano irremediavel, faz taõ leve impressaõ nos ouvintes, por ser objecto distante, e espiritual, que mais sentem ordinariamente os peccadores qualquer perda temporal, e presente. Mas naõ ha de ser sempre assim. No mesmo instante, que a Alma de hum peccador sahe do corpo, a modo de quem se desperta de hum grave sono: *Quasi evigilans de gravi somno.* Na sua entrada do Inferno, o primeyro objecto, que se lhe representarà serà Deos. Assim

Hebr. cap. 6.

Genes. 45.

succe-

ſuccedeo ao Rico Avarento. Em quanto eſteve neſte Mundo, naõ tratou mais que do ſeu corpo, veſtindo-o de purpuras, olandas, e galas, e regalando-o em banquetes com precioſos manjares: *Inuebatur purpura, & byſſo, & epulabatur quotidie ſplendidè.* E logo; que ſe vio no Inferno, o primeyro movimento, que fez, foy levantar os olhos para o Ceo: *Cum eſſet in tormentis, levavit oculos.* Jà conhece a felice ſorte, que tocou a Lazaro. Jà ſe lembra de Deos, e por iſto recorre ao pay Abrahaõ: *Pater Abraham miſerere mei, mitte Lazarum.* Jà ſe contenta para ſeu alivio, que Lazaro lhe leve hũa gotta de agoa na extremidade de hum dedo. Que Freneſis he eſte? E que tem que fazer hũa gotta de agoa com hum incendio de fogo? Ah, que a ſede, que abraza ao Rico Avarento, he o apetite innato de ver a Deos, como bem o diſſe David: *Sitivit anima mea ad te Deum fontem vivum, quando veniam, & apparebo ante faciem Dei.* E como conhecia já claramente, que a fonte viva da graça já naõ era para elle, pois o caminho unico para lá chegar, era o ter vivido neſte Mundo como Lazaro, e como Abrahaõ, e vendo, que já naõ eſtava *in via*, para o poder fazer, por iſto eſtava lacerando-ſe intrinſecamente com hum deſejo fatuo, e com hũa anxiedade frenetica: *Cupiditas amens, mitte Lazarum.*

Luc.

Pſal.42

Será logo poſſivel, que a lembrança de Deos, e do Paraiſo ſirva de inferno mais penoſo aos condenados. Aſſim he ſem duvida, e a perda, que tem feyto de Deos, he o mais cruel dos ſeus tormentos; pois ſe elles podeſſem eſquecerſe de Deos, e do Paraiſo, naõ ſeriaõ em hum certo modo Precitos. Diz o Profeta David, que o peccador verá, e ſe encherà de raiva, fremirà com os dentes, e paſmarà de pena: *Peccator videbit, & iraſcetur, dentibus ſuis fremet,*

& ta-

& tabescet. Eis-aqui os tres objectos da sua vista, e da sua contemplaçaõ. Que tem perdido a Deos; que o tem perdido por sua culpa, e vontade; e que o tem perdido por cousas de pouco mais de nada. Seria necessario conhecer intuitivamente as infinitas perfeyções de Deos, para comprehender a perda inexplicavel do Paraiso. Em quanto vivemos neste Mundo, naõ sentimos a uniaõ natural, que ha entre Deos, e as nossas Almas; e a correlaçaõ necessaria, que ha entre o Creador, e as creaturas. O peso deste nosso corpo arrasta comsigo a Alma a estas cousas da terra: *Corpus, quod corrumpitur, aggravat animam.* E como naõ conhecemos a Deos se naõ abstractivamente pelas creaturas, fazemos pouco caso de o perder, por causa dellas. Porém no Inferno naõ he assim. A Alma desapegada dos nossos sentidos, conheceo entaõ claramente, que lhe he impossivel, bem Deos, gozar da Bemaventurança; repara no grande bem, que tem perdido, e no miseravel estado, em que se acha. Aqui exclama Santo Agostinho. Ah, que tormento inexplicavel será conhecer a Deos, depois de o ter perdido! *Quam horrendum est videre Deum, & perdere!*

Sup. 9.

Aug. l. 2. Conf.

Se o Inferno fosse capaz de alguma consolaçaõ, aquelles Gentios, aquelles Negros buçais, aquelles Indios, Idiotas, e Barbaros, que estaõ no Inferno, poderiaõ dizer. Estamos penando. E que penas! E que dores! E que tormentos, taes e tantos, que só quem está aqui, e os padece, póde dar conta delles! E com tudo naõ tivemos o lume da fé, nem toda a facilidade, e commodo, para salvarmos as nossas Almas. Tenho perdido a Deos (diria algum delles) mas posso affirmar, que quasi naõ o conhecia; senaõ com o remorso da sindereſi, que me fazia distinguir o bem do mal. Ah, que se eu o tivera bem co-

conhecido; como os Chriſtãos, naõ eſtaria neſtes tormentos! Confeſſo na verdade, que tive a graça ſufficiente, para obrar bem, e ſalvarme; mas que effeyto podia fazer eſta graça ſufficiente vivendo eu entre ſalvagens, que mais pareciaõ beſtas, que homens. Devia ſeguir a luz da razaõ, aſſim he; mas que luzes podia ter hum entendimento rude, ſem diſcurſo; huma razaõ inculta, ſem eſtudo, ſem letras, ſem inſtrucçaõ! Ah, que ſe Deos tiveſſe permittido, que vieſſe hum Miſſionario, e me alumeaſſe com a doutrina do Evangelho, naõ eſtaria agora penando no Inferno. Conſidere agora o pio Leytor, que tormento ſerà para hum Chriſtão condenado, para hum Catholico, que tem vivido no gremio da Igreja; muyto mais, ſe eſte Catholico foy naſcido, e criado em Portugal, que he o Reyno pela piedade, e pureza da fé mais amado de Deos: *Fide purum, & pietate dilectum.* E ſe Deos quiz, que o caracter do Bautiſmo foſſe indelebil atè no Inferno, para que o Chriſtaõ precito tiveſſe ſempre preſente, que elle meſmo ſe condenou, e naõ vè, nem verà nunca mais a Deos, porque aſſim quiz. Do meſmo modo o ſer naſcido Portuguez lhe accreſcentará a pena do dano, tendo ſempre fixo na memoria, que foy criado entre elles, e que ſeus pays deſde menino lhe diziaõ ſempre, amaràs a Deos, ſobre todas as couſas, e fugiràs o peccado, que ſó nos póde impedir, de ver, e gozar a Deos no Paraiſo; e agora, que conhece todo o ſeu bem na execuçaõ deſtes documentos, quer amar a Deos, e naõ póde; porque no meſmo tempo lhe tem hum odio entranhavel; eſmeraſe, para chegar a elle, e Deos o lança, e lançarà para ſempre de ſi: *Cupiditas amens.* *Hiſtor. Luſ. l. 1*

He doutrina de S. Thomàs, e dos SS. Padres, como todos ſabemos, que Deos he hum bem infinito, e in- *D. Th. 2. 2. Guar de Deo.*

e infinitamente perfeyto, naõ só na sua essencia, mas em todas as suas perfeyções. A sua fermosura he infinita, e infinitamente perfeyta a sua sapiencia he infinita, e infinitamente perfeyta; a sua Santidade he infinita, e infinitamente Santa. O mesmo se entende dos mais attributos. Daqui, se segue, que quem perde a Deos, naõ só perde hum bem infinito, mas hũa infinidade de bens infinitos, que todos se reünem na Divindade, como no seu centro. E se devemos medir no excesso desta pena, com o excesso do gaudio, que havia de gozar; considere, qual será o excesso da pena do Dano, e com que anxiedade desejará recuperar esta perda, que naõ contem menos, que huma infinidade de bens infinitos: *Cupiditas amens.* Perdi a Deos (dirà entaõ hum condenado) e em o perdendo, perdi o Reyno da gloria, aonde eu havia de reynar eternamente. Oh bella Patria! Oh Clima Bemaventurado! Oh Beata Estancia! Tambem eu là tinha o meu lugar, que como a Filho, e herdeyro me estava preparado. E sempre me fuy lisongeando, que no fim da vida là haveria de ser a minha morada. Mas (oh triste peccado)! Sempre te vercy presente na minha memoria, na minha imaginaçaõ, no meu desejo; mas para nunca entrar nella: *Videbis eam, sed non intrabit ad illam.* Perdi a Deos, e em o perdendo perdi o lume da gloria, por meyo do qual os Santos o estaõ vendo *facie ad faciem*; e contemplando-o assim mesmo, como he: *Sicuti est.* Perdi a Deos, e em o perdendo, perdi a companhia da Virgem Máy de Deos, que tanto me favorecia; do meu Anjo da guarda, que tanto me queria, e de tantos outros que se salváraõ, meus conhecidos, Parentes, e Amigos. Oh que consolaçaõ teria eu de conversar com elles, e como abririamos, com fidelidade, e amor huns aos outros os nossos corações,

Deut. 34.

1. *Cor.* 13.

rações. Mas como as minhas culpas, ſaõ totalmente oppoſtas á graça ſantificante, que elles peſſuem, me haõ de aborrecer, e lançar de ſi, como a hum Demonio, que eu ſou. Finalmente em perder a Deos, perdi a mim meſmo, e tendo perdido a Deos, e a mim meſmo, tenho perdido tudo. E ſe tudo eſtá perdido. Que me reſta? Que me fica? Ficame unicamente o ſer. E eſte ſer de que me ſervirà? Sò para ſentir, e ſoffrer eſta pena do dano taõ inſoffrivel; para me affligir para ſempre, e me fazer deſejar, o que nunca hey de ter, nem ver: *Cupiditas amens.*

Quando foy intimado a Ovidio o areſto de Ceſar, com o degredo para a Provincia de Ponto, naõ he creivel a pena, que naquelle apartamento ſentiraõ, aſſim elle como a ſua cara conſorte, e os ſeus amados filhos. Foraõ tantas as lagrimas, taes os alaridos, e tal a confuſaõ naquella noyte, que naõ a ſoube o Poeta deſcrever melhor, que dizendo, parecerlhe a ſua caſa naquellas ultimas deſpedidas, hum Mappa, em que eſtava epilogado em ponto piqueno a confuſaõ do incendio de Troya. *Ovid. de Ponto.*

Si licet in parvis exemplis grandibus uti.
Hæc facies Troiæ, dum caperetur, erat.

Fraca ſemelhança he a do ſentimento de Ovidio, que tanto encarece, o viver em hum degredo auzente da conſorte, e dos filhos. E que tem para ſe queyxar, quando na ſua maõ eſtava o poder aliviar as ſuas ſaudades. Finalmente o ſeu degredo era de hũa parte do Mundo para outra, de Europa, para a Aſia; e ſe as auſencias dos filhos foſſem dilatadas, e as ſaudades extremas, ſe era prohibido ao pay o tornar a Roma, podia remedialas, com mandar aos filhos, que de Italia foſſem para a Grecia.

Melhor repreſentaçaõ deſta pena do Dano, acho eu na ſagrada Eſcritura na peſſoa da máy de Tobias o Mo-

o Moço. Mandou o Velho Tobias a seu filho, nos Paîzes da Media, para cobrar dez talentos, que por hum credito corrente lhe devia hum certo Gabèlo. Porèm ainda que a distancia do Paîz era grande, muyto mayor pareceo à mãy a distancia do tempo, que não podendo jà mais soffrer as ausencias do filho, começou a lastimarse assim, em presença do marido. Ah meu caro Tobias, meu filho amado, filho do meu coração. Aonde estás? Por onde andas? Que nòs fossemos taõ cegos, de vos mandar para hũa cobrança, que taõ pouco importava! Maldito dinheyro, nunca fosses nosso; pois foste causa de huma taõ grande perda: *Nunquam fuisset pecunia,* *Tob.c.5* *pro qua misisti eum.* Bastavanos a nossa pobreza, e agora, para sermos mais ricos em perder ao nosso filho temos perdido tudo. Temos perdido a luz dos nossos olhos, o nosso bem, a nossa consolaçaõ, o bordaõ da nossa velhice, a columna da nossa casa, o lustre da nossa familia, o gosto da nossa vida, e a esperança da nossa posteridade. Tudo isto perdemos, porque isto tudo estava encerrado no meu unico filho: *Heu, heu me. Fili mi. Ut quid te misimus* *Tob.c.* *peregrinari, lumen oculorum nostrorum, baculum se-* 10. *nectutis nostræ, solatium vitæ nostræ, spem posteritatis nostræ. Omnia simul in te uno habentes, te non debuimus dimittere à nobis.* E dizia isto com lagrimas de sentimento taõ inconsolaveis, com soluços, e ays taõ altisonantes, que os montes circumvesinhos, se fossem animados, diriamos, que acompanhavaõ com o eco a sua pena por compayxaõ. Tal he a dor de huma mãy na perda de hum filho, que ama, e cuyda, naõ ha de ver mais; lhe parece huma dor sem remedio; pois perdeo nelle todo o seu bem: *Omnia in te uno simul habentes, te non debuimus dimittere.*

Tam-

Tambem esta he huma debil figura da nossa pena do dano para exprimir a dor imperceptivel de hum miseravel condenado, que perdeo a Deos. Se a mãy de Tobias chorava huma breve ausencia de seu filho com lagrimas, que o mesmo Texto Sagrado chama inconsolaveis, pois naõ esperava dellas remedio: *Lacrymis irremediabilibus;* porque achava na presença do filho tudo o que desejava, e na sua ausencia, sentia a falta de todo o seu gosto. Que desgosto, que pena, que dor, que tristeza, que rayva, que desesperaçaõ de hum reprobo, quando ficará com evidencia persuadido, que perdendo a Deos, tem perdido tudo? Quando verá, que naõ o perdeo por alguns mezes, como a mãy de Tobias a seu filho, mas por annos, e seculos, e por huma eternidade, que durará para sempre; entaõ si, que o instinto natural, já desempedido do peso do corpo, a modo de fogo, quando venceo as disposições da materia combustivel, com mayor impeto se lançará a buscar a sua esfera, que he Deos; e no mesmo tempo, vendose oprimido pelo peso do peccado, que a modo de hũa pedra de moinho, o obriga a parar no Inferno, que he o seu centro; entaõ convencido por experiencia da sua infinita desgraça, prorromperá em gritos, e ays, dizendo assim. Ay triste Alma, ay Alma infeliz, que ha de ser de ti! Tenho perdido a Deos, e em o perder, perdi a mim mesmo, e tenho perdido tudo. Chora desgraçada, chorá; dobra as tuas lagrimas, e redobra os teus suspiros. Maldito seja o dinheyro; maldita seja a fazenda, que me causou taõ grande perda. Maldito seja o gosto; maldito seja o deleyte, que me custáraõ taõ grande tormento. Maldito seja o amor ás creaturas, que me necessita agora á hum odio implacavel ao meu Creador, e sendo elle meu inimigo, naõ tenho mais, que esperar,

tenho

tenho perdido tudo. Perdi a Deos; perdi ao meu bem; perdi a mim mesmo. Acabou-se; tenho perdido tudo, e se tudo está perdido, que me resta. Se naõ dizer. Chora miseravel; chora desgraçado; grita; geme, sofre, e pena para penar para sempre, e gemer, e chorar eternamente: *Cupiditas amens.*

Ainda fará subir mais de ponto este tormento da pena do Dano a seria consideraçaõ desta verdade, que agora direy; e vem a ser, que a Alma de qualquer condenado no Inferno tem hũa capacidade como infinita, a qual nunca póde ser chea, nem satisfeyta, se naõ for occupada por Deos; e assim como a natureza naõ admitte o vacuo: *Non datur vacuum in rerum natura*; porque estaria como violentada, ficando o Mundo em hũa perpetua guerra batalhando entre si os elementos com hum desconcerto notavel; assim por este principio, a pena do Dano he hũa pena infinita; porque deyxa como vazia a capacidade da Alma, privando-a de Deos, que he hum bem infinito. Que a capacidade da Alma seja infinita, prova-se com dous principios indubitaveis, e ambos fundados na Escritura sagrada. O primeyro, que he Theologico, será para os Doutos, o outro; que he fisico moral, servirá para todos. Naõ ha cousa mais fallada na Theologia, que serem as creaturas correlativas ao seu Creador; nem se póde pronunciar, ou entender esta palavra creatura, sem ficar nella incluida a relação transcendental, que tem com o seu Creador. Além desta, e muytas mais relações, tem qualquer Alma huma relaçaõ de semelhança, por ser imagem de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Em ordem á natureza, he a Alma imagem de Deos, por participaçaõ do seu ser. Em ordem á graça, he imagem de Deos por participaçaõ da sua santidade. Em ordem a gloria he imagem

Arist. l. Phis.

D. Tho. & alii.

Genes. 1 26.

gem de Deos por participaçaõ da ſua bemaventurança. E iſto he tanto aſſim, que diz Santo Agoſtinho, que conſórme Deos naõ póde eſtar contente, nem ſatisfeyto, ſe não gozando de ſi meſmo, aſſim a Alma como ſua imagem, naõ póde eſtar contente, nem ſatisfeyta, ſe naõ gozando de Deos: *Domine feciſti nos ad te, & inquietum eſt cor noſtrum, donec requieſcat in te.* *Aug lib de Conf.*

O outro principio, por onde ſe prova a capacidade da Alma ſer infinita, he a inſaciabilidade das payxões humanas. Couſa tão certa, que qualquer peccador o póde experimentar em ſi nos vicios, a que he inclinado. Vio-ſe algum dia hum Avarento ſatisfeyto das ſuas riquezas, por muyto, que peſſua? tomàra elle ainda mais, e nunca dirá baſta: *Numquam dicit ſufficit.* Por muyto dinheyro, que tenha, diz o Eſpirito Santo, que o ſeu deſejo nunca ficará cheyo: *Avarus non implebitur pecunia.* Ainda que, com violencias, e uſuras grangee todo eſte Mundo, não ha de eſtar contente. Se naõ diga-o Alexandre Magno, que ouvindo dizer loucamente como no concavo da Lua haviaõ outros Mundos, ainda naõ tinha acabado de conquiſtar huma pequena parte deſte, que logo começou a chorar, e entriſtecerſe, annellando com anxiedade para a conquiſta dos outros. E iſto porque? porque a payxaõ da cobiça he inſaciavel. Vio-ſe algum dia hum ſoberbo ſatisfeyto das honras, e eſtimaçaõ, que fazem delle? Parece, que o havia de ſer Aman; pois era valido de ElRey Aſſuero, que dominava atè a India cento e vinte ſete Provincias. Era Aman a ſegunda peſſoa da Monarquia, *ſecundus à Rege.* Tinha immenſas riquezas, e tantas honras, que ſó elle com a Rainha ſe aſſentavaõ na meſa com ElRey; e com tudo confeſſava elle meſmo, que lhe parecia não ter nada, porque *Prov. 30.* *Eccleſ. 5.9.* *Plut. in vita.*

Esther 5. ao entrar do paço naõ se levantava Mardoqueo em pé, para o saudar: *Et cum hæc omnia habeam nihil me habere puto, quandiù videro Mardocheum sedentem antè fores Regias.* Mas que vos falta Aman? de que vos queyxais? Porque fazeis caso das cortesias de hum soldadinho de taõ bayxa esfera? Porque? porque a payxaõ da soberba he insaciavel. Vio-se algum dia hum impudico farto da sua luxuria? Claro está, que não. Quanto mais se involve no lodo da sua impudicicia, tanto mais deseja enlodarse, pedindo como as *Prov. 30.* sanguisugas de Salomaõ sempre mais deleytes: *Dicentes, affer, affer.* E isto porque. Porque a payxaõ da luxuria he insaciavel. Logo he evidente, a insaciabilidade das payxões humanas.

Isto supposto, continuemos agora o nosso discurso, e argumentemos assim. Se toda a payxaõ humana he insaciavel, e no coraçaõ perverso de hum reprobo, encerraõ-se tantas payxões, e a mayor parte dellas entre si especificamente diversas. Julguem agora, qual he a capacidade da Alma. E se a Alma foy creada, para sómente servir, e amar a Deos, com quem tem huma total dependencia, e huma infinidade de relações, como temos visto acima; quem duvida ser necessario, que a sua capacidade seja como infinita; pois só Deos póde encher aquelle vacuo tão immenso, que ella contem em si. E conhecendo claramente a Alma de hum condenado, que só possuindo a Deos poderá chamarse satisfeyta ficando socegada, e quieta no seu centro, como o fogo na sua esfera; e vendo, pois que Deos pelo peccado, de que ella está rea, a lança com foror de si, e foge sempre della; considere o peccador, que violencia, que tormento, que dor que tristeza, que desesperaçaõ! Desejar sempre, e querer, o que nunca ha de alcançar, nem possuir. E este desejo assim violento, e frustraneo, esta anxie-

xiedade assim fatua, e desesperada, chama-se, e he na realidade a verdadeyra pena do dano: *Cupiditas amens.*

O que accrescentará em tresdobro esta pena do Dano, e apurarà mais a anxiedade, e desejo de ver a Deos, e unirse com elle, será o lembrarem-se os condenados, que perdèraõ a Deos, naõ só, porque quizeraõ, mais por contentar hum apetite, por dar gosto a hum Amigo, e por causas de pouco mais de nada. Narciso vendo a sua imagem nas agoas cristalinas de huma fonte bem limpa, todo o seu desvelo era o unirse mais de perto com ella, porèm todo o seu trabalho sempre era de balde, e a sua mais exacta diligencia inutil; porque logo, que chegava a tocar com a maõ a agoa, esta turbava-se, e desaparecia a sua imagem. Aqui era a sua pena insoffrivel, a sua dor sem remedio, que o obrigava a lastimarse.

Utque magis doleam, non nos mare separat ingens.
Non via, non montes, non clausis mœnia portis. *Ovid.*
Exigua prohibemur aqua.

E para mayor tormento das minhas saudades, o que me impede a uniaõ como objecto amado da minha imagem, naõ he hũa navegaçaõ perigosa do mar Atlãtico; naõ montes alpestres, naõ caminhos dilatados: *Exigua prohibemur aqua.* Bem sey que esta madiosa narraçaõ de Narciso he hum invento poetico, sahido do fecundo engenho de Ovidio. Mas sey tambem, e naõ he fabula, mas verdade de fé, que a Alma de qualquer precito foy feyta, e creada, como dissemos, conforme a imagem de Deos, *ad imaginem Dei creavit illam.* E conhecendo o mesmo precito, que Deos he a fonte de todos os bens; e que pela sua immensidade està em toda a parte, e taõ perto delle, que o circumda, e està nelle. Entaõ *Cupiditas amens* aquelle desejo fatuo o obrigará a gritar, a bradar, e lasti-

Genes. 1 27.

marse, dizendo; que divide, quem sepára, quem impede a uniaõ da creatura com o seu Creador, a copia com o seu original, a imagem com o seu Prototipo: *Exigua prohibemur aqua.* O impede, o prohibe hũa pequena de agoa do bautismo desprezada; de agoa da graça trocada por hum pondonor, por hum gosto, que durou hum momento; por huma pequena de fazenda naõ restituida.

Que queyxas; que suspiros, que lagrimas, naõ brotava Lisimaco Rey de Thracia! Foy este bloqueado cõ todo o seu Exercito por Dromicheres Rey de Macedonia em hũ sitio apertadissimo, onde a penuria de agoa o necessitou a renderse à discripçaõ, restando elle, e todo o seu Exercito prisioneyros de guerra, sem liberdade, sem Reyno, e sem mando. Chegou depois a saciarse de agoa; e apagada jà a sede, cahio em si; e considerando-se sem Reyno; sem subditos, sem mando, e sem governo; qual outro Esaù, que vendendo a Jacob a Primogenitura por hũa escudella de Lentilhas: *Irrugiit clamore magno:* do mesmo modo começou Lisimaco a chorar, a gemer, e a bradar, dizendo de si pasmado: Que seja possivel, que hum Rey tam potente, hum Reyno tam dilatado, e hum povo tam numeroso, tenhamos hoje todos juntos feyto naufragio em hum pucaro de agoa! *Parvula naufragio sufficit unda meo!* Considere o peccador com attençaõ. Quantos estaõ agora no inferno, vossos conhecidos, vossos Parentes, vossos Amigos, e por ventura complices dos mesmos peccados, que ambos de dous cometestes. Sentem os mesmos tormentos, padecem a mesma pena do Dano. E porque (como disse o S. Job) por dar gosto aquelle Amigo, por satisfazer ao seu apetite, bebèraõ, e tragàraõ o peccado mortal; como se fosse hum pucarõ de agoa: *Bibit quasi aquam iniquitatem.* E de que servem agora as lagrimas,

Dict. Hist.

Genes. 27.

Job c. 15 16.

mas, os pezares, as queyxas, e os ſuſpiros, ſe jà naõ ha remedio, tudo he de balde, e ſó fica hum deſejo fatuo: *Cupiditas amens.*

Quero dar fim a eſte primeyro ponto, com hum reparo de grande conſequencia, e deſejo, que bem conſiderado fique impreſſo no noſſo entendimento. E vem a ſer, que pelo appetite innato, que tem a Alma para com Deos como a ſeu ultimo fim, qualquer peccador depravado, ainda neſte Mundo, quanto mais ſe immerge nos ſeus vicios, tanto mais buſca nelles (ſe bem erradamente) ao ſeu Deos. Eſte reparo, que á primeyra viſta, parece incluir em ſi dous termos oppoſtos, ſahio do grande, e agudo engenho de Santo Agoſtinho, que diſcorre aſſim. Oh Alma peccadora enganada, pecca quanto quizeres! Na tua mayor deſordem (ainda que naõ queyras) buſcaràs a melhor ordem, que tu tens com Deos. Cuydàs, que buſcas as riquezas, mas tu te enganas, porque o que buſcas he a abundancia, e eſta não ſe acha ſenaõ em Deos, que tu buſcas, ſem o ſaber. Cuydas, que buſcas os goſtos, e o deſcanço, mas como o verdadeyro goſto, e o deſcanço, ſó eſtà em Deos, gozando delle, buſcas a Deos, ſem o querer buſcar: *Cogitas, te congerere divitias, ſed abundantiam quæris, quæ in ſolo Deo eſt, &c.* De modo, que a Alma em todo o tempo, e em qualquer eſtado, ſempre anella, com unirſe a Deos; com eſta differença, que o ſeu deſejo neſta vida, fica como ſuſpenſo, e retardado por duas razões: Primeyra, porque o peſo do corpo (como já temos dito) he como hũa carga pezada, que o opprime: *Corpus quod corrumpitur aggravat animam.* Segunda razaõ he; porque eſtando ainda *in via* naõ fica em eſtado de ver a Deos, e por iſto ſe lhe atraveſſaõ nos ſentidos milhares de objectos, que a occupaõ, e a divertem. Mas quando a

Auguſt. lib. 30. de Civ. Dei.

Sap. c. 9. 15.

Alma se acharà na outra vida já (como dizem os Theologos) *in termino* aliviada do peso deste corpo mortal, e despida de todos os objectos, que a podiaõ divertir, jà sem demoras, sem suspensaõ, e sem divertimentos, que lhe empediaõ o conhecimento do seu unico, e Summo Bem, que he Deos; entaõ sim, que desvelando-se claramente a pena do Dano, faz sentir a hum condenado o tormento inexplicavel, que he hum desejo fatuo; pois he desejar hũa quimera, e hũa uniaõ impossivel: *Cupiditas amens.* Se pois ajuntarmos na Alma os dous movimentos violentissimos, hum he o instinto natural, que vendo-se desempedido do corpo, quer impetuoso unirse ao seu Summo bem. O outro he hum desejo vehementissimo, que tem de verse livre dos tormentos horriveis do inferno, que tomàra fossem jà acabados. E como pelo rigor destes tormentos se ha de medir o desejo de se ver livre delles, sendo os tormentos, sem termo, e sem medida; assim tambem o desejo, de se unir a Deos, he sem medida. E como vè, e sabe, que esta uniaõ naõ se faz, nem se pòde fazer, por causa do irrevogavel aresto: *Vos non populus meus, & ego non ero vester.* Aqui està o essencial da pena do Dano com o seu desejo fatuo: *Cupiditas amens.* O qual desejo vendo-se frustrado, de louco passa a frenetico, e se faz a modo de hũa furia bacante no Inferno: *Furor inutilis*; que he o segundo ponto, que propuzemos neste taõ importante discurso.

Ofeæ c. 1

Segundo Ponto.

He reflexaõ bellissima de S. Agostinho, que em qualquer combate de algũa payxaõ predominante, quando naõ se pòde alcançar o que se intenta, ou se perde forçadamente algum bem, que muyto se estima, a violencia deste desejo ordinariamente degenèra em desesperaçaõ, ou furor: *Frustrata cupiditas, sive non perveniendo, quò tendebat, sive amittendo quò*

Aug. lib. 21. de Civitat. Dei.

quò pervenerat, vertitur in furorem. Mandou El-Rey Nabucodonosor passar hum edicto, em que ordenava, que todo seu Vassallo de qualquer condiçaõ, que fosse, em ouvindo tocar certos instrumentos, se prostrasse de joelhos, e adorasse a sua Estatua de ouro. Tres mancebos Hebreos inimigos da Idolatria, recusáraõ adorar aquella falsa Deidade. Que faria neste caso hum Rey offendido? Os mandaria prender; que lhes formassem juridico o processo, e dando vista ás partes, que disessem de sua justiça, e os sentenciassem confórme o direyto? A nada disto deu lugar a payxaõ, pois subindo o fogo da colera escureceo a magestade, e perturbou-se o sereno da sua fronte: *Aspectus faciei illius immutatus est*; e degenerando a ira em furor: *Repletus est furore*: mandou acender sete vezes mais a fornalha, para que todos tres fossem queymados vivos nella. E porque isto? Porque a payxaõ da ira degenerou em furor, e furia sem proveyto: *Furor inutilis.* Em hum condenado naõ he assim; porque o objecto do seu furor naõ he perseguir, o que elle aborrece; mas querer o mesmo, que elle com anxiedade busca; naõ he querer destruir o que aborrece, mas querer o que elle deseja, e desejará sempre. Naõ he querer aniquillar a quem delle sempre se affasta, mas intentar com todas as forças de estar sempre unido, com quem sempre o lança de si. Furor na verdade inutil, que naõ tem alivio algum o desabaffo, como hum furioso nesta vida; e conseguintemente, naõ serve de mais a hum misero condenado, que accrescentar o seu tormento, e render mais cruel a pena do Dano, que agora conhece ser a privaçaõ, e desgraça do seu Deos, que o lança de si fóra para sempre: *Furor inutilis.*

Dan. cap. 30.

Oseæ.

Explica este furor Saõ Vicente Ferreyra com a se-

semelhança do Falcaõ, ave de rapina, que em quanto naõ vè, ou naõ segue a preza, sofre a prisaõ, e naõ faz caso da corrente com que está atado nos pés, porèm descobrindose-lhe aos olhos a vista da preza, lhe faz tal impressaõ, que usa de todas as traças, e faz todos os esforços, atè ver, se o caçador o solta: e em o naõ soltando dobra as violencias, redobra os esforços, debate-se, e fere-se, atè que de ferido, e cançado morre. Assim mesmo succederá ao reprobo no Inferno, vendo, que Deos foy tanto tempo caçador da sua Alma nesta vida, e naõ o quer mais ver, nem já ser sua preza, voltará todo o seu furor contra si: *Furor inutilis*; e para se ver solto daquella prisaõ de fogo, desejará, que destrua a sua propria substancia; e dirà. Já que Deos, naõ me quer mais por sua creatura: *Non populus meus:* e naõ quer ser nunca mais meu Deos: *Et ego non ero vester.* Se ha de lembrar sempre dos meus peccados, que poem hum eterno divorcio entre mim, e elle. Parta-me ao menos com hum rayo; mate-me embora: destrua-me; e aniquile-me: *Interficiat me, in nihilum redigat me.*

Este era o pensamento de Absalaõ; este era o discurso, que fazia com Joab. Era Absalaõ filho de ElRey David, pay taõ amoroso, que naõ só encomendou sempre a todos a vida do filho: *Servate mihi puerum Absalon;* mas nas occasiões, e perigos desejava, e pedia a Deos a morte com tanto que Absalaõ ficasse vivo: *Absalon fili mi, quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te.* Com tudo o filho foy taõ ingrato, que armou huma trayçaõ, enganando a seu pay, pedindo lhe levar a seu irmaõ Amon a hũa festa, e no melhor della, lhe mandou tirar a vida. E que castigo lhe daria David por hum crime taõ execrando, e de primeyra cabeça? Filippe Prudente

2. *Reg.* 18. 5.

2 *Reg.* 39.

por

por huma ſoſpeyta fundada, de ter ſeu filho intelligencia com coroas eſtrangeyras, o mandou meter em huma priſaõ, e naõ ſahio della ſenão depois de morto. Naõ aſſim ElRey David. Deu toda a liberdade ao filho rebelde, que vieſſe, e aſſiſtiſſe na Corte de Hieruſalem; porèm, que nunca mais o havia de ver, nem admittir no paço á ſua preſença: *Non videbit faciem meam.* Triſte pena, e privaçaõ ſaudoſa, que obrigou a Abſalaõ, a pedir muytas vezes a morte. Naõ! Eu naõ poſſo viver aſſim. Haſe de revogar eſte areſto, ou mitigar eſta ſentença. Sey, que vivi ingrato a meu pay. Fuy traydor ao meu Rey; eu o confeſſo, e tenho grande pezar. Porèm ſe elle ſe ha de lembrar da minha maldade, e privarme da ſua preſença; quero antes a morte, e faça-ſe embora juſtiça, e mandeme tirar a vida: *Si memor eſt iniquitatis meæ interficiat me.* Jà que naõ acho na ſagrada Eſcritura modelo, com que melhor poſſa moſtrar a imagem, que tenho delineado na minha imaginação, paſſemos da figura ao figurado, trocando o nome de Abſalaõ em qualquer precito do Inferno, e elle nos relatará com experiencia a pena, que ſente da privação de Deos. Aſſim he (exclama logo bradando hum daquelles condenados) ainda mal que aſſim he. Confeſſo, que fuy traydor ao meu Deos; fuy rebelde a hum pay caritativo, que para me livrar milhares de vezes do Inferno ſofreo infinitas affrontas, que eu lhe fiz. Quantas vezes ſolicitey as creaturas, para que ſe rebellaſſem contra elle, para me fazerem o meu goſto. Emfim jà naõ tem remedio. Eſtà pronunciada a ſentença; naõ por dous annos, como a Abſalaõ, mas por toda a eternidade; naõ para tornar em graça, mas para ficar ſempre deſgraçado. Se nunca mais hey de ſer filho de Deos; ſe nunca mais hey de gozar delle: ſe

Hiſt. de Caſtel.

2. *Reg.* 14.

2. *Reg.*

nun-

nunca mais hey de ver a sua facie: *Non videbis faciem meam.* E convencido com certeza infallivel desta verdade, entrarà em hum furor inutil *furor inutilis*, desejando, e procurando à sua destruiçaõ: *Si memor est iniquitatis meæ interficiat me.* Se Deos he para mim inexoravel, se se ha de lembrar perpetuamente dos meus peccados; tendo-os sempre presentes, para me privar da sua presença; porque não me destroe? Porque não me consome? Porque naõ me reduz em nada? Se diz, que jà não he meu Deos, e que eu jà naõ sou, nem nunca mais serey seu: *Vos non populus meus, & ego non ero vester.* Como me affligè com tantas dores, e como me affoga em hum mar de tormentos? Mas se elle ainda assim, he o meu Deos, e eu naõ posso estar hum momento sem elle, e sem cuydar nelle; e ainda que não queyra, hey de estar sempre unido a elle. Como neste pensamento, e nesta união, naõ provo algum alivio, antes experimento mayor pena? Ah privaçaõ de Deos! Ah pena do Dano! Agora jà te conheço. Ah dor desesperada! Ah desgraçado precito (dirá cada hum delles) que ha de ser de mim! Chora miseravel, chora, geme, soffre, e pena. E jà que a pena he insoffrivel, desesperate, mata-te, despedaça as tuas carnes, desentranha-te, e arranca o teu coraçaõ. Volta o teu furor, e toda a tua rayva contra ti mesmo; contra a tua propria substancia, e pede, naõ ao teu Deos, pois jà o perdeste, por hum gosto, de nada; mas ao teu Juiz, que por compayxaõ te acabe, te mate, e te aniquile: *Interficiat te.*

Oseæ 1.

Ah reprobo infeliz, e desgraçado! Isto he, o que pedes; isto he o que desejas? verte livre dos teus tormentos? Mas isto nunca o poderàs alcançar. Não he o amor, o que te move, mas he a dor, que te aperta. Naõ he a luz, a que te insinua a pedir pic-

piedade, mas o teu furor cego, que de cançado, parece que abranda, para se enfurecer sempre mais. O teu Juiz, que he Deos, estarà perto de ti, ao redor de ti, e mesmo dentro de ti, com a sua formidavel justiça, a fim de accrescentar a tua pena, e apurar sempre mais a tua desesperaçaõ. Naõ sómente a tua Alma serà immortal, mas tambem o teu corpo vivirà morrendo eternamente; e ambos seraõ sempre mortos para naõ gozarem de Deos no Paraiso, e seraõ sempre vivos para sentirem sempre mais, e padecerem para sempre a pena do Dano no Inferno. Nenhum tormento (diz Saõ Bernardo) he mais atroz; nenhuma pena he mais insoportavel, e desesperada, que desejar com anxiedade, e querer sempre, o que nunca ha de alcançar; e ser obrigado a ter, e possuir, o que nunca ha de querer: *Semper habere, quod nollet, nunquam possidere, quod vellet.* Tal he o estado miseravel, em que se acha hum triste condenado; e este he o segundo objecto do seu furor inutil, vendo que naõ pòde destruirse a si, desejar, e querer destruir ao mesmo Deos: *Furor inutilis.* Vistes algum dia hum bayxel de alto bordo combatido no meyo do Oceano de hũa horrivel tempestade? Huma onda o bota para Levante; outra onda o leva para Poente; hum vento forte o leva para o caminho do Sul; no mesmo tempo hum Tuffaõ mais furioso o faz dobrar para o Norte; agora o elevaõ sobre humas montanhas de agoas, parece, que vay buscar as Estrellas: *Fluctusque ad sydera tollunt.* Dahi a pouco huns mares cavados parecem, que o sepultaõ no abysmo. Deste mesmo modo (diz Hugo de Saõ Victor) he a Alma de hum condenado, que tem perdido ao seu Deos. As ondas das suas lagrimas, ainda que infructuosas naquelle abysmo lembraõ-lhe, que eraõ poderosas nesta vida, para conquistar

Bern. de Conf. cap. 12.

Æneid. lib. 1.

quistar a Bemaventurança. Porèm lhe sahe logo com vehemencia o rio de fogo da Justiça Divina, que absorbe o fingimento das lagrimas, e o affogaõ na sua perversa obstinaçaõ: *Fluvius, igneus, rapidusque egredietur à facie ejus.* O vento dos seus suspiros, e soluços, enganando a imaginaçaõ do precito, lisongea a vontade perversa, com huma esperança quimerica, de chegar ao menos por hum instante a ver ao seu Deos. Aqui se lhe atravessa logo o contravento da indignaçaõ Divina: *Adducit Dominus ventum urentem;* que flagellando impetuoso a rebelde vontade obstinada na culpa, deyxa o miseravel condenado, batido, rebatido, e para sempre combatido, de milhares de movimentos contrarios, e perseverando, necessariamente na sua confusaõ, e maldade, dà nos ultimos excessos do seu furor inutil: *Furor inutilis.*

Dan. cap. 7.

Esta imperceptivel diversidade de movimentos contrarios, que acompanhaõ a privaçaõ de Deos; dizem os Santos Padres, que nasce, dos máos habitos, que ficaõ radicados na Alma, quando se separa do corpo, e que sempre duraõ principalmente no Inferno. Todos aquelles amores deshonestos, aquella ambiçaõ de honras, e fazendas, com que o peccador se achava nesta vida, taõ fortemente preso, e unido com as creaturas, saõ ao depois no Inferno outros tantos grilhões, que o prendem, e desunem do seu Creador. Esta Alma desaventurada, (diz S. Jeronymo) naõ póde mais peccar: *Amplius peccare nequit.* Mas ainda que a morte a separou do corpo, naõ a separou dos seus torpes affectos. Conserva logo para sempre os seus maos habitos, as suas inclinações desordenadas, os seus vicios enormes, e como estes saõ totalmente opposstos ao desejo violento, á anxiedade innata, que tem de ver ao seu Deos, e unir-

Hieron. hom. 14 in Mat.

e unirſe com elle; eſta batalha intrinſeca he a genuina pena do Dano, que dobra a ſua rayva, redobra o ſeu furor inutil, e o faz prorromper em milhões de blasfemias; amaldiçoando a ſi, e aos pays, que o geráraõ fantaſiando quimeras, imaginando impoſſiveis, e deſejando, que não houveſſe nem Anjos no Ceo, nem Santos na terra; quer, que ſe deſtrua, e aniquille tudo, com acabar por huma vez elle, o Mundo, o Creador, e as creaturas. Mas conhecendo depois, que tudo iſto ſaõ delirios, e freneſis cauſados da intençaõ da pena intrinſeca de naõ ver a Deos, enfurece-ſe outra vez com mayor deſeſperaçaõ, provocando aos Demonios, que ſe vinguem contra elle, e que o atormentem; e feyto de ſi meſmo Algoz mais cruel, que os Demonios, roe-ſe, morde-ſe, e deſpedaça-ſe; porèm ſempre ſem utilidade, ou proveyto, pois nunca alivia, ou diminue a dor, antes aggrava, e accreſcenta ſempre mais a ſua pena: *Furor inutilis.*

He certiſſimo, que Jeſu Chriſto Senhor noſſo antes de pronunciar o fatal areſto da condenaçaõ dos reprobos: *Ite maledicti in ignem æternum*, farà ſahir hum certo reſplandor dos ſeus olhos com que vejaõ *tanquam in ſpeculo* a fermoſura de ſua face, e como diz o Veneral Biſpo de Agen, imprimirà huma cogniçaõ abſtractiva da gloria do Paraiſo nos ſeus entendimentos, para que a deſejem eternamente; pelo que ſe ſentiraõ conſtrangidos, a amalo, e deſejalo, com toda a extenção da ſua vontade. Triſte neceſſidade de hum Reprobo, de amar, e odiar no meſmo tempo a Deos; que nunca poderaõ gozar! O Profeta Job, fallando em peſſoa de hum precito, ſe queyxa com Deos como a ſeu inimigo, que ſe oppoem, e combate as ſuas affeyções, contrariando a todos os deſejos da ſua vontade: *Quare poſſuiſti me*

Matth.

Joly. tom 2. Ser. de Judi.

com-

contrarium tibi. A primeyra oppoſiçaõ he, que Deos he eſſencialmente oppoſto ao peccado; e o reprobo tem ſempre o coraçaõ, a memoria, e a vontade no deſejo dos peccados, em que morreo. Para prova diſto, vejamos qual he a vontade de hum reprobo, e conheceremos, como Deos lhes he eſſencialmente oppoſto. O deſejo do reprobo ſeria tornar ao Mundo para continuar no ſeu peccado: *Vellet ſine fine vivere, ut poſſet ſine fine peccare.* Quereria, que Deos naõ uſaſſe da ſua juſtiça, e que naõ houveſſe inferno, ou ao menos que acabaſſe o ſeu tormento com a morte. Deos ſe oppoem a todas eſtas inclinações neceſſariamente; pois he a meſma ſantidade, e quer, que a ſua juſtiça dure eternamente, e que ſe execute com todo o rigor contra o reprobo, endurecido na culpa totalmente contraria a Deos: *Quare poſuiſti me contrarium tibi.* Nem ſe contenta o Profeta Job de repreſentar a ſumma contrariedade, e total oppoſiçaõ, que tem Deos com o precito, e o precito com Deos: *Quare poſuiſti me contrarium tibi.* Mas accreſcenta a oppoſiçaõ, e contrariedade, que terá o meſmo precito comſigo meſmo com eſtas palavras: *Et factus ſum mihi metipſi gravis.* A minha deſgraça he taõ funeſta (dirá o reprobo) que ſou chegado eu o meſmo a ſer o mayor inimigo de mim meſmo. Muy leve, e fraca expreſſaõ do ſeu tormento parece eſta, mas bem conſiderada he o extracto mais ſublimado, e a quinta eſſencia mais apurada da pena do dano. Que hum reprobo ſeja conſtrangido a ſoffrer eternamente hũa reciproca contrariedade, e formal oppoſiçaõ de ſi com Deos, e de Deos comſigo, he ſumma miſeria: *Quare poſuiſti me contrarium tibi.* Mas que o reprobo ſeja formalmente oppoſto, e contrario a ſi meſmo; que as ſuas affeyções, o ſeu amor; o ſeu odio; os ſeus de-

D. Greg l. 3. mor.

Job c. 7.

deſejos; imaginaçoens, e penſamentos, batalhando entre ſi, lhe façaõ huma guerra perpetua, e que elle meſmo poſſa dizer com verdade, que he o tyranno mais fero, e o mais cruel verdugo do ſeu ſuplicio, ſervindo de inſtrumento á Juſtiça Divina para augmentar as ſuas dores, e os ſeus tormentos! Naõ he iſto o *non plus ultra* de todas as penas, e miſerias: *Et factus ſum mihi metipſi gravis.* *Job c.7.*

Oh deſgraça das deſgraças em hum Reprovado, ter perdido a Deos! ſer perſuadido com evidencia infallivel, que naõ ha, nem póde haver couſa mais amavel que Deos; nada mais lindo, e fermoſo, que Jeſu Chriſto Senhor noſſo; nada mais precioſo que o Paraiſo; nada mais rico, e deſejavel que a gloria. Neſte comenos a vontade convencida, de que eſte bem infinito he infinitamente amavel, terá huma propenſaõ innata, e hũa inclinação vehementiſſima de poſſuilo, e gozalo, e no meſmo tempo o aborrecerá, o odiará, o deteſtará conſiderando-o como objecto da ſua averſaõ, como cauſa dos ſeus tormentos, e como inimigo inſuperavel, e omnipotente, blaſfemando-o, com odio irreconciliavel; e aſſim amará, e odiará tudo junto, quererá a ſua conſervaçaõ, e buſcará o ſeu exterminio, deſejará a morte; e a morte fugirá delle: *Deſiderabunt mori, & mors fuget ab eis.* Oh vontade! Oh penſamento! Oh deſejos contrarios a vòs meſmos! Que pena, e que tormento, cauſareis a huma Alma combatida das ſuas proprias payxões, que ſerá o teatro funeſto de huma guerra implacavel! Suſpirará, gemerá, gritará, ſe deſeſperará, ſe deſpedaçará. E de que ſervirá tudo iſto por toda a eternidade, ſenaõ averiguarſe por experiencia, e confeſſar para ſempre, que he hum deſejo fatuo, huma eſperança louca, e hum furor, que ſó accreſcenta a pena, e ſem proveyto: *Cupiditas* *Apocal. 9.*

amens,

amens, furor inutilis. Deos contrario à vontade desta Alma desgraçada; ella contraria à vontade de Deos, e ella mesma contraria a si mesma. Depois atormentada com o ardor do fogo, atormentada pelos Demonios, atormentada pelas suas payxões, pelos complices dos seus peccados, e por todas as creaturas do Inferno, sem compayxão, sem soccorro, sem esperança, sem consolaçaõ, sem repouso, e sem o minimo intervallo de descanço. Este he hum leve abuso da pena do Dano. Deos tem demetida de si esta Alma peccadora, e impenitente. Ella nunca mais será de Deos, nem Deos por toda a eternidade, e em quanto for Deos, o será della: *Vos non populus meus, & ego non ero vester.*

Oseæ c. 1

Quero dar fim a este discurso, com mostrar, que quanto atè agora tenho discorrido à cerca da pena do Dano, he como hum rude dibuxo a respeyto da sua Idea, huma tosca copia respeyto ao seu original. E esta pena do Dano (dizem os Theologos) he hũa pena infinita, pois se refere a ordem Divina, em qualidade de suplicio: *Est, & turpium pœna Deus* (diz a este proposito S. Bernardo) dando a entender, que conforme Deos he, e será sempre a suprema bemaventurança dos escolhidos no Paraiso; assim tambem a pena do Dano he, e será a ultima, e suprema dos reprobos no Inferno. E Santo Thomàs affirma, que esta pena he o Inferno do mesmo Inferno; pois nella consiste essencialmente a condenaçaõ de hum precito: *Damnatio ultima consistit in hoc, quod intellectus hominis, totaliter Divino lumnine privetur, & à Dei bonitate obstinate avertatur.* E Saõ Ioaõ Chrysostomo confessa, que se Deos creasse mil Infernos, e os ajuntasse todos em hum só, e dobrasse milhares de vezes o ardor daquelle fogo devorante, naõ igualaria a pena deste tormento: *Si mille quis ponat*

D. Ber. Ser. 5. vd Fr.

Chrysost hom. 84 in Mat.

ponat gehennas, nihil tale dicturus est, quale à beatæ illius gloriæ lumine repelli Da meſma maneyra, ſe ſe dobraſſem milhares de vezes todas as delicias do Paraiſo, naõ igualariaõ o goſto de ver a Deos, em que conſiſte o Summo da Bemaventurança (conforme diz S. Agoſtinho) pois ſe póde adquirir, mas naõ explicar, nem comprehender: *Acquiri potest, explicari non potest*, por ſer infinita. He certiſſimo o axioma filoſofico, que: *Contrariorum eadem est disciplina.* Aſſim devemos diſcorrer da pena do Dano, como Santo Agoſtinho da gloria. Poderà o peccador (de que Deos o livre) experimentala, mas naõ comprehendela, por ſer hũa pena infinita, pois o priva do ſeu Deos, que he hũ bem infinito. *Auguſt. lib. 2.*

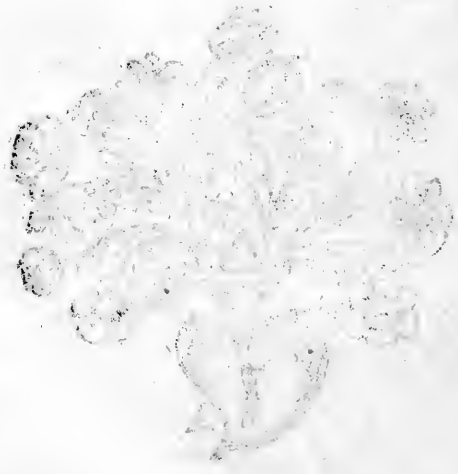
Eu eſpero algum fruto deſte diſcurſo, naõ pelas palavras, com que o eſcrevo, mas pela graça do Eſpirito Santo, que concorrerà no pio Leytor na conſideraçaõ de quam grave perda he o perder ao ſeu Deos. Ah peccador enganado, ſe ainda no voſſo coraçaõ ha algum lume da fé, com alguma faiſca do Amor Divino, peçovos, que cada dia, por meyo quarto de hora, conſidereis, quam terrivel pena he, o ſer deſmembrado de Deos, nunca mais ſer ſeu, nem elle nunca mais ſer voſſo. Se daqui por diante vos perguntarem, que couſa he o Inferno, reſpondey-lhes, que leaõ aquella funeſta inſcripçaõ, que eſtà gravada ſobre as portas daquelle abiſmo de tormentos: *Vos non Populus meus, & ego non ero veſter.* Todos os peccadores, que eſtaõ encerrados naquelle Ergaſtulo de fogo, jà naõ pertencem a Deos, para receberem delle algũa graça; jà naõ ſaõ ſeu Povo, para lhes fazer algum bem, mas lançados de ſi para ſempre, e entregues aos Demonios, para ſerem caſtigados eternamente, como merecem. Em algum tempo de *Oſeæ 1.*

sua vida, o foraõ, mas agora, jà naõ o saõ, nem o haõ de ser nunca mais; e nunca mais se lembrará Deos delles em eterno: *Vos non Populus meus, & ego non ero vester.* E quantos estaõ jà là naquelle triste estado! Pòde ser, que esteja vosso pay, vosso irmaõ, o vosso Amigo mais intimo, ou (o que será mais certo) algum cumplice dos vossos peccados. E quantas vezes mereceste vòs a mesma pena, pois fostes complice, e author das mesmas culpas! Peccador, Amigo do coraçaõ, desejo todo o bem à vossa Alma. Agora ainda ha tempo para o desengano. Porque quereis, que Deos, que condenou a tantos, que fizeraõ menos peccados, perdoe a vòs, que cometestes tantos mais, e muyto mayores. Fazey a vòs mesmo a justiça, que mereceis; bem vedes, que Deos naõ ha de fazer por vòs huma regra particular, nem hum novo Decalogo; porque o mesmo, que succedeo àquelles, ha de succeder a vòs, se naõ fizerdes logo penitencia, a qual consiste em largar o amor das creaturas, e convertelo todo em amar ao vosso Deos: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Naõ queyraes tardar a convertervos, nem deyxeis passar hum dia depois do outro: *Subito enim veniet ira illius;* porque a sua misericordia se trocarà logo em ira. Naõ vos fieis na mocidade, nem na boa saude. Reparay naquelle *Subitò veniet.* Virá logo, e improvisamente como Juiz severo, e vingativo, que tendo condenado a tantos milhões de milhões no Inferno, naõ deyxa por isso de ser infinitamente misericordioso. E quanto tempo ha, que como Pay amoroso nos està esperando? E se a sua misericordia naõ fosse taõ immensa, que seria feyto de nòs, e de tantos peccadores, que tantas vezes o temos offendido? Naõ, Senhor,

Eccles. 5.

naõ

naõ permittais; que quem compoem eſte livro, e todos aquelles, que o lerem, ſejaõ privados da voſſa viſta, e naõ ſejaõ voſſo Povo: *Vos non Populus meus;* pois eſtamos reſolutos de dar logo de maõ a todas as occaſiões das creaturas, e naõ queremos daqui por diante ſervir, e amar mais que a vòs noſſo Creador, e Redemptor neſta vida, para depois na outra ver a voſſa face, e gozar de vòs eternamente na Gloria.



PRICE

TORMENTO DA DESESPERAÇAM

DISCURSO XIII.

Do tormento da Deſeſperaçaõ.

Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.
Iſaias 66.

COm eſtas terriveis palavras, com eſta terrivel ſentença acaba o Profeta Iſaias o livro ſacroſanto de todas as ſuas profecias: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.* O guzano, o verme ſempre vivo, para roer as entranhas dos peccadores, nunca morrerà, e o fogo, para os atormentar ſempre aceſo, nunca ſe apagarà. Repara Santo Agoſtinho, que JESU Chriſto Senhor noſſo ſe ſerve deſta meſma ſentença, e a repete tres vezes em hum ſó Capitulo de Saõ Marcos com as meſmas palavras: *Non enim piguit in uno loco eadem verba ter dicere.* Se a voſſa maõ he cauſa de algum eſcandalo, cortaya. Melhor he entrar

Auguſt. lib. 22. de Civ. Dei.

trar no Ceo com hũa só maõ, que com ambas no Inferno: *Quàm duas manus habentem ire in gehennam, ubi vermis eorum non moritur, & ignis non extinguitur.* O mesmo diz dos pès, e dos olhos que melhor he entrar na vida eterna coxo, e com hum dos olhos menos, que com ambos os pès, e olhos ser lançado no Inferno, repetindo sempre, aonde o verme nunca morre, e o fogo sempre atormenta, e nunca se apaga: *Ubi vermis eorum non moritur; & ignis non extinguitur.* Logo he verdade (conclue S. Agostinho) que ha, e ha de haver este verme por justo castigo dos peccadores por toda a eternidade no Inferno. E quem naõ temerá, e tremerà à vista desta ameaça, tres vezes repetido por propria boca do mesmo Deos: *Quem non terreat ista repetitio, & illius pœnæ cominatio tam vehemens ore Divino.* Mas que cousa he este guzano, este verme, que sempre roe, sempre atormenta, nunca pára, nunca cansa. Este, confórme o genuino sentido de todos os Santos Padres, e sagrados Interpretes, he o remorso da consciencia, que à maneyra de hum Juiz severo, de hum Algoz inexoravel, despedaça a Alma, com taes reprehensoens, e remorsos, atè reduzila à ultima, e total desesperaçaõ, que será a materia, e o argumento deste discurso, que dividiremos em tres pontos. No primeyro veremos, como este verme da consciencia nasce com nosco, no mesmo instante, que temos o uso da razaõ, e como Censor recto nos admoesta, nos reprehende, e nos acompanha atè a morte. No segundo ponderaremos, quam terrivel, e cruel Verdugo será este verme da consciencia no Inferno; reduzindo os precitos a tormentos para sempre desesperados. No terceyro mostraremos, que por enormes, e innumeraveis, que sejaõ os peccados commettidos, nun-

Mar. 9.

Aug. l. 5. de Civitat.

nunca deve o peccador Catholico deſeſperar, pois eſte peccado ſeria peyor peccado de todos os que tem commettido; e depois de morto entrará em hũa deſeſperaçaõ ſem remedio, que he o tormento dos tormentos, o Inferno dos Infernos.

Para bem entender, que tormento ſeja o do verme da conſciencia; e porque cauſa Deos o tem eſcolhido por hum dos principaes inſtrumentos da ſua ira, para ſe vingar com mais furor dos ſeus inimigos, convem ſaber, que naõ ha homem no Mundo, que naõ tenha alguma luz da Divindade; e aſſim por barbaro, e ignorante, que ſeja hum Indio, ou Tapuia do Braſil; por buçal, ou ſalvage, que ſeja hum Negro Mina; ou de Angola, ſempre terà algum barlume, ou alguma inclinaçaõ de venerar, e temer o ſeu Tupàn o ſeu Zambî, que nas duas lingoas Braſis, e Caffres ſoa o meſmo que Deos, verificando-ſe o que diz o Profeta Rey: *Signatum eſt ſuper nos, lumen vultus tui Domine.* *Pſal. 4.* Eſte lume da razaõ creado com a noſſa meſma Alma, nos faz conhecer a virtude por boa, e o vicio por màõ, e que naõ he bem fazermos aos outros, o que naõ queremos, que os outros façaõ a nòs. Para percebermos eſtas verdades naõ he neceſſario ter eſtudado, nem ter ouvido o Evangelho. Baſta ſer homem racional, e logo experimentarà em ſi huma certa complacencia, quando faz alguma obra boa, ou algũa proeza digna de louvor, alegrando-ſe comſigo, dando parte aos Parentes, e Amigos, e deſejando, que ſe publique em todo o Mundo. Pelo contrario obrando mal, ou commettendo algum crime, logo fica triſte, eſconde-ſe, afflige-ſe, deſconfia, tem medo, e atè aborrece o mal, que tem feyto a ſi meſmo; e iſto he o meſmo, a que o Texto Sagrado, os Santos Padres, e ainda os meſmos Gentios chamaõ con-

sciencia; como admiravelmente explicou o Poeta.

Ovid. Fast. l. 1 *Conscia mens, ut cuique sua est, ita concipit intra.*
Pectora pro facto, spemque, metumque suo.

Muyto melhor Guilherme Parisiense; chama à consciencia, hum resplandor, ou hum rasgo da luz Divina, que alumea as trevas do nosso entendimento; hum ecco da sua voz, ou para melhor dizer, a mesma voz de Deos, que falla dentro de nòs, e hum Evangelho do coraçaõ: *Radius Divini luminis, illuminans mentem nostram, vox Dei intra nos loquens, & Evangelium cordis.*

Gul. Par. l. 1. de an.

Definem os Theologos a consciencia, ou a descrevem, chamando-a hum dictame da razaõ; hum juizo practico, por meyo do qual o homem discerne o bem do mal; e conhece o que deve seguir, ou fugir: *Judicium, vel dictamen rationis practicum, quo homo discernit, quid rectè an perperam fiat, quidve amplectendum, vel fugiendum*; e como (repara Santo Ambrosio) em hum tribunal recto de hũa Republica bem governada vemos Juizes, Advogados, Notarios, Procuradores, Censores, Meyrinhos, e Algozes assim tambem no tribunal da nossa Alma a consciencia faz todos estes officios, e como diz o mesmo Santo, ella he o mesmo tribunal, ella a Testemunha irrefragavel, ella nos accusa, nos reprehende, nos convence, nos absolve, ou condena: *Quod enim in Republica bene constituta videmus Judices, Scribas, Notarios, Causidicos, Censores, Tortores, id in tribunali animæ nostræ, præstat una conscientia. Hæc enim Judex, Codex, Censor, Accusator, Testis, Tortor. Imò tribunal nostrum est, suum cuique conscientiæ Testimonium.* E que isto assim seja, bem se vè nos nossos primeyros pays Adam, e Eva. Comeraõ a fruta da arvore, e a penas engulirão o primeyro bo-

Th. vitæ hum. v. C.

D. Amb de Emp.

bocado, ſe lhe abriraõ os olhos, conhecèraõ, que eſtavaõ deſpidos, e procuràraõ logo folhas de Figueyra, para ſe cubrirem. Chamou Deos a Adam, que conhecendo, naõ podia fugir delle, reſpondeo, que tivera medo de apparecer, porque eſtava nù, e por iſto ſe eſcondèra: *Timui, eo quod nudus eſſem, & abſcondi me.* E porque a Adam ſobreveyo eſte medo, e eſte pejo de ſer viſto nù? Porque logo, que peccou com quebrantar o preceyto, o verme da conſciencia o começou a roer; e vendo-ſe deſpido da graça, temia; e tremia, conhecendo, que de creatura de Deos ſe tinha feyto pelo peccado eſcravo do Demonio. Aſſim meſmo ſuccedeo a Caim, logo que matou a Abel, ſeu irmaõ. O verme da conſciencia o rohia, vivendo inquieto, e perturbado, pela lembrança continua do fratricidio, e conhecendo-ſe Rèo no tribunal da ſua conſciencia, que jà fazia o officio de Juiz inflexivel, imaginava-ſe, que quantos o achaſſem; o matariaõ: *Omnis igitur, qui invenerit me, occidet me.* Mas quem o havia de matar, ſe no Mundo naõ havia mais, que ſeus pays, Adam, e Eva? Era o verme da conſciencia, que obrando como algoz, o hia matando, repreſentando-lhe de dia, e de noyte o ſeu crime, ſabendo, que naõ havia de ficar impunido: *Vermis eorum non moritur.*

Gen. 3.

Gen. 4.

Tambem os Gentios ſem ter luz alguma do Evangelho, conhecèraõ, ſentiraõ, e experimentàraõ, quam grave tormento foſſe aquelle do remorſo da conſciencia, chamando o hum flagello occulto, huma, pena, vehemente, a mais cruel, e deſeſperada de todas.

Pœnæ autem vehemens, ac multo ſævior illis,
Occultum quatiente animo tortore flagellum.

Juv. Sac. 13.

O grande Alexandre, demaſiadamente alegre em hum

hum convite, sem considerar o que fazia, matou a Clyto seu intimo Confidente. Logo o verme da consciencia, o fez cahir no mal, que fez, representando lhe a atrocidade do crime, o credito perdido, a fama denegrida; e naõ podendo mais soffrer este remorso continuo, que o atormentava, naõ queria nem comer, nem beber, mas antes desejava o veneno. Finalmente o verme da consciencia lhe dava picadas taõ agudas na Alma, que o reduziraõ a desesperarse; e assim para se livrar dellas, pedio muytas vezes a mesma arma, com que tinha morto a Clyto, para matarse a si mesmo, e naõ a podendo conseguir, rogava a alguns criados mais intimos, que lhe dessem a morte justamente merecida. Do mesmo modo o verme da consciencia rohia o Emperador Nero, depois de ter dado a morte a Agripina sua Máy, que lhe deu a vida. Para socegar este remorso, que sem intermissaõ o tiranizava, foy o Senado Romano, foraõ os Cabos da Milicia, e todos juntos, com huma barbara lisonja, lhe deraõ os parabens do matricidio, como conveniente ao bem commum; e com tudo confessava elle, que todas as vezes, que ouvia tocar trombetas, ou tambores, lhe parecia que era algum exercito, que vinha contra elle vingar a morte de sua Máy Agripina. Fugia de passar por onde estava o seu sepulchro; mudava palacio; sahia de Roma, amedrontado vivia sempre com a mesma inquietaçaõ. E naõ se dando por seguro em parte alguma queria desesperado matarse: *Interdiu perterrefaciebant eum tibicines audiri bellicum canere cum maximo tumultu, quo in loco Agripinæ ossa sepulta erant. Quamobrem aliò migrabat, cumque idipsum ei accideret, perterritus aliò proficiscebatur, nullibi se tutum putans.*

Sab. l. 6. Histor. Alex.

Dion in Ner.

Peyor

Peyor ſuccedeo a Theodorico Rey dos Godos. Eſte depois de ter conquiſtada toda a Italia. Simaco, e Boecio hum primeyro Miniſtro, o outro Secretario do Eſtado, naõ aprovavaõ as extorſoens, e tyrannias, que intentava fazer; pelo que enfurecido os mandou logo degolar. A injuſta vingança foy de poucos momentos; porèm o caſtigo foy bem dilatado, e penoſo. Apenas teve aviſo de ſe ter executada a iniqua ſentença dos dous innocentes Varões, que logo o verme da conſciencia, como Juiz recto, lhe fez conhecer a enormidade do ſeu delicto; e como Verdugo incançavel começou em todos os inſtantes atormentalo em todo genero de torturas. Quem o diſſera? Aquelle Theodorico, terror de Italia, que na guerra era hum rayo, no pelejar hum Marte, que de ninguem tinha medo, ficou mais timido, que hum Coelho; parecendolhe, que em todos os cantos eſtava eſcondido Simaco, que o vinha matar; e a ſua imaginaçaõ pelo remorſo da conſciencia era de tal ſorte leſa, e perturbada, que eſtando à meſa, trouxeraõ-lhe a cabeça de hum grande peyxe, repreſentouſe-lhe, que era a cabeça de Simaco, que vinha tomar vingança delle. Levantou-ſe logo da meſa, e fugindo gritava, acudaõ-me, acudaõ-me, que Simaco me veyo matar; e o medo foy taõ exceſſivo, que ſobrepujando aos eſpiritos vitaes, cahio em tal fraqueza, que em poucas horas morreo desfalecido. Daqui ſe infere ſer verdadeyra aquella ſentença de Seneca, que o mayor caſtigo, que poſſa ter hum Rèo do ſeu crime, he o telo commettido: *Maxima pœna criminis eſt, feciſſe.* O que vem confirmado, e mais claramente explicado pelo grande Doutor da Igreja S. Gregorio, cujas palavras ſaõ; que entre os mais crueis tormentos, que ſouberaõ inventar

Emm. Theſ. Hiſt. It.

Sen epiſ ad Luc.

os

Greg l. 1 mor. os Tyrannos, nenhum chega a deſeſperada pena do verme da conſciencia: *Inter omnia pœnarum genera nulla eſt maior conſcientia delictorum. Vermis eorum non moritur.*

He porèm verdade, que o verme da conſciencia neſta vida, naõ faz igual impreſſaõ em todos, aſſim pela diverſidade dos temperamentos mais, ou menos aprehenſivos como tambem pela força das payxoens, que lhe reſiſtem; e muyto mais, ſe eſtas payxões eſtaõ já fortificadas com algum habito vicioſo de muytos annos. Entaõ a continuaçaõ dos actos, tantas vezes repetidos, faz, que o peccador pouco, ou nada ſinta o remorſo da conſciencia; e as ſuas picadas ſaõ o meſmo, que dadas em huma pedra; pois o coraçaõ he já empedernido, e o mao habito o fez mudar natureza: *Conſuetudo eſt altera natura.* Aſſim ſuccedeo ao infame Hereſiarca Lutero, que tendo apoſtatado das Religioens, em que tinha entrado, fez apoſtatar huma Freyra, furtando-a do Convento, e caſouſe com ella. Faziaõ ambos viagem em hum caleſſe certa noyte de luar co no de dia. Diſſe a Freyra a Lutero. Oh que bello Ceo, e como eſtá bem alcatifado de eſtrellas! E que ſerà o Paraiſo! He bello, e ſerá ſempre belliſſimo (reſpondeo Lutero) mas naõ he para nòs. E porque (replicou a Freyra?) Deos naõ nos tem creados, para irmos lá? A eſta lembrança, que Deos nos tem poſto no Mundo, para gozarmos delle no Paraiſo, com hum grande ſuſpiro reſpondeo Lutero aſſim. Pelo eſpacio de dezaſete annos continuos, me tem ſempre Deos chamado com o remorſo da conſciencia, que me flagellava de dia, e de noyte, ſem me dar algum deſcanço; e às vezes me dava picadas de morte, que me cauſavaõ grandes melancolias; porèm eu naõ dando ouvidos à

voz

voz de Deos, me fazia ſurdo, com buſcar divertimentos de meu goſto, e aſſim venci eſte verme da conſciencia; que ſempre me rohia, e fiz paz com elle, e elle comigo. Agora gozemos deſte Mundo, e das ſuas delicias, em quanto vivermos, e naõ cuydemos no outro, aonde paſſaremos com os mais, que viveraõ, e vivem como nòs. Oh ultimo deſamparo da graça Divina neſta vida! Oh deſeſperaçaõ final de hum Precito! E quantos Precitos ainda viventes entre os Catholicos, que para gozar alguns dias, e eſtes incertos, de boa vida, e para ſatisfazer aos apetites, combatem com o remorſo da conſciencia, anticipando o inferno neſta vida; porèm *Vermis eorum non moritur*; e ſe neſte Mundo, he hum Algoz taõ tyranno; que ſerà no inferno? e eſta, jà he a materia do ſegundo ponto deſte diſcurſo. *Mar.* 9.

Segundo Ponto.

Acho nas letras ſagradas, com a commua interpretaçaõ dos Santos Padres, que eſte verme da conſciencia atormentará os peccadores no inferno, aplicando-lhe a viſta dos ſeus peccados, que lhes eſtaraõ ſempre preſentes. Mas que viſta horroroſa, e que aplicaçaõ tyranna ſerá eſta? Será huma aplicaçaõ neceſſaria; huma aplicaçaõ univerſal; huma aplicaçaõ continua. Aplicaçaõ neceſſaria, porque nunca poderàõ impedir de ter os ſeus peccados preſentes, nem o remorſo da conſciencia naſcido delles, deyxará de roer. Aplicaçaõ univerſal, porque os veraõ todos, e naõ haverà algum, que o verme da conſciencia naõ deſcubra, e não traga comſigo o ſeu tormento. Aplicaçaõ continua, porque os veraõ ſempre, e ſem algum intervallo, ou interrompimento. E ſe na eternidade haõ ſeculos; ſe nos ſeculos haõ annos; ſe nos annos haõ mezes; ſe nos mezes haõ ſemanas; ſe nas ſemanas haõ horas; ſe nas

ho-

horas hão minutos, e instantes, ou momentos; em todos estes minutos, instantes, ou momentos, em todas estas horas, e dias, em todas estas semanas, e mezes, em todos estes annos, e seculos, e em toda a eternidade, em quanto Deos for Deos, sempre este verme da consciencia roerá, e atormentará os peccadores no inferno: *Vermis eorum non morietur.* E a razaõ he, porque este verme da consciencia, como he gerado nas Almas dos peccadores, por consequencia a aplicaçaõ, que teraõ aos seus peccados, será huma aplicaçaõ necessaria. Trabalhem os peccadores, quanto puderem, para divertir estas picadas; inventem, quanto quizerem, para lançar fóra este remorso, tudo ficará baldado; usem de todas as traças, para aquietar a voz da sua consciencia; ella gritará sempre mais alto a cada hum dos condenados, e lhes dirà: Tu es preeito: Tu tens perdido a Deos, e o perdeste, porque assim o quizeste, querendo antes a fealdade do teu peccado, que a fermosura de Deos, e a gloria do Paraiso: *Vermis eorum non morietur.*

Bern. de con. adel cap 48. Chama S. Bernardo a este verme da consciencia huma porçaõ da substancia da Alma, ou a mesma Alma, que se irrita contra si mesma, se afflige, se atormenta, se despedaça, e se desespera. E como he impossivel à Alma separarse de si mesma, pois he indivisivel; assim tambem he impossivel, que não sinta este verme da consciencia, e que possa impedir a aplicaçaõ, e lembrança dos seus peccados. Este verme gerase na Alma dos peccadores, como a traça nos vestidos: *Sicut vestimentum, quod* *Job* 13. *comeditur à tinea.* Quem quizer arrancar esta traça, arrancará parte do panno, que tem roido; porèm o verme da consciencia he sem comparaçaõ mais fortemente pegado na Alma de hum precito, e sen-

e ſendo ella immortal, ſegue-ſe, que o verme da conſciencia, como porçaõ della, o ſeja tambem; e aſſim ſempre aròe, e ſempre a pica, ſem ſe poder conſumir, ou deſtruir hum a outro. Eſta verdade a conhecèraõ tambem os Gentios com o lume da ſagrada Eſcritura, que elles liaõ.

---- *Roſtroque immanis Vultur obunco,*
Immortale jecur tundens, ſæcundaque pœnis
Viſcera, rimaturque epulis, habitatque ſub alio
Pectore, nec fibris requies datur ulla renatis.

Æneï. lib. 6.

Aſſim deſcreve Virgilio ao miſeravel Titio condenado no Inferno; e debayxo da alegoria de hum Abutre, Ave a mais voraz, que nunca ſe farta de roer as carnes mais podres, e fedorentas, repreſenta o verme da conſciencia, que envolto no fedor, e podridaõ dos peccados do precito, o obriga a telos ſempre preſentes; e eſta repreſentaçaõ neceſſaria, he a que come, e roe as entranhas, já cheas de fogo, e de todo o genero de penas: *Fœcundaque pœnis Viſcera rimaturque epùlis.* E por muyto que roa, e coma, ſempre aquella podridaõ dos peccados renaſcerá, como ſe foſſem cometidos de novo; e aſſim o precito nunca terá em toda a Eternidade o minimo repouſo, ou deſcanço: *Nec fibris requies datur ulla renatis. Vermis eorum non morietur.*

O Profeta Jeremias deſcreve muyto melhor o triſte eſtado de huma Alma roida do verme da conſciencia, relatando o cruel eſtado, e a total deſolaçaõ da Cidade de Jeruſalem. E ſe convem os Expoſitores, que a Cidade de Jeruſalem he figura de hũa Alma peccadora, aſſim tambem o verme da conſciencia he o figurado, como veremos das meſmas palavras, de que o Profeta ſe ſerve para explicar a ſumma miſeria, e deſeſperaçaõ de hum condena-

denado: *Posuit me desolatam tota die mærore confectam, dedit me Dominus in manum, de qua non potero eruere.* Me tem posto no extremo das angustias, sem nunca ter, nem de dia, nem de noyte algum intervallo de alivio, ou hum momento de consolaçaõ; e o que mais sinto he terme dado nas mãos de hum inimigo, que feyto Juiz severo, e Algoz insaciavel, nunca pára, sempre me atormenta; e nunca poderey fugir delle, por estar comigo sempre presente: *Vigilavit jugum iniquitatum mearum, in manu ejus convolutæ sunt, & impositæ collo meo.* Tem tomado conta meuda de todas as minhas maldades, e quiz, que o numero dellas passasse pellas suas mãos, e resumidas em hum Catalogo, mo pendurou ao pescoço, para que estivessem sempre adiante dos meus olhos, para me envergonhar, e encher de confusaõ, *& impositæ collo meo*; e este he o officio, este he o effeyto verdadeyro do verme da consciencia. Oh verme cruel! Oh vista desesperada! Oh peccado. Oh remorso, quanto es agora penoso! Vayte de mim! Naõ te posso ver mais! Naõ (responderà o verme da consciencia:) Tu quizestes aquelle deleyte, aquella vingança, aquelle gosto, aquella fazenda alhea; agora contra tua vontade, e para mayor teu tormento, e confusaõ, hãõ de estar todos os teus peccados por toda a eternidade, sempre debayxo dos teus olhos, e dependurados ao teu pescoço, para que te fartes bem delles: *Et impositæ collo meo. Vermis eorum non morietur.*

Hier. lam. c. 1

Thr. 1. 14.

Depois da aplicaçaõ necessaria, segue-se a aplicaçaõ universal, que augmenta muyto a pena, e desesperaçaõ de hum prescito. Naõ haverá peccado nenhum, por grande, ou pequeno, que seja, que naõ lhe fique presente, e com mayor luz, e clareza, do

do dia, e da hora, em que o cometteo. E entaõ o verme da conſciencia ſahirá a modo de hum formigueyro, e dará ao miſeravel condenado tantas picadas, quantos ſaõ os peccados. Oh que tormento inſoportavel! Oh que deſeſperaçaõ! E conforme naõ haverà parte alguma do corpo, que as penas exteriotes do fogo naõ atormentem; nem peccado algum, que naõ ſeja punido; aſſim tambem interiormente lhe ſerá ſempre fixo na memoria, e terá ſempre preſente, e nem por hum momento poderà eſquecerſe delle. O verme da conſciencia lhe repreſentarà com todas as circunſtancias, mais, ou menos agravantes, que tem. Aqui neſta vida a conſciencia craſſa, ou erronea, eſcuſa, encobre, ou diminue muytos peccados, com os ſaber desfarçar. O amor impudico ſe desfarça aqui, como huma ſimples, e innocente galantaria. Huma liberdade natural de gente moça, que tem as payxoens vivas, ſe deſpacha por hum temperamento de fogo. A avareza ſe eſcuſa com o nome de economia, ou bom governo, e tambem ſe bautiza com o titulo de fazendeyro, que ſabe conſervar, e augmentar a ſua caſa. A ſoberba, e o luxo, ſe defende, com o pretexto da nobreza, do poſto, ou cargo, que temos, e convem fazerſe diſtinguir, para que os outros nos tenhaõ o devido reſpeyto. Oh peccador agora a tua conſciencia larga te cega o entendimento. O teu coraçaõ ſempre mais ſe endurerece; e perdido nas vaidades, e deleytes deſte Mundo, naõ cuydas na outra vida; mas deſenganate, que cedo chegarà a morte, e no Inferno não cuydaràs em outra couſa, que nos teus peccados, neceſſariamente, e univerſalmente; os teràs ſempre preſentes, todos juntos, e a hum por hum, farà o verme da conſciencia, que dè a ſua picada. Oh tormento! Oh

desesperaçaõ! Oh verme da consciencia, horrendo, e cruel! *Vermis eorum non morietur.*

Mais, já que a applicaçaõ deste verme da consciencia he necessaria, e universal, se pelo menos não fosse continua, e désse algum descanço, ou repouso ao miseravel precito, ou se ha de ser continua, fosse ao menos, como huma febre, que sendo continua tem a sua declinaçaõ, ou crescimento; fosse como a marè, que se nunca pàra, tem esta variedade, que seis horas enche, e seis horas vasa; mas que em todo o circulo infinito da eternidade, naõ possa ter a Alma do prescito hum interrompimento, huma variaçaõ, hum lucido intervallo, que divirta o pensamento, que trastorne a imaginaçaõ destes meus peccados? Naõ? O verme da consciencia nunca concederà, nem ao teu corpo o minimo alivio, nem a tua Alma algum instante de quietaçaõ: *Non concedit requiescere spiritum meum, implet me amaretudinibus.* Mas porque tanto rigor, e tanta vingança? Com muita razaõ, e justiça; porque, confórme Deos com hum concurso continuado, influe nas Almas dos Bemaventurados, a fim de que participem da sua Bemaventurança, e gozem da sua gloria; assim a Divina Justiça, por hum effeyto da sua justa vingança, influirà nos Reprobos hum tal conhecimento, e vista da enormidade dos seus peccados, que para naõ os ver, se precipitaraõ no mais profundo do Inferno, e pediráõ aos montes, que cayaõ sobre elles, e aos outeyros, que os encubraõ, e lhes sirvaõ de pedra sepulchral, para ahi ficarem para sempre sepultados: *Tunc dicunt montibus; cadite super nos, & collibus operite nos. Vermis eorum non morietur.*

Job c. 9.

Luc. 23

Tudo isto bem considerado por Santo Ambrosio, faz, que este Doutor taõ grande naõ duvide de pro-

pronunciar esta sentença; que dos innumeraveis suplicios, que os condenados soffrem no Inferno, o mayor de todos he o verme da consciencia; e dà logo a razaõ. Primeyramente, he mayor tormento, que a pena do senso, porque esta vem por fóra, e de hum agente exterior o qual he o fogo; e o verme da consciencia he interior, he como huma porçaõ, que se acha no fundo da substancia de hum prescito, e tanta differença ha entre hum suplicio, e outro, quanto ha entre o corpo, e a Alma. He tambem mayor tormento, que a pena do Dano; naõ só porque o verme da consciencia inclue em si, esta pena; mas tambem, porque a privaçaõ de Deos he só precisamente sensivel a hũa Alma, quando esta conhece, e se accusa, que tem feyto ou commettido peccados; que lhe merecem esta privaçaõ, pois o verme da consciencia he, que lhe dá este conhecimento, e a reprehende. Tu perdeste ao teu Deos, e o perdeste por tua culpa; porque assim o quizeste. Considèra, e vè as graças, que Deos, te tem feyto, em tal idade, em tal tempo, em tal lugar, em tal occasiaõ, em tal dia, em tal hora, para salvarte, e darte o Paraiso. Ve as bem agora, e considera o abuso, que tiveste dellas. Quizeste o vicio, aborrecendo a virtude; quizeste o peccado, fugindo à penitencia; quizeste dar gosto ao Demonio, e offender a Deos, desprezando a eterna Bemaventurança para padecer no Inferno a mais tyranna miseria: assim o quizestes; pois chora, geme, padece, arrayvate, despedaçate, e desesperate, que bem larga he a Eternidade para esta tua desesperaçaõ; pois eu nunca deyxarey de te atormentar, já que nunca hey de morrer: *Vermis eorum non morietur.*

Digo mais, fazendo hũa supposiçaõ impossivel,

que se hum condenado no inferno pode-se dizer. Eu estou nestas chammas injustamente detido; e atormentado. Deos, sem outra razaõ, que ser todo poderoso, e Senhor absoluto de todas as creaturas, me quiz perder, e condenar neste fogo, porque assim he o seu gosto, e a sua vontade; que em quanto a mim, naõ me remorde a consciencia, nem me lembra algum peccado, com que o tenha offendido, e mereça taõ insoportavel castigo. Digo, que em tal caso o Inferno, por tormentoso, que seja, naõ seria para elle Inferno; os Demonios por crueis verdugos, que fossem, e monstros horrorosos, naõ lhe fariaõ medo, nem lhe pareceriaõ Demonios. Mas quando o verme da consciencia como testemunha irrefragavel, lhe representa à vista todo o contrario; dizendo-lhe continuamente, e sem interpolaçaõ alguma: Eis-ahi, o que tu tens feyto: Eis-ahi o que tu mereces: Eis-ahi a innumeravel multidaõ dos teus peccados; como tambem os tormentos sem numero, que por elles padeces. Lembra-te, quanto trabalhaste; de quantas traças, e industrias te serviste, para chegar a ter entrada com aquella mulher casada, que te pareceo bem na Igreja. Que riscos, que perigos naõ tiveste para alcançar o teu pessimo fim! Quantas vezes te admoestey, que largasses aquella communicaçaõ de escritos amorosos, que podiaõ vir interceptos do marido, com a ultima ruina, e desgraça de ambos. Quantas inspiraçoens te conferi, para que deyxasses aquella occasiaõ, e para que te afastasses daquella casa. Nunca te deyxey viver em paz; e para que o remorso da consciencia, com que de dia, e de noyte te molestava, tivesse effeyto, eu te dava picadas agudissimas, para te despertar do letargo dos teus vicios, humas vezes agoando

ando os teus goſtos com mayores deſgoſtos, e outras miſturando o mel doce dos teus deleytes, com o fel amargoſo, de crimes, trayçoens, e inimizades: e tu ſempre mais duro na tua maldade. Agora pena, geme, grita, blasfema, deſpedaçate, deſeſperate, para ſempre, jà que aſſim o quizeſte: *Vermis eorum non morietur.*

Finalmente procurey darte picadas de morte, com repreſentarte ao vivo a morte improviſa de algum peccador teu veſinho, fazendote medo, e horror, com a lembrança do Inferno, e da eternidade. Aqui no Inferno eſtaõ as peſſoas, que tanto amaſte, e adoraſte; as creaturas meſmas, pelas quaes idolatrando-as, deyxaſte o Creador. Ve-as bem, regalate com ellas ſe pòdes. Eis-ahi o dinheyro, que roubaſte aos pobres, para lhes dar; as fazendas que naõ pagaſte, para parecer bem, ao Mundo, e ſer rico: pèga nellas, conſolate, e recreate, que ſaõ lindas, pois parecem todas huma purpura, e na realidade tem a propriedade, e a cor viva do fogo. Oh verme da conſciencia, mais cruel, mais tyranno, que todos os Demonios do Inferno (dirá entaõ o Preſcito) deyxame, e vayte dos meus olhos, para que naõ te veja mais; e já que por meu mayor tormento, e eſcarnio, me repreſentas, que me farte das minhas torpezas, e peccados, fartate tambem tu, de darme eſtas penas, roeme o corpo todo, deſentranhame, arrancame o coraçaõ, e acaba por huma vez, a mim de te ver, e penar; e a ti de fartarte. Ah infame preſcito (replicarà o verme da conſciencia) agora deſejas a morte, agora cuydas nella, para que acabem os tormentos, quando tanto procuravas a vida, para continuar nas tuas maldades! Naõ ſabes, que os preſeitos no Inferno buſcaràõ a morte, e naõ a acharáõ; faraõ o

possivel, para morrer, e a morte fugirà delles: *Quærent mortem, & non invenient eam. Desiderabunt mori, & mors fugiet ab eis.* Ora eu da minha parte te tratarey de maneyra, que sempre morras, e te farey morrer de qualidade, que sempre vivas com o remorso: *Ita moriuntur, ut semper vivant, ita vivunt, ut semper moriantur.* Desesperate, quanto quizeres; a tua desesperaçaõ ferá inutil; porque o verme da consciencia, e o fogo do inferno tem cada hum delles esta qualidade, que no mesmo tempo, que consome, e afflige hum condenado, o repara, e conserva: *Sic absumit, ut servet: sic servat, ut cruciet.* Esta he a desesperaçaõ formal de hum Reprobo. O verme da consciencia, que lhe representarà sempre, e sem intervallo algum, os crimes, que fez, e os grandes bens, que perdeo, porque quiz: *Vermis eorum non morietur.*

Apoc. 1. 9.

Euseb. Emis. Hom. 4

Cassiod. in Psal. 26.

Dayme licença, pio Leytor, que vos pergunte, quaes saõ os vossos pensamentos, e que conceyto tendes formado, ou que tendes resolvido, depois de ler com attençaõ as verdades, deste remorso da consciencia. Haverá tyrannia, ou carnificina em qualquer genero de tormentos, que se possaõ inventar neste Mundo, que naõ pareçaõ de rosas, à vista dos agudos, e picantes espinhos deste remorso. Oh Alma devota, que no breve discurso desta miseravel vida te sentes continuamente martirizada das agudas molestias dos escrupulos: *Cui comparabo te, cui assimilabo te filia Sion.* Com quem te igualarey, ou a quem te farey semelhante nestas tuas penas: *Magna est veluti mare contritio tua.* O teu arrependimento, a tua contriçaõ, parece hum mar banzeiro, e perturbado, pelos ventos contrarios que nunca paraõ, batida, e rebatida das ondas das tentações, que nunca faltaõ: *Quis medebitur tui?*

Thr. 2.

tui? Quem acudirá a eſta tormenta desfeyta. Que Piloto levará a ſalvamento eſta Alma, que tantas vezes eſteve arriſcada, e perdida no mar immenſo das ſuas maldades: *Iniquitates meæ, ſupergreſſæ ſunt caput meum.* E depois de ter obedecido a voz de Deos, que a eſtimulava a penitencia com as picadas fortes do remorſo da conſciencia, já convertida, e penitente, acha-ſe em hũa nova batalha combatida de hum exercito de eſcrupulos. Oh Alma felice, eſtas punturas dos eſcrupulos, he o final mais certo que já vay para predeſtinada, pois he a pena que Deos lhe dà neſta vida, porque em algum tempo deſprezou as picadas do remorſo da conſciencia. Quem acudirà. O meſmo verme da conſciencia, que dantes era hum Cenſor rigoroſo, hum fiſcal ſevero, para te affaſtar do peccado, na hora da morte ſerà hum Juiz fiel, recto, e benigno, hum Advogado amoroſo, hum patrono conſtante que amedrontará o Demonio, deſcubrirà os ſeus enganos, defenderà a voſſa cauſa, e a patrocinarà com alegar a paciencia que tiveſtes, vos conſolarà com repreſentar a coroa da gloria, que mereceſtes pelas batalhas vencidas contra o Demonio, Mundo, e Carne. Aſſim conſolava, e confortava os ſeus Monges Saõ Bernardo com as praticas, que lhes fazia, dizendo. Que o remorſo da conſciencia he a voz de Deos, que os deſapegava do Mundo para os conſervar na Religiaõ que as picadas deſte verme eraõ eſporas, que os eſtimulavaõ a caminhar direytos pela eſtrada da virtude, com a certa eſperança do Paraiſo. Pelo contrario, quem deſpreza eſte verme da conſciencia. Quem reſiſte as ſuas picadas. Quem naõ faz caſo, ou jà naõ ſente os ſeus remorſos eſte jà anticipadamente vive, e ſe proſtitue como precito, e ſe naõ recorre a Deos com tempo, tenha,

Pſal. 37

Bern. Serm. 5. ad Frat. Dem.

por infallivel a desesperaçaõ de salvarse da qual Deos nos livre a todos; que he a materia mais importante, que devemos tratar no terceyro ponto deste discurso.

Terceiro Ponto.

A desesperaçaõ diz S. Thomás he hum peccado gravissimo, e enormissimo, que no mesmo tempo, e immediatamente offende os dous attributos da omnipotencia, e misericordia Divina, parecendolhe, que Deos naõ poderà, ou naõ quererá perdoarlhe tantos, e taõ graves peccados. O peccador desesperando-se, faz, e rende sem remedio a sua salvaçaõ impossivel, pois elle mesmo dà anticipadamente contra si a sentença da sua condenaçaõ: *Eo quod remedium suæ conversionis, velut impossibile statuat, jamque sententiam suæ damnationis, de se desperans anticipet.* O que reduz os peccadores a desesperarse, he o conhecimento, e lembrança de innumeraveis peccados, cuja multidaõ, e enormidade os espanta, e confunde. Consideraõ-se como indignos de olhar para o Ceo, quanto mais de gozalo, e possuilo. Imaginaõ-se, que Deos he seu inimigo irreconciliavel, e dizem como o primeyro desesperado, que veyo ao Mundo, e foy Cain: *Maior est iniquitas mea, quam ut veniam merear.* O meu peccado, he demasiadamente grande, e assim nunca poderey alcançar o perdaõ. Este mesmo discurso fazia S. Agostinho, quando se considerava immerso, e perdido no lodo da sua luxuria. Confesso (dizia elle) que a vista das minhas culpas, tenho algum fundamento, ou razão aparente, para me desesperar, mas se no mesmo tempo, considero o Filho de Deos, o meu bom JESUS, derramando sangue, cravado em huma Cruz por satisfaçaõ destes mesmos meus peccados, o meu coraçaõ fica incapaz de ter o minimo movimento de desesperaçaõ: *Desperare utique po-*

D. Th. 2.2.q. 21. art. 3.

Gen. c. 4

Aug. Man. cap. 12.

potuiſſem propter nimia peccata mea niſi verbum tuum Deus meus, caro fieret, & habitaret in nobis. He certo que à repreſentaçaõ das minhas maldades me eſpanta, e deſanima o meu eſpirito, e ſe ponho os olhos na vida paſſada, ſeguindo os meus apetites, entrarey ſem duvida na deſconfiança da miſericordia Divina, mas ſe deſpois levanto os olhos em Chriſto crucificado, eſta viſta diſſipa logo todos os meus temores, e o ſeu ſangue conforta o meu coraçaõ. Quem duvida, que lembrando-me de ter vivido tantos annos eſcravos do Demonio, atado com tantas correntes, quantos eraõ os fuſis dos meus peccados, que as formavaõ, naõ podia eſperar outro lugar, que o calabouço do Inferno: porem fazendo agora reflexaõ, que ſou membro de JESU Chriſto, e que o ſeu meſmo ſangue corre por entre as minhas veyas, he impoſſivel, que eu me deſeſpere, e que naõ tenha huma confiança certa, na ſua ſanta miſericordia: *Eſt in te Deo, & Domino noſtro JESU Chriſto uniuſcujuſque noſtrum, portio & ſanguis, & caro, ubi ergò portio mea, regnat, ibi regnare me credo, ubi ſanguis meus dominatur, ibi dominari confido.* *Aug. Man. c. 12.*

O peccador naõ pode ter outro fundamento, nem outra razaõ para deſeſperarſe, que o temor de naõ poder pacificar a juſtiça Divina contra ella irritada, mas eſte fundamento naõ ſuſſiſte, e toda a razaõ he imaginaria, e nulla, pois diz S. Paulo, que noſſo Senhor JESU Chriſto deſeja, e quer, que todos ſe ſalvem: *Qui omnes homines vult ſalvos fieri.* E que ſe alguem tiver offendido a Deos, e vive perſuadido, que naõ ſe ha de ſalvar, naõ ſe deſeſpere, mas recorra a elle, pois he o Advogado, e Medianeyro entre Deos, e os peccadores: *Unus enim Deus, unus, & mediator Dei, & hominum Chriſtus* *1. Tim. 1. 2.* *1. Tim. 1. 6. 2.*

stus JESUS, qui dedit in redemptionem semetipsum pro omnibus. E tal Medianeyro, e Redemptor, que nos remio com o proprio Sangue. O Apostolo Saõ Joaõ falla nesta materia com mais energia, com dizer, que nosso Senhor JESU Christo he a victima de propiciaçaõ pelos nossos peccados: *Ipse est propitiatio pro peccatis nostris.* Naõ se contenta com Saõ Paulo de chamar Advogado, e Medianeyro, mas victima, para que entendamos, que conforme a victima toda inteyra se sacrifica a Deos, assim todo JESUS se tem sacrificado por todos os peccadores do Mundo: *Non pro nostris tantum, sed etiam pro totius Mundi.* E assim a justiça Divina fica redintegrada, e superabundantemente satisfeyta. O fundamento Theologico de toda esta doutrina, que deve animar, e consolar os peccadores mais desesperados he, que JESU Christo, sendo Deos, e Homem tem dado satisfações infinitas, mais poderosas, para aplacar a ira de Deos, do que todos os peccados possiveis dos homens o podessem offender, e irritar. Porque ainda que o peccado encerre em si hũa malicia infinita, *terminativè*, qualquer minima pena de Christo, tem tambem merecimento infinito, superabundante, e capacissimo para satisfazer, e remir mil Mundos. Ha porèm differença entre estas duas infinidades, que a malicia do peccado, he só infinita *ratione objecti.* Porque Deos que he seu objecto he infinito, mas quando a Pessoa do Verbo padece na sua humanidade qualquer dor, ou pena he absolutamente infinita, e capaz de satisfazer a milhões de peccados, de milhares de Mundos.

1. *Joa.* 2

1. *Joa.* c. 2.

Suar. de pœn. D. Th.

Passemos agora da sciencia Theologica á moral dos Santos Padres, e veremos o que tem escrito nesta materia para consolaçaõ dos peccadores, e animalos, a naõ desesperarse, mas pòr toda a sua con-

confiança na miſericordia Divina. Saõ Baſilio argumenta aſſim. Os voſſos peccados, por grandes, e enormes que ſejaõ, ſe podem numerar, e tem termo finito, mas he impoſſivel achar numero, medida, termo, ou fim à miſericordia Divina; logo o peccador naõ ſe ha de deſeſperar, mas chorar os ſeus peccados, pois com hum propoſito firme, já lhes poz termo, jà tem fim, e confiar na miſericordia Divina, que nunca acaba: *Si peccata, & magnitudine, & numero poſſunt definiri, miſerationes autem Dei neque magnitudine, neque numero poſſunt circumſcribi. Sine dubio non eſt cur deſperatio adhibenda ſit, ſed agnoſcenda miſericordia Dei, & commiſſa peccata deteſtanda.* Quando hum peccador (diz S. Joaõ Chryſoſtomo) ſe achar carregado com o peſo inſoportavel de innumeraveis peccados, ſe quizer arrependerſe de coraçaõ, e fazer penitencia, a graça de Deos alimpará a ſua Alma como hum criſtal, e de qualidade, que nunca mais apparecerà final algum: *Si quis innumeris peccatis ſit ſauciatus, ſi eorum pœnitere vellit, ita Deus omnia abolet, ut nullum eorum veſtigium appareat.* E Deos fallando pela bocca do Profeta Iſaias, aſſegura, que ſe a Alma do peccador for vermelha, como huma braſa, ficará com o arrependimento mais alva que a meſma neve: *Si fuerint peccata veſtra ut coccinum quaſi nix dealbabuntur.* Ponde os olhos (diz Saõ Bernardo) aos peccadores todos em tantos caſos, que a cada paſſo ſuccedem, em tantos exemplos, que cada dia ſe vem, e vos defenganareis, que tendes offendido a hum Deos inclinado a vos perdoar, e que mais deſeja a voſſa ſalvaçaõ, que vòs meſmos a podeis deſejar. Lede o Evangelho, e conſideray, ſe tendes offendido a Deos, mais que a Samaritana, mais que a Magdalena, mais que S. Pedro, e Saõ Paulo,

D. Baſil in Reg. brev.

Chryſoſt in pr. in Iſai.

Iſai. c. 1. 3.

lo, e o bom Ladraõ, e todos estes arrependidos, naõ só alcançaraõ o perdaõ, mas estaõ agora gozando a Deos collocados entre os mayores Santos do Paraiso: *Numquid amplius Magdalena peccasti, numquid amplius Paulo, numquid amplius Petro. Attamen illi, in tota corde pœnitentiam agentes, non modo salutem, sed & sanctitudinem consecuti sunt.*

Bern. Serm. 3. 55. Pet. 1.

Poderá ainda acharse algum peccador taõ endurecido, que à vista de tantas provas, authoridades, e infabillidade do Evangelho, ainda duvide, ou tema, que os nossos peccados sejaõ mayores da misericordia Divina, ou dos merecimentos de Nosso Senhor JESU Christo? Diraõ, que a frequencia do peccar, degenerou em habito mao, e o mao habito, que passou em natureza, e esta já taõ depravada, faz hum obstaculo insuperavel a nossa salvaçaõ: *Absit hoc à sensibus peccatorum.* Deos livre (diz Santo Agostinho a qualquer peccador que seja de tal sentimento. Diga antes comigo: *Multi sunt languores mei & magni, sed maior est medicina tua.* Saõ muytas, e grandes as minhas maldades, tanto assim, que a minha Alma vay languendo, vay espirando, mas muyto mayor he a vossa misericordia. A vossa graça he hum *elixir vitæ*, que conforta, consola, e resuscita em vida, e na verdade, parece cousa monstruosa (diz Saõ Salviano Bispo de Marselha) ver, que os peccadores, se fiaõ dos homens, todas as vezes, que de palavra, ou por escrito, ou juramento, lhes prometem alguma cousa, e que naõ se fiem de Deos, quando nos promette, e de palavra, e por escrito nas sagradas letras, e com juramento; que sendo elles arrependidos, lhes perdoará os seus peccados: *Oh miseria. oh perversitas. Homini ab homine creditur, & non creditur Deo. Hominis promissionibus, spes commodatur, Deo*

D. Aug lib. 10. Conf.

Salv. lib 2 ad Ecc. Cat.

Deo negatur. Oh quam felices, e que bemaventurados (diz Tertuliano) que ſomos. Pois Deos, ſe tem empenhado, com palavra jurada de uſar com noſco da ſua infinita miſericordia, e ſalvarnos, ſe deyxando os vicios fizermos penitencia. Pelo contrario, quam deſgraçados precitos, ſeremos, ſe conhecendo infallivelmente, que naõ nos pode emganar nem mentir naõ quizermos fiarmonos delle; para continuar como deſeſperados nas noſſas torpezas, e vicios: *Oh nos Beatos, quorum cauſa Deus jurat. Oh nos miſerrimos, ſi nec juranti Deo credimus.* *Tertul. lib. de Pœn.*

Precitos, e deſeſperados ſejaõ para ſempre todos aquelles, que por juſto caſtigo, do abuſo, e deſprezo, que tiveraõ da miſericordia Divina; morreraõ de morte ſupita, e improviſa, ſem ter tempo de arrependerſe das ſuas culpas, e converterem-ſe a Deos. Porèm nòs, a quem Deos por ſua eſpecial miſericordia, nos conſerva ainda vivos; por achacado, que ſeja o noſſo corpo, por decrepita, e caduca, que fique a noſſa velhice, baſtaõ poucos momentos para alcançar o perdaõ de todas as noſſas maldades. Por tarde que ſeja a noſſa penitencia, ſempre (diz Saõ Jeronymo) ſerá bem aceyta, ſe ella for de coraçaõ ſincero; e conſtante: *Nunquam eſt ſera converſio*, e pelo caminho mais breve, o bom Ladraõ do tormento da cruz, foy para o Paraiſo: *Latro de cruce tranſit in Paradiſum.* Naõ he a ira, e furor de Deos, ſemelhante a ira, e furor dos homens. Eſtes aggravados de algum deſprezo, ou afronta, ſaõ neceſſarios mezes, e annos para os pacificar, e raras vezes tornaõ na meſma graça, e amizade. Naõ he aſſim Deos, por muyto offendido, e irritado que ſeja, baſta hum momento, para tornar na ſua graça, e na primeyra, e fiel amizade, antes elle he o meſmo que nos buſca com as ſuas

Hyer ep 7. ad latam.

infi

inspirações, e como diz Saõ Pedro, naõ tarda com as suas promessas, nos espera, tem paciencia, querendo salvarnos com tornarmos a elle arrependidos: *Non tardat Dominus promissionem suam, sicut quidam existimant, sed patienter agit propter vos, nolens aliquem perire, sed ad pœnitentiam reverti.* E que isto seja assim considere cada hum, quantos peccados tem feyto, quantas vezes depois de confessado, tem recahido nas mesmas culpas, e podendo Deos precipitallo no Inferno por milhares de recahidas como ingrato, como falso, como traydor, naõ o tem feyto; e he certo, que tantos outros com menor numero de peccados, e menos graves, jà lá estaõ ardendo, e arderaõ eternamente: *In ignem mittet, & ardet.*

Petr.2. 3.

Luc.12

Confirma quanto temos dito nesta materia, o grande Doutor da Igreja S. Ambrosio com huma belissima sentença digna de ser impressa nos corações de todos; e vem a ser, que nenhum peccador se desespere, ainda que o Demonio, e a consciencia rea, lhe represente muytos, e grandes crimes cometidos na sua vida passada, e como seu escravo o tenha já alistado no seu livro dos precitos; naõ se desanime, nem se perturbe, mas trate de despirse do amor as creaturas, e amar unicamente o seu Creador; largue o vicio, e siga a virtude, e entaõ espere, e pretenda, como qualquer outro Santo, o premio da bemaventurança. E tenha por certo, que se mudará vida, e costumes, Deos mudará a sentença dada de prescito para o Inferno, registrando o seu nome no livro dos Predestinados para o Paraiso: *Nemo diffidat, nemo veterum conscius delictorum, præmia divina desperet. Novit Dominus mutare sententiam, si tu noveris emendare delictum.* Oh bondade infinita do Padre Eterno. Oh amor immenso do

Ambr. lib. 2. exam.

Espi-

Eſpirito Santo. Oh miſericordia, ſem termo, e ſem medida de noſſo Senhor JESU Chriſto, huma confiſſaõ bem feyta, huma reſoluçaõ conſtante, de fugir do peccado, e querer ſó a Deos, baſta para ficar logo hum grande Santo, e merecer para ſempre a bemaventurança. Longe logo do coraçaõ dos peccadores qualquer minimo movimento de deſeſperarſe. Mas muito mais longe, e bem longe eſteja o engano de eſperar mal, como jà diſſemos em outro diſcurſo. Aquelle ſe deſeſpere, que deſconfiando da miſericordia Divina, faz a Deos hum tyranno cruel, que naõ quer perdoarlhe os ſeus crimes, ficando elle perdido. Aquelle porèm eſpere mal, que confiando loucamente nos merecimentos de noſſo Senhor JESU Chriſto, ſe abuſa da ſua paciencia, ſervindoſe da ſua miſericordia, como de carta de ſeguro para continuar nos meſmos vicios differindo a penitencia em tempo, que naõ terá lugar para a fazer: *Nemo deſperet, ſed nemo malè ſperet. Deſperat qui credit, quod etiam ſi pœnitentiam agat, divina miſericordia non indulgeat, malè autem ſperat, qui poſt multa tempora, ad pœnitentiæ medicamenta reſervat.* Devemos eſperar, e termos grande confiança na miſericordia Divina, e no meſmo tempo, vivermos de maneyra, que naõ mereçamos com as noſſas recahidas, cahir na impenitencia final, que he o meſmo que a deſeſperaçaõ de ſalvarſe.

Quero dar fim a eſte taõ importante diſcurſo com hũa reflexaõ de Saõ Bernardo, e vem a ſer que de mil prefcitos, que eſtaõ penando no Inferno, naõ ha dez, que morreſſem deſeſperados. A demaſiada confiança na miſericordia Divina, foy o engano, com que o Demonio, induzindo-os a perſeverar na culpa, os aſſegurou, para que nunca mais lhes fugiſſem das mãos: *Diabolus, quantò diutius*

poſ-

possedit, tantò difficilius dimmittit. Ah que se Deos permittira; que os peccadores habituados, estando ás portas do Inferno, perguntassem a cada hum daquelles condenados. Que desesperaçaõ foy a vossa, de ir acabar naquelle eterno calabouço. Responderiaõ elles. Ah desgraçados que fomos todos. Nem por sombra tivemos pensamento de nos desesperar. Huma presumpçaõ cega, huma confiança mal fundada, huma esperança enganosa nos poz neste triste, e horroroso estado. E vòs, meu Amigo, como estais ardendo naquellas chammas, naõ fostes em tal anno Mordomo comigo do Santissimo Sacramento. Sim, fui (responderia elle) mas eu fiado naquella esmola, e obsequio que lhe fazia, nunca quiz restituir o alheyo, imaginandome, que o faria antes de morrer, mas hũa dor improvisa de estamago, que cuydey passaria logo, me causou a morte sem me poder confessar. E vòs nossos pays, e Avòs. Como vos achais neste lugar de tormentos. Naõ fizestes o vosso testamento, naõ deixastes os vossos legados pios. Oh malditos Filhos, e Netos! (responderiaõ elles) naõ sabeis que o Inferno he cheyo de Juristas, que foy a nossa profissaõ, de Letrados Advogados, Desembargadores, Corregedores, Juizes, Procuradores, Escrivães. Quantas demandas injustas, quantas testemunhas falsas, embargos, detensas, trapassas, vistas, e revistas, enganos, falsidades, tudo para prolongar mais a demanda, e ganhar mais dinheyro, e no fim atè, a sentença contra o que tem a razaõ, e justiça por si, com a total ruina de orfaõs, pupillos, e Viuvas que ficaõ em hũa extrema miseria, e desesperaçaõ; ora naõ podendo refazer estes danos, sem diminuir notavelmente a fazenda aos Filhos, e Netos, deyxaõ algum legado pio, ou capella de Missas para morrerem assim com credito, cuy-

cuidando que como enganaõ aos homens enganaraõ tambem a Deos por ſer bom, e miſericordioſo. Ha mayor cegueyra em homẽs de tratos, e contratos, pedir a Deos que uſe com elles miſericordia, para com ella uſar tyrannia com os pobres.

Que ſe depois perguntaſſemos a todos eſtes condenados, qual he a mayor pena que padecem no Inferno, qual he o tormento ſobre os mais tormentos, que mais os affligе, que os deſpedaça, que lhes treſpaſſa o coraçaõ, e a Alma, e os induz a pronunciar blasfemias, a rayvarſe, como Lobos famintos mordendo-ſe, deſpedaçando-ſe em hũa perpetua deſeſperaçaõ ſem proveyto. Eſte tormento (reſponderiaõ elles) he o verme da conſciencia, que como temos viſto repreſentará ſempre ao precito todos os crimes, que tem commettido em todo o tempo da ſua vida: *Arguam te, & ſtatim contra faciem tuam.* Que ſe o peccado de David, lhe fazia tanto horror, e lhe dava tanta pena, ainda depois do ſeguro do Profeta Natan, que Deos lho tinha perdoado: *Dominus quoque tranſtulit peccatum tuum.* E com tudo o chorava de dia, e de noite, nem podia eſquecerſe delle, tendo-o ſempre preſente na lembrança, *peccatum meum contra me eſt ſemper.* Que ſerà dos miſeraveis condenados no inferno, aonde o remorſo da conſciencia naõ lhe repreſentarà outra couſa, e em todos os momentos, o ſeu entendimento, a ſua imaginaçaõ naõ cuidarà, nem fixarà, ſe naõ na quantidade, e qualidade dos ſeus crimes: *Vermis eorum non morietur.*

Pſal. 49

2. Reg. 12.

Pſal. 50

O Emperador Federico Terceyro, eſtando em guerra viva com Mathias Rey de Ungria, perdeo duas batalhas, e vendo que na derradeyra tinha feyto do reſto, perdendo a bagagem, ficando ſem ſoldados, e ſem algũa eſperança de recuperar as ter-

ras perdidas, fugindo com toda a preſſa para Alemanha, em todos os lugares aonde pouſava, eſcrevia nas paredes eſtas palavras: *Rerum irrecuperandarum oblivio ſumma felicitas eſt.* He ſumma felicidade, poderſe eſquecer das couſas perdidas, quando já naõ tem remedio. No inferno, nem he, nem ſerà, nem nunca poderá ſer aſſim. Ah que ſe os preſcitos podeſſem eſquecerſe dos ſeus peccados, e do Paraiſo perdido por cauſa delles, o Inferno naõ ſeria para elles inferno. Deſengane-ſe o peccador, que ſenaõ cuidar agora nos ſeus peccados, confeſſando-os, e deteſtando-os, por toda a Eternidade, cuydarà ſempre nelles, ſem lhe vir ao penſamento ou imaginaçaõ outro objecto. Oh cegueyra. Oh confuſaõ. Oh total deſamparo de huma Alma. Nas Confiſſoẽs de ſeis, ou ſeis mezes, ou de anno em anno, accuſando-ſe alguns confeſſados, ou Penitentes, de ter alguma mà occaſiaõ, ou de viver habituados em algum vicio, perguntando-lhes o Confeſſor do numero dos peccados, reſponderaõ muy enxutos. Nunca fiz tal lembrança; e outros nunca fiz tal conta, nem cuydey niſſo. Provèra a Deos, que aſſim naõ o tiveſſe experimentado, naõ ſó fazendo Miſſoẽs nas Villas, mas tambem nas Cidades, e com peſſoas, que em negocios de fazendas, ſaõ taõ meudos, que parecem Linces, e no unico, e mais importante negocio da ſua ſalvaçaõ parecem brutos. Em quanto pois aos penſamentos, e circunſtancias do tempo, do lugar, da peſſoa, como naõ foy por obra, naõ ſe poem em outra conta, naõ ſe faz caſo nem reflexaõ, como ſe naõ foraõ peccados, ou pelo menos muy leves. Deſengane-ſe, que o mayor tormento, que padeceràõ no Inferno os peccadores ſerà eſta deſatençaõ, e deſcuydo: *Liber ſcriptus proferetur in quo totum continetur.* O

Dict. Hiſt. v Fed.

De-

Demonio lhes porà ſempre adiante dos olhos o livro da ſua vida, e leraõ ainda que naõ queyraõ todos os ſeus peccados, porque o verme da conſciencia lhes explicarà todas as circunſtancias, mais ou menos aggravantes; e como temos já dito em outro diſcurſo, na ſua falſa eſtimaçaõ eſta viſta, e eſte remorſo de ter perdido o Paraiſo por couſas de pouco mais de nada, e ganhado o Inferno porque aſſim o quizeraõ he a formal deſeſperaçaõ dos condenados.

Finalmente, depois de convencidos, e deſenganados os peccadores, que os precitos, que morrem deſeſperados, ſaõ muy poucos, e muytos os que eſperando mal, vaõ ao Inferno; para que eſte deſengano, ſeja com algum fruto, he neceſſario ter ſempre no ſentido, o documento ſahido da propria bocca de noſſo Senhor JESU Chriſto: *Regnum Cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud* O Reyno do Ceo, quer reſoluçaõ, e valor, e ſó aquelles, que com animo generoſo combatem as ſuas payxões, mortificando os ſeus apetites, o conquiſtaõ. Aquella mulher Evangelica de dez drachmas que tinha, perdeo hũa; e logo revolveo toda a caſa para a achar. Tanto deſvelo para hũa drachma, que he hũa moedinha de vintem. Direis, que naquellas dez drachmas, ſe entendem os dez Mandamentos, e que tanto vay a Alma ao Inferno por naõ guardar a hum ſó Mandamento, como para naõ guardar a todos: *Quicumque totam legem ſervaverit, offendat autem in uno factus eſt omnium reus.* Aſſim he, e por iſto dobrou as diligencias, fechou as portas, e janellas, accendeo huma candea, *accendit lucernam*, e buſcando-a, logo a achou, fazendo grande feſta, e convidando aos Amigos, e veſinhos a darlhe os parabens: *Congratulamini, quia inveni drachmam, quam perdideram.* Que myſterio ſerá eſte? He certo que as portas, e janelas abertas em

Matth. 11.

Luc. 3. 15.

Jac. 11.

Luc 15 6.

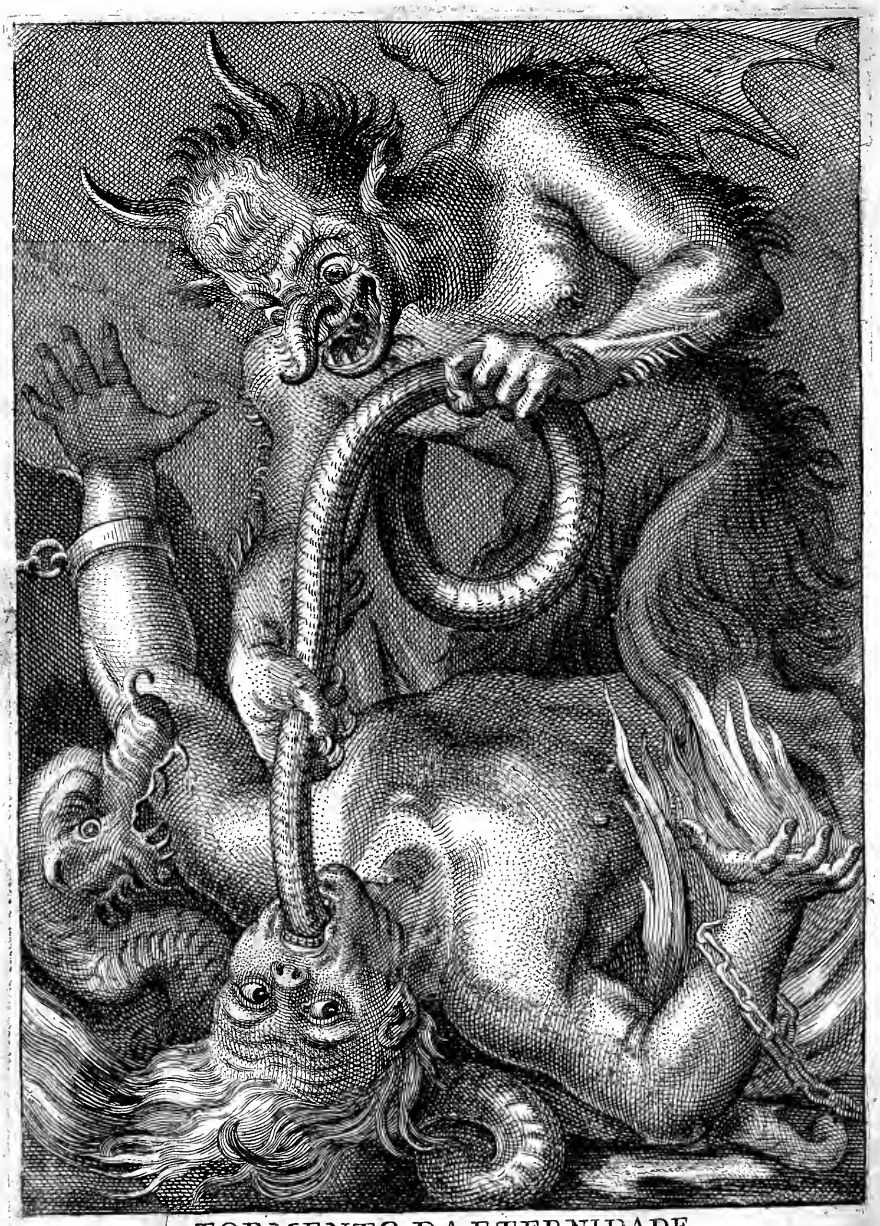
hũa caſa daraõ mayor luz, que cincoenta tochas acceſas, quanto mais de hũa candea, que he hũa luz taõ limitada. Ah que eſta drachma perdida he figura de hũ peccador meyo deſeſperado, por conhecer, q̃ immergido nos ſeus vicios, tem perdido a Deos, a ſi, e o Paraiſo. Com tudo naõ ſe deſeſpere. Eis-aqui naõ menos ſeguro, que infallivel o remedio. Feche logo as janelas dos ſeus ſentidos, as vaidades deſte Mundo, feche as portas, a todas as occaſioens, que tem a ſua perdiçaõ, e tome a candea aceſa na maõ, que he a lembrança do fogo do Inferno, que merece pelos ſeus peccados. Em fazendo-o aſſim tornará logo em vòs a graça de Deos, achareis a drachma perdida da voſſa Alma, pela qual faraõ grande feſta, os Santos todos, e os meſmos Anjos no Paraiſo. Eſte he o verdadeyro, e legitimo ſentido deſta parabola, com a qual noſſo Senhor JESU Chriſto como Pay amoroſo, moſtra o goſto que tem, que vos convertais, e façais penitencia: *Ita dico vobis, gaudium erit, eorum Angelis Dei, ſuper uno peccatore, pœnitentiam agente.* Pelo contrario, quem quizer continuar nos ſeus vicios, e ſeguir as ſuas payxões deſordenadas, tenha por certo, que o verme da conſciencia nunca deixará de roer neſta vida, e na outra de lhe deſpedaçar eternamente as entranhas, com lhe fixar na memoria ſem alguma interrupçaõ todas as ſuas maldades que he hum inferno mais cruel do meſmo fogo do Inferno. E eſta he a verdadeyra deſeſperaçaõ ſem remedio, da qual Deos livre ao pio Leytor, a mim, e a quantos que como eu o tem merecido: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.*

Luc. 15. 10.

Iſai. 66.

DISCUR-

RPJCB



TORMENTO DA ETERNIDADE

DISCURSO ULTIMO.

Do tormento da Eternidade.

Ibit homo in domum æternitatis suæ.
Eccles. 12.

SEmpre o Mundo abominou a crueldade deshumana do Emperador Nero, que depois de ter inventado todo genero de suplicios para atormentar os Christãos, finalmente com tyrannia, e barbaridade inaudita, os fazia meter em hum saco, todo breado de pez, e alcatraõ, e depois à bocca da noite, postos nos cruzeiros, e cantos das ruas, mandavalhe pòr fogo para servirem de lenternas viventes com alumearem os que passavaõ: *Ut in usum nocturni luminis urerentur.* Terrivel espectaculo, ver a hũs homens, feytos como cirios ardentes, tochas vivas, brandões aceſos, e assim breados, consumirem-se em chammas, e fumaças, *Menoch tom. 2. cent. 67*

bradando, e gemendo, e dando alaridos, e ays, que moveriaõ compayxaõ às pedras, sem ninguem ter animo, coraçaõ, ou poder, de lhes acudir; com tudo, como o fogo he activo, em menos de hora acabava-se esta tragica scena, e com a morte, tambem os tormentos, e antes de amanhecer o dia, tudo estava reduzido em cinzas. Espectaculo, muyto mais terrivel, e horroroso, he ver a hum Deos todo poderoso, profundar hum abismo no centro da terra, e ahi ocuparse, em encher de fogo a huma grande fornalha, dar toda faculdade aos Demonios para assopralo; e como se estes espiritos infernaes, naõ tivessem bastante virtude, o mesmo espirito de Deos a modo de hum torrente de enxofre, com hum assopro, a accende, e forma em hum incendio: *Flatus Domini, sicut torrens sulfuris, succendens eam.* E isto porque para atormentar a humas miseraveis creaturas, creadas por elle mesmo a sua imagem, e semelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam.* E por quanto tempo? Naõ por hum dia, naõ por huma hora, mas por os seculos dos seculos, em quanto Deos for Deos: *Fumus tormentorum eorum ascendet in sæcula sæculorum.* Esta he amorada, que Deos tem preparado para aquelles peccadores, que enganados da vaidade desta breve vida, por nunca cuidar na Eternidade, correm á redea solta para a sua morada do Inferno: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* Oh Eternidade, Eternidade! Grande pensamento diz Santo Agostinho he o cuidar na Eternidade: *Magna cogitatio æternitas.* Esta Eternidade das penas faz tremer aos Santos, que a consideraõ, quanto mais aos peccadores se a consideressem. Assim tremia David perturbando-se todo atè perder a fala: *Turbatus sum, & non sum locutus.* E isto porque?

Isai. 30.

Gen. 1.

Apoc. 14.

Sap. 12.

Psal 76

que? porque confrontava os dias paſſados da ſua vida, com a Eternidade das penas, que mereciaõ os ſeus peccados: *Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui.* Eſta Eternidade das penas ſerà a materia deſte ultimo diſcurſo, que dividirey em tres pontos. No primeyro veremos a verdade infallivel deſta Eternidade do Inferno. Porque Deos póde, e a quer aſſim. No ſegundo porque aſſim Deos por ſer juſto, a quer, e a deve fazer. No terceyro porque do penſamento, e conſideraçaõ deſta Eternidade, depende toda a noſſa ſalvaçaõ: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* *Pſal. ibi.* *Sap. 12.*

Hũa das mayores, mais difficeis, e mais importantes verdades da noſſa Religiaõ Catholica, he a Eternidade das penas, que Deos tem preparado no Inferno para punir os peccadores. Todas as mais verdades Evangelicas tem as ſuas difficuldades, porèm eſtas ſaõ as divididas, e naõ acometem o homem todo em cheyo. O crer os Myſterios da Santiſſima Trindade, da Incarnaçaõ do Verbo Divino, e outros ſemelhantes, aindaque as razoens humanas naõ os provem claramente, com tudo a vontade bem inclinada, com o lume da fé, facilmente ſupre ao que falta ao entendimento. Daqui naſce, que todos crem facilmente a gloria eterna, que Deos tem promettido aos juſtos no Paraiſo, porque como a vontade *tendit in bonum.* Quanto mais, em hum objecto, que he hum bem infinito. Sò a Eternidade das penas do Inferno he mais difficultoſa a crer, porque inveſte o homem todo, na memoria, no entendimento, na vontade, e em todos os ſentidos, que a aborrecem. E na verdade, que póde haver de mais contrario, a hum homem fragil, que dizerlhe, que ſendo Deos tam bom, queyra punir hũ peccado de hũ momento, com hũa Eternidade de penas, e que a ſua juſ-

tiça, proporcione hum breve pensamento, hũa acçaõ peccaminosa, que durou hum instante, a hum fogo, que atormentava para sempre. E qual aparencia que hum Deos, taõ misericordioso em si mesmo, e que tem tanto amor aos homens, possa resolverse a velos padecer eternamente, sem que a vista de tantos supplicios lhe cause hum minimo movimento de piedade, darlhe algum descanço, ou dizerlhe hũa vez basta.

Estas razões assim aparentes, foraõ os principios dos enganos, dos erros, e das heresias do grande Origenes do qual disse Saõ Jeronymo, que em quanto a sua pena se conformou em explanar os dogmas da Igreja ninguem escreveo melhor, que elle, mas quando o mar alto do seu grande engenho quiz transbordar o pé da letra do Evangelho, ninguem delle peyor: *Ubi benè, nemo melius, ubi malè, nemo pejus.* Creia elle, e affirmava muyto bem, que o peccador havia de ser castigado no Inferno, e soffrer terriveis tormentos por hum só peccado mortal, porèm despois imaginava-se, e tinha como por certo, que passados muytos seculos, Deos se moveria a compayxaõ, e o livraria daquellas penas eternas. Engano, e heresia crassa, que S. Agostinho com os mais Concilios refuta no livro da Cidade de Deos. Sempre o Demonio buscou sequazes, que publicassem doutrina, e dogmas falsos, contra esta verdade da Eternidade das penas do Inferno, e naõ podendo extirpala, inventa mil traças para diminuila. Calvino confessa, que os peccadores, seraõ condenados por toda a Eternidade no Inferno, porèm para diminuir esta pena, inventou que este fogo naõ os queymará, mas que o seu tormento consiste, em se verem atados, e obrigados, a estarem eternamente na presença deste fo-

Hieron. ep 6. ad Pam.

Augustl. lib. 2. de Civ. Dei.

fogo. Outros, naõ ſe querem perſuadir, que os corpos dos condenados depois da reſurreyçaõ eſtejaõ no Inferno ſeculos, e ſeculos, ſoffrendo ſempre as meſmas dores, parecendo-lhes, que o fogo os havia de conſumir, e reduzir em cinzas. Outros conſiderando, que a Alma he immortal, e que em quanto eſtá unida ao corpo, eſte, naõ morre, nem pòde morrer, imaginaõ, e ſe conſolaõ que os condenados, depois de ſoffrerem, por muyto tempo, o tormento do fogo, pouco a pouco, pelo habito continuado, fará o corpo como hum callo, ou ficará empedernido, mirrado, e como inſenſivel. Todos eſtes penſamentos, e imaginações, naſcem do Demonio, pay da mentira que vay liſongeando o noſſo amor proprio, e enganando o noſſo apetite, que para continuar nas ſuas torpezas, e vicios, aborrece tudo o que he Eternidade do Inferno.

Mas he neceſſario, que a verdade deſta Eternidade triunfe, pois Deos, aſſim o quer, e o pòde fazer; e o querer, e poder em Deos he o meſmo: *Omnia quæcumque voluit fecit.* Primeyramente; a natureza, e o ſer de qualquer couſa, que ha no Mundo diz Platão, e depois delle Santo Agoſtinho, he o que Deos quer: *Tanti utique Conditoris voluntas rei cujuſque natura eſt.* Ariſtoteles, e Plinio contaõ, como na Ilha de Chipre ha huma certa caſta de Moſquitos, que vivem, voaõ, e comem nas chammas. E accreſcenta Santo Agoſtinho, que em certa parte do Mundo, ha huma fonte, que brota agua taõ fervente, que ninguem a póde, naõ digo beber, mas nem tocar, ſem ficar muy bem queimado, e com tudo vivem, nadaõ, e comem naquella agoa huns bichinhos, e naõ ſó naõ morrem, mas naõ podem viver em outra parte; ſe vos dizeis que aquelles Moſquitos, e eſtes bichinhos vivem naquellas chammas,

Pſalm. 113.

Auguſt. lib 21. *de Civit. Dei.*

mas, e naquelle ardor do fogo, porque aquella he a sua natureza, e naõ padecem, e naõ sentem dor alguma. Replica logo Santo Agostinho. Grande maravilha he, que os reprobos estejaõ sempre penando, e morrendo de dores no Inferno, e nunca acabem de morrer; porem he muyto mayor maravilha, que aquelles bichinhos, e mosquitos estejaõ sempre ardendo nas chammas, e vivendo no fogo sem sentir algum tormento, ou padecer a minima pena: *Mirabile est dolere in ignibus, & tamen vivere, sed mirabilius est vivere in ignibus, nec dolere.* *Aug. lo. cocitat.*

Diz mais o mesmo Santo, que nas montanhas de Arcadia, se acha a pedra, que chamaõ *arbestos*, a qual huma vez que está acesa nunca mais se póde apagar, e sempre ardendo queyma sem nunca se consumir, ou padecer diminuiçaõ. Mas para que andar taõ longe. O monte Vesuvio, perto de Napoles, e o monte Etna no Reyno de Sicilia, ha mais de dous mil annos, que as suas entranhas ardem continuamente cheyas de fogo, sem nunca mingoar, ou consumirse como se o fogo reproduzisse cada dia a matéria combustivel, que lhe serve de alimento. Saõ cheminès do Inferno, diz Tertuliano com outros Santos Padres, porque se Deos naõ tivesse maõ naquellas chammas, já ha muitos seculos, que teriaõ incendiado, e consumido ambos aquelles Reynos, e apenas se saberia o nome de Napoles, e Sicilia: *Montes uruntur, & durant: Quid nocentes, & Dei hostes.* As montanhas ardem, e duraõ, sem o fogo poderas consumir, e porque naõ poderà Deos fazer o mesmo com os corpos dos peccadores seus inimigos; confirma a verdade desta doutrina dos Santos Padres o Profeta David quando disse: *Sicut flamma comburens montes ita persequeris eos in tempestate tua.* Naquelle ultimo dia tempestuoso, na- *Tert. apol. cap 48.* *Psal 82*

naquella tormenta desfeyta do juizo, queymarà o fogo do Inferno os peccadores, como os montes, que vomitando chammas sempre ardem, e nunca se consomem.

He de reparar, que todas as vezes, que o sagrado Texto, e o Evangelho fallaõ do fogo, e penas do Inferno, sempre accrescentaõ a palavra *æternum*. *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* Se o peccador morreo em peccado, claro està que a sua morada no Inferno será eterna. Clama o Profeta Isaias: *Quis ex vobis habitare poterit cum igne devorante, & cum ardoribus sempiternis.* Considere, que naõ falla só no fogo que devora, mas tambem no suplicio do ardor que sempre dura: *Dabis Deus ignem, & vermes in carnes eorum, ut urantur, & sentiant in sempiternum.* Esta palavra *sempiternum* val o mesmo que *semper æternum*. Logo sempre eternamente os corpos dos precitos seraõ queymados, soffrendo as penas inexplicaveis do fogo do Inferno. O Profeta Isaias fallando dos reprobos, acaba os sessenta seis capitulos das suas profecias com esta sentença: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.* Se o verme, que sempre lhes roe a consciencia, nunca ha de morrer, se o fogo, que os atormenta, sempre queyma, e nunca se apaga, corre infallivel a consequencia, que os tormentos no Inferno para os reprobos saõ eternos. Deyxo tantos outros textos, de que he cheyo o testamento velho, especialmente dos Profetas, que eraõ os Prégadores, e Missionarios daquelles tempos, e todos concernentes á Eternidade da Gloria para os escolhidos, e a Eternidade das penas para os precitos. Que seja possivel, que estes, e outros textos da Sagrada Escritura, lidos, e considerados pelos Gentios, com o lume da razaõ, e com a sindereſi, que

Sap.12.

Isai.33.

Judith. cap.16.

Isai.66.

que Deos instilou nos corações humanos, lhes fizessem tal impressaõ para conhecer, e crer o Inferno, e a Eternidade das penas, que se faziaõ violencia para fugir o vicio, e seguir a virtude. E que melhor se podia descrever o eterno tormento do verme da consciencia, que roerá para sempre as entranhas dos peccadores: *Vermis eorum non morietur*; que com estes versos de Virgilio na pessoa do miseravel Tício:

Æneid. lib. 6.

Rostroque immanis vultur obunco
Immortale jecur tundens, fœcundaque pœnis
Viscera, rimaturque epulis, habitatque sub alto,
Pectore nec fibris requies datur ulla renatis.

Nomea em lugar do verme, o Abutre, ave de rapina, e carnivora, que sempre hirá roendo os figados dos malfeytores, e chama estes immortaes, porque quanto devora tanto torna logo a renascer

Ovid. Eleg. 4.

Semperque renascens
Ut possit semper sæpe perire jecur.

Nomea tambem *jecur*, porque este como dizem os Santos Padres *est veluti sedes amoris, & libidinis.* He como o centro da libidine, e o trono do amor profano. Naõ fallo nos tormentos diversos, que tem excogitado, para explicar a Eternidade das penas, como a roda de Ixion, cheya de serpentes, que sempre virando, quando parecia no fim entaõ começava; nos vasos das Danaides, que naõ tendo fundo, quanto mais os enchiaõ, tanto mais vasavaõ. Bem sey, que me poderaõ dizer, que estes saõ fingimentos poeticos, ou fabulas. A que respondo com Santo Ambrosio, que estas ficçoens ainda que em si naõ contem a força da verdade; explicaõ porèm melhor a verdade à gente rude: *Fabula etsi vim veritatis non habet tamen rationem habet, ut juxtà eam possit veritas manifestari.* E este modo de manifestar mais claramente a verdade ao Povo ignorante por via de

Ambr. lib. 3. de Offic.

apo-

apologos, e de parabolas, que he muy uſado na Sagrada Eſcritura, como quando fazendo concelho as arvores; pediraõ a oliveyra, a vide, e a figueyra para que alguma dellas aceytaſſe de ſer o ſeu Rey: *Et dixerunt impera nobis:* e recuſando, aceytou o eſpinheyro. E o Profeta Natan, ſe valeo da ſemelhança de hum rico, que tinha furtado, a unica ovelha que poſſuhia hum pobre, para reprehender a David do adulterio com Berſabè, explicando-lhe, que era elle meſmo: *Tu es ille vir.* E noſſo Senhor JESU Chriſto, quando prégava ás Turbas, ordinariamente era a ſua prégaçaõ por via de parabolas, e ſem parabolas, rara vez enſinava a ſua celeſte doutrina: *Et locutus eſt eis multa in parabolis, & ſine parabolis non loquebatur eis.* E iſto baſte para moſtrar, que antes da vinda de Chriſto, os Gentios tiveraõ ſufficiente noticia do inferno, e da Eternidade das penas.

Judic. 9

Reg. 2. *cap.* 19.

Matth. 13.

Que ſe os Gentios a huma ſimples repreſentaçaõ do Inferno, a hum confuſo conhecimento da Eternidade das penas, fugiaõ o vicio, e ſeguiaõ a virtude, como he poſſivel, que alguns Catholicos, com o lume da fè, com a luz do Evangelho, para continuar na ſua maldade, ſe imaginem, que Deos olhando para a noſſa fragilidade, movido de compayxaõ, não quererà, que as ſuas creaturas, eſtejaõ eternamente penando no Inferno. Oh quantos por ſe terem allucinados, com eſta imaginaçaõ eſtaõ agora ardendo no Inferno. Primeyramente; todas as vezes, que o Sagrado Texto falla no fogo do Inferno, quaſi ſempre ajunta a palavra eterno; ſinal evidente, que naõ falla com exageraçaõ, ou metafora. Segundo, quando ſe trata em materias da derradeyra importancia, aonde a genuina intelligencia he abſolutamente neceſſaria para a ſalvaçaõ, nunca ſe ſervem

de

de palavras metaforicas, ambiguas, ou interpretativas, como nos testamentos, nos arestos, nas sentenças, que devem ser entendidas, e executadas ao pé da letra, e assim nosso Senhor JESU Christo, que como dissemos quando prégava ás Turbas sempre era por via de parabolas, tratando-se de fazer o aresto, e dar a sentença de condenaçaõ, disse: *Discedite à me maledicti in ignem æternum.* Ide amaldiçoados no fogo eterno, e para que naõ venha ao pensamento, que o fogo será eterno, mas naõ a acçaõ do fogo, e serem algum dia os reprobos livres daquelle tormento, reparou Santo Agostinho, que logo no mesmo capitulo confirma o aresto, com dizer, que iraõ os precitos no suplicio eterno: *Ibunt in supplicium æternum: Justi autem in vitam æternam:* como tambem os Predestinados na gloria eterna.

Matth. 25.

Concluo este primeyro ponto, com hũa bellissima reflexaõ que faz Saõ Gregorio sobre esta mesma sentença, e prova quanto atè agora temos dito argumentando assim. O Filho de Deos naõ póde ser verdadeyro em hum texto, e mentiroso no outro. Se nòs damos fé às suas promessas, devemos tambem dar fé ás suas ameaças: *Cur credis quod Deus dixit, & non times quod Deus minatur.* O mesmo nosso Senhor JESU Christo, diz que os justos hiraõ na vida eterna, diz tambem no mesmo lugar que os precitos hiraõ no suplicio eterno: *Ibunt in supplicium æternum.* Se a pena dos precitos ha de acabar em algum tempo, a bemaventurança dos escolhidos acabarà tambem algum dia. Cousa que nunca poderá ser, pois o mesmo Christo disse: *Gaudium vestrum nemo tollet à vobis.* E jà naõ será bemaventurança perfeyta, porque o Bemaventurado, teria sempre no sentido que aquelle summo Bem que gozava, havia

Salv. de Prov.

Greg l. 24. Mor. c. 10.

Joc. 16

havia hũa vez de ter fim, e isto bastava para ter naquelle immenso gaudio huma summa tristeza. Daqui se infere, quam enganados andaõ os peccadores, quando cuydaõ, ou se imaginaõ, que Deos como taõ misericordioso, depois de huma longa serie de seculos, terá compayxaõ delles, livrando os finalmente das penas do Inferno. Horrivel, e tremenda blasfemia (segue a dizer Saõ Gregorio) querer fazer a Deos mentiroso, com o publicar misericordioso: *Deum dum misericordem asserere volumus, mendacem (quod nefas est) prædicamus.* *Gregor. Dial. 4.*

Temos visto á verdade infallivel das penas do Inferno, e como Deos decretou, e ordenou que fossem para sempre eternas. Agora nos convem provar a justiça, e equidade deste decreto, e que necessariamente o havia de fazer, assim pela sua gloria, como pelo bem publico, e particular de todos os homens. Deos faz mais caso da sua gloria, e de qualquer das suas perfeyções, que de todas as creaturas, e de quanto tem creado no Ceo, e na terra. Hum dos seus attributos, he de ser summa verdade: *Ego sum veritas.* E esta sua verdade, e fidelidade nas palavras, dura, e durará para sempre: *Et veritas Domini manet in æternum.* Ora tendo elle tantas vezes dito, e repetido, que as penas do Inferno para os reprobos, saõ, e seraõ eternas, que fundamento, ou probabilidade tem, que se queyra desdizer, e mostrarse mentiroso. Deos quer manifestar a todos a sua bondade, e santidade, que sendo infinita, deve detestar infinitamente o peccado, que lhe he essencialmente, e diametralmente opposto; e como póde elle mostrar, que infinitamente o abomina, e detesta, se naõ castigando-o, com pena infinita na duraçaõ, pois o peccado subsiste, e durará eternamente. Todos sabem que Deos

Segunde Ponto.

Psalm. 116.

he

Mald. 3 he immutavel: *Ego enim Dominus, non mutor.* Que as suas sentenças naõ tem appellaçaõ, os seus aresstos irrevogaveis, as suas resoluçoens firmes, e constantes; a sua palavra naõ só de Rey, mas de Deos, que infallivelmente se ha de executar: *Ipse dixit, & facta sunt.* Deos naõ he variavel como os homens, e por isto naõ he possivel, que se mude: *Non est Deus* Jeu Ser. 36. *sicut homo ut mutetur.*

Finalmente deve, e quer Deos mostrar a sua independencia; que os Gregos chamaõ *autarchia*, é quer dizer, que elle só basta a si mesmo, e que em nada necessita das suas creaturas; e este he o floraõ mais geloso com que remata a coroa das suas infinitas perfeyções. Ora se Deos quizesse por compayxaõ, chamar a todos os já condenados no Inferno, e livrálos daquellas penas eternas, pareceria, que as culpas, naõ as mereciaõ, ou que naõ podia estar sem elles, ou que lhes eraõ necessarios para augmentar a sua gloria accidental, que tudo he contra o que diz o Profeta David: *Deus* Psal. 15 *meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* E quando Deos queyra mayor Corte no Ceo, póde crear milhares de mundos, e milhões de creaturas, que o sirvaõ, e amem, e naõ o offendaõ, e desprezem, como tem feyto os precitos. Desenganem-se os peccadores, que Deos naõ fica menos glorificado com castigar os maos, que com premiar os bons; e os seus attributos com a sua gloria contribuem muyto a execuçaõ da Eternidade das penas: pois a sua recta justiça naõ he menos necessaria (como veremos) para o bom governo do Mundo, que a sua misericordia. Esta ainda nos póde valer, em quanto somos vivos, que depois de mortos, no Inferno, naõ ha redempçaõ: *In inferno nulla est redemptio.* O unico remedio que nos resta he, arrependerse logo muy

muy de veras dos ſeus peccados, e mudar vida, e ſó deſte modo, diz S.Gregorio, mudarà Deos a ſentença, e de precitos deſtinados para o Inferno, nos fará predeſtinados para o Paraiſo: *Noverit Deus mutare ſententiam, ſi tu noveris emendare delicta.* *Greg. lib 4. Mor.*

Baſtaria para convencer o noſſo entendimento, e tirar toda a duvida concernente á Eternidade do Inferno, ſaber que he hum artigo da fé, e que Deos aſſim o quer, e aſſim o tem ordenado. A todas eſtas queſtões curioſas, porque Deos caſtigue com pena eterna hum peccado, que durou hum ſó momento, ſe reſponde com o Santo Biſpo de Marſelha Salviano: *Homo ſum, ſecreta Dei non intelligo, inveſtigare non audeo.* Eu ſou homem, e conſeguintemente ignorante, para comprehender os ſecretos de hum Deos, e naõ me atrevo inveſtigalo. Como Deos he a ſumma verdade, e a verdadeyra equidade, fico mais certo, e convencido com ſaber, que elle pronunciou eſte areſto, e tem ordenado eſtas penas eternas, que ſe com razões humanas, eu comprehendeſſe todas as cauſas, e todos os motivos deſte Divino juizo: *Plus eſt Deus, quam omnis humana ratio, quod à Deo agi cuncta cognoſco.* Com eſta humilde proteſtaçaõ, e total reſpeyto, e veneraçaõ a hum artigo da fé, taõ importante para a noſſa ſalvaçaõ, quero agora ſeguindo a doutrina dos Santos Padres, provar com razoens humanas, com axiomas, e textos juridicos das noſſas leys, que Deos para o bom governo do Mundo, e para o bem publico, e particular de cada hum, deve dar penas eternas no Inferno aos tranſgreſſores dos ſeus Mandamentos, que he a baliza deſte Segundo Ponto. *Salv. l. 3 de Prov.*

He commum ſentimento de todos os Povos, que os Principes, e Republicas, que tem ſoberania

sobre os seus Vassallos, e Subditos, podem publicar as leys, que julgarem necessarias, para o bem dos seus estados, e no mesmo tempo estabelecer as penas, para castigar, os que as quebrarem. Estas penas porém, nunca tiveraõ proporçaõ, na duraçaõ do tempo, com o tempo que durou o crime, porque os Legisladores, só reparavaõ o damno que vinha á Republica com a infracçaõ das Leys. A ley condena á morte hum ladraõ de estrada, ou salteador de caminhos; ainda que o furto seja bem leve, e feyto em menos de hum quarto. Hum homem enfurecido mata a outrem. A sua culpa foy de hum instante, em que naõ attentou para refrear a sua payxaõ, com tudo se pelas circunstancias escapar da forca, tem a galè, ou degredo por toda a vida; logo as leys, como diz Santo Agostinho, não guardaõ proporçaõ, entre a culpa, e a pena na duraçaõ do tempo: *Quasi ulla id neque leges attendant, ut tanta sit mora temporis, qua quis puniatur, quanta mora temporis, unde puniatur admissum.* E quem naõ sabe, que condenar a hum malfeytor á morte, he darlhe hũa pena *quantum est de se* eterna: pois bem sabem os Juizes, que naõ ha remedio natural, que o possa restituir em vida. Digo mais; em huma suposição possivel, que os homens naõ pudessem morrer (como já no estado da innocencia) se naõ de morte violenta, não deyxariaõ os Juizes, de executar a justiça com privar a este malfeytor da vida, ainda que esta fosse eterna; e accrescento mais, que esta temeridade da vida seria hum motivo efficacissimo para o fazer morrer mais depressa, porque diriaõ assim. Este malfeytor pòde viver eternamente, e poderà ser eternamente ladraõ turbulento, escandaloso, e buscarà novos companheyros com grave dano da Republica; logo, he bem que mor-

Aug. lib 11. de Civitat. Dei.

ra

ra para ficarmos quietos, e livres delle. Eis aqui provado, como á justiça humana, se attribue o poder, de castigar os delinquentes de huma pena, que se pòde chamar eterna, para conservaçaõ do bem publico.

Agora deveſe advertir, que todos os edictos, e leys que fazem os Principes, e Republicas, com todas as penas taõ rigorosas decretadas a quem as quebranta, naõ saõ, que huma participaçaõ da authoridade, e poder que Deos lhes dá; e com tudo, os povos as admittem, obedecem, nem examinaõ, ou pisquizaõ, se a sentença he justa, se a pena he demasiada, porque sabem muy bem, que o queyxarse, naõ serve de nada, pois a ley manda, e naõ disputa: *Lex non disputat sed præcipit.* E os subditos, e criminosos, haõ de estar sogeitos á justiça, e ao que sentenceaõ os Tribunaes. Isto suposto, e porque Deos, que por necessidade do seu ser, e por todos os direytos, e razões imaginaveis, he o Monarca soberano de todos os homens, naõ poderá publicar leys, e decretar penas eternas se as julgar proporcionadas á importancia dos delictos, e necessarias para obrigar as suas creaturas a guardalas? Deos conhece muyto bem, que da observancia da ley que tem feyto, depende a sua gloria accidental, que he o unico bem, que póde tirar da producçaõ das suas creaturas. A honra de Deos naõ consiste só, em lhe dedicar Templos, e Altares, e estatuas como alguns se imaginaõ, mas em amalo, servilo, e reconhecelo, como seu Soberano, e Creador, e que em tudo, e por tudo depende delle. Esta verdade, atè os Gentios a conheceraõ.

Philo Ebr.

Qui fingit sacros auro vel marmore vultus.
Non facit ille Deus, qui rogat ille facit.

Mart. Epiſ.

Daqui naſce, que os peccadores moſtraõ a ſua cegueira, quando dizem. Que mal faço eu a Deos, quando ſatisfaço ao meu apetite? Vòs lhe fazeis o mayor mal, que podeis. Pois vos fazeis independentes, e naõ quereis conhecelo, por voſſo Deos, e Senhor quebrando, e deſprezando a ſua ley.

Digo mais, Deos conhece, que o bem particular de qualquer peſſoa, conſiſte em refrear as ſuas payxões, e ſogeytalas á razaõ, conhece tambem, que da obſervancia da ſua ley depende o bem publico, e a boa ordem da ſociedade humana, e que naõ ſe guardando a ſua ley, o mundo ſeria como hũa mata brava cheya de ladrões, e malfeytores. Conhece finalmente, e ſabe, a violenta inclinaçaõ, que tem a natureza humana de quebrar eſta ley, que naſcida com noſco, ſempre nos incita ao mal, e nunca nos deyxa. Nem ha penas, por rigoroſas, e terriveis que ſejaõ, que a poſſa vencer, e refrear, ſenaõ forem eternas. Saõ Paulo, chama à Eternidade da Gloria hum peſo: *Æternum gloriæ pondus.* Para advertir os Catholicos, que quando eſtaõ em procinto de cometer algum peccado devem tomar a balança, e por huma banda o goſto momentaneo do peccado, e da outra, a gloria eterna que ſe perde. Sem duvida, que a Eternidade da Gloria peſarà mais, e prevalecerá ao goſto inſtantaneo do peccado. Porèm ſendo os homens taõ pouco ſenſiveis, a quanto nos promette a fé na Bemaventurança, Deos accreſcenta hum ſegundo peſo: *Æternus pœnarum pondus*, que he a Eternidade das penas, a fim de que todos aquelles que naõ ſe movem a deyxar o peccado pela eſperança do premio eterno do Paraiſo, ſe movaõ ao menos pelo temor da eternidade das penas no Inferno. Pois poſto em huma balança, o goſto momentaneo, de huma parte, e o

2. Cor. 4

tor-

tormento eterno da outra ; quem ſerá taõ louco, que queyra penar eternamente , para gozar hum inſtante. E com tudo a mayor parte dos peccadores, ſabendo , e crendo a Eternidade das penas , que merecem continuaõ a viver nos ſeus peccados , e bebem a maldade como a agoa da fonte : *Bibunt iniquitatem quaſi aquam.* Oh meu Deos. Oh meu bom JESUS. Que ſeria ſe naõ houveſſe Inferno, e as penas naõ foſſem eternas? Que deſordens, naõ haveria no Mundo? Que roubos ? Que adulterios? Que mortes? Logo fica bem claro , que a Eternidade das penas, he juſta , e he neceſſaria , aſſim pela gloria de Deos, como para o bem publico , e particular dos homens. *Job* 15.

Ficarà eſta razaõ mais convincente, ſe conſiderarmos, que cada hum conhece, que ha de ſer eterno, pois ſabe, que a ſua Alma he immortal, e reparando ter em ſi hum fundo de immortalidade, tudo, o que acaba , ou tem fim naõ o eſpanta, nem lhe faz grande medo. Vive ſemelhante a hum homem , que tendo hum fundo , ou terras, que lhe rendem certos, cem mil cruzados cada anno, de renda ; todas as perdas, e deſpezas , que poderia fazer , nunca lhe fariaõ temer a pobreza , em quanto ficaſſe inteyro, e ſeguro o fundo, ou o capital : aſſim todas as penas , que naõ ſaõ eternas, naõ o amedrontaõ , conſiderando-as como paſſageyras, e que depois com o tempo , ficará livre dellas, e Senhor de ſi, por toda a Eternidade. E que iſto ſeja aſſim ; baſta conſiderar , quam pouco caſo fazem muytos Catholicos do fogo do Purgatorio, ainda que muytos Santos Padres digaõ , que naõ haja tormento neſta vida, que ſe poſſa igualar com elle. E Santo Agoſtinho accreſcenta, que naõ he menos activo, e riguroſo que o do Inferno, pois ſe

Aug. lib de Civ. Dei. naõ he o mesmo, he da mesma especie: *Eodem igne quo torquetur damnatus, purgatur electus.* E de que nasce, este pouco caso das penas do Purgatorio, se naõ porque sabemos de certo, que ellas haõ de acabar; logo se o decreto de Deos, fosse só de huma pena temporal, por comprida, e rigurosa, que fosse, teriamos o mesmo medo do Inferno, que do Purgatorio, cometeriamos o peccado mortal com a mesma facilidade, que o venial, os adulterios, e homicidios, que as mentiras leves, e palavras ociosas. Desenganemo-nos fieis, que a Eternidade das penas do Inferno, he justa, e he necessaria assim pela gloria de Deos, como para o bom governo do Mundo, e bem particular dos homens. E concluamos com S. Joaõ Chrysostomo que naõ he menos a justiça de Deos, que a sua Divina misericordia, que tem fabricado o Inferno, e que bem longe de queyxarmonos do seu rigor, devemos renderlhe as graças, de ter ordenado a Eternidade das penas: *Imo potiùs pro ipsa gehena, gratias agere debemus.* Pois só deste modo com huma doce violencia, nos obriga a deyxar, e fugir o peccado, e ganhar para sempre o Paraiso, como bem o confirma Saõ Gregorio: *Idcircò, pœnarum, æternitatem constituit, ut nos à peccatorum perpetratione comprimeret.*

Chrys. hom. 4. in Ev.

Greg. l. 3. mor.

Convem todas as leys fundadas no direyto da natureza humana, ser licita a justa defeza contra o injusto Agressor. Por isto os Principes fazem fortalezas, bem munidas de canhões, com fossos profundos, e cheyos de agoas, e quando estas faltaõ, ou secaõ, tomaõ arvores de carvalhos, e pinhos, e cortadas em grandes pedaços as lançaõ nos fossos, (como fizeraõ no cerco da fortaleza de Turim) e depois dando-lhe fogo com barris de alcatraõ aces-

sos;

ſos; e iſto porque? Para impedir o aſſalto do inimigo. E ſe depois de eſtar a Cidadela aſſim rodeada de chammas, o Commandante ſubiſſe ſobre os muros, e advertiſſe os inimigos, ſe retiraſſem do cerco pois nunca poderiaõ fazer o ataque, e menos dar o aſſalto, ſem cahir naquelle abyſmo de fogo, e com todo eſte aviſo, o inimigo, cheyo de rayva, ſe precipitaſſe, e morreſſe queymado. De quem ſeria a culpa? Da juſta defeza, ou da ſua louca temeridade? Que ſe hum homem mortal faz tanto para ſe livrar do ſeu contrario? Que naõ fará Deos para ſe livrar do peccado mortal, que todas as horas, o acomete, e he o mayor inimigo, que elle tem. Se declara, que para ſe defender do peccado, tem poſto, entre nòs, e elle hum abyſmo de fogo, hum Inferno eterno; e que naõ poderemos continuar o acometimento ſem cahirmos nelle. Nos tem aviſado pelas ſagradas letras, pelos Profetas, e pelos Apoſtolos, que acabemos de fazerlhe a guerra com os noſſos peccados. Quando naõ? Será obrigado a defenderſe caſtigandonos com penas eternas. Eſtas ſaõ as ſuas armas, com que ſe defende, armas defenſivas, naõ offenſivas, pois naõ acomete, nem aggrava armas proprias, e convenientes a Deos, que como o ſeu ſer he infinito, e eterno, aſſim tambem as ſuas armas com que ſe defende dos peccados, ſaõ infinitas, e eternas.

Corroboremos quanto até agora temos provado com provas Theologicas. Todo o mal, ſeja ou fiſico, ou moral, que por ſua natureza he irreparavel, he hum mal eterno, mas o mal do peccador, que morreo em peccado (diz S. Thomás) he irreparavel, logo he eterno. Do meſmo modo, he na ordem fiſica. Quem voluntariamente ſe corta hum braço, ou ſe mata, dando-ſe com hum punhal no

D. Tho. in opuſc.

Arist. Phis. no peyto, sabendo muyto bem, que *à privatione ad habitum non datur regressus.* Que naõ ha remedio humano para refazer este dano; ou que o possa resuscitar, mostra que consente, de ficar para sempre privado da vida, ou de soffrer a pena, que lhe podia causar a falta do braço; assim o peccador, que mata a sua Alma destruindo com o peccado a caridade, que he a raiz de todas os boas obras, consente voluntariamente a todos os males, que se seguem, e se priva de todos os bens da vida espiritual que destruhio, e só se pòde queyxar de si mesmo, como bem *Aug. l. 6. 5. de Civit.* o confirma S. Agostinho: *Factus est malo dignus æterno, qui perimit in se bonum quod posset esse æternum.*

O Angelico S. Thomás fortifica esta razão com outro argumento que diz assim. Huma culpa eterna, merece huma pena eterna, a culpa dos condenados he eterna logo merece pena eterna. A culpa será sempre eterna, porque os condenados, naõ estaõ mais em tempo para se valerem dos remedios, que Deos instituhio para a compensaçaõ. Nem estaõ *in via* para poder merecer, nem aplicarse os infinitos merecimentos do preciossissimo sangue que nosso Senhor JESU Christo derramou para os peccadores, co- *Psal. 74* mo diz o Profeta David: *Bibent omnes peccatores terræ.* Mas naõ do Inferno, gloса Saõ Bernardo, porque o sangue de Christo, que deceo em terra naõ deceo no Inferno: *Bern. Serm ad Frat. de Mon.* *Non descendit ad inferos sanguis, qui effusus est super terram.* Reforça o argumento o mesmo Santo Thomás com dizer. A justiça Divina *D. Tho. ut sup.* tem direyto, de punir hum peccado, atè que o peccador naõ der cabal satisfaçaõ delle. O peccador no Inferno, nunca ficará capaz de satisfazer, logo Deos o pòde, e deve punir atè que fique satisfeyto; *Bern. ibi.* como bem diz Saõ Bernardo: *Semper puniri potest quod non potest expiari.* O condenado he como hum

ho-

homem, que he obrigado aos juros de hum grande cabedal, e em quanto, naõ extinguir o cenſo, ſempre correm os juros. Os peccados, que voluntariamente commetteo, ſaõ o cenſo que fez, os juros ſaõ as penas que padece; como he impoſſivel extinguir o cenſo por ſer incapaz de ſatisfazer as culpas, continuará ſempre a pagar o juro das penas, que Santo Agoſtinho chama *fœnora iniquitatis;* e como as culpas ſaõ eternas, tambem as penas ficaõ, e ficaraõ para ſempre eternas. *Aug. ut ſupra.*

Quero acabar eſte ſegundo ponto com dizer, que a pena deve ſer proporcionada à culpa, e que o caſtigo deve tomar a ſua medida, da malicia, e gravidade do crime. Achaõ os Theologos no peccado mortal, hũa maldade infinita naõ em ſi; mas por relaçaõ a Deos, que he infinito; merece logo huma pena infinita, eſta naõ póde o peccador ſoffrer na qualidade, convem logo que ſeja na duraçaõ. Explicarey eſta malicia do peccado mortal com dizer aſſim. Dar huma bofetada a hum Villaõ, ou a outra peſſoa humilde, he malfeyto. Dala a huma peſſoa nobre, he muyto peyor. Dala a hum Fidalgo de primeyro rango, ou a hum Grande he hum attentado. Dala a hum Principe, a hum Rey he hum crime de leſa Mageſtade, & de primeyra cabeça. Supponhamos agora, que ſe incarnaſſem todos os Anjos, Cherubins, e Seraſins, e que todos recebeſſem eſta boffetada de huma peſſoa baixa, e vil. Accrefcento mais. Se Deos creaſſe creaturas poſſiveis *in infinitum*, e eſtas ſempre mais perfeytas, e eſta peſſoa vil a todas affrontaſſe com a meſma boffetada, he evidente, que quantos mayores graos de malicia contrahio, quem ſe atreveo a dar eſtas boffetadas, merece outros tantos graos de augmento de penas. Oh meu bom JESUS. Oh meu Creador, e Redemptor meu.

E que, tem que fazer todas estas affrontas, feytas a todas as creaturas, creadas, e possiveis, se todas saõ como nada, respeyto ao desprezo, que vos faz, e a boffetada, que vos dá, quem commette hũ peccado mortal. Que digo desprezo, ou boffetada, vos torna a crucificar, como diz Saõ Paulo no seu coraçaõ: *Iterum crucifigentes vobismetipsis Filium Dei.* Oh que abismo de malicia, e de ingratidões, que merece hum abismo de suplicios, e penas, que eu naõ posso descrever, nem sey explicar.

Hebr.6.

Sabemos por fé, que Deos he infinito, e contém em si infinitas perfeyções. Estas com hum só peccado mortal ficaõ todas desprezadas, e justamente offendidas. Naõ quero jà que para satisfaçaõ vos dè Deos hum seculo de penas no Inferno, por cada perfeyçaõ Divina offendida. Naõ hum anno? Naõ hum mez? mas hum só dia; pois se he de fé, que as perfeyçoens Divinas saõ infinitas, logo para satisfazer a ellas, por vossa mesma conta os dias do Inferno haõ de ser infinitos. E que saõ dias infinitos de penar no Inferno, senaõ a mesma eternidade das penas, que nunca ha de ter fim. Ah triste peccado mortal. Ah medonha eternidade das penas. Estas duas cousas unidas, necessitarão ao Verbo Divino a fazerse Homem, e morrer em huma Cruz, para livrar os homens da Eternidade das penas, que tem merecido pelo peccado mortal: *Nisi hæc essent ad mortem sempiternam* (diz Saõ Bernardo) *nunquam Filius Dei pro eis moreretur.* Oh infinita malicia do peccado mortal. Oh espantosa, e detestavel maldade, pois foy necessario, que hum Deos derramasse o seu sangue, até morrer em hum patibulo, para satisfazer ao valor da nossa Redempçaõ. Pio Leytor, quando ouvireis dizer aos peccadores, que se espantão, e não entendem, como hum Deos tão bom, queyra dar

Bern. Ser. ad Fratr.

dar penas eternas por hum peccado, que dura hum ſó momento. Reſpondey-lhes; que tambem vòs não entendeis, e ficais muyto mais eſpantado que vendo a hum Deos agonizante, e morto em hũa Cruz para lhes dar o Paraiſo, elles ſaõ taõ ingratos, e tão crueis contra ſi, que querem antes ir ao Inferno, crucificando-o de novo para ſatisfazer a hum goſto que dura hum breve inſtante.

Depois de termos viſto, como Deos póde, quer, e deve dar eſta Eternidade das penas aos reprobos, reſta agora o terceyro ponto, e vem a ſer, que da lembrança, e conſideraçaõ deſta Eternidade depende a ſalvaçaõ dos homens: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* Oh ſe conſideraſſem os peccadores, cada noyte antes de ſe deytarem eſta verdade indubitavel, e infallivel, que mais tarde, ou mais cedo, mais hum anno, menos hum anno, e bem poderá ſer que mais hum dia menos hum dia, haõ de entrar para ſempre na caſa da ſua Eternidade *in domum æternitatis ſuæ.* Oh ſe ponderaſſem eſta palavra *ſuæ.* A ſua caſa da Eternidade. Pois a Eternidade naõ he para todos huma, e a meſma. Sim na duraçaõ? mas naõ na morada. Cada hum quando morre vay logo morar na eſtancia, que aqui neſta vida ſe fabricou para a ſua eternidade. Deyxa tudo, e todos o deyxaõ, e ſó o acompanhaõ, e ſeguem as obras boas, ou más que fez: *Opera enim illorum ſequuntur illos.* Se as obras derradeyras que fez o puzeraõ em graça, vay para morada eterna do Paraiſo, ſe foraõ em peccado mortal, vay para ſempre no eterno calabouço do Inferno, que he a morada, que elle meſmo fabricou para ſi: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* Terceiro Ponto. *Apoc. 14.*

Eſta conſideraçaõ da Eternidade das penas faz temer, e tremer todos os Catholicos: *Æternitas quatuor ſylabis conſtat, ſed in ſe fine caret.* Eſta palavra *Drex. de etern*

lavra Eternidade encerraſe em quatro ſilabas, e todos os livros dos Mundo (diz S. Hilario) nunca poderaõ explicar o ſeu fim. O Padre Chriſtovaõ Clanio da Companhia de JESUS, Matematico taõ celebre como o declaraõ os ſeus livros, quiz huma vez ſaber o numero de quantos granitos meudinhos de area, eraõ neceſſarios para encher o vaõ de todo eſte Mundo, atè o Ceo Empireo, e feyto com diligencia exacta o computo, achou, que com huma unidade, e cincoenta e huma cifra eſtava ajuſtada a conta. E que tem que fazer eſta conta, com a eternidade, quando, ſe a cada milhaõ de ſeculos, ſe tiraſſe hum ſó granito para diminuir huma daquellas cifras, que multidaõ de milhões de ſeculos era neceſſaria. Digo mais ſe Deos creaſſe huma folha de papel, taõ extenſa, e dilatada como ſaõ todos os Ceos, e nella ſe puzeſſe huma unidade, e depois das cincoenta e hũa cifra, ſe foſſem continuando as cifras atè que foſſe bem cheya a immenſidade daquella folha. Qual Euclides, que Mathematicos, que Computiſtas ſe atreveriaõ a fazer a tal conta que naõ tem conto, e naõ cabe, nem pòde caber no entendimento humano, mas ſó no de Deos, por ſer infinito, e entaõ diſſeſſe. Ora eu me contento, que acabados todos eſtes granitos, que eſtão da terra atè o Ceo Empireo, e cada hum encerra em ſi tantos milhoens de ſeculos, quantos cabem como temos dito na folha immenſa das cifras, me contento digo, que os condenados fiquem livres das penas eternas do Inferno. Oh que alegria, oh que feſta, oh que conſolaçaõ dos deſgraçados precitos. Naõ caberiaõ em ſi de contentes, já o fogo lhes pareceria mais brando, as penas mais ſuaves, e o Inferno, já para elles naõ ſeria conſiderado como Inferno, mas como hum caſtigo temporal, pela grande malicia

Clav. Abſeb.

licia dos ſeus peccados muy limitado. Mas como pòde ſer iſto, ſe lhes ficaõ tantos milhões de milhões de annos, e ſeculos, para cada granito, e os granitos incluidos em tantas cifras ſaõ tantos, que ſó Deos os pòde numerar, e achar o computo de cifras, e granitos, e ſeculos. Aſſim he. Mas tambem os condenados, ſenaõ ſabem, nem podem perceber ameudo eſta conta a ſabem por alto; porque conhecem, e percebem o axioma filoſofico que *finiti ad infinitum nulla datur proportio*, quer dizer, que naõ ha ſemelhança, nem proporçaõ entre os tormentos eternos, e aquelles, que huma vez haõ de ter fim, e comprehendendo já por experiencia a Eternidade, ſabem que tudo, que naõ he eterno, e ha de acabar, he como nada: *Quod æternum eſt, nihil eſt.*

Axioma Phil.

Nier. de infern.

Eſta comprehenſaõ, que teraõ os condenados da Eternidade do Inferno, he o ultimo conſtitutivo, de todas as penas, e de todos os tormentos; he huma fuſtancia refumida de todas as miſerias, que padecem, e haõ de padecer por toda a Eternidade, que os Theologos chamaõ Eternidade formal *formalis æternitas.* Que farà ſoffrer aos condenados, a cada momento a Eternidade toda inteyra. Eſta conſideraçaõ he digna de toda a reflexaõ, e aſſim a explicarey mais claramente com huma ſemelhança. O Sapiente Boecio define a bemaventurança do Paraiſo: *Interminabilis vitæ tota ſimul, & perfecta poſſeſſio.* Huma poſſe perfeyta de hũa vida que nunca terà termo, nem fim, toda inteyra a cada inſtante, porque no conhecimento claro, verdadeyro, e ſeguro, que tem os Bemaventurados, que a ſua Bemaventurança ſerá eterna, ſe pòde dizer, que gozaõ a cada inſtante, o que gozaraõ na Eternidade toda inteyra pela ſegurança infallivel que tem della.

Boec. de conſ. an.

della. Porém o que a misericordia Divina faz no Paraiso com os Predestinados; a justiça de Deos, o faz tambem no Inferno, com os precitos; e assim podemos definir a condenaçaõ dos reprobos: *Malorum omnium tota simul, & perfecta possessio.* Huma inteyra, e perfeyta posse de todos os males, e miserias, que os precitos soffreraõ a cada momento, quanto deveraõ soffrer por toda a Eternidade inteyra. Isto supposto, quando hũa Alma entra no Inferno, a justiça de Deos para achar modo de atormentar mais, fortifica o seu espirito, e o seu entendimento para que o conheça, e comprehenda, a Eternidade em toda a sua extensaõ, e lhe abre aquella vasta immensidade de suplicios, com lhe fazer huma funesta descripçaõ de todos os tormentos, que por toda a Eternidade, ha de soffrer no Inferno, com huma taõ forte impressaõ, no entendimento, que sem nunca o poder divertir soffre toda inteyra a Eternidade a cada momento da sua duraçaõ.

Os Theologos se servem de hũa semelhança para dar hũa rude idéa deste tormento dos tormentos, que se pòde chamar o verdadeyro Inferno do Inferno. Tomay (dizem elles) huma bola de ferro, ou hum globo de bronze, que seja porèm perfeytamente redondo, e deyxay-o cahir de bem alto sobre hum grande espelho de cristal; sem duvida, que o quebrara, e o fará em mil pedaços, e pedacinhos. Como pòde ser isto? Este globo, quando cahio, naõ tocou que em huma parte minima, e quasi como em hum ponto indivisivel o espelho. He verdade: e assim he. Mas como todas as partes deste espelho se unem juntas por huma uniaõ universal, ainda que o globo caya, e toque huma só parte do espelho, como em hum ponto indivisivel, pelo grande pezo as desune todas, deyxando-as em migalhas, e migali-

galinhas. Do meſmo modo o condenado no Inferno, em cada momento da Eternidade naõ he tocado dos tormentos que ſoffre, que por aquelle momento, mas como todos eſtes momentos da Eternidade, eſtaõ unidos no ſeu entendimento, e como arraigados, e fixos na ſua imaginaçaõ, accreſcentaõ de modo o pezo, e fazem hum tal contrapezo, taõ cruel, e doloroſo, que vem a ſentir, e ſoffrer todos os momentos juntos da Eternidade toda inteyra em cada inſtante.

Agora entendo aquelle texto taõ difficultoſo do Profeta Ezechiel: *Rota in medio rotæ.* Que jà tocamos no diſcurſo do ſitio immovel. Duas rodas, huma grande, a outra pequena, huma dentro, a outra, fóra, huma no meyo da outra. Todos ſabem, que antigamente, atè nos tempos dos Gentios, o circulo, e a roda ſempre foraõ, e ainda ſaõ o ſimbolo da Eternidade. A roda grande, e de fóra, he a Eternidade das penas; a roda pequena, e de dentro, he o claro conhecimento que eſtas penas duraraõ para ſempre. A roda no meyo da outra roda, he a duraçaõ dos ſuplicios eternos, que ſerá tão fortemente pegada no entendimento, na imaginação, e fantaſia do miſeravel precito, que nunca poderà imaginarſe, nem cuydar em outra couſa que neſta Eternidade das penas. Eſtas duas rodas, faraõ blasfemar, e cahir em mil deſeſperações os condenados, que inceſſantemente deſejaraõ, e buſcaraõ à morte, ſem nunca a poder achar: *Quærent mortem, & non invenient.* Eſtando os precitos neſte Mundo, aborreciaõ a morte, como inimiga dos ſeus goſtos, e agora a pedem como unico remedio das ſuas penas. Quando elles a fugiaõ, ella os perſeguia, e os achou com o peccado, que era o idolo que nunca quizeraõ deyxar. Agora que a de-

Ezech. 10.

Apoc. 9.

a desejaõ, e buscaõ por todas as vias, naõ a podem achar, porque ella, foge delles: *Desiderabunt mori, & mors fugiet ab eis.* Oh Eternidade, Eternidade do Inferno. Esta he a casa, que tem preparado para si, quem vive em peccado mortal: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* Como he possivel, que o peccador, por habituado que seja, lendo, e considerando esta eternidade, naõ queyra logo mudar vida, e trocar a sua casa da Eternidade do Inferno, com a Eternidade do Paraiso: *Ibi homo in domum æternitatis suæ.*

Apoc.9.

Bellissima he a reflexaõ que faz Santo Agostinho sobre aquellas palavras do Evangelho: *Eadem mensura, qua mensi fueritis, remetietur vobis.* Que com a mesma medida, que nos medirmos a gloria de Deos, e a sua Divina bondade, elle medirá os merecimentos, e as nossas culpas: *In eadem mensura quamvis non æterna mala feceris, æterna supplicia remetietur.* Cousa prodigiosa? Quando Deos ordena huma eternidade de penas por hum peccado mortal, que durou hum só momento, mede com a mesma medida, que foy medido. Como pòde ser. O peccador medio a Deos por hum instante de gosto, e Deos mede ao peccador por huma eternidade de penas. E esta he medida igual, e justa? Sim, sim he justissima, porque a vontade no peccador naquelle instante que pecca he como eterna: *Ut quia æternam voluntatem habet in peccatis perseverare, æterna justitia hanc voluntatem punitura est.* Tinhà hũa vontade eterna para o peccado, procurava que aquelle gosto lhe durasse mais tempo, desejava, como diz S. Eusebio, viver eternamente para sempre peccar: *Vellet sine fine vivere, ut posset sine fine peccare.* Muyto mais, que morrendo o peccador em peccado lhe fica aquella disposiçaõ habitual, e perma-

Luc.6.

Aug. de Civ. Dei.

S. Eusebius Coniss.

manente, de ficar sempre em peccado se vivesse eternamente: *Qui impœnitens fuerit, si semper viveret, semper peccaret.* E presentando-se depois de morto no juizo de Deos, com esta vontade tacita, e interpretativa de continuar na culpa, pois naõ a tem expiada, toca (diz Saõ Gregorio Magno) á justiça de Deos, castigar com pena eterna, quem queria viver eternamente na culpa: *Ad magnam ergo judicantis justitiam pertinet, ut nunquam hic careant supplicio, qui hic dum viverent, nunquam voluerunt carere peccato.* Eternidade por Eternidade. Eternidade no desejo dos peccadores, de sempre peccar, Eternidade no Inferno de sempre padecer. *Gregor. Dial. 4.* *Gregor. Dial. 4.*

Pareceme, que poderá dizer alguem esta doutrina tambem fundada na Theologia, e confirmada pelos Santos Padres naõ falla comigo, que nunca tive tençaõ de morrer em peccado, menos de perseverar nelle. Pecco como homem fragil, mas como Catholico na mesma resoluçaõ de peccar, tenho no sentido de me confessar logo, e porme bem com Deos. Oh cegueyra, oh engano dos enganos. E quem vos assegura, que naõ morraes no mesmo acto de peccar, como morreraõ tantos outros, que peccaraõ menos vezes, que vòs. Por ventura lhes fez Deos algũa injustiça. O Inferno diz Saõ Bernardo, está cheyo de bons propositos, que naõ tiveraõ execuçaõ. Se perguntarmos a todos os Reprobos, porque estaõ no Inferno. Todos diraõ como sempre tiverão tençaõ de se salvarem, mas que por hum máo successo, por huma morte improvisa lhes faltou o tempo; mas como lhes faltou, se lhes sobejou tempo para peccar, e perseverar atè a morte. Naõ sabiaõ elles o que diz nosso Senhor JESU Christo, que a morte ha de vir ás escondidas como o ladraõ: *Veniet tamquam fur.* E na hora, que me- *Luc. 14*

nos cuydarmos: *Qua hora non putatis.* E por isto naõ diz, que nos preparemos, mas que estejamos
Luc. 12 preparados: *Et vos estote parati.* Sim sabiaõ. Pois, porque naõ se prepararaõ; porque viviaõ enganados, como vivem ainda hoje os peccadores, naõ se resolvem, differem a outro tempo o fazer penitencia, porque em lugar de se occupar na consideraçaõ da eternidade das penas, tem sempre no sentido o momentaneo dos gostos. Eternidade. Eternidade: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.*

Quero dar fim ao ultimo discurso deste meu Livro com hum documento de nosso Senhor JESU Christo, que servirá tambem do ultimo desengano. Chama Saõ Mattheus o peccado hum caminho espacioso, e hũa porta larga; que conduz em direytura na Eternidade do Inferno: *Lata porta, & spatiosa*
Matth. 7. *via est, quæ ducit ad perditionem.* O' chama estrada, porque por ella caminha o peccador, o chama espacioſa, porque ha hũa infinidade de pessoas, que andaõ por ella. O' chama tambem porta, porque qualquer que seja, que está na porta, tem hum pé dentro, e o outro fóra da casa, e para entrar de todo dentro, naõ tem, que fazer mais de hum meyo passo. Do mesmo modo, quem està em peccado mortal, tem hum pè no Mundo, e o outro, no Inferno, e basta fazer meyo passo para entrar na sua casa da Eternidade. Diz Santo Anselmo, que entre o peccador, e hum condenado, entre o peccado, e o Inferno, naõ ha mais intervallo, que de hum momento, não ha mais distancia, que de hum ponto. De todas as cousas, que ha no Mundo, nenhuma ha mais contigua, que o peccador, e o Inferno; pois qualquer cousa, por pequena, e contigua, que seja a outra, sempre ha de ter a distancia de hum ponto. Assim o disse o Santo Job, fallando dos pec-

cado-

cadores, que vivendo descuydados nas delicias do Mundo, no espacio de hum ponto se achaõ no Inferno: *Ducunt in bonis dies suos, & in puncto ad Infernа descendunt.* Mas nem de hum ponto, he distante o peccador do Inferno. Pois, só se separa com a morte, e como a morte, naõ he hum ente, ou ser real, mas hũa simples privaçaõ, segue-se, que ha menos distancia entre o peccador, e o Inferno, que de hum ponto. Nem se engane alguem, com lhe parecer este fallar algũa sutileza de engenho. O Peccador, a Morte, e o Inferno, saõ entre si taõ vesinhos, e contiguos, que naõ ha momento, instante, ou ponto, que seja mais breve, e indivisivel. A prova naõ só he de fé, mas a vemos todos os dias. Naõ ha momento, em que o peccador naõ possa morrer improvisamente, logo he certa a consequencia, que naõ ha momento, em que naõ possa acharse no Inferno, que he a casa da sua Eternidade, que com os seus peccados se tem fabricado: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* *Job 21.*

Finalmente para consolaçaõ dos que lerem este livro me atrevo affirmar, que qualquer homem por grande peccador que seja, se cada dia considerar com reflexaõ a Eternidade, he quasi moralmente impossivel, que naõ se salve, e que và ao Inferno. Pois a Eternidade bem concebida produz no coraçaõ do peccador, hum arrependimento das culpas, que com o desejo de fazer penitencia, lhe serve como de freyo para naõ peccar mais; e como diz Saõ Gregorio, lhe faz aborrecer os gostos passageyros, e o rende forte, e constante para naõ temer, nem desejar cousa alguma do Mundo: *Quisquis, in æternitatis desiderio figitur, nec prosperitate attollitur, nec adversitate quassatur, & dum nihil habet in Mundo quodappetat, nihil est quod pertimescat.* Esta he a *Greg. l. 20. Moral.*

doutrina, que prègava Santo Agostinho aos seus Freguezes: *Intelligite fratres, non ideò Christiani sumus, ut de hac tantummodo vita solliciti simus.* Meus Irmãos, estejamos bem attentos. Naõ nos creou Deos, para tratarmos só dos bens temporaes desta vida: *Sed ideò Christiani sumus, ut semper de futuro saculo, & de æternitate cogitemus.* Mas quiz com a sua graça fazernos Christãos, porque em cada dia, em cada hora, e em todo lugar, tivessemos sempre o pensamento na Eternidade. Assim faziaõ os Christãos da primitiva Igreja. Naõ tinhaõ, nem liaõ outro livro de romances, ou comedias, senaõ os Evangelhos, e as Epistolas de Saõ Paulo, que sempre levavaõ comsigo: *Non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur, quæ enim videntur temporalia sunt, quæ non videntur æterna.* Naõ perdiaõ o tempo em considerar as riquezas, as honras, e as mais vaidades, que se vem no Mundo, porque estas saõ enganosas, passageyras, e naõ duraõ; e logo acabaõ, mas occupavaõ o seu entendimento, e memoria na consideraçaõ da eternidade das penas do Inferno, que nunca ha de ter fim. E este he o verdadeyro desengano dos peccadores, pois de precitos, os faz Predestinados.

Aug. Ser. 11 de tempor.

S. Cyrillo Alexandrino chamava aos Catholicos da primitiva Igreja *Tyrones æternitatis*, os Noviços da eternidade. E Tertulliano, diz que eraõ Pretendentes da Eternidade: *Æternitatis candidati.* Os Noviços procuraõ de aprender, e adestrarse no que lhes ensinaõ, para depois ficarem membros da Religiaõ, e os Pretendentes, trabalhaõ se esmeraõ, e naõ cuydaõ em outra cousa, que chegar ao posto que desejaõ: *Cultores sumus Dei semper induti substantia æternitatis*, Adoramos o verdadeyro Deos, sempre vestidos com a substancia da eternidade.

Tert. lib de spect.

Tert. ibi

dade. Hum ſoldado na guerra, logo pelo ſeu veſtido, ſe conhece a que Regimento pertence. Hum criado que tras librè publica, logo por ella ſe ſabe, quem he ſeu Amo. Aſſim quem ſe veſte internamente da ſubſtancia da Eternidade, logo apparece por fóra a ſua libré que he a modeſtia, a humildade, a paciencia, o deſapego do Mundo, o aborrecimento ao peccado, e que he ſoldado de noſſo Senhor JESU Chriſto, e ſeu fiel ſervo, pois o imita, e traz a ſua verdadeyra librè. Por iſto quando os Chriſtãos ſe encontravaõ (era iſto nos tempos, dos Neros, e Dioclecianos) perguntando-lhes como eſtavaõ, reſpondiaõ: *Sto ad oſtium æternitatis.* Eſtou nas portas da Eternidade com hum pé dentro, e o outro fora. Oh ſe agora me vieſſe o aviſo (diziaõ elles) de ir ao Martyrio, como foy a tantos outros, por crueis que foſſem os tormentos, paſſariaõ logo, com a eſperança em Deos, que com eſtes me fabricava a minha caſa da Eternidade no Paraiſo: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* Se o peccador conſideraſſe cada dia que eſtá nas portas da Eternidade, e que a cada momento pòde entrar nella, como he poſſivel, que quizeſſe offender a Deos, e condenarſe: *Oh æternitas, qui te cogitat, nec pœnitet, aut certè fidem non habet, aut ſi habet cor non habet.* Oh Eternidade, Eternidade, gritava Santo Agoſtinho, conſiderando-a. Aquelle que cuida em ti, e naõ ſe converte, ou tem perdido de todo a fé; ou ſe ainda a tem, certamente já naõ tem coraçaõ. Mas quando hum peccador naõ tiveſſe coraçaõ para cuydar na Eternidade. Nem por iſſo ſe deſeſpere, mas recorra á Virgem Máy de Deos, que com huma nova invocaçaõ ſe chama noſſa Senhora dos impoſſiveis; porque como diz Saõ Lucas no Evangelho: *Quæ ſunt impoſſibilia apud homines, poſſibilia ſunt apud*

Aug. in Soliloq.

Luc. 18

apud Deum; e accrescenta S. Bernardo, *& apud Beatam Virginem Matrem ejus.* Logo a ella como a Mãy de Deos nada he impossivel para a salvaçaõ dos homens, muyto mais que ella he com o seu bemdito Filho Corredentora do genero humano. E como Mãy dos peccadores que naõ poderá? e como Mãy de Misericordia que naõ fará para os seus devotos? Recorra logo a ella qualquer peccador por desemparado que seja, e humilde implore a sua protecçaõ, pedindo-lhe, que lhe arranque do coraçaõ o affecto, as vaidades, e gostos, que logo passaõ, e lhe ponha no pensamento a Eternidade das penas do Inferno, que sempre duraõ, e deste modo poderá experimentar em breve tempo o que agora lhe parece impossivel, que he de precito passar a ser Predestinado. Guardaivos bem de perder, ou esfriar na devoçaõ da Senhora, porque como diz Santo Anselmo, assim como he impossivel, que hum peccador, que naõ he verdadeyro devoto da Virgem nossa Senhora se salve; assim tambem he impossivel, que todos aquelles, que vivem debayxo da sua protecçaõ, e volve sobre elles, os seus olhos de misericordia, se condenem ao Inferno: *Sicut impossibile est, quod illi, à quibus Virgo Maria oculos suæ misericordiæ auvertit salventur; ita impossibile est, ut hi ad quos converterit oculos suos in Inferno damnentur.* Oh Virgem immaculada, e admiravel Mãy de Deos. Se agora me fora licito narrar quantas vezes, e de quantos perigos do corpo, e da Alma, me tendes livrado, e ainda do mesmo Inferno, naõ bastariaõ muytos livros mayores, que este volume. Attrevome a dizer, que este livro he vosso, pois como podia hum peccador taõ enganado como eu, compor o desengano dos peccadores. Quantas vezes achandome eu com o entendimento confuso, e obtenebrado em discursos, e ma-

D. Anselmo de Laud. Virg.

e materias difficultoſas, e de fé, chamava pelo voſſo Sacratiſſimo Nome MARIA, que ſignifica illuminadora: *Maria illuminatrix, illumina mentem meam* Alluniay tambem, Senhora, a todos aquelles, que lerem eſte livro, a fim de que deſenganados das vaidades, e delicias do Mundo, fabriquem neſta vida a ſua morada eterna no Paraiſo, para vermos, e gozarmos para ſempre da viſta de Deos, e da voſſa por toda a Eternidade. Amen. *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.*

Etimol. Mor.

ADDIÇAM.

PAreceo-me justo accrescentar a este Dezengano, o seguinte caso, assás efficacissimo pela horribilidade do successo, a advertir o mais descuydado peccador: que assim como Deos he o Senhor das vinganças, assim muytas vezes permitte que o castigo seja evidente ainda nesta vida, para exemplo da ingratidaõ, e abominaçaõ dos vicios. E naõ ha mayor nem mais efficaz rèmora de tudo isto, que o exemplo proposto. Lede, e aproveytaivos, principalmente aquelles, que occupaõ o tempo, ou mais depreça o perdem, quando cuydaõ de ganhar com a cega tafuleria do jogo; porque vejaõ, quam perto estaõ de cahirem em taõ execrandos absurdos, de que Deos, e sua Santissima Mãy os livrem: e fiquem desenganados de que o jogo, os mais vicios naõ produzem outro fruto, que o de perder bens, e o thesouro mais precioso, que he a Alma.

A Altis-

A Altissima Providencia de Deos, cujos secretos saõ impossiveis investigarse com profundissimos, e inexcrutaveis juizos todos dirigidos a sua mayor gloria, permite, que sejaõ offendidas, maltratadas, e desprezadas as Imagẽs dos seus Santos. Porém a mesma Divina Providencia nas suas disposições infinitamente perfeyta, nunca deyxou em esquecimento os nomes de algum Santo, por quanto naõ obstante as tyrannicas perfecuções a immortalidade da Gloria a Igreja lhe augmenta. Desta sorte succedeu no anno de 750. a sua Santissima Mãy, huma Milagrosissima Imagem, que ao presente se venera na Igreja dos Padres Agostinianos na Cidade, e Republica de Lucca; contra quem se atreveo impiamente hum soldado a ultrajalla, o que com mayor gloria da mesma Senhora, tem redundado ao Ceo pelos Povos mayor obsequio.

Em hũa casa contigua ás antigas muralhas de Lucca, corpo da guarda dos soldados, que guardavaõ hũa vizinha porta, chamada de Saõ Frediano, se acharaõ dous entre os mais, arrebatados no jogo, quanto de fortuna diversos, outro tanto semelhantes nos costumes; porque hum teve as pedras na maõ contra a Virgem, o outro contra o companheyro: hũa mais que pertinás cubiça. O mais perfido dos jogadores, de cujo falta o nome á Historia, depois de ter perdido quanto tinha, por ultimo tirou do corpo os vestidos, atè a mesma camisa, assim nù, e sómente de vergonhoso atrevimento cuberto renovou com o adversario o jogo. Porèm zombando delle a malignidade da sorte, fazendo pouco caso do grande resto que na alma lhe ficava, poz tambem esta sobre a mesa: indignando-se contra o Redemptor, que diante dos olhos tinha em os braços de sua Santissima Mãy, pintada na parede debayxo de hũa abobeda da mes-

meſma caſa. E mudado de repente o divertimento do jogo em hum eſpectaculo de horror, começou (como he coſtume dos deſeſperados jogadores) a injuriar com execrandas blasfemias o Salvador, culpando-o como Author da ſua perda. E ainda pouco contente pegou em huma grande pedra, atrevendo-ſe com ſacrilega temeridade, a atirar ao Menino. Naõ quiz a Virgem Mãy, que a pedra offendeſſe o Innocente ſeu Filho, donde logo da maõ direyta em que o tinha o traſpaſſou à eſquerda. Recebeo a Virgem neſte hombro o golpe da pedra com tanta força deſcarregado, que amolando a pintura, logo da ferida ſahiraõ pingas de ſangne, que correraõ atè a extremidade da Imagem. Offendida de taõ grande delicto, a terra ſe abrio ao infeliz ſoldado; mas naõ ficou de todo logo ſobmergido, e detido naquella horrenda cova por algum tempo meyo engolido, para effeyto de que tiraſſe fruto de tantos, que com as lagrimas nos olhos o exhortavaõ a que ſe arrependeſſe de taõ execrando ſacrilegio, ou para que foſſe perpetua teſtemunha de hũ taõ grande milagre ao Povo, que a fama daquella maravilha concorreo, ou para moſtrarſe a miſericordia da Virgem, que tanto fez para o reſtituir à graça, e à bondade de Deos, em lhe eſperar a penitencia. Naõ ſabendo porèm aproveytarſe de huma faiſca do Divino Amor em taõ grande vizinhança do fogo eterno (infeliz exemplo de deſeſperaçaõ) foy vivo ſepultado no Inferno, cuja bocca por tantos ſeculos nunca mais ſe fechou, e com horrivel vós, ainda hoje ſe ouve os horrores de perpetua de naçaõ do impio. Por hum Sacerdote foy recolhido o milagroſo Sangue, e poſto em hũa redoma de chriſtal, a qual ſe conſerva em reliquario de prata dourada ſobre o altar da meſma Virgem. Algumas pingas de Sangue ainda ſe vem no lugar da ferida, e em outras partes da Imagem, taõ fermoſas, e

vivas,

vivas como se fossem sahidas de fresco. Deste prodigioso sangue se faz mençaõ nos antigos inventarios das Reliquias da dita Igreja debayxo do titulo de S. Salvador in Muro, no anno de 1402. e 1417. E se numera entre as mais Reliquias na visita da mesma Igreja, feyta o dia 18. de Março de 1509. sendo Bispo de Lucca *Sisto Gara da Rovore* Cardeal, e Sobrinho de Julio XI. com as seguintes declarações.

Item ampullam sanguinis effusi de percussione lapidis expictura B. Virginis S. Salvatoris in Muro.

E na visita de Monsenhor *Joaõ Bautista Castelli* Bispo de Rimini, e Visitador Apostolico da Cidade, e Diocesis de Lucca o dia 25. de Julho de 1575.

Visitavit Altare Cappellaniæ B. Virginis à miraculis quorum initium fuit, quod unus projecit lapidem in imaginem B. Mariæ ibidem pictam, ex qua exivit Sanguinis, qui servatur in Sacristia dictæ Ecclesiæ, & statim aperta est terra, & de glutivit eum, & videtur locus apertus cum clatro ferreo desuper, & hoc excedit memoriam hominum.

Este estupendo Milagre se lè brevemente recupilado na inscripçaõ que está aos pès da Imagem da Virgem impressa em Roma, e destribuida em a occasiaõ da coroaçaõ da Senhora, e he a seguinte.

Hanc Deiparæ imaginem in Ecclesia D. Augustini Lucæ cultam, à prædito aleatore olim saxo percussam, mira effusione sanguinis insignem: Filio a dextera in lævam translato mirabilem: impio, dehiscente terra, in Inferno sepulto terribilem: Illustrissimi, ac Reverendissimi Sacrosanctæ Vaticanæ Basilicæ Canonicis triplex prodigium venerati, aurea corona redimire curarunt anno salutis M. DC. LXXXX.

Faz

Faz mençaõ deſta offerta *Hipolito Maracci no tomo Principes Mariani* cap. 1. §. 16. e do ſolemne offerecimento das duas Coroas de ouro feyto pelo meſmo Cabido de Saõ Pedro á Virgem do Sexo de Lucca, e outros muytos Authores, que deſte caſo eſcreveraõ, de que relato alguns, como ſaõ *Ceſare Franciotti* delle Miracoloſe Imagini de Lucca, *Joannes Bonfacius Bagatta admiranda orbis Chriſtiani* tom. 1. lib. 2. cap. 5. n. 12. e tom. 2. lib. 5. cap. 11. n. 9. *ex Petra Santa de Miraculis perpet.* num. 3. cap. 23. pag. 236. *Gulielmo Gumpemberg. Atlas Marian.* Cent. 2. Imag. 278. *Daniele de Nobili* Memorie M. S. delle Chieſe di S. Agoſtino. *Aloyſius Juglaris.* Elog. p. 2. *Franciſcus Maria Fiorentini in Elog. ad Sacel. B. V. a Saxo. Luigi Torrelli* Secoli Auguſtiniani tom. 5. anno de Chriſto 1324. *Donato Donati* Notitie della Madonna del Saſſo. *Antonio Maſini* Scuola del Criſtiano cap. 14. *Monſegnior Jo: Baptiſta de Diece* Veſcovo de Brugnato la Madona del Saſſo *Ambroſio Landucci* Orig. del Temp. dedicato alla Vergine in Roma giornata quarta.

E aqui naõ ſem particular reflexaõ ſe obſerva, que a B. Virgem appareceo na Milagroſa pintura como ſe diſſe aſſima em o anno de 750. quando o culto das Sacras Imagens era impiamente impugnado pelo Emperador *Leaõ Izaurico* tendo no anno de 726. com riguroſo Decreto ordenado, que de todas as partes ſe tiraſſem as Imagens dos Santos, e particularmente da Mãy de Deos, fazendo-as queymar no meyo da Cidade, movendo huma crueliſſima guerra aos ſeus defenſores, a qual perſeguiçaõ continuaraõ os filhos atè o anno de 786. e depois de breve tregoa Leaõ V. chamado o *Armenio*, perſeguidor tambem do nome Chriſtaõ a renoveu no anno de 811. de que offendida a Rainha do Ceo, por ateſtaçaõ de *Joaõ Rhò* no Exemplo 59. ſe queyxou com a mãy do meſmo

Em-

Emperador em huma horrivel vizaõ, e porque reprehendido se naõ emendou, depois de ter queymado em Constantinopla os Sagrados retratos, naõ só vio o castigo nos subditos, que em numero de trinta mil miseravelmente morreraõ de peste, mas tambem elle morto pelos seus perdeo com a vida, o Imperio. *Paulo Diac. de Gestis Roman.* lib. 18. *prope finem.*

FINIS LAUS DEO.

INDICE

Das couſas mais notaveis.

Adulterio. Todas as Naçoens do Mundo ainda barbaras daõ pena de morte aos Adulteros. Diſcurſo 9. fol. 255. Os Profetas o chamaõ peccado grande, maximo, e profundo, muyto mais depois que o Matrimonio he Sacramento. fol. 256. A caſa aonde reyna o adulterio, he hum Inferno anticipado. fol. 254.

Alexandre Magno. Ouvindo a Timotheo celebre Citharedo, tocar huma batalha, enfureceo-ſe como valente; mas tocando logo a retirada, e depois hum deſcante mavioſo, cahio deſmayado como hum amante. Diſc. 3. fol. 58. Conſiderando o credito perdido, por ter morto a Clyto, ſeu intimo confidente, pedio muytas vezes a meſma arma para matar a ſi meſmo. Diſc. 13. fol. 378.

Alexandre Severo Emperador. Comeo tanto em hũ jantar, que depois de duas horas morreo. Diſc. 5. fol. 126.

Armada. A grande Armada de Felippe Prudente, perdida na eſcuridaõ da noyte, por cautela de evitar hũs fogos de folguedo, que faziaõ os Olandezes. Diſcurſo 2. fol. 33.

S. Arſenio. Trocou os cheyros ſuaves do ſeculo, com hũ fedor perpetuo na ſua cella. Diſc. 4. fol. 95.

Avareza. He hum vicio, que abrange a todos. Diſc. 8. fol. 207. Tambem as mulheres cahem neſte vicio; e ainda os Eccleſiaſticos. fol. 208. Todos os mais vicios, ou canſaõ, ou aborrecem, ou acabaõ por velhos. Sò, o Avarento, quanto he mais velho, tanto na cobiça he mais moço, e robuſto. fol. 217. He moral-

ralmente impoſſivel, que o Avarento ſe ſalve. Diſc. 8. fol. 204. per tot.

B

B *Ajazetes Emperador dos Turcos.* Feyto cativo do grande Tamborlaõ dos Tartaros, preſo em hũa gayola de ferro, corria toda a Aſia eſtando ſempre no meſmo lugar. Diſc. 1. fol. 12. aſſim o condenado quando Deos permitte que do Inferno apareça neſte Mundo, traz comſigo o meſmo aperto da priſaõ, e tormento. fol. 14.

Baronio Cardeal. Grande vitoria que teve de ſi meſmo. Diſc. 4. fol. 87.

Bruxas. Os danos grandes, que fazem ao genero humano com os ſeus maleficios. Diſcurſ. 10. fol. 328. Muito menor mal fazem eſtas Bruxas deteſtaveis, do que fazem aquelles, que ſaõ cauſa, ou occaſiaõ de ſe perder hũa Alma, que induzindo-a a peccar vay para o Inferno. fol. 329.

C

C *Ativeiro.* Quantos Senhores de engenho, lavradores, e Feytores eſtaõ no Inferno por uſarem tyrannias com os eſcravos. Diſcurſo 10. fol. 297. Que juizo terrivel ſe farà delles, e que tormentos crueis padeceraõ, por naõ lhes darem o neceſſario, e obrigalos a trabalharem para ſi, no dia de deſcanço, que he o Domingo. fol. 298. Naõ baſta, naõ uſar tyrannias, e crueldades com os cativos, mas he tambem

bem neceſſario naõ maltratalos de palavras com injurias, e nomes execrandos. fol. 301. O primeiro deſengano, e mayor tormento, que teve o Rico Avarento quando entrou no Inferno foy ver a Lazaro no ceyo de Abrahaõ. fol. 301. Aſſim a mayor confuſaõ, e pena dos Senhores que maltrataraõ os ſeus eſcravos, ſerà no dia do Juizo velos á maõ direyta já reſplandecentes entre os Bemaventurados. fol. 304.

Carcere do Inferno. Mais horrivel, e penoſo dos carceres de Dionyſio Rey de Siracuſa, de Galeacio Viſconti Duque de Milaõ, de Ezelino Tyranno de Padua, &c. Diſc. 1. fol. 3. 4. Vide Inferno.

Conſciencia. He hũ dictame da razaõ, hum juizo pratico, por meyo do qual o homem diſcerne o bem do mal, e conhece, o que deve ſeguir, ou fugir. Diſc. 13. fol. 276. Baſta ſer homem racional para ſentir em ſi complacencia em obrando bem, e triſteza, e medo, em tendo obrado mal. fol. 375.

D

Deos. Tem poſto o Ceo no alto, e o Inferno eſcondido debayxo da terra, para que os homẽs o amem, e o ſirvaõ, naõ como eſcravos, por medo do caſtigo, mas como filhos, e herdeyros do Paraiſo. Diſc. 1. fol. 5. Sendo bom, e miſericordioſo, he tambem no meſmo tempo juſto, e vingativo. Diſc. 7. fol. 174. e ſeq.

Demonios. O mayor deſvelo dos Demonios he dar o ſeguro aos peccadores com a preſumpçaõ da bondade, e miſericordia Divina ſer infinita para que continuem a fazer mayores peccados. Diſc. 7. f. 169.

Deſeſperaçaõ. He hum peccado enormiſſimo, que ofen-

fende os dous attributos da omnipotencia, e miſericordia Divina, parecendo lhe, que Deos naõ poderá, ou naõ quererá perdoarlhe tantos, e taõ graves peccados. Diſc. 13. fol. 392. O peccador, que ſe deſeſpera, rende impoſſivel a ſua ſalvaçaõ, pois elle meſmo dà anticipadamente contra ſi a ſentença da ſua condenaçaõ. ibi.

D Diogo Oſorio. Vendo-ſe na eſcuridaõ de hum calabouço, ſendo de 25. annos, amanheceo todo branco como hum velho decrepito. Diſc. 2. fol. 36.

Dionyſio Rey de Sicilia. Mandou fabricar hum ouvido de pedra marmore na abobada da priſaõ que eſtava debaixo do ſeu paço, para ouvir as queyxas dos preſos. Diſc. 3. fol. 73.

E

E *Nxofre.* Fallando a Sagrada Eſcritura do fogo do Inferno ſempre falla no enxofre, e porque? Effeytos, e qualidades do enxofre, e combinaçaõ com o fogo do Inferno. Diſc. 4. fol. 100. e ſeq.

Eternidade das penas do Inferno entre as couſas da fé, he a mais difficultoſa a crer, e porque. Diſcurſ. Ultimo fol. 407. Atè os Gentios tiveraõ noticia della, a temiaõ, e obravaõ bem, por medo della. fol. 413. Engano de Origenes ſobre a eternidade das penas. fol. 408. O Demonio, e os Hereges fazem o poſſivel para diminuir as penas do Inferno. Ibi: Sò a eternidade do Inferno, póde refrear o homem do peccado. fol. 421. De que modo o condenado no Inferno ſoffre a cada momento, a eternidade das penas toda junta. fol. 429. Os primitivos Chriſtãos, ſó cuydavaõ na eternidade, e por iſto ſalvavaõ-ſe todos. fol. 435. Quem naõ pòde cuydar no Inferno,

no, e na eternidade, naõ ſe deſeſpere, mas recorra a noſſa Senhora, com todas as veras, que o alumearà, e ſalvará. fol. 437.

Exemplos. Hum Doutor celebre de Paris tornou do Inferno, a dizer o que lá havia acerca de ſaber as ſciencias. Diſc. 1. fol. 25. De hum moço amante dos bayles, e cantigas deshoneſtas. Diſc. 3. fol. 76. Do Emperador Otho terceyro, que faltando ao propoſito de deyxar a hũa Dama, a meſma por caſtigo de Deos lhe tirou a vida. Diſc. 4. fol. 99. De tres Sacerdotes inclinados á crapula, e vicio da gula. Diſc. 5. fol. 116. De dous Monges que morreraõ afogados do comer fartando-ſe em hũa ceya. Diſc. 5. fol. 125. De hum moço luxurioſo, que eſtando já em graça para ſe querer deſpedir na hora da morte da Amiga foy ao Inferno. Diſcurſo 6. fol. 157. De hum moço que vendeo a ſua Alma ao Demonio, com pacto de poder reſgatar com aviſalo tres dias antes de morrer; e o aviſou. Diſc. 7. fol 187. De Luis X. Rey de França que morreo, como viveo. Diſcurſo 7. fol. 196. De hum Sacerdote que por ambiçaõ de mais fazenda morreo peſſimamente, e ſem dizer JESUS. Diſc. 7. fol. 212. De hum Ladraõ, que furtou hum boy a hum Moſteyro. fol. 223. De hum velho Avarento que naõ queria reſtituir, e ir ao Inferno para naõ deyxar os filhos pobres. fol. 232. De hum Confeſſor, e hum confeſſado, levados ambos de dous, por dous Demonios em corpo, e Alma para o Inferno. fol. 235. De hũa famoſa Concubina, que promettendo a Deos ſe lhe dava a vida, de ſer hũa Magdalena penitente; aviſada para morrer, proteſtou que morria com dar a ſua Alma ao Demonio, e logo reſpirou. fol. 249. De

hum Cavalleyro, que encontrando-se nã ponte da Cidade de Pavia, com huma Dama, para lhe dar goſto ſe precipitou elle, com o cavallo no Rio. fol. 262. De hum Moço, que ſendo condenado á morte, por cauſa da Amiga, indo para a forca, vendo-a na janela, deu hum arranco para ſe ir deſpedir della. fol. 266. De Santa Liduina, que converteo, hum grande peccador, com ordenarlhe, que dormiſſe na ſua cama molle, huma noyte ſem ſe virar. Diſc. 11. fol. 314.

F

F*Ederico terceiro Emperador.* Seu dito memoravel, depois de ter perdido tudo em duas batalhas. Diſcurſo 13. fol. 401.

Fedor. O fedor do Inferno excede todos os fedores do Mundo juntos. Diſc. 4. fol. 186.

Fogo. Porque eſcolhido por Deos, para caſtigo dos condenados. Diſc. 1. fol. 15. O fogo do Inferno, he muy differente do noſſo, e o rico avarento, naõ ſe queyxava do fogo, mas de tal caſta de fogo. fol. 16. contem em ſi todo o genero de tormentos. fol. 92. Chama Chriſto ao fogo do Inferno ſal, e como tem a virtude, e propriedades do ſal. fol. 13. Deos dará tal virtude a eſte fogo, que ſempre queymará, e nunca conſumirá. Diſc. 10. fol. 296. Depois de cem mil annos hum condenado ſentirà as dores taõ vivas, e agudas, como na primeyra hora que entrou no Inferno, reparando ſempre, quanto queyma, e conſome. Ibi.

G

Gotta. A doença da gotta até agora naõ teve remedio, porque he hũa gotta das dores do Inferno, para que nos lembremos dellas. Diſc. 11. fol. 320.

Groninga em Olanda tem no torriaõ da Cidadella ſeis colubrinas fabricadas pelo artifice com a eſcala da Solfa Ut, re, mi, fa, ſol, lá, o eſtrondo dellas era ſuave, o eſtrago terrivel, com ſua aplicaçaõ. Diſc. 3. fol. 59.

Guglierme Duque de Mantua. Mandou fabricar huma ſala com abobeda com tal architectura, que, o que ſe dizia ſecretamente em hum canto ſe ouvia no outro. Diſc. 3. fol. 74.

Gula. Os goloſos padeceraõ grandes tormentos no Inferno. Diſc. 5. fol. 113. Saõ freguezes do Diabo, que he o ſeu Paroco, e os ſepulta no Inferno. 118. Goloſos, e Bebedores ſaõ incorregiveis. fol. 121. Preſos ao laço pela garganta como as Aves. fol. 124. Ordinariamente vivem pouco, e Deos os caſtiga com morte repentina. 125. e ſeguinte.

H

Enrique Conde de Bergh Morre porque a Archiduqueza de Auſtria D. Iſabel dandolhe audiencia, com parte do vèo que tinha na cabeça cobrio o roſto. Diſc. 12. fol. 341.

Holocauſto. Os condenados haõ de ſer as victimas de Holocauſto, que haõ de arder, e ſer eternamente immoladas á juſtiça de Deos. Diſc. 1. fol. 18.

I

Jejum O jejum confere muito para a saude. Disc. 5. fol. 128. E os que mais jejuaõ vivem mais. fol. 129.

Inimigo. Deos de nenhũa couſa he taõ zeloſo como de naõ perdoar aos noſſos inimigos. Diſc. 10. fol. 304. O mayor inimigo que tem Deos, he o enganoſo *Peccavi*, em que ſe fiaõ os peccadores na hora morte. Diſc. 7. fol. 191.

Inferno. Que haja Inferno, he verdade taõ certa, como he certo que ha Deos. Diſc. 1. fol. 5. A largura, e profundidade do Inferno quanta ſeja, e ſendo taõ limitada como caberaõ tantos milhões de corpos nelle. fol. 7. O carcere do Inferno he hum lugar, aonde o condenado, nunca gozará de bem algum, e padecerà para ſempre todos os males. fol. 25.

Jogo. Cazo execrando de hum jogador, que atirando com hũa pedra a hũa Imagem de noſſa Senhora, foy ſovertido no Inferno. pag. 441.

L

Lacedemonios. Sendo taõ poucos com que eſtratagema vencèraõ os Sibaritas. Diſc. 3. fol. 68.

Laços. O laço do Demonio com que mais aperta os peccadores, he aquelle de naõ reſtituir a fazenda alheya. fol. 229.

Lagrimas. Que ſahem dos olhos, de hum coraçaõ arrependido ſaõ hum novo bautiſmo. Diſc. 2. fol. 53.

Liſimaco. Sendo Rey da Turquia, apertado mais da ſede, que do inimigo, entregou a ſi, e ao ſeu Reyno por hum pucaro de agoa. Diſc. 12. fol. 255.

Lutero. Sò depois de dezaſete annos dezemparado de Deos, perdeo o remorſo da conſciencia. Diſc. 13. fol. 380.

Luxuria. Naõ ha peccado, que mais irrite a Deos, e o caſtigue com mayor rigor, como he a Luxuria. fol. 270. Naõ ha peccado que mais cegue o entendimento como a Luxuria. Diſc. 9. fol. 242. Faz perder o conhecimento de Deos, do ſeu peccado, de ſi meſmo, e do que ſomos. fol. 244. e ſeq Hum luxurioſo, he o meſmo, que hum endemoninhado. fol. 252.

M

Miguel Paleologo III. Emperador do Oriente, eſtando bebado, lhe foy tirado o Imperio, e a vida. Diſc. 5. fol. 126.

Morte Differença, que vay, entre hũa bella morte, e hũa boa morte. Diſc. 7. fol. 193.

Mulher Evangelica. De dez drachmas perdeo huma: fecha as janelas, e portas, e acende a candea, e logo a acha. Diſc. 13. fol. 403. Moraliza ſe. ibi.

Muſica. Deſcripçaõ da muſica. fol. 55. A ſua origem Divina. fol. 55. Canonizada por Deos no ſeu Templo com quatro mil muſicos, e por S. Gregorio Magno. fol. 56. Santo Agoſtinho diz que o uſo bom da muſica he ſinal de predeſtinaçaõ. fol. 57. O uſo mao, della faz os homẽs precitos, e atè de racionaes, brutos, e idolatras. Diſc. 3. fol. 62. Com

as mudanças da musica nas Cidades mudaõ se os costumes. Disc. 3. fol. 67.

N

Nabuco. A estatua de Nabuco, he figura dos Senhores de Engenho, e de todos aquelles que usaõ tyrannias, e crueldades com os seus escravos. Disc. 10. fol. 306.

Nero Emperador. Depois que matou a sua Mãy Agripina, fugia de passar por onde estava o seu sepulchro, mudava palacio, sahia de Roma, e naõ se dando por seguro em parte alguma queria matarse. Disc. 13. fol. 378.

Niceforo. Por pedir perdaõ a Sapricio, que depois de muytos tormentos estava para ser degolado pela fé, ficou Martyr. E Sapricio, que naõ lhe quiz perdoar, renunciou logo a fè, e ficou Apostata. fol. 305.

O

Occasiaõ. S. Martiniano o que fez para fugir da occasiaõ, e como Deos lhe acudio com milagres. Disc. 6. fol. 147.

Olhos Descripçaõ dos olhos, e seus effeytos. Disc. 2. fol. 27. Tem dous officios, os outros sentidos hum só. Disc. 2. fol. 27. Pelos olhos entra ordinariamente o peccado. Assim delles, deve sahir com as lagrimas o remedio. fol. 29. Os olhos tem liga secreta com o coraçaõ. Disc. 2. fol. 42. Saõ exploradores, e espias com as quaes o S. Job queria tre-

treguas. fol. 44. Os olhos querem ver para ſerem viſtos. Por iſto a Magdalena por naõ ver ſahio de Marcelha, e por naõ ſer viſta buſcou huma gruta nos Alpes. fol. 50.

Ovelhas. Como póde ſer, que as ovelhas, que ſaõ ſymbolo dos predeſtinados, ſejaõ tambem ſymbolo dos precitos. Diſc. 10. fol. 300.

P

Peccador. Naõ ſó deve o peccador pedir perdaõ a Deos dos peccados proprios, mas tambem dos alheyos, e porque. Diſc. 6. fol. 153.

Por depravado que ſeja, quanto mais ſe immerge nos ſeus vicios, tanto mais buſca nelles (ſe bem erradamente) ao ſeu Deos. Diſc. 12. fol. 357.

Pena de dano. He huma pena infinita, como dizem os Theologos, pois, ſe refere a ordem Divina em qualidade de ſuplicio. Diſc. 12. fol. 368. He o Inferno, do meſmo Inferno; pois nella conſiſte eſſencialmente a condenaçaõ de hum precito. fol. 369.

Penitencia. Saõ Pedro d'Alcantara foy taõ rigoroſo, e penitente que tinha feyto pacto com o ſeu corpo de naõ lhe dar goſto algum neſta vida. Diſc. 6. fol. 164.

Pitagoras. Com a ſua eſcola dizem que os cheyros baſtaõ para a nutriçaõ, e ſuſtento da vida. Diſcurſ. 4. fol. 98.

Preſumpçaõ. A Preſumpçaõ da bondade, e miſericordia Divina precipitou Lucifer, e os mais Demonios no Inferno. Diſc. 7. fol. 167. Do meſmo engano uſa o Demonio com noſco. Diſc. 7. per totum.

Remorſo

R

Remorſo da Conſciencia. Até os Gentios chamaõ flagello oculto, huma pena a mais cruel, e deſeſperada de todas. Diſc. 13. fol. 377. O Peccador, que em peccando naõ ſente o remorſo da conſciencia, he o final mais certo, que já he precito. fol. 380.

Reſtituiçaõ. Abſolutamente neceſſaria para ſalvarſe. Diſc. 8. fol. 222. Reter o alheyo contra a vontade do dono, he o meſmo peccado, que furtar, fol. 226. Manda Deos na Ley velha, que por huma ovelha furtada ſe reſtituaõ quatro, e porque, fol. 227.

Roſario. S. Domingos com o ſeu Roſario livrou a muitos do peccado de adulterio. Diſc. 9. fol. 259.

S

Sibaritas. Povos dados às delicias por ter enſinado a bailar os cavallos ficaõ na batalha derrotados, e perdidos. Diſc. 3. fol. 68.

Solfa Os elementos da ſolfa Ut, re, mi, fá, ſol, lá, inſtituido pelo Artifice nas ſeis celebres colubrinas da Cidade de Groninga. Diſc. 3. fol. 59.

Sunamite. Faz os officios de Soldado, e de Muſico. Contempla, e peleja. Diſc. 3. fol. 66.

T

Tacto. Entre os mais ſentidos he o mais perniciofo. Diſc. 6. fol. 133. Hum cego luxurioſo conhecia as idades pelo tacto. Diſc 6. fol. 140. e dizia ſer falſo o ditado Portuguez. O que os olhos naõ vem, coraçaõ naõ deſeja. Ibid. Remedios para ſe livrar do perigoſo vicio do tacto, fol. 142. Judith, e Joſeph para ſe livrar do perigo do tacto, fugiraõ tambem do contacto das roupas. Diſc. 6. fol. 143. & ſeq.

Tentaçaõ. Naõ ha peyor tentaçaõ do Demonio, que quando ſe transfigura em Anjo de luz, incita o peccador a algumas devações, ou penitencias exteriores para cobrar boa fama, e aſſim continue com mayor confiança a peccar, e vá à redea ſolta para o Inferno. Diſc. 7. fol. 177.

Theodorico Rey, e terror de Italia fez cortar injuſtamente a Simaco a cabeça, e logo o remorſo da conſciencia foy tal, que pondolhe na meſa a cabeça de hum grande peixe, repreſentou-ſelhe, que era a cabeça de Simaco, que vinha tomar vingança, e morreo. Diſc. 13. fol. 379.

Tiberio, Emperador. Aos reos, que eſtavaõ na ſua graça, dava logo a morte, aos que tratava como inimigos a prizaõ perpetua. Diſc. 1. fol. 2.

V

Ver. Vio huma vez o Patriarcha S. Franciſco o Demonio, e confeſſou, que era impoſſivel ſem auxilio eſpecial de Deos olhar para aquelle monſtro,

72-55
A. R. Osem
24 Set. 19

tro, e naõ morrer logo, fol. 40. Santa Catharina de Sena, que o vio por hum inſtante, pedia antes caminhar por hum caminho liſtrado de fogo, que tal viſta, fol. 40.

Verme da conſciencia. Será o Cenſor mais ſevero, o Juiz mais terrivel, o algoz mais cruel, que atormentará os precitos no Inferno. Diſc. 13. fol. 386. He mayor tormento, que a pena do ſenſo, porque eſte vem de hum agente exterior, que he o fogo, fol. 387. He tambem mayor tormento, que a pena do dano. Ibid.

Z

Zeno, Emperador do Oriente, perdeo o imperio, e a vida pelo vicio da bebedice. Diſc. 5. fol. 126.

FIM.

CA735
P442d

C. [illegible]

Vᵉ Catal. Cart.ᵒ m.ᵒ n.ᵒ 2658 ~